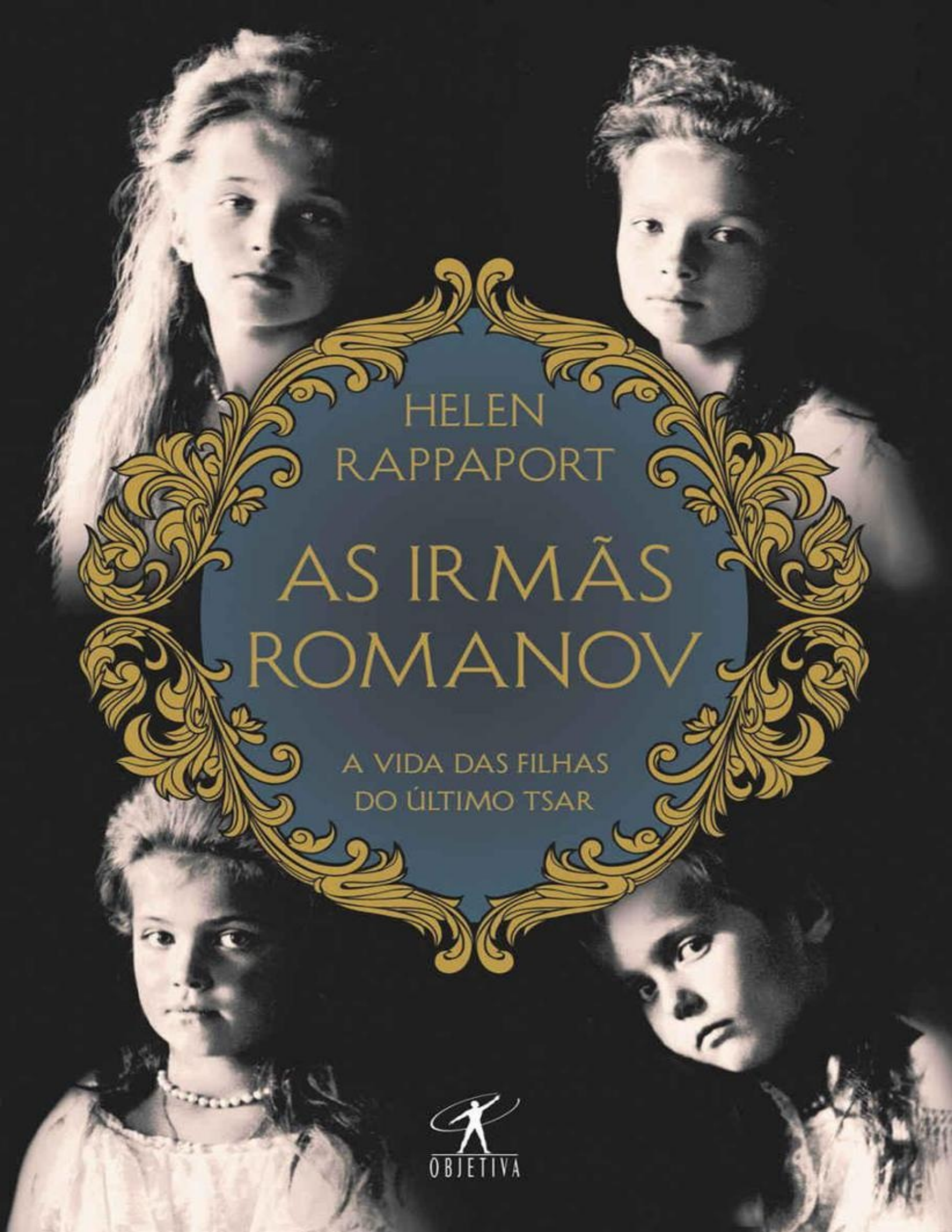


HELEN RAPPAPORT

AS IRMÃS ROMANOV

A VIDA DAS FILHAS DO ÚLTIMO TSAR

OBJETIVA

HELEN
RAPPAPORT

AS IRMÃS ROMANOV

A VIDA DAS FILHAS DO ÚLTIMO TSAR

Tradução
Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2014 by Helen Rappaport

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Four Sisters

Capa
Adaptação da edição inglesa

Imagens de capa
Russian School, (20th Century) / Private Collection / The Bridgeman Art Library

Revisão
Diogo Henriques
Tereza da Rocha
Ana Kronemberger

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

ISBN 978-85-470-0000-4 – As irmãs Romanov – Objetiva

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Lista de imagens
Glossário de nomes
Nota da autora
Epígrafe
Prólogo – O quarto da primeira e da última porta
Capítulo Um – Amor materno
Capítulo Dois – La petite duchesse
Capítulo Três – Meu Deus! Que decepção!... A quarta menina!
Capítulo Quatro – A esperança da Rússia
Capítulo Cinco – O grande par e o pequeno par
Capítulo Seis – O *Shtandart*
Capítulo Sete – Nosso amigo
Capítulo Oito – Primos reais
Capítulo Nove – Em São Petersburgo trabalhamos, mas em Livádia vivemos
Capítulo Dez – Cupido junto aos tronos
Capítulo Onze – O pequeno não vai morrer
Capítulo Doze – Que o Senhor lhe traga a felicidade, meu bem-amado
Capítulo Treze – Deus salve o tsar!
Capítulo Catorze – Irmãs da misericórdia
Capítulo Quinze – Não podemos largar nosso trabalho nos hospitais
Capítulo Dezesseis – A vida lá fora

Capítulo Dezessete – Coisas terríveis estão acontecendo em São Petersburgo
Capítulo Dezoito – Adeus. Não se esqueça de mim
Capítulo Dezenove – Na rua da liberdade
Capítulo Vinte – Graças a Deus continuamos na Rússia e estamos todos juntos
Capítulo Vinte e Um – Eles sabiam que era o fim quando eu estava com eles
Capítulo Vinte e Dois – Prisioneiros do Soviete Regional Ural
Epílogo – Vítimas de repressões
Agradecimentos
Notas
Bibliografia
Caderno de Fotos

Em memória de
Olga, Tatiana, Maria e Anastácia Romanova,
quatro jovens extraordinárias

Lista de imagens

1 O tsarévitch Nicolau e a princesa Alix de Hesse (Foto Time Life Pictures/Mansell/GettyImages/Getty)
2 Aleksandra Feódorovna com a grã-duquesa Olga e a bebê Maria, 1899 (Cortesia Lotte Hoffmann-Kuhnt)
3 O tsarévitch Alexei, com cerca de três anos, segurando uma câmera Brownie caixote (Cortesia Ruth Abrahams)
4 Grã-duquesa Olga, cromo estampado da companhia de chocolate Guérin-Boutron, 1906 (Cortesia Roger Short)
5 Grã-duquesa Tatiana, cromo estampado da companhia de chocolate Guérin-Boutron, 1906 (Cortesia Roger Short)
6 Grã-duquesa Maria, cromo estampado da companhia de chocolate Guérin-Boutron, 1906 (Cortesia Roger Short)
7 Grã-duquesa Anastácia, cromo estampado da companhia de chocolate Guérin-Boutron, 1906 (Cortesia Roger Short)
8 A família imperial em foto oficial, c. 1911 (Mary Evans Picture Library/Süddeutsche Zeitung Photo)
9 A família imperial (Cortesia Roger Short)
10 A tsarina em seu *boudoir* com Anastácia, Tatiana e Maria (Cortesia Ruth Abrahams)
11 O tsar Nicolau II e a grã-duquesa Anastácia, fumando (Cortesia *Siberian Times*/Zlatoust Municipal Regional Studies Museum, Chelyabinsk)
12 Dia da Flor Branca (Cortesia Roger Short)
13 Anastácia com membros da comitiva imperial do *Shtandart* (Cortesia Ruth Abrahams)
14 Olga e Tatiana na praia com cortesãos (Cortesia Ruth Abrahams)

15 Olga em aula com Pierre Gilliard (Cortesia Ruth Abrahams)
16 Anastácia na sala de aula (Cortesia da autora)
17 As quatro grã-duquesas com seu pai (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
18 Olga, Tatiana e Anastácia com oficiais a bordo do iate imperial, o *Shtandart* (Cortesia Beinecke Rare Book & Manuscript Library, Yale University)
19 Retratos de perfil das quatro grã-duquesas, 1914. Em sentido horário a partir do alto, à esquerda: Olga, Tatiana, Anastácia, Maria (Cortesia *Siberian Times*/Zlatoust Municipal Regional Studies Museum)
20 Olga e Tatiana em vestidos da corte, c. 1913 (Cortesia Ruth Abrahams)
21 Olga e Tatiana em uniformes de regimento, c. 1913 (Cortesia Ruth Abrahams)
22 Dmítri Pávlovitch (Cortesia Roger Short)
23 Maria, Anastácia e Olga com jovens oficiais em trajes cossacos (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
24 Tatiana e Olga colhendo uvas com seu pai, Nicolau II, e Anna Vírubova (Cortesia Beinecke Rare Book & Manuscript Library, Yale University)
25 Tatiana fantasiada, 1916 (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
26 Olga fantasiada, 1916 (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
27 Maria fantasiada, 1916 (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
28 Anastácia fantasiada, 1916 (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
29 Olga e Tatiana recebendo doações para o esforço de guerra russo (*Stolitsa i usadba*/Cortesia New York Public Library)
30 Anastácia e Maria com soldados feridos (Cortesia da autora)
31 Tatiana cuidando de oficial ferido (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
32 Tatiana com Vladímir Kiknadze (Cortesia *Siberian Times*/Zlatoust Municipal Regional Studies Museum)
33 Olga e Tatiana cuidando de ferido (Cortesia Beinecke Rare Book & Manuscript Library, Yale University)
34 Maria e Olga, 1916 (Cortesia da autora)
35 Tatiana recuperando-se de febre tifoide em 1913 (Cortesia Russian State Documentary Film & Photo Archive/Russian Archives Online)
36 Anastácia, com a cabeça raspada (Coleção Ekaterina Erástovna Zborórvskaia, caixa 1, Hoover Institution Archives)

37 Última foto tirada do tsar e da tsarina, Tobolsk, 1917 (Mary Evans Picture Library)
38 Olga e Alexei na prisão em Tobolsk (Cortesia da autora)
39 Padre Ivan Stórojev (Cortesia John Stórojev)
40 Missal do padre Stórojev (Cortesia John Stórojev)

Glossário de nomes

Relacionados abaixo estão os nomes que ocorrem com mais frequência no texto, da forma como são em geral mencionados.

OTMA: acrônimo criado pelas próprias irmãs para Olga, Tatiana, Maria e Anastácia

AKCH: acrônimo de Aleksandr (CHÚRIK) Konstantínovitch Chvédov, um dos oficiais favoritos de Olga na Escolta do Tsar

ALEKSANDRA (CHURA) TÉGLEVA: ama de OTMA e depois criada geral; casou com Pierre Gilliard

ALICE: princesa Alice da Grã-Bretanha, mais tarde grã-duquesa de Hesse e do Reno, mãe de Alexandra

ALICKY: apelido dado pela rainha Vitória para Alexandra, usado para distingui-la de Alix, que na família real britânica era Alexandra, princesa de Gales

ALIX: apelido usado por Nicolau para sua esposa Alexandra

ANNA (NIUTA) DEMÍDOVA: dama de companhia de Alexandra

ANNA VÍRUBOVA: amiga próxima e confidente de Alexandra; posteriormente designada dama de honra

BIBI: apelido de Varvara Viltchikóvskaia, amiga de OT e enfermeira no hospital anexo

CHÚRIK: apelido de Aleksandr Konstantínovitch Chvédov

CONDE BENKENDORF: Pável Benkendorf, marechal-chefe e mestre de cerimônias na corte imperial

CONDE FREEDERICKSZ: Vladímir Freedericksz, chefe da casa imperial

CONDE GRABBE: Nikolai Grabbe, comandante da Escolta do Tsar

DEREVENKO: Andrei Derevenko, *diádka* marinheiro de Alexei

DICKIE: Louis de Battenberg, posteriormente lorde Mountbatten, primo de OTMA

DMÍTRI PÁVLOVITCH: grão-duque Dmítri Pávlovitch, primo de OTMA

DMÍTRI (MÍTIA) MALAMA: oficial ferido favorito de Tatiana no hospital

DMÍTRI (MÍTIA) CHAKH-BÁGOV: oficial ferido favorito de Olga no hospital

DOLGORÚKOV: príncipe Vassíli Dolgorúkov, ajudante geral de Nicolau no Stavka

DR. BÓTKIN: Evguéni Bótkin, médico da família imperial

DR. DEREVENKO: Vladímir Derevenko, médico pessoal de Alexei (sem parentesco com Andrei Derevenko)

DRA. GEDROITS: princesa Vera Ignátievna [Gedroits], cirurgiã sênior no Hospital da Corte

DUQUESA DE SAXE-COBURGO: antiga grã-duquesa Maria Aleksándrovna Vassíltchikova da Rússia, também duquesa de Edimburgo

DUCKY: apelido da princesa Vitória Melita de Saxe-Coburgo, primeira esposa de Ernie, irmão de Alexandra

ELIZAVETA ERSBERG: dama de companhia de Alexandra

ELIZAVETA NARÍCHKINA: *mistress of the robes* de Alexandra a partir de 1910; a dama de posição mais elevada na corte

ELIZAVETA OBOLÉNSKAIA: dama de companhia de Alexandra

ERNIE: grão-duque Ernest de Hesse e do Reno, irmão de Alexandra

GENERAL MOSSÓLOV: Aleksandr Mossólov, chefe da Chancelaria da Corte

GENERAL SPIRIDÓVITCH: Aleksandr Spiridóvitch, chefe da seção de Kiev da Okhrana; a partir de 1906, chefe dos serviços de segurança pessoal do tsar

GLEB BÓTKIN: filho do dr. Bótkin; com ele em Tobolsk

GRÃ-DUQUESA VLADÍMIR: Maria Pávlovna, a velha, esposa do grão-duque Vladímir Aleksándrovitch; também conhecida na família como Miechen

GRÃO-DUQUE GUEÓRGUI: Gueórgui Aleksándrovitch, irmão mais novo de Nicolau e tsarévitch até sua morte, em 1899

GRÃO-DUQUE KONSTANTIN: Konstantin Konstantínovitch, pai de Ioann (Ioánntchik) Konstantínovitch

GRÃO-DUQUE MIKHAIL: Mikhail Aleksándrovitch, irmão mais novo de Nicolau

GRÃO-DUQUE NIKOLAI: Nikolai Nikoláevitch; tio de Nicolau e, até 1915, comandante em chefe do Exército Russo. Segundo marido de Stana

GRÃO-DUQUE PÁVEL: Pável Aleksándrovitch, tio de Nicolau; pai de Dmítri Pávlovitch e Maria Pávlovna

GRÃO-DUQUE PIOTR: Piotr Nikoláevitch, marido de Militza

GRIGÓRY/PAI GRIGÓRI: Grigóri Raspútin, guru religioso da família imperial

IOÁNNTCHIK: príncipe Ioann Konstantínovitch, primo em segundo grau de OTMA

IVAN SÉDNEV: pajem de OTMA; tio de Leonid Sédnev

IZA BUXHOEVEDEN: baronesa Sophie Buxhoeveden, dama de companhia honorária de

Alexandra; o posto foi oficializado em 1914

KÁTIA: Ekaterina (Kátia) Zborórvskaia, irmã de Víktor (Vítia) Zborórvski, a correspondente mais regular de Anastácia quando esteve presa

KHARITÓNOV: Ivan Kharitónov, cozinheiro; com a família em Tobolsk e Ecaterimburgo

KLÁVDIA BÍTNER: tutora das crianças em Tobolsk; posteriormente se casou com Evguéni Kobilínski

KOBILÍNSKI: Evguéni Kobilínski, comandante da guarda em Tsárskoe Seló. Comandante da Casa do Governador em Tobolsk

LEONID SÉDNEV: ajudante de cozinha; com a família em Tobolsk e Ecaterimburgo. Sobrinho de Ivan Sédnev

LILI DEHN: Iúlia Dehn, uma das damas mais próximas de Alexandra nos anos finais, mas sem posição oficial na corte

LOUISE: princesa Louise de Battenberg; filha da irmã de Alexandra, Vitória; posteriormente rainha Luísa da Suécia; prima em segundo grau de OTMA

MADELEINE (MAGDALINA) ZANOTTI: criada pessoal mais elevada de Alexandra, que veio com ela de Darmstadt

MARGARETTA EAGAR: governanta de OTMA; dispensada em 1904

MARIA FEÓDOROVNA: a imperatriz viúva, mãe de Nicolau; irmã da princesa de Gales, mais tarde rainha Alexandra. Também conhecida na família como Minny

MARIA GERINGER: principal dama de companhia de Alexandra, responsável por suas joias

MARIA PÁVLOVNA: grã-duquesa Maria Pávlovna, a nova, irmã de Dmítri Pávlovitch e prima de OTMA

MARIA VASSÍLTCHIKOVA: dama de companhia de Alexandra; dispensada em 1916

MARIA (MARY) VICHNIAKOVA: babá de OTMA; posteriormente babá de Alexei

MARIA BARIÁTINSKAIA: princesa Maria Bariátinskaia, dama de honra de Alexandra

MARIA (TUDELS/TOODLES) TUTELBERG: dama de companhia de Alexandra

MACHKA: apelido de Maria na família

MERIEL BUCHANAN: filha do embaixador britânico em São Petersburgo, Sir George Buchanan

MILITZA: princesa Militza de Montenegro; esposa do grão-duque Piotr

NAGÓRNI: Kleménti Nagórni, *diádka* marinheiro de Alexei

NÁSTENKA (ANASSTASIA) GUÉNDRIKOVA: dama de honra pessoal de Alexandra

NÁSTIA/NASTASKA: apelido de Anastácia na família

NIKOLAI (KÓLIA) DEMÉNKOV: oficial favorito de Maria na Equipagem de Guardas

NIKOLAI RODIÓNOV: oficial do *Shtandart*, parceiro de tênis favorito de Tatiana

NIKOLAI SÁBLIN: Nikolai Pávlovitch Sáblin, oficial do *Shtandart* e amigo íntimo da família. Sem parentesco com Nikolai Vassílievitch Sáblin

NIKOLAI VASSÍLIEVITCH SÁBLIN: um dos oficiais favoritos do *Shtandart*. Sem parentesco com Nikolai Pávlovitch Sáblin

OLGA ALEXANDROVNA: grã-duquesa Olga Alexandrovna, tia de OTMA, irmã mais nova de Nicolau

ONOR: princesa Eleonore de Solms-Hoensolms-Lich, segunda esposa do irmão de Alexandra, Ernie

PANKRÁTOV: Vassíli Pankrátov, comissário encarregado da família imperial em Tobolsk; dispensado em janeiro de 1918

PÁVEL VÓRONOV: oficial no *Shtandart* por quem Olga se apaixonou em 1913

PHILIPPE: Maître ou Monsieur Philippe; Nizier Anthelme Philippe, "curandeiro" e místico francês

PIERRE GILLIARD: tutor suíço de francês das meninas

PRINCESA HELENA DA SÉRVIA: esposa de Ioánntchik

PRINCESA GOLÍTSINA: Maria Golítsina, *mistress of the robes* de Alexandra até a morte, em 1910

PVP: Piotr Vassílievitch Petrov, tutor de língua e literatura russa das meninas

RITA KHITROVO: Margarita Khitrovo, amiga e colega enfermeira de Olga no hospital anexo

SANDRO: grão-duque Aleksandr Mikháilovitch, marido de Xenia Alexandrovna

SERGUEI MÉLIK-ADÁMOV: favorito de Tatiana no hospital

SHVÍBZIG: apelido de Anastácia, dado a ela por sua tia Olga; também o nome de seu cachorro, que morreu em maio de 1915

SÓFIA TIÚTCHEVA: dama de honra de OTMA e governanta não oficial; dispensada em 1912

STANA: princesa Anastácia de Montenegro; esposa do duque de Leuchtenberg; voltou a se casar em 1907 com o grão-duque Nikolay

SYDNEY GIBBES (SIG): tutor inglês de OTMA e posteriormente de Alexei

TATIANA BÓTKINA: filha do dr. Bótkin, com ele em Tobolsk

TATÍSCHEV: conde Iliá Tatíschev, um ajudante geral no séquito imperial; com Nicolau no Stavka

TCHEMODÚROV: Terénti Tchemodúrov, pajem de Nicolau

THORA: Helena Vitória, filha da princesa Helena e do príncipe Cristiano de Schleswig-Holstein, prima em segundo grau de OTMA

TRINA SCHNEIDER: Ekaterina Schneider, *lectrice* de Alexandra e que muitas vezes serviu de acompanhante para OTMA

VALENTINA TCHEBOTARIOVA: enfermeira chefe no hospital anexo de OT

VÍKTOR (VÍTIA) ZBORÓVSKI: oficial favorito de Anastácia na Escolta do Tsar

VLADÍMIR (VOLÓDIA) KIKNADZE: um dos oficiais favoritos de Tatiana no hospital anexo

VÓLKOV: Aleksei Vólkov, pajem de Alexandra

XENIA: grã-duquesa Xenia Alexandrovna, tia das meninas, irmã de Nicolau
ZINAÍDA TOLSTÁIA: amiga familiar de OTMA; correspondente quando estiveram presas

Nota da autora

Os leitores familiarizados com a história da Rússia sabem que qualquer escritor focado no período pré-revolucionário tem de lidar com as frustrações de dois sistemas de datas — o calendário juliano, em vigor na Rússia até fevereiro de 1918, e o calendário gregoriano, vigorando então na maior parte do resto do mundo, e que foi adotado na Rússia em 14 de fevereiro de 1918. Em prol da clareza, todas as datas relativas a eventos tendo lugar na Rússia antes dessa data são fornecidas no sistema juliano (Velho Estilo) — que tinha um atraso de treze dias em relação ao gregoriano; todos os eventos tendo lugar na Europa durante esse período e noticiados na imprensa estrangeira ou em cartas escritas fora da Rússia são citados no sistema gregoriano (Novo Estilo). Nos casos em que pode haver confusão, ambas as datas são fornecidas, ou qualificadas como VE ou NE.

Quando comecei a escrever *As irmãs Romanov*, tive de tomar uma decisão muito clara sobre onde meu relato se encerraria, tendo já escrito sobre os Romanov em meu livro *Os últimos dias dos Romanov*, de 2008. Nesse livro, empreendi um exame pormenorizado dos últimos catorze dias da família na Casa Ipátiev, em Ecaterimburgo, e mapeei em detalhes forenses as horríveis circunstâncias do assassinato e do destino de seus corpos. Não pretendo repetir essa parte da história aqui. Desse modo, avaliar exatamente quando e onde encerrar minha narrativa foi difícil e assumo plena responsabilidade pela decisão que tomei. Espero que os leitores considerem o epílogo eficaz em amarrar as pontas soltas mais importantes.

Finalmente, e o mais importante, não pretendo que a narrativa a seguir alimente a versão de nenhuma das inúmeras pretendentes fajutas a Romanov, uma série de mulheres que, desde 1920, em Berlim, tentou de maneiras variadas persuadir o mundo de ser uma ou outra das quatro irmãs — de algum modo

tendo escapado por milagre do banho de sangue na Casa Ipátiev. Este livro não se destina aos interessados em saber mais a respeito de Anna Anderson, também conhecida como Franziska Szankowska, tampouco fornece material para os teóricos da conspiração que continuam a alegar que Anastácia — ou qualquer uma das irmãs — sobreviveu, a despeito da extensa e rigorosa análise científica e dos testes de DNA empreendidos desde as descobertas mais recentes na floresta Koptiáki, em 2007.

Este é um livro sobre as *verdadeiras* irmãs Romanov.

Agora, portanto, permanecem fé,
esperança, caridade, essas três coisas.
A maior delas, porém, é a caridade.

1 Coríntios 13,13

Prólogo

O QUARTO DA PRIMEIRA E DA ÚLTIMA PORTA



No dia em que os Romanov foram desalojados, o Palácio de Alexandre ficou abandonado e esquecido — um palácio de fantasmas. A família passara os três dias precedentes num frenesi, fazendo as malas para a partida, pois tinham sido informados em cima da hora pelo governo provisório de Kérenski a respeito de sua iminente transferência. Mas quando os momentos finais chegaram, embora as crianças tenham levado os três cães consigo, os gatos — Zubrovka, uma gata de rua resgatada por Alexei no QG do exército, e seus dois filhotes — tiveram de ficar para trás, com o tsarévitch pedindo aos prantos que alguém cuidasse deles.[1]

Mais tarde, quando Maria Geringer — a principal dama de companhia da tsarina, encarregada de cuidar do palácio após a partida deles — chegou, os animaizinhos famintos surgiram das sombras como almas penadas e correram para ela, miando por atenção. Mas todas as quarenta portas internas haviam sido lacradas; as cozinhas do palácio estavam fechadas; ficara tudo trancado. Só os gatos permaneceram no Parque de Alexandre deserto, os últimos remanescentes de uma família que era levada centenas de quilômetros a leste, para a Sibéria.

Nos anos subsequentes à Revolução Russa de 1917, qualquer pessoa curiosa sobre o lugar onde a última família imperial russa vivera poderia viajar os 24 quilômetros partindo da antiga capital para dar uma olhada. Podia-se tomar um imundo trem suburbano ou — evitando os inúmeros buracos — ir de carruagem,

pela antiga estrada real que seguia, numa enorme reta, através da planície de campos extensos e florestas, até Tsárskoe Seló — a Vila do Tsar. Outrora considerada o equivalente russo de Versalhes, nos últimos dias do império tsarista Tsárskoe Seló adquirira uma atmosfera cada vez mais melancólica — uma espécie de "*tristesse impériale*", como expressou um antigo residente.[2] Em 1917, quase duzentos anos após Catarina, a Grande ter encomendado sua construção, essa vila de tsares já antecipava sua ruína iminente.

Os soviéticos foram realmente rápidos em despojar Tsárskoe Seló de suas ligações imperiais, rebatizando-a Detskoe Seló — a Vila das Crianças. Localizada em um terreno elevado, longe do pantanoso golfo da Finlândia, com seu ar puro e o desenho ordenado de amplos bulevares cercados por parques, era considerada um lugar perfeito para o exercício vigoroso. O Parque de Alexandre foi transformado num centro esportivo e recreativo destinado a gerar cidadãos jovens e saudáveis para a nova ordem comunista. O comunismo levou algum tempo, contudo, para deixar sua marca na cidade propriamente dita, que continuava pequena, ordenada e bastante arborizada. Além da modesta praça do mercado, as alamedas das grandiosas vilas de veraneio, construídas ali por aristocratas a serviço da corte, rodeavam ambos os palácios imperiais. Seus legendários ex-ocupantes — as grandes famílias russas, agora desaparecidas, dos Bariátinski, Chuvalov, Iussúpov, Kochubey — ficaram no passado remoto, suas casas requisitadas pelos soviéticos e já caindo aos pedaços com a negligência e a deterioração.[3]

Até a revolução, o ponto focal dessa cidadezinha agradável e pacífica havia sido o elegante Palácio de Alexandre, com seu amarelo-ouro e suas colunas coríntias brancas, mas em séculos precedentes quem ocupara o centro do palco fora o vizinho Palácio de Catarina, ainda mais imponente em todo seu esplendor barroco. Em 1918, porém, ambos foram estatizados, transformados em exemplos da "decadência estética dos últimos Romanov".[4] Em junho, as salas de estado localizadas no térreo do Palácio de Alexandre foram abertas ao público, após a realização de um cuidadoso inventário de tudo o que havia dentro. Os visitantes pagavam quinze copeques para entrar e se admirar — não com o que haviam imaginado que seria o estilo luxuoso em que o antigo tsar vivera, mas antes de incredulidade que um ambiente tão despretensioso pudesse ter sido a residência do último tsar de todas as Rússias.[5] Os ambientes internos eram inesperadamente modestos para os antigos padrões imperiais — talvez não mais grandiosos do que os de uma biblioteca pública ou de um museu na capital, ou a casa de campo de um cavalheiro moderadamente bem de vida. Mas, para a família Romanov, o Palácio de Alexandre fora um lar muito adorado.

Membros zelosos do recém-libertado proletariado, "comendo maçãs e

sanduíches de caviar", às vezes na companhia de uns poucos turistas estrangeiros mais intrépidos, eram encorajados a fazer visitas aos domingos, quartas e sextas, tomando o cuidado primeiro de calçar as horríveis mas obrigatórias pantufas de feltro para proteger os lindos assoalhos de parquete encerado.[6] Depois, eram conduzidos pelos apartamentos imperiais para um tour guiado — e com frequência em tom de escárnio — sobre os antigos ocupantes. Os bem treinados guias se esforçavam ao máximo para denegrir os gostos decididamente burgueses do último tsar e de sua esposa. A antiquada mobília em estilo art nouveau, as oleogravuras baratas e fora de moda, os retratos piegas, o papel de parede inglês, a profusão de bugigangas espalhadas em cada superfície disponível (com a predominância de objetos manufaturados do tipo mais ordinário) lembravam aos visitantes a "sala de visitas típica de uma pensão inglesa ou americana" ou um "restaurante berlinense de segunda classe".[7] A própria família era repudiada pelo afetado discurso soviético como historicamente irrelevante.

Sendo conduzidos de um ambiente a outro, as portas guardadas por modelos em cera dos lacaios de libré escarlate e dourada que na vida real haviam ocupado seu lugar, os visitantes não podiam evitar a sensação cada vez mais forte de que Nicolau II não era o soberano despótico que lhes pintavam, mas antes um homem de família um tanto insípido, que enchera seu escritório e a biblioteca — onde recebia ministros para tratar de importantes questões de Estado — com fotos dos filhos em todos os estágios de desenvolvimento, de bebês a adultos: crianças com cachorros, em pôneis, na neve, no litoral, uma família feliz sorrindo para a câmera em retratos caseiros tirados com as câmeras Brownie caixote que levavam consigo a toda parte. Mesmo em seu escritório particular o tsar tinha uma mesa e uma cadeira onde o filho inválido podia sentar-se a seu lado, quando estivesse trabalhando. O centro do agora defunto poder tsarista não poderia ter parecido mais prosaico, mais doméstico e propício às crianças. Seria realmente o último lar de "Nicolau, o Sanguinário"?

A suíte de aposentos privados interconectados do tsar e da tsarina era testemunho de suas três paixões ardentes: o casamento, os filhos e a fé religiosa devota. Seu quarto atulhado, forrado com papel de parede e cortinas de *chintz* inglês, estava mais para um santuário ortodoxo russo do que para um dormitório. Duas modestas camas de solteiro de ferro — do tipo encontrado em "hotéis de segunda categoria", como observou um visitante americano em 1934 — ficavam encostadas uma na outra, em uma alcova de pesado cortinado, cuja parede ao fundo era coberta do chão ao teto por imagens religiosas, crucifixos e "iconezinhos de metal vagabundos, patéticos".[8] Em cada prateleira e tampo de mesa em sua sala de estar privada a tsarina pusera ainda mais bugigangas e fotos

de seus filhos e do amado “Nicky”. Os objetos pessoais eram poucos e surpreendentemente triviais — itens domésticos úteis como um dedal de ouro, materiais de costura e tesouras ornamentadas, além de brinquedos e enfeites baratos — “um pássaro de porcelana e uma almofada de alfinetes na forma de um sapato. O tipo de coisas que uma das crianças poderia ter lhe dado”.[9]

No fim do corredor que levava aos jardins, os armários do toucador de Nicolau ainda conservavam seus uniformes passados com esmero e, ao lado, a Grande Biblioteca de estantes envidraçadas continuava cheia de livros franceses, ingleses e alemães cuidadosamente ordenados, encadernados em couro marroquino, que ele com frequência lia para a família à noite. Os visitantes muitas vezes ficavam pasmos com o que viam no Salão da Montanha, em seguida. Projetado como um dos ambientes para formalidades de cortejo no palácio, ele servia, em vez disso, como playground para o tsarévitch Alexei. No centro do elegante salão de mármores coloridos, cariátides e espelhos, um grande escorregador de madeira, ou “escorregador americano”[10] — no qual os filhos dos tsares anteriores também haviam brincado —, seguia ocupando lugar de honra, junto dos três carrinhos de brinquedo favoritos de Alexei. Ao lado de uma porta que dava para o jardim havia um lembrete pungente da tragédia que dominara as vidas da última família imperial da Rússia — a “pequena cadeira de rodas forrada de veludo vermelho” de Alexei, uma recordação evocativa dos impiedosos ataques de hemofilia que frequentemente o incapacitavam, os contornos de seu corpo ainda visíveis no objeto.[11]

Dois degraus de pedra levavam aos hoje desertos apartamentos das crianças — onde mais uma vez dominava o grande playground do adorado Alexei, cheio de brinquedos de madeira e mecânicos: uma caixinha de música que tocava a Marselhesa, livros ilustrados, caixas de blocos, jogos de tabuleiro e seus pelotões favoritos de soldadinhos de chumbo. Esquecido entre todas essas coisas, um grande urso de pelúcia — um dos últimos presentes do cáiser antes que a guerra mudasse tudo — montava sentinela junto à porta.[12] O banheiro pessoal contíguo do tsarévitch muitas vezes provocava uma exclamação de compaixão nos visitantes; ele estava “cheio de instrumentos cirúrgicos bestiais” — os aparelhos ortopédicos e outros “envoltórios para as pernas, braços e corpo feitos de lona e couro” que haviam sido usados para sustentá-lo quando seus ataques de hemorragia o deixavam temporariamente incapacitado.[13]

Mais adiante, e modestamente subordinados aos apartamentos mais amplos do tsarévitch — assim como suas ocupantes haviam sido subordinadas a ele, aos olhos da nação —, havia os quartos e as salas de aula, de jantar e de recepção de suas quatro irmãs mais velhas: Olga, Tatiana, Maria e Anastácia. Seus quartos iluminados e espaçosos eram mobiliados com peças simples de marfim pintado e

madeira polida e decorados com cortinas de *chintz* inglês.[14] Um friso estampado de rosas e borboletas cor de bronze sobre um papel de parede rosa fora escolhido pelas irmãs mais novas, Maria e Anastácia. Para Olga e Tatiana, o friso era de flores convolvuláceas e libélulas marrons. Sobre os criados-mudos idênticos das garotas havia ainda uma série de caixinhas, porta-joias, estojos de manicure, pentes e escovas — do jeito que elas os haviam deixado.[15] Em outros lugares, sobre as escrivaninhas, estavam pilhas de seus livros de exercício, com capas multicoloridas, e, numa profusão sobre todas as superfícies, fotografias emolduradas de familiares e amigas. Contudo, no meio de tanta quinquilharia tipicamente feminina, não se poderia deixar de notar a presença por toda parte, nos aposentos das irmãs, de ícones, reproduções e retratos religiosos populares. Nos criados-mudos havia ainda evangelhos e livros de oração, cruzes e velas — e não a usual bagunça que se imaginaria encontrar.[16]

Nos guarda-roupas, as garotas haviam deixado para trás inúmeros trajes, chapéus, sombrinhas e sapatos; os uniformes usados com tanto orgulho pelas irmãs mais velhas quando montaram de lado em suas selas nos grandes desfiles militares para o tricentenário da dinastia Romanov, em 1913; até mesmo suas roupas de bebê e vestidinhos de batismo. Na Sibéria não haveria necessidade de seus vestidos formais da corte, ricamente produzidos — quatro de tudo: conjuntos em cetim rosa com bordado prateado, combinando com toucados *kokóchniki* de brocado rosa; ou, a propósito, os quatro conjuntos de largos chapéus de verão, todos cuidadosamente conservados em caixas. Do lado de fora, no corredor, baús e cestos permaneceram guardando inúmeros outros pertences das meninas — prontos para aquela derradeira viagem, mas nunca levados.

Na sala de jantar das crianças, a mesa continuava posta, exibindo a porcelana com o monograma dos Romanov, tudo pronto para a refeição seguinte. “Você tem a sensação de que as crianças estão lá no jardim, brincando em algum lugar”, escreveu um visitante em 1929. “De que vão voltar a qualquer momento.”[17] Mas lá fora, nos hectares de parque além da elevada grade de ferro que cerca o palácio, uma selva crescera entre as bem cuidadas e ordenadas aleias de tílias, onde, entre a suave vegetação rasteira das duas margens, os ranúnculos siberianos, “grandes, cheios de pétalas e cheirosos como rosas”, as anêmonas e os miosótis haviam florescido em tamanha profusão na primavera.[18] O próprio palácio podia ter sido preservado como monumento histórico, mas seu parque outrora admirado estava agora tomado por ervas daninhas, o mato na altura da cintura em alguns lugares. A longa alameda arborizada onde as filhas dos Romanov haviam brincado e montado em seus pôneis e bicicletas; os canais bem cuidados onde elas passeavam de barco com o pai; a casa de brinquedo azul e

branca, na Ilha das Crianças, com sua profusão de lírios-do-vale, e, nas proximidades, o cemitério dos bichos de estimação... Todos os locais e todas as coisas em conexão com aquelas vidas desaparecidas traziam agora uma sensação de absoluta desolação.

O Palácio de Alexandre pode ter sido um dia a residência das então vilipendiadas “ex-pessoas” executadas pela revolução, a respeito de quem os russos comuns tinham cada vez mais medo de falar, mas, como recordou o devotado curador do palácio, esse último, duradouro e indefinível “aroma da época” nunca foi inteiramente erradicado. O cheiro doce da cera de abelha usada para encerar os pisos e o odor de couro marroquino dos inúmeros livros na biblioteca do tsar permaneceram — junto ao aroma tênue de óleo de rosas nas lamparinas diante dos ícones no quarto da tsarina — até o início da Segunda Guerra Mundial e a ocupação do palácio pelo comando militar alemão quase o levar à destruição.[19]

Nos dias que antecederam a guerra, o tour pelos apartamentos governamentais culminava no saguão central semicircular dos fundos do palácio, onde o tsar dera recepções e jantares oficiais para dignitários visitantes, e onde, durante a Primeira Guerra Mundial, a família se reunia aos sábados à noite para a exibição de filmes. Naquela última noite, entre 31 de julho e 1º de agosto de 1917, a família Romanov havia pacientemente esperado ali por longas e tediosas horas, temendo a ordem final de deixar sua residência para sempre.

Ao longo dos dias precedentes, as quatro irmãs Romanov tiveram de fazer dolorosas escolhas sobre quais dentre suas posses preciosas — seus inúmeros álbuns de fotografias, cartas de amigas, roupas, livros favoritos — levariam consigo. Tiveram de deixar as bonecas da infância para trás, cuidadosamente arrumadas em cadeiras e sofás em miniatura, junto de outros brinquedos e lembranças adorados, na esperança de que talvez viessem a ser bem cuidados por quem chegasse depois.[20]

Reza a lenda que foi pela porta central do salão semicircular que Catarina, a Grande entrou pela primeira vez no palácio, em 1790, carregando seu jovem neto, o futuro Alexandre I, quando o palácio que ela mandara construir, e depois lhe ofereceu de presente, ficou pronto. Logo após o sol nascer, em 1º de agosto de 1917, 127 anos depois, com as carruagens do lado de fora à sua espera, a última família imperial da Rússia deixou o ambiente ecoante do grande salão do século XVIII projetado pelo arquiteto italiano Giacomo Quarenghi, com seu grande

arco de janelas, pela mesma porta de vidro, rumo a um destino incerto — a 2.158 quilômetros dali, em Tobolsk, na Sibéria ocidental.

As quatro irmãs Romanov, ainda abaixo do peso em consequência do severo ataque de sarampo que haviam sofrido no início do ano, choraram, inconsoláveis, ao deixar a casa onde haviam passado parte tão grande dos dias felizes da infância.[21] Depois que saíram, uma desolada Maria Geringer falou das esperanças que ainda tinha por elas. Talvez as garotas tivessem sorte em algum lugar no exílio e encontrassem maridos decentes, simples, que as fizessem felizes, afirmou. Para ela, e para outros criados leais que ficaram para trás, a lembrança dessas quatro irmãs adoráveis em tempos mais felizes, de suas muitas gentilezas, de suas alegrias e tristezas compartilhadas — os “rostos sorridentes sob a aba de seus grandes chapéus floridos” —, continuaria a perdurar durante os longos e mortificantes anos do comunismo.[22] Assim como a lembrança do animado irmão delas, que a cada dia desafiava sua perigosa doença incapacitante e se recusava a ser intimidado por ela. E pairando ao fundo, sempre, estava a mulher cuja virtude constante — e que de uma forma perversa acabaria por ser a ruína de todos — representou um excesso fatal de amor materno.

Capítulo Um

AMOR MATERNO



Era uma vez quatro irmãs — Vitória, Ella, Irene e Alix — que viviam em um sombrio grão-ducado no sudoeste da Alemanha, um lugar de ruas de paralelepípedos sinuosas e florestas escuras que se tornaram lendárias nos contos dos irmãos Grimm. Em seu tempo, essas quatro princesas da casa de Hesse e do Reno eram consideradas por muitos "as flores do rebanho de netas da rainha Vitória", sendo celebradas por sua beleza, sua inteligência e seus encantos.[1] Quando cresceram, tornaram-se objeto de intenso escrutínio daquele que era o palco internacional mais assustador de todos — o mercado de casamentos reais da Europa. A despeito da inexistência de grandes dotes ou vastos territórios, todas as irmãs obtiveram bons matrimônios. Mas foi à mais jovem e bela dentre elas que o destino reservou o maior prêmio.

As quatro irmãs Hesse eram filhas da princesa Alice — segunda filha da rainha Vitória — e de seu marido, o príncipe Luís, herdeiro do grão-duque de Hesse. Em julho de 1862, com apenas dezenove anos, Alice deixara a Inglaterra coberta por véus e pranteando seu recém-falecido pai, o príncipe Alberto, após se casar com Luís em Osborne House. Pelos padrões dinásticos da época, era um arranjo modesto para uma filha da rainha Vitória, mas que acrescentava mais um fio à complexa teia de casamentos intrafamiliares entre primos europeus de primeiro e segundo grau. Durante seu longo reinado, Vitória orquestrara os casamentos de todos os seus nove filhos, e continuou suficientemente intrometida em idade avançada para se certificar de que, depois deles, seus filhos e até netos obtivessem cônjuges à altura do status real. A princesa Alice poderia

muito bem ter conquistado algo melhor se não tivesse se apaixonado pelo insosso príncipe Luís. No que dizia respeito a domínios reais, Hesse era relativamente pequeno, com finanças perpetuamente comprometidas e politicamente impotente. “Há nobres ingleses capazes de presentear a filha com um dote mais rico do que esse destinado à princesa Alice”, observou um jornal na época. Hesse-Darmstadt era “uma região simples, de caráter pastoral e agrícola”, com uma corte sem ostentação. Um lugar bonito, mas sua história permanecera até então pouco notável.[2]

A capital, Darmstadt, instalada nas colinas de carvalhos do Odenwald, era considerada “um lugar sem a menor importância”, no parecer do proeminente guia turístico Baedeker.[3] De fato, outro viajante contemporâneo achou-a “a cidade mais enfadonha da Alemanha”, apenas um lugar “no caminho de qualquer outro” — nada mais que isso.[4] Ela foi construída num plano uniforme de ruas longas e retas e casas formais habitadas por “burgueses bem alimentados e *hausfraus* satisfeitas”, não longe do rio Darmbach, e “a geral ausência de vida” na capital lhe proporcionava “um ar de sombria inatividade”.[5] O bairro mais antigo, medieval, tinha algum grau de agitação e personalidade, mas, à parte o palácio do grão-ducado, a casa de ópera e um museu público cheio de fósseis, havia pouca coisa para redimir a cidade da rigidez insípida que permeava a corte de Darmstadt.

A princesa Alice ficara desolada ao chegar ao lugar, pois embora sua criação tivesse sido autoritária, também fora liberal, graças a seu pai, o príncipe Alberto. Para ele, Alice era “a beldade da família”, e ela crescera feliz e animada.[6] O dia de seu casamento, porém, fora totalmente eclipsado pela morte prematura do pai e pelo debilitante estado de tristeza em que sua mãe mergulhara. O brilho de uma infância por demais curta foi em seguida diminuído um pouco pela separação dolorosa de seus adorados irmãos, em particular do irmão Bertie, o que só fez acentuar sua profunda sensação de perda. Havia uma atmosfera de tristeza em torno da princesa que nada jamais mudaria.

Sua nova vida em Hesse prometia ser medíocre. A velha ordem que persistira ali mantinha mulheres inteligentes e avançadas como ela sob rédea curta.[7] A virtude e a domesticidade tranquila eram as únicas coisas que contavam e Alice achou os mesquinhos protocolos da corte em Hesse opressivos. Desde o início, sentiu-se frustrada por não ser capaz de exercitar os próprios e consideráveis dons progressistas e intelectuais. Admiradora de Florence Nightingale, Alice teria gostado de se dedicar à enfermagem, tendo dado mostras de sobra de sua capacidade durante a doença terminal do pai, em 1861. Como tal desejo não iria se concretizar, havia outros meios pelos quais estava determinada a se fazer útil em seu novo lar.

Com isso em mente, abraçou uma série de atividades filantrópicas, inclusive visitas regulares ao hospital e a promoção da saúde feminina, fomentando o estabelecimento do Lar Heidenreich para Mulheres Grávidas em 1864. Durante as guerras de 1866 contra a Prússia e de 1870-1 contra a França, que tiraram Darmstadt da obscuridade e levaram seu marido em campanha, Alice repudiou qualquer sugestão de se refugiar na Inglaterra e se dedicou exclusivamente a cuidar dos filhos. Mas isso não bastou para sua cruzada de consciência social; durante as duas guerras ela também organizou a enfermaria hospitalar dos feridos e fundou o Frauenverein (Sindicato das Mulheres) para o treinamento de enfermeiras. "A vida", disse Alice com determinação a sua mãe, em 1866, "é destinada ao trabalho, não ao prazer."[8] O dever que governara a vida de seu pai tornara-se o lema dela.

Alice gerou sete filhos em rápida sucessão, com o mesmo tipo de estoicismo com que sua mãe tivera as nove crianças. Mas as semelhanças paravam por aí; ao contrário da rainha Vitória, a princesa Alice era uma mãe prática, envolvida, que mostrava interesse por todos os aspectos da vida diária de seus filhos, a ponto de cuidar ela mesma das despesas com os aposentos infantis. E, como sua irmã mais velha, Vicky — e contribuindo para a grande e "insuperável aversão pelo processo" da rainha Vitória —, Alice insistiu em amamentar ela mesma vários de seus bebês, levando a rainha a nomear uma das vacas premiadas de Windsor em sua homenagem.[9] Alice também estudou anatomia humana e cuidados infantis, preparando-se para a inevitabilidade de ser a enfermeira de seus filhos nas doenças da infância. Parecia não haver limites para sua devoção maternal, mas ela não mimava as crianças; até chegarem à idade de ser crismadas, não lhes concedeu mais do que um xelim semanal de mesada, após o que dobrou o valor. Era uma defensora da frugalidade, bem ao modo da rainha Vitória, embora no caso de Alice economizar fosse frequentemente uma exigência da dura necessidade. A casa de Hesse estava longe de ser abastada, e Alice muitas vezes sentiu na pele o "aperto da pobreza".[10] Mas no Neues Palais, construído ao longo de 1864-6 com o dinheiro do dote, ela criou um aconchegante lar no estrangeiro, adornado com *chintz* e mobília comum enviada da Inglaterra, coberta de pinturas e fotografias da família.

Nascida em 6 de junho de 1872, a princesa Alix — sexta filha da família e futura imperatriz da Rússia — era uma garota de covinhas, bonita e sorridente, que adorava brincar. Eles a chamavam de Sunny, e desde o início sua avó a tratou como uma criança de ouro. Alicky era "linda demais [...] a criança mais bonita que já vi", achava a rainha Vitória, que não fazia o menor esforço para disfarçar seu favoritismo.[11] Embora a princesa Alice fosse muito mais envolvida na criação dos filhos do que a maioria das mães na realeza, seus diversos

projetos de bem-estar social e de caridade consumiam grande parte de seu tempo, e a vida diária dos filhos era organizada pela chefe das amas-secas, a sra. Orchard, uma inglesa.

Os valores vitorianos reinavam nos modestamente guarnecidos aposentos infantis em Darmstadt: zelo, bondade, recato, higiene e sobriedade, complementados por quantidades generosas de comida simples, ar fresco (em qualquer clima), longas caminhadas e passeios de pônei. Quando tinha tempo, Alice caminhava com os filhos, conversava com eles, ensinava-lhes a pintar, vestia as bonecas das meninas e cantava e tocava piano com eles — mesmo quando os dedinhos, como se queixava, rindo, "se enfiavam sob os seus no teclado para tocar música como se fossem gente grande".[12] Ela ensinou as filhas a serem autossuficientes e era contra mimá-las; seus brinquedos eram simples e trazidos de Osborne e Windsor. Momentos de ociosidade para as garotas de Hesse eram sempre preenchidos por algo que sua mãe considerasse útil — fazer bolo, tricotar ou algum tipo de trabalho manual ou bordado. Elas arrumavam a própria cama, assim como seus quartos, e havia sempre, é claro, exercícios regulares e obrigatórios de redação de cartas para a *Liebe Grossmama*, além de visitas anuais a ela em Balmoral, Windsor ou Osborne. Outros passeios familiares, mais frugais, eram para o litoral — onde passeavam de jumento, andavam de barco, pescavam camarão e faziam castelos de areia —, em Blankenberge, na costa belga do mar do Norte, uma praia sem árvores, varrida pelo vento inclemente; ou para Schloss Kranichstein, um chalé de caça do século XVII nos arredores de Odenwald.

Quando o assunto era o desenvolvimento religioso e moral das crianças, a princesa Alice assumia um controle muito pessoal e lhes inspirava altos ideais, seu maior desejo sendo de que "não levem para a batalha da vida outras recordações de seu lar que não sejam de amor e felicidade".[13] A batalha da vida incluía aprender a apreciar o sofrimento dos enfermos e dos pobres, visitar hospitais com ramalhetes de flores todo sábado e nos Natais. Mas a vida da própria Alice era constituída de dores cada vez mais crônicas — enxaquecas, reumatismo e nevralgia, bem como uma exaustão acachapante ocasionada por seu compromisso com tantas causas dignas. A última criança da família, May, nasceu dois anos depois de Alix, em 1874, mas a essa altura o idílio da infância feliz em Darmstadt terminara.

A tristeza se abatera irreversivelmente sobre a família quando, em 1872, com dois anos, o segundo filho de Alice, Frittie, mostrou os primeiros sinais inequívocos de hemofilia; o padrinho do menino, o quarto filho da rainha Vitória, Leopold, também sofria da doença. Nem bem um ano mais tarde, em maio de 1873, o menininho alegre e encantador, por quem Alice era

absolutamente apaixonada, morreu de hemorragia interna após uma queda de seis metros de uma janela. A profunda morbidez de Alice daí em diante — uma espécie de *douleur* tão claramente em sintonia com a de sua mãe viúva — significou que um luto duradouro pelos mortos, e a ênfase nas dores e atribulações da vida, mais do que em seus prazeres, passou a ser parte integrante das jovens vidas dos irmãos restantes. “Que todos nós possamos seguir de um modo tão pacífico, e com tão pouca relutância e sofrimento, e deixar uma imagem de igual amor e alegria para trás”, disse Alice a sua mãe depois que Frittie morreu.[14]

A perda de um dos meninos que formavam a “bela dupla” abriu uma lacuna de quatro anos entre seu outro único filho homem, Ernie — que também foi assombrado pelo resto da vida com a morte de Frittie —, e a irmã mais próxima, Alix.[15] Com as três irmãs mais velhas crescendo e inevitavelmente se distanciando dela, Alix gravitou de maneira instintiva em torno da irmã mais nova, May, e as duas se tornaram devotadas companheiras de brincadeiras. Com o tempo, a princesa Alice buscou conforto em suas “duas garotinhas”. Elas eram “tão doces, tão ternas, alegres e boas. Não sei qual das duas é a mais querida”, disse à rainha Vitória, “as duas são tão cativantes.”[16] Alix e May eram de fato um consolo, mas o brilho nos olhos de Alice havia sumido com a morte de Frittie e sua saúde começava a deteriorar. Em um período em que ela e o marido também se afastavam cada vez mais, Alice mergulhou em um estado de permanente melancolia e exaustão física. “Não presto para mais nada, praticamente”, disse a sua mãe, “vivo deitada no sofá e não vejo ninguém.”[17] A ascensão do príncipe Luís ao trono de Hesse, em 1877, e a promoção à condição de grã-duquesa trouxeram apenas desespero com as obrigações extras que recairiam sobre seus ombros: “Muito me é exigido”, disse à mãe, “e tenho coisas em demasia sobre as quais decidir. É mais do que minhas forças podem suportar a longo prazo.”[18] Apenas a fé de Alice e sua devoção aos preciosos filhos a impediam de sucumbir, mas seu ar de resignação fatalista lançou uma sombra sobre sua impressionável filha Alix.

Em novembro de 1878, uma epidemia de difteria se abateu sobre os filhos dos Hesse; primeiro Vitória ficou doente, depois Alix, seguidas de todos os demais exceto Ella, e o pai das crianças também ficou enfermo. Alice cuidou de cada um deles com absoluta devoção; mas nem mesmo seus cuidados mais diligentes puderam salvar a pequena May, que faleceu em 16 de novembro. No momento em que acompanhava o pequeno caixão de May sendo levado para o enterro, Alice estava à beira do colapso. Durante as duas semanas seguintes, fez de tudo para esconder a morte de May das demais crianças, mas um beijo de consolo em Ernie ao lhe contar a notícia talvez tenha sido o suficiente para a transmissão da

doença para a própria Alice. Enquanto seus filhos se recuperavam, Alice sucumbiu à enfermidade e morreu, em 14 de dezembro, aos 35 anos, atingindo o tão ansiado *Wiedersehen* com seu precioso Frittie.

O trauma para Alix, aos seis anos, ao ver tanto sua mãe como sua adorada companheira, May, serem levadas com dias de intervalo uma da outra, foi profundo. Os amados objetos de sua infância também lhe foram tirados — brinquedos, livros e jogos, tudo destruído, por medo de infecção. Ernie era o mais próximo dela em termos de idade, mas agora, como herdeiro do trono, estava sob o controle separado de tutores, e ela sentiu o isolamento de forma aguda. Sua irmã mais velha, Vitória, rememorou tempos mais felizes para a avó: "Às vezes parece que foi ontem mesmo que entramos correndo no quarto de mamãe, junto com May, depois da hora do chá — e agora somos meninas crescidas e até Alix é séria e ajuizada e a casa normalmente está bem quieta".[19]

As responsáveis por preencher o terrível vazio deixado por sua mãe seriam a Vovó, a confiável e tranquila sra. Orchard — chamada de Orchi por Alix — e a governanta, Madgie (srta. Jackson), mas a sensação de abandono da garotinha a marcou demais. A alegre disposição de antes começou a dar lugar a uma morosidade e uma introspecção cada vez maiores, levando a uma desconfiança em relação a estranhos que se tornou cada vez mais profundamente arraigada com o passar dos anos. A rainha Vitória estava ansiosa por servir de mãe substituta, pois Alix sempre fora uma de suas netas favoritas. As visitas anuais à Inglaterra feitas por Alix e suas irmãs, sobretudo a Balmoral, no outono, haviam consolado Vitória em sua viuvez solitária, e a proximidade tão regular lhe permitiu supervisionar a educação de Alix, com os tutores em Hesse enviando-lhe relatórios semanais sobre o progresso da neta. A própria Alix pareceu contente em fazer o papel de "Filha muito carinhosa, respeitosa e grata", como tantas vezes assinava suas cartas para a rainha, e nunca esquecia um aniversário ou comemoração, enviando numerosos presentes feitos por ela mesma, primorosos bordados e trabalhos manuais.[20] Depois da morte de sua mãe, a Inglaterra se tornou para ela um segundo lar.

Ao longo da vida, a princesa Alice alimentara fortes sentimentos sobre o futuro de suas filhas; ela queria fazer mais do que educá-las para serem esposas. "A vida também é significativa sem o casamento", dissera certa vez à mãe, e casar apenas por casar era, em sua opinião, "um dos maiores erros que uma mulher pode cometer".[21] Quando chegou à adolescência, o melhor que a linda

mas pobre princesa Alix de Hesse podia ter esperado para se aliviar do tedioso e pouco desafiador provincianismo de Darmstadt era o casamento com um jovem príncipe europeu de modesta proeminência. Mas tudo mudou quando, em sua primeira visita à Rússia, em 1884 (para o casamento de sua irmã Ella com o grão-duque Serguei Aleksándrovitch), o primo em terceiro grau de Alix, Nicolau Aleksándrovitch, herdeiro do trono russo, se afeiçoou a ela. Ele tinha dezesseis anos e ela, apenas doze, mas, a partir daí, Nicky, como ela sempre o chamaria, continuou encantado. Cinco anos depois, quando o grão-duque Luís voltou à Rússia com Alix para uma visita de seis semanas, Nicky continuava obstinado a tê-la por esposa. A tímida garotinha se tornara uma jovem esbelta, de beleza etérea, e Nicky ficou profundamente apaixonado. Mas a essa altura — 1889 — Alix fora confirmada na fé luterana antes da viagem e deixou claro para Nicky que, a despeito dos profundos sentimentos que nutria por ele, o casamento estava fora de questão. A virtude prevaleceu. Ela não podia e não mudaria de religião, mas concordou em lhe escrever em segredo, as cartas sendo trocadas por intermédio de Ella.

Nessa época, desperdiçar a oportunidade de ouro de um casamento real podia ser algo de que uma jovem se arrependeria pelo resto da vida; como observou um jornal contemporâneo, “O amor nos círculos reais não é uma afeição epidêmica”.[22] Parecia que a posição inflexível de Alix iria privá-la daquilo que muitas de suas jovens contemporâneas ambicionavam — um casamento por amor, não por conveniência. Para o desconsolado Nicky parecia haver um abismo intransponível entre os dois, e ele se permitiu ficar temporariamente atraído por outros rostinhos bonitos. De sua parte, Alix passou a gozar de certo status em casa, sendo considerada um peixe grande no laguinho muito pequeno dos Hesse. Seu pai enviuvado, que ela adorava, dependia cada vez mais dela, como a única filha não casada, para assumir obrigações formais por ele na corte de Hesse. Alix se tornou sua companheira constante; o pouco tempo que não passava na companhia do pai era devotado a estudar, a pintar e a desenhar, fazendo e remendando os próprios e modestos vestidos, tocando piano (no que era muito talentosa) e se devotando a longos períodos de tranquila contemplação religiosa. E assim, quando Luís de repente teve um colapso e morreu, com 54 anos, em março de 1892, “o luto da querida Alicky” foi “terrível”, como Orchie confidenciou à rainha Vitória. Pior ainda, foi um “luto silencioso, que ela trancou dentro de si”, como fazia com a maioria das coisas.[23] A preocupada avó de Alix acolheu a neta órfã em seu seio, jurando que “enquanto eu viver, Alicky, até que ela se case, será *mais* do que *nunca minha filha*”.[24] Alix se juntou a ela, pranteando profundamente, em Balmoral, por várias semanas de comiseração feminina silenciosa. Mas a essa altura a imprensa, mostrando pouca deferência

pelo luto real, tinha outras coisas em mente.

A princesa Alix estava com vinte anos, idade perfeita para casar, e as fofocas começaram a circular sobre um possível arranjo entre ela e o jovem príncipe Jorge, segundo filho de Bertie, príncipe de Gales. Três anos antes, uma surpreendentemente determinada Alix resistira de forma enérgica à tentativa da rainha de casá-la com o herdeiro de Bertie, Eddy, duque de Clarence. Vitória ficara bastante irritada por Alix, na época enamorada de Nicky, rejeitar a oportunidade de ser uma futura rainha do Reino Unido. Sendo a última das quatro filhas da Casa de Hesse ainda por se casar, as perspectivas de Alix não eram as melhores. Sem problema; talvez ela pudesse ser convencida a se casar então com Jorge, pensou a rainha, sobretudo depois que o infeliz Eddy sucumbiu à pneumonia, em janeiro de 1892. Não funcionou; Alix foi inflexível, e quando Jorge optou em vez disso pela desconsolada noiva de Eddy, Maria de Teck, logo ficou evidente a quem as afeições de Alix eram firmemente dirigidas. Ela só tinha olhos para o tsarévitch russo. A ansiedade da rainha Vitória com a ameaça de tal matrimônio aumentou. Ela alimentava profunda desconfiança da Rússia desde a Guerra da Crimeia, encarando a antiga inimiga da Grã-Bretanha como "falsa" e "hostil" e grande parte de sua população como "meio oriental". A Rússia era "um país corrupto, onde não se pode confiar em ninguém".[25] Ela mandou uma enxurrada de cartas exortatórias para a irmã mais velha de Alix, Vitória, exigindo que ela e Ernie interviessem para impedir a consumação do casamento: "pois a mais jovem irmã casar-se com o filho de um imperador — jamais seria solução, e levaria à infelicidade [...]. O Estado da Rússia é tão ruim, tão podre, que a qualquer momento alguma coisa terrível pode acontecer".[26]

Na Rússia, a outra irmã de Alix, Ella, trabalhava contra o plano da rainha de subverter o casamento. Ela vira o apaixonado Nicolau em primeira mão e, a despeito de o pai dele, Alexandre III, e a esposa também serem, na época, contrários, Ella forneceu seu apoio integral. No meio de toda a discussão de bastidores sobre seu futuro, Alix permaneceu inexorável, aferrada a um juramento, feito a seu pai antes de morrer, de que jamais mudaria de fé religiosa. Desde a morte de Luís, tornara-se mais devotada do que nunca a Ernie, por quem agora desempenhava um papel central similar na corte de Hesse. Por trás do *froideur* impenetrável e digno que projetava, Alix tinha orgulho dos altos padrões que estabelecera para si mesma; orgulho de sua pureza de coração e de sua independência de pensamento e sua integridade moral. "Claro, posso ser alegre, às vezes, e às vezes posso ser agradável, creio", admitiu para um visitante da Romênia, "mas estou mais para uma criatura contemplativa e séria, que perscruta as profundezas de qualquer água, seja ela cristalina ou escura."[27] Mas tal elevação de espírito e virtude trazia consigo uma falha fatal: Alix não

aprendera “que a virtude deve ser afável”.[28] Ela já levava a si mesma e sua vida a sério demais. Haveria águas profundas e escuras mais do que suficientes para transpor ao longo dos anos por vir.

Em 1894, outro casamento real reuniu Alix e Nicky uma vez mais. O irmão dela, Ernie, finalmente encontrara uma noiva apropriada na prima Vitória Melita (filha do segundo filho da rainha Vitória, o príncipe Alfredo), e a família real estendida da Europa acorreu em massa a Coburgo, em abril, para as celebrações. Foi ali, após muita persuasão e entre lágrimas de Nicky, que Alix finalmente cedeu, respaldada na tranquilização de Ella, que havia se convertido à ortodoxia russa. Talvez houvesse ainda outro motivo: Alix sabia que sua preeminência na corte Hesse estava encerrada com o casamento de Ernie: “a vida será com efeito bem diferente para mim, na medida em que me sentirei sobrando”, disse à rainha.[29] Nos meses que se seguiram, ficou claro que não apreciou muito a posição de subordinação diante de sua nova cunhada, a grã-duquesa, mas o casamento com Nicky era uma escapatória muito mais bem-vinda. Alix havia afinal se permitido ser feliz. Desconsiderou “todas aquelas coisas horríveis que eram ditas sobre casamentos entre primos” (ela e Nicolau eram primos em terceiro grau) e se recusou a ficar preocupada com a “doença que o pobre Frittie tinha”, que fora “tão assustadora”. “Quem mais há por aí como partido?”, perguntou a uma amiga; ela ao menos tinha a imensa boa sorte de se casar por amor.[30]

O amor também levou a melhor sobre a ditatorial avó de Alix, Vitória. Ela rapidamente pôs de lado seu desapontamento e a considerável perda pessoal de alguém que tinha como filha — sem dúvida, lembrando que também ela se casara por amor em 1840. Ignorando seus temores instintivos pela neta naquele “trono muito inseguro” — e com isso os perigos de inquietação política e assassinato —, concentrou-se na tarefa em mãos.[31] Sua adorada Alicky devia se preparar para o oneroso papel público que viria, e Vitória imediatamente ordenou que fosse para um período de retiro com ela na Inglaterra. E assim passou o verão: tranquilamente bordando, lendo, tocando piano e passeando de carruagem com a avó. Alix também começou a ter aulas de russo com a *lectrice* de Ella, Ekaterina Schneider, enviada especialmente da Rússia, e empreendeu sérias discussões com o dr. Boyd Carpenter, bispo de Ripon, sobre como conciliar sua fé luterana com a conversão à ortodoxia russa.

Estava, porém, longe de se sentir bem, já sofrendo das dores no ciático que

iriam atormentá-la pelo resto da vida. Isso foi motivo de alguma preocupação para sua avó e outros parentes. “Alix está mais uma vez incapacitada e não consegue andar, teve inclusive de ir de carruagem para a igreja”, escreveu a duquesa de Saxe-Coburgo a sua filha durante a visita. “Em que deplorável estado de saúde se encontra.”[132] Já corriam rumores de que Alix herdara a condição física enfermiça e a constituição nervosa da mãe, fato que não poderia ser alardeado no exterior quando a esposa do futuro herdeiro do trono russo devia, acima de tudo, ser robusta o suficiente para produzir bebês saudáveis. Ela sofria também de otite, cefaleias nervosas frequentes que se transformavam em enxaquecas e circulação ruim. Mas era a dor no ciático — geralmente tão forte que tornava impossível andar, cavalgar ou jogar tênis — o verdadeiro problema. Alix raramente se queixava de suas “pernas arruinadas”, mas elas com frequência a consignavam a longas horas deitada ou reclinada em um sofá.[33] A imprensa europeia já ficara sabendo de seus problemas de saúde e fofocas vinham circulando havia algum tempo, a ponto de uma declaração oficial ter sido emitida no verão de 1894, assegurando que os rumores sobre a saúde precária da princesa eram “absolutamente sem fundamento”.[34]

Mas a rainha Vitória não queria se arriscar. Preocupada como sempre fora com a própria saúde, tinha grande convicção de que o repouso devia ser buscado em toda oportunidade. Ela lamentava que Alix não tivesse recebido antes ordens de fazer “um regime de vida estrito, assim como uma dieta” (a culpa recaiu sobre o médico da família em Hesse — “um homem estúpido”), tampouco fora capaz, no outono anterior, de levar a neta para ser curada com repouso em Balmoral, “que tem o melhor ar do mundo” — Alix já tendo achado a Escócia um pouco “revigorante” demais.[35] A rainha não tinha dúvida de que todos os estresses e as tensões do casamento da jovem princesa com Nicky haviam “afligido *demais seus nervos*” e assim, depois que chegou de Darmstadt, em 22 de maio Alix foi despachada para Harrogate, para banhos medicinais.

Alix, incógnita como “baronesa Starkenburg”, não enganou ninguém, e a notícia logo se espalhou, alimentando ainda mais especulação na imprensa. “A princesa Alix não iria se esconder nas águas medicinais de Yorkshire no auge da temporada londrina se estivesse com a saúde perfeita”, comentou o *Westminster Budget*:

> A pressa da corte em contradizer o relato de que ela está com a saúde debilitada deve-se inquestionavelmente à apreensão de que isso possa levar a um rompimento do arranjo matrimonial. É condição *sine qua non* que a esposa do herdeiro do trono russo seja alguém de constituição

> absolutamente sólida, e seu casamento com uma pessoa sem o gozo da plena saúde é positivamente proibido pelos estatutos familiares dos Romanov.[36]

A estada de Alix de quatro semanas em Harrogate, junto a sua dama de companhia, Gretchen von Fabrice, foi, a despeito da atenção da imprensa, uma ocasião ditosa. Ela tirou o máximo proveito do conforto aconchegante de uma espaçosa vila com terraços em Prospect Place, em High Harrogate — o elegante subúrbio da cidade. Mas toda manhã tinha de enfrentar o corredor polonês de olhares curiosos que a observavam — alguns até mesmo com binóculo de ópera — ao descer a colina de *bath chair*[2] ou carruagem até a Victoria Bathing House, para banhos de enxofre ou de turfa e copos da fétida água sulfurosa. Todas as tardes ela voltava a aparecer, quando era levada em excursões numa Coventry Cycle Chair (uma combinação especial de *bath chair* e bicicleta), a fim de admirar as belas paisagens locais e se fortalecer um pouco mais com o revigorante ar de Yorkshire. Um detetive a seguia de bicicleta a uma distância discreta.[37] Em pouco tempo, porém, Alix teve de adotar táticas evasivas, como contou a Nicky: “Eles esperam em massa para me ver sair, e embora agora eu entre pelos fundos, ficam observando a porta e depois correm para me ver [...] quando vou a uma floricultura comprar flores, garotas param e olham pela vitrine”.[38] O incapacitante constrangimento que sentia era agravado pelo fato de estar em uma *bath chair* e sentir-se vulnerável. Durante a maior parte de sua estada choveu torrencialmente, e a dor em suas pernas afinal pouco melhorou, mas ela permaneceu o tempo todo alegre e educada com os atendentes e com os moradores locais que encontrava, que guardaram todos a recordação de uma pessoa “afável e despretensiosa, em nada cerimoniosa ou formal”.[39]

Pouco depois de sua chegada a Prospect Place, Alix ficara deliciada em descobrir que sua anfitriã, a sra. Allen, acabara de dar à luz gêmeos, um menino e uma menina. Sentiu que isso era um sinal auspicioso e pediu para ver os bebês. Portou-se de maneira extraordinariamente informal na propriedade, insistindo em que a tratassem como uma pessoa comum, e “passeando e cantando pela casa, como uma garota inglesa feliz que acabasse de chegar da escola”,

> ora aparecendo em seu quarto, e alarmando a criada ao ajudá-la a arrumar a cama; ora assustando a sra. Allen ao bater na porta da cozinha, com um gracioso “Posso entrar?”, embalando os venturosos gêmeos, ou ficando de costas para o fogo, como um homem de Yorkshire, enquanto conversava

sobre as atividades da cozinha, ou tinha longas discussões com a baronesa Fabrice quanto ao melhor meio de vestir e educar as crianças.[40]

A pedido dos Allen, Alix concordou em ser madrinha dos gêmeos por ocasião do batismo, a 13 de junho, na Igreja de São Pedro, em Harrogate, quando receberam os nomes de Nicholas Charles Bernard Hesse e Alix Beatrice Emma. Mais tarde, presenteou as crianças generosamente com joias de ouro, além de fotografias de si própria e do futuro marido, de modo que ao crescerem as crianças veriam de onde seu nome viera.[3] Foi um interlúdio feliz, cheio de esperanças quanto ao próprio futuro como esposa, cercada pelas crianças que tanto desejava; uma época em que a princesa Alix pôde ser ela mesma — aberta, carinhosa e generosa com aqueles que eram importantes em seu mundo privado, doméstico.

Em meados de junho, Nicky se juntou a Alix na Inglaterra — em êxtase por finalmente estar "nos braços daquela que me é destinada, que me pareceu ainda mais bela, ainda mais estimada do que antes", como contou à mãe.[41] Por três idílicos dias em Walton, à beira do Tâmisa, hospedados com a irmã de Alix, Vitória, e seu marido, Louis de Battenberg, o casal se distraiu com caminhadas; ou sentado em um tapete, à sombra de uma nogueira, com Nicolau lendo em voz alta e Alix bordando; ou ainda saindo para passeios de carruagem, estes, ao menos, sem dama de companhia. Depois foram ao encontro da rainha em Windsor e seguiram viagem para Osborne com ela, época em que o capelão doméstico de Nicolau, padre Yanyshev, chegou da Rússia para instruir Alix na fé ortodoxa. Sua tarefa não foi das mais fáceis; Alix era uma aluna rigorosa e questionadora. Sua criação evangélica a ensinara a desprezar dogmas, e ela se recusou terminantemente a dar uma declaração formal renunciando a seu luteranismo como herético. Uma solução conciliatória teve de ser buscada.

Com o casamento marcado para a primavera de 1895, Alix previa vários meses de tranquilidade em Hesse para se preparar, mas os planos mudaram dramaticamente com a notícia vinda da Rússia de que Alexandre III ficara muito doente e deveria falecer em breve. A essa altura resignado com o casamento, ele desejava ver Alix antes de morrer, e ela partiu de Hesse às pressas, fazendo a longa viagem de trem rumo ao sul para Simferopol, na Crimeia, acompanhada pela leal amiga Gretchen. Depois de Alix ter se juntado a Nicky no palácio dos Romanov em Livádia, o casal ficou formalmente noivo diante do tsar moribundo. À morte de Alexandre, em 20 de outubro,[4] seguiu-se a formalização da acolhida de Alix na Igreja Ortodoxa Russa. Como Nicolau era agora o tsar, o casamento foi logo realizado. Mas não aconteceu como o casal teria desejado,

em uma cerimônia particular, em Livádia.[42] Os grão-duques russos objetaram; o protocolo da corte exigia uma cerimônia formal na capital. E assim, na gelada São Petersburgo, após três exaustivas e excruciantes semanas de luto prolongado pelo falecido tsar, Nicolau e Alexandra se casaram, no dia 14 de novembro, diante de centenas de convidados, na capela do Palácio de Inverno.

Alix não poderia estar mais bonita e mais serena nesse dia — alta e escultural em seu vestido de brocado branco e prateado, a cauda pesadamente enfeitada de arminho, e com o manto imperial de tecido de ouro sobre os ombros, sua figura adorável era complementada pelos olhos azuis límpidos e pelo cabelo, com ondas douradas e avermelhadas, realçado pela coroa de casamento cravejada de diamantes. O enviado britânico lorde Carrington ficou profundamente impressionado: "Ela parecia a perfeição do que se imaginaria ser uma imperatriz da Rússia a caminho do futuro altar", informou à rainha Vitória.[43] Outras testemunhas notaram a estatura imponente da princesa junto ao consorte mais baixo e de aspecto um tanto delicado; para todos os efeitos, parecia ser ela a dotada de força física, uma mulher de considerável presença, "muito acima do nível tradicional de princesas ducais".[44]

Havia, contudo, algo na expressão solene e precavida e na boca fina e tensa da noiva que contava uma história diferente, de uma personalidade forte, determinada, combatendo uma antipatia natural mas violenta de estar sob o olhar público após ter usufruído da privacidade doméstica da corte hessiana por tanto tempo. Alix suportou a provação, mas ao fim do dia de seu casamento, de maneira muito similar a sua avó Vitória antes dela, retirou-se para a cama mais cedo, com dor de cabeça. Para outros que haviam comparecido ao evento naquele dia, como a princesa Radziwill, fora "uma das coisas mais tristes que me lembro de ter visto". Enquanto o autoritário Alexandre III ainda era vivo, a aristocracia russa se sentira segura, mas essa sensação de segurança desaparecera com sua morte precoce e fora substituída pelo "sentimento da calamidade iminente".[45]

Após algumas noites passadas nos apartamentos de solteiro relativamente apertados de Nicolau no Palácio Anítchkov, em São Petersburgo (suas acomodações no Palácio de Inverno ainda sendo redecoradas), os recém-casados viajaram para o Palácio Alexandre, em Tsárskoe Seló. Eles se retiraram para os apartamentos da imperatriz viúva, na ala leste, onde o próprio Nicky nascera, em 1868, para quatro felizes dias de absoluta privacidade, "de mãos dadas e corações em uníssono", como Nicky contou a seu cunhado, Ernie.[46] Alix também escrevera pouco antes do casamento, assegurando Ernie de que "estou tão feliz e jamais poderei agradecer o suficiente a Deus por ter me dado um tesouro como meu Nicky".[47] A obscura e solene Alix de Hesse, que sua avó

descrevera como "*ein kleines deutsches Prinzesschen* [uma princesinha alemã] sem conhecimento de coisa alguma a não ser pequenas cortes alemãs", obtivera para si não apenas um dos melhores partidos da realeza, como também o homem mais rico do mundo.[48]

Mas, ao deixar Darmstadt prematuramente, a nova tsarina chegara à Rússia ignorante de seus costumes e profundas superstições, com um conhecimento limitado da língua e tendo dado o enorme salto de fé da austeridade militante de seu luteranismo devoto para os rituais místicos e opulentos da ortodoxia russa. O abismo cultural era enorme. A princesa Alix de Hesse encontrou os mesmos problemas — numa escala muito maior — que sua mãe conhecera em Darmstadt, bem como — aliás — seu avô, o príncipe Alberto, e, saudoso de Coburgo, chegara a uma corte inglesa e estranha 54 anos antes. O país de adoção de Alix era tão desconfiado dela, uma alemã e intrusa — a quinta princesa de sangue alemão a se tornar imperatriz russa em menos de um século —, quanto a Inglaterra fora do obscuro e jovem príncipe Alberto de Saxe-Coburgo.

Alix podia ter abraçado a ortodoxia de todo o coração, mas era inglesa até a medula, com hábitos ingleses, sentimentos ingleses e um modo prático e sensato de lidar com a vida familiar que lhe fora profundamente instilado por sua mãe e sua avó. Esse tipo de criação teria lhe servido bem caso houvesse permanecido dentro da esfera familiar de sua linhagem europeia ocidental, mas a Rússia — a despeito da beleza sedutora de sua paisagem, pela qual já se apaixonara — era um território desconhecido, um país lendário por sua história turbulenta e pelas opressivas riqueza e grandiosidade de sua corte. A São Petersburgo imperial do *fin de siècle* estava a léguas de distância da confortável domesticidade do Neues Palais e dos roseirais de Darmstadt.

Não obstante, em nome do amor, a "doce e simples Alicky" reunira toda sua coragem para deixar a proteção da tranquila e pacífica *residenz* de seu irmão em Darmstadt e se tornar "a grande imperatriz da Rússia".[49] Para compensar as apreensões com as práticas pouco familiares da nova corte, fechou a porta para o mundo hostil do lado de fora e para tudo que a deixava assustada. Em lugar disso, aferrou-se às poucas coisas familiares de que extraía conforto e ao seu papel de devotada "pequena esposa" de Nicolau. Por ora, o mundo e a Rússia podiam esperar.

A não ser em um aspecto: pouco após a morte de Alexandre III, Nicolau emitira uma proclamação ordenando que seus súditos fizessem um juramento de lealdade a ele como o novo tsar. Seu irmão mais novo, o grão-duque Gueórgui Aleksándrovitch, proclamou ele, ostentaria o título de tsarévitch "até que aprouvesse a Deus abençoar nossa iminente união com a princesa Alix de Hesse-Darmstadt com o advento de um filho".[50] No esquema dinástico, o principal e

mais urgente dever de Alix era fornecer um herdeiro para o trono russo.

1 A antiga grã-duquesa Maria Alexandrovna, filha de Alexandre II, que se casara com o filho da rainha Vitória, o príncipe Alfredo. Ela assumiu o título de duquesa de Edimburgo até Alfredo herdar o trono de Saxe-Coburgo e Gota, em 1893, após seu irmão mais velho, Bertie, abrir mão do direito à sucessão.
2 Espécie de cadeira de rodas, com ou sem cobertura retrátil. (N. T.)
3 Um ano mais tarde, quando os gêmeos fizeram seu primeiro aniversário, Alix mandou de presente talheres esmaltados e de ouro russos, anéis de guardanapo e saleiros com o brasão imperial e as iniciais dos bebês, bem como duas camisolas combinando, rosa e azul, que ela mesma fizera especialmente para a ocasião. Outros presentes vieram da Rússia em 1910, quando os gêmeos foram crismados, e novamente em 1915, quando fizeram 21 anos.
4 Todos os eventos ocorridos na Rússia antes de fevereiro de 1918 são fornecidos de acordo com o Velho Estilo, seguindo o calendário juliano então em uso. Onde pode haver confusão, as datas no Novo Estilo são fornecidas entre colchetes.

Capítulo Dois

LA PETITE DUCHESSE



Desde os primeiros dias na Rússia, a princesa Alix de Hesse estava determinada a se opor a qualquer coisa que visse como ameaça à tranquila vida familiar que imaginara para Nicky e ela própria. A família fora seu único ponto de apoio quando a morte levou aqueles que lhe eram mais caros; estava longe de casa, sozinha e apreensiva, e temia se ver exposta como um objeto de curiosidade. Mas ao esconder a própria insegurança profundamente arraigada retirando-se, em qualquer oportunidade, do escrutínio público, só o que conseguiu fazer foi acentuar seu já marcado ar de fria reserva. Aleksandra Feódorovna, como agora se chamava, viu-se sob os olhares hostis de uma aristocracia russa que já criticava sua criação e seus modos de inglesa — e, para o horror de todos, seu péssimo francês, que permanecia a língua de preferência entre os círculos da elite.[1] Pior ainda, a insignificante princesa alemã deslocara, no entender dos aristocratas, a adorada e muito sociável ex-imperatriz, Maria Feódorovna — uma viúva ainda no pleno vigor dos quarenta anos —, de sua posição central na corte.

Desde o início, Alexandra achou a exigência de cumprir seus deveres cerimoniais quase insuportável, como em janeiro de 1895, quando teve de enfrentar uma fila de 550 damas da corte para o *baise-main* da cerimônia de Ano-Novo, em que faziam todas uma procissão para beijar sua mão imperial. Seu visível desconforto e o hábito de se encolher de horror quando alguém tentava chegar perto demais foram rapidamente mal interpretados como manifestações de uma personalidade difícil. Sua nova cunhada, a grã-duquesa

Olga Aleksándrovna, recordou mais tarde: “Mesmo nesse primeiro ano — lembro-me muito bem —, se Alicky sorria, diziam que era de desdém. Se ficava séria, diziam que estava com raiva”.[2] E assim, em resposta, Alexandra se retirou atrás do muro protetor da domesticidade, preocupada com a única coisa que dela mais se esperava — engravidar. Todos estavam de olho nos sinais denunciadores. O grão-duque Konstantin Konstantínovitch anotou especificamente em seu diário que semanas após o casamento “a jovem imperatriz mais uma vez desmaiou na igreja. Se isso foi pelo motivo que toda a Rússia deseja, então Deus seja louvado!”.[3] De fato, no fim de fevereiro, Alexandra confidenciava a Ernie (cuja esposa estava prestes a dar à luz seu primeiro filho, em Darmstadt, e para quem Alexandra enviava a *accoucheur* imperial, madame Günst, para realizar o parto): “Acho que *agora* posso ter esperanças — uma certa coisa cessou — e acho que [...]. Oh, não consigo acreditar, seria bom demais, uma felicidade grande demais”. Ela fez Ernie jurar que guardaria segredo; sua irmã Ella “já a atormentara em dezembro sobre isso” e sua outra irmã, Irene, também, mas ela lhes contaria quando chegasse o momento.[4] Quanto a sua antiga ama, que trouxera consigo de Darmstadt, “Orchie fica me olhando o tempo todo de um jeito cansativo”. Uma semana depois dessa carta, Alexandra sentia-se “todo dia tão terrivelmente enjoada” que foi incapaz de comparecer ao enterro do jovem grão-duque Aleksei Mikháilovitch, que morrera de tuberculose, e desde essa ocasião ficou frequentemente confinada à cama, sentindo violenta náusea.[5] Orchie a convencia a comer a ocasional costeleta de carneiro, que na maioria das vezes a obrigava a levantar correndo da mesa para vomitar. Alexandra temia que estivesse sendo vigiada, caso exibisse sinais de sua lendária saúde precária, e mais uma vez pediu a Ernie que não contasse a ninguém como seus enjoos matinais eram severos.[6] Dali em diante, até a data do parto, os funcionários tsaristas protegeram a saúde e o bem-estar de Alexandra atrás de um muro de censura; não houve anúncios nem boletins na imprensa russa e a população em geral não fazia ideia de sua condição.

Por ora, o casal continuava a viver no Palácio Anítchkov, em São Petersburgo. Alexandra passava os dias ali resolutamente escondida dos olhares numa “grande poltrona em um canto, semiocultada por um biombo”, lendo o *Darmstadter Zeitung*, bordando e pintando, enquanto seu adorado marido lidava com “as pessoas desagradáveis”. Ela se ressentia da ausência de Nicky quando ele ia cuidar de negócios oficiais, mesmo que por apenas algumas horas de manhã (um eco do solipsismo da avó Vitória e sua incapacidade de deixar o amado Alberto longe de vista). Mas ela o tinha para si à tarde: “enquanto ele normalmente lê suas pilhas de documentos dos ministros, eu olho as cartas dos

pedintes, que não são poucas, e corto os selos", hábito este que era uma marca da arraigada frugalidade hessiana.[7] Os negócios de Estado pareciam uma distração irritante — "um tédio medonho".[8] O fim do dia era passado com Nicky lendo para ela, depois do que, enquanto ele se fechava em seu escritório para cuidar de mais papelada, Alexandra matava o tempo jogando halma, um jogo de tabuleiro, com sua sogra até Nicky voltar para mais leitura antes da hora de dormir. Os poucos deveres perfunctórios que Alexandra era obrigada a desempenhar — encontrar-se com delegações estrangeiras ou filas de ministros — agora se tornavam duplamente desagradáveis, pois ela se sentia horrivelmente enjoada e sofria com dores de cabeça constantes.

Não obstante, a tsarina tinha todos os motivos para estar confiante em que geraria o filho esperado antes que o ano chegasse ao fim. A estatística certamente lhe era favorável, pois nasceram muitos meninos dos três tsares Romanov precedentes. Crianças do sexo masculino eram cruciais num país onde as leis de sucessão, alteradas em 1797 pelo tsar Paulo I, eram baseadas na primogenitura masculina.[9] O trono russo só podia passar para uma mulher se todas as linhagens de descendência masculina legais estivessem extintas. Mas na Rússia da época, além dos dois irmãos mais novos de Nicolau, Gueórgui e Mikhail — que seriam os próximos na fila —, havia uma série de outros grão-duques com filhos às pencas.

Enquanto aguardava ansiosamente o nascimento da criança, Alexandra se dedicou a criar algo que nenhuma imperatriz russa antes dela jamais tentara: um íntimo lar familiar para si, Nicky e os futuros filhos. Ambos gostavam muito do Palácio de Alexandre, em Tsárskoe Seló, preferindo sua localização, longe da intrometida sociedade de São Petersburgo. "A quietude aqui é tão deliciosa", contou a Ernie, "nos sentimos como se fôssemos pessoas diferentes de quando estamos na cidade."[10] Ela e Nicolau optaram por não ocupar os apartamentos da família de Alexandre III na ala leste, e em vez disso ficaram na negligenciada e esparsamente mobiliada ala oeste, mais próxima dos portões do palácio. O interior não era para ser nem imperial no estilo nem de modo algum grandioso, mas reformado de acordo com os gostos simples e provincianos da própria Alexandra, o ambiente perfeito em que ela ansiava viver a vida de uma devotada mãe e *hausfrau*. Uma mobília moderna simples, como aquela com a qual estava familiarizada desde sua infância em Darmstadt, foi trazida da Maples, uma fabricante e varejista de mobília baseada em Londres, que enviava os pedidos de sua loja na Tottenham Court Road. O ambiente deliberadamente voltado para a família dessa casa em que Nicolau e Alexandra passariam a maior parte de seu tempo — exceto pela obrigatória temporada de inverno em São Petersburgo, do Natal à Quaresma — era para ser de um aconchego vitoriano, como a Vovó teria

gostado. A sociedade de São Petersburgo ficou, sem dúvida, horrorizada com os gostos burgueses da nova tsarina, pois ela encarregara o designer de interiores russo Roman Meltzer de redecorar os cômodos no estilo *Jugendstil*, ou art nouveau, popular na Alemanha, e não de uma maneira que combinasse com a localização russa e o exterior clássico do palácio.

Fazia um calor insuportável naquele verão de 1895, e à medida que a gravidez progredia, e com isso seu desconforto, Alexandra ficou feliz em fugir para as brisas marinhas da Datcha de baixo, em Peterhof, localizada no Parque de Alexandria, um dentre seis parques com paisagismo em estilo inglês na propriedade Peterhof. A Datcha de baixo ficava em um mundo inteiramente à parte, distante das cúpulas douradas do imponente palácio de Pedro, o Grande e de suas fontes em cascata e seus jardins ornamentais; um edifício encantador, discreto, de alvenaria vermelha e creme em faixas horizontais alternadas. Entre 1883 e 1885, Alexandre III mandara ampliar a estrutura de torres de dois andares, transformando-a em um pavilhão italianizante de quatro andares com balcões e varandas envidraçadas. Mas ainda assim era um tanto alto e estreito, com cômodos reduzidos e tetos baixos, dando-lhe o aspecto mais de uma vila à beira-mar do que de uma residência imperial. A localização, contudo, era idílica — enfiado no canto mais nordeste do parque, atrás de um bosque ensombrecido de pinheiros e árvores decíduas e à vista da linha costeira coberta de rochedos do golfo da Finlândia. O parque em si, onde as flores silvestres cresciam em profusão e coelhos e lebres abundavam, era fechado por cercas de dois metros de altura, tendo um soldado munido de rifle com baioneta postado a cada noventa metros e cossacos da Escolta do Tsar — os guarda-costas pessoais de Nicolau, que o acompanhavam por toda parte — patrulhando a cavalo dentro da propriedade.[11] A Datcha de baixo em si era circundada por um gramado e um jardim florido de lírios, alceas, papoulas e ervilhas-de-cheiro. Lembrava a Alexandra os adoráveis jardins em Wolfsgarten, o chalé de caça de Ernie no coração da floresta de Hesse, e ela se sentia segura e em casa ali. Antecipando a necessidade de mais quartos, Nicolau ordenou que uma ala adicional fosse construída. O interior continuaria muito parecido com os novos apartamentos do casal em Tsárskoe Seló, apenas mais modesto em escala, com mobília comum e na maior parte branca, os familiares cortinados de *chintz* e, por toda parte, como sempre, a marca registrada de Alexandra: “mesas, prateleiras e móveis [...] atulhados de jarras, vasos e tigelas com flores cheirosas, recém-colhidas”.[12]

Ela passou os meses de junho a setembro no absoluto isolamento de Peterhof. Sua gravidez estava sendo exaustiva e o bebê era muito ativo. Como contou a Ernie, em julho, “Meu pequenino pula como louco, às vezes, e me deixa com vertigem, e me dá pontadas quando vou passear lá embaixo”.[13] Ela passava

grande parte do tempo repousando em um sofá, com vista para o mar, ou saindo para calmas caminhadas diárias e passeios de carruagem com Nicky, entre uma coisa e outra desenhando, pintando e costurando colchas e roupas de bebê. “Que alegria deve ser ter um doce bebezinho todo seu”, escreveu em julho para Ernie, que tivera uma filha, Elisabeth. “Não vejo a hora de Deus nos agraciar com um também — será uma tal felicidade para meu estimado Nicky [...] ele carrega tantas tristezas e preocupações que a chegada de um bebezinho todo seu o alegrará [...]. Tão jovem, e numa posição de tamanha responsabilidade e com tantas coisas contra as quais se bater.”[14]

No fim de agosto, os apartamentos em Tsárskoe Seló estavam prontos para uso. Apesar do tamanho modesto, o palácio e seus 22,5 quilômetros de parques precisariam de uma equipe de mil criados e funcionários da corte para conservá-lo e uma guarnição militar muito maior para guardá-lo.[15] Alexandra adorou as novas acomodações e ficou ocupada organizando o enxoval, embora sofrendo muito desconforto. “Espero de fato que não precise aguardar muito mais — a barriga está muito pesada e o bebê se movimenta muito”, contou a Ernie.[16] No fim de setembro, sentiu uma dor aguda no abdômen. Madame Günst veio e na mesma hora mandou chamar o dr. Dmítri Ott — diretor do Instituto de Obstetrícia de São Petersburgo e o ginecologista russo mais influente da época —, com quem Günst recentemente fizera o parto do primeiro filho da irmã de Nicolau, Xenia.[17] Entrementes, Alexandra pensava numa ama-seca para o bebê. Como Xenia, queria que fosse uma inglesa: “Se ao menos eu puder encontrar uma boa ama — a maioria receia viajar para tão longe e tem ideias extravagantes sobre russos selvagens e não sei mais que tipo de bobagens —, ela será russa, sem dúvida”.[18]

Nicolau e Alexandra estavam ambos convencidos de que a criança viria em meados de outubro, mas ela ainda não nascera quando Ella chegou de Moscou, no fim do mês. A irmã encontrou Alix “com ótimo aspecto, graças a Deus, o rosto bem mais rechonchudo, uma pele tão saudável, fazia anos que não a via tão bem”, informou à rainha Vitória. Estava preocupada que o bebê fosse “provavelmente imenso”, mas Alix estava transformada — “muito alegre, como uma criança, e aquela expressão horrivelmente séria que a morte do papai pusera em seu rosto desaparece com seus constantes sorrisos”.[19]

Nicolau cuidava da esposa com grande carinho: “o bebê desceu mais um pouco e a está deixando bastante desconfortável, pobrezinha!”, ele contou à mãe.[20] Estava tão preocupado com o nascimento iminente que esperava que os ministros não o deixassem “atolado” em trabalho quando o momento chegasse. Prevendo um filho, ele e Alexandra já haviam se decidido pelo nome Paulo. Maria Feódorovna não gostou nem um pouco, pelas associações que evocava

com Paulo I, que fora assassinado, mas estava ansiosa para estar presente quando a hora do parto chegasse. “Estamos de acordo, não estamos, de que você vai me informar assim que os primeiros sintomas aparecerem? Irei voando até vocês, minhas crianças queridas, e não serei um aborrecimento, a não ser talvez agindo como um *policeman*, para manter todo mundo bem longe.”[21]

O tamanho e a posição do bebê estavam causando em Alexandra dores tão terríveis nas costas e nas pernas que ela agora era forçada a ficar na cama ou no sofá durante a maior parte do tempo. “O bebê não quer vir — está na porta, mas ainda não ficou com vontade de aparecer, e desejo *tanto* que venha”, contou a Ernie.[22] O dr. Ott agora dormia ali e madame Günst se hospedava com eles havia duas semanas. Sem notícias oficiais sobre o progresso da gravidez da imperatriz russa, os rumores no exterior se alastravam, assim como ocorrera na iminência de seu casamento. A fofoca suscitou uma firme réplica na imprensa britânica, baseada em “fontes bem informadas em Darmstadt e Berlim”:

> Com referência a certos rumores inquietantes que têm circulado a respeito da saúde da imperatriz da Rússia, e à afirmação de que outros médicos serão chamados, um correspondente em São Petersburgo diz que Sua Majestade Imperial, segundo a declaração de seu conselheiro médico, está passando tão bem quanto possível, e que não necessita nem deseja qualquer assistência externa.[23]

Por volta da uma da manhã do dia 3 de novembro, Alexandra finalmente entrou em trabalho de parto. A Ella veio se reunir Maria Feódorovna, e juntas, como Ella relatou à rainha Vitória, ambas “esfregaram suavemente suas costas e pernas para lhe trazer alívio”.[24] Alexandra ficou grata pela presença delas e também de seu marido, pois o trabalho de parto durou vinte horas, durante as quais Nicolau foi frequentemente às lágrimas e sua mãe várias vezes caiu de joelhos para rezar.[25] Finalmente, às nove da noite, “escutamos o grito de uma criança e todos deram um suspiro de alívio”, como lembrou Nicolau.[26]

Não foi, contudo, o tão sonhado menino, mas uma menina, e as apreensões de Ella se mostraram corretas: “O bebê era colossal, mas ela foi muito corajosa e paciente e Minny [Maria Feódorovna] foi um grande conforto, encorajando-a”.[27] A menina pesava 4,5 quilos; foram exigidas as habilidades combinadas de Ott e Günst para trazê-la à luz, tendo sido necessários uma episiotomia e o fórceps, com o auxílio de clorofórmio.[28] Foi, escreveu Nicolau em seu diário, “Um dia de que me lembrarei para sempre”, mas ele “sofrera um bocado” com a visão de sua

esposa nas agonias do parto. A criança, que ele e Alexandra chamaram de Olga, era tão robusta que ele observou que nem parecia uma recém-nascida.[29]

A rainha Vitória ficou enormemente aliviada com a notícia: "Em Carlisle recebi um telegrama de Nicky dizendo: 'Querida Alix acaba de dar à luz uma filhinha enorme e adorável, Olga. Minha alegria não pode ser expressada em palavras. Mãe e filha passam bem'. E sou tão grata".[30] Ela ficou ainda mais aliviada ao saber por Ella que "A alegria de ter o bebê em nenhum momento permitiu que lamentassem o fato de a pequena Olga ser menina".[31] Com efeito, Nicolau não demorou a enfatizar a felicidade dele e de Alexandra, numa história que mais tarde circulou amplamente na imprensa. Ao receber as congratulações do camareiro-mor da corte, dizem que teria comentado: "Estou feliz que nossa criança seja uma menina. Fosse um menino, teria pertencido ao povo, por ser menina, pertence a nós".[32] Estavam, pura e simplesmente, encantados. "Estão tão orgulhosos de si mesmos e um do outro e da bebê que acham que nada poderia ser mais perfeito", escreveu a esposa de um diplomata britânico.[33] "Para nós, o sexo não fez diferença", afirmou Alexandra, "nossa filha é simplesmente um presente de Deus."[34] Ela e Nicolau não tardaram a recompensar as habilidades do dr. Ott e de madame Günst em realizar o parto da menina em segurança: Ott foi nomeado *leib-akusher*[5] da corte imperial e presenteado com uma caixa de rapé de ouro, incrustada de diamantes, e um honorário de 10 mil rublos (assim como aconteceria ao cuidar do parto de todos os filhos dos Romanov); Evguénia Günst recebeu cerca de 3 mil rublos em cada ocasião.[35]

Houve uma inevitável sensação de desapontamento no restante da família Romanov, expresso nas palavras da grã-duquesa Xenia, que achou o nascimento de Olga "uma grande alegria, embora seja uma pena não ser menino!".[36] Essa inquietação não foi, é claro, externada em nenhuma parte da imprensa russa, sob pesada censura. Toda São Petersburgo viera aguardando ansiosamente o evento, a ser anunciado com o estouro de canhões sobre o Neva. Quando chegou o momento, "as pessoas abriram suas janelas, outros correram à rua para escutar e contar as salvas". Mas, infelizmente, o número de tiros disparados foi apenas 101; por um primeiro filho e herdeiro, teriam sido 301.[37] A notícia chegou a muitos teatros em São Petersburgo bem no momento em que o público saía, ao final do espetáculo da noite. Isso "ocasionou as devidas manifestações de patriotismo do povo, em resposta a cujo desejo o hino nacional russo teve de ser tocado diversas vezes".[38] Na Pequena Rússia, em Paris, um *Te Deum* foi cantado na Igreja Ortodoxa São Alexandre Névski, na rue Daru, celebrando o parto em segurança da tsarina. Mas a imprensa britânica logo notou um quê de consternação nos círculos diplomáticos e políticos russos: "Um filho teria sido mais bem-vindo que uma filha, mas uma filha é melhor do que nada", observou

a *Pall Mall Gazette*.[39] Numa época em que Rússia e Inglaterra continuavam em certa medida rivais políticos, o *Daily Chronicle* se perguntou se a pequena Olga "não poderia ser usada como um gancho para um entendimento anglo-russo" em alguma data futura. A semente fora lançada para uma reaproximação entre as famílias reais russa e britânica, e que maneira melhor para isso do que um futuro casamento dinástico?

Em 5 de novembro de 1895, uma proclamação imperial foi emitida em São Petersburgo, saudando o nascimento da grã-duquesa Olga: "Visto que consideramos esse acréscimo à Casa Imperial como um símbolo das bênçãos outorgadas a nossa Casa e a nosso Império, notificamos o jubiloso evento a todos os nossos leais súditos, e unimo-nos a eles na oferenda de preces fervorosas ao Todo-Poderoso de que a recém-nascida princesa possa crescer com saúde e alegria".[40] Num gesto magnânimo para comemorar o nascimento da filha, Nicolau anunciou a anistia de prisioneiros políticos e religiosos, que foram libertados, bem como o cancelamento das sentenças dos criminosos comuns.

Mas nem todos partilhavam da visão otimista sobre o futuro da pequena Olga; no início do novo ano de 1896, uma história curiosa surgiu na imprensa francesa. O príncipe Carlos da Dinamarca (prestes a se casar com a princesa Maud de Gales, filha do primo de Alexandra, Bertie) estivera, aparentemente, "exercendo sua habilidade em desenhar o horóscopo da filha recém-nascida do tsar". Nele, o príncipe previa períodos críticos na saúde de Olga ao completar "três, quatro, seis, sete e oito anos". Ao fazê-lo, ele se sentiu incapaz de "garantir que ela chegará à idade de ser chamada pelo sobrenome, mas, se o fizer, certamente chegará aos vinte anos". Isso, concluiu o príncipe, concederia "doze anos de paz pelos quais dar graças". Pois "é certo [...] que ela nunca viverá até os trinta".[41]

No momento em que sua nova bisneta nasceu, a rainha Vitória, na condição de madrinha, determinou-se a providenciar que a menina tivesse uma boa babá inglesa e saiu na mesma hora à procura de uma. Mas ficou horrorizada quando Alexandra anunciou a intenção de amamentar, assim como sua mãe, Alice, fizera. A imprensa britânica logo descobriu a história, para a época, sensacional. Pois era inédito que soberanas — em particular na Rússia imperial — amamentassem seus filhos. A notícia deixara "todos os russos perplexos", embora uma ama de leite também viesse a ser nomeada como uma segurança essencial. "Grande número de camponesas [...] foram trazidas de várias partes" para o processo de seleção. "Nenhuma delas deveria ser mãe de menos de duas

ou mais de quatro crianças, e as de tez escura eram preferíveis."[42] Mas as primeiras tentativas de Alexandra de dar o peito à bebê não saíram como o planejado, pois Olga a rejeitou e, como recordou Nicolau, "acabou que Alix foi muito bem-sucedida amamentando o filho da ama de leite, ao passo que esta deu seu leite para Olga! Muito engraçado!". "De minha parte, considero a coisa mais natural que uma mãe pode fazer e acho um excelente exemplo!", ele disse à rainha Vitória logo depois.[43]

Alexandra, como seria de esperar, desabrochou como mãe zelosa; seu mundo todo, e o de Nicolau, passou a girar em torno da adorada recém-nascida. O tsar se regozijava em registrar cada detalhe da vida dela em seu diário: a primeira vez que dormiu a noite toda, como ele ajudou a lhe dar comida e banho, o nascimento dos dentes, as roupas que usava, as primeiras fotos que bateu dela. Nem ele nem Alexandra, é claro, notavam que a pequena Olga na verdade não era um bebê dos mais bonitos — sua cabeça grande em forma de lua, com o esquisito topete de cabelos loiros que substituíram o cabelo escuro e comprido com que nascera, era fora de proporção em relação ao corpo e a tornava quase feia aos olhos de alguns membros da família imperial. Mas foi, desde o início, uma bebê dócil, rechonchuda e feliz, e seus pais corujas raramente a perdiam de vista.

Na manhã de 14 de novembro de 1895 — aniversário de casamento de seus pais e aniversário de 48 anos da imperatriz viúva —, Olga Nikoláevna Romanova foi batizada (apenas com um primeiro nome, segundo a prática ortodoxa russa). Foi uma ocasião particularmente alegre para a corte imperial, na medida em que marcou o fim do luto oficial pelo tsar Alexandre III. A bebê foi vestida com as roupas de batizado do próprio Nicolau e levada num coche oficial dourado puxado por seis cavalos brancos, acompanhada de cossacos da Escolta do Tsar, para a Igreja da Ressurreição, a capela imperial em Tsárskoe Seló. Dali, a princesa Maria Golítsina, *mistress of the robes*,[6] carregou Olga para a pia batismal numa almofada dourada. Segundo a prática ortodoxa russa, Nicolau e Alexandra não tomaram parte da cerimônia em si, na qual se reuniram membros do sínodo ortodoxo, parentes reais ilustres, diplomatas e estrangeiros importantes, todos em roupas de gala. A bebê teve sete padrinhos, inclusive a rainha Vitória e a imperatriz viúva. Mas a maioria não pôde comparecer pessoalmente, então Maria Feódorovna presidiu, resplandecente em um vestido nacional russo e um *kokoshnik* incrustado de joias, cercada pela maioria dos grão-duques e duquesas da Rússia. Durante o serviço, a criança "foi mergulhada três vezes na água, à maneira ortodoxa, e depois imediatamente posta em uma bolsa acolchoada de cetim rosa, seca e despida, e devolvida à ama, muito imponente em seda listrada".[44] Olga foi então ungida com óleo consagrado no

rosto, olhos, orelhas, mãos e pés e levada ao redor da igreja três vezes por Maria Feódorovna, com um padrinho de cada lado. Quando a cerimônia acabou, Nicolau investiu sua filha com a Ordem de Santa Catarina.

O parto difícil de Olga inevitavelmente deixara Alexandra bastante debilitada, e ela foi proibida de sair da cama até 18 de novembro. Depois disso, saía para tranquilos passeios de carruagem no parque com Nicky. A despeito da presença de seu irmão e da esposa, Ducky (o apelido de Vitória Melita na família), extraiu pouco proveito da companhia, ainda que eles estivessem lá por apenas uma semana. Ducky se queixou, em cartas para parentes, de seu tédio, de como Alix era distante e de que falava sem parar de Nicky e "o elogiava tanto o tempo todo" que ela chegou à conclusão de que a cunhada preferia ficar a sós com ele.[45] Ela, sem dúvida, preservava ciosamente seu tempo com Nicky; o resto era passado cuidando de Olga. Orchie continuava em evidência, na condição de uma empregada familiar aposentada, assumindo o papel simbólico de administradora dos aposentos infantis, embora os cuidados com a bebê não lhe fossem confiados, nem mesmo quando madame Günst — que serviu de governanta da maternidade por três meses — ficou acamada durante alguns dias.[46] A presença de Günst causou considerável descontentamento. "Orchie dormia no quarto azul e mal falava comigo, tão ofendida por não deixarmos a bebê com ela", Alexandra contou a Ernie.[47]

Babás inglesas profissionais eram aferradas à rotina e não gostavam de ver seu papel sendo usurpado, portanto a chegada, em 18 de dezembro, da pessoa escolhida a dedo pela rainha Vitória, a temível sra. Inman, não foi uma ocasião feliz. Nicolau comentou que sua esposa estava preocupada com que "a nova babá inglesa pudesse de algum modo afetar a rotina diária da família". E isso de fato aconteceu, pois os protocolos para uma babá real exigiram que "nossa filhinha terá de ser transferida ao andar de cima, o que é uma grande chatice e uma pena".[48] No dia seguinte à chegada da sra. Inman, a pequena Olga foi devidamente levada do quarto de Nicolau e Alexandra, no andar térreo, para os aposentos infantis, e Nicolau já se queixava para seu irmão Gueórgui, escrevendo que ele e Alexandra "não apreciaram particularmente o jeito da sra. Inman". "Há qualquer coisa de duro e desagradável em seu rosto", contou-lhe, "e parece ser uma mulher inflexível." Tanto ele como Alexandra achavam que a mulher "traria um bocado de problemas", pois imediatamente começara a ditar as regras: "ela já decidiu que nossa filha não dispõe de quartos suficientes e que, na sua opinião, Alix visita os aposentos infantis com demasiada frequência".[49]

Por ora, o único lugar em que o povo russo teria chance de ver seu tsar e sua tsarina não seria na corte em São Petersburgo, mas passeando com a bebê no Parque de Alexandre. O mundo exterior sabia ainda menos a respeito deles. A

imprensa britânica havia esperado que a postura informal da tsarina com a maternidade pudesse ter um efeito politicamente positivo: “O justo sentimento mostrado na decisão da jovem esposa tem mais probabilidade de trazer as mães da Rússia para o lado de sua majestade do que muitos gestos mais grandiosos da parte da consorte do tsar. E, com o apoio delas, a imperatriz pode ir longe”.[50] Era uma esperança ambiciosa, mas que não renderia frutos; pois o fato de que a imperatriz não gerara um primogênito já era fonte de desagrado entre muitos russos.

No novo ano de 1896, para sua grande consternação, Alexandra foi obrigada a abandonar a intimidade do Palácio de Alexandre e se transferir para os apartamentos recém-reformados no Palácio de Inverno, para a temporada em São Petersburgo. Embora Ella tivesse participado do projeto dos aposentos, a desapegada e inexperiente Alexandra não apreciou o ambiente imponente e cerimonioso do palácio. Tampouco ficara mais afeita à sra. Inman. “Não estou *nem um pouco* encantada com a babá”, contou para Ernie:

> ela é boa e bondosa com a bebê, mas, como mulher, deveras antipática, e isso me incomoda terrivelmente. Seus modos não são educados, tampouco, e ela imita as pessoas quando fala sobre elas, um hábito odioso, que seria algo horrível para uma criança aprender — assaz teimosa (mas eu também sou, graças a Deus). Não prevejo o fim dos problemas e só desejaria ter uma outra.[51]

No fim de abril, Alexandra foi forçada a abrir mão da amamentação de Olga, como preparativo para uma viagem a Moscou, para a cansativa cerimônia de coroação: “isso é muito triste, pois que apreciei tanto”, confidenciou a Ernie.[52] A essa altura, a dominadora sra. Inman fora dispensada. Nicolau a julgara “insuportável” e, em 29 de abril, notou com alegria que “ficamos extasiados por finalmente nos livrarmos dela”. A maternidade claramente fez bem a Alexandra, como sua irmã Vitória de Battenberg observou quando ela chegou para a coroação, em maio de 1896. Alix, ela contou à rainha Vitória,

> parece tão bem e feliz, uma pessoa completamente diferente, e se transformou numa mulher grande e bonita, com bochechas rosadas e ombros largos, fazendo Ella parecer pequena a seu lado — ela sente dores na perna de vez em quando e tem suas dores de cabeça ocasionais — mas

nada resta da expressão triste e desanimada que costumava exibir.[53]

Quanto à pequena Olga, Vitória achou-a “magnífica, uma criaturinha de inteligência brilhante. É particularmente afeiçoada a Orchie, abrindo um sorriso sempre que a vê”.[54] Embora Orchie continuasse em evidência, na esperança cada vez menor de ter um papel, uma nova babá inglesa foi contratada temporariamente, enquanto se procurava alguém para o lugar da sra. Inman.[55] A srta. Coster era irmã da babá da grã-duquesa Xenia e chegou no dia 2 de maio. Tinha um nariz extraordinariamente comprido, e Nicolau não gostou muito de sua aparência.[56] Em todo caso, com ou sem babá, Alexandra continuava determinada a fazer as coisas a seu próprio modo, insistindo agora em que a bebê Olga “tivesse um banho de sais toda manhã, segundo meu desejo, pois quero que seja tão forte quanto possível, tendo de sustentar um corpinho assim gorducho”.[57] Após a cansativa viagem a Moscou, outra viagem importante se aproximava: uma visita à vovó, em Balmoral, onde a pequena Olga poderia finalmente ser inspecionada.

Na teoria, a visita à Escócia seria assunto inteiramente privado da família,[7] mas a logística era um pesadelo de segurança para a polícia britânica, totalmente inexperiente em lidar com o alto risco de tsares russos, alvos lendários de assassinos. A realeza russa chegava no momento em que matérias histéricas surgiam na imprensa britânica sobre uma “conspiração da dinamite” liderada por ativistas irlandeses-americanos trabalhando com niilistas russos para assassinar a rainha e também o tsar.[58] Felizmente os “conspiradores” foram presos em Glasgow e Roterdã antes da visita, e as insinuações da imprensa de um ataque contra o tsar mais tarde se provaram um equívoco, mas o susto evidenciou os temores pela segurança do casal imperial — dois dos monarcas mais cuidadosamente protegidos do mundo. Na sequência da visita, o secretário particular da rainha, Sir Arthur Bigge, tivera uma conversa firme com o tenente-general Charles Fraser, superintendente da Polícia Metropolitana, que apresentou um relatório especial esboçando a provisão de detetives, para se somar aos três homens da Okhrana de Nicolau. Dez policiais deviam patrulhar dentro e em torno do castelo de Balmoral durante toda a visita; funcionários ferroviários patrulhariam toda a rota de trem do tsar e todas as pontes e viadutos seriam supervisionados pela polícia local. O comissário assistente Robert Anderson

admitiu para Bigge que estava feliz por o tsar estar “em Balmoral, não em Londres. Eu ficaria deveras ansioso se estivesse *aqui*”.[59]

Em 22 de setembro (NE), Nicolau e Alexandra chegaram ao porto de Leith em seu iate, o *Shtandart*, no meio de um gelado aguaceiro escocês. “A visão da bebê imperial comoveu cada coração feminino na multidão, e houve uma animada exibição de lenços”, reportou o *Leeds Mercury*.[60] Fogueiras acesas de colina em colina saudaram cada estágio da viagem de trem entre Leith e Ballater, onde uma guarda de honra composta de gaitistas de foles das Terras Altas e membros dos Royal Scots Greys (dos quais Nicolau fora feito coronel honorário em seu casamento com Alexandra) receberam o casal. Mas os panos e bandeiras que decoravam a estação estavam tristemente encharcados com a chuva pesada no momento de sua chegada. Embora “repulsiva”, como registrou Nicolau em seu diário, a chuva não abalou a disposição da multidão que se juntou a fim de observar a passagem dos cinco vagões do séquito russo — um deles para uso exclusivo da grã-duquesa Olga e suas duas assistentes.[61] Ao se aproximarem de Balmoral, os sinos da igreja de Crathie badalaram e gaitas de foles foram tocadas, enquanto uma fileira de empregados do governo e habitantes das Terras Altas em *kilts* seguravam tochas acesas ao longo da estrada, sob a chuva. E ali na soleira estava a vovó, à espera deles, cercada por vários membros de sua família estendida.

Todos em Balmoral ficaram encantados com a rechonchuda e alegre Olga, de dez meses, inclusive sua bisavó coruja. “A bebê é magnífica”, disse ela a sua filha mais velha, Vicky, em Berlim; considerando tudo, era “uma neta adorável, cheia de vida”.[62] “Oh, é a coisinha mais encantadora que já se viu”, escreveu a dama de companhia da rainha, Lady Lytton, “um rosto muito largo, bem gorducha, em um adorável gorro de bebê alto, ao estilo de Sir Joshua — mas com olhos inteligentes e brilhantes, uma boca delicada e muito alegre — feliz o dia todo”. Lady Lytton achou Olga “já uma adulta — desabrochando de vivacidade e alegria e com um conhecimento perfeito de como se portar”.[63] A imprensa britânica comentou “o orgulho e júbilo de ter uma filha pequena para trazer consigo” que Alexandra sentia, “algo que chegava quase a dar pena de testemunhar”.[64] “A pequena grã-duquesa se acostuma muito graciosamente ao seu novo ambiente”, noticiou o *Yorkshire Herald*, “e dizem que, no momento em que viu sua bisavó, deixou a augusta dama completamente deliciada ao adotá-la como sua principal e mais aquiescente escrava”.[65] A rainha Vitória ficou tão apaixonada que até foi ver Olga tomar seu banho, assim como fizeram outros membros da família real, todos os quais admiraram uma imperatriz russa feliz e informal apreciando o prazer de sua filha — tão absolutamente em contraste com suas maneiras em geral rígidas e altivas.

Nesse meio-tempo, Nicolau enfrentava uma terrível provação, sofrendo de nevralgia e inchaço no rosto — provocados pela raiz apodrecida de um dente (ele tinha medo de dentista). Ele se queixou durante a visita de que via Alix ainda menos do que em casa, pois seu tio Bertie insistia em arrastá-lo para caçar tetrazes e veados o dia todo, sob frio, vento e chuva. “Estou completamente exausto de subir colinas e ficar à espreita por uma eternidade [...] dentro de montículos de terra”, escreveu em seu diário.[66]

Durante a estada deles, Olga ensaiara os primeiros passos, e seu priminho de dois anos, David — filho do duque de York e futuro Eduardo VIII —, estava encantado por ela, indo vê-la diariamente e oferecendo a mão encorajadora; assim, quando chegou a hora de a família partir, Olga já conseguia cambalear pela sala de visitas segurando a mão dele. A rainha Vitória observou as crianças juntas com marcado interesse. Era uma dupla adorável: “La Belle Alliance”, teria dito para Nicolau em sinal de aprovação. A imaginação da imprensa britânica não demorou a correr desenfreada, com alegações até de um noivado informal.[67]

Em um dos dias mais agradáveis da visita, a primeira e única filmagem de Nicolau e Alexandra com a rainha Vitória foi feita no pátio em Balmoral por William Downey, o fotógrafo real. Antes de ir embora, o casal plantou uma árvore para celebrar sua visita. Alexandra gostara de voltar à Escócia e ficou triste ao partir: “Foi uma estada tão curta e me despeço da querida e bondosa vovó com o coração pesado”, disse à sua velha governanta, Madge Jackson. “Quem poderá dizer quando voltaremos a nos encontrar, e onde?”[68]

Em 3 de outubro (NE), a família imperial tomou o trem rumo ao sul para Portsmouth, onde subiram a bordo do *Polyarnaya zvezda* para uma visita oficial de cinco dias à França. De Cherbourg a Paris, foram saudados por uma imensa multidão que tomou as ruas, e chegaram à capital para uma recepção grandiosa oferecida pelo presidente Faure no Palácio do Eliseu. Os franceses ficaram fascinados por monarcas tão distintos levarem a bebê consigo em viagem, em vez de deixá-la em casa. Olga era tão adaptável e tinha temperamento tão plácido que os acompanhou sem problema, ficando no colo de sua babá, em um landau aberto. Sua presença sorridente, com a babá ajudando-a a acenar para a multidão e mandar beijinhos, tornou-a querida de todos. “Nossa filha causou ótima impressão por toda parte”, disse Nicolau a sua mãe. A primeira coisa que o presidente Faure perguntava a Alexandra todo dia era sobre a saúde de *la petite*

duchesse. Em todos os lugares a que ia, a pequena Olga era saudada com gritos de "*Vive la bébé*"; alguns chegavam a chamá-la de *La tsarinette*.[69] Uma polca foi especialmente composta "Pour la Grande Duchesse Olga" e todo tipo de suvenires e porcelana comemorativa estavam à venda, exibindo tanto sua foto como a de seus pais. Ao fim da viagem de Nicolau e Alexandra pelo estrangeiro, a pequena grã-duquesa russa era uma das crianças reais mais faladas do mundo. Era, sem dúvida, a mais rica, alegando-se que 1 milhão de libras (algo como 59 milhões de libras atuais) fora investido em seu nome em apólices britânicas, francesas e outras quando nasceu.[70] Nicolau certamente investira dinheiro em sua filha, assim como faria com todas as demais, mas seria muito menos do que as quantias absurdas sugeridas, e era, com efeito, dinheiro legado por Alexandre III na herança.[71] Não obstante, os rumores de uma riqueza digna de Creso se acumulando em torno da criança levaram a ideias fantasiosas, publicadas na imprensa americana, de que a pequena Olga dormia em um berço de madrepérola e suas fraldas eram presas com alfinetes de ouro cravejados de pérolas.[72]

Após uma visita privada de dezenove dias a Ernie e sua família em Darmstadt, em outubro, Nicolau e Alexandra voltaram à Rússia por terra, no trem imperial, e imediatamente se retiraram para sua vida tranquila em Tsárskoe Seló, onde comemoraram o primeiro aniversário de Olga, em novembro. Alexandra estava a essa altura grávida outra vez, e sua segunda gravidez se provou difícil. Em dezembro, sofria com uma forte dor no lado do corpo e nas costas, e houve temores de um aborto.[73] Ott e Günst foram chamados e confinaram Alexandra à cama; as notícias foram completamente vetadas e já se iniciara o ano seguinte, 1897, antes que contassem a novidade até mesmo para membros da família imperial.

Após longas e esgotantes sete semanas de repouso na cama, Alexandra finalmente teve permissão de sair ao ar livre em uma cadeira de rodas. Ela não lamentava ter perdido a temporada de inverno em Petersburgo, mas em termos de relações públicas isso era um desastre. Sua ausência do escrutínio público e os rumores de uma persistente saúde debilitada haviam conseguido corroer ainda mais o pouco de aprovação de que gozava na Rússia. A superstição e os boatos começaram a ganhar corpo e persistiram a partir daí, girando em torno da vontade desesperada da tsarina de ter um menino. Uma história que passou a circular foi a de que "quatro freiras cegas de Kiev" haviam sido trazidas a Tsárskoe Seló por sugestão da princesa montenegrina Militza (esposa do grão-duque Piotr Nikoláevitch), que era uma adepta da cura pela fé e do ocultismo. Essas mulheres, dizia-se, haviam trazido consigo "quatro velas especialmente benzidas e quatro frascos d'água de um poço em Belém". Depois de acender as

velas nos quatro cantos da cama de Alexandra e aspergi-la com a água de Belém, asseguraram-lhe que teria um menino.[74] Outra história sugeria que um aleijado deformado e meio cego chamado Mítia Kolyaba, supostamente dotado de poderes proféticos que só se manifestavam durante seus violentos ataques epilépticos, também fora trazido para operar um milagre na imperatriz. Ao ser levado a sua presença, ele não dissera nada, mas profetizara mais tarde o nascimento de um menino, e o casal imperial, agradecido, lhe enviou presentes.[75] Mas nada era capaz de aliviar a ansiedade cada vez maior de Alexandra ou a pressão sob a qual se achava, ainda mais acentuada quando sua irmã Irene, casada com o príncipe Henrique da Prússia, deu à luz o segundo filho em novembro e sua cunhada Xenia ganhou o segundo bebê — um menino — em janeiro.

Embora estivesse bem outra vez, Alexandra não era capaz de enfrentar a retomada dos deveres públicos, mesmo numa cadeira de rodas — sua ciática estava agravada pelos desconfortos da gravidez. “Já começo a ganhar uma aparência bem agradável e receio aparentar metade da minha altura diante do imperador da Áustria após a Páscoa”, contou a Ernie, “só consigo caminhar por meia hora, mais que isso me deixa demasiado cansada, e permanecer de pé me é impossível.”[76] Ela suportou a dor com resignação característica, pois “que felicidade pode ser maior do que viver para uma pequena criatura que será um presente ao adorado marido”. Quanto a Olga, “a bebê está crescendo e tenta falar, o ar delicioso a deixa com lindas bochechas rosadas. É um raio de sol brilhante, sempre alegre e sorridente”.[77]

No fim de maio, Nicolau e Alexandra foram a Peterhof esperar a chegada da segunda criança, que nasceu em 29 de maio de 1897, mais uma vez sob os cuidados de Ott e Günst. O parto foi menos prolongado dessa vez, e o bebê também era menor, com 3,9 quilos, embora o fórceps tivesse novamente sido necessário.[78] Mas era outra menina. Chamaram-na de Tatiana. Era de uma beleza excepcional, com cabelo negro cacheado e olhos grandes, e feita à imagem da mãe.

Diz-se que, ao voltar a si do clorofórmio ministrado durante o parto e ver as expressões dos “rostos ansiosos e preocupados” em torno de si, Alexandra “explodiu numa crise histérica”. “Meu Deus, uma menina outra vez”, ouviram-na gritar. “O que a nação vai dizer, o que a nação vai dizer?”[79]

5 O equivalente russo a obstetra efetivo.

6 Título da principal dama de companhia em uma corte. (N. T.)

7 Embora Nicolau aproveitasse a visita para ter diversas conversas políticas importantes e extensas com o

primeiro-ministro britânico, lorde Salisbury.

Capítulo Três

MEU DEUS! QUE DECEPÇÃO!...
A QUARTA MENINA!



A 10 de junho de 1897 (NE), a rainha Vitória enviou um bilhete acerbo para sua filha, a princesa Beatrice: “Alicky teve uma segunda filha, o que eu já absolutamente esperava”.[1] Embora a rainha talvez tivesse sido dotada da arte da profecia, Nicolau acolheu a chegada da segunda filha com tranquila equanimidade. Foi, escreveu, “o segundo dia luminoso e feliz em nossa vida familiar [...]. Deus nos abençoou com uma filhinha — Tatiana”. Sua irmã Xenia os visitou logo depois: “Fui ver Alix, que estava cuidando da bebê. Sua aparência é maravilhosa. A pequenina é um encanto e ela e a mãe são muito parecidas! Tem uma boca minúscula, tão linda”.[2]

Mas entre o restante da família imperial russa prevaleceu uma sensação de tristeza; “todo mundo ficou muito decepcionado, já que vinham esperando um menino”, admitiu o grão-duque Konstantin. Do Cáucaso, onde estava tratando da tuberculose, o irmão de Nicolau, Gueórgui, telegrafou para dizer ter ficado decepcionado por não ter um sobrinho para aliviá-lo de seus deveres como tsarévitch: “Eu já me preparava para a aposentadoria, mas não era para ser”.[3]

“As alegrias do tsar aumentaram, mas dificilmente de modo satisfatório”, observou um jornal britânico comentando a novidade. “A tsarina presenteou ontem sua majestade imperial com uma segunda filha, o que, para um monarca orando por um filho e herdeiro, não é reconfortante. Não admira que os membros da corte talvez estejam abanando a cabeça, e que as esperanças dos grão-duques estejam aumentando.”[4] Embora Nicolau não desse mostras de

decepção em público, dias mais tarde o *Boston Daily Globe* relatou que o tsar estava “aceitando muito mal que lhe fora mais uma vez negado um herdeiro”, e afirmava — de maneira absolutamente incorreta — que estava “afundado na melancolia”. Entrementes, alegou-se que a ambiciosa Maria Pávlovna, esposa do grão-duque Vladímir — e por sua vez mãe de três meninos —, “consultara uma cigana e leitora da sorte, que previra que um de seus filhos sentaria no trono da Rússia”.[5]

Não é de admirar que Nicolau e Alexandra mantivessem distância dessas fofocas insidiosas e ficassem bem escondidos em Tsárskoe Seló. Alexandra estava exausta, embora tenha se recuperado dessa gravidez mais rapidamente do que da primeira. Agora que tinha duas filhas para cuidar, o centro da vida familiar no Palácio de Alexandre cada vez mais passou a ser seu *boudoir* malva, projetado por Meltzer, o quarto onde ela passava a maior parte do dia. Ali, com a família crescendo, Alexandra acumulou uma mistura eclética de objetos sentimentais e, à parte a ocasional redecoração, nada no ambiente seria alterado nos 21 anos que se seguiram.

Duas janelas altas davam para o leste, com vista para o Parque de Alexandre e os lagos ao fundo. Dentro, perto das janelas, havia um grande suporte de madeira coberto de vasos com flores recém-colhidas, muito cheirosas — em particular o lilás adorado por Alexandra. Além disso, havia rosas, orquídeas, frésias e lírios-do-vale — muitas dessas plantas especialmente cultivadas para Alexandra na estufa do palácio —, bem como samambaias, palmeiras e aspidistras, e outras flores em abundância, enchendo vasos de Sèvres e outras porcelanas ao redor do ambiente. A mobília simples pintada de branco, os painéis de madeira creme, o revestimento das paredes e as cortinas drapejadas feitas de seda opalescente cinza e malva foram todos escolhidos a dedo para combinar com os matizes lilases do divã estofado de Alexandra, com suas almofadas de renda, que era usado para cochilos diurnos. Esse divã ficava escondido atrás de um biombo de madeira, para ser protegido das correntes de ar. Mais para dentro do cômodo havia um piano de armário branco e uma escrivaninha, e a biblioteca pessoal com os livros favoritos da tsarina. Mas sempre, também, um cesto de brinquedos e jogos para crianças estava à mão, pois era em torno delas que a família normalmente gravitaria ao fim do dia.[6]

Em agosto de 1897, numa visita recíproca à Rússia para fomentar a aliança franco-russa, o presidente Faure ficou ansioso por se encontrar com “La Grande Duchesse Olga” mais uma vez. Ele se deliciou embalando-a no joelho — por muito mais tempo, se disse, do que o “combinado pelo protocolo” — e também segurou a bebê Tatiana nos braços.[7] O presidente trouxe consigo um presente caro, um baú de couro marroquino gravado com as iniciais e o brasão de Olga,

contendo três lindas bonecas francesas.[8] Uma delas com "enxoval completo: vestidos, lingerie, chapéus, pantufas, todo o equipamento de uma penteadeira, tudo reproduzido com arte e fidelidade notáveis".[9] Ela vestia macia seda azul, decorada com detalhes de uma delicadíssima renda de Valenciennes, e quando um botão era pressionado em seu peito, sua boquinha de lábios vermelhos abria e dizia "*Bonjour ma chère, petite mama! As-tu bien dormi cette nuit?*".[10]

O presidente Faure não foi a única pessoa a cair de amores pelas duas pequenas irmãs: todos as achavam as crianças mais doces e cativantes. "Nossas filhinhas estão crescendo e se transformando em garotinhas deliciosamente alegres", disse Nicolau à mãe em novembro. "Olga fala igualmente em russo e inglês e adora a irmãzinha. Achamos Tatiana, compreensivelmente, uma criança muito linda, seus olhos ficaram escuros e grandes. Está *sempre* feliz e chora apenas uma vez por dia, infalivelmente, após o banho, quando lhe dão de comer."[11] Muitos já começavam a notar os modos precoces e amistosos de Olga, entre eles a princesa Maria Bariátinskaia, que foi convidada a visitar Tsárskoe Seló para conhecer a tsarina por sua sobrinha e homônima, que era dama de companhia:

> Ela estava com a pequena Olga a seu lado, que, ao me ver, disse "O que você é?", em inglês, e eu disse "Sou a princesa Bariátinski!". "Oh, mas não pode ser", respondeu, "já temos uma!" A pequena dama me encarou com ar de grande perplexidade, então, chegando perto de sua mãe, ajustou os sapatos, que como pude perceber eram novos. "Sapatos novos", disse ela. "Você gosta?" — isso em inglês.[12]

Todos comentavam sobre os modos relaxados de Alexandra na privacidade do lar com suas filhas, mas em novembro ela começou a sentir muito enjoo outra vez, não conseguia comer e estava perdendo peso. Maria Feódorovna aprestou-se a oferecer seu aconselhamento médico caseiro:

> Ela deve tentar comer presunto cru na cama de manhã, antes do café. Isso ajuda muito contra náusea [...]. Deve comer alguma coisa para não perder as forças, e comer em pequenas quantidades, mas com frequência, digamos hora sim, hora não, até seu apetite voltar. É nosso dever, caro Nicky, zelar por ela e cuidar dela de todas as formas possíveis, ajudá-la a manter os pés sempre quentes e acima de tudo não deixar que saia para o jardim de

> sapatos. Isso faz muito mal para ela.[13]

Se outro bebê estava a caminho, nada foi dito, e a gravidez não progrediu. Uma prima inglesa de Alexandra, Thora (filha de sua tia, a princesa Helena), fazia uma visita de quatro meses à Rússia nessa época e não fez menção a isso.[14] Thora descreveu o segundo aniversário de Olga em novembro numa carta para a rainha Vitória: "houve um breve serviço pela manhã [...]. Alix levou a pequena Olga com ela, pois durou apenas dez minutos ou um quarto de hora, e ela se comportou lindamente, apreciou os cantos e tentou participar, o que quase nos levou a rir".[15] Mais tarde nesse dia, compareceram à inauguração de um orfanato para 180 crianças de seis a quinze anos, criado para comemorar o nascimento de Olga, sua manutenção custeada pessoalmente por Alexandra.[16] A vida em Tsárskoe Seló era, como Thora contou à avó, modesta e familiar:

> Levamos uma vida muito tranquila aqui e mal se pode perceber que são um imperador e uma imperatriz, pelo modo como há, aqui no campo, uma absoluta inexistência do Estado. Nenhum cavalheiro mora na casa e a única dama de serviço faz suas refeições no próprio quarto, de modo que não se vê sinal do séquito a menos que as pessoas venham ou haja alguma solenidade.[17]

O isolamento autoimposto de sua neta claramente preocupava a rainha Vitória (que passara pelo próprio período turbulento de distância do escrutínio público na década de 1860). Vitória exigiu mais detalhes de Thora, que respondeu: "Quanto ao que diz sobre Alix e Nicky verem tão poucas pessoas [...] acho que ela sabe muito bem como é importante que venha a conhecer mais da sociedade, mas a verdade é que ela e Nicky são tão absolutamente felizes juntos que não gostam de abrir mão de suas noites para receber pessoas".[18]

Ninguém viu o menor sinal de Alexandra naquele inverno — nem mesmo em São Petersburgo, e nada foi noticiado aos leitores de jornal ansiosos por saber algo sobre a vida doméstica dos monarcas. "Foi quase um pequeno segredo de Estado saber se punham açúcar no chá ou se comiam seu bife com mostarda", observou a escritora anglo-russa Edith Alemdingen.[19] Em todo caso, Alexandra parecia permanentemente doente ou grávida — ou as duas coisas. Em fevereiro de 1898, foi acometida de sarampo — que pegou numa visita a uma das escolas de caridade que mantinha — e sofreu complicações severas nos brônquios.[20] A

temporada de São Petersburgo havia terminado quando se recuperou, e muitos de seus parentes da realeza começavam a ficar preocupados. Quando a duquesa de Saxe-Coburgo visitou a Rússia, em agosto daquele ano, optou por ficar em São Petersburgo em vez de se sujeitar ao tédio doméstico do Palácio de Alexandre. “Ao que parece, Nicky e Alix se fecham mais do que nunca e jamais encontram quem quer que seja”, disse a sua filha, acrescentando que “Alix não é nem um pouco popular”.[21] Alexandra, de sua parte, pouco se importava. Em 21 de setembro, quando Nicolau inesperadamente teve de ir a Copenhague com a mãe para o enterro da rainha da Dinamarca, ela ficou muito nervosa: “Não consigo pensar no que vai ser de mim sem você — você que é tudo para mim, que constitui toda a minha vida”, as palavras estranhamente parecidas com as de sua avó, sempre que se separava do príncipe Alberto. Tudo que Alexandra queria era que ela e Nicky levassem uma “tranquila vida de amor”; além do mais, achava que talvez estivesse grávida outra vez. “Se ao menos eu soubesse se há ou não algo começando comigo”, escreveu para Nicky quando ele partiu. “Deus permita que assim seja, anseio tanto por isso, assim como meu Huzy também, creio.”[22]

Alexandra passou a ausência de Nicolau em Livádia, na Crimeia, onde ele foi reencontrá-la em 9 de outubro, mas já passara o fim do mês antes que a mãe dele recebesse a notícia: “Estou agora em posição de lhe contar, querida mamãe, que, com a ajuda de Deus, esperamos um novo e feliz evento em maio próximo”. Mas acrescentou:

> Ela pede que a senhora ainda não conte sobre isso, embora eu ache que é uma precaução desnecessária, pois tais notícias sempre se espalham muito rápido. Sem dúvida, todo mundo já está adivinhando, pois ambos paramos de almoçar e jantar na sala comum e Alix não passeia mais de carruagem, por duas vezes desmaiou durante a missa — todos notam tudo isso, é claro.[23]

Privadamente, Alexandra estava apreensiva não só com o sexo do futuro bebê, como também com o sofrimento físico que estava por vir: “Detesto fazer planos”, contou à avó na Inglaterra. “Deus sabe como isso tudo vai terminar.”[24] Ataques de vertigem e náusea severa forçaram-na a passar grande parte da terceira gravidez deitada, ou sentada no balcão do palácio em Livádia. A devoção do marido era exemplar; ele a empurrava em sua *bath chair* e lia diariamente para ela, por horas: primeiro *Guerra e paz* e depois uma biografia de

Alexandre I. Eles ficaram em Livádia até 16 de dezembro. Até então se virando apenas com uma babá temporária, Alexandra decidira encontrar uma permanente. A dama de companhia de sua prima Thora, Emily Loch, tinha bons contatos na Inglaterra e sabia a quem perguntar, e em dezembro escreveu para Alexandra indicando uma certa srta. Margaretta Eagar. A protestante irlandesa de 36 anos vinha recomendada por suas boas habilidades domésticas como cozinheira, dona de casa e costureira, bem como considerável experiência em cuidar de crianças. Recebera treinamento de enfermeira em Belfast e trabalhara como supervisora em um orfanato de meninas na Irlanda, e era a irmã mais velha de uma amiga de Emily Loch. Emily enviou um relatório pessoal sobre a srta. Eagar para Alexandra, enfatizando que era direta e pouco sofisticada, sem interesse algum em intrigas da corte. Quando consultada sobre o cargo, Margaretta hesitara, no início, receando a responsabilidade de cuidar de um bebê recém-nascido, além de duas crianças pequenas. Mas, por vir de uma casa com dez filhos — sendo sete mulheres —, tinha muita experiência em cuidar de irmãs menores e passou por algum treinamento com bebês antes de viajar para a Rússia.[25] Sua vida ali seria, contudo, extremamente protegida. Ela não teria oportunidade de partilhar suas experiências com outras babás e governantas inglesas, das quais havia muitas em São Petersburgo. Quaisquer excursões com as crianças, e até mesmo sozinha, seriam estritamente monitoradas pela polícia de segurança do tsar, permitindo-lhe pouca ou nenhuma oportunidade de ver alguma coisa da "terra do tsar" além dos limites das residências imperiais.[26]

Em 2 de fevereiro de 1899, Margaretta Eagar chegou ao Palácio de Inverno vindo de trem de Berlim. Depois de descansar, foi levada por Alexandra para conhecer as novas crianças ao seu encargo. Era a festa da Purificação da Virgem, e Olga e Tatiana se trajavam primorosamente "em vestidos de musselina branca transparente com detalhes em renda de Bruxelas e, por baixo, anáguas de cetim azul-claro. Cintas azul-claras e fitas no ombro completavam sua indumentária". "Inúmeras amas e camareiras russas iriam, sem dúvida, auxiliar Margaretta em suas incumbências, inclusive a babá treinada Maria Vichniakova, que fora contratada em maio de 1897. A grã-duquesa Maria Pávlovna[8] recordou como a equipe de amas-secas em Tsárskoe Seló usava uniformes, "todas de branco, com pequenos chapéus de tule branco. Com a seguinte exceção: duas amas russas eram camponesas e usavam os magníficos trajes camponeses típicos".[27] Maria e seu irmão Dmítri (filhos do grão-duque Pável Aleksándrovitch), que eram alguns anos mais velhos do que Olga e Tatiana, estavam entre os primeiros companheiros de brinquedos que as garotas tiveram dentro da família Romanov. Maria lembrou como era agradável o ambiente nos apartamentos das meninas: "Os quartos, iluminados e espaçosos, eram enfeitados com cretone florido e

inteiramente mobiliados com madeira clara e polida", o que ela achou "luxuoso, ainda que plácido e confortável". Depois de brincar no andar de cima, as crianças faziam uma ceia mais cedo nos aposentos infantis e em seguida eram levadas ao andar de baixo para ver Nicolau e Alexandra, que as recebiam aos beijos, "e a imperatriz pegava sua filha mais nova dos braços da babá, ficando com a bebê ao seu lado no divã". As crianças mais velhas sentavam e viam álbuns de fotografias, "dos quais havia pelo menos um em cada mesa". Tudo era extremamente relaxado; Nicolau ficava sentado, abrindo e lendo seus despachos lacrados, enquanto Alexandra servia copos de chá.[28]

Embora a atitude de Alexandra em relação à vida familiar fosse atipicamente informal para uma imperatriz, ela estava decerto feliz pela presença da srta. Eagar, pois em março de 1899 sua gravidez se mostrava extremamente desconfortável. O bebê ficava numa posição incômoda que agravava sua ciática; mais uma vez ela passava a maior parte da gravidez numa *bath chair*.[29] Em 9 de maio, a família partiu de Tsárskoe Seló e foi para Peterhof, para aguardar a vinda do novo membro da família, que chegou misericordiosamente rápido e sem percalços. Às 12h10 do dia 14 de junho de 1899, nascia outra robusta menina, pesando 4,5 quilos. Chamaram-na Maria, em homenagem à avó, e Alexandra em pouco tempo a amamentava alegremente.

Nicolau não manifestou nenhum sinal óbvio de desânimo, seu fatalismo religioso, sem dúvida, desempenhando um papel em sua reação impassível. Não obstante, foi observado que logo depois que a bebê nasceu "ele saiu numa longa e solitária caminhada". Voltou "exteriormente tão sereno quanto sempre" e anotou em seu diário que esse fora mais um "dia venturoso". "O Senhor nos mandou uma terceira filha." Que a vontade de Deus seja feita; ele estava resignado.[30] O grão-duque Konstantin, entretanto, mais uma vez expressou o que Nicolau provavelmente lá no fundo sentia: "E, portanto, nada de herdeiro. A Rússia toda ficará desapontada com a notícia".[31]

"Sou tão grata pela querida Alicky ter se recuperado tão bem", escreveu a rainha Vitória ao receber o telegrama, mas não foi capaz de omitir o grave problema dinástico que isso acarretava: "Pelo país, lastimo a terceira filha. Sei que um herdeiro seria mais bem-vindo do que uma filha".[32] "Pobre Alix [...] teve outra filha, e parece que ficou tão doente o tempo todo com isso, pobrezinha", escreveu a princesa herdeira Maria da Romênia para sua mãe, a duquesa de Saxe-Coburgo. "Agora suponho que terá de começar tudo outra vez e então novamente vai se confinar e isso deixará todo mundo descontente."[33]

Quando a imprensa europeia recebeu a notícia da chegada de mais uma filha, deitou e rolou. A conversa em São Petersburgo, alegou o *Lloyds Weekly Newspaper*, é

> de que o nascimento de uma terceira filha do tsar é encarado como um evento de grande importância política. Por mais absurdo que possa soar, há um forte grupo ali que esperava apenas por esse evento para retomar suas perniciosas intrigas contra a tsarina, odiada em sua condição de princesa de sangue anglo-germânico. É de esperar que aumente a influência da imperatriz viúva, cujas relações com a nora são, como se sabe, tudo menos cordiais.[34]

Outro jornal publicou uma alegação ainda mais alarmante: "sabe-se que a imperatriz viúva, que evidentemente é supersticiosa, ao chegar a Peterhof, foi ao encontro do tsar com palavras acusatórias: 'Seis filhas foram-me vaticinadas: até o momento, metade da profecia foi cumprida'".[35] Na Rússia, o nascimento de uma terceira filha certamente fomentou a crença supersticiosa disseminada de que a chegada de Alexandra ao país — nos últimos dias de Alexandre III — fora um mau agouro para o casamento: "O nascimento de três filhas em sucessão, com o império ainda carecendo de um herdeiro, foi visto como uma prova de que os presságios haviam sido bem fundamentados".[36] No batizado de Maria, uma quinzena mais tarde, Margaretta Eagar percebeu com clareza a que ponto o alastrar da superstição era algo que se manifestava sob a superfície da ortodoxia oficial. Depois de a bebê ter sido mergulhada na pia batismal por três vezes, "o cabelo foi cortado em quatro lugares, na forma de uma cruz. O cabelo cortado foi enrolado em cera e jogado dentro da pia". Explicaram a Eagar que "segundo a superstição russa, o futuro auspicioso ou funesto da vida da criança depende de o cabelo afundar ou flutuar". Ela ficou feliz em notar: "O cabelo da pequena Maria se comportou da forma ortodoxa e todo ele afundou de uma vez, portanto não há necessidade alguma de alarme relativo ao seu futuro".[37]

Nicolau se portou bravamente e mandou um bilhete para a esposa: "Não ouso me queixar nem um pouco, conhecendo *tamanha felicidade* no mundo, tendo um tesouro como você, minha adorada Alix, e agora meus três querubins. Do fundo do coração, agradeço a Deus por todas as suas bênçãos em me trazer você. Ele me deu o paraíso e tornou minha vida tranquila e feliz".[38] Tal profundidade de sentimento não condizia com a alegação confiante do correspondente parisiense do *Times* de que o tsar estava "exausto de governar". Nicolau, aparentemente, ficou tão abatido com o nascimento de mais uma filha que havia se declarado "decepcionado e cansado do trono" e prestes a abdicar. "A ausência de um herdeiro desperta seus sentimentos supersticiosos", explicava o correspondente em seguida, "e ele faz uma conexão entre si mesmo e a lenda russa segundo a qual um tsar sem herdeiro será sucedido por um tsar Miguel, predestinado a

ocupar Constantinopla.”[39]

Como se veria, Margaretta Eagar lidou alegremente com a chegada da nova bebê. Ela achava as crianças encantadoras, em particular a precocemente inteligente e engraçada Olga. As duas meninas mais velhas eram crianças bonitas e Tatiana tinha um tipo de beleza delicada, especial. Mas foi a nova bebê que cativou o coração de Margaretta: Maria “nasceu boa, penso com frequência, com o menor vestígio possível do pecado original”.[40] E quem poderia resistir a ela? Era “linda de verdade, muito grande, com enormes olhos azuis”, segundo a duquesa de Saxe-Coburgo; um cavalheiro na corte foi além, observando que a pequena Maria “tinha o rosto de um dos anjos de Botticelli”.[41]

Em 1900 as três irmãzinhas Romanov atraíam considerável atenção no exterior, muito se discutindo sobre quem era a mais bela, inteligente e encantadora. “A flor do rebanho, no que respeita à aparência [...] é a grã-duquesa Tatiana”, foi a opinião de uma revista inglesa, *Woman at Home*. “Ela é a verdadeira beleza, com apaixonantes olhos escuros e uma boquinha anelante. Mas a grã-duquesa Olga, a mais velha, é uma criança assaz entusiasmada, jovial, todo mundo a adora.” O autor do artigo se perguntava, como outros haviam feito desde a visita a Balmoral, “se não estará destinada a ser nossa futura rainha consorte!”.[42]

Embora Alexandra tivesse equipe de sobra a sua disposição, continuava a passar tanto tempo nos aposentos infantis que “começaram a dizer na corte que a imperatriz não era uma tsarina, mas apenas mãe”. Mesmo ao lidar com assuntos oficiais cotidianos no quarto malva, era comum que balançasse uma criança em um joelho ou acalentasse outra no berço, “enquanto com a outra mão assinava documentos oficiais”. Ela e Nicolau raramente eram vistos, mesmo por membros do próprio séquito. Quando suas damas conseguiam de fato ter uma palavrinha a sós com a imperatriz, havia apenas dois temas de conversa — Nicky e as crianças. Como recordou a princesa Bariátinskaia, era apenas quando falava sobre como achava tão “profundamente interessante [...] observar o desenvolvimento gradual de uma criança, passo a passo” que a pesarosa timidez de Alexandra era “ao menos uma vez absorvida por um genuíno prazer momentâneo”.[43]

Maria Feódorovna desaprovava fortemente tamanhos cuidados maternais por parte da nora. Uma imperatriz devia ficar visível, realizando seus deveres cerimoniais, mas Alexandra teimosamente se recusava a oferecer a si mesma ou

suas filhas ao escrutínio público, embora desejasse sinceramente desempenhar um papel ativo na obra filantrópica, como fizera sua mãe, Alice. Seus projetos sociais incluíam a fundação de asilos para os pobres, creches para mães que trabalhavam, uma escola para treinamento de amas-secas em Tsárskoe Seló e outra para empregadas domésticas. Tendo uma preocupação particular acerca da alta taxa de mortalidade infantil e do bem-estar de mulheres durante a gravidez, também se dedicou a organizar parteiras para áreas rurais.[44] As revistas ilustradas, porém, criaram a figura fantasiosa da "mulher feminina, que vive numa mansão isolada e cuida das próprias filhas". A tsarina merecia ser louvada, foram assim informadas as leitoras da *Young Woman*, por ser "algo mais que uma figura decorativa. Ainda que não tivesse feito mais nada, ela amamentou o próprio bebê, e uma imperatriz amamentando um bebê é uma visão digna de se ver".[45]

Os primeiros indícios de uma possível crise na sucessão russa vieram em agosto de 1899, quando o irmão de Nicolau, o tsarévitch, grão-duque Gueórgui, morreu subitamente em Abbas Tuman, no Cáucaso. Uma proclamação foi feita logo em seguida, declarando que o próximo na linha de sucessão ao trono era agora o irmão mais novo de Nicolau, o grão-duque Mikhail, mas ele foi apenas nomeado herdeiro, e não recebeu o título formal de tsarévitch, na expectativa de que Nicolau em breve teria um filho. Rumores na Rússia sustentavam que isso era um gesto supersticioso por parte do casal, receando que fazer de Mikhail tsarévitch pudesse de algum modo lhes trazer má sorte e "impedir o aparecimento no mundo de [seu] menino".[46]

Fica claro, sem dúvida, que, após a morte do grão-duque Gueórgui, o nível de preocupação aumentou, pela primeira vez despertando medos reais de que a tsarina talvez nunca tivesse um filho. Após o nascimento de Maria, cartas com conselhos começaram a chegar — de Inglaterra, França, Bélgica e, ainda mais longe, Estados Unidos, América Latina e Japão —, oferecendo o segredo para ganhar um menino. Muitos correspondentes solicitavam milhares de dólares do casal imperial em troca de divulgar suas panaceias miraculosas. A maior parte das teorias oferecidas eram, na verdade, variações daquelas tão comentadas desde a publicação, em 1896, do livro *A determinação do sexo*, do embriologista austríaco dr. Leopold Schenk. Tendo sido pai de oito meninos, seis dos quais sobreviveram, Schenk considerava isso uma prova de que seu método funcionava. Em outubro de 1898, quando Alexandra estava tentando engravidar

pela terceira vez, ela aparentemente instruíra um de seus médicos em Ialta “a estudar toda a teoria do dr. Schenk e se comunicar com ele”; ela havia posteriormente “vivido exatamente de acordo com os preceitos do dr. Schenk”, supervisionados em São Petersburgo e Peterhof por esse médico de Ialta. A história veio a público pela primeira vez num artigo sobre o dr. Schenk na imprensa americana, em dezembro de 1898, que informava que ele estava, “no presente momento, com um assistente, trabalhando na corte russa, onde o tsar de todas as Rússias anseia por um herdeiro”. O artigo alegava não ser “segredo nenhum na Rússia que a tsarina [...] se submeteu ao tratamento do dr. Schenk e está disposta a aguardar o resultado”.[47]

Numa época em que a genética da concepção ainda não era compreendida, as teorias de Schenk haviam sido repudiadas por muitos médicos contemporâneos, mas ele permaneceu firme em suas convicções, defendendo que o sexo da criança dependia de qual ovário ovulara: um óvulo imaturo, liberado logo após a menstruação, produziria crianças do sexo feminino, e um óvulo maduro, meninos. Schenk acreditava também que a nutrição desempenhava um papel fundamental no desenvolvimento das características sexuais, e seu aconselhamento era focado na alimentação da mãe até o momento da concepção e durante a gravidez. Uma mulher que quisesse um filho, argumentava ele, devia comer mais carne, a fim de aumentar o nível de corpúsculos no sangue (quem sabe Maria Feódorovna também tenha lido o livro do dr. Schenk?), havendo mais deles no homem do que na mulher. Outro conselho não solicitado foi oferecido dentro da Rússia, baseado numa prática mais supersticiosa.[9] “Peça a sua esposa, a imperatriz, que se deite no lado esquerdo da cama”, escreveu um correspondente, instruindo que ele, Nicolau, se deitasse do lado direito — uma alusão eufemística à crença popular de que “se o marido montar na esposa pelo lado esquerdo, nascerá uma menina; se for pelo direito, um menino” (o “papai e mamãe” em russo sendo *na kone*, “em um cavalo”).[10][48]

Fosse qual fosse a eficácia dos paliativos oferecidos, em outubro de 1900, quando estavam em Livádia, Nicolau teve o prazer de informar a sua mãe que Alexandra engravidara novamente. Como nas ocasiões anteriores, ela não recebia ninguém, disse ele, “e fica ao ar livre o dia todo”.[49] O tranquilo retiro do feliz casal foi, porém, interrompido de repente ao fim daquele mês, quando Nicolau ficou gravemente enfermo com o que no início foi minimizado como um caso grave de gripe e depois diagnosticado como “um tifo abdominal peculiar à Crimeia”, embora a imprensa estrangeira de modo geral se referisse à doença como febre tifoide.[50] O episódio provocou ampla preocupação por Nicolau, numa época em que a Rússia era vista como uma importante potência internacional durante as hostilidades da Guerra dos Bôeres, na África, e da

Revolta dos Boxers, na China.

Muitos jornais se referiram à suposta saúde delicada do tsar e ao fato de que ele parecia ter sofrido de ataques de vertigem e dores de cabeça severas nos três anos precedentes.[51] A realidade era que, a despeito de ser um fumante inveterado, Nicolau de um modo geral gozava de ótima saúde e era muito ativo fisicamente. O ataque de febre tifoide, embora sério, não constituía ameaça a sua vida, mas, no total, ele ficou confinado à cama por cinco semanas, sofrendo às vezes de uma dor excruciante nas costas e nas pernas e ficando muito magro e fraco. Apesar da gravidez, Alexandra desde o início se incumbiu do exclusivo controle de seus cuidados e se provou uma enfermeira excepcionalmente capaz. À parte a leal ajuda de Maria Bariátinskaia, não permitiu que quase ninguém se aproximasse de seu precioso marido e demonstrou "uma determinação muito forte". Ela também "extraiu o máximo proveito do fato de se ver a sós com o tsar numa emergência como essa", vetando quaisquer documentos urgentes relativos a negócios de Estado e "com tato apurado [...] sabendo como manter longe do tsar tudo que pudesse ter lhe causado alguma excitação ou preocupação".[52]

Nicolau ficou lisonjeado com o cuidado excessivo da esposa: "Minha querida Alix me assistiu e cuidou de mim como a melhor de todas as irmãs da misericórdia. Não sei descrever o que ela foi para mim durante minha enfermidade. Que Deus a abençoe".[53] Nesse meio-tempo, as meninas foram tiradas do palácio, por medo de contágio, e acomodadas na casa de um membro do séquito imperial que tinha filhas. Alexandra insistiu em que fossem trazidas ao palácio todos os dias, "para um lugar onde pudesse vê-las através de uma janela, e as observava por algum tempo para se convencer de que gozavam de saúde perfeita". Fora do quarto do doente, porém, o fantasma de um trono russo sem herdeiro mais uma vez ameaçava, provocando considerável preocupação sobre o que aconteceria caso Nicolau morresse.

Em 1797, o imperador Paulo I havia regularizado a transferência de poder na Rússia ao abandonar a antiga lei de primogenitura, determinando regras claras de linha de sucessão exclusivamente masculina. Isso fora feito numa tentativa de evitar golpes palacianos como o que levara a mãe que ele odiava, Catarina, a Grande, ao poder.[54] Até agora, com tsares precedentes tendo montes de filhos, não houvera motivo para tentar mudanças nas Leis Fundamentais sobre a sucessão. Mesmo que Olga ainda não tivesse cinco anos de idade, tanto Nicolau como Alexandra não queriam que o irmão dele, o grão-duque Mikhail, de 21 anos, subisse ao trono em detrimento da filha deles ou da criança que Alexandra carregava no ventre. Ela, sem dúvida, ficou preocupada com a perspectiva; o bebê podia ser um menino, e ela insistiu em ser nomeada regente numa antecipação disso e até que seu filho chegasse à maioridade. Embora

terrivelmente doente, Nicolau foi consultado e concordou com a esposa. Seu ministro das Finanças, o conde Witte, teve uma reunião com outros ministros em Ialta; todos concordaram que não havia precedente na lei russa permitindo que uma tsarina grávida governasse na esperança de vir a gerar um filho, e ficou decidido que, se o tsar morresse, fariam um juramento de fidelidade a Mikhail como o tsar.[55] Caso o bebê de Alexandra se revelasse um menino, Witte estava confiante em que Mikhail renunciaria ao trono em favor do sobrinho.

Na sequência de sua enfermidade, Nicolau continuou atento à proteção dos interesses dinásticos de sua filha mais velha e instruiu os ministros do governo a redigir um decreto no sentido de que Olga o sucederia no trono caso ele morresse sem um filho e herdeiro.[56] O impacto desse debate sobre a sucessão foi profundo em Alexandra; psicologicamente, marcou o início de uma gradual paranoia de que o trono pudesse ser usurpado de seu filho não nascido por conspiradores nos círculos da corte, e a alienou ainda mais do restante da família Romanov, em quem ela não confiava. A uma coisa ela estava ferozmente determinada: iria defender o trono russo para seu futuro filho *a todo custo*.

Embora seus pais tivessem ficado longe dos olhares por semanas, as três irmãs Romanov foram vistas com frequência em Ialta e nos arredores nesse outono. “Nada pode ser mais lindo”, escreveu um correspondente local, “do que as três garotinhas na carruagem, tagarelando e fazendo perguntas, e se curvando quando os transeuntes tiram seus chapéus para elas”, e acrescentando, um pouco maldosamente, que “a menor das princesas é uma prova viva da ineficácia das teorias do professor Schenk”.[57] Por algum tempo, as meninas continuaram a ser o único rosto público da família imperial russa e, segundo notícias da imprensa, eram extraordinariamente pouco mimadas, graças aos princípios da tsarina de que suas filhas deviam ser “criadas sem qualquer consideração extrema ou especial por conta de sua posição elevada e do berço imperial”. Estavam sempre modestamente trajadas com “vestidos brancos baratos, meias inglesas curtas e sapatos simples e leves”; a temperatura em seus aposentos era “mantida sempre moderada” e saíam ao ar livre mesmo na época mais fria. “Toda etiqueta inútil e pesada e o luxo são proibidos.” O tsar e a tsarina muitas vezes iam ver as filhas nos aposentos infantis; mas, ainda mais estranho e contrário ao protocolo real normal, o correspondente relatou com incredulidade que “os augustos pais brincam com suas filhas como pais mortais normalmente fazem”.[58]

As duas irmãs mais velhas já estavam desenvolvendo personalidades muito nítidas e distintas. Olga era “de coração muito bom e nobre de caráter”. Falava russo e inglês fluentemente, tinha talento para música e já era uma boa pianista. Embora ela e Tatiana tivessem um pequeno jumento inglês, o tsar recentemente aquiescera ao pedido de Olga de cavalgar de lado na sela, “como fazem

mulheres adultas", após ter admirado os cossacos na Escolta do Tsar. "A encantadora Tatiana", por sua vez, era "de um temperamento alegre e jovial e sempre animada e brincalhona em seus movimentos". Ambas eram muito ligadas à irmãzinha bebê,[59] sem dúvida, mas Nicolau já notara que Maria, agora dando seus primeiros passos, "cai com frequência, porque as irmãs mais velhas a empurram, e quando não há ninguém olhando mostram bastante tendência a tratá-la bem rudemente". Foi uma satisfação para ele informar à mãe que a srta. Eagar estava fazendo um excelente trabalho: "Nos aposentos infantis, tudo corre às mil maravilhas entre a babá e as outras garotas — é um verdadeiro paraíso em comparação com o passado deprimente".[60]

Com os médicos de Nicolau insistindo em que passasse por uma convalescença prolongada na Crimeia, já era 9 de janeiro de 1901 quando a família partiu da linda e balsâmica Ialta no *Shtandart*. Em Sebastopol, onde desembarcaram para pegar o trem imperial para São Petersburgo, Nicolau e Alexandra receberam a notícia de que a rainha Vitória, cuja saúde viera se deteriorando havia algum tempo, morrera em Osborne no dia 22 de janeiro (NE). Quando regressaram a uma São Petersburgo cinza e sombria, a temporada da corte russa foi imediatamente cancelada e toda a família ficou de luto. Como Alexandra estava agora no quarto mês de gravidez, os médicos não lhe permitiram viajar à Inglaterra para o enterro. Em vez disso, ela compareceu a um serviço fúnebre para sua avó na Igreja Inglesa da capital, apoiada em Nicolau, ocasião na qual, para grande surpresa de todos, chorou abertamente. Foi a primeira e única vez que muitos viram a tsarina dar mostra de seus sentimentos em público.[61]

A perda de sua adorada avó foi um duro golpe, mas felizmente Alexandra continuou bem durante sua quarta gravidez. O grão-duque Konstantin achou que seu aspecto era "muito bonito" quando a viu em fevereiro, e, além do mais, ela estava se sentindo "maravilhosa, ao contrário das outras ocasiões". Por esse motivo, o grão-duque anotou em seu diário, "todo mundo espera ansiosamente que dessa vez seja um menino". Mas tais preocupações foram deixadas de lado em maio, quando Olga, com cinco anos, contraiu febre tifoide em Peterhof.[62] "Ela fica separada das irmãs no andar de cima, no único quarto vago [...] mas sob o telhado é muito quente", contou Alexandra a uma amiga. "Passo a maior parte do dia com ela; as escadas são cansativas na minha presente condição." Olga ficou doente por cinco semanas e empalideceu e emagreceu muito; seus longos cabelos loiros tiveram de ser cortados, porque a doença começara a fazer com que caíssem. "Ela adora minha companhia, e, enquanto eu aguentar andar, é uma alegria poder estar com ela", acrescentou Alexandra, pois "ver uma criança doente dói demais e sinto um aperto no coração — que Deus a proteja."[63] Olga

ficou tão diferente com a doença que, quando Tatiana foi levada para visitá-la, não reconheceu a irmã e chorou.

Quando madame Günst chegou a Peterhof, nos preparativos para a quarta criança, ficou preocupada de que o esforço da tsarina em cuidar de Olga pudesse provocar um parto prematuro, e chamou os médicos.[64] Mas estava tudo bem. Às três da manhã de 5 de junho, Alexandra entrou em trabalho de parto na Datcha de baixo. Foi bem rápido dessa vez; três horas mais tarde, e sem complicações, ela deu à luz uma menina enorme de 5,2 quilos. Nicolau teve pouco tempo para mostrar algum desapontamento. Tudo aconteceu muito rápido, antes que a casa estivesse acordada, proporcionando a Alexandra e ele "uma sensação de paz e isolamento".[65] Deram à nova filha o nome de Anastácia, do grego *anastasis*, que significa "ressurreição"; pelo costume ortodoxo russo, o nome estava ligado à mártir do século IV santa Anastácia, que socorrera cristãos aprisionados por sua fé e era conhecida como a "rompedora de grilhões". Em honra a isso, Nicolau ordenou uma anistia para os estudantes aprisionados em São Petersburgo e em Moscou por agitações no inverno anterior.[66] Anastácia não era um nome imperial russo tradicional, mas, dando-lhe esse nome, o tsar e a tsarina estivessem talvez expressando uma crença profundamente arraigada em que Deus responderia a suas orações e a monarquia russa ainda poderia ser ressuscitada — com o nascimento de um filho.

O povo russo e a família imperial ficaram, contudo, extremamente desapontados; como observou a esposa de um diplomata norte-americano, Rebecca Insley Casper, a chegada de Anastácia "criou uma agitação indescritível numa nação clamando por um menino".[67] "Meu Deus! Que decepção! [...] A quarta menina!", exclamou a grã-duquesa Xenia. "Perdoe-nos, Senhor, se nos sentimos todos desapontados, e não em júbilo; esperávamos tanto que fosse um menino, e é a quarta menina", fez coro o grão-duque Konstantin.[68] "Iluminações, mas desapontamento", foi a manchete do *Daily Mail* em Londres no dia 19 de junho (NE). "Há muito regozijo, embora haja um sentimento popular tácito de desapontamento, pois um filho era o que mais ansiosamente se aguardava." O jornal não pôde deixar de oferecer suas comiserações: "as esperanças legítimas do tsar e da tsarina têm sido até o momento cruelmente frustradas, sejam quais forem seus sentimentos particulares de pais em relação às quatro filhinhas [...] que nasceram em um mundo cheio de expectativa com regularidade perturbadora".[69] Na Rússia, a reação foi mais uma vez de pesado ressentimento supersticioso, como relatou o diplomata francês Maurice Paléologue: "Nós avisamos, não foi? A alemã, a *nemka*, tem mau olhado. Graças a sua nefasta influência, nosso imperador está fadado à catástrofe".[70]

Em face de tamanha negatividade e determinado a mostrar como estava

orgulhoso de sua quarta filha, Nicolau ordenou que houvesse o maior fausto possível em seu batizado, em agosto, que seguiu o mesmo formato do de suas irmãs, e após o qual "o canhão trovejou por toda a distância de Peterhof à capital". Posteriormente, recebeu os convidados ilustres em um almoço, durante o qual eles "aproximaram-se do pai supostamente feliz para lhe apresentar suas felicitações". Rebecca Insley Casper relatou que pelo menos dessa vez o tsar parecia incapaz de esconder seu desânimo, pois, quando virou para um dos embaixadores, ouviram-no dizer com um sorriso triste — "Devemos tentar outra vez!".[71]

Três meses mais tarde, Nicolau e Alexandra visitaram o novo presidente francês, Émile Loubet, em Compiègne, deixando as meninas em Kiel aos cuidados da irmã de Alexandra, Irene. A segurança em torno era intensa: a cidade estava enxameada de policiais franceses que foram mandados até para "uma batida na floresta e uma busca em cada bosque e cada moita" à procura de elementos indesejáveis. O palacete onde Nicolau e Alexandra se hospedaram sofreu uma busca "do sótão ao porão" e detetives à paisana se misturaram aos empregados.[72]

O casal imperial parecia claramente devotado, mas havia um ar de inconfundível melancolia em Alexandra. Em uma recepção pública, Margaret Cassini, filha do embaixador russo em Washington, achou sua expressão ausente muito marcada. Sua aparência era luminosa, como sempre, vestida de branco e usando joias lindíssimas, "na maioria pérolas e diamantes, das orelhas à cintura". Mas, como Cassini não pôde deixar de notar, "ela as usa sem alegria". Os franceses acharam a sombria imperatriz russa difícil de decifrar: "*Oh, la la! Elle a une figure d'enterrement*" [Parece alguém num enterro], queixaram-se eles. Sua tristeza, pensou Cassini, era o reflexo de ser "mãe apenas de meninas". "A senhora tem filhos?", perguntava Alexandra às damas que lhe eram apresentadas na corte, apenas para que a tristeza se abatesse sobre ela quando a dama em questão respondesse, com uma reverência, "Um menino, Vossa Majestade".[73]

"Nicolau daria metade de seu império em troca de um filho imperial", observou o escritor de viagens Burton Holmes naquele ano, perguntando-se: "Irá alguma das caras pequenas duquesas algum dia ascender ao trono de Catarina, a Grande?".[74]

Mas privadamente o casal imperial não abrira mão da esperança. Nem bem um mês após o nascimento de Anastácia, uma nova figura estava em evidência em seu círculo íntimo em Peterhof, e referiam-se a ele como "nosso amigo". Um certo "Maître Philippe" — uma curandeiro e místico em moda na França — chegara à Rússia a convite do grão-duque Piotr e sua esposa, Militza, e hospedava-se com eles em sua casa, Známenka, não muito longe da Datcha de

baixo.[75] Foi ali que Nicolau e Alexandra — que havia conhecido Philippe brevemente em março — em pouco tempo se trancaram para longas conversas francas com o misterioso visitante francês. Em seu desespero por um filho, estavam agora se voltando à cura pela fé e ao oculto.

8 Maria (ou Marie) Pávlovna era muitas vezes chamada de “a nova”, de forma a diferenciá-la da Maria Pávlovna conhecida como “a velha”, esposa do grão-duque Vladímir. A fim de evitar confusão, a Maria Pávlovna mais velha será doravante mencionada como grã-duquesa Vladímir.

9 Mais de 260 dessas cartas sobreviveram no RGIA, o Arquivo Histórico Estatal em São Petersburgo.

10 Essas sugestões fantasiosas continuaram sendo levadas a sério na Rússia por um bom tempo no século XX; em sua autobiografia de 1990, o ex-presidente russo Boris Yeltsin descreveu como foi aconselhado a “pôr um machado e um quepe militar sob o travesseiro para assegurar que sua esposa tivesse um menino”.

Capítulo Quatro

A ESPERANÇA DA RÚSSIA



Na família imperial russa, havia um costume pelo qual todas as noivas, na noite anterior ao casamento, iam à Catedral de Kazan em São Petersburgo para orar diante do ícone da Mãe de Deus, que operava milagres. Segundo a superstição russa, não realizar esse ritual levaria à infertilidade ou ao nascimento apenas de meninas. Quando a tsarina ouvira falar a respeito, antes de seu casamento, em 1894 — assim corriam os boatos em São Petersburgo —, ela se recusara a ir, dizendo que não tinha a menor intenção de reverenciar práticas obsoletas.[1] Para os altamente supersticiosos camponeses russos, parecia claro, em 1901, que "a imperatriz não era amada no céu, ou teria dado à luz um filho".[2] Deus estava furioso.

Sob pressão tão intensa, Alexandra ficou naturalmente suscetível à influência insidiosa de homens como Nizier Anthelme Philippe.[3] Seu passado era obscuro e duvidoso do ponto de vista médico. Filho de camponeses da Savoia, ele trabalhava no açougue de seu tio em Lyon quando, com treze anos, começou a alegar ter poderes extrassensoriais. Aos 23 anos, e sem completar nenhum treinamento médico formal, pôs-se a clinicar sem licença, oferecendo tratamento com misteriosos "fluidos psíquicos e forças astrais".[4] Em 1884, Philippe apresentara um artigo, "Princípios de higiene aplicáveis à gravidez, ao parto e à infância", em que alegara ser capaz de prever o sexo de uma criança e, o que era ainda mais impressionante, de usar seus poderes magnéticos para mudar o sexo do bebê dentro da barriga.[5] A medicina ocultista de Philippe estava atrelada a sessões de hipnose com pacientes. Os negócios prosperaram, a despeito de ele

ter sido multado inúmeras vezes por prática ilegal; no fim da década de 1890, seus consultórios em Paris eram assediados pela sociedade francesa elegante. A aristocracia russa também estava começando a se interessar por misticismo e pelo oculto; no sul da França, a princesa montenegrina, Militza, solicitara a ajuda de Philippe para tratar seu filho doente, Roman.[6] Tão convencidos ficaram ela e o marido, o grão-duque Piotr, de seus supostos poderes miraculosos de cura que o convidaram a São Petersburgo. Em 26 de março de 1901, eles o apresentaram a Nicolau e Alexandra. "Conhecemos esta noite o incrível francês sr. Philippe", registrou Nicolau em seu diário. "Conversamos com ele por longo tempo."[7]

Militza logo começou a insistir com Nicolau em que arranjasse uma permissão para Philippe praticar na Rússia, a despeito das objeções do establishment médico. Um diploma de medicina foi inventado para ele, sob coerção, pela Academia Médica e Militar de Petersburgo, e Philippe obteve o posto de conselheiro de Estado e o uniforme de médico militar imperial, com dragonas douradas e tudo. Parentes próximos — inclusive Xenia, Maria Feódorovna e Ella — ficaram alarmados e advertiram Nicolau e Alexandra de manter distância de Philippe, mas todas as tentativas de o desacreditarem aos olhos dos dois fracassaram. Nem mesmo um relatório sobre suas práticas duvidosas, enviado a Nicolau pela Okhrana em Paris, com a conivência de Maria Feódorovna, exerceu qualquer efeito. Nicolau exonerou prontamente o agente que o preparara.[8]

Convencido de que ao menos havia encontrado um ouvido solidário, o casal se aferrava às palavras de sabedoria pseudomística de Maître Philippe em toda oportunidade. Quando voltou para uma estada de doze dias, em julho, eles o visitavam diariamente, fazendo a curta viagem da Datcha de baixo a Známenka, e muitas vezes ficando até tarde da noite. "Ficamos profundamente comovidos ao escutá-lo", escreveu Nicolau, mencionando as "horas maravilhosas" passadas com o amigo.[9] Chegaram até a abreviar uma ida ao teatro, no dia 14, para ir direto a Známenka e conversar com Philippe até duas e meia da manhã. Na noite anterior à partida de Philippe, todos se reuniram e oraram juntos, despedindo-se com um peso no coração. Durante a breve visita deles a Compiègne, Nicolau e Alexandra deram um jeito de ver Philippe outra vez, e arranjaram mais um encontro quando ele voltou para Známenka, em novembro.

Dentro desse santuário, a ligação de Nicolau e Alexandra com Philippe era um segredo muito bem guardado, embora os rumores na época abundassem. Dizia-se que Philippe "realizava experimentos de hipnotismo, profecia, encarnação e necromancia" na presença do casal imperial e que, utilizando sua combinação particular de "medicina hermética, astronomia e psicurgia", ele

alegara direcionar “a evolução do fenômeno embriônico”.[10] Psico-blá-blá-blá ou não, durante sua visita em julho, Philippe conquistara a confiança da imperatriz e penetrara em seu mundo intensamente privado; depois de partir, continuou a oferecer conselhos para o casal imperial sobre como conseguir o nascimento de um herdeiro, bem como a fornecer prognósticos abertamente políticos, aconselhando Nicolau a jamais outorgar uma constituição, “na medida em que isso seria a ruína da Rússia”.[11]

No fim de 1901, cinco meses após o nascimento de Anastácia, a tsarina engravidara mais uma vez. Parecia a comprovação suprema das orações e dos poderes de autossugestão de Philippe. Eles mantiveram a família no escuro sobre a gravidez o máximo que puderam, mas na primavera de 1902 ficou óbvio que a tsarina estava engordando e parara de usar espartilho. Xenia, que então também estava grávida — pela sexta vez —, não ficou sabendo com certeza senão em abril, quando Alexandra lhe escreveu, admitindo que “agora começa a ficar difícil esconder. Não escreva para a Mãe Querida [a imperatriz viúva], pois quero lhe contar quando ela regressar na próxima semana. Sinto-me tão bem, graças a Deus; em agosto! — Você deve ter percebido pela minha cintura larga o inverno todo”.[12]

Philippe passou quatro dias em São Petersburgo, em março de 1902, hospedando-se com a irmã de Militza, Stana — outra acólita devota —, e seu marido, o duque de Leuchtenberg, onde mais uma vez foi visitado por Nicolau e Alexandra. “Nós o escutamos durante a ceia e pelo resto da reunião, até uma da manhã. Poderíamos ter continuado a escutá-lo para sempre”, recordou Nicolau.[13] O controle de Philippe sobre Alexandra era tal que ele aconselhou-a a não permitir que nenhum médico a examinasse, mesmo quando a data do parto se aproximasse. Mas no verão ela exibia de forma preocupante pouquíssimos sinais físicos do que deveria ser um estado avançado de gravidez. Não obstante, em agosto, decretos anunciando o nascimento iminente foram preparados. Quando o dr. Ott se instalou em Peterhof para o parto, percebeu na mesma hora que alguma coisa estava errada. Foi-lhe exigida muita persuasão até que Alexandra concordasse em ser examinada, ao que Ott anunciou de imediato que não estava grávida.

A “gravidez fantasma” de Alexandra provocou considerável consternação na família imperial: “Desde 8 de agosto temos aguardado todos os dias pela confirmação da gravidez da imperatriz”, escreveu o grão-duque Konstantin. “Agora ficamos sabendo de repente que ela não está grávida, na verdade, que nunca houve uma gravidez, e que os sintomas que levaram a essa suposição eram, na verdade, apenas anemia! Que desapontamento para o tsar e a tsarina! Pobres criaturas!” Uma Alexandra profundamente aflita escreveu para Elizaveta

Naríchkina, que estivera aguardando ansiosamente notícias, em sua propriedade, no campo: “Querida amiga, não venha. Não haverá batizado — não há criança — não há coisa alguma! É uma catástrofe!”.[14]

Os rumores haviam chegado a tal nível que os médicos da corte, Ott e Gustav Girsh, emitiram, a 21 de agosto, um comunicado oficial sobre o estado de saúde da tsarina, para salvar as aparências: “Vários meses atrás, houve mudanças no estado de saúde de Sua Alteza Imperial, a imperatriz Alexandra Feódorovna, indicando uma gravidez. No presente momento, em razão de um desvio no curso normal dos acontecimentos, a gravidez resultou em inequívoco aborto, sem quaisquer complicações”.[15]

A verdadeira condição de Alexandra, porém, fora algo incomum que nunca se levou a público. Num relatório secreto submetido a Nicolau, o dr. Girsh deu os detalhes precisos. Alexandra menstruara pela última vez em 1º de novembro de 1901 e acreditara genuinamente que estava grávida, prevendo um nascimento para o início de agosto seguinte, ainda que, com a proximidade da data do parto, não houvesse aumentado significativamente de tamanho. Então, em 16 de agosto, tivera um sangramento. Ott e Günst foram chamados, mas Alexandra se recusara a deixar que a examinassem; na noite do dia 19, sentiu o que pareciam ser dores prematuras do trabalho de parto e teve outro fluxo de sangue que continuou até a manhã seguinte. Mas quando se levantou para se lavar, eliminou algo — uma massa esférica, carnosa, do tamanho de uma noz, que depois de examinada ao microscópio por Ott foi confirmada como um óvulo fertilizado na quarta semana de gestação. Na opinião dele, a tsarina viera sofrendo de uma doença conhecida como “*Mole Carnosum*” (mola hidatiforme) — e a perda sanguínea expelira o óvulo.[16]

A notícia do “aborto” da tsarina, longe de lhe angariar solidariedade entre o povo russo, acarretou tristemente o efeito contrário. Deflagrou uma onda de difamação impiedosa e todo tipo de rumores bizarros de que dera à luz algum tipo de criança deformada — um monstro, “uma criatura com chifres”. A paranoia oficial com isso chegou a tal ponto que parte do libreto para a ópera *O conto do tsar Saltan*, de Rímski-Kórsakov, referindo-se ao modo como “a tsarina deu à luz no meio da noite não um filho, não uma filha, não um cão, não uma rã, mas... um tipo de criatura selvagem e desconhecida”, foi censurada.[17] No que tocava ao desconfiado povo russo, a mão de Deus se abatera com todo o peso sobre seus malfadados soberanos. A ausência de um filho era a punição para o tsar, muitos disseram, pela tragédia de Khodynka em 1896, quando milhares de pessoas morreram pisoteadas durante uma correria nas festividades de coroamento em Moscou.[18]

Na Inglaterra, o *Anglo-Russian* reagiu, embora com um olhar tendencioso, à

crescente crítica que era despejada sobre a infeliz tsarina por ser incapaz de produzir um herdeiro, mostrando seu apoio à causa de uma monarca russa do sexo feminino:

> Mais uma vez a tsarina desprezou a lei sálica e desapontou o populacho russo sexista, que chega ao ponto de mostrar uma aversão se inflamando em ódio para com a mãe dotada [...] no entanto, um pouco de conhecimento da lei natural e da história mostraria que "uma mulher perfeita nobremente planejada" é "a Coroa da Natureza", e uma soberana já se mostrou muitas vezes a salvação de um povo, simbolizando sua era de maior progresso material e social.[19]

Corria a essa altura na imprensa estrangeira a notícia de que a influência de Philippe sobre o casal imperial ia muito além de "métodos psicológicos de cura" para a concepção de um filho e que Nicolau até mesmo se submetera a "experimentos hipnóticos", durante os quais Philippe "invoca o espírito de Alexandre III, prediz o futuro e inspira o tsar com uma ou outra decisão a respeito não só dos assuntos domésticos, como também dos negócios de Estado".[20] A reputação de Philippe naufragou e as vozes que o acusavam de ser um charlatão determinado a interferir nos negócios de Estado ganharam corpo, tornando sua posição na corte russa insustentável. Nicolau e Alexandra foram contrários a se afastar dele, mas no fim de 1902 Philippe voltou para a França com presentes de seus agradecidos patronos imperiais, inclusive um automóvel Serpollet.[21] Em troca, Philippe presenteou Alexandra com um ícone dotado de um pequeno sino, que, assim ele lhe disse, tocaria para alertá-la caso alguém com más intenções se aproximasse. Ela também ficou com um quadro de flores secas presenteado pelo amigo, que, segundo o francês, haviam sido tocadas pela mão do salvador. E então ele partiu, fazendo uma última e instigante predição: "Um dia terão outro amigo como eu que lhes falará a respeito de Deus".[22]

No persistente clima de recriminação pela ausência de um herdeiro para o trono, começaram a circular rumores após o "aborto" de 1902 de que Nicolau seria persuadido a se divorciar de Alexandra — assim como Napoleão Bonaparte se divorciara da imperatriz Josephine em 1810, após catorze anos de casamento, por deixar de lhe dar um filho. Dizia-se até que o tsar abdicaria se a gravidez seguinte resultasse em mais uma menina. Dentro da Rússia, a posição da tsarina estava ficando "extremamente precária". Abundavam rumores de que se tornara vítima de "uma profunda e crescente melancolia desde que sua esperança de ser

mãe outra vez fora baldada", de tal maneira que seu desejo de gerar um herdeiro tornara-se "quase uma obsessão".[23] Nesse ínterim, crescia a solidariedade no exterior com as quatro filhas imperiais, tão sistematicamente marginalizadas na imaginação pública russa, como se vê neste gracejo publicado na imprensa de Pittsburgh em novembro de 1901:

> Sra. Gaswell: O tsar da Rússia tem agora quatro filhinhas.
> Sr. Gaswell: Ah, as queridas tsarevinhas.[24]

O ano de 1903 foi importante para a família Romanov, começando com a comemoração pelo bicentenário da fundação de São Petersburgo. Numa rara aparição na corte — como se veria, a última durante vários anos vindouros —, Nicolau e Alexandra foram o centro das atenções do que seria o último grande baile a fantasia ocorrido antes da revolução. Alexandra estava magnífica, ainda que um pouco desconfortável, vestida de tsarina Maria Miloslávskaia, em um pesado traje de brocados dourados e uma desajeitada coroa, com seu marido ao lado, um pouco eclipsado por ela, fantasiado como o tsar favorito de ambos, Alexei I. Alexandra era uma linda visão, uma "Madona bizantina que desceu de seu lugar entre os *ikons* cravejados de uma catedral".[25] Mas era uma imagem de distanciamento autocrático que, vista no centro dessa esplêndida reunião da elite aristocrática abastada de São Petersburgo, servia apenas para acentuar o total isolamento dela e de Nicolau do povo russo comum. Mais tarde nesse verão, porém, o povo russo seria recompensado com uma raríssima aparição do casal real, em sua permanente busca de um filho.

Antes de partir para a França, Philippe recomendara que o casal imperial rezasse pela intercessão de são Serafim de Sárov, afirmando que desse modo teriam um filho. Mas havia um problema: não existia nenhum santo oficial com esse nome no calendário ortodoxo russo. Após uma busca frenética, acabou-se determinando que um monge no mosteiro Divéevo em Sárov, na região do Tambov, 403 quilômetros a leste de Moscou, fora reverenciado localmente por realizar milagres. Mas nenhum deles fora oficialmente verificado e Serafim morrera setenta anos antes. Tampouco seu corpo, ao ser aberto o caixão para inspeção, passou no teste da santidade de aparecer milagrosamente incólume. Estava em avançado estado de decomposição. Como imperador, não obstante, Nicolau tinha poder para ordenar que o milagreiro desconhecido fosse

canonizado, independentemente do estado do cadáver. O metropolita de Moscou viu-se obrigado a encontrar um modo de sancionar a santidade de Serafim, considerando-a "plenamente estabelecida pelos inúmeros milagres realizados em conexão com suas relíquias, inclusive o solo onde está sepultado, a pedra sobre a qual orou e a água do poço que escavou — por intermédio das quais muitos fiéis tiveram sua saúde restaurada".[26] Como observou Elizaveta Naríchkina, a criação da santidade de Serafim foi vista como resultado direto do envolvimento de Alexandra com seu novo "amigo": "Seria difícil saber onde Philippe termina e Serafim começa".[27] Em fevereiro de 1903, o metropolita finalmente referendou a canonização.

Deixando as filhas entregues aos cuidados de Margaretta Eagar, Nicolau e Alexandra viajaram sob forte calor a Sárov, para a cerimônia formal, na companhia da irmã de Nicolau, Olga, de Maria Feódorovna, Ella e Serguei, Militza e Stana. Nicolau estava perfeitamente ciente de que a cerimônia de canonização serviria para um importante propósito, como um ato de fé religiosa coletiva apoiando seu governo autocrático, pois aos convidados imperiais se juntaram algo em torno de 300 mil peregrinos devotos, que foram para Sárov levantando uma gigantesca nuvem de pó. Hordas de cegos, enfermos e aleijados, todos em busca de um milagre, tentaram se aproximar de seu pequeno pai e beijar sua mão. Numa atmosfera saturada de fervor religioso místico e do repicar incessante de sinos, a família compareceu a três dias de prolongados serviços na igreja, muitas vezes com mais de três horas de duração, no calor asfixiante.[28] Apesar da dor nas pernas, Alexandra aguentou as devoções aos seus pés com profunda compaixão e sem se queixar. A intensa fé manifestada em Sárov pelos inúmeros peregrinos alimentou sua fé inabalável na comunhão sagrada e inviolável entre o tsar e seu povo. Nicolau ajudou a carregar o caixão contendo as relíquias sagradas de Serafim em uma liteira durante as cerimônias, culminando com seu enterro a 19 de agosto num santuário especialmente criado em homenagem a são Serafim. Nessa noite, como um importante ato simbólico de fé religiosa, Alexandra e Nicolau foram privadamente ao rio Sarova, nas imediações, no qual o próprio Serafim se banhara uma vez, e — como Philippe os instruíra a fazer — mergulharam em suas águas sagradas, na esperança de serem abençoados com um filho.

No outono de 1903, a família Romanov fez uma visita a Darmstadt para o casamento da princesa Alice de Battenberg com o príncipe André da Grécia.[11]

Ernie e Ducky — um casal pouco harmonioso desde o início — tinham agora se separado e consumado o divórcio, mas Ernie era devotado à filha de oito anos, Elisabeth, que passava seis meses por ano com ele. Após o casamento, as duas famílias viajaram a Wolfsgarten para férias particulares, e lá Olga e Tatiana brincaram com a prima, andando de bicicleta e pônei e saindo à cata de cogumelos. Elisabeth era uma criança estranha, etérea, cujo olhar transmitia compaixão, e com um halo de cabelos escuros cacheados que contradizia sua personalidade afetuosa e animada. Ela ficou muito afeiçoada à "priminha" Anastácia, cercou-a de cuidados maternais e queria levá-la consigo quando voltasse para Darmstadt.[29]

Quando a família imperial partiu de Hesse, Ernie e Elisabeth seguiram viagem com eles para o chalé de caça do tsar, na propriedade imperial de Skierniewice, perto da floresta de Białowieża, na atual Polônia, onde Nicolau costumava caçar. Mas na manhã de 15 de novembro, e sem aviso, Elisabeth sentiu-se mal de repente. Parecia de início um caso grave de garganta inflamada, mas a febre continuou a subir e, ficando perigosamente doente, ela pediu a Margaretta Eagar que mandasse chamar sua mãe. A doença, porém, tomou conta dela e não houve nada que os médicos pudessem fazer. Em 48 horas Elisabeth estava morta, levada por uma variedade particularmente virulenta de febre tifoide que paralisara seu coração.[30] As irmãs ficaram muito perturbadas com a morte súbita da prima e logo depois disso Margaretta levou as quatro de volta a Tsárskoe Seló, de modo que seus aposentos em Skierniewice pudessem ser fumigados. Olga ficou desnorteada: "Que pena que o querido Deus tenha tirado de mim uma amiga tão boa!", disse com voz queixosa a Margaretta. Posteriormente, no Natal, voltou a se lembrar de Elisabeth, perguntando-se diante de Margaretta se Deus havia propositalmente "mandado chamá-la para que ficasse com ele" no céu.[31]

Quase imediatamente após Ernie ter voltado com o caixão pequeno e triste de Elisabeth para Darmstadt, Alexandra adoeceu com uma grave infecção no ouvido e, em vez de viajar para o enterro de Elisabeth, permaneceu confinada à cama em Skierniewice por seis longas semanas. A dor era tão forte que um especialista em ouvido foi chamado de Varsóvia. Desesperada para estar com as filhas no Natal e arrumar a árvore e os presentes para elas e os empregados, Alexandra voltou para a Rússia antes de estar completamente recuperada.[32] Nem bem chegara a Tsárskoe Seló, pegou uma gripe e, na véspera do Natal, como Margaretta Eagar recordou, ficou "muito doente e não pôde ver as crianças".[33] Em seu lugar, Nicolau supervisionou as árvores e a distribuição de presentes. Isso não era uma tarefa simples, pois a família mandava trazer oito grandes árvores no Natal — para eles mesmos, a equipe e até a Escolta do Tsar.

Alexandra gostava de decorar tudo ela mesma, além de arrumar a vasta coleção de presentes a serem distribuídos sobre compridas mesas cobertas com toalhas brancas bem passadas — bem ao estilo alemão adotado por sua avó em Windsor. As garotas, como sempre, se orgulharam de fazer os próprios presentinhos, mas o Natal nesse ano foi triste e apagado, assombrado pela morte da prima e com a mãe delas confinada à cama. "Querendo-a, queríamos mais do que a metade de nossa usual alegria", lembrou Margaretta.

A tsarina permaneceu de molho até meados de janeiro, e a família só se transferiu para São Petersburgo para passar a temporada de inverno no mês seguinte.[34] Era uma época difícil para ficar acamada com uma enfermidade, porque Alexandra estava grávida outra vez — a criança provavelmente concebida em Skierniewice —, e a doença apenas fez exacerbar suas ansiedades. Xenia foi solidária quando finalmente recebeu a notícia de Maria Feódorovna em 13 de março: "Está ficando aparente agora, mas ela, a pobrezinha, viera ocultando, já que, sem dúvida, estava com medo de que as pessoas descobrissem cedo demais".[35]

Alexandra foi poupada de novas críticas quando a temporada de São Petersburgo foi interrompida com a eclosão, em janeiro de 1904, da Guerra Russo-Japonesa, deflagrada pelas políticas expansionistas de Nicolau no sul da Manchúria, território havia muito disputado pelos japoneses. Muitos na corte acreditavam que isso era resultado direto da insidiosa influência de Philippe, que assegurara ao casal que uma guerra curta e repentina seria uma demonstração triunfante do poder imperial russo e iria enfatizar a inviolabilidade de sua autocracia. Mas foi um conflito precipitado para o qual a Rússia não estava preparada, e suas tropas, menos ainda, e a irrupção inicial de fervor patriótico rapidamente esmoreceu.

Durante a guerra, as pequenas grã-duquesas ficaram inevitavelmente suscetíveis à conversa racista e xenofóbica prevalecente na corte; Margaretta Eagar lembrou que foi "muito triste testemunhar o espírito raivoso e vingativo que a guerra despertou nas pequenas entregues aos meus cuidados". Maria e Anastácia ficaram perplexas com imagens das "estranhas criancinhas" do príncipe herdeiro do Japão que viram em revistas. "Gente pequena e horrível", exclamou Maria, "eles vieram destruir nossos pobres navios e afogar nossos marinheiros". A mamãe lhes contara que "os japoneses são todos pequenininhos". "Espero que os soldados russos matem todos os japoneses", exclamou Olga um dia, ao que Margaretta explicou que as mulheres e crianças japonesas não tinham culpa. A inteligente e dogmática Olga pareceu se satisfazer depois que várias de suas perguntas foram respondidas: "Eu não sabia que os japoneses eram pessoas como a gente. Achei que eram só como macacos".[36]

A guerra, nesse meio-tempo, galvanizara o talento de Alexandra para o trabalho filantrópico, e a despeito da gravidez ela se envolvera no esforço de guerra, enviando capelas portáteis para as tropas no campo de batalha e organizando suprimentos e trens-hospitais. Pela primeira vez em anos, voltou a ser vista por São Petersburgo, supervisionando grupos de mulheres reunidos para fazer roupas e arrumar lençóis e bandagens para os trens-hospitais nos salões de baile do Palácio de Inverno. Assim como a rainha Vitória e suas filhas haviam sentado para fazer tricô e costurar durante a Guerra da Crimeia de 1854-6, Alexandra e suas quatro filhas fizeram gorros de crochê e tricotaram cachecóis para os soldados; e, por mais jovem que fosse, Anastácia se revelou extraordinariamente habilidosa na tecelagem manual.[37] As garotas também ajudavam Margaretta Eagar a dobrar e carimbar pilhas de cartas-padrão para que os soldados feridos pudessem enviar notícias para seus familiares em casa.

Com o passar dos meses e o nascimento da quinta criança da tsarina se aproximando, a imprensa estrangeira inevitavelmente se entregou à especulação. “Que grandes eventos girem em torno de pequenos é, infelizmente, um truísmo”, observou um editorial do *Bystander*:

> Alguns dias decidirão se a tsarina será a mulher mais popular da Rússia ou se será vista pela grande massa do povo como uma pária — sob a ira especial de Deus. Dizem que ela reza noite e dia para que a criança por chegar se revele um menino, de maneira que possa ganhar os corações do povo de seu marido ao dar um herdeiro ao soberano de todas as Rússias. Neste exato minuto a tsarina — à espera da misteriosa decisão de Deus e da Natureza — é uma das figuras mais comoventes da Europa, sobretudo porque sua posição não lhe permite se proteger da compaixão ou da curiosidade do mundo.[38]

“Famílias reais e imperiais tornam-se sobremaneira infelizes por questões sobre as quais as famílias americanas nunca pensam”, observou outro editorial, comentando a vida simples e pouco mimada das sempre escrutinizadas meninas imperiais. “Elas são quatro garotinhas. São espertas, inteligentes, mas ninguém na Rússia as quer, com exceção de seus pais.” No meio de tanta especulação, não havia dúvida de quanto Nicolau e Alexandra amavam as filhas — seu “trevo de quatro folhas”, como Alexandra as descrevia. “Nossas menininhas são nossa alegria e nossa felicidade, cada uma muito diferente da outra em feições e caráter”. Ela e Nicolau acreditavam firmemente que “as crianças são os

apóstolos de Deus, que dia após dia Ele nos envia para falar de amor, paz e esperança".[39] Mas, como Edith Almedingen observou: "Por mais amadas que fossem por seus pais, as quatro garotinhas eram apenas quatro prefácios para um livro empolgante que não começaria enquanto seu irmão não nascesse".[40]

O início do quinto trabalho de parto de Alexandra veio de fato muito rápido, em Peterhof, no dia 30 de julho de 1904. Ella e Serguei chegaram de Moscou para uma visita quando, na hora do almoço, Alexandra sentiu de repente fortes dores e subiu rápido para o quarto. Nem meia hora depois, às 13h15, deu à luz um grande menino, pesando 5,2 quilos. Ela se sentia muito bem, estava com aspecto radiante e em pouco tempo amamentava alegremente.[41]

Enfim o canhão da Fortaleza de Pedro e Paulo em São Petersburgo foi capaz de disparar a salva de 301 tiros sobre o rio Neva, anunciando o nascimento de um *naslednik* — um herdeiro —, o primeiro a nascer de um monarca reinante (e não de um tsarévitch) desde o século XVII. As pessoas pararam o que estavam fazendo para contar o número de salvas, que soavam a cada seis segundos. "O aspecto das ruas" mudou subitamente, como o correspondente em São Petersburgo do *Daily Express* relatou na primeira página do jornal: "Bandeiras nacionais pareceram surgir em cada canto e cinco minutos após o 102º tiro ter explodido suas boas-novas a cidade inteira foi tomada por bandeiras. Todos pararam automaticamente de trabalhar e o povo se entregou ao regozijo público". Nessa noite, as ruas brilharam com a iluminação elétrica da águia imperial de duas cabeças e das coroas dos Romanov; orquestras tocaram nos parques, repetindo constantemente o hino nacional. Mais tarde, em vários dos melhores restaurantes, o champanhe correu à vontade "por conta dos proprietários".[42]

"Ficamos quase surdos com os sinos de igreja badalando o dia todo", lembrou-se a baronesa Sophie Buxhoeveden, em visita à corte.[43] As preces de Nicolau e Alexandra haviam sido atendidas; foi "um dia grandioso, inesquecível, para nós", registrou o tsar em seu diário. "Tenho certeza de que foi Serafim que conseguiu isso", comentou sua irmã, Olga.[44] Os pais felizes abençoaram o dia em que conheceram Maître Philippe: "Por favor, de algum modo, transmita nossa gratidão e nossa alegria [...] a ele", escreveu Nicolau para Militza.[45]

O sentimento geral por toda parte era de que "o nascimento de um herdeiro após todos esses anos ansiosos de esperanças frustradas muda o destino da Rússia"; para Nicolau, foi certamente um momento carregado de dramaticidade

que trouxe otimismo renovado em tempos de guerra. “Estou mais feliz pelo nascimento de um filho e herdeiro do que por uma vitória de minhas tropas, pois agora encaro o futuro com calma e sem alarme, sabendo por esse sinal que a guerra se encaminhará a uma conclusão feliz”.[46] Com isso em mente, e para elevar o moral, Nicolau nomeou todo o exército russo lutando na Manchúria como padrinhos de seu filho. Um decreto imperial veio em seguida, garantindo inúmeras concessões políticas, abolindo punições físicas para os camponeses e as forças armadas e cancelando multas por uma ampla variedade de delitos. Uma anistia política foi dada para prisioneiros (exceto os condenados por assassinato) e foi criado um fundo para bolsas de estudos militares e navais.[47]

Com grandes olhos azuis e cachos dourados, o pequeno tsarévitch era o mais lindo dos bebês. Chamaram-no de Alexei, em homenagem ao segundo tsar Romanov, Alexei I (que governou de 1645 a 1676), pai de Pedro, o Grande, o nome vindo do grego, com o significado de “ajudante” ou “defensor”. A Rússia já tivera Alexandres e Nicolaus suficientes, disse o tsar. Ao contrário do filho carismático, que buscara inspiração no Ocidente, Alexei I fora um tsar piedoso, na tradição da antiga Rússia moscovita — o tipo de monarca tradicional que Nicolau e Alexandra queriam que o filho fosse. Um anúncio oficial logo foi publicado, revogando a nomeação do grão-duque Mikhail como sucessor: “A partir de agora, de acordo com as Leis Fundamentais do Império, o título imperial de Tsarévitch Herdeiro, e todos os direitos intrínsecos a ele, pertencem a Nosso Filho, Alexei”.[48] Para comemorar, Nicolau levou suas três filhas mais velhas ao *Te Deum* na capela da Datcha de baixo, enquanto centenas de telegramas e cartas de congratulações choviam em Peterhof. O dr. Ott e madame Günst foram mais uma vez generosamente recompensados por seus serviços; o médico dessa feita ganhou uma caixa azul esmaltada da Fabergé incrustada de diamantes com lapidação rosa, além dos pródigos honorários.[49]

Como suas irmãs, Alexei teve uma ama de leite russa, e era incumbência especial de Maria Geringer assegurar que a mulher fosse alimentada com tudo do bom e do melhor. Certa ocasião, ela perguntou à ama como era seu apetite. “Que tipo de apetite posso ter”, queixou-se a mulher, “quando não há nada salgado ou marinado?” A ama de leite pode ter resmungado sobre a comida sem graça que lhe era oferecida, mas “isso não a impediu de ficar com o dobro do peso, pois que comia tudo o que havia na mesa e não deixava um farelo sequer”. Depois que Alexei foi desmamado, a ama ganhou uma pensão e numerosos

presentes; seu filho na aldeia também ganhou presentes e, no Natal, na Páscoa e no dia do nome,[12] uma agradecida Alexandra continuaria a se lembrar da ama de leite de seu menino, lhe enviando dinheiro e outros mimos.[50]

Por ocasião do batismo de Alexei, doze dias mais tarde, um grande cortejo de carruagens seguiu em seu caminho sinuoso pela quinta vez para a capela imperial em Peterhof. Maria Golítsina, *mistress of the robes*, foi mais uma vez encarregada de transportar o bebê Romanov para a pia batismal numa almofada dourada, mas, agora idosa, ela temia deixar cair o precioso menino. Como precaução, improvisou-se uma tipoia dourada prendendo seu ombro à almofada e ela usou sapatos com sola de borracha para não escorregar. As irmãs mais velhas do bebê, Olga, de nove anos, e Tatiana, de sete, estavam presentes à procissão — Olga como uma das madrinhas —, e claramente apreciando seu primeiro gostinho de um cerimonial público formal. Estavam particularmente lindas, trajadas em versões tamanho infantil de vestidos russos de corte completos, em cetim azul com brocados de prata, e botões e sapatos prateados. Também usavam versões em miniatura da Ordem de Santa Catarina e *kokóchniki* de veludo azul decorados com pérolas e laços prateados. As duas irmãs orgulhosas se mostraram à altura da importante ocasião: “Olga corou de orgulho quando, segurando um canto da almofada de Alexei, caminhou com Maria Feódorovna até a pia batismal”, e ela e Tatiana “permitiram-se relaxar com um sorriso apenas quando passaram por um grupo de crianças ainda menores, suas duas irmãs pequenas e vários priminhos, parados junto a uma porta e boquiabertos ao ver a procissão passar”.[51]

Embora ainda fosse muito nova, nesse dia, Olga causou profunda impressão em um de seus primos Romanov: o príncipe Ioann Konstantínovitch, de dezesseis anos — ou Ioánntchik, como todos o chamavam —, ficou encantado, conforme contou a sua mãe:

> Fiquei tão extasiado com ela que mal consigo descrever. Foi como um incêndio na floresta, espalhado pelo vento. Seu cabelo balançava, seus olhos cintilavam, bem, nem sei como descrever! O problema é que sou novo demais para tais pensamentos e, além disso, ela é a filha do tsar, e Deus não permita, talvez pensem que estou fazendo isso com segundas intenções.

Ioánntchik continuaria a nutrir profunda afeição por Olga e esperanças de um dia se casar com ela (algo que passara por sua cabeça pela primeira vez, segundo

disse, em 1900) durante vários anos.[52]

A baronesa Buxhoeveden ficou impressionada com as duas garotas mais velhas nesse dia; elas permaneceram tão “solenes quanto juízes” durante toda a cerimônia de quatro horas, ao longo da qual diversas pessoas notaram que, enquanto era untado com óleo bento, o bebezinho “ergueu a mão e estendeu os dedos, como que pronunciando uma bênção”. Esse inadvertido simbolismo religioso não passou despercebido pela congregação ortodoxa: “Todos disseram que era um presságio muito bom e que ele se revelaria um pai para seu povo”.[53] O nascimento do precioso menino foi um prato cheio para adivinhos e fãs de presságios, embora alguns se mostrassem bastante maledicentes. Pois, mesmo nesse momento, o pior tipo de bobagem supersticiosa estava sendo espalhado, de que o pequeno tsarévitch era, na verdade, um impostor — trocado por Nicolau e Alexandra por uma quinta filha rejeitada, que fora levada para longe.[54]

Uma linha bem mais equilibrada foi adotada fora da Rússia, onde Alexei tornou-se o nascimento real mais comentado em um século. Muitos ficaram aliviados tanto em nome de Alexandra como do tsar; “a imperatriz conquistará um prestígio que exaltará sua influência acima da imperatriz viúva. Ela é mãe de um menino!”, escreveu um exagerado editorialista americano, comentando sobre a situação cada vez mais difícil que Alexandra enfrentara — como neta da rainha Vitória, vivendo num país asiático “semisselvagem”, onde a superstição descontrolada impedia a manifestação de qualquer compaixão pelo infortúnio dela em repetidamente gerar meninas.[55] Um ex-embaixador americano para a Rússia não estava sozinho quando repetiu a opinião de que os sentimentos ruins em relação a Alexandra chegaram a tal ponto que “se a última criança tivesse sido uma menina [...] haveria possivelmente a exigência de que o tsar tomasse outra por esposa a fim de obter um herdeiro”.[56]

Alguns observadores no exterior objetavam à discriminação sexual exercida contra as quatro filhas dos Romanov, denegrindo o fato de que haviam recebido apenas 101 salvas de canhão cada uma, e não as 301 de um menino. O jornal americano *Broad Views* achava as quatro jovens filhas do casal mais do que capazes de “garantir a segurança da sucessão”:

> Se o presente tsar houvesse revertido à ideia de Pedro, o Grande e declarado a grã-duquesa Olga herdeira do trono, independentemente até de quaisquer futuros irmãozinhos [...] o povo russo talvez tivesse refletido que dentro de alguns anos, pois Olga atingiu agora a avançada idade de nove anos, o tsar seria apoiado por uma herdeira com idade suficiente para brandir o cetro, caso ele viesse a perder a vida para os niilistas. Do modo como se dá, o

> nascimento do infante, que já foi, a despeito de seus humores, feito coronel dos hussardos, irá meramente garantir os males de uma longa regência nessa eventualidade longe de impossível.[57]

Dentro da família Romanov mais ampla, nem todos ficaram em júbilo com o recém-chegado. O adido militar americano Thomas Bentley Mott lembrou-se de jantar com o grão-duque Vladímir — o tio mais velho de Nicolau —, que seria o seguinte na linhagem do trono após Mikhail (que não tinha filhos), vindo, depois dele, seus filhos Kirill, Boris e Andrei. No dia 30 de julho, Mott se juntara ao grão-duque para almoçar após comparecer a manobras do exército. Ao chegar, Vladímir recebeu um telegrama e desapareceu na mesma hora. Seu convidado ficou aguardando por uma hora antes que o grão-duque voltasse:

> Sentamos em silêncio; e embora nosso anfitrião nada falasse, o resto de nós não pôde fazer o mesmo. A simples troca de pratos e o constante oferecimento de um novo cigarro ao grão-duque por parte do alto cossaco que ficava em outros momentos imóvel atrás de sua cadeira aliviaram a quietude.[58]

Após o almoço, o grão-duque mais uma vez se ausentou. Foi apenas mais tarde que Mott descobriu que o telegrama que lançara tal melancolia sobre a mesa continha a notícia do nascimento de Alexei.

Se tivesse sabido então o que Nicolau e Alexandra já sabiam, o grão-duque poderia muito bem ter se mostrado menos melancólico. É fato em geral aceito que não foi senão em 8 de setembro, quase seis semanas após o nascimento de Alexei, que o bebê apresentou pela primeira vez uma ominosa hemorragia no umbigo. Mas a hemorragia, na verdade, já ocorrera assim que o cordão umbilical fora cortado, e levara dois dias para que os médicos conseguissem controlá-la. Em 1º de agosto, Nicolau escreveu uma longa carta para Militza, em nome de Alexandra, contando-lhe que:

> Graças a Deus o dia se passou calmamente. Depois que o curativo foi aplicado, do meio-dia até as nove e meia da noite não houve uma gota de sangue. Os médicos esperam que fique desse jeito. Korovin passará a noite aqui. Fiódorov vai até a cidade e volta amanhã [...]. O pequeno tesouro é incrivelmente plácido e quando trocam o curativo continua a dormir ou fica

> parado, sorrindo. Seus pais agora sentem um pouco mais de alívio no espírito. Fiódorov diz que a perda de sangue em 48 horas foi de aproximadamente 1/8 a 1/9 da quantidade total de sangue.[59]

A hemorragia era assustadora. O pequeno Alexei parecera tão robusto — tinha "o ar de um cavaleiro medieval", como observou a grã-duquesa Xenia ao vê-lo pela primeira vez.[60] Militza não teve dúvida desde o início. Com seu exclusivo acesso a Nicolau e Alexandra na época, ela e o grão-duque Piotr tinham ido de carruagem até a Datcha de baixo no dia do nascimento de Alexei para felicitar seus pais, como o filho deles, Roman, recordou mais tarde:

> Ao regressarem à noite a Známenka, como lembrou meu pai, na hora da despedida, o tsar contara que, ainda que Alexei fosse uma criança grande e saudável, os médicos estavam um pouco preocupados com as frequentes manchas de sangue em suas fraldas e cueiros. Quando minha mãe ouviu isso, ficou chocada e insistiu em que os médicos fossem informados dos casos de hemofilia que ocasionalmente eram passados pela linhagem feminina da rainha inglesa Vitória, que era a avó materna da tsarina. Meu pai tentou acalmá-la e lhe assegurou que o tsar estava com o melhor dos ânimos quando partiram. Mesmo assim, meu pai de fato ligou para o palácio e perguntou o que os médicos tinham a dizer sobre as manchas de sangue. Quando o tsar respondeu que esperavam que a hemorragia cessasse em breve, minha mãe pegou o fone e perguntou se os médicos sabiam explicar a causa do sangramento. Como o tsar não desse uma resposta clara, ela lhe perguntou, com a voz mais calma de que foi capaz: "Eu lhe peço, pergunte-lhes se há algum sinal de hemofilia", acrescentando que, se fosse esse o caso, os médicos atuais seriam capazes de tomar certas medidas. O tsar fez silêncio ao telefone por um longo tempo e então começou a questionar minha mãe e no fim repetiu calmamente a palavra que o deixara chocado: hemofilia.[61]

Maria Geringer lembrou como Alexandra mandara buscá-la pouco depois do nascimento de Alexei. O sangramento, contou a Maria, fora provocado pela parteira, Günst, que enrolara o bebê apertado demais no cueiro. Essa era uma prática russa tradicional, mas a pressão sobre o umbigo de Alexei causara uma hemorragia e o fizera gritar num "frenesi" de dor. Chorando lágrimas amargas,

Alexandra pegara a mão de Maria. “Se ao menos você soubesse com que ardor tenho orado a Deus para proteger meu filho de nossa maldição herdada”, havia dito a ela, já bem ciente de que a praga da hemofilia, de fato, se abatera sobre eles.[62] A prima em primeiro grau de Nicolau, Maria Pávlovna, não tinha dúvida de que ele e Alexandra haviam percebido quase imediatamente que Alexei “carregava consigo as sementes de uma enfermidade incurável”. Eles ocultaram seus sentimentos até dos parentes mais próximos, mas a partir desse momento, ela recordou, “o caráter da imperatriz passou por uma mudança e sua saúde, tanto física como moral, se alterou”.[63]

Pelo restante desse primeiro mês, o casal ficou em um estado de negação, alimentando a esperança vã, assim que o sangramento cessou, de que tudo ficaria bem. E então, quase seis meses depois, começou outra vez, confirmando seus piores temores.[64] O dr. Fiódorov, de quem Nicolau e Alexandra gostavam e em quem confiavam, ficara à mão o tempo todo e se baseava no melhor aconselhamento médico possível em São Petersburgo. Mas já estava claro que havia pouco que os médicos pudessem fazer. O destino do filho de Nicolau e Alexandra dependia de um milagre: só Deus poderia protegê-lo. Mas ninguém na Rússia devia saber a verdade. A perigosa enfermidade do pequeno tsarévitch — “a esperança da Rússia” — permaneceria um segredo guardado a sete chaves, até mesmo dos parentes mais próximos.[65] Nada devia comprometer a segurança do trono que Nicolau e Alexandra estavam determinados a passar adiante, intacto, para o filho.

Aleksandra Feódorovna, imperatriz da Rússia, tinha apenas 32 anos, mas já estava arruinada após dez anos extenuantes em termos físicos e mentais, gestando e parindo filhos. Seu estado psicológico sempre precário ficou gravemente debilitado com a notícia da doença de Alexei, e a monarca se atormentava por logo ela ter inadvertidamente transmitido a hemofilia para o filho tão aguardado e adorado.[13] Seu ar já melancólico adquiriu a partir daí um inexplicável peso trágico para aqueles que não partilhavam da verdade. Todo o foco da família então mudou de forma dramática, para proteger Alexei de acidentes e ferimentos — para literalmente mantê-lo vivo dentro do mundo doméstico superprotegido da família. Nicolau e Alexandra desse modo abandonaram seus apartamentos recém-reformados no Palácio de Inverno e deixaram de ficar na cidade para a temporada da corte. Tsárskoe Seló e Peterhof passariam a ser seu refúgio dali em diante.

As quatro irmãs de Alexei — Olga, Tatiana, Maria e Anastácia —, ainda muito novas, mas já bastante perceptivas, ficariam ainda mais unidas em reação ao retiro da família e em apoio à mãe fisicamente vulnerável. No fim do verão de 1904, o mundo das quatro grã-duquesas Romanov começou a encolher, bem no

momento em que elas estavam mais impacientes por sair e explorá-lo. O que nenhuma delas sabia, é claro, era que, na condição de filhas da tsarina, uma delas, ou mais de uma, podia ser portadora do terrível gene defeituoso — uma bomba-relógio oculta que já começara a reverberar pelas família reais da Europa. A irmã mais velha de Alexandra, Irene — que, como ela, portava o gene e se casara com seu primo em primeiro grau, o príncipe Henrique da Prússia —, já dera à luz dois filhos hemofílicos. O mais novo, Heinrich, morrera aos quatro anos — "da terrível enfermidade da família inglesa", como Xenia descreveu —, apenas cinco meses antes de Alexei nascer. Na Rússia, ela era chamada de *bolezn gessenskikh* — "a doença de Hesse"; outros a chamavam de "a Praga dos Coburgo".[66] Mas uma coisa era certa: no início da década de 1900, a expectativa de vida de uma criança hemofílica não passava de treze anos.[67]

11 Futuros pais do duque de Edimburgo.
12 Tradição de comemorar o dia dedicado a determinado santo que tenha seu nome. (N. T.)
13 Mesmo no início do século XX a hemofilia era pouco compreendida e acreditava-se que fosse causada por uma fraqueza dos vasos sanguíneos. Foi apenas na década de 1930 que os cientistas concluíram que a deficiência fatal residia na falta de proteínas nas plaquetas, o que impede o sangue de coagular.

Capítulo Cinco

O GRANDE PAR
E O PEQUENO PAR



No início de 1905, e a despeito da chegada do tão aguardado tsarévitch, a Rússia estava em crise, na medida em que a guerra com o Japão continuava a se desenrolar. O Exército Imperial não se mostrara invencível no Oriente, como Maître Philippe previra, e estava desmoralizado, cansado e sem suprimentos suficientes. Como resultado, a censura da imprensa ficara ainda mais rigorosa. Todos os comentários em jornais e revistas estrangeiros chegando à Rússia que criticassem a guerra de algum modo — e, por associação, o sistema tsarista — tinham trechos apagados. Uma baixa notável foi um artigo sobre a sucessão russa no *Illustrated London News* escrito pelo jornalista Charles Lowe. Publicado pouco depois do nascimento de Alexei, viera acompanhado de um retrato de Alexandra, com a legenda "A mãe do futuro tsar", parabenizando os russos por "esse raio de sol em meio às pesadas nuvens do infortúnio nacional", mas acrescentando de forma provocativa que "o advento do tsarévitch provavelmente evitou uma revolução". O censor russo viera se especializando em lidar com esse tipo de comentário inflamatório. Teria sido considerado sacrilégio obliterar a foto da tsarina na página, então no fim todo o artigo em volta dela estava coberto por uma tarja preta quando a revista chegou aos leitores russos.[1] Essa censura draconiana era um gesto fútil: nas ruas descontentes de São Petersburgo, a inquietação operária e política continuava a aumentar. Para o grão-duque Konstantin era "como se a represa tivesse se rompido". A Rússia, disse ele, "foi tomada por uma sede de mudança [...]. A Revolução está batendo

à porta”.[2]

Numa rara apresentação de cerimonial público, Nicolau compareceu ao ritual da Bênção das Águas, tradicionalmente marcando o fim do festival natalino, realizado em 6 de janeiro, no calendário ortodoxo. O momento-chave veio quando ele desceu a Escadaria de Jordão do Palácio de Inverno até a beira do rio Neva congelado, para presenciar o metropolita de São Petersburgo mergulhar a cruz de ouro na água três vezes, por um buraco no gelo, celebrando o batismo de Cristo. Depois disso um frasco da água consagrada foi oferecido ao tsar para que se benzesse. Entretanto, durante a tradicional salva de canhões que se seguiu, três tiros disparados da bateria na margem oposta do Neva — por acidente ou propositalmente — se revelaram de verdade, não festim. Um deles atingiu as janelas do Salão de Nicolau, no Palácio de Inverno, que estava cheio de convidados, e espalhou projéteis de metralha e vidro pela capela de madeira temporária sobre o gelo onde Nicolau e Maria Feódorovna, além de outros membros da família imperial, estavam reunidos. Nicolau não se feriu, e “não moveu um músculo, a não ser para fazer o sinal da cruz”, como recordou uma testemunha, embora seu “sorriso calmo e resignado” parecesse “quase extraterreno”.[3] Uma investigação posterior sugeriu que fora um erro genuíno — cartuchos carregados tendo sido esquecidos na culatra do canhão após a prática de tiro ao alvo. O fatalista Nicolau, porém, ficou convencido de que os tiros destinavam-se a ele.[4] Para uma nação vendo catástrofe em cada incidente infeliz nesse malfadado reino, era mais uma prova de que a autocracia estava condenada.

Três dias depois, uma tragédia em grande escala se desenrolou por toda São Petersburgo, que fora apoderada durante semanas de severa inquietação entre trabalhadores da indústria, exacerbada pelo descontentamento crescente com a guerra contra o Japão. Centenas foram mortos e feridos quando as tropas cossacas dispararam contra um agrupamento desarmado de operários e suas famílias, que havia marchado até o Palácio de Inverno para apresentar uma petição a Nicolau implorando reforma política e industrial. O advento do Domingo Sangrento, como veio a ser conhecido, acarretou uma mudança radical na percepção popular tradicional do tsar como o “pequeno pai” protetor, e uma nação volátil descambou para a extrema violência à medida que o ano prosseguiu. Em fevereiro, o exército russo estava em debandada em Mukden, na Manchúria, e em meados de maio a Frota do Báltico foi dizimada no estreito de Tsushima. No momento em que a paz foi negociada com o Japão, em agosto, o ministro do Interior de Nicolau, Piotr Stolípin, havia instigado uma rodada de cortes marciais e execuções sumárias para conter a escalada da violência.

A agitação disseminada caminhou de mãos dadas com um aumento dramático

no assassinato de governantes proeminentes. Dois predecessores de Stolípin foram assassinados em sucessão: Dmítri Sipiágin, em 1902, e Viatcheslav von Plehve — vítima de um ataque a bomba nas ruas de São Petersburgo —, duas semanas antes do nascimento de Alexei. A família Romanov estivera por muito tempo vivendo à sombra do terrorismo político, e em fevereiro de 1905 os revolucionários obtiveram seu triunfo mais assustador até então, quando o marido de Ella, o tão odiado grão-duque Serguei, foi destroçado em um ataque a bomba em Moscou. Tal era a ameaça de perigo para a família imperial que Nicolau e Alexandra foram proibidos de comparecer ao enterro. Outros atentados se seguiram, em grande número e ritmo acelerado: em maio, o chefe da seção de Kiev da Okhrana, Aleksandr Spiridóvitch, foi baleado e ficou seriamente ferido. Em agosto de 1906, o general Vonliarliárski, governador militar russo de Varsóvia, foi assassinado, assim como o general Min, comandante do regimento de Guardas da Vida, morto por uma revolucionária na estação ferroviária de Peterhof, na frente da esposa.[5]

Tamanhos eram os riscos à vida de Nicolau que "levaram à organização de um sistema de espionagem e fofocas curiosamente complicado; espiões eram enviados para vigiar espiões; a atmosfera se encheu de sussurros, correntes conflitantes de medo e desconfiança" à medida que a assoberbada polícia tsarista tentava lidar com a situação.[6] Embora a família imperial nunca aparecesse informalmente em lugares cheios em São Petersburgo, toda eventualidade tinha de ser contemplada — como as ocasiões em que passeavam de landau ou *tróika*, ou compareciam a serviços na igreja ou a cerimônias públicas em que pudessem se ver cercados por uma multidão. Essa elaborada rede de segurança foi amparada por uma proibição de quaisquer anúncios na imprensa sobre os compromissos diários ou viagens que pudessem fazer.[7] Nada escapava da rigorosa inspeção do Departamento do Censor de Imprensa. Como resultado, o povo russo, como observou um jornal londrino, não fazia absolutamente a menor ideia da "doce vida familiar" que levavam seu tsar e tsarina; "os jornais não ousavam publicar — é algo sobre o que raramente se fala, quando se fala, e sempre com a respiração suspensa". Alguns boletins anódinos eram liberados para o consumo público, junto de fotografias oficiais e cartões-postais disponíveis para venda, mas nada além disso. A família imperial russa estava ficando famosa por sua "deslumbrante inacessibilidade".[8]

Quatro diferentes redes de segurança agora protegiam cada passo dos Romanov: a Escolta do Tsar era reforçada por uma força policial especial em Tsárskoe Seló que observava as ruas no entorno e barrava qualquer visita ao palácio. Um batalhão ferroviário especialmente designado monitorava a linha de São Petersburgo a Tsárskoe Seló e Peterhof. Todas as demais linhas de trem

eram cuidadosamente vigiadas por cordões de soldados posicionados ao longo de ambas as margens dos aterros em qualquer rota tomada pelo trem imperial, e guardas a bordo forneciam proteção extra à família.[9] Mesmo ali, porém, Alexandra insistia em que as venezianas ficassem fechadas e se recusava a permitir que as crianças — ou mesmo Nicky — se aproximassem das janelas para acenar. Numa viagem assim, Aleksandr Mossólov, chefe da chancelaria da corte, recordou como "as crianças pressionavam o rosto contra as frestas dos dois lados, entre a cortina e a moldura da janela", ávidas por ver alguma coisa do mundo exterior.[10]

O assassinato do general Min tão perto de casa — pois a família imperial residia na Datcha de baixo, em Peterhof, na época — era preocupante para Nicolau, mas ainda mais para Alexandra, que vivia em constante temor por sua vida e pela segurança das crianças.[11] O isolamento crescente da família imperial era sentido até no estrangeiro; um grande artigo publicado no *Washington Post* no fim de maio, intitulado "Crianças sem sorriso", apresentava a mais recente série de fotos oficiais, o jornal comentando sobre a doçura da expressão das irmãs Romanov, mas concluindo que "a melancolia deixou sua marca nelas", pois os membros da família agora viviam como "quase prisioneiros em seus palácios, cercados por criados e guardas cuja fidelidade, à luz dos eventos passados, deve sempre ser motivo de desconfiança".[12]

Sob a ameaça de novos levantes políticos, no outono de 1905 Nicolau concordou a contragosto com a criação de uma assembleia legislativa — a Duma Federal —, que foi instituída em abril de 1906. Alexandra abominou a decisão, pois se ressentia de quaisquer concessões políticas que pudessem pôr em risco a transição segura do trono para o herdeiro, Alexei, e como era de prever a Duma teve vida curta. Profundamente conservador e receoso de mudanças, Nicolau perdeu a coragem e a dissolveu dois meses depois, tendo chegado à conclusão de que era um celeiro de conflito político. Como reação, houve uma inevitável escalada da violência. Na tarde de 12 de agosto de 1906, o primeiro-ministro Stolípin escapou por pouco da morte quando um violento ataque a bomba em sua *dacha* de verão em São Petersburgo, que estava cheia de visitas no momento, praticamente demoliu a construção de madeira e matou trinta pessoas, deixando outras 32 feridas. O próprio Stolípin saiu milagrosamente incólume, mas ao escavarem os entulhos ouviram-no dizer repetidas vezes "Meus pobres filhos, meus pobres filhos".[13] Dois deles, seu filho Arkádi e uma das meninas, Natália, que estavam ambos no balcão naquela hora, haviam sido lançados para a rua abaixo com a força da explosão. Arkádi, que tinha três anos, quebrou o quadril, e Natália, de quinze anos, ficou gravemente ferida. Ela permaneceu internada no hospital em condições críticas por semanas. Os médicos acreditavam que fosse

morrer ou sofrer a amputação de ambas as pernas, quebradas em vários lugares, quando, a 16 de outubro, chegou um bilhete de Nicolau dizendo a Stolípin e sua esposa que um homem de Deus — "um camponês do governo de Tobolsk" — queria visitar Natália, abençoá-la com um ícone e rezar por ela. Nicolau e Alexandra tinham conhecido o homem havia pouco tempo e ele lhes causara uma "impressão tão distintamente poderosa" que Nicolau insistiu com Stolípin em que o deixasse ver as crianças no hospital.[14] "Quando chegou, o homem não tocou a criança, apenas parou ao pé da cama segurando um ícone do trabalhador milagroso, são Simão de Verkhotur'e, e orou. Ao sair, disse: 'Não se preocupe, tudo vai ficar bem'." A condição de Natália melhorou logo depois disso e ela acabou se recuperando, embora ficasse permanentemente coxa como resultado de um calcanhar arrancado.[15]

O curandeiro misterioso era um *strannik* — um peregrino laico semiletrado — de 37 anos chamado Grigóri Raspútin, que viera ganhando reputação em São Petersburgo como místico e curandeiro desde sua chegada à cidade, durante a Quaresma de 1903.[16] Nicolau e Alexandra já o haviam conhecido, brevemente, em novembro de 1905, na casa de Stana, Sérguievka, perto de Peterhof, e voltaram a vê-lo em julho de 1906. Com Philippe agora morto, as irmãs montenegrinas haviam adotado recentemente esse novo místico e curandeiro e, estando a par da enfermidade incurável de Alexei, agiram em conjunto para aproximar Raspútin do casal muito vulnerável. Na noite de 13 de outubro de 1906, Raspútin viera visitar a família imperial na Datcha de baixo, a pedido próprio, para lhes presentear um ícone de madeira pintada de são Simão, um dos mais celebrados santos russos da Sibéria, a quem ele reverenciava em particular. Enquanto esteve ali, foi-lhe permitido o privilégio de conhecer as crianças, e ele "lhes deu pão bento e imagens santas, e falou algumas palavras para elas".[17] Mas isso fora tudo até o momento, e Raspútin não fora convidado a voltar. Por ora, Nicolau e Alexandra permaneciam impressionados e curiosos — mas cautelosos.

Mas o choque dos ferimentos dos filhos de Stolípin foi profundo para ambos; particularmente porque Stolípin e sua esposa enfim haviam conseguido um menino depois de cinco filhas em sucessão. Alexandra mostrava, o tempo todo, uma proteção excessiva em relação a Alexei; ela parecia "apertar o menininho junto ao corpo com o movimento convulsivo de uma mãe que dá a impressão de temer o tempo todo pela vida de seu filho".[18] Os eventos angustiantes de 1905-6, aliados ao estresse com a hemofilia de Alexei, já haviam cobrado um pesado tributo dela. Quando suas irmãs Irene e Vitória a visitaram naquele verão, acharam que envelhecera e ficaram alarmadas com a frequência com que era incapacitada pela ciática. Ela se queixava também de falta de fôlego e dor no coração, convencida de que o órgão ficara "maior". Vitória voltou para casa

muito entristecida com o que observara; foi “apenas no rosto das quatro encantadoras garotinhas” que vira alguma felicidade de verdade em Tsárskoe Seló.[19]

A total interdição de notícias sobre a família imperial russa fazia um intenso contraste com as circulares diárias emitidas na corte britânica sobre cada passeio na carruagem real, cada inauguração de obra ou escultura pública, por mais trivial que fosse o evento. Numa tentativa de erguer o véu de sigilo cercando a família imperial, São Petersburgo ficou inundada de correspondentes estrangeiros perseguindo histórias sobre a “vida doméstica” do tsar. As “Quatro Princesinhas Russas” eram objeto de incansável curiosidade nas revistas femininas e adolescentes da Europa e dos Estados Unidos.[20] Em algumas ocasiões — antes que Nicolau e Alexandra deixassem o Palácio de Inverno, em 1905 — as garotas tinham sido vistas nas ruas de São Petersburgo em um landau com suas babás, muitas vezes se comportando de maneira indisciplinada, subindo nos bancos, ficando de pé para saudar os transeuntes e ansiosamente observando tudo que acontecia em torno. Também era possível ter um casual relance delas atrás da cerca no Palácio de Alexandre, andando em seu pôneis ou bicicletas no parque, ou correndo e colhendo flores. Elas pareciam cheias de energia e vivacidade e os jornais estavam ávidos por mais.[21]

Uma das primeiras pessoas a fornecer uma visão de dentro foi Margaretta Eagar, que, bastante repentinamente, fora “liberada” de seu emprego em 29 de setembro de 1904, não muito após o nascimento de Alexei. Nenhuma explicação foi dada, quer por Eagar em seu posterior livro de memórias ou seus artigos, quer na breve entrada no diário de Nicolau aludindo a sua partida. Mas é possível que a sincera Margaretta tenha ficado beligerante demais para o gosto de Nicolau e Alexandra — assim como a sra. Inman antes dela — quando insistiu em seu direito, como babá, de disciplinar as crianças. Tendo falado com Alexandra em hora imprópria certa vez sobre esse assunto, insistindo em que estava “incumbida por Vossa Majestade da educação das pequenas princesas”, a tsarina foi obrigada a lembrar Margaretta de que ela estava falando com a imperatriz da Rússia.[22] Margaretta sempre fora falante e cheia de opiniões; talvez o casal imperial tivesse passado a vê-la como um risco num momento em que estavam aflitos para manter a enfermidade de Alexei em segredo.

Não obstante, fora claramente difícil para Alexandra dispensar Margaretta Eagar, pois a babá desempenhara seu papel com considerável habilidade e dedicação e todas as garotas a adoravam, mas ela decidiu dali por diante se encarregar ela mesma da criação das meninas e nunca mais depender de babás inglesas. Isso ia completamente na contramão da tradição russa, ou, aliás, do modo normal de fazer as coisas entre a maioria dos pais aristocráticos da época,

que confiavam o cuidado diário de seus filhos a um bando de empregados. Alexandra, é claro, tinha a seu serviço as amas russas para ajudá-la com as meninas no dia a dia, sendo duas das mais leais e antigas Maria Vichniakova, que ficaria cada vez mais encarregada de Alexei, e Alexandra — "Chura" — Tégleva.

Quanto à educação das meninas, Alexandra já começara pessoalmente a lhes dar aulas de inglês e francês, bem como ortografia básica, tendo as ensinado a bordar assim que foram capazes de segurar uma agulha. Ela requisitou sua *lectrice*, Trina Schneider, para lecionar para as duas mais velhas outros temas gerais. Trina também atuava como acompanhante, bem ao modo como Margaretta Eagar fizera, quando as meninas saíam para caminhadas ou passeios de carruagem. Nesse ínterim, foram procurados tutores para outras matérias.[23] Um dos primeiros a ser recrutado foi Piotr Vassílievitch Petrov — professor e antigo oficial do Exército que fora um alto funcionário do governo, responsável por escolas militares, e que começou a lecionar a língua e a literatura russas para Olga e Tatiana em 1903. Embora perto da aposentadoria, Petrov era devotado a suas pupilas, e elas corresponderam a seus modos cordiais com grande afeição, referindo-se a ele por suas iniciais, PVP.[24] Mas ele as achava difíceis; as meninas às vezes podiam ficar agitadas e fora de controle. "Elas costumavam brincar com ele, gritando, rindo, empurrando-o, e de modo geral fazendo-o de gato e sapato, sem piedade", recordou a baronesa Buxhoeveden. Olga e Tatiana podiam ser "meigas como camundongos" na hora do estudo, mas assim que o professor deixava a sala de aula, "uma bagunça selvagem" muitas vezes acontecia em seguida, durante a qual Olga pularia sobre o sofá e correria ao longo da fileira de cadeiras cuidadosamente arrumadas contra a parede, à espera de que as duas mais novas viessem correndo dos aposentos infantis para participar da brincadeira, até que o professor seguinte chegasse e as visse sentadas com expressão séria em seus lugares.

O mais importante recém-chegado na sala de aula foi, sem dúvida, o tutor suíço Pierre Gilliard, de 26 anos, muito garboso com seus engomados colarinhos em asa, bigode retorcido e cavanhaque. Ele começou a lecionar francês para Olga e Tatiana em Peterhof, em setembro de 1905, enquanto ainda estava empregado por Stana, a duquesa de Leuchtenberg, e seu marido. Gilliard viajava da *dacha* deles, nas proximidades, para Sérguievka vários dias por semana, passando por um corredor polonês infindável de checagens de segurança no processo. Ele ficou nervoso por ter a tsarina sentada acompanhando suas aulas até se dar por satisfeita quanto às suas qualidades; depois disso, uma dama de companhia ficaria presente como acompanhante informal. A primeira impressão que Gilliard teve de suas pupilas foi de que Olga era "viva como um cavalo

descontrolado, e muito inteligente", e Tatiana, em comparação, era "calma e um pouco preguiçosa".[25] Ele apreciava a franqueza delas e o fato de que "não tentavam esconder suas falhas", e, melhor ainda, viu na simplicidade da família do tsar um contraste revigorante com sua vida "dessecada", sufocante, entre os Leuchtenberg e todas suas tensões e intrigas (o casal atravessava um escandaloso processo de separação e divórcio).[26]

Após a estada de verão em Peterhof, a vida em Tsárskoe Seló no outono voltava à rotina estabelecida. Nicolau acordava bem antes da esposa pela manhã, a saúde precária de Alexandra em geral segurando-a na cama até depois das nove. As crianças nesse meio-tempo tomavam café da manhã nos aposentos infantis, no andar de cima, desfrutando da alimentação simples tão estimada das famílias inglesas — mingau de cereal, pão com manteiga, leite e mel. Nicolau ocasionalmente se juntava a elas antes de ir para o escritório, onde se reunia com seus ministros. Quando tinham entre oito e dez anos, as meninas foram consideradas bem-comportadas o suficiente para sentar com os pais à mesa dos adultos, no andar de baixo. O almoço, de que hóspedes ou membros do séquito muitas vezes participavam, era simples. Com as crianças de volta a suas lições, Alexandra passava as tardes em seus bordados, ou pintando e escrevendo cartas até a hora do chá da tarde, às cinco, no quarto malva, onde gostava de ter Nicky apenas para si, se pudesse, e as crianças só iam se fossem convidadas, em seus melhores vestidos — embora sempre pudessem vê-la a qualquer momento se houvesse um motivo particular. A ceia familiar, quando as crianças ficaram mais velhas, era em geral bem modesta, e a noite era passada com mais bordados e jogos de tabuleiro e de cartas até a hora de dormir, com Nicolau muitas vezes lendo em voz alta para todos eles.[27] Ninguém jamais via as meninas ociosas ou entediadas, pois Alexandra tomava providências para que nunca ficassem sem ter o que fazer. Quando tinha de se afastar delas por algum dever oficial com Nicolau, enviava pequenos bilhetes de advertência: "Seja muito boazinha e não esqueça: cotovelos fora da mesa, sente direito e coma sua comida com educação".[28] Esperava receber bilhetes em troca — por mais breves que fossem. Uma resposta típica para a "mamãe" de Tatiana, em 1905, na sua caligrafia mais caprichada, dizia o seguinte:

J'aime maman, qui promet et qui donne
Tant de baisers à son enfant,
Et si doucement lui pardonne

Toutes les fois qu’il est méchant.[14][29]

O aspecto mais notável da vida familiar do tsar, quando detalhes dela chegaram à imprensa ocidental, era quão sossegada podia ser. As pessoas pareciam surpresas que as quatro irmãs usufruíssem “apenas dos prazeres saudáveis de crianças normais”.[30] Repórteres ficavam impressionados com a anglofilia de sua criação, em que as aulas eram intercaladas a muito ar fresco e exercício, tudo planejado de antemão com um cronograma fixo. Durante o intervalo matinal das aulas, por volta das onze, Alexandra muitas vezes caminhava ou ia de carruagem até o parque com as crianças e uma de suas damas — em geral, sua atual dama de companhia honorária, a baronesa Buxhoeveden, a qual todos chamavam de Iza, ou Trina Schneider. No inverno, ela e as crianças saíam com frequência em um grande trenó de quatro lugares. Nessas ocasiões, a pequena Anastácia, já uma palhaça irreprimível, costumava “se enfiar sob o grosso tapete de urso [...] e sentar, cacarejando como uma galinha ou latindo como um cão”, imitando Aera, o desagradável cãozinho de Alexandra que era conhecido por morder o tornozelo das pessoas. Às vezes, as garotas cantavam durante o passeio no trenó, “a imperatriz dando o tom” para o qual, sob o tapete de urso, Anastácia ofereceria um “bum, bum, bum” de acompanhamento, assegurando: “Sou um piano”.[31]

As irmãs Romanov raramente usavam roupas luxuosas, e mesmo em dias mais frios jamais eram “encapotadas na moda do momento”, assim contou o *Daily Mirror* a seus leitores, “já que a tsarina tinha ideias bem britânicas na questão da higiene”.[32] Com Anastácia agora com quatro anos, Alexandra começou a vestir as meninas com seu “uniforme” informal de cores combinando, como duas duplas identificáveis — o “grande par” e o “pequeno par”, como ela as chamava —, apelido que, por mais carinhosa que fosse a intenção, marcava o início de um hábito familiar de se referir às garotas coletivamente, e não como indivíduos. O grande par e o pequeno par partilhavam de um quarto cada, onde dormiam em camas de campanha simples e estreitas, de níquel (do tipo portátil, usado pelo exército; um vestígio da infância espartana do próprio Nicolau). Tomavam banho frio pela manhã e tinham permissão de tomar banho quente ao final do dia. As garotas mais velhas se vestiam sozinhas e Alexandra esperava que arrumassem suas camas e seus quartos. O vestígio de puritanismo luterano que havia nela garantia que roupas e sapatos passassem de irmã para irmã. “Os armários de brinquedos dos aposentos infantis imperiais não contêm a quantidade de brinquedos caros considerados indispensáveis por tantas famílias de classe média”, observou o *Daily Mail*; na verdade, “as esplêndidas bonecas

enviadas pela rainha Vitória para suas bisnetas são exibidas apenas em dias importantes e feriados".[33]

O mais notável para os observadores estrangeiros era o grau de acesso que as crianças tinham à mãe e ao pai. A despeito de sua pesada carga de trabalho, Nicolau desde o início tentava estar em casa ao final do dia para ver o bebê mais novo tomar banho e sempre encontrava tempo para brincar com as crianças ou ler para elas à noite. Ambos os pais determinavam elevados padrões morais para os filhos; Alexandra se inspirava no popular ministro presbiteriano americano James Russell Miller, cujos panfletos homiléticos, como *Secrets of Happy Home Life* [Segredos da vida doméstica feliz] (1894) e *The Wedded Life* [A vida conjugal] (1886), venderam milhões. Ela anotava diversas citações de Miller sobre as alegrias da vida de casado, sobre as crianças como o "ideal divino de completude" e sobre a responsabilidade dos pais na formação de seus caracteres dentro de um lar cristão e amoroso. "Que Deus nos ajude a lhes dar uma boa e sólida educação e torná-los acima de tudo bravos soldadinhos cristãos lutando por nosso salvador", contou ela a seu velho amigo, o bispo Boyd Carpenter, em 1902.[34]

Em 1905, aproximando-se seu décimo aniversário, Olga já mostrava uma consciência inerente a sua posição de mais velha e adorava fazer uma saudação militar para os soldados que montavam guarda quando passava por eles. Até o nascimento de Alexei, as pessoas muitas vezes a saudavam como sua "pequena imperatriz", e Alexandra enfatizava isso exigindo que as damas beijassem a mão de Olga em vez de oferecer expressões de afeto mais impulsivas. Embora pudesse ser bagunceira com as irmãs, Olga já mostrava um lado sério. Havia uma franqueza e uma integridade em seu comportamento que teriam lhe servido bem, caso tivesse chegado a tanto, como futura tsarina. Desde o início Alexandra investiu um nível de responsabilidade em Olga, lembrando-a constantemente disso em pequenos bilhetes: "A mamãe dá um beijo carinhoso em sua menininha e reza a Deus que possa ajudá-la a ser *sempre* uma boa criança cristã. Mostre bondade para com todos, seja gentil e carinhosa, e assim todos vão amá-la", escreveu ela em 1905.[35]

Ficou claro para Margaretta Eagar que desde a mais tenra idade Olga herdara o espírito altruísta da mãe e de sua avó Alice. Ela era muito sensível à provação dos menos afortunados; passeando por São Petersburgo um dia, vira um policial prender uma mulher por embriaguez e desordem e pedira a Margaretta que a mulher fosse solta; a visão de camponeses pobres prostrando-se de joelhos na beira da estrada, na Polônia, quando elas passavam em sua carruagem também a perturbou, e ela pediu a Margaretta: "Diga-lhes que não façam isso".[36] Não muito depois do Natal, certo ano, quando estavam passeando, ela vira uma

garotinha chorando na estrada. "'Olhem', exclamou, muito excitada; 'pode ser que Papai Noel não soubesse onde ela morava'; e jogou imediatamente da carruagem a boneca que tinha consigo, gritando: 'Não chore, garotinha; aqui está uma boneca para você'."[37]

Olga era curiosa e cheia de perguntas. Certa vez, quando uma babá a repreendeu por sua rabugice, dizendo que "levantara da cama com o pé errado", na manhã seguinte Olga perguntou atrevidamente qual era "o pé certo para levantar", de modo que o "pé ruim não seja capaz de me deixar malcriada hoje".[38] Ela decerto podia ser mal-humorada, desdenhosa e difícil, sobretudo durante a puberdade, e seus acessos de raiva revelavam um lado obscuro que ela achava às vezes duro de controlar, mas Olga era também uma sonhadora. Durante uma partida de "Eu Espio"[15] com as crianças, Alexandra notara que "Olga sempre pensa no sol, nas nuvens, no céu, na chuva ou em algo ligado ao firmamento, e ela me explicou que fica muito feliz ao pensar nisso".[39] Em 1903, com oito anos, Olga se confessou pela primeira vez, e pouco depois da trágica morte de sua prima, nesse mesmo ano, desenvolveu um fascínio pelo céu e pela vida após a morte. "A prima Ella sabe, ela está no céu, sentada e conversando com Deus, e Ele está contando a ela como fez isso e por quê", insistiu com Margaretta Eagar enquanto discutiam o sofrimento de uma mulher cega.[40]

Tatiana, aos oito anos, era pálida, esbelta e tinha cabelos mais escuros, avermelhados, e olhos um pouco mais puxados para o cinza do que para o azul cor do mar de suas irmãs. Sua beleza já era arrebatadora, "a réplica viva de sua linda mãe", com uma expressão naturalmente majestosa realçada por seus ossos delicados e olhar altivo.[41] Por fora, parecia uma jovem extraordinariamente controlada, mas era, na verdade, cautelosa e reservada em seu lado emocional, como a mãe. Nunca era refém do próprio temperamento como Olga às vezes podia ser, e, ao contrário desta — que mostrava uma relação instável com a mãe à medida que crescia —, era, sem dúvida, devotada; era em Tatiana que Alexandra sempre confiava. Era a mais educada e respeitosa à mesa com os adultos, e se provou ser uma organizadora nata, com uma mente metódica e um espírito prático ausentes em suas irmãs. Não é de admirar que estas a chamassem de "a governanta". Enquanto Olga era musical e tocava piano lindamente, Tatiana era uma bordadeira talentosa, como a mãe. Ao descobrir que sua babá e a srta. Eagar eram pagas por seus serviços porque não tinham dinheiro como elas e precisavam trabalhar para viver, foi até a cama de Eagar na manhã seguinte, deitou-se e a abraçou, dizendo: "Em todo caso, você não é paga por isto".[42]

A terceira irmã, Maria, era uma criança tímida que sofreu mais tarde por ficar no meio, entre as duas mais velhas e a irmã e o irmão mais novos. Sua mãe podia tê-la juntado a Anastácia no "pequeno par", mas à medida que o tempo

passou Maria ocasionalmente foi se distanciando de Anastácia e Alexei — o pequeno par mais natural —, e às vezes sentia que não recebia o amor e a atenção a que aspirava. Seu físico robusto lhe dava um aspecto pouco gracioso e sua reputação era a de ser desajeitada e bagunceira. Contudo, para muitos que conheceram a família, Maria era de longe a mais bonita. Tinha uma tez viçosa, cabelos castanhos bastos e uma qualidade russa mundana que não era compartilhada por nenhuma das outras crianças; todos diziam que seus olhos brilhavam "como lanternas" e destacavam seu sorriso afetuoso.[43] Ela não era particularmente brilhante, mas tinha talento genuíno para pintar e desenhar. Machka, como suas irmãs muitas vezes a chamavam, era a menos afetada por alguma percepção de sua posição. Ela "apertava a mão de qualquer criado ou empregado do palácio ou dava beijinhos nas camareiras ou em camponesas que porventura viesse a conhecer. Se uma criada deixava cair alguma coisa, apressava-se a ajudá-la a pegar".[44] Certa vez, assistindo a um regimento marchar sob sua janela no Palácio de Inverno, exclamou: "Oh! Adoro esses queridos soldados; gostaria de dar um beijo neles todos!". Das quatro irmãs, era a mais cordial e sincera e sempre foi extremamente respeitosa com seus pais. Margaretta Eagar percebia que era a favorita de Nicolau e que ele ficava comovido por sua afeição natural. Quando certa vez ela admitiu humildemente ter roubado um pãozinho proibido de uma bandeja na hora do chá, ele ficou aliviado, pois "sempre tive medo das asinhas crescendo". Deixou-o "feliz ver que é apenas uma criança humana".[45]

Tendo personalidade tão complacente, era talvez inevitável que Maria fosse completamente submissa à personalidade dominante de sua irmã menor, Anastácia, pois a Romanov mais nova constituía uma força da natureza diante da qual era impossível ficar indiferente. Mesmo aos quatro anos de idade, era "uma macaquinha muito vigorosa e não tinha medo de nada".[46] De todas as crianças, Nastácia, ou Nástia, como a chamavam, era a menos russa na aparência. Tinha cabelo loiro escuro como Olga e os olhos azuis do pai, mas seus traços estavam muito mais para a família Hesse de sua mãe. Tampouco era tímida como as irmãs; na verdade, era extremamente sincera, mesmo com adultos. Apesar de ser a mais nova das quatro, era a que sempre chamava mais atenção. Tinha o grande dom do humor e "sabia como alisar as rugas de qualquer cenho".[47] Um dia, pouco depois de Alexei nascer, Margaretta pegou Anastácia comendo ervilhas com a mão: "Eu a repreendi, dizendo com seriedade: 'Nem o novo bebê come ervilhas com a mão'. Ela olhou para mim e disse: 'Come, sim — come com a mão e com o pé também!'".[48] Anastácia rejeitava qualquer coisa que a mandassem fazer; se lhe dissessem para não subir nas coisas, era precisamente o que fazia. Quando lhe disseram para não comer as maçãs colhidas no pomar, que

seriam cozidas para a ceia nos aposentos infantis, ela deliberadamente se refestelou e, quando ouviu uma reprimenda, não mostrou arrependimento: “Você não faz ideia de como estava gostosa aquela maçã que comi no jardim”, disse a Margaretta, provocando. Foi preciso proibi-la de ir ao pomar por uma semana para Anastácia afinal prometer que não comeria mais as maçãs.[49]

Tudo com Anastácia era uma guerra de vontades. Ela era uma aluna impossível: distraída, desatenta, sempre disposta a fazer qualquer coisa exceto ficar quieta; contudo, apesar de não ir tão bem assim nos estudos, tinha talento para lidar com pessoas. Quando punida por mau comportamento, sempre acatava bravamente: “ela era capaz de ficar sentada e assumir os erros de cada ação que quisesse realizar, e aguentar a punição ‘como um soldado’”, como recordou Margaretta.[50] Mas isso nunca a impediu de ser a principal instigadora das desobediências, e ela escapava de ser punida com mais frequência do que as irmãs. Às vezes, à medida que crescia, podia ser rude e até maldosa ao brincar com outras crianças, arranhando e puxando o cabelo, levando os primos que os visitavam a queixarem-se de que era “maldosa a ponto de ser cruel” quando as coisas não saíam do seu jeito.[51]

Assim, a imagem pública anódina das quatro doces garotinhas em cambraia branca bordada, com laços azuis no cabelo, dava pouco ou nenhum indício das quatro personalidades muito diferentes se desenvolvendo atrás das portas fechadas do Palácio de Alexandre. Em 1906, a percepção pública das irmãs Romanov estava sendo consolidada pelas inúmeras fotografias oficiais que circulavam para consumo das massas. Mas elas transmitiam uma imagem superficial e açucarada das meninas que perdurou até os anos da guerra.[52]

14 “Amo mamãe, que promete e dá tantos beijos em seu filho, e tão docemente o perdoa todas as vezes que ele é mau.” Tatiana claramente copiou isso de algum lugar, pois, se quisesse se referir a si própria, deveria ter escrito “*qu’elle est méchante*” [que ela é malvada].

15 *I Spy*: jogo de adivinhação em que uma pessoa lança o desafio de que as demais descubram qual é o objeto para o qual ela olha no momento. (N. T.)

Capítulo Seis

O *SHTANDART*



Durante os tumultos de 1905 os membros da família Romanov não tiveram outra escolha a não ser permanecer em Peterhof, trancados como virtuais prisioneiros. O chefe dos guarda-costas pessoais secretos do tsar, general Spiridóvitch (tendo se recuperado do recente ataque terrorista que sofrera), era uma das poucas pessoas no séquito imperial com acesso próximo à família.[1] Ele se encarregava particularmente dos arranjos de segurança no verão de 1906 quando avaliou até mesmo Peterhof como um lugar perigoso, e a família subiu a bordo de seu iate, o *Shtandart*, e partiu de férias. Por três semanas, eles navegaram pelos escolhos de granito na região de Virolahti, ao largo da costa meridional da Finlândia, entre Kronstadt e Helsinki, fazendo paradas em pontos de sua predileção, como Björkö, Langinkoski, Pitkäpaasi e as ilhas Pukkio. A polícia de segurança fazia uma cuidadosa busca por elementos indesejáveis na área à frente da chegada do *Shtandart*, e os atracadouros do iate eram constantemente alterados como medida de segurança adicional. Mas tamanha era a neurose oficial quanto à ameaça de ataque que o iate era escoltado por um esquadrão de oito navios da frota imperial — inclusive torpedeiros e navios de espionagem — que impediam quaisquer outras embarcações de se aproximar demais.[2] A bordo do iate não havia guardas fazendo segurança, pois a família imperial confiava na intensa lealdade dos oficiais e da tripulação; “formamos uma família unida”, observou Alexandra.[3]

As crianças adoravam o *Shtandart* e vieram a conhecer inúmeros dos 275 marinheiros e pessoal de bordo que o tripulavam, lembrando os nomes de todos;

elas se sentiam seguras a bordo, e o iate logo se tornou um novo lar. Com 128 metros de comprimento (420 pés), era o maior e mais rápido de todos os iates imperiais e gozava das principais amenidades modernas, como luz elétrica, aquecimento a vapor e água quente e fria nas torneiras. As luxuosas cabines privativas contavam com candelabros e painéis de mogno; a capela privativa possuía a própria iconóstase e a sala de jantar podia acomodar 72 pessoas. Os aposentos da família eram confortáveis mas muito modestos, ecoando o estilo inglês simples e ubíquo da Datcha de baixo e do Palácio de Alexandre, embora caixas de flores recém-colhidas de Tsárskoe Seló fossem enviadas regularmente por escaler, junto das caixas de despacho de Nicolau, para transigir com a única indulgência duradoura de Alexandra.

No início, as meninas dividiam com suas criadas pequenas cabines apertadas no convés inferior. Seus pais consideravam o arranjo mais do que adequado enquanto as crianças eram pequenas, mas depois de 1912 elas ganharam as próprias cabines maiores no convés imperial, embora nem mesmo essas se comparassem com a espaçosa suíte disponibilizada para Alexei.[4] Apertadas ou não, as meninas adoravam suas pequenas cabines, mas era no convés do solário que se sentiam livres e onde, vestidas com suas roupas de marinheiro azuis-marinhas (brancas quando fazia calor), chapéus de palha e botas de abotoar, podiam conversar com os oficiais, brincar e andar de patins na lisa superfície de madeira. Alexandra ficava por perto, bordando numa confortável poltrona de vime ou descansando em um sofá sob um toldo de lona, sempre atenta ao que faziam. Toda vez que a família andava de iate, era designado entre a tripulação um guarda-costas pessoal, ou *diádka* (“tio”), para cada filho dos Romanov, para cuidar de sua segurança enquanto estivessem no mar. Naquele verão de 1906, à primeira vista, as crianças ficaram um pouco tímidas com a tripulação do *Shtandart*, mas logo se afeiçoaram aos seus *diádki*, que as entretinham por horas com histórias do mar e lhes contavam sobre seus lares e famílias. Andrei Derevenko fora especialmente destacado para cuidar de Alexei, que agora, dando os primeiros passos, precisava ser vigiado bem de perto o tempo todo, por medo de que caísse ou se machucasse de algum modo, sofrendo uma hemorragia. As meninas, por sua vez, ficavam ligadas a determinados oficiais; seguravam suas mãos quando iam para terra firme e sentavam ao lado deles nos botes, ajudando com os remos. Na maioria das manhãs, acordavam às oito para ver a tripulação se reunir para a cerimônia de hasteamento da bandeira ao som da banda do navio tocando a Marcha de Nikoláevski.

De sua parte, a tripulação, que apreciava o prestígio de servir no *Shtandart*, adorava as quatro irmãs, e as achava encantadoras, como Nikolai Vassílievitch Sáblin recordou mais tarde em suas memórias. Tal era a informalidade a bordo

que os marujos se dirigiam às irmãs pelo nome e patronímico, não pelo título, e não havia o que não fizessem por elas. Dessa relação inicial, inocente e hesitante, profundas amizades se desenvolveram; naquela primeira viagem em 1906, Olga se apegou a Nikolai Sáblin, e Tatiana, a seu xará (sem nenhum parentesco) Nikolai Vassílievitch Sáblin. Nikolai Vadbólski era o predileto de Maria, enquanto a pequena Anastácia se afeiçoou, surpreendentemente, a um navegador um tanto taciturno chamado Aleksei Saltánov. Ela deixava todos exaustos, inclusive seu marujo *diádka* Bábuchkin, correndo pelo iate do amanhecer até a noite, subindo na ponte de comando quando não havia ninguém olhando, sempre desalinhada e quase incontrolável, para ser finalmente carregada, debatendo-se e gritando, para a cama ao final do dia. Sua fleumática irmã Maria tinha um comportamento mais relaxado a bordo. Como Sáblin lembrou, ela "gostava de sentar um pouco, ler e comer pãezinhos doces", ficando ainda mais gorducha desse modo, o que, sem dúvida, explicava a escolha do apelido que suas irmãs lhe deram — "au-au gordinho".[5]

Alexandra era uma mulher bem diferente a bordo do *Shtandart* — mais feliz e relaxada do que em qualquer outro lugar. Ela agora contava com a companhia de uma nova amiga, Anna Vírubova, que chegara à corte em fevereiro de 1905. Embora nunca tivesse sido formalmente nomeada dama de companhia, Anna rapidamente preencheu o vazio deixado pela favorita de Alexandra, a princesa Sónia Orbeliáni, que ficara a seu lado desde 1898 mas agora sofria de uma doença crônica debilitante e não podia mais servi-la.[6] Em pouco tempo Anna se tornou a confidente indispensável da tsarina e uma figura quase constante em sua vida diária. Deus lhe mandara uma amiga, dizia Alexandra, e amigos tão confiáveis quanto Anna eram algo difícil de encontrar no mundo fechado em que ela vivia.

Pequena, atarracada e pouco atraente, com pescoço curto e busto amplo, Anna Vírubova tinha um ar ingênuo e "aparência de fato tão infantil que parecia antes pertencer a um internato".[7] Foram precisamente seu desapego e sua maleabilidade que atraíram Alexandra: Anna era simples demais para intrigas e desse modo não constituía ameaça; na verdade, Alexandra se apiedava dela. Sua intimidade atípica com a jovem crédula de vinte anos provocou considerável ressentimento e ciúme entre as demais damas que serviam havia muito tempo a família imperial — notadamente Orbeliáni e Madeleine Zanotti, que haviam perdido o lugar. Mas, a bordo do *Shtandart*, Alexandra e Anna eram inseparáveis. Elas muitas vezes cantavam duetos e tocavam piano a quatro mãos. A dócil e dedicada Anna prestava atenção em cada palavra de Alexandra, e um ano depois, numa atitude maternal, a tsarina orquestrou seu casamento.

As simples mas idílicas férias navegando pela costa da Finlândia, que se

tornaram uma parte essencial da vida familiar dos Romanov até a irrupção da guerra, em 1914, foram para as quatro irmãs as melhores épocas de todas; pois, ao contrário de qualquer outra em terra firme, essas viagens forneceram um grau de especial intimidade com seus pais e, em particular, mais tempo na companhia do pai que veneravam. “Estar no mar com seu pai — isso era o que constituía a felicidade delas”, recordou o ajudante de ordens do tsar, o conde Grabbe.[8] Não havia nada da usual condescendência vitoriana embrutecedora na atitude de Nicolau com as crianças, e elas, por sua vez, ficavam contentes só em estar na companhia dele, apreciando os mais simples dos prazeres. A bordo do *Shtandart* os Romanov podiam encenar o tipo de vida familiar idealizada, desimpedida, que almejavam, mas de que nunca podiam usufruir em terra.

Navegando ociosamente ao sol outonal dourado e tranquilo pela costa finlandesa, passando pela cadeia de ilhas pequenas, arborizadas, cobertas de pinheiros, abetos e bétulas, e desabitadas a não ser por umas poucas cabanas de pescadores, a família podia fazer paradas à vontade. As crianças adoravam desembarcar na lancha com suas babás e seus *diádki* para jogos com bola ou brincar de pega-pega, fazer piqueniques ou colher cogumelos e frutas silvestres. Muitas vezes saíam para remar com o pai, e vários desses passeios foram capturados em numerosas fotografias tiradas pelo general Spiridóvitch, que sempre estava por perto, zelando com olhos de águia pela segurança de todos. Nicolau não era muito de caçar e também não gostava de pescaria. Mas adorava fazer longas caminhadas vigorosas e poucos em seu séquito conseguiam acompanhar seu ritmo. Mesmo em férias, ainda era obrigado a dedicar grande parte do tempo a suas caixas de despacho, mas, quando efetivamente tinha uma hora para si, às vezes ia em terra firme jogar tênis na quadra de algum proprietário local, ou saía sozinho em sua *baidarka* — um tipo de caiaque — nas águas calmas ao crepúsculo, com uma escolta de oficiais seguindo em um barco a remo, a uma distância discreta. Em outras ocasiões, subia ao convés para checar o tempo, discutir navegação com o capitão e inspecionar a tripulação do iate, ou simplesmente sentava com Alexandra, com um cigarro na mão, lia um livro ou jogava dominó com os oficiais.

Dia após dia era passado nessa quietude, o ar limpo e claro e o sol de setembro baixo no céu, mas em breve as noites começariam a ficar mais longas e a geada cairia. Em 21 de setembro de 1906, a família usufruiu seu último dia de “vida maravilhosa e relaxada”, como Nicolau pesarosamente a descreveu.[9] Ele gostava mais de Virolahti do que de qualquer outro lugar e teria adorado construir um retiro de verão ali ou comprar uma das pequenas ilhas. Depois que o iate atracou em Kronstadt e chegou a hora de voltar para terra firme, as meninas se abraçaram, chorando por ter de se despedir de sua “família” especial

a bordo. Antes de ir embora, como em toda viagem que fazia no *Shtandart*, a família distribuiu generosos presentes para a tripulação.

Em novembro de 1906, a família estava mais uma vez abrigada no Palácio de Alexandre, e, como sempre, as garotas adoravam sair ao ar livre, no parque. Elas gostavam de esquiar nos lagos congelados e atravessar o gelo até a pequena casa construída em 1830 para os filhos de Nicolau I, no meio da ilha das Crianças, onde podiam embarcar em seu mundo de fantasia particular.[10] Mas sua atividade de inverno favorita, apreciada a partir do momento em que tinham tamanho suficiente para sentar no joelho do pai, era deslizar num trenó em colinas de gelo especialmente feitas para elas. Nesse inverno em particular tiveram o prazer de contar com uma "colina americana" recém-construída — um tobogã artificial de 61 metros de comprimento. Um jornalista do *Washington Post* teve a felicidade de vê-las brincando ali quando fazia uma matéria sobre as medidas de segurança em Tsárskoe Seló. Um grupo de oficiais de casacos vermelhos "cobertos com tantas medalhas que se sobrepunham" solenemente inspecionou a construção, seguido das babás das meninas, que testaram a descida, após o que as três garotas mais velhas, vestindo grossos casacos de pele de urso, "chegaram com tal pressa que quase derrubaram os oficiais [...] e gritavam tão alto em russo que a governanta as repreendeu". Então tomaram seus lugares "sem considerar a precedência" e "quando os oficiais se distraíram por uma fração de segundo, tomaram impulso e deslizaram pelo tobogã sem ninguém a acompanhá-las. A governanta gritou de horror, as pequenas grã-duquesas, de prazer. Evidentemente, já haviam feito essa arte antes". Depois disso, os oficiais insistiram em montar guarda no tobogã, para grande desalento das meninas, que continuaram tentando escorregar sozinhas. "A décima descida foi sinalizada pela grã-duquesa Maria mergulhando na beirada de gelo da queda e tentando a proeza conhecida em Coney Island como '*bumps*'."[11]

Os dias longos e escuros ficaram ainda mais animados naquele inverno com as visitas regulares de sua tia Olga, a irmã mais nova de Nicolau. Todo sábado ela deixava sua casa em São Petersburgo e pegava o trem para Tsárskoe Seló. "Acho que posso dizer que ficavam muito felizes quando as visitava e levava alguma mudança a suas vidas cotidianas", comentou ela mais tarde. "A primeira coisa que eu fazia era subir correndo a escada até os aposentos infantis, onde geralmente encontrava Olga e Tatiana terminando a última aula antes do almoço [...]. Se eu chegasse antes de os professores terem terminado o trabalho da

manhã, elas ficavam tão deliciadas de ser interrompidas quanto eu ficara um dia."[12] À uma hora, elas "desciam correndo a escada que levava dos aposentos infantis ao quarto de sua mãe", após o que iam todas almoçar, e depois sentar para conversar e bordar no quarto malva. Em seguida, vinha uma caminhada pelo Parque de Alexandre; depois de tirar os casacos e botas, Olga e as meninas costumavam brincar na escada. A luz era apagada ao descerem e "alguma delas deitava num dos degraus, e quando eu pisava em quem estivesse ali ela agarrava meu tornozelo e me fazia cócegas ou alguma outra traquinagem. Havia muitas risadas e gritos quando rolávamos todas até o fim da escada, numa confusão — batendo a cabeça no corrimão nesse percurso".[13]

Ao longo dos anos as garotas ficariam mais próximas de tia Olga do que de qualquer outra parente; ela era como uma irmã mais velha e frequentemente tomava o lugar de sua mãe quando Alexandra não se sentia bem, acompanhando-as em solenidades públicas. "Alguém tinha de estar lá para assegurar que as crianças se comportassem do modo apropriado, ficando de pé quando necessário e cumprimentando as pessoas como deviam — e qualquer outra coisa que precisasse de supervisão", recordou ela mais tarde. "No fim, todo mundo já esperava que eu lhes fizesse companhia aonde quer que elas fossem."[14] Olga era mais próxima à sua sobrinha mais velha e xará, que tinha apenas treze anos menos do que ela. "Tínhamos personalidade parecida e talvez fosse por isso que compreendíamos tão bem uma à outra." Mas, à medida que o tempo passou, ela não pôde disfarçar sua afeição especial pela cativante Anastácia, a quem apelidou de Shvíbzig (um coloquialismo alemão que significa "pequena travessura") em homenagem a seu comportamento incorrigível. A criança era muito corajosa, tinha um ímpeto tremendo pela vida e se atirava em tudo como se fosse uma grande aventura; Olga não tinha dúvida de que das quatro ela era a mais inteligente.[15]

Essas brincadeiras de sábado com a tia eram um momento a ser valorizado: "era assim que aparecíamos à mesa do chá todo sábado à tarde, felizes, rindo e discutindo sobre todas as coisas pavorosas que 'os outros' tinham pensado".[16] Quando escurecia, a família se reunia para as vésperas e tia Olga ficava até a hora de dormir, depois do que viajava de volta para São Petersburgo. No final desse ano, ela convenceu Nicolau e Alexandra a deixar que passasse a noite e levasse as meninas consigo na manhã seguinte para passar o dia.[17] Ali, após o almoço com a avó, Maria Feódorovna, no Palácio de Anítchkov — onde até Anastácia ficaria bem-comportada —, iriam depois para a casa de tia Olga para se encontrar com seus oficiais favoritos do séquito, passar a hora do chá, jogar, escutar música — e dançar — antes que uma das damas de companhia viesse de Tsárskoe Seló para levá-las de volta para casa.

No fim da vida, Olga Alexandrovna refletiu sobre esses “domingos especiais” com suas sobrinhas antes da guerra. A extraordinária proximidade e a autossuficiência que eram a marca das quatro irmãs Romanov persistiram, assim como sua comovente inocência infantil acerca do mundo. Mas aquela era uma estranha atmosfera sufocante na qual crescer. “Minhas sobrinhas não têm colegas para brincar”, observou a grã-duquesa Olga com melancolia, “mas têm umas às outras, e provavelmente não sentem falta de amiguinhas.”[18]

Na Inglaterra, embora fizesse quatro anos que deixara seu cargo, Margaretta Eagar não esquecera suas antigas protegidas. Vivendo agora em dificuldades financeiras, administrando uma pensão em Holland Park, ela continuava a escrever para as meninas de tempos em tempos e a lhes enviar presentes nos aniversários. Mas, sentada em sua sala, como fazia com frequência, olhando para as inúmeras e adoradas fotografias em moldura prateada que tinha delas, ansiava em receber notícias. Margaretta odiava a bruma londrina; sua vida, contou a Maria Geringer, era “*horrível* [...] quem dera eu estivesse de regresso à Rússia. Acho que nunca vou ser feliz neste país”. Enviando votos de feliz aniversário para Tatiana em junho de 1908, comentou, saudosa: “Imagino que você ainda coma bolos e Toffee com amêndoas. Como eles eram gostosos!”.[19]

Sem dúvida, as meninas também sentiam saudade dela, pois desde que Margaretta partira, no fim de 1904, a falta de uma governanta para discipliná-las começara a ter um efeito prejudicial. Com tanta energia natural e uma curiosidade imensa sobre o mundo, as meninas estavam cada vez mais bagunceiras. Alexandra, em geral, vivia ocupada ou indisposta demais para supervisioná-las, deixando-as sob os cuidados de Trina Schneider. Trina podia ser modesta e devotada, mas estava claramente sentindo a pressão, assim como acontecia com a exasperada chefe das amas, Maria Vichniakova, em quem as meninas viviam dando a maior canseira.[20]

Em março de 1907, portanto, Alexandra tomou a decisão de designar Sófia Tiútcheva — que fora dama de companhia em Peterhof no verão precedente — como uma combinação de dama de honra[16] e governanta para as meninas, tendo a responsabilidade de ajudá-las a fazer suas lições e acompanhá-las em caminhadas e outras excursões. Sófia veio por recomendação da grã-duquesa Ella e tinha um pedigree de tradição, sendo neta do famoso poeta russo Fiódor Tiútchev. E também tinha uma forte veia conservadora. Era defensora intransigente do bom comportamento e levava seu papel muito a sério, mas

aquilo foi um desafio: as meninas “não escutavam e tentavam de todos os modos testar minha paciência”, recordou. Ela apelou a Olga: “Você exerce influência sobre suas irmãs, é a mais velha e pode convencê-las a me dar ouvidos e não me provocar tanto”. “Oh, não”, respondeu Olga, “daí eu teria de me comportar sempre, e isso é impossível!” Sófia não pôde deixar de pensar que Olga tinha razão, que era difícil para alguém tão jovem ter de viver dando o exemplo para as irmãs, embora mais tarde a escutasse repreendendo Anastácia por seu mau comportamento: “Pare com isso, ou Savanna [apelido de Tiútcheva] irá embora e depois será ainda pior para nós!”.[21]

Nesse mesmo ano, mais uma amiga entrou na vida das meninas, Lili Dehn, cujo marido, um tenente a serviço da Equipagem de Guardas, já era um favorito da família. As meninas se afeiçoaram a Lili imediatamente, pois assim como tia Olga ela estava disposta a participar de suas brincadeiras, com frequência tolas e muito físicas, e até descia correndo o escorregador na sala de brinquedos de Alexei, no andar de baixo. Enquanto outras pessoas fora do círculo familiar íntimo haviam sugerido que as quatro irmãs eram “Cinderelas absolutamente subservientes à vida familiar, pela atenção dada ao tsarévitch”, Lili descobriu que isso estava longe de ser verdade.[22] Alexandra adorava as filhas; “eram suas companheiras inseparáveis”. Mas não havia como negar que a vida das quatro irmãs era muito protegida: “Elas não faziam a menor ideia do lado feio da vida”, recordou Lili. A suposição geral da imprensa mundial certamente era de que os filhos dos Romanov levavam vidas atrofiadas, escondidos para a própria segurança “numa terra que parece uma enorme paisagem de neve”; que tinham de ser “vigiados por regimentos de soldados e milhares de espiões muito bem pagos”. No entanto, havia suficiente informação emergindo em 1908 para o mundo perceber que Olga era “uma garota muito interessante, cheia de imaginação e amante dos livros”.[23] Mais do que isso, tinha aptidão natural para aritmética e lia melhor em inglês do que em russo.[24]

De fato, as quatro irmãs falavam um bom inglês e haviam recebido aulas adicionais desde 1905 de um escocês, John Epps.[25] Seu legado, porém, foi um estranho sotaque nasalado escocês adquirido por Olga e Tatiana que o tio delas, Eduardo [VII], observou quando as famílias se encontraram brevemente em 1908 (também já foi sugerido que tinham sotaque irlandês, adquirido de Margaretta Eagar).[26] Para substituir Epps, Sófia Tiútcheva sugeriu um inglês de nome Charles Sydney Gibbes, aluno de Cambridge que vinha lecionando em São Petersburgo havia vários anos. Ela enviou um bilhete para a secretária de Alexandra junto de um depoimento do diretor da Escola Imperial de Direito, onde Gibbes vinha dando cursos em línguas modernas, em que o elogiava como sendo “extremamente talentoso”.[27]

Quando Gibbes assumiu sua posição com a família imperial, em novembro de 1908, Sófia Tiútcheva o apresentou a Olga, com treze anos, e Tatiana, com onze. Ele as considerou “meninas bonitas, animadas, de gostos simples e trato muito agradável”. Embora pudessem ser desatentas às vezes, “eram muito inteligentes, e rápidas quando se empenhavam”, mas a atmosfera induzida pela presença de Tiútcheva como acompanhante tornou essas primeiras aulas um pouco tensas.[28] Gibbes também dava aulas ocasionais, separadas, para Maria, que lhe pareceu meiga e obediente, e ficou impressionado com seu talento para pintar e desenhar. A chegada a sua classe, em 1909, do furacão que era Anastácia, com oito anos, mudou tudo. Gibbes mais tarde observou com delicadeza que ela nem sempre era uma criança muito fácil de ensinar, mas, como todo mundo, ele ficou cativado por seu charme enérgico e sua inteligência peculiar. Gibbes a achou “frágil e graciosa [...] uma pequena dama com grande autocontrole, sempre inteligente, sempre feliz”. Também a julgou de uma inventividade sem fim — sempre aparecendo com “alguma nova esquisitice no falar ou nos modos; o perfeito domínio que exibia de suas feições era notável” — ele nunca vira nada parecido em outra criança.[29] Quanto a Alexei, a essa altura Gibbes, como os demais tutores, teve pouco contato com ele, à parte o ocasional encontro na sala de aula durante o intervalo, quando o menininho, que podia ser dolorosamente tímido com estranhos, entrava e “dava um solene aperto de mãos”.[30]

Por ora, as aulas de inglês que Gibbes dava às meninas consistiam de gramática, ortografia e conversação, pelas manhãs, e, à tarde, ditados. Com as quatro irmãs agora na sala de aula e Gibbes ambientado, Pierre Gilliard — além de seus deveres como professor de francês — ficou oficialmente incumbido do currículo geral das meninas. Como Gilliard, Gibbes preferiu manter a independência morando em São Petersburgo e viajando a Tsárskoe Seló para dar aulas cinco dias por semana. Ambos, como Tiútcheva (“Savanna”), receberam apelidos das meninas: Zhilik e Sig, este último baseado nas iniciais de Gibbes. Outros tutores também iam e vinham da cidade: PVP continuava a dar aulas de russo; Konstantin Ivánov lecionava história e geografia; M. Sobolev, matemática; um certo *Herr* Kleikenberg dava aulas de alemão a Olga e Tatiana — língua que nunca as cativou, assim como ele; Dmítri Kardovsky, membro da Academia de Artes da Rússia, era o professor de desenho; e o padre Aleksandr Vassíliev as instruía no catecismo.[31]

Em março de 1907, uma grande conspiração para assassinar Nicolau, seu tio, o grão-duque Nikolai, e o primeiro-ministro, Stolípin, fora descoberta em São Petersburgo, levando à prisão preventiva de 26 “anarquistas muito proeminentes” e ao confisco de um arsenal de bombas e armas.[32] A história inevitavelmente suscitou notícias sensacionalistas na imprensa ocidental de que

o tsar estava “encolhido de terror e com receio de visitar a própria capital” e de que o Palácio de Alexandre era “um imenso bastião fortificado, com barras nas janelas, sugerindo o ambiente sombrio de uma casa-prisão”.[33] Porém, o único paliativo de fato concedido à segurança dentro do palácio nessa época de alerta intensificado era o hábito — na verdade, adotado após um atentado contra Alexandre II muitos anos antes — de que Nicolau e Alexandra alternassem suas refeições por salas diferentes. Um general russo recém-convidado para almoçar com o tsar ficara surpreso ao descobrir a mesa posta no *boudoir* malva da tsarina. Notando sua surpresa, a jovem Tatiana comentou, com humor: “Da próxima vez [...] imagino que vamos almoçar no banheiro!”.[34]

A segurança, no entanto, continuou extremamente rígida quando a família saiu para suas férias anuais na Finlândia a bordo do *Shtandart*, em 1907. Tudo seguia seu padrão rotineiro até 29 de agosto, quando, com o iate viajando a quinze nós rumo a Riilakhti, com um experiente piloto finlandês a bordo, houve um terrível acidente, não muito longe do porto de Hanko. Como recordou Anna Vírubova:

> Estávamos sentados no convés para o chá, a banda tocando, o mar perfeitamente plácido, quando sofremos um terrível choque que sacudiu o iate de popa a proa e derrubou o serviço de chá sobre o convés. Em grande alarme, levantamos e percebemos o iate fortemente inclinado a estibordo. Num instante, os conveses se encheram de marinheiros obedecendo às ordens severas do capitão, e ajudando o séquito a cuidar da segurança das mulheres e crianças.[35]

Embora o *Shtandart* não estivesse em perigo imediato, o capitão ordenou uma rápida evacuação. Isso suscitou súbito pânico, pois ninguém encontrava Alexei no convés, onde fora visto pela última vez brincando com a gata do navio e seus filhotinhos. Alexandra ficou num paroxismo de terror e teve início uma busca frenética, e logo descobriram que o menino estava com seu *diádka*, Derevenko, que, ao sentir o impacto e com medo de que as caldeiras pudessem explodir, pegara Alexei no colo e o levara até a proa do iate, onde era mais seguro.[36] Nicolau permaneceu, como sempre, impassivelmente calmo, àquela sua maneira misteriosa, calculando o grau de inclinação do iate e quanto tempo deveriam ter antes que afundasse, enquanto a escolta circundante de cerca de quinze a vinte barcos acorria para dar assistência ao avariado *Shtandart*.[37] Com Nikolai Sáblin conduzindo as crianças a um lugar seguro, Alexandra recuperou sua compostura

o suficiente para descer até a cabine com Anna Vírubova e juntar todos os seus pertences valiosos em lençóis, assim como fez Nicolau com os importantes documentos oficiais; o iate tinha uma inclinação de dezenove graus no momento em que desembarcaram.

Quando Sáblin e outros oficiais mais tarde desceram no navio para examinar os danos, descobriram um imenso amassado no fundo do casco, que, se tivesse sido rompido, teria levado o iate a afundar muito rápido. Do modo como aconteceu, a água invadiu apenas um compartimento, e ele foi lacrado.[38] O inquérito oficial sobre o acidente revelou que a rocha que o causara não estava mapeada; em mapas subsequentes, ela receberia o nome de Blomkvist, o desafortunado piloto finlandês que deixou de vê-la. Membros da tripulação envolvidos na evacuação rápida e eficiente da família e na preservação do iate foram recompensados com dinheiro, relógios de ouro e de prata e medalhas. Nesse meio-tempo, o acidente atraíra ampla cobertura na imprensa mundial, com correspondentes de jornal afluindo a Hanko. Um choque considerável foi registrado nos jornais russos, com o dedo da culpa sendo apontado primeiro para os finlandeses, depois para os revolucionários e finalmente para todo o sistema tsarista. Muitos ficaram convencidos de que fora um ataque terrorista e que o iate atingira uma mina, ou que uma bomba fora plantada na proa.

As crianças, porém, acharam a aventura de um naufrágio na vida real incrivelmente excitante, inclusive o fato de ficarem espremidas a noite toda numa cabine pequena e um tanto suja num dos barcos de escolta, antes de serem transferidas para o *Aleksandriya*. A família por fim continuou suas férias no iate da imperatriz viúva, o *Polyarnaya zvezda*. Mais uma vez as crianças se contentaram com dias alegres fazendo piquenique, colhendo cogumelos e assando batatas em fogueiras na ilha de Kavo e passeando com Nicolau pela floresta em Paationmaa para colher flores.[39]

16 Nobre solteira a serviço de rainha ou princesa. (N. T.)

Capítulo Sete

NOSSO AMIGO



No outono de 1907, Alexei deixara as roupinhas de bebê e passara a usar calça comprida; seus cachos femininos estavam ficando lisos e escuros, mas ele ainda era uma criança encantadoramente bonita, semelhante na aparência a sua irmã Tatiana. Sua robustez exterior, entretanto, escondia o fato de que já era uma "criança de muitas orações", como Lili Dehn o descreveu.[1] Com pouca informação sobre o herdeiro do trono russo, a imprensa estrangeira era cheia de histórias fantasiosas sobre planos para sequestrá-lo ou matá-lo, ou para envenenar seu pão com manteiga ou mingau. Já se comentava, também, sobre rumores de sua "saúde precária", que por ora era "creditada ao infortúnio de tantas residências dos tsares deixarem muito a desejar do ponto de vista da ciência sanitária".[2]

As primeiras histórias a surgir sobre o tsarévitch tendiam a focar em seu comportamento um tanto mimado. O pequeno Alexei tinha uma mente independente e uma personalidade tão forte quanto a de Anastácia. Adorava presenciar inspeções e manobras do exército com seu pai, exibindo, orgulhoso, seu uniforme em miniatura, que incluía um rifle de madeira, e bancar o déspota — mesmo com apenas três anos. Ele já se apegava ao devido respeito que lhe devia ser dirigido enquanto herdeiro, e às vezes exibia um marcado ar de impertinência — traço que também partilhava com sua irmã mais próxima.[3] Ele até gostava do antiquado ritual de ser beijado na mão pelos oficiais ao subir a bordo e "não perdia uma chance de se gabar disso e de se comportar com afetação na frente de suas irmãs", como recordou Spiridóvitch. No recente

cruzeiro do *Shtandart* ao largo da costa finlandesa, Alexei enfiara na cabeça que a banda deveria ser acordada para tocar para ele no meio da noite. “É assim que se cria um autocrata!”, comentara Nicolau, com orgulho paterno.[4] Havia ocasiões, contudo, em que Nicolau controlava o comportamento autoritário de seu filho, como quando descobriu que Alexei extraía especial prazer de se aproximar furtivamente dos guardas postados na frente do Palácio de Alexandre, “observando-os com o canto do olho quando se punham em posição de sentido e ficavam imóveis como estátuas enquanto ele passava com ar de pouco caso”. Nicolau proibiu os guardas de bater continência para ele, a menos que houvesse outro membro da família acompanhando Alexei; a humilhação do menino “quando deixaram de bater continência para ele” significara, como se disse, “seu primeiro gostinho de disciplina”.[5]

Por algum tempo todos tiveram de aturar o reinado de “Alexei, o Terrível”, como Nicolau chamava seu filho, mas felizmente ele amadureceu e logo deixou de lado as piores facetas de seu mau comportamento.[6] Parte disso, sem dúvida, foi uma reação às limitações que lhe eram impostas por sua doença. Pois era um menino que tinha tudo:

> [...] os brinquedos mais caros e valiosos, grandes ferroramas com bonecos nos vagões de passageiros, barreiras, estações, prédios e cabines de sinaleiro, motores que acendiam e um maravilhoso aparato de sinalização, batalhões inteiros de soldadinhos de chumbo, modelos de cidades com torres e domos de igreja, modelos de navios que flutuavam, perfeitamente equipados com trabalhadores em miniatura, e minas imitando à perfeição a coisa real, os mineiros subindo e descendo [...].[7]

Tudo mecânico e que podia ser colocado em funcionamento com o apertar de um botão. Mas uma coisa que Alexei não tinha era saúde. À medida que o tempo passou e as restrições quanto ao que podia ou não fazer aumentavam, ele se rebelou por escutar constantemente a palavra “não”. “Por que outros meninos têm tudo e eu não tenho nada?”, insistia em perguntar, furioso.[8] Alexei às vezes se mostrava difícil de controlar para seu *diádka* Derevenko, pois era naturalmente aventureiro e desafiava o tempo todo os seus cuidadores. Não havia nada de que gostasse mais do que se lançar em seu escorregador no Palácio de Alexandre ou andar no carrinho de pedalar, mas cada choque ou batida era um perigo potencial.

No início da década de 1900, não havia nada que os médicos pudessem fazer

para controlar o sangramento nos joelhos e cotovelos decorrentes dos numerosos acidentes do tsarévitch a não ser aplicar gelo e confinar o menino à cama. Na época, o ácido acetilsalicílico — uma antiga forma de aspirina disponível desde a década de 1890 — era considerado um analgésico útil (Alexandra tomara ácido salicílico para sua ciática). Mas no caso de Alexei isso era contraproducente — afinando o sangue e portanto agravando a hemorragia. Nicolau e Alexandra resistiam ferozmente ao uso de morfina, pela poderosa dependência que causava, e desse modo o melhor e único modo de proteger Alexei era vigiá-lo constantemente, mas isso não o impediu de sofrer seu pior acidente até então, no outono de 1907, quando, brincando no Parque de Alexandre, ele caiu e machucou a perna. O hematoma mal era visível, mas a hemorragia interna provocada pela queda causou uma dor excruciante. Como Olga Alexandrovna — que correra para lá ao saber da notícia — recordou: "A pobre criança sofria tamanha dor, manchas negras sob seus olhos e seu pequeno corpo todo contorcido, e a perna terrivelmente inchada".[9] Os médicos não podiam fazer nada, tampouco o professor Albert Hoffa, um eminente cirurgião ortopédico que foi chamado às pressas de Berlim. "Eles pareciam mais assustados do que todos nós e ficavam sussurrando entre si", lembrou Olga Alexandrovna. "Não parecia haver nada que pudessem fazer, e se passaram horas até que abriram mão de toda esperança."[10]

Em desespero, e lembrando como Grigóri Raspútin ajudara a filha de Stolípin, Alexandra telefonou para Stana, sabendo que mantinha contato regular com ele. Stana mandou criados à procura de Raspútin, que foi depressa para Tsárskoe Seló. Chegando tarde, ele entrou por uma porta lateral e subiu a escada posterior, onde não podia ser visto. Nicolau, Alexandra e as quatro meninas o aguardavam ansiosamente no quarto do tsarévitch, junto a Anna Vírubova, o médico imperial, dr. Evguéni Bótkin, e o arquimandrita Feofan (confessor pessoal do tsar e da tsarina). A filha de Raspútin, Maria, descreveu mais tarde a cena do modo que seu pai lhe contara:

> Papai ergueu a mão e, fazendo o sinal da cruz, abençoou o quarto e seus ocupantes [...]. Então virou para o menino enfermo, observou as feições pálidas devastadas pela dor, ajoelhou ao lado da cama e começou a rezar. Quando fez isso [...] todos se ajoelharam, como que subjugados por uma presença espiritual, e se juntaram na oração silenciosa. Por um intervalo de dez minutos, nada seria escutado a não ser o som de respiração.[11]

Finalmente, Raspútin se levantou e disse a Alexei que abrisse os olhos. Confuso, o menino olhou em volta até por fim se concentrar no rosto de Raspútin. “Sua dor vai embora; logo você estará bem. Deve agradecer a Deus por curá-lo. E, agora, durma”, disse suavemente. Ao sair, Raspútin assegurou a Nicolau e Alexandra: “O tsarévitch vai viver”. Logo depois que saiu, o inchaço na perna de Alexei começou a diminuir. Quando sua tia Olga o viu na manhã seguinte, “não só estava vivo — mas bem. Ele ficou sentado na cama, a febre sumira, os olhos claros e brilhantes, nenhum sinal de inchaço na perna”.[12]

Alexei escapara da morte, mas ninguém podia explicar sua recuperação milagrosa. Raspútin claramente tinha grandes poderes de intuição e autossugestão que exerceram uma espécie de efeito calmante, levando seus vasos sanguíneos com hemorragia a se contrair (assim como a adrenalina tem o efeito contrário e os dilata).[13] Muitos de seus seguidores viam o dom de cura de Raspútin como algo na tradição védica dos xamãs siberianos, que acreditavam haver uma conexão entre os mundos natural e espiritual. Como todos os médicos imperiais, o pediatra de Alexei, dr. Serguei Fiódorov — que fora chamado em diversas ocasiões, quando houvera uma crise —, sentiu uma aversão instintiva pelo homem, mas não podia explicar como o que Raspútin fizera havia funcionado, enquanto a medicina convencional fracassara.[14] No tratamento do tsarévitch, Raspútin insistiu em que o uso de aspirina e qualquer outro medicamento fosse deixado de lado em prol unicamente da oração e da cura espiritual — e isso, por ironia, também deve ter sido benéfico. Mas a capacidade de deter o fluxo de sangue não era exclusividade sua; era um dom que partilhava com outros curandeiros populares. Como observou Iza Buxhoeveden, não era incomum que camponeses russos controlassem o sangramento nos animais feridos de suas criações “exercendo pressão nos vasos sanguíneos menores e desse modo interrompendo a hemorragia”, mas era um dom secreto que “guardavam a sete chaves”.[15] A princesa Varvara Dolgorúki também se lembrava:

> Entre os camponeses da Rússia havia os curandeiros mais notáveis. Alguns curavam queimaduras, outros interrompiam o sangramento e outros curavam dor de dente — sei de casos excepcionais de dor de dente que foi eliminada não nos minutos particulares de sofrimento apenas, mas de forma permanente. E conhecia de longe [...] e mais tarde me tornei grande amiga de uma senhora russa, madame de Daehn, que curava queimaduras tocando os lugares queimados e murmurando algo.[16]

Uma coisa é certa: a confiança inquestionável que Nicolau e Alexandra depositaram em Grigóri, como o chamavam, estava baseada numa crença profunda e genuína de que ele era — pura e simplesmente — não apenas um curandeiro, mas também um homem de Deus, enviado para ajudá-los quando ninguém mais podia. Se Alexei estava destinado a sobreviver com a ajuda de Grigóri, então era a vontade divina.[17]

Durante essas primeiras visitas ocasionais que Raspútin fez a Tsárskoe Seló (e as fontes variam sobre a frequência com que aparecia), Olga e Tatiana às vezes tinham permissão de assistir a suas discussões religiosas com seus pais, mas as mais novas, sobretudo Anastácia, foram excluídas por algum tempo. Maria Geringer lembrava-se de que ia apressada ao encontro da imperatriz para tratar de um assunto urgente certa noite quando Anastácia "correu para encontrá-la em um corredor, abraçou-a e bloqueou o caminho, dizendo: 'Você e eu não podemos entrar aí, o Homem Novo [era como Alexei chamava Raspútin] está aí dentro'". Anastácia "não tinha permissão de entrar" quando Raspútin fazia sua visita, pois "sempre ria quando ele falava ou lia sobre assuntos religiosos", incapaz de levar tais discussões a sério.[18]

Não demorou muito, porém, para que começasse a ter contato com ele. Certa vez, tia Olga chegou para uma visita e foi levada por Nicolau e Alexandra ao andar de cima, onde encontrou Raspútin com as crianças "todas de pijama branco [...] sendo colocadas na cama por suas amas":

> Quando o vi, senti bondade e calor se irradiando dele. Todas as crianças pareciam gostar dele. Estavam completamente à vontade em sua presença. Ainda me lembro de suas risadas quando o pequeno Alexei, decidindo que era um coelho, saiu pulando pelo quarto. E depois, de repente, Raspútin pegou a mão do menino e o levou para seu quarto, e nós três os seguimos. Havia um silêncio respeitoso, como se estivéssemos em uma igreja. No quarto de Alexei não havia lâmpadas acesas; a única luz vinha das velas que ardiam diante de alguns lindos ícones. O menino ficou totalmente imóvel ao lado daquele gigante, cuja cabeça estava curvada. Eu sabia que estava orando. Foi tudo muito impressionante. Eu sabia também que meu pequeno sobrinho se unira a ele numa oração.[19]

Olga Alexandrovna sempre admitiu abertamente que nunca gostara de Raspútin — ele era "primitivo" e "grosseiro" e não dava a mínima para a etiqueta da corte, dirigindo-se à família imperial pelo *ty* informal, e não pelo *vy*,

e muitas vezes chamando Nicolau e Alexandra de “papai e mamãe”. Ela ficava constrangida com a familiaridade sem limites de Raspútin, que via como alguém intrusivo e impertinente — bem como, era provável, sexualmente intimidante. Era uma reação comum, pois aonde quer que fosse Grigóri Raspútin semeava a controvérsia. Ele continua a ser uma das personalidades do fim da história imperial russa sobre quem mais se escreve, e que costuma atrair algumas das alegações mais sensacionalistas e contraditórias. Como o romancista e escritor de viagem Carl Eric Bechhofer, que o conheceu, recordou: “Antes de ir para a Rússia e durante todo o tempo que fiquei ali, não vi dois relatos combinando sobre Raspútin”; na visão de Bechhofer, os níveis de sua aparente perversidade eram sempre “largamente proporcionais ao liberalismo político do relator”.[20] Parte disso deriva, sem dúvida, da personalidade inerentemente contraditória de Raspútin. Dependendo de a pessoa ser contra ou a favor dele, Raspútin podia ser piedoso, humilde e benevolente ou o polo oposto — promíscuo, bestial e repulsivo. Mas quem ele era na realidade — um “sensualista hipócrita” ou um “místico que operava prodígios”?[21] A história tem lutado nos últimos cem anos para se decidir.

Decerto está claro que, a despeito de ser um homem religioso, Raspútin era também um astuto oportunista, e tampouco fez qualquer tentativa de esconder seus apetites físicos. Ao chegar à capital, ele circulou pelos salões de uma São Petersburgo *fin de siècle* célebre por sua decadência, prestando-se a damas ricas da sociedade que flertavam com cultos na moda, como a cura pela fé, mesas girantes e misticismo oriental, e constituiu um cortejo de seguidoras entre elas. Para seus detratores, era um personagem fácil de caricaturar, com sua larga blusa de camponês e botas compridas, a constituição robusta, os longos cabelos e barba escuros e oleosos, os lábios proeminentes, grossos. Mas não há como negar a força espantosa de sua personalidade: sua voz sonora era hipnótica e aqueles olhos azuis legendários, que ele aparentemente podia dilatar à vontade, davam-lhe um aspecto de profeta do Antigo Testamento. Raspútin, de forma consciente e perspicaz, explorou a teatralidade inata desses dois dons, com o russo eclesiástico arcaico e pouco familiar que falava contribuindo para sua estranha aura sobrenatural. As fofocas lascivas que circulavam a respeito dele pareciam não ter qualquer efeito adverso sobre os seguidores devotos, que permaneciam atraídos pelos inexplicáveis poderes de cura de Raspútin, pois não havia absolutamente nenhuma dúvida quanto à influência profunda e poderosa que exercia sobre os enfermos. Em 1907, a impressionável Anna Vírubova se tornara uma seguidora ardorosa e o convidava regularmente a visitá-la em sua pequena casa perto do Palácio de Alexandre.

Tendo testemunhado a recuperação de seu filho em primeira mão, a tsarina

queria desesperadamente acreditar nos talentos inexplicáveis do santo homem, pois ali enfim havia algo em que se agarrar quando toda a medicina convencional fracassara. Raspútin não fazia afirmações bombásticas sobre seus poderes de cura, nem por que eram eficazes; tampouco era pago por seus serviços (ele certa vez se queixou com Lili Dehn de que "nunca recebera sequer o dinheiro do táxi"; embora presentes generosos de Nicolau e Alexandra, inclusive túnicas bordadas por ela mesma, fossem de tempos em tempos enviados para ele).[22] Para Raspútin, a cura era simples questão de fé inquestionável e do poder da oração. E essas duas grandes armas do arsenal cristão — a fé e a oração — eram fundamentais para o credo de Alexandra. Ela o tratava por Grigóri — por "nosso amigo" —, vendo nele não só o salvador de seu filho, mas também algo maior — um homem santo e vidente. Reagiu com entusiasmo à sua sabedoria cristã e à simplicidade de sua mensagem: "O homem deve viver para louvar a Deus [...] sem pedir nada, dando tudo".[23] Ali estava um homem comum do povo, um autêntico *muzhik*, um canal valioso entre ela e Nicolau — como *batyushka* e *matyushka* (pequeno pai e pequena mãe) — e o povo russo.[24] Em um tempo em que viam perigo por toda parte, Nicolau e Alexandra enfim sentiam ter conhecido alguém em quem podiam confiar de verdade.

Eles não tinham ilusões, porém, quanto à personalidade libidinosa de Raspútin. Fofocas desenfreadas sobre ele tomavam conta da cidade e investir suas esperanças nele talvez provocasse escândalo. Com isso em mente, Alexandra designou Nikolai Sáblin — um dos amigos mais confiáveis dela e de Nicolau, e particularmente próximo às crianças — para visitar Raspútin em São Petersburgo a fim de descobrir mais. Sáblin nada sabia a respeito de Raspútin, mas foi à sua procura, tendo escutado a imperatriz dizer que ele era "muito pio e sábio, um verdadeiro camponês russo".[25] Ficou chocado com a aparência de Raspútin e achou seus modos preocupantes. Mas este falou animadamente para Sáblin sobre a família imperial, religião e Deus, e, como todo mundo, Sáblin admitiu que havia qualquer coisa de fascinante nos olhos azuis e fundos de Raspútin. Percebeu que este estava ansioso por cair nas graças da família imperial — pois certamente já andara se gabando de suas ligações ilustres. Sáblin sugeriu que ele jamais pedisse uma audiência com o tsar, ao que Raspútin resmungou em resposta: "Quando precisam que eu reze para o tsarévitch eles me chamam, e quando não precisam, não chamam!".[26]

Após vários encontros, Sáblin não teve opção a não ser admitir à tsarina que ficara com uma impressão negativa. Alexandra se recusou a aceitar sua opinião: "Você não consegue compreendê-lo porque vive distante demais desse tipo de pessoa", retrucara ela, teimosamente, "mas mesmo que sua opinião estivesse

correta, então é a vontade de Deus que seja assim".[27] No que dizia respeito a ela, Deus quisera que conhecessem Grigóri, assim como quisera que o restante do mundo o desprezasse e insultasse. Essa era a cruz que Grigóri tinha de carregar; assim como a doença de Alexei era a sua, por ter transmitido a hemofilia ao filho. Cultivando a amizade de Grigóri, o pária, ela acreditava que em sua religiosidade ele iria ascender acima das difamações; e, mais importante, conservaria a vida de seu precioso menino.

Sydney Gibbes posteriormente recordou as impressões que teve de Raspútin. Não muito depois de começar a trabalhar para a família imperial, ele fora convidado a se encontrar com Raspútin em São Petersburgo. As crianças escutaram isso e no dia seguinte entraram correndo na sala de aula. "O que você achou do nosso amigo?", perguntaram. "Ele não é maravilhoso?" Gibbes notou que Raspútin sempre se comportava exemplarmente com o tsar e a tsarina e que "seus modos à mesa, motivo de muita queixa por parte dos críticos, eram os de um camponês decente". Nunca ficou sabendo que Raspútin exercesse alguma influência na corte, embora admitisse que o homem era dono de uma "astúcia ingênua". Mas não era possível duvidar de seus "poderes extraordinários sobre os ataques de hemorragia do pequeno menino"; Raspútin sempre conseguia curá-los, recordou, e certa vez fez isso "falando com o menino ao telefone".[28]

Em março de 1908, Alexei sofreu outra queda, dessa vez batendo a testa. O inchaço foi tão feio que ele mal conseguia abrir os olhos. Mas nessa ocasião Raspútin não foi chamado, pois voltara para sua casa em Pokróvskoe, na Sibéria ocidental (onde tinha uma esposa, Praskóvia, e três filhos), sob investigação da Igreja. Seus inimigos haviam-no acusado de disseminar falsa doutrina como líder de uma seita dissidente e de má reputação conhecida como Khlisti, notória pelo uso da autoflagelação em seus ritos religiosos.[29]

Passaram-se três semanas até que Nicolau ficou aliviado para escrever e contar a sua mãe que Alexei estava se recuperando e que "o inchaço e o hematoma haviam desaparecido sem deixar vestígio. Está bem e feliz, assim como suas irmãs".[30] Se isso foi de algum modo resultado da intervenção, por telegrama ou pelo telefone, de Raspútin, não se sabe. Dois meses depois, Alexei continuava mal quando membros da família imperial mais ampla se reuniram em Tsárskoe Seló para o casamento da grã-duquesa Maria Pávlovna, colega de brincadeiras de infância das meninas, com o príncipe Guilherme da Suécia. Após as cerimônias do dia, que ela suportou com férrea determinação, a despeito da ansiedade em relação ao filho, e com linda aparência mas extremamente tensa, Alexandra subiu ao quarto de Alexei. A babá lhe contou que a temperatura do menino finalmente caíra às oito da noite. Havia um telegrama à espera dela — de Grigóri, em Pokróvskoe —, que, quando aberto, assegurava que tudo ficaria

bem e que “ele rezaria uma oração especial às oito nessa mesma noite”.[31] Coincidência ou não, tais manifestações do poder das orações de Grigóri pelo menino eram para a tsarina uma prova incontroversa de que só ele podia salvá-lo da morte — mesmo de longe. Como ela poderia deixar de investir todas as suas aflitas esperanças nele? Qualquer outra mãe não teria feito o mesmo?

Muitos parentes europeus de Nicolau e Alexandra que vieram à Rússia para o casamento, e nada sabiam a respeito da hemofilia de Alexei, comentaram quão isolada a família se tornara em 1908 — “apartada do resto do mundo”, como a princesa Maria da Romênia observou. A “feliz vida familiar” que Nicolau e Alexandra claramente fomentavam era muito louvável, no seu entender, mas “o exclusivismo deles era pouco propício para a unidade distinta e leal que sempre fora a tradição na família imperial russa durante os dois antigos reinados e que constituíra seu grande poder”.[32] Maria achava que os dois eram “muito centrados em si mesmos, por demais interessados exclusivamente em seus filhos”; agindo assim, eles negligenciavam seus parentes europeus e isso levara à alienação em relação a eles. Breves visitas oficiais com as crianças no *Shtandart*, nos verões de 1907 e 1908, a Reval,[17] no Báltico — para uma reunião entre Nicolau, Eduardo VII e o cáiser Guilherme —, e ao rei e à rainha da Suécia, em Estocolmo, em nada contribuíram para mudar o consenso geral. Nesse ínterim, continuavam a circular rumores sobre a saúde precária do tsarévitch, com comentários à boca pequena de que sofria de “convulsões” e de uma “certa forma de tuberculose infantil que provoca intenso alarme”; outra fonte sugeria que “uma das camadas de sua pele estava faltando”, o que o predispunha a constante hemorragia.[33] Mas ninguém ainda pronunciara em público a temível palavra — hemofilia.

Pelo intenso sigilo em torno da enfermidade de Alexei, pouco registro sobreviveu dos vários ataques que sofreu ao longo dos quatro anos seguintes ou com que frequência Raspútin visitava Tsárskoe Seló ou o tratava à distância, mas, pouco antes do Natal de 1908, na contínua ausência de Raspútin, recolhido em Pokróvskoe, o dr. Fiódorov foi convocado com urgência de Moscou para atender a criança.[34] A ansiedade familiar foi agravada nesse inverno quando a saúde da própria Alexandra sofreu uma piora e ela ficou acamada por oito semanas. “É triste e doloroso demais ver [Alix] sempre indisposta e incapaz de tomar parte no que quer que seja”, escreveu Maria Feódorovna para Nicolau. “Você já tem preocupações suficientes na vida do jeito que está — não precisa da provação extra de ver a pessoa que mais ama no mundo sofrer.”[35]

As filhas de Alexandra também estavam sofrendo cada vez mais com a separação de sua mãe pela enfermidade constante, e passaram a lhe enviar pequenos bilhetes queixosos. “É tão triste nunca ver você sozinha, mamãe

querida”, escreveu Olga em 4 de dezembro,

> não dá pra conversar então eu vou tentar escrever para você o que claro que era melhor eu dizer, mas o que se pode fazer se não tem tempo, e também eu não posso escutar as palavras queridas que a doce mamãe podia me dizer. Tchau. Deus abençoe você. Beijos da sua filha muito devotada.[18][36]

Para Tatiana foi particularmente difícil: “Espero que você não vai estar hoje muito cansada”, escreveu ela em 17 de janeiro de 1909,

> e que você possa levantar para jantar. Eu sempre fico muito triste quando você está cansada e quando não pode levantar. [...] Talvez eu tenha muitas culpas mas por favor me perdoa [...]. Eu tento escutar o que Maria [Maria Vichniakova] diz o máximo que eu posso [...]. Dorme bem e eu espero que você não vai ficar cansada. Sua filha carinhosa Tatiana. Vou rezar para você na igreja.[37]

Alexandra respondia de seu quarto de enferma com exortações maternais: “Tente ser tão boazinha quanto possível e não causar preocupações, então ficarei contente”, disse a Tatiana, “de fato não posso subir e ver como andam as aulas, como vocês estão se comportando e falando”.[38]

Na maioria dos casos, porém, o ônus recaía sobre Olga, para que desse o exemplo. “Lembre-se, acima de tudo, de ser sempre um bom exemplo para as menores”, disse-lhe Alexandra no ano-novo, “então nosso Amigo vai ficar contente com você.”[39] O conselho de Alexandra para que Olga fosse boa e atenciosa estendia-se também aos empregados, sobretudo Maria Vichniakova, que ultimamente andava se estranhando com ela: “Ouça o que ela diz, seja obediente e sempre boa [...] você deve sempre ser boa com ela e também com S. I. [Sófia Ivánovna Tiútcheva]. Já é bem crescida para entender o que isso significa”.[40] Foi um conselho que Olga acatou, agradecida: “Mamãe querida, ajuda muito quando você escreve para mim o que fazer, e então eu tento fazer isso da melhor forma que consigo”. As exortações maternais continuaram vindo em quantidade: “Tente ter uma conversa séria com Tatiana e Maria sobre como elas devem se conduzir em relação a Deus”; “Leu minha carta do dia primeiro? Vai ajudar quando for conversar com elas. Você deve exercer uma influência positiva sobre elas”.[41] Está claro que Olga se sentia frustrada por ela e a mãe

nunca terem “tempo para conversar as coisas apropriadamente”. “Em breve teremos”, tranquilizou-a Alexandra, “mas no momento estou cansada demais.”[42] Ela estava preocupada, no entanto, que Olga tivesse dificuldade em controlar sua paciência com as irmãs mais novas: “Sei que é especialmente difícil, porque você sente as coisas de maneira muito profunda e tem um temperamento esquentado”, disse-lhe Alexandra, “mas deve aprender a controlar a língua”.[43]

A essa altura, as crianças haviam passado a apreciar as visitas de seu “amigo” Grigóri como uma distração bem-vinda da enfermidade da mãe. Ele brincava com elas e deixava que andassem de cavalinho em suas costas; contava histórias do folclore russo e conversava sobre Deus de um modo que parecia inteiramente natural. Estava, sem dúvida, desempenhando um papel-chave como tutor moral das meninas e mantinha contato regular com elas, enviando telegramas, como o recebido em fevereiro, em que lhes agradecia por se lembrar dele, “por suas doces palavras, por seu coração puro e seu amor pelo povo de Deus. Amem a totalidade da natureza de Deus, a totalidade de Sua criação, em particular este mundo”.[44] Em 29 de março de 1909, ele chegou para uma visita inesperada, o que foi motivo de alegria para as crianças. “Fico feliz por vocês o terem por tanto tempo para si”, disse Alexandra de seu leito de enferma.[45] Em junho, em Peterhof, a jovem Olga enviou um bilhete para o pai, que estava numa visita ao rei da Suécia: “Meu querido e bondoso papai. Hoje o clima está adorável, muito quente. Os menores [Anastácia e Alexei] estão correndo descalços. Grigóri vem nos visitar hoje à noite. Estamos todos muito felizes que vamos voltar a vê-lo em breve”.[46]

A despeito de sua reticência quanto ao homem, Olga Alexandrovna sempre rejeitou qualquer sugestão de impropriedade por parte de Raspútin em relação às sobrinhas: “Sei que a criação delas contemplou os mínimos detalhes. O menor sinal de algum tipo de ‘liberdade’ da parte de Raspútin as teria deixado aturdidas! Nada disso jamais aconteceu. As meninas sempre ficavam felizes de vê-lo porque sabiam como era de grande ajuda para o irmãozinho delas”.[47] Não obstante, Alexandra continuou a se preocupar com as fofocas aviltantes que circulavam sobre Raspútin. Embora a acusação de heresia tivesse sido retirada por falta de provas, outras denúncias vieram em seguida e Stolípin (que não se comovera com a presença de Raspútin junto ao leito de sua filha em 1906) agora o tinha na mira das investigações da polícia.[48] Em São Petersburgo muito se falava sobre o comportamento ébrio e infame de Raspútin, suas aventuras sexuais e as companhias duvidosas que mantinha. Mesmo a fé de suas antigas seguidoras, Militza e Stana, havia diminuído, particularmente agora que Anna Vírubova — que elas desprezavam — ganhara acesso privilegiado a ele, tomando o lugar delas como ligação entre Raspútin e o trono. As irmãs

montenegrinas começaram ativamente a tentar dissuadir Nicolau e Alexandra de manter qualquer vínculo com Raspútin, que agora encaravam como um "demônio". Como resultado, a relação estreita de que usufruíram até então com a família imperial se desintegrou. O casal imperial se recusava a ser influenciado pelas fofocas e se agarrava obstinadamente à percepção que tinha de Grigóri como um verdadeiro amigo, a despeito de seus óbvios defeitos — os quais estavam longe de ignorar. O verdadeiro motivo para a amizade e a dependência cada vez maiores deles — a hemofilia de Alexei — "era mantido como um segredo de Estado e criava uma ligação ainda mais forte entre os que dele partilhavam, separando-os ainda mais do resto do mundo".[49]

No fim de 1909, Alexandra procurava aconselhamento espiritual regular de Grigóri e se encontrava com ele na casa de Anna Vírubova. Tamanha era sua confiança nele que fazia comentários imprudentes e potencialmente comprometedores em suas cartas, como "eu só queria uma coisa: adormecer, adormecer por séculos em seus ombros, em seu abraço", comentário que mais tarde seria descoberto por seus inimigos e usado contra ela.[50] As meninas também estavam escrevendo bilhetes regulares, agradecendo a Grigóri por sua ajuda, ansiosas em vê-lo outra vez e pedindo conselhos. Agora numa idade muito impressionável, Olga, em seu isolamento de outros mentores mais adequados, tratava seu amigo quase como um padre confessor. Ela escreveu em novembro de 1909 falando sobre a falta que sentia de vê-lo, pois viera lhe confidenciando sobre uma paixão adolescente e estava achando difícil controlar seus sentimentos, como Grigóri a aconselhara. Ela voltou a escrever em dezembro, perguntando o que fazer:

> Meu precioso amigo! Muitas vezes nos lembramos de você, como nos visitava e conversava conosco sobre Deus. É difícil sem você: não tenho ninguém a quem recorrer nas minhas preocupações, e existem tantas. Eis meu tormento. Nikolai está me deixando louca. Basta eu ir para a Catedral de Sofia[19] e ao vê-lo eu poderia subir na parede, meu corpo todo treme [...]. Eu o amo [...]. Quero me atirar em seus braços. Você me aconselhou a ser cautelosa. Mas como posso ser quando não consigo me controlar [...]. Vamos com frequência para a casa de Anna. Toda vez me pergunto se não posso vê-lo lá, meu precioso amigo; oh, se ao menos pudesse vê-lo por lá outra vez, em breve, e pedir seu conselho sobre Nikolai. Reze por mim e me abençoe. Beijo suas mãos. Sua querida Olga.[51]

As três irmãs de Olga estavam todas escrevendo para Grigóri de maneira igualmente crédula. Tatiana enviara uma carta em março desse ano perguntando-lhe quanto tempo demoraria para ele voltar de Pokróvskoe e desejando que todas pudessem visitá-lo por lá. “Quando esse momento vai chegar?”, perguntou com impaciência. “Sem você é um tédio, um grande tédio.” As palavras de Tatiana foram ecoadas por Maria, que lhe disse que definhava em sua ausência e achava a vida insossa demais sem suas visitas e palavras bondosas: “Assim que acordo pela manhã, pego o Evangelho que me deu sob o travesseiro e o beijo [...] então sinto como se estivesse beijando você”. Até a normalmente subversiva Anastácia queria saber quando veria Grigóri outra vez:

> Adoro quando fala conosco sobre Deus [...]. Muitas vezes sonho com você. Você sonha comigo? Quando vem para cá? [...] Venha logo, e então tentarei ser boa, como me disse para ser. Se estivesse sempre perto de nós eu seria boa o tempo todo.[52]

As quatro irmãs Romanov levavam uma existência tão solitária que, em 1909, à parte a companhia uma da outra e o ocasional contato com primos reais, dependiam em grande medida da amizade de adultos: sua tia Olga, alguns oficiais próximos, criadas e damas de companhia — e um infame dissidente religioso de quarenta anos cuja influência contínua sobre sua vida familiar já lançava as sementes de sua destruição final.

17 Capital da Estônia, hoje conhecida como Tallinn.
18 A idiossincrática ortografia e os erros gramaticais das irmãs Romanov ao escrever em inglês, como aqui, são reproduzidos em todas as suas cartas.
19 Olga se refere à Catedral da Ascensão, em Sofia — um subúrbio de Tsárskoe Seló, onde o séquito imperial muitas vezes rezava antes que sua própria igreja particular, a Feódorovski Sobor, perto do Palácio de Alexandre, fosse construída.

Capítulo Oito

PRIMOS REAIS



No fim do verão de 1909, as irmãs Romanov enfim se viram com algo excitante para esperar — uma visita às primas reais na Inglaterra. Seria sua primeira viagem oficial para o estrangeiro propriamente dita, exceto as visitas familiares privadas ao tio Ernie em Darmstadt e Wolfsgarten. Atravessando o mar do Norte, o *Shtandart* se deparou com fortes ventos do sul, e a água estava muito encrespada. Todas as crianças ficaram enjoadas, assim como muitos membros do séquito.[1] A tripulação preparou uma área com xales escoceses e travesseiros para as crianças dormirem onde o balanço do navio era menos intenso. Mas Tatiana continuou se sentindo terrivelmente mal; ela nunca fora uma boa maruja e às vezes sentia náusea até quando o iate estava ancorado. “Um baú cheio de remédios especiais dos Estados Unidos” havia sido enviado, mas nada funcionara.[2] A caminho da Inglaterra, a família havia parado brevemente em Kiel para visitar a irmã de Alexandra, Irene, e sua família, e depois fez uma visita de três dias ao presidente Fallières, da França, em Cherbourg, onde foram recebidos com a usual pompa de salvas de canhão, multidões, bandeiras e bandas militares tocando a Marselhesa. Após três dias de reuniões diplomáticas, jantares formais e uma revista da frota francesa — na qual as meninas ficaram empolgadas por poder tirar fotos de submarinos franceses com suas câmeras Brownies —, o *Shtandart* finalmente zarpou para a Inglaterra.[3]

Tendo se encontrado em Reval por três dias no ano anterior, tanto Nicolau como seu primo Eduardo VII se mostravam ansiosos por reabilitar a Rússia aos olhos do mundo após os terríveis eventos de 1905, numa época em que rumores

de guerra com a Alemanha cresciam. Mas foi também a oportunidade para uma tão sonhada reunião familiar. Havia, porém, um problema: a visita iminente do tsar causou considerável inquietação no Parlamento e na imprensa britânicos, muito mais do que a visita de 1896. Após os eventos de 1905, grupos radicais britânicos condenaram Nicolau como um déspota brutal, o arquiteto da opressão imperial russa. Pouco antes da visita, ele foi ainda mais vilipendiado em comícios socialistas em Trafalgar Square e outros lugares, com a evidência das medidas repressivas de Stolípin contra ativistas políticos sendo despejadas sobre ele. Em suma, Nicolau II era visto como o repositório de todo mal: "O tsar do 'Domingo Sangrento', o tsar dos Stolípins e o tsar dos pogroms e das Centenas Negras".[4] A visita iminente dividiu a opinião pública na Grã-Bretanha, embora lorde Hardinge, subsecretário permanente das Relações Exteriores, atribuísse grande parte do protesto ao alarmismo e menosprezasse os "manifestantes" de Trafalgar Square como um bando heterogêneo de "quinhentos franceses, seiscentos garçons alemães, alguns judeus russos e vendedores de gelo italianos".[5] Um dos opositores mais estridentes da visita de Nicolau foi o líder trabalhista Keir Hardie, que inspirou 130 resoluções de grupos socialistas, escolas, sociedades evangélicas, sindicatos trabalhistas, grupos pacifistas e setores do Partido Trabalhista e da Liga Trabalhista Feminina que foram enviados ao Ministério do Interior para condenar a visita.[6] Em algumas reuniões radicais, houve a defesa aberta do assassinato de Nicolau, caso pisasse em solo inglês.

Atentos ao imenso problema de segurança para a polícia na ilha de Wight, logo ficou claro que o tsar e sua família não ficariam em terra firme, mas ao largo de Cowes, a bordo do *Shtandart*, onde era muito mais fácil protegê-los, com o iate cercado por dois cruzadores russos e três destróieres, além de navios da frota britânica. Não obstante, os arranjos de segurança mais elaborados foram levados a termo, com "todos os meios possíveis de entrada, não apenas em Cowes, mas na ilha de Wight" — plataformas de desembarque, estradas e ferrovias e "até os pacíficos vilarejos rurais do interior" — sendo observados por centenas de detetives à paisana, reforçados por uma "corporação de bicicleta" especial, com trinta homens. Muitos detetives adotaram o disfarce ineficaz de jaquetas de iatismo transpassadas e quepes de marinheiro brancos, mas, como um jornal observou, "isso estava na verdade mais para uma propaganda da ação policial do que para um disfarce. Em vez de evitar atenção, eles a atraíam [...]. Como iatistas andando de um lado para o outro em duplas sem meios visíveis de suporte à tona, eram homens marcados".[7] A própria Cowes, como o nobre liberal lorde Suffield recordou, "estava tomada por detetives em alerta para possíveis assassinos, e todos pareciam temer pelo pobre tsar caçado". Os detetives também

não eram apenas britânicos; Spiridóvitch trouxera seus homens da Okhrana. Suffield achara tudo isso um tanto desesperador: “Não sei como um homem consegue se submeter a tamanha escravidão; é um preço grande demais a pagar por ser da nobreza”.[8]

Na noite de 2 de agosto (NE), o *Shtandart* e sua escolta rumaram para Spithead, no Solent, para um encontro com a família real britânica a bordo de seu iate, o *Victoria and Albert*. O evento foi filmado e também fotografado, enquanto uma impressionante revista naval e uma regata de 152 navios era observada por ambas as famílias, e depois os iates reais entraram no porto de Cowes para ser saudados por uma armada de vapores, veleiros e iates de todos os tamanhos, alegremente enfeitados com flâmulas.[9] Quatro dias intensos de recepções e reuniões se seguiram, durante os quais a única refeição não partilhada com a realeza britânica era o café da manhã. A tensão disso tudo estampada no rosto da imperatriz ficou evidente para Alice Keppel, amante antiga de Eduardo VII. No convés do *Shtandart*, cercada por uma densa multidão de pessoas, a tsarina havia “mostrado uma calma gélida”; estranhamente, porém, a probidade moral de Alexandra não a impediu de convidar a sra. Keppel para se unir a ela na suíte, na parte de baixo. Assim que a porta da cabine foi fechada às suas costas, “houve um súbito alívio da atmosfera”, recordou Alice. “Abandonando a máscara real, a imperatriz tornou-se na mesma hora uma dona de casa amigável: ‘Diga-me, minha cara, onde *você* compra sua lã de tricô?’, perguntou com ansiedade.”[10]

Para os filhos dos Romanov, poupados do estresse do formalismo, a visita foi um vislumbre muito breve de uma paisagem inteiramente nova, embora para os que os protegiam tenha sido mais um pesadelo de segurança. Até então, tinham visto pouco ou nada além de seus lares em São Petersburgo, Tsárskoe Seló e Peterhof. Na manhã de 3 de agosto, os cinco passearam pela primeira vez em terra firme, quando foram a East Cowes e fizeram uma visita em landau aberto a Osborne Bay, pouco abaixo da Osborne House (a maior parte da qual havia agora se tornado uma escola de treinamento de oficiais navais). Ali eles brincaram com seus primos na praia particular, entraram na água, apanharam conchas e fizeram castelos de areia, assim como sua mãe e sua avó Alice antes deles. Olga e Tatiana fizeram um segundo passeio inesperado até a praia naquela tarde, com suas acompanhantes e um destacamento de detetives, e ficaram deliciadas em poder caminhar, em vez de ir de carruagem, até West Cowes, para fazer compras na rua principal. Era uma coisa tão rara para elas poder se mover livremente desse jeito; a rua de paralelepípedos em West Cowes podia não ser a glamorosa Névski Prospekt, mas o oficial do *Shtandart* Nikolai Vassílievitch Sáblin notou que muitas lojas eram subsidiárias das grandes lojas londrinas, abertas especialmente para a temporada de iatismo e a Regata Cowes, e tinham

muitos produtos de luxo e suvenires para representar uma tentação aos trocados que as meninas levavam consigo. Olga e Tatiana ficaram extremamente animadas durante toda a visita. Conversaram em inglês com os lojistas e extraíram grande prazer de gastar seu dinheiro numa banca de jornal em flâmulas de diversas nações, cartões-postais com pinturas comemorando seus parentes reais e até os próprios pais. Depois disso foram a um joalheiro, onde escolheram presentes para membros da tripulação. Também compraram para si um pouco de perfume, da farmácia Beken & Son's.[11]

West Cowes nesse meio-tempo ficara paralisada, pois rapidamente se espalhara a notícia sobre as encantadoras visitantes russas em seus elegantes trajes cinza e chapéus de palha. Não demorou para que as irmãs fossem seguidas por uma imensa multidão de veranistas ao longo de toda a cidade e através da ponte flutuante para East Cowes, onde visitaram a igreja de Whippingham e viram a poltrona em que a bisavó sentara durante os serviços religiosos. Durante toda a visita, como relatou o jornal *The Times* em 7 de agosto, Olga e Tatiana "se comportaram com absoluta presença de espírito, sorrindo quando um ou dois entusiastas gritaram viva para elas". Ainda estavam rindo e conversando animadamente no fim de sua visita de três horas.[12]

Toda a família desceu à praia no dia seguinte, as meninas e Alexei fazendo mesuras e acenando para a multidão, a caminho de visitar a ala privativa da Osbourne House e o Swiss Cottage — uma casa de brinquedo para treinamento em habilidades práticas, construída no jardim pelo príncipe Alberto para os filhos —, que Alexei particularmente adorou. Após desfrutar do chá das cinco em Barton Manor com o primo Jorge, príncipe de Gales, e sua família, todos posaram para fotografias. A princesa de Gales chamou as crianças Romanov de "deliciosas" e todos comentaram como eram encantadoras e pouco afetadas.[13] Os dois primos, Jorge e Nicolau, que não se viam havia doze anos, eram notavelmente parecidos. Tinham olhos azuis, barbas cuidadosamente aparadas e estatura similar, em particular quando posavam para fotos com seus dois filhos — David em seu uniforme naval (o futuro rei Eduardo VIII estava na época no Royal Naval College em Dartmouth) e Alexei em seu característico traje branco de marinheiro.[14] David fora designado a escoltar seus primos em Osborne, tarefa originalmente incumbida a seu irmão mais novo, Bertie (o futuro rei Jorge VI). Mas Bertie ficara acamado com coqueluche pouco antes da visita, e tamanha fora a paranoia dos médicos imperiais para não expor o tsarévitch a uma possível infecção que ele foi mandado às pressas para Balmoral e o irmão assumiu seu papel. Durante a visita, David se encantou com Tatiana (a despeito de sua avó ter visto Olga como uma possível futura noiva para ele). Ele percebeu como ela era protetora em relação a seu tímido irmãozinho e não pôde deixar de notar uma

expressão “assustada” nos olhos grandes e atentos de Alexei.[15] Mas quanto à “elaborada guarda policial” montada em torno de cada movimento do tsar, ele recordou mais tarde que “fiquei feliz por não ser um príncipe russo”.[16]

Durante esses quatro dias idílicos, ensolarados, em agosto de 1909, quando “o mundo todo estava na água” e o Solent era “como um mar de vidro, o sol caindo como uma bola vermelha, tornando as noites serenas e quentes”, uma cerimônia majestosa se seguiu a outra. Como o general Spiridóvitch recordou mais tarde, “a frota colossal” que se reunira em Cowes, “imóvel e como que adormecida, parecia uma visão de conto de fadas” — o efeito acentuado pelo céu noturno iluminado pelas luzes de todos os navios ancorados ao largo da praia. Na véspera da partida dos Romanov, as bandas tocaram e houve fogos de artifício e danças, com o almirante da frota, lorde Fisher, conduzindo as meninas uma seguida da outra. Então todos se sentaram para um grande jantar final — as damas com Alexandra no *Shtandart*, os homens com o rei Eduardo no *Victoria and Albert*. Após um último almoço festivo no dia 5 — o dia mais quente e sem vento do ano até ali — o *Shtandart* lançou âncora às três e meia da tarde e, com Nicolau, Alexandra e seus cinco filhos no convés dando adeus para seus parentes no *Victoria and Albert*, o iate imperial singrou pelo canal da Mancha. Enquanto desaparecia de vista, o superintendente Quinn, da força policial de Cowes, foi visto “oferecendo um cigarro em um deslumbrante estojo de ouro, brilhando de tão novo”, e dando a entender que fora “um presente do tsar”. Um de seus colegas usava “um alfinete de lenço com a coroa imperial em diamantes, e outro ainda exibia um relógio de ouro” — todos “presentes por seus cuidados” dos agradecidos imperador e imperatriz russos. Mas a polícia britânica ficou, não obstante, imensamente aliviada de que “a tensão tivesse acabado”.[17]

No balanço geral, a visita imperial russa à Inglaterra fora um triunfo — uma reunião inesquecível de duas grandes famílias reais que iriam, em retrospecto, tornar-se um emblema indelével dos últimos dias da antiga ordem mundial. “As quatro grã-duquesas russas haviam encantado todo mundo e o comovente pequeno tsarévitch derreteu todos os corações.”[18] Mas muitos partilhavam dos pensamentos menos efusivos de Sir Henry William Lucy:

> Assim se deu que o grande autocrata, mestre das vidas de milhões, foi privado do privilégio usufruído pelo turista mais humilde vindo do continente. Ele visitou a Inglaterra e deixou sua costa sem ter posto o pé nela, salvo no caso de uma visita apressada e furtiva a Osborne House.[19]

As famílias reais britânica e russa jamais voltariam a se encontrar.

Quando os Romanov chegaram em casa, Alexandra estava mais uma vez prostrada. “Como estou pagando pelas fadigas de minhas visitas”, escreveu a Ernie em 26 de agosto, “uma semana já de cama.”[20] Sua saúde causava sérias preocupações, pois vinha em rápido declínio desde o inverno de 1907, quando Alexandra chamara seu médico, o dr. Fischer, 42 vezes no espaço de dois meses.[21] Spiridóvitch havia consultado privadamente a opinião de um eminente professor de medicina russo mais ou menos por essa mesma época. Ele concluíra que a tsarina herdara algo da “vulnerabilidade” a enfermidades nervosas e uma “grande impressionabilidade” da casa de Hesse e que havia uma distinta “natureza histérica” em suas “manifestações nervosas”. Elas assumiam a forma física de uma fraqueza geral, dor no coração, edema das pernas causado por circulação ruim e problemas com o sistema neurovascular que se manifestavam em manchas vermelhas na pele — uma série de coisas que se agravava com a aproximação da meia-idade. “Quanto aos problemas psíquicos”, concluiu o professor, “eles são expressos principalmente por um estado de grande depressão, de grande indiferença em relação ao que a cerca, e por uma tendência ao devaneio religioso.”[22]

O dr. Fischer fora chamado outra vez em 1908 para tratar Alexandra de um ataque de dolorosa nevralgia que andara afetando seu sono.[23] Como especialista em distúrbios nervosos, ele prescrevera repouso absoluto. Também sentira muito fortemente que a presença de Anna Vírubova — agora passando quase todos os dias com a tsarina — era prejudicial, quando não perniciosa.[24] Ele aconselhou Nicolau, escrevendo que não podia tratar a tsarina apropriadamente com Anna o tempo todo em tamanha proximidade. Mas Alexandra não aprovava que Anna fosse tirada de sua companhia, e Fischer logo depois disso requisitou permissão para renunciar a seu cargo. Ele foi substituído em abril de 1908 pelo dr. Evguéni Bótkin, que na mesma hora sugeriu que uma viagem para a Crimeia — onde Nicolau passaria a Frota do Mar Negro em revista — seria benéfica para a saúde da imperatriz.

Dali em diante, Alexandra relutaria em se consultar com qualquer um que não fosse Bótkin. Sua nomeação como médico da corte foi, porém, algo como um presente de grego: Alexandra era o tipo de paciente que só tolerava médicos que concordassem com seu autodiagnóstico. Ele fazia o jogo dela de enxergar a si mesma como uma inválida crônica que devia suportar a aflição, como o pai

Grigóri lhe ensinara, “na natureza de uma oferenda”.[25] A confirmação de sua invalidez tornou-se uma ferramenta útil ao lidar com o mau comportamento das filhas, que eram claramente afetadas por suas constantes ausências da vida familiar. “Quando Deus achar que chegou a hora de me fazer melhorar, Ele cuidará disso, e não antes”, ela lhes disse, e era bom que se comportassem, para assegurar que isso acontecesse.[26]

Em setembro de 1909, a família foi de trem para a Crimeia — a mais longa viagem de trem que qualquer uma das crianças já havia feito e sua primeira visita à região, pois Nicolau e Alexandra não tinham passado nenhum tempo mais longo ali desde a morte de Alexandre III, em 1894. Eles embarcaram no *Shtandart* no porto de Sebastopol e contornaram a costa da Crimeia para serem recebidos por fogos de artifício e iluminações de boas-vindas em Ialta, e por uma atmosfera calorosa de férias, antes de seguir viagem para o antigo palácio de verão em Livádia, 85 quilômetros mais ao sul. Durante as férias, as crianças andaram a cavalo, jogaram tênis e nadaram em sua praia particular, muitas vezes com o primo favorito, o grão-duque Dmítri Pávlovitch, de dezoito anos, que agora passava bastante tempo com a família. Nicolau ficou feliz com a companhia de Dmítri, pois sempre tivera uma afeição especial pelo menino, e eles passaram bastante tempo saindo para caminhar e cavalgar juntos.[27] Alexandra ficou de cama ou sentada na varanda durante a maior parte do tempo, sem receber ninguém e muitas vezes nem mesmo se juntando à família para o almoço. Sua recuperação foi muito lenta e afetou o espírito de todo mundo. Mas ela se recusou a ver um especialista, confiando em Bótkin e em sua automedicação de suco de cenoura, “dizendo que a substância liquefazia o sangue, que estava espesso demais”.[28] Talvez sua dieta vegetariana estrita tenha sido benéfica; no fim de outubro, ela se recuperara o suficiente para caminhadas e passeios leves com as filhas e para fazer compras com elas em Ialta.

Nesse outono, em Livádia, Alexei sofreu outra hemorragia, quando mais uma vez machucou a perna. Um professor de medicina francês foi chamado e o visitou três vezes em segredo. Mas era um especialista em tuberculose e “se declarou incapaz de diagnosticar o problema”, claramente sem ter sido informado de que o menino sofria de hemofilia. Tampouco outro especialista médico convocado de São Petersburgo pôde oferecer algum paliativo.[29] A essa altura, como observou Spiridóvitch, estava se tornando cada vez mais difícil disfarçar o fato de que havia alguma coisa muito errada com o tsarévitch, “a qual, como a espada de Dâmocles, paira ameaçadoramente sobre a família imperial”. Estava claro que no caso de Alexei, assim como no seu, Alexandra desistira da medicina convencional e, sob a influência de seu conselheiro espiritual, Grigóri, “contava apenas com a ajuda do Altíssimo”.[30] A enfermidade

de Alexei, combinada ao estado de saúde precário de sua mãe, resultou em que a família ficasse em Livádia quase até o Natal. Mas quando o outono brilhante e ensolarado da Crimeia se transformou em um inverno frio e úmido, havia apenas uma sucessão sem fim de jogos de dominó, halma e loto e ocasionais projeções de filmes para distrair os membros da família do tédio entorpecedor que os consumia.

A debilidade crônica da mãe era um fardo emocional com o qual as meninas lutavam para lidar. “Deus ajude que a querida mamãe não fique mais doente neste inverno”, escreveu Olga para Grigóri em novembro, “ou vai ser tão horrível, triste e difícil.” Tatiana também estava ansiosa, dizendo-lhe que “nós nos sentimos mal em vê-la tão doente. Oh, se ao menos você soubesse como tem sido difícil para nós suportar a doença de mamãe. Mas, sim, você *sabe*, porque você sabe tudo”.[31] Durante a maior parte dos seis meses nesse ano de 1909, a família imperial ficara quase totalmente sem ser vista na Rússia. As quatro irmãs começavam a mostrar sinais de seu isolamento do mundo real e do natural intercâmbio de que necessitavam com jovens de sua idade. No entanto, mesmo agora, Nicolau e Alexandra planejavam a continuidade do descanso familiar — pelo bem da saúde de Alexandra e Alexei. Antes de deixar Livádia nesse Natal, eles encomendaram a construção de um novo palácio para substituir o escuro e úmido palácio principal existente (embora o palácio de Maly, próximo e feito de tijolos, onde Alexandre III morrera, continuasse de pé). Nesse novo lar, pretendiam passar as primaveras e os verões. Para os russos comuns continuaria a ser, como dizia um ditado camponês, “uma grande altura até Deus e um longo caminho até o tsar”.[32]

O Ano-Novo de 1910 foi sombrio na Rússia imperial. Durante os dois primeiros meses, a corte pranteou o grão-duque Mikhail Nikoláevitch, tio-avô do tsar, que morrera em Cannes em 18 de dezembro (NE) do ano anterior. Em abril, Alexandra perdeu sua *mistress of the robes*, a princesa Maria Golítsina, uma mulher com quem contara como uma de suas damas mais próximas na corte e uma amiga pessoal; nem bem um mês depois, mergulhou na melancolia outra vez com a morte de seu tio, o rei Eduardo VII.[33]

Em circunstâncias normais, Nicolau e Alexandra teriam conduzido o luto público em São Petersburgo pelo grão-duque Mikhail, mas Alexandra estava doente outra vez. Por toda parte nesse ano “a conversa repisou o tópico surrado do isolamento da família imperial”, com preocupação crescente sendo

manifestada pelo “efeito sobre a opinião pública e a nação da longamente continuada ausência na capital do tsar e da família imperial”.[34] Como recordou Post Wheeler, diplomata americano em São Petersburgo:

> Eles passaram a primavera e o outono em Livádia, na Crimeia. No verão, quando não estavam em Peterhof, ficavam no iate imperial, o *Standart*. A costa da Finlândia os viu mais do que sua própria capital. Entre uma coisa e outra, ficavam em Tsárskoe Seló, a “Cidade do Tsar”, a poucos quilômetros de distância, mas, no que dizia respeito a São Petersburgo, podia ser uma centena [...]. A sociedade estava por conta própria. Uma situação nada boa, para eles ou para a nação. Assim se contava.[35]

São Petersburgo se tornara “uma cidade carrancuda”, um lugar sombrio e oprimido por sua história, concluiu o jornalista britânico John Foster Fraser.[36] A vida social da capital estava moribunda e cada vez mais corrupta, sua aristocracia profundamente relutante contra a mudança política ou a reforma social e com a ideia fixa em sua posição. Uma burocracia ultrapassada, à Gógol, ainda dividia a população em dois campos principais — funcionários públicos e o resto —, com o grosso da população vendo os membros da inchada burocracia tsarista como “vampiros”. “O ódio é encoberto, reprimido, mas está lá o tempo todo”, argumentou Foster Fraser.[37] No cerne desse sistema social polarizado havia um tsar esquivo — “timorato e corajoso, hesitante e expedito, reservado e liberal, desconfiado e crédulo” —, um homem que, longe da imagem sanguinolenta projetada, era bondoso, sincero e modesto, um marido devoto e pai amantíssimo, mas que, como tsar, estava completamente mal equipado do ponto de vista emocional ou moral para a tarefa que por um acidente de nascimento recaíra sobre seus ombros. O fardo da responsabilidade estava envelhecendo Nicolau rapidamente; e do mesmo modo o estresse emocional de ter uma esposa e um filho inválidos. “A natureza o moldara para ser um plácido nobre rural, que caminhava entre canteiros floridos numa blusa de linho, com uma bengala em lugar de uma espada. Nunca para ser um tsar”, concluiu Post Wheeler.[38]

Estagnando na ausência do tsar e da tsarina, e com isso sem seu exemplo moral, a sociedade de São Petersburgo estava cada vez mais dominada pelos grão-duques reacionários e suas esposas, que viam a si mesmos — em face da incorrigível fraqueza de Nicolau enquanto monarca — como “verdadeiros campeões do poder imperial”, determinados como estavam a proteger sua

riqueza e seu poder fortalecendo uma autocracia cambaleante implacavelmente contrária à reforma democrática.[39] A sociedade de São Petersburgo, como afirmou a esposa do embaixador francês, consistia em “duzentas ou trezentas panelinhas, todas elas de bandidos sociais”, respaldadas numa máfia de funcionários da corte, muitos deles também altamente antipáticos ao casal imperial.[40] No centro do palco estava a tia de Nicolau, Maria Pávlovna, cujo marido, Vladímir (um homem de vícios caros que dissipara milhares de rublos em jogos e mulheres), morrera no mês de fevereiro anterior. A grã-duquesa Vladímir, como costumava ser chamada, era alemã de nascimento. Como a tsarina, convertera-se à ortodoxia russa, ainda que pouco antes da morte do marido e visando claramente o futuro dinástico de seus filhos. Mas ela se casara quase tão bem quanto sua monarca, vindo, como Alexandra, de um ducado alemão razoavelmente pequeno — o de Mecklenburg-Schwerin.

Em sua luxuosa mansão em estilo florentino no Aterro do Palácio, à margem do rio Neva, uma residência que mais do que rivalizava com o Palácio de Alexandre, a grã-duquesa Vladímir era quem recebia as pessoas na ausência dos verdadeiros monarcas da Rússia, sua fabulosa riqueza permitindo-lhe promover as recepções mais generosas, bazares de caridade e bailes a fantasia. Seu bazar de quatro dias tradicionalmente inaugurava a temporada do Natal à Quaresma em São Petersburgo, e nas semanas que se seguiam seus convites eram os mais cobiçados da capital. Os modos altivos e enérgicos da grã-duquesa talvez fossem intimidadores, mas suas brilhantes ligações sociais e sua vivacidade natural garantiam que se mantivesse por dentro de tudo o que acontecia na alta sociedade russa. O que também significava que estava no centro de grande parte da intriga na capital dirigida contra a cada vez mais impopular tsarina.

Como resultado de seus interesses literários muito amplos, a grã-duquesa Vladímir convidara, no fim de 1909, uma ilustre visitante estrangeira a se hospedar com ela. A romancista britânica Elinor Glyn, autora de best-sellers, conquistara recentemente grande sucesso na Rússia com seu romântico *Three Weeks*, e a grã-duquesa sugeriu que Glyn talvez quisesse ir à Rússia juntar material para um romance baseado no país.[41] “Todos sempre escrevem livros sobre nossos camponeses”, disse, “venha escrever um sobre como vivem as pessoas de verdade.” Poucos comentários poderiam ser mais sintomáticos da indiferença inacreditável de sua classe para com o sofrimento da população russa comum.[42] Infelizmente para Glyn, tendo partido para a Rússia com a promessa de que o tsar e a tsarina estavam prestes a emergir de Tsárskoe Seló e assumir um papel maior na vida social de São Petersburgo, ela chegou para encontrar a cidade pranteando o grão-duque Mikhail. Muito pior, do ponto de vista social, viera com um guarda-roupa inteiramente novo da costureira Lucile, bem como

chapéus da Reboux de Paris, mas não tinha roupa de luto. A esposa do embaixador britânico teve de correr em seu socorro e lhe comprar "o acessório de praxe [...] um gorro de luto feito de crepe preto com um véu longo e esvoaçante".[43]

De uma janela da embaixada britânica no Aterro do Palácio, num dia frio e cinzento em que a neve cessava de cair e começava a derreter no chão, Glyn observou o cortejo funerário se dirigindo à Catedral de Pedro e Paulo, do outro lado do Neva, na ilha de Zayachy, com a imperatriz "agachada em sua carruagem" e Nicolau e os grão-duques caminhando atrás, ele muito pálido e, como seus primos, ciente de sua vulnerabilidade a assassinos. Advertências de atentados a bomba levaram as autoridades a proibir qualquer espectador nas janelas (exceto da embaixada britânica) e soldados e policiais haviam se postado "ombro contra ombro e costas contra costas, numa fila dupla virada para os dois lados" ao longo de toda a rota de cinco quilômetros.[44] À medida que a procissão passava, Glyn notou que a imensa multidão ficava ali "muda mas impassível"; não havia nada do genuíno luto que ela testemunhara no enterro da rainha Vitória em 1901. "A atmosfera estava carregada não de pesar, mas de apreensão, não de tristeza, mas de mau agouro."[45] Para Glyn, "as casas fechadas, silenciosas, os guardas agrupados e o povo hostil proclamavam para o mundo todo o inevitável perecimento desse regime trágico". Como escreveu em seu diário naquela noite: "Oh! Como deveríamos agradecer a Deus pela querida, livre, segura, feliz Inglaterra".[46]

No dia seguinte, Glyn ficou profundamente impressionada com o magnífico ritual do serviço fúnebre, as velas, o incenso e o canto belo mas estranhamente estrangeiro dos padres. Só Nicolau esteve presente, "com uma compostura artificial, como se usasse máscara"; Alexandra, disseram-lhe, havia "se recusado" a ir.[47] Assim, sem dúvida, sua ausência foi interpretada pelos fofoqueiros; a realidade era que a imperatriz teria sido incapaz de ficar de pé durante a cerimônia toda, de quatro horas. Mas o pinga-pinga inexorável de fofocas negativas sobre ela surtia seu efeito, como observou Glyn: "Fiquei chocada ao descobrir que sua impopularidade chegava ao ponto do ódio, já em 1910".[48] Ela ficou com a nítida impressão de que a sociedade de São Petersburgo encarava a grã-duquesa Vladímir como a verdadeira imperatriz da Rússia, pois Alexandra agora mal deixava seu isolamento em Tsárskoe Seló.[49] De fato, Glyn admitiu estar "chocada por testemunhar a atmosfera de infelicidade e temor" que a personalidade mórbida de Alexandra lançava sobre a corte russa — mesmo em sua ausência.[50] Foi a figura cansada mas digna de Nicolau, conduzindo o luto, que a impressionou. Mas sua presença no funeral do grão-duque fora considerada uma imprudência pelos encarregados de sua

segurança, particularmente sua insistência em caminhar nas procissões de rua atrás do esquife, e fora “um dia inquietante para todos os envolvidos”.

“O tsar e a tsarina iriam para o Palácio de Inverno quando o luto da corte fosse suspenso?”, era o que todo mundo se perguntava, dois meses mais tarde. “Isso significaria um baile da corte, pelo menos, o que era melhor do que nada.”[51] Nos círculos diplomáticos, uma nomeação para São Petersburgo era considerada “venenosa” e poucos a apreciavam. Post Wheeler, que ficou ali por seis anos, encontrou considerável quantidade de críticas contra as restrições impostas às irmãs Romanov, como uma dama da alta sociedade se queixou para ele:

> Coitadinhas! [...] Que maneira de criar as filhas imperiais! Elas poderiam muito bem estar em Pedro-Paulo [a fortaleza prisão]. Para a pequena Anastácia e para Maria, não há problema [...]. Mas para Tatiana e, sobretudo, Olga, que tem quinze anos, isso é ridículo.[52]

O isolamento imposto pela mãe às meninas era visto por muitos como cruel e tacanho: “Ela quer que cresçam ignorando o que chama de ‘a tragédia da corte russa’”, assegurou uma dama, aludindo ao horror que Alexandra nutria por sua imoralidade.[53] Tudo isso torna ainda mais extraordinário que as quatro irmãs Romanov parecessem tão naturais e equilibradas. Todos os que as conheciam concordavam que eram ótimas jovens, que demonstravam afeição, lealdade e um senso digno de seu papel: “Elas nunca lhe deixam esquecer que são grã-duquesas; mas não negligenciam os sentimentos alheios”, comentou uma dama de companhia.[54] Mas avistar as crianças imperiais na cidade, sobretudo Alexei, era incrivelmente raro. Havia mais chances de vê-los em Tsárskoe Seló. Post Wheeler lembrava-se de ter tido a boa sorte de encontrar o tsarévitch ao ar livre com um guarda-costas cossaco quando visitou Tsárskoe Seló com a condessa Tolstoi, certo dia. O menino estava “embrulhado em um sobretudo longo com um colarinho de astracã branco e um gorro de pelo garbosamente inclinado” e “falando ansiosamente, com muitos gestos, parando de vez em quando para chutar um punhado de neve”. “Não consegui tirar os olhos dele”, admitiu Wheeler. “O menino era quase uma lenda, eu não conhecia ninguém que o tivesse visto.” A condessa, que conhecia bem a família imperial, sentiu terrível pena de Alexei: “Pobre criança! Apenas com suas irmãs, nenhum menino de sua idade com quem brincar! A imperatriz está cometendo um grande pecado com ele, e com as garotas também, mas ninguém consegue fazê-la enxergar isso!”.[55]

Essa opinião amplamente disseminada das crianças imperiais não podia, é claro, ser refutada, embora um visitante inglês autorizado a visitar Tsárskoe Seló tenha recebido o raro privilégio de se encontrar com Alexei e as meninas.

> Ele pareceu um pouco tímido e ficou em um canto da sala, cercado por suas irmãs, belas jovens, simples mas vestidas com esmero. Pareciam muito à vontade e seus modos eram os modos francos e sem afetação de crianças comuns de boa criação. No momento em que entraram, um sorriso de orgulho maternal se abriu sobre os traços da imperatriz e ela foi na direção deles, pondo um braço carinhoso em torno do pescoço do filho.[56]

Alexei era claramente o centro do universo da mãe, e, como resultado, as meninas Romanov pareciam fadadas a um insípido intercambiamento, sempre à sombra de seu irmão carismático. No entanto, nos bastidores, mudanças no relacionamento entre as cinco crianças começavam a surgir. Olga fora cada vez mais incumbida por Alexandra de tentar fazer com que o desobediente Alexei se comportasse em público durante seus frequentes períodos de indisposição. Certa vez, durante uma parada de escoteiros, ele tentara pular da carruagem para se juntar ao grupo e, ao ser impedido por Olga, dera "um tapa em seu rosto com toda a força". Além de reagir apenas com um estremecimento, Olga pegou a mão dele e a acariciou até Alexei ter recuperado a calma. Só quando se viram de novo na segurança de casa ela correu para o quarto e se desmanchou em lágrimas. Alexei ficou devidamente arrependido; por dois dias "foi a imagem da contrição e fez Olga aceitar sua parte da sobremesa à mesa". Ele gostava mais de Olga do que das outras, talvez, pois sempre que era repreendido por seus pais "declarava que era o menino de Olga, pegava seus brinquedos e ia para o apartamento dela".[57]

A essa altura Olga e Tatiana estavam se tornando notadamente distanciadas do "pequeno par", e Maria, a mais inconspícua das quatro, começava a sofrer. O ciúme também surgira, pois ela achava que talvez sua mãe favorecesse mais Anastácia. "Não tenho segredos com Anastácia, não gosto de segredos", tranquilizou-a Alexandra em um de seus bilhetes, para então mandar outro em poucos dias: "Doce criança, deve me prometer nunca mais pensar outra vez que ninguém a ama. *Como* uma ideia tão extraordinária entrou em sua cabecinha? Volte a tirá-la rapidamente". Sentindo que não era querida pelas irmãs mais velhas, Maria viera ultimamente buscando consolo na amizade de sua prima Irina, a única filha de Xenia. Mas Alexandra lhe disse que isso só tornaria as

coisas piores: suas irmãs iriam “imaginar então que você não quer estar com elas; agora que está se tornando uma moça, é bom que passe mais tempo na companhia delas”.[58]

Maria estava claramente ansiosa por receber a aprovação e a atenção das irmãs mais velhas, o que talvez seja o motivo por trás de uma carta em nome delas que escreveu para Alexandra, em maio de 1910:

> Minha querida mamãe! Como está se sentindo? Eu queria lhe dizer que Olga gostaria muito de ter o próprio quarto em Peterhof, porque ela e Tatiana têm muitas coisas e pouco espaço. Mamãe, com que idade você teve o próprio quarto? Por favor, diga-me se é possível conseguir. Mamãe, com que idade você começou a usar vestidos longos? Você não acha que Olga também gostaria de alongar seus vestidos? Mamãe, por que não muda as duas, ou só Olga? Acho que elas ficariam confortáveis onde você dormiu quando Anastácia teve difteria. Um beijo. Maria. P.S. Foi minha ideia escrever para você.[59]

Nesse meio-tempo, a egocêntrica irmã mais nova de Maria, Anastácia, que vivia em seu mundinho, estava ocupada pensando em linhas inteiramente diferentes, idiossincráticas, rabiscando em seu caderno uma lista de desejos de aniversário daquele ano:

> Para meu aniversário gostaria de receber pentes de cabelo de brinquedo [para suas bonecas], uma máquina onde possa escrever, um ícone de Nikolai, o Taumaturgo, roupas, um álbum para colar fotos, também uma cama grande, como Maria tem, para a Crimeia, quero um cachorro de verdade, um cesto para papéis estragados quando eu escrevo algum livro [...] também um livro onde escrever pequenas peças para crianças que podem ser encenadas.[60]

A necessidade de alguém para cuidar de quatro personalidades tão diferentes e em rápido desenvolvimento durante os anos cruciais da puberdade estava aumentando na ausência da mãe, mas por todo o ano de 1910 os problemas vieram aumentando com a pessoa sobre quem mais recaía essa tarefa — Sófia Tiútcheva. Ela não fizera muitas amigas e vários membros da criadagem antipatizavam com seus modos autoritários; segundo uma diarista, referiam-se a

ela como “um homem de saia”, por seu jeito dominador e pelo modo que continuava a tratar as irmãs como crianças pequenas e malcriadas.[61] Por mais que gostasse das meninas, a moralista Tiútcheva estava preocupada com a atenção cada vez maior — ou, antes, distração — em suas vidas ocasionada pelos jovens oficiais no *Shtandart*, e ficava apreensiva com o aprofundamento da relação com eles durante as férias finlandesas.[62]

Embora sua devoção à família fosse inegável e tivesse boas intenções, o comportamento judicioso de Sófia e seu constante ditar de regras significavam que corria o risco de atravessar a linha entre seus deveres como ama e os de Alexandra como mãe das meninas, com a responsabilidade suprema — mais do que a mãe — pelo bem-estar moral delas. Tiútcheva nunca se dera bem com a imperatriz e não aprovava o estilo “inglês” mais relaxado de criar as meninas. Segundo Anna Vírubova, “Ela queria mudar o sistema todo, torná-lo inteiramente eslavo e livre de quaisquer ideias importadas”, e estava agora criticando abertamente a tsarina, mesmo na frente das crianças.[63] Ela odiara Raspútin desde o início e fazia pesadas críticas à relação que as meninas e sua mãe tinham com ele, que considerava aviltante e imprópria. As irmãs ficavam claramente ansiosas acerca da hostilidade crescente em relação a Grigóri, como Tatiana insinuou num bilhete a sua mãe em março de 1910: “Estou com tanto medo que S. I. [Sófia Ivánovna] pode falar com Maria [Vichniakova] sobre nosso amigo alguma coisa ruim. Espero que nossa babá vai ser boa com nosso amigo agora”.[64]

Em janeiro e fevereiro de 1910, Alexei sofrera com dores no braço e na perna e Raspútin visitara a família em dez ocasiões em Tsárskoe Seló, muitas vezes ficando até tarde e conversando por longo tempo com eles. Após um pedido de Alexandra para que não comentasse mais as visitas de Raspútin diante das crianças, Sófia Tiútcheva parou por algum tempo, mas depois mais uma vez começou a fofocar com a grã-duquesa Xenia sobre o livre acesso dele à família, e às crianças em particular. “Ele vive lá, entra nos aposentos infantis, visita Olga e Tatiana quando estão se preparando para dormir, fica ali sentado conversando e *acariciando* as meninas”, ela lhe contara.[20] Instruídas por sua mãe, as crianças estavam mantendo cada vez mais sigilo; até mesmo Elizaveta Naríchkina (que assumira a posição de *mistress of the robes* no lugar da recém-falecida princesa Golítsina) percebia que o medo de escândalo da mãe delas era tamanho que as meninas estavam sendo treinadas a “ocultar dos outros seus pensamentos e sentimentos sobre Raspútin”.[65] “Dificilmente pode ser benéfico acostumar as crianças a tal dissimulação”, achava o grão-duque Konstantin.[66] Certamente o novo ataque de Tiútcheva no verão de 1910 foi a gota d’água; ela solapou ainda mais a imagem de Alexandra dentro da família imperial, sendo que até mesmo

sua irmã Ella e Xenia questionavam a sensatez de continuar a defender Raspútin.

Pessoas como Lili Dehn, que amava Alexandra e respeitava sua confiança em Raspútin, menosprezavam o comportamento de Tiútcheva como sendo "despeito e ciúme"; Anna Vírubova e Iza Buxhoeveden estavam convencidas de que ela era a fonte de grande parte das fofocas sobre a imperatriz e Raspútin que circulavam em São Petersburgo. Mas o mal já fora feito; os rumores ficavam mais chocantes a cada dia. A própria Dehn logo teve um bom motivo para ser grata à ajuda de Raspútin, quando seu filho de dois anos, Alexandre (conhecido por todo mundo como Titi), contraiu difteria. Vendo como o menino estava desesperadamente doente, Alexandra e Anna Vírubova convenceram-na a pedir a ajuda de Grigóri. Quando ele chegou, ficou sentado por um longo tempo na cama do menino, olhando intensamente para ele. De repente Titi acordou, "esticou sua mãozinha, riu e esboçou com os lábios as palavras 'tio, tio'". Titi lhe disse que sua cabeça doía "demais", mas tudo o que Raspútin fez foi "segurar a mão do menino, passar o dedo pela lateral de seu nariz, acariciar sua cabeça e beijá-lo". Ao sair, disse a Lili que a febre estava diminuindo; seu filho viveria.[67] Na manhã seguinte, os sintomas de Titi de fato haviam cedido; ele se recuperou alguns dias depois. Lili permaneceu convencida de que isso meramente coincidira com a visita de Raspútin, mas tinha consciência de que a fé de Alexandra estava baseada em sua absoluta convicção de que ele era a única pessoa que poderia ajudar seu filho. Nesse aspecto, qualquer ascendência que Raspútin tivesse sobre a imperatriz era, no que dizia respeito a Lili, inteiramente mística — e nunca mercenária ou política.[68]

Mas nas páginas do influente diário *Moskóvskie védomosti* e em outros lugares, a campanha de difamação contra a imperatriz e seu "amigo" aumentava. A revista satírica *Ogoniok* publicava entrevistas com os seguidores dele — fornecendo picantes detalhes de suas "noites egípcias de iniciação" no círculo de Raspútin.[69] O primeiro-ministro Stolípin retomou sua investigação, e Raspútin mais uma vez achou melhor bater em retirada para a segurança da Sibéria.

20 Em seu livro *My Father*, p. 56, Maria Raspútin negou veementemente essa acusação: "Meu pai nunca foi recebido nos dormitórios de Suas Majestades, tampouco nos das grã-duquesas, mas apenas no de Alexis Nicolaievitch [*sic*], ou numa das salas de visitas, e apenas uma ou duas vezes na sala de aula".

Capítulo Nove

EM SÃO PETERSBURGO TRABALHAMOS, MAS EM LIVÁDIA VIVEMOS



No verão de 1910, diante do declínio dramático e persistente da saúde da tsarina, o dr. Bótkin a persuadiu a procurar repouso em Bad Nauheim, em Hesse, combinado a uma visita a Ernie e outros parentes europeus. “É muito importante para ela melhorar, por si mesma, pelas crianças e por mim”, disse Nicolau à mãe antes de partirem. “Estou mentalmente exausto de tanto me preocupar com sua saúde.” Suas palavras para Anna Vírubova foram ainda mais sinceras: “Eu faria qualquer coisa”, disse ele, com sereno desespero, “até ir para a prisão, se ela pudesse ficar bem outra vez”.[1]

A família Romanov chegou a Schloss Friedberg, perto de Nauheim, no fim de agosto. A maior parte de seu séquito de 140 pessoas (numeroso pela presença de inúmeros agentes de segurança) foi transferida para pousadas pela cidade. Por mais bem-vinda que pudesse ser para Ernie e sua família, a visita foi um pesadelo logístico, para não mencionar os enormes gastos. Durante as quatro semanas da estada, que foi uma visita inteiramente particular, Nicolau adotou pela primeira vez seguranças civis e fez excursões ocasionais pela cidade, incógnito. Não obstante, a segurança era rígida como em Cowes, em 1909, com atiradores posicionados e cães patrulhando o terreno do castelo, e a Escolta Cossaca de Nicolau, suplementada por agentes da Okhrana sob a supervisão de Spiridóvitch, acompanhando de perto cada passo da família.[2]

Uma visitante inglesa, a escritora e anfitriã literária Violet Hunt, recordou todo o aparato espantoso cercando a chegada dos Romanov. Certa noite, um

bilhete foi pregado em sua *pension*, pedindo aos hóspedes que

> não sigam, persigam ou cerquem o tsar da Rússia, que estava hospedado em Friedberg, a cinco quilômetros dali, e que vinha todo dia com a tsarina e seus filhos [...]. Ele fazia isso com risco tão óbvio e tão iminente para sua vida que a municipalidade covarde e calculista de Friedberg insistira em que pusesse no seguro os monumentos desse lugar às próprias custas!

Grandes esforços foram feitos por Spiridóvitch para "disseminar anúncios falaciosos" dos movimentos do tsar, a fim de frustrar os curiosos que quisessem seguir o casal imperial. "Quando [Nicolau] deveria ir aos banhos era no Kursaal [salas públicas] que você o encontrava; quando era à escola de equitação, muito mais provavelmente no lago."[3] Violet Hunt avistou-o ali, "uma figura desconsolada, encorajando seu menino a brincar com o barco em miniatura ou passeando com ele num bote a remo". Ela muitas vezes viu Alexandra a caminho dos banhos, "de preto, com pérolas [...] seu rosto uma máscara trágica [...] altiva, abatida. Parecia uma tola adorável; não, dificilmente adorável, agora — a sombra mórbida de uma rainha".[4] Em uma loja na cidade cheia de vidros venezianos, voltou a encontrar Nicolau com Alexei, examinando atentamente alguns *objets d'art*:

> Vi seu rosto através do lindo vidro claro; não exibia o mero terror, pois era um homem corajoso, mas de repente parecia subentendido um resumo, uma suma da agonia compósita de toda essa raça de reis conscientemente marcados para a destruição. Seu avô antes dele — seu tio — e apenas o filho pequeno com a cabeça sob o balcão para propagar o monstruoso apostema da realeza russa![5]

E de fato Nicolau devia estar preocupado, pois durante sua estada em Friedberg chegou a notícia do golpe de Estado em Portugal, em 5 de outubro, contra o monarca constitucional Manuel II; era mais uma advertência, pois o pai de Manuel, como o avô de Nicolau, fora assassinado (em 1908). Uma mulher testemunhou a reação de Nicolau quando o jornaleiro chegou à Kurhaus (casa de spa) onde tomavam chá. "O tsar pareceu empalidecer e aparentemente ficou em grande choque." Pegando uma moeda para pagar o menino, leu a matéria do começo ao fim: "Eu podia ver em seu rosto como aquilo o afetara. Em seus

olhos havia medo, e ocasionalmente pareciam quase desesperados. Com algum esforço, ele afastou esses sentimentos e percebeu que era objeto de olhares curiosos. Assumindo o ar de que nada acontecera, dirigiu-se ao automóvel que o aguardava".[6]

Em Friedberg, as duas famílias se reuniram com diversos outros parentes: o príncipe André da Grécia, sua esposa, Alice, e suas duas filhas, Margarita e Theodora; a irmã de Alexandra, Vitória de Battenberg, seu marido, Louis, e seus filhos, Louise, George e Louis. As duas outras irmãs de Alexandra também se juntaram brevemente a elas: Irene, com seu marido, o príncipe Henrique, e seus dois meninos, Sigismund e o hemofílico Waldemar, e a grã-duquesa viúva Ella — que se tornara freira recentemente e fundara um convento em Moscou — usando um hábito cinza muito elegante e touca de freira, parecendo Elisabeth, a piedosa heroína da ópera *Tannhäuser*, de Wagner.

As quatro irmãs Romanov adoravam a companhia de seus primos Louise e Louis, mais conhecido entre elas como Dickie. Embora com apenas dez anos na época, posteriormente, então como lorde Mountbatten, Dickie lembrou-se vividamente das meninas: "Ah, elas eram encantadoras, e incrivelmente doces, muito mais bonitas do que nas fotografias". Ele ficou totalmente apaixonado pela terceira irmã: "Fiquei louco por Maria e estava determinado a me casar com ela. Era absolutamente adorável".[21] De fato, a seus olhos, as quatro garotas estavam desabrochando: "Elas me pareciam ficar mais e mais belas a cada vez que eu as via".[7]

A prima Thora também chegara da Inglaterra com Emily Loch. Na manhã posterior a sua chegada, Olga e Tatiana estavam ansiosas para fazer compras com Thora em Nauheim, onde as joalherias as deixaram extasiadas, assim como ocorrera em Cowes. Elas voltaram no dia seguinte e "escolheram punhados de joias a serem inspecionadas pela imperatriz, que levamos conosco", recordou Emily, mas a multidão que se juntou em torno delas fora considerável e as garotas tiveram pouca oportunidade de gastar o dinheiro das compras, que fora fixado em quinze rublos por mês, por Alexandra, em janeiro desse ano.[8] Em Friedberg e entre seus primos, as quatro irmãs pareciam felizes em se entregar a brincadeiras de criança como diabolô e "*bumble puppy*" (um jogo para duas pessoas, com uma bola em um fio amarrado a um poste). Havia também muitos passeios de carruagem e bicicleta no parque, enquanto Alexei se distraía brincando com os dois filhos de Ernie, Georg Donatus e Louis, e era levado a passeios de bicicleta por Derevenko, acomodando-se num selim especialmente adaptado. Elas também se divertiram com vários passeios de carro com o tsar (que gostava de dirigir velozmente), atravessando o campo densamente arborizado para fazer piqueniques. Era uma oportunidade muito rara para as

meninas se misturarem e brincarem com primos de sua idade, com até mesmo Nicolau, ao menos uma vez, mostrando despreocupação. “Ele parecia tão feliz quanto um aluno de férias.”[9] Todos acharam as meninas educadas e solícitas, e ficaram impressionados com o modo cioso com que “faziam o maior esforço à mesa para conversar com o cavalheiro de companhia”.[10]

Após mais de um mês em Bad Nauheim, a família seguiu para Wolfsgarten para três semanas extras com Ernie e sua segunda esposa, Onor. A saúde de Alexandra havia melhorado; o dr. Georg Grote, que cuidara dela em Nauheim, não encontrara sinal de problema cardíaco, mas confirmou que o estado de saúde da imperatriz era tão grave que “se ela não ocupasse posição tão elevada, deveria ter sido mandada para um sanatório, entregue aos cuidados de duas irmãs de caridade, sem permissão de ver ninguém”. Ela “carrega muitas coisas nos ombros”, disse Grote, “e esconde seu sofrimento de todo mundo”.[11] Não obstante, Alexandra ficou transformada por estar próxima da família nesse verão, conforme Dickie Mountbatten recordou. “Mesmo aquela maluca lunática da minha tia, a imperatriz, foi absolutamente doce e encantadora.” Entretanto, muitos parentes ficaram seriamente preocupados com a estabilidade mental dela. Dickie escutou seu pai dizer a sua mãe em Nauheim: “Alicky está absolutamente louca — ela vai provocar uma revolução. Você não pode fazer *nada*?”.[12]

A saúde constantemente precária da tsarina era muitas vezes atribuída à hipocondria. Mas Alexandra afirmava com segurança que seus males não eram imaginários. “Se as pessoas lhe falarem sobre ‘meus nervos’”, escreveu para Maria Bariátinskaia, “por favor, contradiga com veemência. Eles continuam fortes como sempre, é o ‘coração supercansado’.”[13] Ela estava ciente de como sua saúde ruim afetava as crianças; “ter uma mãe que está sempre doente não torna a vida alegre para você”, disse a Maria naquele dezembro, mas a situação tinha suas compensações: “Sei que é chato [...] mas isso lhes ensina a serem carinhosas e gentis”.[14] Ela agora tinha de lidar com as primeiras paixões adolescentes de Maria, aos onze anos, que a filha lhe confidenciara. Grigóri claramente viera mais uma vez bancando o ombro amigo e dissera a Maria para “não se estender muito com ele” e não demonstrar nada na presença dos outros. “Agora que você é uma menina crescida, deve ser sempre mais cuidadosa e não mostrar esses sentimentos”, reiterou Alexandra. “A pessoa não deve deixar os outros verem o que está sentindo no íntimo.”[15] Essa reticência estudada encorajara a visão que as pessoas no mundo exterior agora tinham de Alexandra como indiferente e insensível. “Era a costumeira política do silêncio”, recordou Iza Buxhoeveden; Alexandra lhe disse que “não era *comme il faut* em nossa família revelar enfermidades” — e isso incluía Alexei. A única ocasião em que se podia contar ao público que algo estava errado era “quando alguém está

morrendo”.[16]

Desse modo deixavam que a imprensa estrangeira especulasse. “Tsarina morre lentamente de terror”, dizia uma manchete, reproduzindo uma matéria da *Tribuna* romana que alegava que Alexandra havia sido “por muito tempo a personalidade real mais infeliz da Europa” como resultado da alta segurança que isolava a ela e sua família do mundo exterior, pois isso a tornara “uma vítima de melancolia e medos mórbidos”.[17] Era quase impossível, alegavam os jornais, reconhecer “naquela mulher de olhos sombrios e rosto triste a garota alegre que certa vez regozijara os corações dos trabalhadores rurais em Balmoral”. “Seu medo de um ataque revolucionário agora a consome inteiramente.” Não havia “tragédia mais lastimável na história de qualquer casa real”, disse um jornal australiano.[18]

Em novembro de 1910, e de volta a Tsárskoe Seló, Nicolau estava determinado a que suas filhas aproveitassem parte da temporada de inverno na capital. Em janeiro, ele e Olga foram a uma apresentação de *Boris Godunov*, estrelando o famoso baixo Fiódor Chaliápin, muito estimado pela família. Em fevereiro, Olga e Tatiana foram suas companhias na ópera *Evguéni Onéguin*, de Tchaikóvski, e mais tarde Nicolau levou as quatro meninas para verem o balé *A Bela Adormecida*. Esses passeios eram um consolo pequeno para a ausência da mãe, mas as cinco crianças apreciaram inteiramente nesse inverno um concerto com sua orquestra de balalaica favorita.

Post Wheeler e sua esposa, Hallie, estavam lá, cercados pelos membros da comunidade diplomática e os ubíquos homens da Okhrana. A comitiva imperial chegou: Maria Feódorovna, Maria Pávlovna e “em um grupo atrás dela, não só as duas filhas mais velhas, Olga e Tatiana, mas o par mais jovem, Maria e Anastácia” — um acontecimento notável porque era a primeira vez que os Wheeler viam as quatro irmãs juntas. “As duas mais velhas usavam um vestido branco simples, cada uma com um colar de pequenas pérolas, e com os bastos cabelos pretos caindo sobre os ombros, pareciam muito mocinhas e graciosas.” Olga carregava “um pequeno ramalhete de violetas” e Maria e Anastácia tinham caixas de “chocolates embrulhados em papel prateado”. Anastácia sentou no camarote próximo ao de Hallie “e lançou-me um sorrisinho comportado ao depositar sua caixa de chocolates no parapeito entre nós”.[19] Então, como recordou Hallie, “houve uma agitação, o público todo estava se levantando e olhando para trás”, quando o tsar em uniforme de marechal entrou com o

tsarévitch “vestido todo de branco com galões dourados”.[20]

“A casa ficou em grande silêncio, pois testemunhava o que a Rússia nunca vira antes. As pessoas ficaram pasmas”, recordou Hallie. O tsarévitch era tão pouco visto em público que para a maioria dos russos “não passara de uma fábula”.[21] Durante o concerto de balalaica que se seguiu, Alexei empolgou-se com a apresentação, pois adorava o instrumento e estava aprendendo a tocar. No fim, o público todo ficou de pé, urrando de aprovação, Alexei ao lado do pai, meigo e com uma solenidade infantil, “lançando olhares cautelosos de vez em quando à direita e à esquerda”. “*Mon dieu! Comme il est adorable*”, Hallie escutou uma mulher perto dela comentar:

> Havia em cada rosto a adoração que ao longo dos séculos fora prodigalizada sobre a pessoa do “Grande Tsar Branco”, e foi mais do que isso, pois aquele rapazinho, com sua beleza juvenil, tipificava o futuro que a Rússia buscava [...]. O tsar simbolizava o reinado que a Rússia conhecia e agora passava a ver com desconfiança, mas nas mãos do pequeno futuro autocrata repousavam as luminosas possibilidades com as quais o país sonhava.[22]

Tal adoração do pequeno herdeiro ao trono serviu para reforçar os sentimentos expressados por Maria Feódorovna em 1906, de que “as desafortunadas meninas passaram a ter importância secundária” com a chegada de Alexei.[23] O público decerto as tinha em grande estima, mas todos os olhares recaíam sobre o tsarévitch. Voltando a seu camarote após o intervalo, Hallie notou que Anastácia e Maria já haviam assumido seus lugares junto à lateral do parapeito. “Ela não era uma criança bonita, mas havia qualquer coisa franca e cativante em sua pessoa”, lembrou a respeito de Anastácia. “Sobre a superfície plana do parapeito estava a caixa de chocolates, agora quase vazia, e suas luvas brancas ficaram lamentavelmente sujas. Com timidez, ofereceu-me a caixa, e peguei um.” Quando a música começou, Anastácia passou a cantarolar suavemente a canção folclórica que estavam tocando. Hallie lhe perguntou o que era. “Oh”, ela respondeu, “é uma antiga canção sobre uma menina pequena que perdeu sua boneca.” As notas prolongadas dessa adorável canção cantarolada pela jovem grã-duquesa e a visão de suas luvas sujas de chocolate nessa noite ficariam com Hallie por muitos anos.[24]

Na primavera de 1911, Alexandra admitiu para sua cunhada, Onor, que a "cura" em Nauheim não tivera efeito algum: "Pessoalmente, não senti nenhum benefício [...] e estou igualmente mal outra vez".[25] Olga estava desesperada para ver sua mãe com boa saúde de novo. "Não fique cabisbaixa, minha querida, se ela não voltar a ficar tão forte quanto costumava ser", consolou-a sua tia Ella, "não vai acontecer tão rápido, o verdadeiro efeito do tratamento não será sentido senão dentro de um ou dois meses, quando não após uma segunda tentativa." Nesse ínterim, Ella aconselhou Olga a investir seus melhores esforços em orar com paciência pela melhora da mãe.[26] Na primavera ao menos Olga desfrutou da excitação de passar em revista os novos recrutas de seu corpo de guardas, mas Tatiana começou a sentir ciúme. "Eu também queria muito passar em revista a segunda divisão já que sou também a segunda filha e Olga foi no início então agora é minha vez", queixou-se para Alexandra, acrescentando que "na segunda divisão eu vou ver quem eu *preciso* ver... você sabe quem...!!!!??!?!"[27] Tatiana também confidenciava à mãe as primeiras paixões adolescentes. Mais revistas militares se seguiram em agosto, no grande campo de exercícios em Krásnoe Seló, durante as quais Olga e Tatiana, que eram ambas muito hábeis sobre o cavalo (tendo aprendido a montar em 1903),[28] puderam com muito orgulho cavalgar uniformizadas e de lado na sela para inspecionar os regimentos sobre os quais seu pai lhes dera o comando honorário no 14º dia do nome delas: o 3º Hussardos de Elizavetgrad para Olga e o 8º Ulanos de Voznessensk para Tatiana. Maria também teria seu regimento — o 9º Dragões de Kazan, em 1913 —, mas a emburrada Anastácia ainda não tinha idade suficiente. Os oficiais do *Shtandart* a provocaram dizendo que com sua personalidade entusiasmada ela deveria ter sido nomeada comandante da brigada de incêndio de São Petersburgo.[29]

Durante as revistas militares nessa primavera, as meninas receberam a visita de um primo inglês, o príncipe Arthur de Connaught (filho do tio de Alexandra, o duque de Connaught), um capitão dos Royal Scots Greys que viera como observador. Entretanto, o príncipe solteiro de 27 anos, como observou a filha do embaixador britânico, Meriel Buchanan, tinha outras preocupações: "O príncipe Arthur vem na próxima semana para as manobras e também (secretamente) para ver a filha do imperador".[30] Essa inspeção sigilosa de Olga não é surpresa, embora não saibamos nada da impressão que ela teve de Arthur ou vice-versa.[22] Como a filha mais velha dos Romanov, ela se aproximava do aniversário de dezesseis anos, uma idade para casar, e o interesse por ela no mercado matrimonial da realeza vinha aumentando havia muito tempo. Consciente da necessidade de que suas duas filhas mais velhas assumissem sua posição na sociedade, Alexandra já estava planejando o aparecimento oficial delas em dois casamentos na família dos filhos do grão-duque Konstantin, sendo o primeiro o

de seu filho mais velho, Ioánntchik, com a princesa Helena da Sérvia, em Peterhof, em 21 de agosto.

"Todas elas cresceram bastante", Alexandra contou a Onor quando ela se preparava para isso, "Tatiana já está mais alta do que Olga, cujos vestidos quase tocam no chão agora. — As barras das saias descem e os cabelos sobem quando elas chegam à idade de dezesseis anos — como o tempo voa." Quanto a ela, era provável que se ausentasse: "Mal vou aparecer; terei de ver quão forte estarei, e não será muito".[31] Quando chegou o dia, Alexandra não estava bem o suficiente para comparecer ao casamento de Ioánntchik, mas seus cinco bem-apessoados filhos causaram boa impressão, Alexei "encantador no uniforme dos carabineiros da família imperial" e as grã-duquesas usando vestidos de corte russos, "brancos com flores cor-de-rosa, mas sem cauda nem *kokóchniki* rosa". O irmão do noivo achou-as "adoráveis".[32] Sem dúvida, Ioánntchik também achou, pois arrastava a asa por Olga desde que a vira em 1904, no batizado de Alexei. Mesmo em novembro de 1909, ele ainda alimentava esperança, pois a despeito de ter tido uma sucessão de interesses românticos breves em sua busca de uma noiva, Olga deixara "uma marca indelével nele". Ioánntchik viajara à Crimeia no outono anterior "apenas de ansiedade por ver Olga", mas, tendo então admitido abertamente seus sentimentos para o tsar e a tsarina, acabara por abrir mão da esperança. "Eles não permitirão que me case com Olga Nikoláevna", dissera a seu pai, desconsolado.[33] Mas agora, enfim, o espigado e desajeitado Ioánntchik, que era extremamente desgracioso para um pretendente, encontrara uma noiva real adequada, fato que alarmou a intensamente ingênua Tatiana: "Que engraçado se tiverem filhos, eles podem estar se beijando...? Que nojo, droga!".[34]

Apenas três dias mais tarde, a filha mais velha do grão-duque Konstantin, Tatiana, casou-se com o príncipe Bagration-Mukhránski numa pequena cerimônia familiar em Pávlovsk, assistida pela família imperial. Os casamentos foram seguidos logo no fim do mês por uma importante visita oficial a Kiev. As meninas cada vez mais substituíam a mãe durante suas indisposições, e essa viagem marcou seu primeiro grande papel público nesse aspecto. Elas estavam na cidade ucraniana para a inauguração de uma nova estátua de Alexandre II, marcando o 15º aniversário de sua emancipação dos servos em 1861, bem como para visitar o famoso mosteiro Petchérski e comparecer a duas grandes revistas militares em 1º e 2 de setembro. Embora Alexandra comparecesse à cerimônia de tirar o véu da estátua e aguentasse um longo dia de funções oficiais no dia 1º, depois ela se retirou, exausta. Nessa noite, Olga e Tatiana acompanharam Nicolau ao Teatro Municipal de Kiev para uma apresentação da ópera *O conto do tsar Saltan*, de Rímski-Kórsakov. Ali inúmeros dignitários e políticos,

inclusive o primeiro-ministro Stolípin, se juntaram a eles.

Durante o segundo intervalo, Stolípin permanecera na coxia, junto à balaustrada próximo ao camarote imperial, quando um jovem avançou com uma arma em sua direção e disparou duas vezes. “Felizmente”, como Alexandra ficou aliviada em contar a Onor numa carta pouco depois, “N., O. e T. estavam no foyer quando aconteceu.”[35] Sófia Tiútcheva, que estava lá como acompanhante, lembrou que Olga sugeriu que saíssem para tomar chá, Nicolau tendo se queixado de sentir muito calor no camarote.[36] No foyer eles “escutaram dois barulhos, como o som de um objeto caindo”, escreveu Nicolau mais tarde para sua mãe. Ele pensou que “um binóculo devia ter caído na cabeça de alguém lá de cima” e voltou correndo ao camarote para olhar:

> À direita vi um grupo de oficiais arrastando alguém, algumas damas gritavam, e ali bem na minha frente estava Stolípin. Ele virou devagar para me encarar e fez o sinal da cruz no ar com a mão esquerda.[37]

Olga e Tatiana haviam tentado segurar o pai, mas quando Nicolau foi instintivamente em direção a Stolípin notou que o primeiro-ministro fora atingido. Stolípin lentamente afundou em sua poltrona e todos acorreram a ajudá-lo, inclusive o dr. Bótkin. Stolípin murmurou uma mensagem para o tsar, que o ministro da Corte Imperial, o conde Freedericksz, levou para ele: “Vossa Majestade, Piotr Arkádevitch pediu-me que informasse que está feliz em morrer por vós”. “Espero que não haja motivo para falar em morte”, respondeu o tsar. “Receio que haja”, respondeu Freedericksz, “pois uma das balas atingiu o fígado de Stolípin.”[38]

Apesar dos ferimentos, Stolípin heroicamente conseguiu, com ajuda, sair do teatro e entrar em uma ambulância, que o levou às pressas para “uma clínica particular de primeira classe” onde ele “tomou a Sagrada Comunhão” e “falou muito lucidamente”.[39] Nesse ínterim, seu agressor, Dmítri Bogrov, um jovem advogado de uma próspera família judia da cidade (que fora tanto um ativista revolucionário como um informante da Okhrana), foi dominado por membros do público, que o teriam linchado, se pudessem. Depois que Bogrov foi levado pela polícia, o elenco da ópera voltou ao palco e se juntou ao público para cantar o hino nacional, Nicolau na frente de seu camarote, “obviamente angustiado, mas sem demonstrar medo”.[40] “Saí com as meninas às onze”, escreveu mais tarde a Maria Feódorovna. “Você pode imaginar com que emoções.” “Tatiana chegou em casa chorando muito e continua um pouco abalada”, contou Alexandra a

Onor no dia seguinte, “enquanto Olga se portou corajosamente o tempo todo.”[41] Na manhã seguinte, Sófia Tiútcheva, que não dormira a noite toda com o choque do que vira, ficou surpresa em encontrar as meninas mais calmas do que havia esperado após a experiência. Notando quão desconcertada ela ficou com isso, a ama Maria Vichniakova se aproximou e sussurrou: “Ele já está lá”, querendo dizer Raspútin, que por acaso estava em Kiev na ocasião. “Então tudo ficou claro para mim”, escreveu Tiútcheva mais tarde.[42]

As esperanças de que Stolípin se recuperaria de seus ferimentos permaneceram altas, e os boletins pareciam favoráveis. “Acham que está fora de perigo”, contou Alexandra a Onor. “Seu fígado parece apenas levemente afetado. A bala atingiu sua Cruz de Vladímir e ricocheteou em outra direção.”[43] Nesse meio-tempo, Nicolau foi obrigado a continuar com seus compromissos em Kiev, e no dia 4 compareceu a uma importante revista de tropas com as crianças, seguida de visitas a museus e à primeira escola a ser fundada em Kiev, agora celebrando o centésimo aniversário da cidade.

A escritora russa Nadejda Iákovlevna Mandelstam era uma aluna de onze anos na época. Ela recordava o dia vividamente e como ficara comovida com a visão do “menino muito bonito e quatro meninas tristes”, uma das quais, Maria, tinha a mesma idade que ela. Isso a levou a refletir sobre as vidas difíceis que levavam:

> Eu compreendi de repente que era muito mais feliz do que aquelas meninas desafortunadas; afinal, eu podia correr com os cães na rua, ficar amiga dos meninos, deixar de aprender minhas lições, fazer travessuras, dormir tarde, ler todo tipo de bobagem e brigar com meus irmãos e com qualquer um. Eu e minhas governantas tínhamos um arranjo bem simples: saíamos de casa juntas, deliberadamente, e depois ia cada uma para um lado — elas para seus encontros e eu para meus meninos — eu não tinha amigas mulheres — só dá para brigar de verdade com meninos. Mas aquelas pobres princesas só tinham obrigações: eram educadas, afetuosas, amigáveis, atenciosas [...] não tinham permissão nem de brigar [...] pobres meninas.[44]

O tsar voltou a visitar Stolípin duas vezes, mas nas duas ocasiões a esposa de Stolípin, Olga, culpando-o pelo ataque, não permitiu que Nicolau o visse.[45] No dia 5 de setembro, Stolípin morreu de septicemia e Olga Stolípina recusou-se a aceitar as condolências do tsar. Com a lei marcial decretada em Kiev e 30 mil soldados em alerta, disseminou-se o medo de um pogrom em retaliação, levando

muitos moradores judeus a deixar a cidade. A família imperial, nesse meio-tempo, subiu a bordo do trem e foi para o litoral do mar Negro e para o *Shtandart*, com Nicolau "dando instruções muito estritas ao governador, o general Fiódor Trépov", quando saiu, "de que não permitiria um pogrom contra os judeus sob nenhum pretexto".[46]

Bogrov foi julgado por um tribunal militar e enforcado dez dias depois em Kiev, a despeito de um pedido de clemência da viúva de Stolípin. Tendo antecipado a própria morte violenta muito antes, Stolípin pedira que fosse sepultado junto ao local de seu assassinato e foi enterrado no mosteiro Petchérski, em Kiev. Alexandra talvez lamentasse o modo como Stolípin morreu, mas não lamentou sua perda, pois ele sempre fora um opositor implacável de Raspútin. Quando a comitiva imperial mais tarde chegou a Sebastopol, a caminho de Livádia, bandas e luzes os receberam na costa. Uma das damas de companhia achou aquilo inapropriado — como todos, dada a proximidade do assassinato de Stolípin — e o externou para Alexandra, que retrucou: "Ele era só um ministro, mas este é o imperador russo". Sófia Tiútcheva não conseguiu entender sua resposta: vira como Alexandra ficara perturbada e confortara a viúva de Stolípin. O que provocara essa súbita mudança de disposição? "Para mim, só havia uma explicação", concluiu ela mais tarde, convencida de que a família inteira estava sob o domínio de Raspútin. "Foi essa mesma influência nefasta que no fim arruinou a desafortunada Alexandra Feódorovna e toda a sua família."[47]

Após o horror do assassinato de Stolípin, a família ficou muito feliz em escapar para a Crimeia, onde seu palácio recém-construído estava pronto para ser ocupado. A Crimeia sempre fora "a gema mais adorável na coroa do tsar", um troféu territorial anexado por Catarina, a Grande em 1783, no fim de numerosas guerras com o Império Otomano.[48] De uma alvura resplandecente ao brilhante sol na crista da acidentada costa meridional, o palácio era cercado por jardins de cores vibrantes e cheirosas buganvílias e oleandros, lianas de glicínias e, por toda parte, "uma verdadeira profusão de rosas de todas as cores e formatos".[23][49] Havia sombra à vontade também, de exóticas palmeiras, oliveiras, pinheiros e ciprestes, e, abaixo do palácio, a família tinha sua praia rochosa particular e um mar tão azul quanto o Egeu em que se banhar. Não é de admirar que Livádia tenha recebido esse nome de uma palavra grega que significa belo prado ou gramado. Era literalmente um paraíso na terra para os filhos dos

Romanov, e eles sempre mencionavam o lugar como “seu verdadeiro lar”. Como uma das irmãs Romanov afirmou mais tarde: “Em São Petersburgo trabalhamos, mas em Livádia vivemos”.[50] Livádia era também um importante refúgio para um Nicolau cada vez mais arredio e sua esposa inválida. Para quem tivesse dinheiro e status social, a Crimeia era o equivalente russo da Riviera Francesa, com Ialta, a três quilômetros do palácio, como seu resort mais elegante, e toda a alta sociedade russa se dirigia a esse lugar para os balsâmicos meses de outono, antes do início da temporada de inverno em São Petersburgo. Ali, mais do que em qualquer outro lugar da Rússia, era o lugar mais provável para conseguirem ver a elusiva família imperial, pois em Livádia os Romanov ficavam mais relaxados e informais do que em Tsárskoe Seló.

O Palácio de Livádia era uma construção de dois andares, em estilo renascentista italiano, com grandes janelas que permitiam a entrada de luz, e revestido com a pedra calcária branca local, de Inkerman — daí o nome popular “Palácio Branco”. Fora completado no prazo de dezesseis meses, inclusive uma segunda residência para o séquito imperial, e tinha todas as conveniências modernas, como aquecimento central, elevadores e telefones. Tendo tomado posse em 20 de setembro, Nicolau escreveu para sua mãe: “Não podemos encontrar palavras para expressar nossa alegria e o prazer de ter uma casa dessas, construída exatamente como desejamos [...]. A vista em todas as direções é belíssima, sobretudo de Ialta e do mar. Há tanta luz nos ambientes e você se lembra de como era escuro na antiga casa”.[51] Dentro, tudo era simplicidade, muito no *style moderne* da preferência de Alexandra. Os apartamentos privativos no segundo andar tinham a mobília branca e os *chintz* de sua predileção, e, como sempre, havia flores por toda parte.[52] As janelas e os balcões no fundo do palácio davam para o mar: Olga e Tatiana adoravam ter suas aulas matinais de francês com Pierre Gilliard na sacada. No lado norte do palácio, de frente para a terra, a construção dava vista para as acidentadas montanhas da Crimeia, ao longe. Um átrio interno fresco e ensombrecido exibia colunatas de mármore em estilo italianizante e uma fonte cercada por um lindo *knot garden*. Era o lugar favorito da comitiva para escapar do calor do dia, sentar e conversar após o almoço.

Um idílico final de verão e um outono em Livádia seguiram-se para os filhos dos Romanov. Houve maravilhosos dias de esqui nas montanhas com o pai, além de passeios ao longo da costa para os lugares prediletos de piquenique — como o mosteiro de São Jorge, aboletado no alto dos despenhadeiros no cabo Fiolent — ou viagens para o coração da Crimeia, passando por árvores carregadas de frutas suculentas a caminho da vinha do tsar, em Massandra, que produzia os melhores vinhos da Crimeia. Passavam um dia ensolarado após outro

cavalgando e jogando tênis com os filhos da grã-duquesa Xenia e outros parentes em visita. Nadar também era algo que adoravam fazer, embora, depois de Anastácia ter quase se afogado, quando uma onda inesperadamente grande a pegou e seu pai teve de ir em seu socorro, Nicolau tivesse mandado construir na praia uma piscina de velas de lona presas a postes de madeira, para a segurança das crianças, que podiam nadar sob o olhar atento de Andrei Derevenko.[53]

Com sua aversão patológica a estudar e a qualquer tipo de restrição a sua liberdade física, Anastácia estava nas nuvens, como contou a seu tutor PVP, que se hospedava em Ialta com Pierre Gilliard:

> Nossos quartos aqui são muito grandes, limpos e brancos e temos frutas de verdade e uvas crescendo [...]. Fico tão feliz em não termos essas horríveis aulas. À noite todas nós sentamos juntas, as quatro, o gramofone toca, escutamos e brincamos juntas [...]. Não sinto a menor falta de Tsárskoe Seló, porque nem sei dizer como fico entediada lá.[54]

Tudo no palácio enchia as meninas de energia e alegria. Não havia nada que apreciassem mais do que subir e correr pelo telhado galvanizado, deliciando-se com o barulho que seus passos faziam. E as noites por lá eram cheias de luz. Anastácia ficou extasiada com o céu e adorava sair no telhado para "estudar a formação das estrelas", pois na Crimeia pareciam brilhar com luminosidade extra.[55]

Durante as estadas em Livádia, como em casa, em Tsárskoe Seló, a família assistia regularmente a projeções de filmes aos sábados, na escola de equitação coberta. Esse era um evento tão importante em suas vidas que as crianças passavam a semana seguinte falando sobre isso.[56] Elizaveta Naríchkina era a encarregada de vetar os filmes, ordenando ao fotógrafo da corte Aleksandr Iaguélski (que também fora incumbido de fazer a filmagem oficial da família imperial em todas as suas aparições públicas) que editasse quaisquer partes contra as quais ela objetasse.[24][57] O que as crianças viam na maior parte eram cinejornais ou documentários de viagens das *Crônicas tsaristas* da família, feitas pelo próprio Iaguélski, ou filmes de valor educativo. Mas também assistiam a dramas como *A defesa de Sebastopol* — sobre o cerco da base naval durante a Guerra da Crimeia —, que, com cem minutos de duração, foi o primeiro grande filme histórico feito na Rússia, com uma *première* organizada especialmente para a família imperial no Palácio de Livádia, em 26 de outubro de 1911.[58]

Nicolau também apreciava a informalidade da vida em Livádia e as reuniões

familiares que faziam ali, pois vários de seu parentes Romanov tinham casas de veraneio nos arredores. A grã-duquesa Jorge (prima de Nicolau, filha do rei da Grécia) estava nas proximidades, em Harax; sua irmã Xenia, o marido, Sandro, e os sete filhos estavam em Ai-Todor; as irmãs montenegrinas Militza e Stana tinham propriedades em Dulber e Chair, embora agora tivessem pouco contato com Nicolau e Alexandra. Outras famílias influentes passaram a primavera e o outono na Crimeia: os Vorontisov, em Alupka, os Golítsin, em Nóvi Svet, e os Issúpov, que tinham duas lindas casas: uma no palácio mourisco de Kokoz, no interior, na estrada para Sebastopol, e a outra em Koreíz, na costa do mar Negro.

Durante as longas noites de verão em que os Romanov visitavam Harax, Agnes de Stoeckl, dama de companhia da grã-duquesa Jorge, muitas vezes se pegava olhando para as quatro adoráveis irmãs e se perguntando "qual seria o futuro delas". O príncipe Cristóvão da Grécia, de 23 anos, que visitava a irmã, a grã-duquesa Jorge, naquele verão, confessou para Agnes que "admirava enormemente a grã-duquesa Olga [...] e me perguntou se eu achava que ele tinha alguma chance". Eles conversaram sobre isso com a irmã dele e, depois de servir a Cristóvão "um forte uísque com soda", a grã-duquesa Jorge o despachou para o Palácio de Livádia, para tentar a sorte. Ele voltou com o rabo entre as pernas; Nicolau fora gentil mas firme: "Olga é jovem demais para pensar em algo como casamento", ele lhe dissera.[59]

Isso talvez fosse verdade, mas Olga e Tatiana estavam crescendo rápido, e Sófia Tiútcheva já notara com algum alarme seu comportamento coquete com alguns oficiais no *Shtandart*.[60] Vários desses homens se juntavam à família em Livádia para jogos de tênis, que eram a principal distração de Nicolau para a sua pesada carga de trabalho. As partidas de tênis eram uma oportunidade de ouro para as meninas mais velhas verem seus favoritos com maior frequência: Nikolai Sáblin, Pável Vóronov e Nikolai Rodiónov.[61] Como Sófia Tiútcheva, o general Mossólov notou o interesse crescente das meninas mais velhas pelo sexo oposto e como as brincadeiras às vezes infantis que faziam com os oficiais "se transformaram em uma série de flertes muito inocentes". "Claro que não uso a palavra 'flerte' no sentido comum do termo", observou ele, pois "os jovens oficiais seriam mais apropriadamente comparados com pajens ou escudeiros de damas na Idade Média." Eles eram todos intensamente leais ao tsar e a suas filhas e, assim, "refinados à perfeição por um de seus superiores, que era encarado como o escudeiro de damas da imperatriz". O que incomodava Mossólov, contudo, era a surpreendente ingenuidade das irmãs: "mesmo quando as duas mais velhas cresceram para se tornar verdadeiras moças, podia-se escutá-las conversando como menininhas de dez ou doze anos".[62]

Não obstante, a transformação física de Olga entre seus aniversários de

quinze e dezesseis anos fora considerável. Muitos observaram como a grã-duquesa um tanto séria e comum desabrochara para se tornar uma elegante beldade. Seu tutor Pierre Gilliard ficara admirado, ao voltar à Rússia de uma visita a sua família na Suíça, em ver como Olga se tornara tão esbelta e graciosa. Ela era agora uma "garota alta (tão alta quanto eu) que cora violentamente ao me fitar, parecendo tão desconfortável em seu novo eu quanto fica em suas saias mais longas".[63]

Em seu aniversário de dezesseis anos, em 3 de novembro de 1911, Olga ganhou, ao acordar, dois colares de seus pais, um de diamantes, outro de pérolas, e um anel. Alexandra, com frugalidade típica, quisera que uma grande pérola fosse comprada para cada uma das filhas em todos os aniversários, de modo que ao completarem dezesseis anos elas tivessem o suficiente para um colar; fato que o chefe de seu gabinete privado, príncipe Obolénski, considerou uma falsa economia. Alexandra acabou sendo persuadida, com o apoio do tsar, a comprar um colar de cinco fios que poderia ser desmanchado em pérolas individuais, de modo que as pérolas nos colares, quando completados, pelo menos combinassem.[64]

Nessa noite, Olga apareceu usando um vestido longo de tule, de gola alta, com corpete de renda e uma faixa em torno da cintura, com rosas pregadas, suas bochechas coradas de excitação e seu cabelo claro brilhante arrumado no alto da cabeça — um importante sinal de sua transição de menina para moça. "Ela ficou tão empolgada ao debutar quanto qualquer outra jovem ficaria", recordou Anna Vírubova. Mas as meninas ainda eram vistas como dois pares: Tatiana estava vestida de maneira parecida com Olga, com o penteado no alto, enquanto Maria e Anastácia usavam vestidos mais curtos combinando e o cabelo solto.[65]

O baile foi o evento social da temporada na Crimeia, e Olga ficou empolgada por ter seu oficial favorito, Nikolai Sáblin, como acompanhante da noite; enquanto Tatiana foi acompanhada por Nikolai Rodiónov.[66] Às 18h45, 140 convidados cuidadosamente selecionados se reuniram no grande salão de jantar do andar de cima. Agnes de Stoeckl lembrou como

> inúmeros criados em suas librés de ouro e escarlate ficavam atrás de cada cadeira — aqueles especiais chamados *l'homme à la plume* com plumas nos chapéus. As damas usavam vestidos muito coloridos, as moças, na maioria, em tule branca, e os belíssimos uniformes pareciam pertencer a um festim do hemisfério oriental.[67]

Após um jantar à luz de velas, a dança começou ao som da orquestra regimental, enquanto oficiais do *Shtandart* (que estava ancorado em Sebastopol, nas proximidades) e a divisão de cavalaria de Aleksándrovsk convidavam as mulheres para dançar. Nicolau orgulhosamente conduziu sua filha mais velha pela pista de dança para sua primeira valsa, e um bando de jovens oficiais se juntou admirado em torno para observar. Foi uma noite mágica, com a lua cheia em um céu sem nuvens. A exótica localização na Crimeia tornou-a ainda mais especial, escreveu Anna Vírubova:

> As portas de vidro para o átrio abertas, a música da orquestra invisível flutuando do jardim de rosas como um hálito de sua fragrância maravilhosa. Era uma noite perfeita, clara e quente, e os vestidos e as joias das mulheres e os brilhantes uniformes dos homens compunham um espantoso espetáculo sob o clarão das luzes elétricas.[68]

Coradas da excitação de dançar mazurca, valsa, contradança, dança húngara e cotilhão, e zonzas com o champanhe da Crimeia que tiveram permissão de tomar pela primeira vez, Olga e Tatiana passaram o baile todo eufóricas, "saracoteando como borboletas", como recordou o general Spiridóvitch, e saboreando cada momento.[69] De poucas palavras em seus diários, que tentara manter pela primeira vez em 1906, com a idade de onze anos, Olga não fez grande alarde da ocasião:

> Hoje pela primeira vez eu pus um vestido longo branco. Às nove da noite foi meu primeiro baile. Knyajévitch (major-general da comitiva) e eu o abrimos. Dancei o tempo todo, até a uma da manhã, e fiquei muito feliz. Havia muitos oficiais e damas. Todos se divertiram muito. Fiz dezesseis anos.[70]

Como previsto, a imperatriz se desculpou por não comparecer ao jantar, mas descera em seguida para cumprimentar os convidados, muito bonita em um vestido de brocado dourado e usando joias brilhantes no cabelo e no *corsage*. A seu lado estava Alexei, "seu rostinho adorável corado de excitação com o evento". Alexandra sentou em uma grande poltrona para observar a dança (parecendo, como uma dama recordou, "uma potentada oriental"). Durante o cotilhão, desceu à pista de dança para pôr na cabeça das damas grinaldas de

flores artificiais que ela própria fizera.[71] Tentou várias vezes mandar Alexei para a cama, o que ele se recusou a fazer obstinadamente. No fim, ela deixou o salão, e Alexei pulou em sua poltrona. “Pouco a pouco sua cabecinha caiu e ele pegou no sono”, recordou Agnes de Stoeckl, ao que Nicolau, que ficara sentado a uma mesa jogando bridge na maior parte da noite, foi até lá e “gentilmente o acordou, dizendo: ‘Não deve ficar na cadeira da mamãe’, e o levou com calma para a cama”.[72]

Outros bailes menores de família foram apreciados pelas irmãs nesse outono em Harax e Ai-Todor, mas o general Mossólov mais tarde lembrou que “as crianças por muito tempo acharam o baile [de Olga] um dos maiores eventos de suas vidas”.[73] Pois nessa única noite especial na Crimeia as irmãs Romanov mostraram que, a despeito das limitações de suas vidas até então protegidas, “eram jovens simples, felizes, normais, que gostavam de dançar e de todas as frivolidades que tornam a juventude brilhante e memorável”.[74] Elizaveta Naríchkina só pôde desejar que as meninas agora fossem poder assumir seu lugar de direito na sociedade aristocrática russa. “Nisso, porém, sofri uma decepção.”[75] Pois ainda que no regresso a Tsárskoe Seló Olga e Tatiana recebessem permissão para comparecer a mais três bailes dados pelos grão-duques Romanov após o Natal, a mãe delas continuou a manter uma atitude austera acerca de quão “perniciosa” achava ser a sociedade aristocrática.[76]

Mas Olga, entre todas as meninas, a de sentimentos mais profundos e a mais sensível, agora lutava com suas emoções, sonhando muito com algo mais na vida. Aos dezesseis anos, já estava bem a par da discussão disseminada sobre seu futuro casamento, mas dolorosamente consciente de que os homens que mais admirava e com quem se sentia à vontade — os oficiais do *Shtandart* e da Escolta Cossaca de seu pai — nunca, jamais, seriam candidatos aceitáveis.

21 Na biografia de 1985 de Hough, Mountbatten equivocadamente se lembra desse encontro como sendo em Heiligenberg em 1913, mas a família não viajou para fora da Rússia naquele ano. A última vez que visitaram a Alemanha em família foi nesse verão particular de 1910. Dickie não viu Maria outra vez, mas nunca a esqueceu. Posteriormente, ele manteria a fotografia dela sobre a cornija da lareira em seu quarto até sua morte.

22 O príncipe Arthur finalmente encontrou uma noiva em 1913, quando se casou com a princesa Alexandra, duquesa de Fife.

23 Durante a Guerra da Crimeia, em 1854-6, soldados britânicos haviam escrito para suas casas descrevendo as belíssimas flores silvestres que havia por toda a península. Muitos deles, ao voltar para a Inglaterra, levaram bulbos de crocos e campânulas-brancas.

24 Iaguélski trabalhava para o estúdio de K. E. von Gann, baseado em Tsárskoe Seló.

Capítulo Dez

CUPIDO JUNTO AOS TRONOS

Em janeiro de 1912, numa visita semanal à Rússia como membro de uma delegação de oficiais britânicos, Sir Valentine Chirol do *Times* lembrou com particular prazer um almoço com a família imperial em Tsárskoe Seló. “Ocorreu que eu sentei perto da pequena grã-duquesa Tatiana, uma menina muito atraente de quinze anos”, recordou. Ela conversou com desenvoltura em inglês e lhe contou que “esperava ansiosamente outras férias na Inglaterra”.

> Quando lhe perguntei do que mais gostava por lá, ela sussurrou rapidamente, quase em meu ouvido, “Oh, lá é tão livre”, e quando observei que decerto usufruía de grande liberdade em casa, franziu os lábios num beicinho e com um aceno de cabeça apontou na direção de uma senhora idosa sentada em outra pequena mesa, perto da nossa, que era sua governanta.[1]

As duas filhas de Raspútin, Maria e Varvara, que haviam sido trazidas a São Petersburgo por seu pai para receber educação, notaram também como as irmãs Romanov eram extremamente curiosas, quando as conheceram na casa de Anna Vírubova. Elas cobriam as irmãs Raspútin de perguntas: “a vida de uma menina de catorze anos morando na cidade, que ia à escola com outras crianças, e uma vez por semana ia ao cinema, às vezes ao circo, parecia para elas a mais rara e invejável das maravilhas”, recordou Maria.[2] Nos anos que antecederam a guerra,

ela e a irmã representaram um raro elo feminino de sua própria idade com o mundo externo. As meninas Romanov eram especialmente afoitas em saber tudo sobre os bailes que Maria Raspútin frequentava, “elas faziam mil perguntas sobre suas roupas e quem estava lá e o que haviam dançado”, recordou Sydney Gibbes.[3] Duas outras jovens visitantes de Trina Schneider em seus apartamentos no Palácio de Alexandre viram-se bombardeadas com perguntas similares. Maria e Anastácia muitas vezes se juntavam a elas nos apartamentos de Trina após o almoço e envolviam as meninas, Natália e Fofa, em brincadeiras exuberantes e travessas, que eram quase mais do que Trina conseguia suportar. Em momentos mais tranquilos, Anastácia e Maria faziam perguntas sem parar sobre suas vidas diárias. “Elas queriam saber sobre a escola, sobre nossos amigos, nossos professores e como passávamos o tempo, que teatros frequentávamos, que livros líamos e assim por diante.”[4]

Por ora, contudo, o mundo das irmãs Romanov era estritamente controlado por sua governanta, Sófia Tiútcheva, que seguia com sua campanha contra a influência corruptora de Raspútin e do mundo exterior. Segundo Anna Vírubova, Tiútcheva fora encorajada em sua contínua difamação de Raspútin por “certos padres preconceituosos”, um dos quais era primo da própria Tiútcheva, o bispo Vladímir Putiyata.[5] No fim de 1911, as coisas haviam chegado a um ponto de crise, época em que Alexandra também estava entrando em conflito com a imperatriz viúva e a cunhada por continuar a defender Grigóri. “Minha pobre nora não percebe que está destruindo a dinastia e a si mesma”, observara profeticamente Maria Feódorovna ao sucessor do assassinado Stolípin, Vladímir Kokóvtsov. “Ela acredita sinceramente na santidade de um aventureiro, e somos impotentes para evitar o infortúnio, que, sem dúvida, virá.”[6] A situação fora exacerbada em grande medida pela circulação em São Petersburgo, em dezembro de 1911, das cartas escritas com toda a inocência pelas quatro irmãs e a tsarina ao pai Grigóri, dois anos antes, e que haviam sido entregues a um colega dele, um monge destituído da batina chamado Iliodor.[25] Iliodor desde então perdera a amizade de Raspútin e, por despeito, confiara as cartas a um deputado da Duma, que as mandara copiar e as fizera circular entre seus aliados políticos. Quando foram levadas à atenção de Kokóvtsov, ele foi ter direto com Nicolau. O tsar empalideceu ao ver as cartas, mas confirmou sua autenticidade antes de trancá-las numa gaveta.[7] Quando ficou sabendo do que acontecera, Alexandra enviou um telegrama furioso para Grigóri, que foi banido de volta para Pokróvskoe e para longe da família.

Durante a frenética contenção de danos que se seguiu, Sófia Tiútcheva foi a primeira dentre os detratores de Grigóri a ser visada, acusada de espalhar fofocas maldosas sobre ele e também de assumir teimosamente uma linha independente

demais no modo como lidava com as meninas.[8] No início de 1912 ela foi chamada ao escritório de Nicolau, onde ele lhe perguntou: “O que está acontecendo nos aposentos infantis?” — ou, como Anna Vírubova diria, “censurou-a com severidade”.[9] Quando Tiútcheva explicou sua posição, expressando suas objeções à familiaridade com que Raspútin tratava as crianças e suas opiniões veementes sobre como as meninas deviam ser criadas, o tsar respondeu:

> “Então a senhora não acredita na santidade de Grigóri?” [...] Respondi negativamente e o imperador disse: “E se eu lhe dissesse que sobrevivi a todos esses anos difíceis apenas graças às orações dele?”. “Vossa Majestade sobreviveu a eles graças às orações de toda a Rússia”, respondi. O imperador começou a dizer que estava convencido de que era tudo mentira, de que não acreditava nessas histórias sobre R., que os puros sempre atraem tudo que há de sujo.[10]

Tiútcheva continuou em sua função por um tempo após essa exprobração, Nicolau e Alexandra sempre relutantes em demitir qualquer um em razão da fofoca resultante, mas finalmente, em março de 1912 e ainda sem se arrepender, ela foi enviada de volta para sua casa em Moscou, “por falar demais e mentir”, como Alexandra contou a Xenia.[11] Iza Buxhoeveden lamentou ver quão “profundamente desolada” Tiútcheva ficou por ter de deixar as meninas, pois ela as amava de todo o coração. Mas foi, lastimavelmente, sua culpa: “O que ela disse de forma descuidada foi distorcido e transformado em histórias fantásticas, que causaram muito dano à imperatriz”.[12] Mas ela continuou a escrever com regularidade e não demorou para que tivesse permissão de fazer visitas ocasionais para ver as meninas. Anastácia em particular continuou com uma forte ligação a sua amiga Savanna, e trocou cartas com ela até 1916.[13]

Tiútcheva não foi o único membro da casa imperial a se envolver na controvérsia. Maria (Mary) Vichniakova, que depois de cuidar das meninas em seus primeiros anos tornou-se ama de Alexei em 1909, fora no início uma admiradora ardorosa de Grigóri. Mas em tempos recentes viera sofrendo com o estresse de seu difícil trabalho. Quando, na primavera de 1910, Alexandra recomendou que fizesse uma visita a Grigóri em Pokróvskoe na companhia de três outras mulheres, Vichniakova voltara acusando-o de tê-la assediado sexualmente e pedindo à imperatriz que protegesse as filhas de sua influência “diabólica”.[14] Parece que não havia fundamento na acusação da perturbada

Vichniakova. Anna Vírubova e outras descreveram-na como “superemotiva”; na verdade, segundo a grã-duquesa Olga Alexandrovna, durante uma investigação subsequente das alegações de Vichniakova, a infeliz ama foi pega na cama com um cossaco da guarda imperial.[15] Nicolau e Alexandra ficaram tão relutantes em dispensá-la quanto haviam ficado com Tiútcheva; ela servira a família lealmente por quinze anos e era muito estimada pelas crianças. Ela foi desse modo mandada para o Cáucaso, para um repouso, e no mês de junho seguinte, em 1913, foi aposentada sem alarde, em vez de ser demitida, recebendo uma pensão confortável e um apartamento próprio de três dormitórios nos alojamentos do comandante no Palácio de Inverno. Até a revolução, Nicolau e Alexandra continuaram a pagar as viagens anuais de repouso de Mary na Crimeia.[16] Não haveria uma substituta para ela, porém; seu papel seria cada vez mais assumido pelo *diádka* de Alexei, Derevenko, e também não haveria nenhuma governanta para suas irmãs. A família imperial se fechou, confiando apenas em alguns poucos empregados leais. Trina Schneider[26] atuaria como acompanhante para Maria e Anastácia, enquanto as irmãs mais velhas seriam acompanhadas nos passeios por uma das damas de companhia de Alexandra. Iza Buxhoeveden foi enfim acolhida formalmente como dama de companhia em 1914, após o que ela e Nástenka Guéndrikova passaram a escoltar Olga e Tatiana na cidade. Mas acima de todas elas e mantendo olhos de águia sobre o bem-estar moral das meninas estava “a velha galinha”, a *mistress of the robes* Elizaveta Naríchkina.[17]

A perda de Sófia Tiútcheva deixou uma Alexandra ainda enferma com muita coisa para preparar para as temporadas de primavera e verão; pois ela devia “selecionar e organizar os vestidos, chapéus, casacos para as quatro meninas”, preparando-as primeiro para uma viagem ao sul de Livádia, depois para uma série de compromissos formais em Moscou, em maio, para os quais as garotas precisavam “ser vestidas com muita elegância”, e de volta a Moscou, mais tarde nesse ano, para as comemorações de aniversário da derrota de Napoleão em 1812. Uma seleção de vestidos de chá e vestidos semiformais seria exigida, a um custo considerável.[18]

Depoimentos remanescentes sobre o fundo para o guarda-roupa de Maria durante 1909-10 fornecem uma visão fascinante dos valores que eram gastos com cada filha numa ampla gama de artigos. Toda a contabilidade de Maria para esse ano está meticulosamente relacionada, as despesas apenas com guarda-roupa chegando a 6.307 rublos (algo como 14.500 libras em dinheiro atual). Tudo foi anotado: de faixas, alfinetes, rendas, pentes e lenços aos perfumes e sabonetes enviados da Harrods ao *parfumier* de São Petersburgo, Brocard & Co.; à sua manicure, madame Kühne; a Alice Guisser, por reparos e a limpeza de sua renda; ao *coiffeur* de sua mãe, Henri-Joseph Delacroix; bem como pagamentos

por visitas ao dentista americano, dr. Henry Wallison, que tinha consultório no caríssimo aterro Moika.[19] Uma variedade considerável de calçados foi comprada para Maria na Henry Weiss, no número 66 da Névski Prospekt, cujos sapatos apresentavam todos a estampa “Fournisseur de S. M. L’Impératrice de Russie”: 32 pares diferentes, de sapatos de salto de couro glacê macio em várias cores a botas médias e altas de botões, sandálias, botas de feltro e galochas forradas de pelo. A elegante firma da Maison Anglaise na Névski fornecia meias-calças de seda e fio de Lisle; trajes e toucas de banho vinham de Dahlberg, e Robert Heath, “Chapeleiro de Sua Majestade, a Rainha, e todas as Cortes da Europa”, enviou chapéus de sua elegante loja londrina em Hyde Park Corner. O costureiro francês Auguste Brisac (ao lado de Weiss num ponto excelente no número 68 da Névski Prospekt) trabalhava exclusivamente para damas da família imperial e membros da corte, sua equipe de sessenta pessoas criando os vestidos parisienses da moda mais recente para ocasiões especiais. Mas para roupas mais simples do dia a dia Alexandra fazia suas encomendas para as filhas ao costureiro russo Kitáev e, condizente com sua natureza frugal, pedia a ele que arrumasse as roupas herdadas das irmãs maiores para caberem em Maria, ou que alargasse roupas para as quais ela estava ficando grande. Em um único ano, Kitáev forneceu:

> um traje cinza com forro de seda de uma fábrica estrangeira — 115 rublos; um traje azul com forro de seda estofada — 125 rublos; um traje de cheviote azul com colarinho felpudo forrado de seda e punhos de marta escura — 245 rublos; um traje em estilo inglês com forro de seda e saia pregueada — 135 rublos. Ele também mudou um traje — fez um novo pelo, um novo forro e aumentou a combinação — 40 rublos. Também adaptou o velho traje de Olga Nikoláevna para ela — 35 rublos; fez um sobretudo longo de linho artesanal — 35 rublos; alargou e encompridou duas saias e comprou mais tecido para isso; encompridou e alargou três saias e fez forros novos para elas — 40 rublos; alargou quatro jaquetas e deixou as mangas mais compridas — 40 rublos; fez novos cintos para duas saias e as alargou — 15 rublos; alterou o traje de equitação da irmã mais velha: a jaqueta, a saia e a calça de montar — 50 rublos; remendou uma jaqueta — 7 rublos.[20]

Na última semana de Quaresma de 1912, a família seguiu para Livádia, ao sul, para sua primeira Páscoa no Palácio Branco. Chegaram quando ainda fazia

frio e nevava na Crimeia, num período de contemplação e sobriedade religiosas, passando longas horas de pé na igreja e fazendo infindáveis orações diante de ícones com velas acesas. O tempo das crianças era ocupado nos dias antes da Páscoa em pintar e decorar dezenas de ovos cozidos que eram tradicionalmente trocados para celebrar a ressurreição de Cristo. No Sábado de Aleluia — dia em que os sinos tocavam por toda a Rússia e os fiéis lotavam as igrejas — as meninas vestiam luto, como era a tradição, para a última grande missa que ia até a meia-noite, a tristeza finalmente sendo quebrada pelo anúncio jubiloso de *Khristos voskres!* — "Cristo ressuscitou!". Embora fossem agora as primeiras horas da manhã, toda a casa interrompia o longo jejum da Quaresma, desfrutando de um lauto banquete no Salão Branco. O prato principal eram os dois bolos tão ansiosamente aguardados após o longo período de abstenção: o *kulitch*, um delicioso bolo de Páscoa coberto de glacê, feito com amêndoas, casca de laranja cristalizada e passas; e o *pashka*, uma mistura gloriosamente doce de tudo o que os devotos não haviam comido em semanas: açúcar, manteiga, ovos e *cream cheese*.

Privadamente, como fizera toda Páscoa desde que se casaram (com exceção do período durante a Guerra Russo-Japonesa de 1904-5), Nicolau presenteou a esposa com um belíssimo ovo incrustado Fabergé para aumentar sua coleção, tradição começada por seu pai em 1886, quando Maria Feódorovna recebera seu primeiro ovo Fabergé. Nessa Páscoa em particular, o filho de Fabergé, Eugene, entregou o presente de Alexandra pessoalmente no Palácio de Livádia.[21] Ele ficaria conhecido como o Ovo do Tsarévitch, pois dentro da casca externa de lápis-lazúli azul-escuro montada em uma gaiola dourada de flores, cupidos e águias imperiais havia um retrato em miniatura de Alexei incrustado de diamantes. No domingo de Páscoa a família se reuniu no Átrio Italiano para a cerimônia de saudação das tropas — consistindo, em Livádia, da tripulação do *Shtandart* e dos oficiais da Escolta do Tsar. Enquanto Nicolau trocava os tradicionais três beijos e saudações, Tatiana e Olga ajudavam a dar os ovos de Páscoa de porcelana pintada que o casal imperial distribuía toda Páscoa.[22]

Sempre que estava na Crimeia, Alexandra tentava visitar os sanatórios de tuberculose que patrocinara, dois dos quais — os hospitais militar e naval na propriedade imperial em Massandra — mandara construir e pagara com a própria fortuna pessoal. Havia também o Sanatório Alexandre III em Ialta, abrigando 460 pacientes, que ela inaugurara em 1901. O cuidado com os enfermos sempre fora uma das poucas ocupações socialmente aceitáveis em que as princesas reais podiam se envolver, e Alexandra estava determinada a que suas filhas seguissem com a tradição familiar. Elizaveta Naríchkina ficou um pouco preocupada com as crianças entrando em contato com pacientes de

tuberculose altamente contagiosos: “Acha seguro, senhora”, perguntara à imperatriz, “permitir que pessoas no último estágio da consumpção beijem a mão das jovens grã-duquesas?” A resposta de Alexandra foi inequívoca: “Acho que não vai fazer mal às crianças, mas tenho certeza de que faria mal aos doentes se achassem que minhas filhas estão com medo do contágio”. As crianças podiam adorar Livádia, mas ela queria ter certeza de que também aprenderiam a “perceber a tristeza sob toda aquela beleza”.[23]

Visitando um hospital, como em tudo o mais, as meninas cumpriam seu dever sem se queixar e com um sorriso no rosto. Todas as cinco crianças participavam do Dia da Flor Branca, um grande evento de caridade para a Liga Antituberculose e os sanatórios de Ialta, comemorado no Dia de São Jorge, 23 de abril. A ideia se originara com Margareta, princesa da Suécia, e Alexandra a adotara na Rússia. O nome do dia vinha das grinaldas de margaridas brancas que eram carregadas em longos bastões de madeira. Segurando os bastões de flores e vestidas de branco, as crianças Romanov caminhavam pelas ruas de Ialta recebendo doações em troca de uma flor, cada uma delas orgulhosamente arrecadando entre cem e 140 rublos nesse ano.[24]

Um dos maiores eventos sociais da temporada na Crimeia era outra atividade caritativa da imperatriz: o Grande Bazar de Caridade para ajudar os sanatórios. Todo ano Alexandra punha as meninas para tricotar, bordar e costurar, além de pintar aquarelas e fazer outros objetos para vender, forçando a vista nesse processo. O bazar fora realizado pela primeira vez no ano anterior, no píer em Ialta, onde a barraca sob um toldo branco atendida pelas meninas fora cercada pelas damas elegantes de Ialta, ávidas por comprar algo feito por suas lindas mãos. Mal havia espaço para se mexer, com as “pessoas empurrando quase freneticamente para encostar na mão ou na manga da imperatriz”.[25] Isso em si criou grande ansiedade para os oficiais da Okhrana e do *Shtandart*, sempre atentos a qualquer possível ataque contra a família. A guarda fora aumentada nesse ano, quando um velho de aparência humilde numa sobrecasaca antiquada se aproximara da imperatriz e esticara a mão, oferecendo-lhe uma laranja, que ela educadamente aceitou. “Era a fruta de aspecto mais comum”, recordou Nikolai Vassílievitch Sáblin, “mas, como dissemos mais tarde entre nós mesmos, um terrível pensamento nos ocorreu: ‘Aquela suposta laranja macedônia podia ter sido uma bomba!’”.[26] O bazar foi um grande sucesso e arrecadou milhares de rublos para as boas causas de Alexandra. Também ensejou uma oportunidade para as pessoas verem o elusivo tsarévitch. Anna Vírubova lembrou como nessas ocasiões, “sorrindo com prazer, a imperatriz o erguia à mesa, onde a criança fazia uma mesura tímida mas encantadora, esticando as mãos numa saudação amistosa para a multidão em adoração”.[27]

Durante o período da família imperial em Livádia, muitos de seus oficiais favoritos do *Shtandart* ficaram em evidência, e, como sempre, as quatro irmãs receberam "permissão de ter uma pequena preferência por esse ou aquele belo jovem oficial com quem dançaram, jogaram tênis, passearam ou cavalgaram" — embora sempre na presença de uma acompanhante.[28] Nesse ano Tatiana pareceu desenvolver particular afeição pelo conde Aleksandr Vorontsov-Dachkov — um hussardo dos Guardas da Vida oriundo de distinta família russa, que foi um dos ajudantes de ordens de Nicolau e um de seus parceiros favoritos de tênis. Embora Tatiana ainda não tivesse dezesseis anos, os casamenteiros logo estariam procurando um par para ela. Na verdade, já estavam ocupados prevendo futuras uniões dinásticas possíveis para as quatro meninas. O tsar estava tão ansioso em manter os estados balcânicos fiéis à Rússia, conforme se afirmou, que pretendia "utilizar suas quatro filhas, que não vão se casar com quatro grão-duques russos, tampouco com quatro príncipes não ortodoxos da Europa". Não, as quatro grã-duquesas da Rússia, assim corriam os rumores, iam se tornar "Rainhas dos Bálcãs", com Olga prometida ao príncipe Jorge da Sérvia, Tatiana ao príncipe Jorge da Grécia, Maria ao príncipe Carlos da Romênia e Anastácia ao príncipe Bóris da Bulgária — embora outras matérias na imprensa tenham chegado a alegar que Bóris estava na verdade comprometido com Olga.[29]

Quando Olga comemorara seu dia do nome no mês de julho precedente, a bordo do *Shtandart*, entre os presentes e buquês de flores que lhe foram oferecidos pelos oficiais houvera um cartão feito à mão, cujo caráter sugestivo era óbvio. "O que você acha que era?", escreveu Tatiana para a tia Olga. "Havia uma moldura de papel-cartão com um retrato de David cortado de um jornal." Olga havia "rido por muito tempo e com vontade", mas sua irmã menos vivida, Tatiana, ficara ofendida: "Nenhum dos oficiais quer confessar ter feito isso. Que canalhas, não são?".[30] Não pode ser coincidência que onze dias antes de Tatiana ter escrito essa carta a cerimônia formal de investidura para o primo delas, David, como príncipe de Gales tenha ocorrido.

Não há dúvida de que desde a coroação do novo rei, Jorge V, em junho de 1911, vinham ganhando força na Grã-Bretanha as conversas de que "o próximo evento grandioso pelo qual o povo deve ansiar será o casamento do príncipe Eduardo de Gales [David], aparentemente herdeiro do trono".[31] Ele tinha apenas dezessete anos, mas os intermediários de casamentos reais haviam esboçado uma lista das sete princesas mais desejáveis, com os nomes tanto de Olga como de Tatiana no topo. O *Washington Post* estava cético: "Um casamento com qualquer princesa russa certamente não seria popular na Inglaterra", asseverava, citando o exemplo de Maria Alexandrovna, filha de Alexandre II, que se casara com o duque de Edimburgo e era agora a duquesa de Saxe-Coburgo, e que "nunca se

identificara minimamente com os assuntos ou costumes ingleses, mas permanecia sempre uma estranha". O jornal estava certo de que "o mesmo destino provavelmente aguardaria uma rainha russa".[32]

Toda essa especulação da imprensa estrangeira era decerto inteiramente sem fundamento; pois na Rússia em 1912 presumia-se que os sentimentos de Olga Nikoláevna fossem dirigidos a alguém muito mais próximo de casa. De todos os duques bem-nascidos e príncipes cujos nomes estavam sendo aventados como possíveis maridos para a filha mais velha do tsar, o grão-duque Dmítri, de vinte anos, seu primo em primeiro grau, parecia ser o candidato perfeito. Alto e magro — "tão elegante quanto uma estatueta Fabergé", nas palavras de seu tio, o grão-duque Serguei —, Dmítri era naturalmente sociável e espirituoso; e, o mais importante de tudo, era russo.[33] Seus modos corteses eram cativantes ao extremo, e ele já possuía a fama de levar jeito com as mulheres. "Ninguém teve um início na vida mais cômodo, mais brilhante do que ele", como recordou sua irmã, Maria:

> Ele era dono de uma grande fortuna com pouquíssimas responsabilidades decorrentes disso, uma boa aparência incomum combinada a charme, e também havia sido o favorito reconhecido do tsar. Mesmo antes de ter terminado os estudos e entrado para os Guardas dos Cavalos, não havia jovem príncipe na Europa mais socialmente conspícuo do que ele, tanto em seu país como no exterior. Ele andava por um caminho dourado, mimado e festejado por todos.[34]

Dmítri e Maria eram os filhos do grão-duque Pável Aleksándrovitch, que era por sua vez o mais jovem dos seis filhos do tsar Alexandre II. A mãe deles morrera em decorrência de um acidente de barco que levara ao parto prematuro de Dmítri, e quando em 1902 o viúvo Pável causou um escândalo voltando a se casar, e com uma plebeia, Nicolau, que estava ansioso por extirpar a incidência de casamentos morganáticos na família Romanov, mandou-o para o exílio. Com Pável morando no sul da França, seu irmão, o grão-duque Serguei, e sua esposa, Ella, que não tinham filhos, tornaram-se tutores de Dmítri e Maria. Depois que Serguei foi assassinado, em 1905 (sua grande propriedade acabou sendo passada por Ella a Dmítri), Nicolau e Alexandra efetivamente assumiram a responsabilidade pela criação dele e de Maria. Em maio de 1908, a viúva Ella encorajara Maria, de dezoito anos, a realizar um casamento dinástico com o príncipe Guilherme da Suécia. Com a perda de sua única e adorada irmã, Dmítri

gravitou cada vez mais em torno da família imperial como substituta, e estava agora em termos tão íntimos com Nicolau e Alexandra que muitas vezes se dirigia a eles como pai e mãe (ainda que Nicolau tivesse acabado permitindo que o pai de Dmítri voltasse à Rússia). Em 1909, Dmítri entrara para a Escola de Oficiais da Cavalaria, em São Petersburgo, a tradicional instituição de aperfeiçoamento para jovens da aristocracia Romanov, no fim da qual foi comissionado corneteiro dos Guardas dos Cavalos. Durante esses três anos, passou com frequência seu tempo livre em Tsárskoe Seló e regularmente se juntou ao tsar em manobras militares em Krásnoe Seló, nas proximidades, muitas vezes atuando como ajudante de ordens de Nicolau; na primavera de 1912, ele se juntara à família em Livádia por três semanas.

A certa altura durante 1912, e à luz da saúde precária do tsarévitch, Nicolau e Alexandra devem ter considerado a possibilidade de que, caso Alexei morresse, Dmítri seria um par ideal para Olga como potencial herdeiro. De todo modo, Nicolau tinha intenção de deixar a filha mais velha como sendo corregente com a mãe, caso ele morresse antes que Alexei chegasse à idade de 21 anos.[35] De fato, havia um bocado de lógica num casamento desses; teria sido imensamente popular na Rússia, pois Dmítri era um dos seus; melhor ainda, do ponto de vista de Nicolau e Alexandra, isso teria poupado Olga da agonia, coisa que ela temia, de um casamento que talvez a forçasse a deixar a Rússia. Um casamento com Dmítri Pávlovitch teria lhe dado o título de presumível co-herdeiro, caso Nicolau fosse ainda mais longe e mudasse as leis de sucessão em favor de Olga depois de Alexei. Tornar-se tsar era um papel que Dmítri cobiçava; no momento, era o sexto da fila para o trono, mas se casasse com Olga tudo poderia mudar.

A despeito da diferença de idade de 23 anos, Dmítri e Nicolau apreciavam muito a companhia mútua; adoravam jogar bilhar no gabinete de Nicolau e desenvolveram uma relação de pai e filho tão íntima que Dmítri sempre conversava com ele com extrema franqueza — quando não com uma dose de insinuação indecente, até de teor homossexual —, à maneira de colegas oficiais num quartel, como no encerramento desta carta de São Petersburgo em outubro de 1911:

> Essa sua capital, ou, para falar com perfeita clareza, MINHA capital, não nos favorece com um clima bom. É um lugar tão de merda que chega a dar medo — sujo e frio. [...] Bom, e agora envolvo minha mãe ilegítima em um firme abraço (a culpa é minha — sou um filho ilegítimo, não que ela seja uma mãe ilegítima). Para as crianças, um beijo grande e molhado, e você eu estreito em meus braços (mas não sem o devido respeito). Sou-lhe devotado

de todo o coração, alma e corpo (exceto, é claro, meu cu).[36]

Os modos obscenos e ambíguos de Dmítri muitas vezes borravam a linha divisória entre a familiaridade brincalhona e um erotismo perigoso. Embora isso pudesse ser de comum acordo com seu primo, o tsar, mesmo uma forma diluída disso talvez ficasse próxima demais da impropriedade para suas primas pouco vividas. Em 1911, Dmítri ainda se referia às garotas coletivamente como as crianças, numa época de rumores crescentes na imprensa estrangeira de um compromisso iminente entre ele e Olga. Mas não há evidência sólida para amparar qualquer interesse por Dmítri da parte de Olga; na verdade, é antes o oposto, ela parece ter achado seu comportamento de velho camarada em relação a seu pai — os gracejos e as infindáveis partidas de bilhar — um tanto imaturo. E para alguém sexualmente experiente como Dmítri, que já demonstrava um interesse em mulheres determinadas, mais velhas e muitas vezes casadas, Olga Nikoláevna teria parecido de uma completa inocência, quando não, como fora sugerido, "uma estraga-prazeres".[37]

Em 1908, Nicolau proibira Dmítri, assim Dmítri contou a sua irmã, Maria, de cavalgar a sós com Olga, "em razão do que acontecera da primeira vez", provavelmente uma alusão a seu comportamento malicioso e a sua inclinação para contar piadas impróprias.[38] Contudo, para todos os efeitos, parecia, em 1911, que ele estava sendo preparado para se tornar o futuro marido dela. Sem dúvida, os sinais eram suficientes para que a imprensa estrangeira captasse a fofoca em São Petersburgo e a espalhasse. Mas, na verdade, a possibilidade de um compromisso já estava sendo antecipada muito mais de perto — dentro da própria casa imperial —, como o general Spiridóvitch confirmou em suas memórias. Todos apreciavam a presença de Dmítri, pois ele aliviava a atmosfera um tanto maçante da corte. "O grão-duque com frequência aparecia sem a menor cerimônia, depois de meramente anunciar sua chegada ao telefone para o imperador. A afeição do imperador por ele era tão grande que todo o séquito já via nele o futuro noivo de uma das grã-duquesas."[39]

Embora não tivesse mostrado potencial para ser um bom oficial, na escola de cavalaria Dmítri se revelara um excelente cavaleiro, e no início de junho de 1912 voltara a São Petersburgo para passar por um treinamento sério para a equipe russa de equitação nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, que aconteceriam em julho. Nesse ponto, começaram a circular sérios rumores de um compromisso, pois em seu diário de 7 de junho a esposa do general Bogdánov, Alexandra — que organizava um salão político monarquista em São Petersburgo —, escreveu que "Ontem a grã-duquesa Olga Nikoláevna foi prometida ao grão-duque Dmítri

Pávlovitch”.[40] A imprensa estrangeira se atirou sobre os rumores: o “romance” entre Dmítri e Olga foi replicado no *Washington Post* em julho, sob a manchete espirituosa de “Cupido junto aos tronos”, onde se afirmava que Olga rejeitara uma aproximação do príncipe Adalberto, terceiro filho do cáiser, porque “ela prometera seu coração ao primo grão-duque Dmítri Paulovitch [*sic*]”. Além do mais, dizia o jornal, ela e Dmítri haviam “conversado sobre a afeição deles” e Olga “usava, oculto, um pingente de diamante como lembrança dessas palavras”.[41]

A inexistência de qualquer anúncio oficial e a falta de clareza até entre os membros da comitiva imperial foram agravadas por um comentário enigmático da filha do embaixador britânico, Meriel Buchanan, grande amiga de Dmítri Pávlovitch, em seu diário, em agosto, que parece ser uma resposta aos rumores de um compromisso matrimonial:

> Ouvi rumores ontem de que uma certa pessoa vai se casar com a filha mais velha do imperador. Não consigo acreditar realmente, considerando todas as pessoas importantes e poderosas que almejam se casar com ela. Claro que é possível que ela tenha um *coup de foudre* por ele e insista em impor sua vontade.[42]

Sendo ou não verdadeiros os rumores, um possível casamento entre o grão-duque Dmítri e Olga logo se tornou problemático. No outono de 1912, ele ficara cada vez mais sob a influência de um amigo de infância, o príncipe Felix Iussúpov, e fora rapidamente arrastado pelo estilo de vida picante da sociedade imoral de São Petersburgo que Iussúpov frequentava. Os dois homens agora passavam o tempo na cidade de maneira descomedida, bebendo e comendo, saindo com bailarinas e ciganas e dirigindo carros velozes. Como qualquer jovem ilustre nos dias imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial, com dinheiro de sobra e muito pouco com que ocupar seu tempo, Dmítri também desenvolvia um perigoso hábito de jogatina. Ele era dono do próprio palácio na ponte Anítchkov, na Névski Prospekt, em São Petersburgo — presenteado por Ella quando se retirou para seu convento —, convenientemente localizado à vista de todos os clubes elegantes. Dmítri começou a frequentar o Iate Clube Imperial, ao lado de seu restaurante favorito no Astoria Hotel; quando não estava arriscando a sorte em um jogo de pôquer e bacará ali, estava fazendo isso em Paris, no Travellers Club, nos Champs-Élysées.[43]

Mais cedo ou mais tarde o estilo de vida playboy de Dmítri deve ter chegado

aos ouvidos de Nicolau e Alexandra, e também de Olga. Isso já estava arruinando a boa aparência dele, o charme de efebo se transformando numa expressão sombria, saturnina, condição agravada pelo início de problemas com a saúde. Olga podia ser nova, mas tinha determinação, religiosidade profunda e princípios. Em janeiro de 1913, ela estava notando um grau de desdém pelo hábito de Dmítri de "mexer com papai" que não corresponde a nenhum interesse romântico, embora talvez possa ter sido um caso de ciúme adolescente. Nesse mesmo mês, Meriel Buchanan foi mais aberta em sua opinião acerca da situação: "Ele absolutamente se recusa a olhar para Olga, acredito".[44]

Em 6 de agosto, com as rosas de Livádia ainda enchendo os jardins com seu adorável perfume, a família tristemente partiu da Crimeia e voltou a Peterhof para acompanhar manobras do exército em Krásnoe Seló, seguidas, a 20 de agosto, da consagração em Tsárskoe Seló da recém-construída igreja da família, a Feódorovski Sobor. Ela fora erguida a uma curta caminhada de distância do palácio e era também para o uso específico dos cossacos servindo na Escolta do Tsar. Iria se tornar o lugar de adoração favorito da família e um aspecto importante de suas vidas espirituais, Alexandra em particular criando o próprio retiro privado em uma capela lateral. Pouco depois a família deixou Tsárskoe Seló em um trem especial para Moscou a fim de celebrar o centenário da derrota de Napoleão pela Rússia em 1812.

O ponto central das cerimônias foi o campo de batalha de Borodino, 185 quilômetros a oeste de Moscou, onde, em 7 de setembro de 1812, 58 mil russos haviam sido mortos ou feridos no que fora uma vitória de Pirro para os franceses. Em dois meses a exausta e esvaziada Grande Armée bateu em retirada de Moscou e enfrentou a catástrofe de um longo inverno em debandada pela Rússia. A 25 de agosto, em Borodino, Nicolau e Alexei passaram em revista unidades cujas predecessoras haviam combatido na batalha original e se juntaram ao resto da família num serviço realizado na capela de campanha de Alexandre I, nos arredores.[45] No dia seguinte, ocorreram mais desfiles no campo de Borodino, todos andando solenemente atrás do ícone da sagrada Mãe de Deus de Smolensk, com o qual as tropas russas haviam sido abençoadas antes da batalha, e em seguida houve orações no mosteiro Spásso-Borodínski e no monumento a Borodino. A família toda viu-se envolvida numa experiência intensamente comovente: "Um sentimento comum de reverência profunda por nossos antepassados se apossou *de todos nós* ali", contou Nicolau para sua mãe,

“foram momentos de uma grandeza emocional tamanha, dificilmente superados em nossos dias!”.[46] Em ambas as ocasiões, com a ênfase no tsar e em seu herdeiro vestindo uniformes militares, as meninas pareciam o epítome da graça imperial, usando os agora icônicos vestidos longos de renda branca e chapéus drapeados com grandes penas brancas de avestruz — “quatro jovens garotas, cuja beleza e cujo charme serão de forma gradual revelados a um mundo respeitavelmente admirador, como o desabrochar de flores raras e adoráveis em nossas estufas”.[47] Elas eram charmosas, até encantadoras; mas para os russos comuns as quatro irmãs Romanov continuavam tão belas e inacessíveis quanto princesas de conto de fadas.

Depois de Borodino, a comitiva imperial viajou para Moscou e para novas comemorações do aniversário de 1812 no Kremlin e em outros lugares, culminando numa missa na belíssima Catedral Uspénski Sobor, do século XV. No último dia de um exaustivo programa de celebração religiosa e pública, em que os cidadãos de Moscou aproveitaram ao máximo a rara visão de toda a família imperial junta, uma imensa oração coletiva teve lugar na Praça Vermelha, em memória de Alexandre I, o tsar conquistador que expulsara os franceses da Rússia. Foi uma conclusão altamente emotiva para o aniversário, a praça ecoando as vozes em coro de 3 mil pessoas, o estrondo do canhão disparando a salva e o som inesquecível de sinos de igreja repicando pelo coração da velha Moscou.[48]

25 Raspútin mais tarde alegou que Iliodor roubara as cartas dele.

26 Segundo o filho do dr. Bótkin, Gleb, Schneider era “extremamente puritana”, a ponto de ter “proibido as grã-duquesas de encenar uma peça porque o diálogo continha a palavra altamente imprópria ‘meia-calça’”. Botkin, *Real Romanovs*, p. 79.

Capítulo Onze

O PEQUENO NÃO VAI MORRER



As festividades por Borodino tiveram o impacto inevitável sobre a tsarina e, no início de setembro de 1912, a família partiu para um dos locais de caça prediletos de Nicolau, a floresta Białowieża, uma propriedade imperial no leste da Polônia (hoje, na Bielorrússia). O território era na época parte do Império Russo, mas antes que fosse cedido para a Rússia, durante as partilhas do século XVIII, fora por muito tempo a antiga reserva de caça dos reis da Polônia. Ali, através de 30 mil acres de floresta densa, virgem, o tsar podia escolher à vontade, caçando veados, javalis, alces, lobos — e até o raro bisão europeu, que prosperava na região. As quatro irmãs, todas elas agora amazonas competentes, saíam para alegres cavalgadas matinais com o pai, restando ao frustrado Alexei, que não tinha permissão para aventuras tão arriscadas, conhecer a vida selvagem em um passeio de carro. Alexandra, nesse ínterim, ficava em casa, "deitada aqui, sozinha, escrevendo cartas e repousando meu fatigado coração".[1]

Era duro para Alexei ver-se sempre excluído das vigorosas atividades familiares, embora nada pudesse impedi-lo, se a mínima oportunidade se apresentava, de entregar-se a essa espécie de brincadeiras físicas com outras crianças que podia tão facilmente lhe causar mal. Os filhos do dr. Bótkin notavam sua inclinação pela comédia pastelão, do "tipo jogar tortas", e sua incapacidade de "ficar parado num lugar ou permanecer em qualquer brincadeira pelo tempo que fosse".[2] Uma aura de grande inquietude pairava sempre sobre ele. Agnes de Stoeckl se lembrava horrorizada de ver como naquele verão em Livádia ele se juntara a suas irmãs para girar ao redor de um grande pau de fitas

que a grã-duquesa Jorge erigira para as crianças em Harax, “insistindo em correr segurando a corda até que o impulso o erguesse suavemente no ar”.[3] Todos temiam as consequências caso viesse a se machucar, mas a energia natural de Alexei já se mostrara havia muito tempo impossível de conter, e Nicolau ordenara que o filho tivesse permissão de “fazer tudo o que outras crianças de sua idade tinham vontade de fazer, e não restringi-lo a menos que fosse absolutamente necessário”. O pediatra da corte, dr. Serguei Ostrogórsky, dissera ao grão-duque Dmítri que Alexei não tinha “a doença plenamente desenvolvida”, “mas ela vai se desenvolver vigorosamente se for permitido, que é exatamente o que está acontecendo”. Isso porque a imperatriz era indulgente demais com ele e não aquiescia aos conselhos de Ostrogórsky, como recentemente, quando

> Alexei ainda sofria bastante, Ostrogórsky lhe ordenou que ficasse quieto e evitasse se movimentar, uma vez que [isso] inevitavelmente lhe causaria muito mal. Então o que você acha que Alix fez, aquela tola? Quando Ostrogórsky voltou, uma semana depois, encontrou Alexei pulando e correndo com suas irmãs. A imperatriz, reagindo à expressão de absoluto horror do médico, disse: “Eu queria fazer uma surpresa para o senhor!”. Mas Ostrogórsky admitiu que, depois de tais surpresas, a pessoa simplesmente desiste.[4]

“Não foi uma perfeita idiotice de Alexandra?”, perguntou Dmítri a sua irmã; mas, o que é mais importante, isso enseja a questão de saber se Alexandra não estaria se prendendo ao conselho de Grigóri para ignorar o que os médicos diziam e confiar apenas nele e em Deus para o bem-estar de Alexei. O fato era que Alexei não se beneficiara da disciplina das governantas do mesmo modo que suas irmãs, e se tornara caprichoso ao extremo. Sua mãe era claramente incapaz de controlá-lo, muitas vezes censurando Olga por não se importar com os modos do irmão. Mas a pobre Olga era tão incapaz de lidar com Alexei e seu “temperamento irritadiço” quanto a mãe.[5] A única autoridade que ele respeitava era a do pai: “uma palavra era sempre suficiente para obter obediência implícita dele”, comentou Sydney Gibbes.[6]

Não resta dúvida de que com frequência era extremamente difícil lidar com Alexei, no entanto o lado amável e compassivo de sua personalidade no fim sempre levava a melhor, pois “era geralmente apenas pelo brilho de seu olhar que dava para perceber o tumulto que se passava em sua pequena alma”.[7]

Quando estava bem, ele era cheio de vida: alegre, inteligente e corajoso, e todos na comitiva presenciavam isso com grande prazer. No entanto, havia sempre algo intensamente queixoso acerca daquele belo menininho de olhos expressivos. Ele parecia tão só, à parte seu devotado *diádka* Derevenko. A companhia de outras crianças — em geral, os filhos do próprio Derevenko ou do dr. Bótkin — ou as visitas ocasionais dos primos reais (com quem nem sempre se dava bem) eram raras. Na maior parte do tempo, Alexei tinha apenas as irmãs e os tutores por companhia.

Até a indicação de Pierre Gilliard e Sydney Gibbes, os tutores de Alexei sempre haviam sido russos, fato que por si só o isolara, resultando em seu inglês ser muito pior do que o de suas irmãs. Entretanto, graças a Gilliard, que se tornou uma importante figura em sua vida, Alexei acabou falando francês melhor do que as meninas.[27] Mas tendo tão pouco contato com o mundo exterior, ele frequentemente tinha medo de se encontrar com estranhos. Gerald Hamilton, um viajante na Rússia nessa primavera, e cujas tias alemãs haviam conhecido Alexandra em Hesse, tivera a boa sorte de ser convidado a conhecer a família imperial em Tsárskoe Seló. Quando estava sentado tomando chá com a tsarina, que conversava animadamente sobre seus dias de escola em Darmstadt, o tsarévitch de repente "irrompeu na sala", mas na mesma hora se encolheu quando viu o rosto desconhecido de Hamilton. Parecia tão nervoso e tímido, achou Hamilton, "com os olhos mais extraordinariamente meigos, quase suplicantes".[8]

Por ora, pelo menos, Alexei gozava de boa saúde e ficara por um tempo livre de acidentes, de tal forma que Alexandra começara a esperar que os doutores pudessem estar equivocados em diagnosticar sua enfermidade como incurável. Mais cedo nesse ano, numa tentativa de fazer sua cunhada Olga compreender até que ponto ela confiava em Grigóri, ela finalmente admitira "que o pobrezinho tem essa terrível doença". Olga podia perceber que Alexandra havia "ficado doente por causa disso e nunca mais iria se recuperar".[9] Ela foi irredutível em frisar como Grigóri era indispensável, insistindo com Olga Alexandrovna em que "o menino se sente melhor no instante em que ele está perto, ou reza por ele". Ele voltara a ajudá-lo durante sua estada recente em Livádia, quando Alexei tivera "uma hemorragia nos rins", observou a irmã de Olga, Xenia, que agora também sabia da verdade. Mandaram chamar Grigóri, que acompanhara a família real à Crimeia, e "Tudo cessou quando ele chegou!".[10]

Durante as longas e exaustivas comemorações em Borodino, Alexei fora saudado por uma multidão muito entusiasmada, em êxtase por ver seu tsarévitch tão perto do povo. Alexandra ficara orgulhosa dele por suportar tão bem o estresse físico. Mas então a fatalidade se manifestara mais uma vez; quando

estava no rio um dia, não muito depois de terem chegado a Białowieża — e ignorando as advertências de Derevenko —, Alexei bateu a parte interna da coxa num dos toletes do bote a remo, ao pular apressado na água.[11] Um inchaço se desenvolveu em sua virilha esquerda em seguida, acompanhado de dores e temperatura elevada. Mas depois de cerca de uma semana o aspecto da contusão melhorou e ele pareceu forte o suficiente para que a família viajasse para seu pequeno chalé de caça no coração da floresta de Spala, embora Alexei ainda tivesse dificuldade de andar e precisasse ser carregado por Derevenko. Ele continuou pálido e frágil por dias, mas Alexandra se recusou a chamar outros médicos, confiando Alexei ao exclusivo cuidado do dr. Bótkin. Ele não tinha permissão de se juntar às meninas em expedições à cata de cogumelos na floresta e foi ficando impaciente e irritado; para apaziguá-lo, em 2 de outubro Alexandra o levou para um passeio de carruagem. A estrada arenosa era muito irregular, cheia de buracos e calombos, e não demorou para que Alexei se queixasse de uma forte dor na coxa. Alexandra ordenou ao condutor que voltasse, mas ao chegarem ao chalé ele gritava de dor e foi carregado para a cama num estado de semiconsciência.[12] Os solavancos da carruagem haviam feito o hematoma ainda não cicatrizado no alto de sua coxa romper-se e começar a sangrar outra vez.

Mandaram chamar o dr. Ostrogórsky imediatamente em São Petersburgo, e pouco depois o pediatra de Alexei, o dr. Fiódorov. Mas nada podia acalmar o menino ou aliviar o sofrimento incessante provocado pelo inchaço, que agora se espalhava da virilha ao abdômen. Em 6 de outubro, sua febre chegou a 38,9 graus e sua pulsação ficou irregular; as últimas forças no corpo de Alexei estavam sendo levadas pela dor, e só o que a criança podia fazer era encolher a perna esquerda com força, numa tentativa de alívio. O dr. Fiódorov temia que um abscesso se desenvolvesse e envenenasse o sangue, levando a uma peritonite. Durante as quatro noites seguintes, Alexandra mal deixou a proximidade do leito de Alexei — com Olga e Tatiana se revezando para sentar ao lado dele —, recusando-se a descansar ou comer, forçada a escutá-lo fazendo o sinal da cruz e exclamando seguidamente, a cada novo espasmo de dor, "*Gospodi pomilui*" — "Oh, Senhor, tenha piedade de mim!" —, à medida que seus gritos se transformavam num gemido rouco e ele entrava e saía do delírio.[13] "Mamãe", exclamou ele num de seus momentos de lucidez, "não se esqueça de pôr um pequeno monumento no meu túmulo quando eu morrer."[14]

No meio dessa crise, Pierre Gilliard observou com fascínio horrorizado Nicolau, Alexandra e as meninas fazendo tentativas heroicas de agir como se não houvesse nada errado, pois estavam cheios de visitas: "um grupo de caça se sucedia ao outro, e os convidados eram mais numerosos do que nunca".[15] Numa

noite em especial, Maria e Anastácia desempenharam algumas cenas de *Le Bourgeois gentilhomme*, de Molière, para um grupo de nobres poloneses em visita. Durante a apresentação, Alexandra ficou sentada, sorrindo e conversando com férrea determinação, como se nada a afligisse, mas no minuto em que a apresentação terminou ela correu ao andar de cima, como recordou Gilliard, com "uma expressão abstraída e aterrorizada no rosto".[16] Com convidados para entreter na caça, no almoço e no jantar, ela e Nicolau fizeram de tudo para manter a compostura, enquanto lá em cima, longe dos olhares, os gritos de dor de seu filho ecoavam pelos corredores — tudo, conforme Gilliard observou, numa tentativa desesperada de manter o segredo de sua condição.

Em 8 de outubro, incapazes de fazer qualquer coisa para ajudar a criança que sofria, os médicos perderam a esperança. Fiódorov havia considerado e rapidamente abandonado a ideia de "medidas drásticas" — intervenção cirúrgica para abrir o inchaço, drená-lo e liberar a agonizante pressão no abdômen de Alexei —, pois mesmo a incisão teria sido suficiente para fazer Alexei sangrar até a morte.[17] "Não tenho forças para lhes comunicar o que tenho passado", escreveu o dr. Bótkin para seus filhos nesse dia. "Não estou em condições de fazer qualquer coisa a não ser andar à volta dele [...] de pensar sobre coisa alguma a não ser nele e em seus pais [...]. Rezem, meus filhos, rezem diária e fervorosamente pelo nosso precioso herdeiro."[18]

O tsarévitch estava morrendo e o povo russo tinha de ser preparado. Até então, Alexandra fora inflexível quanto à emissão de quaisquer boletins, mas finalmente cedeu. Na noite do dia 9, Fiódorov e o dr. Karl Rauchfuss, outro pediatra de destaque e diretor de um hospital infantil na capital que chegara com ele, redigiram um breve anúncio a ser publicado nos jornais vespertinos de São Petersburgo.[19] O instrutor religioso das crianças, padre Vassíliev, ministrou a unção. Diante da morte iminente de seu único filho, Alexandra não teve opção: tinha de apelar a Grigóri por ajuda. Com suas instruções, Anna Vírubova enviou um telegrama para Raspútin em Pokróvskoe. Maria, filha dele, lembrou-se de o telegrama chegar na manhã seguinte, e então Raspútin rezara por algum tempo diante de um ícone da Virgem de Kazan. Depois, foi ao posto de telégrafo e enviou sua mensagem para Alexandra: "O pequeno não vai morrer. Não deixe que os médicos o incomodem muito".[20] Mais tarde, um segundo telegrama chegou, dizendo: "Deus viu suas lágrimas e escutou suas preces"; Alexei, Grigóri voltou a lhe assegurar, iria se recuperar.[21] Uma estranha calma desceu sobre a tsarina a partir desse momento; talvez isso tenha sido transmitido ao menino enfermo e, por sua vez, o tenha acalmado, pois sua temperatura baixou e ele começou a sossegar. Enfim tranquilizada, Alexandra desceu para jantar pela primeira vez desde que a crise começara; "ela ficou radiante em seu alívio da

ansiedade", como recordou o general Mossólov. Os médicos, por outro lado, "pareciam em total consternação" com a dramática reviravolta.[22]

No dia 10, Alexei voltou a receber a comunhão: "o pobre rostinho emaciado com seus grandes olhos sofredores, iluminados com uma felicidade abençoada quando o padre se aproximou dele com o Santo Sacramento. Foi um grande conforto para todos nós, e também partilhamos da mesma alegria", contou Alexandra mais tarde a Boyd Carpenter. Para ela, a recuperação milagrosa de Alexei devia-se a "confiança e fé implícitas no Deus Todo-Poderoso".[23] Ele não a abandonara. E agora, nas igrejas da Rússia, o povo também orava pela recuperação do herdeiro.

Na tarde do dia 10, Nicolau anotou em seu diário que Alexei enfim dormira profundamente. No dia seguinte, os médicos emitiram um boletim dizendo que a crise terminara. O dr. Bótkin ficou aliviado por escrever e contar a seus filhos que "nosso inestimável paciente" estava "sem dúvida significativamente melhor [...]. Deus escutou nossas ardorosas orações". Mas a angústia de todos fora terrível; levaria um longo tempo antes que Alexei voltasse a se recuperar plenamente, e mesmo agora Bótkin se pegava imaginando "quantas outras ocasiões como essa ainda podem se apresentar ao longo do caminho".[24] Nesse ínterim, o dr. Fiódorov convocara de São Petersburgo seu jovem assistente, o dr. Vladímir Derevenko, que passaria a ser uma peça permanente devotada aos cuidados de Alexei.

Em 20 de outubro, Nicolau foi enfim capaz de escrever para sua mãe "com o coração cheio de gratidão ao Senhor por Sua Misericórdia em nos conceder o início da recuperação do querido Alexei".[25] Em um boletim emitido pelo ministro da Corte Imperial, conde Freedericksz, no dia 21, foi afinal fornecida ao público russo uma descrição detalhada da "hemorragia abdominal e inchaço" que ocorreram, da temperatura elevada e das "subsequentes exaustão e severa anemia" que precisariam de "tempo considerável para sarar completamente", assim como demoraria o uso desimpedido da perna esquerda do tsarévitch, como resultado do "músculo torcido do quadril". Assinado pelos drs. Rauchfuss, Fiódorov, Ostrogórsky e Bótkin, o boletim não fez menção alguma à hemofilia. Para o povo russo, a causa da doença permaneceria envolta em mistério. A imprensa internacional, porém, encheu-se de especulações. "Provavelmente nunca existiu uma criança doente no mundo mais carregada de significado político do que o tsarévitch de oito anos", escreveu o *Daily News*; "sua morte poderia acabar levando a uma revolta na Rússia que sacudiria a dinastia Romanov de seu trono".[26]

Mas o que estava *realmente* errado com o tsarévitch, todos se perguntavam? Tuberculose óssea, um tumor, um abscesso, problemas nos rins, uma queda de

seu pônei, tudo foi mencionado, com a imprensa americana fazendo circular até uma história absurda segundo a qual, "durante um momento desprotegido", Alexei fora atacado e esfaqueado no jardim de Spala por um "niilista".[27] O correspondente do *Daily Telegraph* londrino em São Petersburgo noticiou que a exata natureza da enfermidade foi, "por motivos inexplicáveis nos quais se reluta em cometer uma intromissão, mantida em sigilo, não meramente do público em geral, mas dos mais elevados dignitários de Estado, que ficam limitados à inferência e à conjectura". O "incompreensível silêncio dos boletins da corte" estava causando considerável ansiedade entre o público russo, proporcionando, como observou o *Times*, "livre rédea aos boateiros de plantão".[28] Em 4 de novembro (22 de outubro VE) o jornal publicava a manchete "Causa da enfermidade do tsarévitch", sob a qual o correspondente em São Petersburgo escreveu: "Em círculos médicos a enfermidade do tsarévitch é atribuída a uma doença congênita do sangue, tornando a reabsorção difícil no caso de ruptura do vaso mais tênue".[29] Isso em si era uma admissão tácita de hemofilia para qualquer um na profissão médica, e foi a imprensa londrina que finalmente deu a história. Em 9 de novembro (27 de outubro VE), o periódico médico britânico *Hospital* anunciou que o tsarévitch tinha hemofilia, fato reproduzido no dia seguinte no *New York Times* com a manchete "Herdeiro do tsar tem doença hemorrágica", acrescentando que isso foi "por muito tempo uma característica das famílias reais europeias, e ainda persiste".[30]

Quando Alexei enfim ficou bem para viajar, os preparativos mais meticulosos foram feitos para seu regresso à Rússia. A estrada arenosa do chalé de caça em Spala para a estação de trem foi alisada com cuidado, de modo que "não houvesse o menor solavanco", e o trem imperial não andou a mais do que 24 km/h, para que não houvesse freadas súbitas.[31] Foi apenas em 24 de novembro (VE) que Alexei finalmente pôde tomar seu primeiro banho "em mais de dois meses", Alexandra contou a Onor. Durante o dia, ele era "transportado pelos aposentos superiores em minha *bath chair*", e só mais tarde começaram enfim a carregá-lo para o quarto malva, na parte de baixo.[32] Alexei ficaria incapacitado por um ano, durante o qual foi submetido a um tratamento rigoroso e infindável: "eletricidade, massagem, compressas de lama, banho de luz azul com corrente elétrica no braço e banho na perna"; Alexandra esperava que ele fosse poder se apoiar na perna outra vez perto do Natal.[33] O professor Roman Wreden, um cirurgião ortopedista pioneiro, veio de São Petersburgo e adaptou em Alexei uma

bota com ferragens ortopédicas. O tsarévitch achou o aparelho extremamente desconfortável e se queixou com a mãe, mas Wreden permaneceu firme; Alexei devia superar o desconforto se quisesse ser o futuro imperador. Era um comentário franco que tinha razão de ser, pois já corriam rumores entre o povo de que o herdeiro do trono russo era um aleijado. Alexandra não gostou de engolir a verdade intragável. E assim Nicolau agradeceu ao bom professor, nomeou-o médico honorário da corte e nunca mais requisitou seus serviços.[34]

A recuperação de Alexei caminhou de mãos dadas com a de sua mãe. Alexandra não voltou a aparecer em público outra vez senão a 1º de dezembro, tendo ficado "tão completamente esgotada" ao longo dos três meses precedentes. Mas ela extraiu conforto da compaixão do filho: "O doce anjo quer ter minhas dores", escreveu, "diz que posso ficar com as dele, que são muito menores".[35] Mas estava claro que essa última crise cobrara dela um tributo irreversível: "por sete anos", contou a Boyd Carpenter, "sofro do coração e levo a vida de uma inválida a maior parte do tempo".[36]

Seu precioso filho, porém, se recuperara da morte quase certa, fato que, como um dr. Fiódorov ainda perplexo confirmava, era "totalmente inexplicável do ponto de vista médico".[37] Mas a sobrevivência do tsarévitch viera a um alto preço — a escravização emocional da mãe a Grigóri Raspútin como a única pessoa do mundo capaz de manter seu filho com vida. Pois, após seu regresso a São Petersburgo nesse inverno, Grigóri lhe assegurara que seu filho ficaria a salvo — pelo tempo que ele, Grigóri, continuasse vivo.

Agora mais do que nunca as filhas de Alexandra desempenhavam um papel essencial no cuidado diário da mãe e do irmão, em uma vida familiar vivida cada vez mais à sombra do quarto de enfermo. "Todos os cinco são comoventes em seus cuidados comigo", contou Alexandra a Boyd Carpenter; "minha vida familiar é um abençoado raio de sol, exceto pela ansiedade em relação a nosso menino".[38] Mas o efeito psicológico da doença crônica de Alexandra estava cobrando seu preço: em seus anos formativos cruciais, as quatro irmãs, agora mais do que nunca, precisavam de tempo e atenção maternos. Mas em vez de viver a vida despreocupada de adolescentes explorando o mundo ao redor, conhecendo novas pessoas e descobrindo lugares novos, a doença e o sofrimento vieram para dominar suas vidas, o que estavam aprendendo a suportar com extraordinário estoicismo. "Minha querida mamãe", escreveu Maria, ela própria de cama com a garganta inflamada, em 14 de dezembro de 1912:

> Eu lhe agradeço *tanto* por sua querida carta. Lamento que seu coração continue número dois.[28] Espero que seu resfriado esteja melhor. Minha

temperatura agora é de 37,1 graus e minha garganta dói menos do que ontem. Lamento tanto não vê-la hoje, mas certamente é melhor para você descansar. Mil beijos de sua querida Maria.[39]

Para as quatro irmãs, sobretudo Olga e Tatiana, havia também um importante papel público a desempenhar no ano seguinte — 1913 —, do Tricentenário Romanov, promovendo a imagem popular da família imperial, com as frequentes ausências de sua mãe, e atuando, também, como "as companheiras fiéis de seu estimado pai". "Era como se as jovens e lindas princesas devessem proteger o tsar cada vez mais ameaçado", observou a baronesa Souiny, "e elas o protegeram."[40]

O sol brilhante no céu sem nuvens saudou uma São Petersburgo em que a neve de inverno derretia, numa quinta-feira, 21 de fevereiro de 1913, quando as ruas se inflamaram com as mais esplêndidas decorações em vermelho, branco e azul para celebrar o tricentenário da ascensão da dinastia Romanov ao trono da Rússia.[41] Às oito da manhã, uma salva de 21 tiros da Fortaleza de Pedro e Paulo anunciara o início das comemorações. Todas as lojas e postes ao longo da Névski Prospekt haviam sido decorados com a águia tsarista de duas cabeças e retratos de todos os tsares Romanov desde que o tsar Mikhail Feódorovitch aceitara a nomeação, em fevereiro de 1613. As lojas estavam cheias de itens comemorativos, selos especiais exibindo a efígie do tsar pela primeira vez (antes, era considerado um insulto representá-lo), medalhas e moedas foram emitidas e divulgou-se uma declaração de Nicolau em que ele proclamava seu "desejo firme, em concordância imperturbável com nosso estimado povo, de continuar a liderar o Império pela trilha do desenvolvimento pacífico da vida nacional".[42]

Nos últimos anos, a Rússia, que ocupava um sexto da superfície terrestre, gozara de um período notável de crescimento que testemunhara a transformação de São Petersburgo em uma das seis maiores cidades da Europa. A economia continuava baseada na agricultura, o alicerce de sua enorme riqueza sendo a produção de cereais, mas agora ela ultrapassara os Estados Unidos e o Canadá juntos. Os territórios do Império Russo compreendiam uma indústria próspera de ferro e aço; e, ainda por serem exploradas, reservas naturais na Ásia Central e na Sibéria que estavam sendo desbravadas por uma vasta rede ferroviária

transiberiana, ligada também aos valiosos campos petrolíferos de Baku, no Azerbaijão, e de Batumi, na Geórgia. Na City londrina e em Wall Street, a Rússia, por muito tempo tida como asiática e atrasada, era agora finalmente vista como um "lucrativo terreno para investimento". Como o *Illustrated London News* contou a seus leitores, "o público em geral está começando a acordar para as grandes riquezas e as riquezas potenciais ainda maiores — agrícolas, minerais e industriais — do Império do Grande Tsar Branco".[43] No exterior, muito se falava também sobre o crescente poderio militar e político da Rússia imperial — por ter o país uma potencial força de guerra de 4 milhões de homens —, fato que recentemente fora confirmado pelo estabelecimento da *entente cordiale* com a Grã-Bretanha e a França.

Mas não era apenas no poderio industrial e militar que a Rússia estava traçando um perfil internacional para si: o país usufruía de uma explosão artística e criativa extraordinária e sem precedentes — na música, com Stravínski e Rachmáninov; com as pinturas de vanguarda de Malevitch, Kandínski e Chagall; com os Balés Russos de Diáguilev, apresentando os cenários e costumes extravagantes de Léon Bakst; um palco musical engrandecido pelos lendários bailarinos Pávlova e Nijínsky e o cantor de ópera Chaliápin; a direção inovadora de Stanislávski e Meyerhold no teatro; e uma vibrante "Era de Prata" na poesia dominada por Aleksandr Blok, Andrei Béli e Anna Akhmátova.

Em tons do mais exacerbado otimismo, no início de 1913 o *Times* previa um futuro auspicioso para a Rússia: "A Casa dos Romanov fez mais do que criar um Império poderoso. Ela abriu amplamente as portas do conhecimento para um grande povo e lançou-o por todos os seus caminhos ilimitados".[44] Mas a fim de assegurar maior desenvolvimento econômico, o país ainda carecia de um elemento crucial: sistema político estável e governo constitucional adequado. Desde 1906, a Duma avançava aos solavancos, de uma crise para a seguinte, de forma cada vez mais debilitante, sendo três vezes dissolvida e depois restabelecida por Nicolau. A Quarta Duma, de 1912, criada na esteira do assassinato de Stolípin, fora ainda mais disfuncional, e o estado de espírito político naquele ano de 1913 foi "antagônico", numa contínua reação contra as medidas repressivas instituídas após a revolução de 1905.[45] Muitos russos achavam que havia pouco a comemorar. O Tricentenário trouxera uma montanha de concessões, inclusive anistias e reduções de sentença para muitos prisioneiros — mas não para quem estivesse preso por oposição ao tsarismo.

Em fevereiro, Nicolau e Alexandra se instalaram com as crianças no Palácio de Inverno para os três dias de comemorações oficiais — sua primeira vez de verdade em São Petersburgo desde 1905 —, cujo foco era inteiramente religioso.

Quinta, 21, foi dia de observância religiosa, com 25 diferentes procissões movendo-se lentamente pelas ruas da capital, entoando hinos e ocasionalmente cantando o hino nacional. Do Palácio de Inverno, a família imperial conduziu a procissão de carruagens, Nicolau e Alexei uniformizados à frente, numa vitória aberta, seguidos pelos coches oficiais fechados com Alexandra, Maria Feódorovna e as meninas. O cortejo prosseguiu pela Névski Prospekt na curta distância até a Catedral de Kazan, para um longo *Te Deum* conduzido pelo patriarca de Antioquia, que viera especialmente da Grécia, assistido por mais de 4 mil nobres russos, e por diplomatas e dignitários estrangeiros, bem como por representantes do campesinato e do ducado da Finlândia. "Foi puro esplendor", relatou o *Novoe Vremya*, "o esplendor dos diamantes das damas, o esplendor das medalhas e estrelas, o esplendor do ouro e da prata dos uniformes."[46] Mas não foi a beleza espetacular dos trajes reunidos, dos ícones, dos círios e incensos acesos que comoveu todo mundo; foi a visão "indizivelmente triste" do tsarévitch, que continuava fraco demais para andar, sendo carregado para a missa por um cossaco, seu "pequeno rosto pálido, contraído [...] olhando ansioso em torno para o mar de seres humanos perto dele".[47]

Embora a Okhrana houvesse se preparado para confusão, nas ruas de São Petersburgo os cidadãos comuns, espremidos em seus casacos acolchoados e botas de feltro, demonstraram uma marcada indiferença para com grande parte do cerimonial. O príncipe Gavríil Konstantínovitch mais tarde escreveu que ficara "com a nítida impressão de que não havia nenhum entusiasmo especial na capital pelo Jubileu da Dinastia Romanov". Meriel Buchanan também notou: a multidão fazia um "estranho silêncio", recordou, "dando vivas apenas quando viam as jovens grã-duquesas sorrindo sob seus grandes chapéus enfeitados de flores".[48]

A cerimônia na Catedral de Kazan seria a primeira de muitas profissões de fé públicas e coletivas feitas pela família imperial nesse ano, acompanhadas de muitas genuflexões, sinais da cruz e beijos em ícones milagreiros, tudo voltado a "despertar uma onda geral de sentimento patriótico no povo" em uma época de contínuo descontentamento político.[49] Meriel Buchanan havia, como muitos, esperado que as festividades "forçariam a família imperial a sair de seu isolamento e que o imperador, quando comparecesse à Duma, faria um anúncio público para aliviar a situação interna".[50] Mas ela ficou decepcionada; logo se revelou óbvio que o objetivo primordial do Tricentenário era reforçar a imagem de uma vida nacional movida pela fé religiosa, remetendo à antiga união mística do tsar com o povo, e não de uma em que a democracia e o trabalho da Duma tivessem algum significado verdadeiro. Na verdade, muitos membros da Quarta Duma foram excluídos das comemorações, o número limitado de lugares sendo

dado a membros da aristocracia e de organizações monárquicas.[51]

Mais tarde nesse dia, Nicolau e Alexandra recepcionaram uma grande procissão de 1500 dignitários no Salão de Nicolau, no Palácio de Inverno, a fim de receber suas congratulações. Foi um marco para Olga e Tatiana estar presentes, usando vestidos russos formais que combinavam. Eles foram feitos na loja de Olga Bulbénkova, que era especializada em roupas cerimoniais para a corte, e desciam até o chão, em estilo tomara que caia, feitos de cetim branco com mangas longas, pontudas, abertas, um painel frontal de veludo rosa e uma cauda destacável decorada com grinaldas de rosas artificiais.[52] No peito ambas as meninas usavam suas ordens de santa Catarina em faixas escarlates, e, na cabeça, *kokóchniki* de veludo rosa incrustados com pérolas e decorados com laços. Deve ter sido um momento de grande orgulho para elas, pois não haviam usado vestidos longos formais antes, e isso indicava sua entrada definitiva no mundo adulto da corte. As duas irmãs nunca estiveram mais bonitas, como fotografias oficiais tiradas pelo estúdio favorito da família, Boissonnas & Eggler, atestaram. A recepção em si foi algo novo para ambas, "uma rara chance de ver a sociedade de Petersburgo, e por seus rostos atentos, animados, ficava claro que estavam tentando observar tudo e se lembrar de todos os rostos".[53]

Nessa noite, as ruas ainda cheias de São Petersburgo se iluminaram com luzes comemorativas; elas lembraram Nicolau de sua coroação, mas a felicidade da ocasião foi estragada pela notícia na manhã seguinte de que Tatiana — que não viera se sentindo bem por um ou dois dias — estava acamada, com febre. Alexandra se sentira exausta demais para tomar parte das recepções públicas durante o dia e Maria Feódorovna desfrutara das atenções em seu lugar. Mas a tsarina reuniu forças para comparecer a uma apresentação de gala da ópera *A vida pelo tsar*, de Glinka, estrelando Chaliápin, à noite, no teatro Maríinsky. Ela e Nicolau foram ovacionados de pé pelo público ao entrarem no camarote imperial com Olga. Mas Anna Vírubova detectou um tom de falsidade: "havia no magnífico público pouco entusiasmo verdadeiro, pouca lealdade verdadeira".[54] Alexandra estava extremamente pálida e sombria, achou Meriel Buchanan, "seus olhos, enigmáticos em sua sinistra gravidade, pareciam fixos em algum pensamento íntimo secreto que estava decerto distante do teatro lotado e das pessoas que a aclamavam".[55] Ruborizada e constrangida com todos os olhares voltados para ela, a tsarina afundou agradecida em sua poltrona, mas "parecia indiferente, como se estivesse sofrendo", pensou Agnes de Stoeckl, e de fato seu desconforto era tão extremo, e sua respiração, tão trabalhosa e ansiosa, que saiu depois do primeiro ato. "Uma pequena onda de ressentimento percorreu o teatro", notou Meriel Buchanan. "Não era sempre a mesma história", com a imperatriz mais uma vez sem fazer o menor esforço para disfarçar seu desprezo

pela sociedade de São Petersburgo?[56] Pois assim foi percebida sua saída naquela noite. Apenas sua filha Olga e seu marido sabiam do terrível preço que a recente crise quase fatal de Alexei cobrara dela. Era a "triste consciência" da enfermidade ameaçadora de seu filho que tornava a tsarina "tão extraordinária em seu modo de ser", pensava a princesa Radziwill. Isso explicava por que "ela odeia tanto ver qualquer um, ou participar de festividades, mesmo sendo em homenagem a suas filhas". De sua parte, como sempre, as irmãs Romanov extraíram o máximo que puderam da situação. "A cidade toda celebrava, muita gente", recordou Olga sobre esse dia em seu diário, mas, percebendo uma atmosfera de mudança na Rússia, a ocasião não se passou sem alguma apreensão de sua parte: "Graças a Deus tudo saiu bem".[57]

27 Tatiana certa vez declarou para Anna Vírubova "que ela nunca seria capaz de manter uma conversa em francês"; mas todas as crianças falavam inglês fluentemente, "desde o berço". Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 123.

28 Alexandra criou seu código particular para os níveis de intensidade de sua dor no coração, indo de um a três, usado em bilhetes para as filhas.

Capítulo Doze

QUE O SENHOR LHE TRAGA A FELICIDADE, MEU BEM-AMADO



O dia 23 de fevereiro de 1913 foi muito especial para a grã-duquesa Olga Nikoláevna, aos dezoito anos, quando, acompanhada pelo pai, a mãe e a tia Olga, ela compareceu a seu primeiro grande baile público em São Petersburgo, na Assembleia dos Nobres. O tsar e a tsarina não frequentavam um baile na cidade desde o grande baile a fantasia de 1903, e Alexandra estava determinada a estar lá por sua filha, ainda que tivesse passado a maior parte do dia acamada; porém, mais uma vez, ela se viu obrigada a sair mais cedo.[1] Tatiana deveria ter desfrutado da ocasião junto da irmã, mas estava doente e de cama no Palácio de Inverno; dias mais tarde os médicos confirmaram que tinha febre tifoide.[2]

Olga se determinara a não deixar que essas decepções estragassem sua noite. Ela estava adorável, "trajando um vestido simples de chiffon rosa-claro". Assim como em seu baile de dezesseis anos em Livádia, "dançou todas as danças, divertindo-se de forma tão simples e entusiasmada quanto qualquer garota faria em seu primeiro baile".[3] Seu registro do dia foi bem mais prosaico: "Dancei um bocado — foi tão divertido. Uma multidão [...] foi lindo".[4] Ela dançou a quadrilha e a mazurca com vários de seus oficiais favoritos e ficou feliz em contar com a presença de seu querido amigo Nikolai Sáblin, do *Shtandart*. Meriel Buchanan ficou cativada pela visão da grã-duquesa mais velha nessa noite, vestida com "simplicidade clássica", o único colar dela um fio solitário de pérolas, mas ainda assim tão irresistível com seu "nariz arrebitado". Ela "tinha um charme, um frescor, uma exuberância encantadora que a tornavam

irresistível”.[5] Meriel Buchanan lembrou-se de vê-la “nos degraus que conduziam da galeria à pista do salão de baile, tentando alegremente resolver uma disputa de três jovens grão-duques, todos protestando que a dança seguinte lhes fora prometida”. Isso deu a ela o que pensar: “observando-a, perguntei-me o que o futuro lhe reservava, e com qual dos inúmeros pretendentes que haviam sido mencionados de tempos em tempos acabaria se casando”.[6]

A questão do futuro casamento de Olga havia ganhado inevitável importância durante o ano do Tricentenário. Até então as irmãs imperiais haviam sido um assunto tabu na imprensa russa, mas aqui elas estavam pela primeira vez sendo oficialmente apresentadas à nação. A questão do papel de Olga como filha mais velha fora mais uma vez discutida nos bastidores, quando uma crise na sucessão russa estourou durante o inverno de 1912-13. Quando Alexei estivera à beira da morte em Spala, o irmão mais novo de Nicolau, Mikhail, fora em segredo a Viena para se casar com a amante, Natália Wulfert — uma divorciada e uma plebeia —, sabendo que se Alexei morresse e ele se tornasse o herdeiro presumível outra vez, Nicolau proibiria o casamento morganático. Mikhail esperava que o casamento realizado pelas costas do irmão fosse aceito como um fato irreversível, mas Nicolau ficou furioso. E sua reação foi draconiana: exigiu que Mikhail renunciasse a seu direito ao trono ou se divorciasse imediatamente de Natália a fim de evitar um escândalo. Quando Mikhail se recusou a fazer isso, Nicolau congelou seus bens e o baniu da Rússia. No fim de 1912, foi publicado nos jornais russos um decreto removendo Mikhail da regência, bem como de seu comando militar e suas honras imperiais. Segundo as leis de sucessão, o filho mais velho da grã-duquesa Vladímir, Kirill, se tornaria regente se Nicolau morresse antes que Alexei completasse 21 anos, mas ele e seus dois irmãos que vinham em seguida na hierarquia eram muito impopulares na Rússia. Em vez disso, Nicolau anulou a lei existente e ordenou ao conde Freedericksz que esboçasse um decreto nomeando Olga regente, tendo Alexandra como tutora, durante a minoridade de Alexei. A resolução foi publicada no início de 1913, sem Nicolau procurar, como deveria ter feito, a aprovação da Duma. Isso inevitavelmente provocou uma furiosa objeção da grã-duquesa Vladímir.

De sua posição bem relacionada na embaixada britânica, Meriel Buchanan podia ver que a família imperial estava em maus lençóis nesse ano:

> O casamento do grão-duque Mikhail causou um tremendo tumulto e dizem que o querido imperador está de coração partido. Ninguém sabe muito bem qual é o problema com o menininho e caso o pior venha a acontecer a questão da sucessão se torna uma coisa séria. Kirill é o mais próximo, claro,

> mas existe certa dúvida se algum dos Vladímir terá permissão de herdar o trono, já que a mãe deles não era ortodoxa quando nasceram. A situação assim levaria a Dmítri e ele teria de se casar com uma das filhas do imperador.[7]

Os rumores claramente continuavam a circular sobre um casamento entre Olga e Dmítri. A mordaz Meriel achou o pensamento um tanto divertido; nos últimos tempos, encontrara Dmítri com frequência na cena social de São Petersburgo, onde todo mundo vinha aprendendo as mais recentes danças da moda. “Tive uma aula muito árdua com Dmítri outro dia”, escreveu para sua prima. “Seria até ‘chique’, caso Dmítri viesse um dia a ser Imperador de Todas as Rússias, poder dizer que ele me ensinou o Bunnyhug, não seria?”[8] Toda conversa sobre esse casamento porém logo desapareceu quando Dmítri pediu a mão de sua prima, Irina, a única filha da grã-duquesa Xenia, para em seguida ser preterido em favor de seu amigo Felix Iussúpov. Um distanciamento entre Nicolau e Dmítri se seguiu ao longo do ano, ainda que Dmítri continuasse servindo como seu ajudante de ordens.

Quanto a Olga, seus românticos pensamentos de adolescente eram agora dirigidos com determinação a escalões bem mais baixos, para um oficial de sua predileção, Aleksandr Konstantínovitch Chvédov, um capitão da Escolta do Tsar. Em seu diário, ela se referia a ele pelo acrônimo АКСН, e sua presença em chás da tarde na casa de tia Olga foi o centro de sua vida social muito limitada por grande parte da primeira metade desse ano. Essas ocasiões eram pouco mais do que reuniões divertidas com um grupo de oficiais prediletos e escolhidos a dedo; com danças ao som do fonógrafo e jogos infantis de gato e rato, tapa nas mãos, esconde-esconde e pega-pega. Eram teoricamente supervisionadas por Olga Alexandrovna, mas na prática sempre degeneravam numa profusão de risadinhas e brincadeiras ruidosas que deixavam as quatro irmãs em estreita proximidade física de homens com quem de outro modo nunca teriam tido tal intimidade. Era o tipo de interação mais estranho e impróprio — mas no qual tanto a mãe delas como sua tia não viam mal algum. Ali estavam grã-duquesas imperiais russas no limiar da idade adulta, entregando-se a um comportamento infantil, cujo resultado final seria deixar a impressionável Olga enlevada com um jovem que em todos os aspectos era totalmente fora de alcance. “Fiquei do lado de АКСН o tempo todo e me apaixonei por ele”, confidenciou em seu diário no dia 10 de fevereiro. “Senhor, ajude-nos. Eu o vi o dia todo — na liturgia e à noite. Foi muito bom e divertido. Ele é tão doce.”[9] Pelas semanas subsequentes o padrão de sua vida, exceto assistir às aulas, caminhar com o pai, fazer companhia para a

mãe e escutar Alexei rezando as orações na hora de dormir, foi a ocasional saída para a casa de tia Olga em São Petersburgo para brincadeiras tolas e ficar olhando com ar sonhador para АКСН, com seu bigode e seu elegante *cherkeska*[30] cossaco.

Tatiana ficou transtornada por perder tantas comemorações do Tricentenário em São Petersburgo, para não mencionar as visitas à casa de tia Olga, onde também ela queria ver seus oficiais favoritos. Por causa de sua doença (que o dr. Bótkin e Trina Schneider não tardaram a contrair), a família foi obrigada a deixar o Palácio de Inverno em 26 de fevereiro e voltar a Tsárskoe Seló; mas antes de fazerem isso Tatiana pediu a sua ama Chura Tégleva que ligasse para Nikolai Rodiónov e lhe dissesse que ela adoraria se alguns oficiais pudessem aparecer e passar diante de sua janela no Palácio de Inverno, de modo que ao menos pudesse vê-los. Rodiónov e Nikolai Vassílievitch Sáblin atenderam seu pedido de muito bom grado, e se lembravam de ver a pobre menina enferma, embrulhada em um cobertor, fazendo uma mesura para eles da janela.[10]

Ao voltar para o Palácio de Alexandre, Tatiana foi posta imediatamente em quarentena, longe das irmãs, e ficou muito doente por mais de um mês; em 5 de março, seus lindos cabelos longos e castanhos tiveram de ser cortados, embora fossem empregados para fazer uma peruca, que ela usaria até os cabelos voltarem a crescer o suficiente (o que aconteceria no fim de dezembro).[11] Confinada a sua casa com a mãe inválida, uma cuidando da outra, foi apenas no início de abril que Tatiana finalmente se aventurou a sair no balcão de Alexandra, mas ainda fazia muito frio e nevava demais para se demorar ali. Quando enfim saiu ao ar livre, estava constrangida demais por causa da peruca. Um dia, ela brincava de pular corda com Maria Raspútin e alguns jovens oficiais do Corpo de Pajens quando o cachorro de Alexei correra em sua direção, latindo; Tatiana enroscou o pé na corda, tropeçou e, ao cair, “seu cabelo subitamente se soltou e, para nosso espanto, vimos uma peruca ir ao chão”, lembrou Maria. A pobre Tatiana “revelou aos nossos olhos e aos dos dois constrangidos oficiais o topo de sua cabeça, onde alguns poucos cabelos curtos e esparsos apenas começavam a crescer”. Ela ficou absolutamente mortificada e “se levantou num pulo, pegou a peruca e correu em direção ao grupo de árvores mais próximo. Vimos apenas como ficou ruborizada e aflita e ela não voltou a aparecer nesse dia”.[12]

Durante os meses de inverno de 1913 no Palácio de Alexandre, o diário de Nicolau é um testemunho de como cuidou pessoalmente das quatro filhas no lugar da esposa que vivia doente. Por mais que houvesse papelada em sua mesa, reuniões com ministros, audiências públicas e revistas militares para ocupar seu dia, nessa época do ano, quando estavam em Tsárskoe Seló, ele sempre

encontrava tempo para elas. A história talvez o tenha condenado muitas vezes por ser um tsar fraco e reacionário, mas ele foi, sem dúvida, o pai de sangue real mais exemplar que já existiu. Os meses de janeiro e fevereiro eram uma época especial para ele e suas filhas, durante a qual as levava para ver os balés *O pequeno cavalo corcunda*, *Dom Quixote* e *A filha do faraó* — este último deixando-as empolgadas ao ver Pávlova dançar. Sendo a mais velha, Olga (e Tatiana, até que a doença a impedisse) usufruiu do prazer extra de ver as óperas *Madame Butterfly* e *A lenda da cidade invisível de Kitezh* e *Lohengrin*, de Wagner, que achou particularmente bela e comovente.[13] Mas em geral o tempo com o pai era passado no parque, qualquer que fosse o clima, em caminhadas revigorantes, passeando de bicicleta, ajudando a quebrar o gelo nos canais, esquiando, descendo de trenó a colina gelada e na companhia — quando estava bem o bastante — de Alexei, com sua bota ortopédica especial. As meninas adoravam ter o pai só para si; ele caminhava rápido, era incansável, e todas aprenderam a acompanhar seu ritmo para não ser deixadas para trás. Olga em particular sempre andava o mais perto possível de um lado, e Tatiana do outro, com Maria e Anastácia correndo na frente e voltando diante deles, escorregando no gelo e jogando bolas de neve. Ficava claro para qualquer um que encontrasse o tsar e suas filhas no Parque de Alexandre como ele se orgulhava das meninas. “Ele ficava feliz que as pessoas as admirassem. Era como se seus bondosos olhos azuis estivessem dizendo: ‘Veja que filhas maravilhosas eu tenho’.”[14]

Na noite de 15 de maio, a família subiu a bordo do trem imperial para Moscou e começou uma viagem de duas semanas no vapor *Mezhen*, subindo o Volga a partir de Moscou, para comemorar o Tricentenário. Foi uma viagem árdua, durante a qual pararam nos principais sítios religiosos do Anel de Ouro, uma rota percorrida pelo primeiro tsar Romanov desde seu local de nascimento até Moscou, em 1613.[15] Aquela fora uma grande rota de peregrinação por séculos, e Alexandra havia muito expressara seu desejo de conhecê-la; o próprio Nicolau não visitava a região desde 1881. De uma sucessão de lugares sagrados em Vladímir, Bogoliúbovo e Súzdal, a família viajou para Níjni Nóvgorod para o serviço religioso na linda Catedral da Transfiguração; depois voltou pelo Volga num vapor, chegando a Kostromá no dia 19 de maio. Em cada parada havia a tradicional acolhida de pão e sal dos dignitários locais e do clero. Sinos de igreja repicavam e bandas militares tocavam, enquanto a multidão de camponeses se juntava nas margens do rio — alguns chegando a entrar na água — para

conseguir ver a chegada da família imperial (fato que alarmava Alexandra, temendo uma catástrofe como a de Khodynka, em que pessoas morreram pisoteadas). Mas ela gostava de conhecer os devotos velhos camponeses *babushki* e parava para conversar com eles na margem do rio, dando-lhes dinheiro e imagens religiosas.[16] Kostromá era a parada mais importante no itinerário, pois foi ali, no mosteiro Ipátiev,[31] que Mikhail Romanov, aos dezesseis anos, se refugiou numa época de turbulência política na Rússia, e onde foi convidado por uma delegação de boiardos de Moscou a assumir o trono. O mosteiro tinha seu Museu Romanov, que a família visitou após os serviços religiosos na catedral, antes de comparecer à inauguração de um monumento celebrando o Tricentenário. Esse foi, sem dúvida, o ponto alto da viagem, com imensas multidões expressando seu entusiasmo pela família imperial conforme ela prosseguia pelas ruas decoradas com bandeiras e insígnias dos Romanov, os camponeses demonstrando sua tradicional lealdade ao "pequeno pai" ao cair de joelhos quando o hino nacional era tocado.[17] Tal devoção serviu para fortalecer a convicção de Alexandra de que as pessoas comuns os adoravam: "Que covardes são esses ministros de Estado", disse a Elizaveta Naríchkina. "Estão constantemente assustando o imperador com ameaças e agouros de uma revolução, e aqui você vê por si mesma — só precisamos nos mostrar, e na mesma hora seus corações são nossos."[18]

Olga ficou emocionada quando chegaram a Iaroslavl e ela viu seu querido AKCH na guarda de honra que os recebeu. Depois de mais uma recepção cheia de gente e uma visita a um orfanato construído para celebrar o Tricentenário, as meninas e Nicolau deixaram Alexandra para trás e foram a uma exposição de produtos locais, um serviço de orações seguido de um jantar e entretenimento musical, antes de todos subirem a bordo do trem da meia-noite para Rostov. "Uma tonelada de presentes, fiquei muito cansada, demorou demais e foi chato, também calor demais", observou Olga em seu diário nesse dia. Mas "o doce e gentil AKCH estava lá. Fiquei *terrivelmente* feliz em vê-lo". A "pobre mamãe" estava, porém, muito cansada. "Coração número três, doendo. Deus a ajude."[19] No dia seguinte inteiro Alexandra ficou de cama. Durante o período em que estiveram no Volga, Nikolai Vassílievitch Sáblin viu o estresse a que Nicolau se submetia tendo de lidar com as exigências do cronograma e com uma esposa sensível, constantemente prostrada pela fadiga e não comendo quase nada; ele notou que ela muitas vezes passava o dia todo com apenas dois ovos cozidos.[20]

A família chegou de volta a Moscou em 24 de maio para o clímax da viagem; o "querido AKCH estava mais uma vez sorrindo diante da multidão" entre os oficiais da Escolta do Tsar, montando guarda, quando todos desceram das carruagens.[21] Se as comemorações em São Petersburgo haviam sido mudas, o oficialato tomara as providências para que as do coração da antiga Moscóvia fossem triunfantes, imitando a entrada em Moscou do tsar Alexandre I no início da guerra de 1812 com a França. Entretanto, o príncipe Guilherme da Suécia, que estava lá para as comemorações, achou que a multidão parecia subjugada:

> O imperador fez saudações comedidas à direita e à esquerda sem mudar de expressão; era impossível detectar algum entusiasmo de parte a parte. Os *muzhiks* ficaram praticamente parados, olhando, alguns fizeram o sinal da cruz ou caíram de joelhos diante do chefe da igreja. Era mais espanto e curiosidade do que receptividade espontânea, mais obediência diligente do que confiança. Súditos mantidos sob jugo, mais do que cidadãos livres. Foi desagradável, remoto e tão diverso de como são as coisas entre nós [na Suécia] quanto possível. O abismo intransponível entre o soberano e o povo ficou mais aparente do que nunca.[22]

As cerimônias mais uma vez revelaram a fragilidade de Alexei, em particular no dia 25 de maio, durante a procissão realizada pela família na famosa Escadaria Vermelha, no Kremlin, quando as pessoas ficaram chocadas ao ver o tsarévitch carregado por um dos cossacos da Escolta do Tsar. "Como foi triste ver o herdeiro do trono Romanov tão fraco, doente e desamparado", escreveu o primeiro-ministro Kokóvtsov, que notou ainda as exclamações de compaixão que a visão evocou na multidão.[23] O desconforto da imperatriz ficou também claramente visível, um feio rubor avermelhado surgindo em seu rosto durante a cerimônia. Por outro lado, as quatro meninas dos Romanov pareciam relaxadas e até certo ponto indiferentes ao fim do que haviam sido duas exaustivas semanas. No Kremlin, um dos guardas notou como elas "olhavam em volta, entediadas, comendo uvas e doces", embora sempre "se comportando de um modo muito natural e despretensioso".[24]

Pouco antes de voltarem a Tsárskoe Seló, Olga e Tatiana compareceram a um baile na Assembleia de Nobres de Moscou. Alexandra foi incapaz de aguentar mais do que uma hora, mas as duas irmãs alegremente abriram o baile e ocuparam o centro das atenções, dançando com inúmeros oficiais do Regimento Erevan. E a cabeça de Olga ficou mais uma vez virada durante a quadrilha, com

a visão do "*doce* rosto de АКСН sorrindo de longe".[25] A caminho da estação ferroviária na manhã seguinte, ela acreditou tê-lo visto "em um quepe vermelho num dos balcões distantes", e depois voltou a vê-lo em breve na casa de tia Olga, em 2 e 6 de junho. Como sempre, após o chá, o jantar e uma conversa agradável no sofá, as irmãs Romanov se lançaram numa ruidosa sucessão de brincadeiras infantis de pegar, no jardim, com seu grupo regular de oficiais, inclusive АКСН e outro grande favorito, Víktor Zboróvski, da Escolta do Tsar. No dia 6, porém, a coisa ficou fora de controle quando "correram por todos os lados como loucos, derrubando tudo, em especial um grande guarda-roupa. Dez pessoas entraram nele, e também o escalaram, quebraram as portas, riram e se divertiram muito".[26] Uma dissipação necessária das energias acumuladas, talvez, mas — para as duas irmãs mais velhas, pelo menos — deve ter havido também uma tensão sexual subjacente. Mas então, inevitavelmente, o carro chegou às sete da noite e as levou de volta para Tsárskoe Seló. Olga voltou com um peso no coração, triste por ter sido informada nesse dia de que АКСН estava "de partida para o Cáucaso no sábado. Deus o proteja".

Durante todo o Tricentenário de 1913, a máquina publicitária tsarista promoveu a imagem de uma monarquia Romanov paternalista liderada por uma família amorosa, devota e virtuosa, perpetuada nas milhares de fotografias oficiais vendidas como cartões-postais por toda a Rússia nesse ano. Mas muitos camponeses russos ficaram perplexos com as imagens oficiais, pois elas não projetavam um tsar autoritário e todo-poderoso, remoto em seu trono, como muitos deles decerto o viam, mas em vez disso um homem comum, burguês, no coração de uma unidade doméstica dominada por mulheres, que punha em dúvida sua masculinidade e, com isso, sua capacidade de governar.[27] Nesse meio-tempo, o papel das quatro irmãs Romanov como um acessório para seu irmão sublinhava sua representação disseminada como filhas incontroversas, zelosas, o que ocorria mais do que em qualquer outro lugar na hagiografia oficial, disponibilizada em tradução inglesa como *The Tsar and His People* [O tsar e seu povo]. Escrita para o Tricentenário por um membro da comitiva imperial, o major-general Andrei Eltchanínov, ela encontrava tempo para resumir brevemente as irmãs como

> criadas nas leis da Igreja Ortodoxa e treinadas para ser donas de casa boas e

> cuidadosas [...]. [Elas] são notáveis por sua capacidade de observação, bondade e solidariedade, e seus modos são simples e graciosos. São muito ativas em ajudar os pobres, principalmente crianças, seus presentes assumindo a forma não de dinheiro, mas de objetos úteis feitos ou tricotados por elas próprias.[28]

Tal descrição cristalizou a representação das quatro meninas como intercambiáveis e pouco notáveis, e foi algo que elas mesmas agravaram ao muitas vezes se referirem a si mesmas coletivamente como ОТМА. A visão oficial continuou a ser inteiramente insípida, com ênfase nos prazeres domésticos acima dos mundanos: "Elas raramente vão ao teatro, a não ser nas férias. Apenas no Natal ou em outros dias festivos são levadas à ópera por seus pais". Ironicamente, isso era bastante verdadeiro; em retrospecto, pode-se dizer que ao lhes serem negados o contato com rapazes e outras jovens de sua posição social e as experiências de vida que vêm com isso, as irmãs ficaram aprisionadas em um mundo entorpecido, artificial, em que eram perpetuamente infantilizadas. "Por que elas nunca são vistas", perguntou Meriel Buchanan, "a não ser em *Te Deums*, ou em revistas, ou em alguma ocasião de Estado?"[29] O único sopro de ar fresco em suas vidas continuou sendo sua adorada tia Olga, mas os chás na casa dela em São Petersburgo ficaram restritos quando, após regressar de Moscou, a família foi direto à Finlândia para férias de quatro semanas no *Shtandart*.[30]

Estavam todos muito cansados após a excursão pelo Volga, e as férias foram um tanto desanimadas para a maioria da família. Mas para Olga elas foram cheias de novo interesse, pois, na ausência de АКСН, ela voltou sua atenção para outro belo oficial de bigode do *Shtandart*, que registrou em seu diário como "Pav. Al.". O recém-promovido tenente Pável Alekséevitch Vóronov tinha 27 anos e se juntara ao *Shtandart* em abril. No instante em que pisou a bordo, a 10 de junho, Olga de imediato criou uma ligação com ele. Às vezes, ficava sentada em sua companhia na casa de navegação, na proa, onde ele estava de serviço, ou aparecia para lhe ditar o diário de bordo. Em pouco tempo tinham seu cantinho favorito, entre a sala do telégrafo e uma das chaminés, onde muitas vezes ficavam sentados conversando com Tatiana e o favorito dela, Nikolai Rodiónov. Durante o dia, Pável às vezes se juntava às meninas e ao pai delas em terra firme, para disputar acaloradas e vigorosas partidas de tênis (ele era o parceiro de jogo favorito de Nicolau), sair para caminhadas ou nadar. De volta a bordo, assistiam a filmes e jogavam baralho. Tudo parecia muito inocente e correto, mas sob a superfície as emoções de Olga estavam em turbilhão.

Todos gostavam do afável Pável Vóronov, principalmente Alexei, que

Vóronov muitas vezes carregava quando ele não se sentia bem. No fim de junho, Olga escrevia que "ele é tão *afetuoso*" e aproveitava ao máximo todos os pequenos momentos de intimidade que conseguia, com frequência apenas sentando para olhá-lo quando ele estava trabalhando na ponte de comando.[31] Qualquer atividade da qual Pável estivesse ausente ou excluído era "chata"; quando ele estava presente, "era agradável e loucamente gostoso ficar com ele". Em 6 de julho, seus sentimentos haviam se tornado mais profundos: "Ditei o diário de bordo para ele. Depois disso, sentamos no sofá até as cinco. Eu o amo, muito, *demais*".[32] No dia 12 de julho, em seu último dia no *Shtandart* antes de voltarem a Peterhof, ela se sentou com Pável na casa de navegação até o último minuto. "Foi triste demais. O tempo todo em que a prancha de desembarque era preparada eu fiquei com ele. Desci do iate às quatro. Foi tão *terrivelmente* difícil me despedir do adorado *Shtandart*, dos oficiais e do meu querido [...]. Que Deus o proteja."[33]

Nas semanas que passou em Peterhof ela recebeu telefonemas ocasionais de Pável e também do leal Nikolai Sáblin, a quem tinha na mais alta estima. Isso ajudou a moderar a triste litania das indisposições quase diárias de sua mãe. O coração da mamãe doía, seu rosto doía, suas pernas doíam; estava cansada; estava com uma terrível dor de cabeça. Alexei também não se sentia bem, sentia dores "por acenar demais com os braços quando estava brincando", de tal maneira que em meados de julho Grigóri foi chamado para vê-lo. Ele chegou às sete certa noite, sentou com Alexandra e Alexei e depois conversou um pouco com Nicolau e as meninas, antes de sair. "Logo depois que partiu", anotou Nicolau em seu diário, "a dor no braço de Alexei começou a diminuir, ele se acalmou e pegou no sono".[34] Olga muitas vezes se sentava com o irmão e a mãe quando não estavam bem, oferecendo conforto — assim como Tatiana — entre o ocasional passeio a cavalo ou jogo de tênis. Sua antiga paixão adolescente, АКСН, reaparecia na Escolta de vez em quando e ela ficava feliz em vê-lo, mas seus pensamentos continuavam principalmente com o *Shtandart*, que agora singrava o Mediterrâneo.

No início de agosto, as duas irmãs mais velhas começaram a se preparar a sério para sua primeira aparição oficial em manobras do exército, que teriam lugar no dia 5 em Krásnoe Seló. Elas praticaram equitação por vários dias, aguardando o momento auspicioso em que passariam seus regimentos em revista, uniformizadas e a cavalo, pela primeira vez — Olga trajada em azul e vermelho com galões dourados do 3º Hussardos de Elizavetgrad, montando seu cavalo Regent, e Tatiana no azul-marinho e azul do 8º Ulanos de Voznessensk, montada em Robino. Eram agora as mais jovens coronelas do mundo — e no dia puderam demonstrar toda sua habilidade. "As duas grã-duquesas conduziram

uma manobra a galope diante do imperador", escoltadas pelo grão-duque Nikolai, comandante em chefe do Exército.[35] "Fazia calor e elas estavam muito nervosas, mas foram encantadoras e deram seu melhor. Creio que o imperador ficou muito orgulhoso assistindo à apresentação das filhas pela primeira e — infelizmente! — última vez numa formação militar", recordou o príncipe Gavríil Konstantínovitch. Mas esse era mais um marco em suas vidas que a mãe delas estava doente demais para testemunhar, fechada em seu quarto, sofrendo de mais um acesso de nevralgia.

Dois dias depois, a família foi para Livádia no calor de quarenta graus do auge do verão. Alexei continuava mal e resmungava sobre os tratamentos com banho de lama a que tinha de se submeter duas vezes por semana, que odiava. Mas ele agora tinha seu tutor oficial. Nicolau e Alexandra originalmente haviam considerado indicar alguém de sua comitiva militar ou naval, mas no fim decidiram oferecer o posto a Pierre Gilliard. Nem todo mundo aprovou; Gilliard era um pedagogo impecável, muito correto e escrupuloso, mas bem pouco russo, conforme observou Nikolai Vassílievitch Sáblin.[36] Alguns disseram que indicar um suíço republicano para cuidar de um tsarévitch era inapropriado. Gilliard aceitou a incumbência com apreensão considerável, pelo que ela representava, tendo sido recém-informado em particular pelo dr. Derevenko de que Alexei sofria de hemofilia. "Será que algum dia me acostumarei à terrível responsabilidade que estou assumindo?", perguntou a seu irmão Frederick numa carta para casa.[37] Achou Alexei muito indisciplinado; em sua opinião, o comportamento nervoso e irrequieto do menino era exacerbado pela constante supervisão de Derevenko. No fim de novembro, Alexei sofreu outro acidente, caindo de uma cadeira em que subira na sala de aula e batendo a perna. O inchaço decorrente se espalhou rápido entre o joelho e o tornozelo. Outro marujo do *Shtandart*, Kleménti Nagórni, fora incumbido recentemente de dividir com Derevenko a tarefa de cuidar de Alexei, e se revelou "de uma bondade tocante", ficando com o menino até tarde da noite durante a mais nova crise, enquanto suas irmãs abriam a porta a intervalos regulares e entravam na ponta dos pés para beijá-lo.[38] Mais uma vez, as preces de Grigóri, que estava em Ialta na época, pareciam ser a única coisa que o salvaria; mas, com a mesma alarmante regularidade, como depois de qualquer ferimento, o frágil tsarévitch precisou de meses de convalescença.

Em 9 de agosto, quando subiu a bordo do *Shtandart* em Sebastopol para a

viagem até Livádia e viu Pável Vóronov outra vez, Olga começou a se referir a ele em seu diário como “S”. Era uma abreviatura para as palavras russas *sokrovishche* (tesouro), *solntse* (luz do sol) e *schaste* (felicidade), que eram os apelidos usados com frequência por ela para as pessoas de quem mais gostava. Seu mundo inteiro pelo resto desse ano girou em torno de Pável Vóronov. Dia após dia ela falava dele: “é tão chato sem S, horrível”; “é vazio sem ele”; “não vi S e foi terrível”.[39] Pável era a perfeição: doce, bondoso, gentil, precioso. O tempo todo, por mais brevemente que fosse, ela sempre ficava “muito feliz, incrivelmente feliz” em vê-lo. De fato, Olga ficava desolada quando um único dia transcorria sem que passasse algum tempo com o objeto de sua afeição e, como adolescente apaixonada que era, agarrava a menor oportunidade de vê-lo ou falar com ele. Essa experiência foi além do costumeiro flerte e paquera leves em que ela e Tatiana vinham incorrendo nos últimos anos com os oficiais da comitiva. Foi seu primeiro amor e ela sofreu. Mas também não tinha o menor futuro. Nenhum dos bem treinados oficiais no *Shtandart* jamais rompeu o código de honra estrito, tácito, a que aderiam em suas relações com as filhas do tsar. Vóronov claramente sentia atração por Olga, ficava comovido com sua atenção e, sem dúvida, lisonjeado; quando a família deixou o navio e foi para o Palácio Branco, seus colegas oficiais notaram como ele muitas vezes apontava seu binóculo nessa direção, na esperança de avistar o vestido branco dela no balcão. Olga fazia o mesmo de seu ponto de observação — talvez houvessem combinado em segredo fazê-lo?[40]

Fossem quais fossem os sentimentos de Pável Vóronov em seu íntimo, seu relacionamento hesitante com a filha mais velha do tsar foi de um amor mantido firmemente a distância: olhares furtivos, afetuosos e confidenciais, conversas ocasionais durante o chá no convés, partidas de tênis, colar fotos em álbuns juntos. Havia até a ocasional oportunidade de acompanhá-la em pequenas danças informais no convés do *Shtandart*, como o baile feito para comemorar o aniversário de dezoito anos de Olga, durante o qual, como todos notaram, ela dançou bastante com Vóronov. Em dezembro de 1913, tendo passado a maior parte dos cinco meses precedentes em sua companhia, os sentimentos de Olga inevitavelmente se intensificaram e ela começou a confidenciá-los em um código especial — algo que sua mãe também fizera na juventude —, usando símbolos similares à cursiva escrita do georgiano. Pável era agora “seu amor querido”, sugerindo um grau de sentimento recíproco da parte dele, e ela estava mais feliz do que jamais estivera.[41] E então, em setembro, uma nota preocupante apareceu em seu diário. Pável estava menos em evidência. Olga passaria vários dias sem vê-lo: “É tão abominável sem meu S, *horrível*”; nem mesmo encontrar seu querido amigo АКСН, que estava servindo na Escolta em Livádia, a deixava

animada.[42] A vida voltou à mesma rotina previsível de aulas pela manhã, fazer companhia para a mãe ou o irmão doentes, jogar tênis e sair em ocasionais caminhadas ou passeios a cavalo. Da decepção ao tédio, à irritação e finalmente à indiferença fingida, Olga Nikoláevna passou por toda a gama de sentimentos de uma adolescente apaixonada. Sua atenção se dispersou nos dias sem S e, com volubilidade típica, hormonal, voltou seus pensamentos outra vez para АКСН, usando um novo apelido para ele — Chúrik —, lembrando-se de como era "adorável" e de como ficava bonito de uniforme, usando "minha farda escura favorita".[43]

Aconteceu que durante o tempo que ficou longe Pável estivera fazendo visitas aos Kleinmikhel, amigos íntimos da família Romanov, donos de uma propriedade em Koreíz. Um dia, a condessa Kleinmikhel foi convidada ao Palácio Branco para almoçar. Ela chegou trazendo sua jovem sobrinha Olga consigo. De repente, tudo ficou claro; Pável Vóronov e Olga Kleinmikhel estavam sendo direcionados um para o outro. Quando Olga Nikoláevna o viu em um baile de caridade, pouco depois de outubro, notou desde já um distanciamento de sua parte: "Vi meu S certa vez, durante a quadrilha, nosso encontro foi um pouco estranho, um pouco triste, não sei".[44] Pouco depois, com sangue-frio adolescente característico, anunciou: "Estou acostumada a viver sem a presença de S por perto, a essa altura", mas como deve ter doído em 6 de novembro, em uma pequena dança no Palácio Branco, quando notou que ele "dançou o tempo todo com Kleinmikhels [*sic*]".[45] Ela ficou magoada e dias depois tentou mostrar indiferença: "É bom vê-lo e não é bom ao mesmo tempo. Não lhe disse uma palavra e não quero".[46] Sempre havia brincadeiras de esconde-esconde no palácio com Chúrik e Rodiónov, nas quais ela "se comportava ruidosamente", e houve uma viagem para ver um filme em Ialta. Mas quando voltou para casa, encontrou o mesmo cenário deprimente: Alexei chorando porque sua perna doía; sua mãe cansada e deitada, com o coração no número dois.[47]

Em dezembro, Olga começara a ficar com medo de seus sentimentos por S e de como eles ainda dominavam seus pensamentos, e desse modo foi uma coisa boa que no dia 17 a família deixasse Livádia, embora nesse ano, em particular, a partida tenha sido mergulhada em tristeza. "Todos ficamos com muita saudade da Crimeia", escreveu Nicolau em seu diário.[48] Para Olga, era um "tédio sem todos os amigos, o iate e S, claro". E então, em 21 de dezembro, ela recebeu a notícia: "Fiquei sabendo que S vai se casar com Olga Kleinmichael [*sic*]". A reação de Olga foi breve mas digna: "Que o Senhor lhe conceda a felicidade, meu amado".[49]

Seria possível que Nicolau e Alexandra tivessem deliberadamente planejado o

noivado de Pável Vóronov com Olga Kleinmikhel de modo a poupar Olga de novos sofrimentos, por sonhar com um envolvimento amoroso impossível? Ficou patente para todos — e devia ser o mesmo para os seus pais — que ela se apaixonara, embora ninguém saiba dos verdadeiros sentimentos de Pável por ela. Talvez ele tivesse percebido que sua amizade íntima com a grã-duquesa começava a ultrapassar os limites do permitido e que devia desse modo recuar e sumir de cena. Nicolau e Alexandra, sem dúvida, ficaram muito felizes em dar sua calorosa aprovação ao seu noivado com Olga Kleinmikhel, mas para Olga Nikoláevna foi duro, e sua reação foi suprimir a dor que estava sentindo, mesmo em seu diário. Lidar com um coração partido era uma coisa, mas ter de continuar a ver Pável com sua noiva era outra, assim como ter de escutar suas irmãs animadamente discutindo o casamento iminente em Tsárskoe Seló.

Em janeiro, tia Ella chegou a Tsárskoe Seló com a condessa Kleinmikhel, Olga e "S"; só que agora S — o amado de Olga, sua felicidade — era da outra Olga, "não meu!", como exclamou em seu diário. "Meu coração sofre, é doloroso, não me sinto bem e dormi apenas por uma hora e meia."[50] Nesse ano o Natal foi triste para ela. Depois de visitar a avó no Palácio Anítchkov e presentear os oficiais da Escolta, tudo voltou à velha rotina, com o clima de inverno trazendo uma véspera de ano-novo terrivelmente gelada a Tsárskoe Seló: "Às onze da noite tomei chá com papai e mamãe, e passamos o ano-novo na igreja regimental. Agradeço a Deus por tudo. Uma nevasca. Nove graus negativos".[51]

Toda a família Romanov achou a cerimônia de casamento de Pável Vóronov, em 7 de fevereiro de 1914, na igreja regimental em Tsárskoe Seló, muito comovente. Olga guardou seus sentimentos para si e não os revelou nem em seu diário:

> Por volta das 2h30, nós três sentamos com papai e mamãe. Fomos à igreja regimental para o casamento de P. A. Vóronov e O. K. Kleinmikhel na igreja regimental. Que o Senhor lhes conceda a felicidade. Estavam ambos nervosos. Fomos apresentados aos pais de S e duas irmãs, meninas doces. Fomos de carro para a residência dos Kleinmikhel. Havia muitas pessoas presentes à recepção.[52]

Logo depois, Pável Vóronov saiu de licença para dois meses com a esposa, sendo em seguida transferido para o posto de comandante da guarda no iate imperial *Aleksandriya*. Olga continuaria a vê-lo de tempos em tempos em

Tsárskoe Seló, e continuou a se referir a ele como “S” em seu diário, mas sua breve experiência de um amor de verdade chegara ao fim. A esposa dele recordou mais tarde que “de seus quatro anos servindo na proximidade da família imperial, Pável conservou uma memória sagrada”. Mas Pável Vóronov permaneceu a alma da discrição acerca de seu relacionamento com a grã-duquesa Olga Nikoláevna; foi uma lembrança que levou consigo até o dia de sua morte.[53]

29 Em suas cartas, Alexandra descreveu a doença como “tifo”, assim como fizera no acesso de Nicolau em 1900 e no de Olga em 1901, os nomes dessas duas enfermidades muito diferentes sendo com frequência intercambiados livremente, na época. O tifo, porém, é transmitido pelo piolho e contraído em condições de insalubridade e superpopulação, coisa muito improvável no caso tanto de uma como da outra filha. Acredita-se que Tatiana tenha contraído febre tifoide de uma limonada infectada que tomou no Palácio de Inverno.

30 Um longo casaco circassiano sem colarinho.

31 A casa em que os Romanov foram mantidos cativos em 1918 em Ecaterimburgo ironicamente tinha o mesmo nome, Casa Ipátiev, em homenagem ao dono, um engenheiro da ferrovia Transiberiana chamado Nikolai Ipátiev.

Capítulo Treze

DEUS SALVE O TSAR!



A última grande temporada de inverno de 1913-14 em São Petersburgo foi gloriosa, na opinião de muitos que a presenciaram — "nem mesmo as viúvas" podiam se lembrar de outra como essa.[1] Coroando o fim de um Tricentenário bem-sucedido, a sequência de festas organizadas pelas mais importantes casas da nobreza russa marcaria o "ocaso da dinastia", como Edith Almedingen recordou — "um ocaso esplêndido o suficiente para conquistar um lugar na memória".[2] Tal esplendor sem limites ficou, é claro, confinado aos parques e jardins dos muito ricos, que passaram a temporada dissipando seu debilitante *ennui* num "vórtice de alegria mundana" ao longo do qual "mal viram a luz do dia por semanas seguidas durante as seis horas do sol hibernal".[3] Atrás das fachadas de seus palácios superaquecidos e luxuosos, e espiando as lojas caras ao longo da Névski Prospekt, cheias de produtos de luxo ocidentais, a aristocracia russa permaneceu teimosamente indiferente à visível inquietação aumentando nas ruas, alimentada pela pobreza, privação e seguida opressão política.[4]

Houve uma infinidade de festas chiques, teatros amadores e bailes de máscaras a serem escolhidos nesse ano por aqueles considerados como parte da cena social exclusiva, tudo descrito em detalhes e prodigamente fotografado nas páginas da revista da alta sociedade *Stolitsa i usadba* [Propriedades da capital e do interior], seu título refletindo a vida fascinante daqueles privilegiados o bastante para ter casas em ambos os lugares. Depois que o Grande Bazar de Natal de quatro dias da grã-duquesa Vladímir abrira a temporada na Assembleia de Nobres, os ingressos quentes eram para o Baile da Mitologia Grega da

princesa Obolénskaia, em seu grande palácio branco na Moika; para o baile a fantasia da condessa Kleinmikhel, com trajes desenhados por Bakst; e para dois outros bailes opulentos — um em preto e branco e outro exibindo perucas e turbantes multicoloridos — promovidos pela princesa Bétsi Chuválova, que era fabulosamente rica, em seu palácio na Fontanka. Além disso, havia os infindáveis, e bem menos animados, *bals blancs* para debutantes em seus vestidos brancos e com suas acompanhantes, *bals roses* para jovens casadas, e bailes nas várias embaixadas, sendo os mais disputados os dois da embaixada britânica, no Cais Inglês. No Balé Imperial, no teatro Maríinsky, damas da sociedade afluíam para ver suas estrelas, Mathilde Kschessínska e Anna Pávlova, se apresentarem, enquanto os cavalheiros podiam se entregar a extravagantes jantares privados e jogos no lugar favorito do grão-duque Dmítri, o Iate Clube Imperial.[5]

Claro que a tsarina jamais sonharia em permitir que suas filhas frequentassem qualquer um desses eventos; foi a avó delas que deu um baile especial — no Palácio Anítchkov, em 13 de fevereiro de 1914 — para marcar o ingresso oficial de Olga e Tatiana na sociedade e que constituiu o ponto alto da temporada social. Os convidados foram recebidos por "mestres de cerimônia em trajes de corte com bordados de ouro, calças de seda preta e meias compridas, e sapatos de couro envernizado com fivelas", segurando "finas bengalas de marfim que lhes davam a aparência de pastores rococós".[6] Dali foram conduzidos diante de "dois lacaios etíopes, altos e negros, usando roupas orientais e compridos turbantes" para o salão de baile, onde aguardaram a chegada do imperador e da imperatriz, seguidos de Tatiana e Olga, "adoráveis criaturas altas, esguias" que observaram as pessoas reunidas "com uma espécie de curiosidade bem-humorada".[7] Depois que o tsar abriu o baile com uma *polonaise* cerimonial, houve um momento de confuso constrangimento. "Nenhum homem fez qualquer gesto de convidar as duas grã-duquesas para dançar", notou a debutante Helene Iswolsky. "Seriam todos tímidos demais para se arriscar? Ou perceberam de repente que as duas eram estrangeiras?"[8] Após uma pausa constrangedora, alguns oficiais da Escolta do Tsar que haviam dançado com elas antes foram "persuadidos a se posicionar", mas ficou claro que esses jovens "não pertenciam à alta roda"; eram "completos desconhecidos, de aspecto um tanto rude, comum".[9]

Alexandra conseguiu aguentar o baile por uma hora e meia, deixando Nicolau com as meninas até se cansarem, às quatro e meia da manhã, suas filhas tendo "se recusado a serem levadas mais cedo".[10] Mas ele passara a noite toda com aspecto tímido e se sentindo desconfortável: "*Je ne connais personne ici*",[32] confidenciou a uma parceira de dança.[11] Tal foi o isolamento em que ele e sua família viveram durante os oito anos precedentes que ficaram completamente

sem saber quem era quem na sociedade elegante. Esse fato não passou despercebido da tia de Nicolau, a sincera duquesa de Saxe-Coburgo, que estava em São Petersburgo para o casamento de Irina, filha da grã-duquesa Xenia, com o príncipe Felix Iussúpov. Ela não mediu as palavras ao descrever a noite numa carta para sua filha Maria, princesa coroada da Romênia. A duquesa tinha opiniões muito decididas sobre a companhia bem-nascida que jovens como suas sobrinhas-netas deviam manter. Mas, em vez disso,

> estavam cercadas por uma muralha chinesa de cossacos e outros oficiais de terceira classe que não deixavam ninguém da verdadeira boa sociedade se aproximar. Como as meninas não conheciam ninguém na sociedade, simplesmente ficaram de um lado para outro como donzelas provincianas sem que ninguém lhes fosse apresentado e não conversaram com nenhuma das damas presentes, jovens ou velhas.[12]

A duquesa ficou abismada: “Agora imagine grã-duquesas que talvez se casem em breve e talvez deixem o país sem ter sido adequadamente apresentadas à sociedade de Petersburgo!”.

> Só de pensar nos meus bons tempos, quando, antes de sair, eu conhecia todas as damas e os jovens cavalheiros que eram apresentados durante um baile. Como Alix deixou que suas filhas fossem solicitadas por seus pares em vez de mandar chamá-los, como fazíamos (e gostávamos muito mais, já que tínhamos todos os que realmente queríamos, e não os enfadonhos, de modo que as jovens damas até nos invejavam), toda a velha e boa etiqueta foi abandonada. O resultado é que apenas certos oficiais dançaram com elas.[13]

Isso não tinha a menor importância para Olga e Tatiana, que continuaram a extrair o máximo das poucas ocasiões sociais que se ofereceram para elas nesse inverno, antes que a austeridade da Quaresma chegasse. Alguns dias mais tarde Alexandra deixou que Anastácia e Maria se juntassem a elas para um pequeno *thé-dansant* no palácio da grã-duquesa Vladímir, dado “quase em desafio à enclausurada tsarina” e no qual a grã-duquesa “deu grande mostra de luxo e decoração”, como que enfatizando para as irmãs o estilo de vida de que estavam sendo privadas por sua mãe antissocial. Ali Olga e Tatiana “dançaram todas as

danças com entrega e intensa satisfação", e Meriel Buchanan ficou feliz em observá-las "sussurrando em um canto, a cabeça loira e a cabeça morena muito juntas, os olhos azuis e os olhos âmbar iluminados de alegria".[14] Mas mais uma vez Nicolau, que as acompanhava, parecia perdido, sem conhecer nenhuma das damas e cavalheiros presentes.[15]

A duquesa de Saxe-Coburgo ficou completamente exasperada com as constantes partidas e não comparecimentos de Alexandra nessa temporada e com a total falta de experiência social de suas filhas, mas tinha de admitir que não podia deixar de admirar "a grande devoção delas para com a mãe". "Como deve ser duro para jovens criaturas ter uma mãe eternamente enferma", disse a Maria.[16] Não obstante, em 1914 as duas filhas mais velhas dos Romanov estavam enfim saindo por conta própria. São Petersburgo se encheu de rumores

> que ligavam seus nomes aos de um ou dois príncipes estrangeiros, ao de um jovem grão-duque muito popular na sociedade [i.e. Dmítri Pávlovitch]; à história de um pretendente mais atirado que levou uma forte bofetada da grã-duquesa Olga, aos boatos de um romance com um dos oficiais ligados ao Estado-Maior que foram prontamente repudiados pelas autoridades.[17]

Seria este último caso, é de se perguntar, uma alusão a Vóronov? Certamente, todas as princesas reais da Europa estavam mais uma vez sendo adicionadas a uma mistura que era agitada com vigorosidade pelas "casamenteiras intrometidas" da imprensa europeia continental.[18] Uma "crise sentimental" estava agora se aproximando na vida das duas filhas mais velhas do tsar, segundo o *Current Opinion*, que retratava Olga como uma jovem sisuda e até certo ponto melancólica, uma reminiscência de "sua origem augusta". E contudo, mesmo assim, quem deixaria de notar a beleza de sua garganta, seu pescoço esguio e seus "braços brancos macios com pequenas rugas nos cotovelos e os longos dedos afilados"? Mas era Tatiana que intrigava. Com seus olhos fascinantes, que "alternavam entre o cinza profundo e o violeta", tinha "todo o aspecto sedutor de uma fada".[19] Ambas as irmãs eram não obstante notadas por sua devoção, tendo sua mãe admitido a um embaixador francês prestes a deixar o cargo: "Minha ambição para as meninas é de que possam se tornar damas cristãs".[20] A modéstia delas também se refletia na permanente simplicidade de seus vestidos, fato lamentado pelas *modistes* francesas: "A tsarina não vai permitir a suas filhas usar gaze dourada ou se exibir nas cores da Avenue d'Alma".[21] Ficou claro que as roupas das jovens grã-duquesas "ainda

deviam ser feitas sob a supervisão da mãe, como já acontecia há dez anos". Por menos sofisticadas que pudessem ser, uma coisa impressionava: a posição militar das meninas não era de modo algum uma "formalidade, mera honra", pois, admirava-se o *Current Opinion*, "as damas reais podem na verdade pôr seus homens para fazer manobras", fato que parecia confirmar não só o fato de que Nicolau estava assegurando que as filhas ficassem a par dos segredos da arte de governar, como também que uma delas poderia, se necessário, "assumir o lugar de seu pai no trono com a mesma facilidade".[22]

Em todos os aspectos não havia, em 1914, duas princesas reais em idade de casamento mais ricas e desejáveis do que Olga e Tatiana Romanova. Segundo o *Tageblatt* de Berlim, agora era Tatiana que as pessoas ligavam a uma possível união com o príncipe de Gales, antecipando uma visita programada que ele faria a São Petersburgo na primavera. O rumor foi logo desmentido pelo secretário particular de Jorge v, lorde Stamfordham: "Não há um pingo de verdade na afirmação [...]. É invenção pura".[23] Tatiana também foi alvo de uma aproximação informal de Nikola Pašić, o primeiro-ministro sérvio, em nome do rei, para seu filho, o príncipe Alexandre. Os nomes de Bóris da Bulgária, Pedro de Montenegro e Adalberto da Alemanha também foram mais uma vez aventados e discutidos. Nesse meio-tempo persistiam rumores de que "a grã-duquesa Olga está disposta a se tornar a consorte de seu primo em segundo grau, o grão-duque Demetrius Pávlovitch, e que é por causa dele que tem rejeitado a sugestão de outras alianças matrimoniais".[24] As fofocas não diminuíam quanto ao que ainda se achava ser o par ideal; mas na verdade Dmítri, cuja reputação pouco respeitável só fazia crescer, estava sofrendo de tuberculose da garganta e passava grande parte do tempo no estrangeiro, cuidando da saúde. O diário de Olga para dezembro de 1913 deixara bem clara a visão um tanto vaga que tinha dele e sua *badinage* espalhafatosa durante uma visita à família: "Dmítri estava falando besteira".[25]

Especulações da imprensa à parte, no início de 1914 Nicolau e Alexandra estavam, sem dúvida, considerando seriamente um novo candidato real para a filha mais velha: o príncipe Carlos da Romênia, de vinte anos, neto da duquesa de Saxe-Coburgo. A iniciativa para o casamento parece ter sido deles, por insistência do ministro das Relações Exteriores, Serguei Sazónov, que queria se certificar de que a família real da Romênia, que era Hohenzollern, permanecesse no campo político correto — da Rússia, não da Alemanha — antes que a guerra agora inevitável estourasse. Uma união dinástica como essa certamente traria benefícios políticos e econômicos de longo prazo e Nicolau e Alexandra podiam ver a lógica disso.[26] A única reserva que faziam era "que o casamento da grã-duquesa [...] ocorresse apenas como resultado de uma aproximação muito maior

entre os dois jovens e na absoluta condição de que sua filha estivesse de acordo".[27] Foi o *Washington Post* que, em 1º de fevereiro, publicou a matéria, pela primeira vez no Ocidente, sobre um possível casamento. "O príncipe Carlos é um jovem bonito e inteligente", relatou, e "sua futura noiva possui grande talento musical e é uma linguista notavelmente dotada. Ela é uma favorita geral nos círculos da corte."[28] Mas na verdade o casal ainda precisava se conhecer; Carlos e os pais tinham uma visita a São Petersburgo agendada para março, embora todos já antecipassem que um noivado aconteceria.

Às vésperas da visita romena e ainda em São Petersburgo, a intrometida duquesa de Saxe-Coburgo fazia todo o possível para preparar o terreno para um desfecho favorável, escrevendo para Maria de modo a dissipar os rumores persistentes sobre Olga e seu primo: "as meninas imperiais não têm afeição alguma por Dmítri", insistiu.[29] Mas como se apiedava delas:

> fechadas em Tsárskoe, sem nunca ter permissão de ir ao teatro, sem uma única diversão o inverno todo. Claro que Alix não as deixaria ir ao baile de tia Miechen [da grã-duquesa Vladímir], só lhes é concedida uma tarde de domingo na casa de Olga, onde brincam *des petits jeux* [pequenos jogos] com oficiais: mas por que isso é considerado *convenable* [apropriado] é um verdadeiro mistério para nós, já que Olga é uma garota com jeito de menino sem modos e seu ambiente é sempre de segunda classe. Ela nunca vê a verdadeira sociedade porque se comportar melhor é algo que a entedia.[30]

De fato, a duquesa comentou sobre quão ofendida Maria Feódorovna ficou por suas netas passarem tão pouco tempo com ela quando estavam em São Petersburgo, preferindo passar os domingos "sob a tutela exclusiva daquela doidivanas da [tia] Olga [...] para jantar e fazer brincadeiras ruidosas com os oficiais". Quão irônico que uma mãe tão escrupulosa sobre a percepção do decoro de suas filhas pudesse lhes permitir "a maior intimidade" com aqueles jovens, sem supervisão, e "em perfeita independência, sem uma dama para vigiá-los".[31] A duquesa estava ansiosa para preparar sua filha para o que considerava um grau de dificuldade quando os romenos chegassem: "As pessoas que acham que sabem tudo decidiram que Carlos pretende se casar com Tatiana, não com Olga, já que seus pais não poderiam prescindir da filha mais velha, que é de grande ajuda para eles, e assim ela permaneceria na Rússia".[32]

A Crimeia teria parecido, sem dúvida, o lugar mais lógico para um primeiro encontro, ficando apenas a uma curta viagem através do mar Negro desde a

Romênia, mas a duquesa assegurou Maria de que os Romanov não os convidariam para ir até lá. Em Livádia, "a aproximação teria sido impossível, pois os favoritos navais teriam ridicularizado qualquer príncipe que aparecesse com intenções matrimoniais". A duquesa desaprovava profundamente a familiaridade das meninas com os oficiais do *Shtandart*, que considerava totalmente aquém de seu nível: "Todas as meninas, tanto as grandes quanto as menores, têm seus favoritos, *qui leur font la cour* [que lhes fazem a corte], e Alix não só permite isso como também acha natural e divertido".[33] Isso incomodava em particular o rígido senso de *comme il faut* da duquesa. A despeito do fato de que "Olga e Tatiana eram muito educadas", além de serem "alegres, naturais e amigáveis", ela achava que careciam inteiramente das habilidades sociais sofisticadas do tipo necessário para qualquer jovem se casar na corte real. "Você deve pôr de lado todas as *nossas* ideias de jovens damas imperiais", disse a sua filha. "Como não têm governanta, nem uma dama de companhia, é impossível lhes ensinar bons modos, elas *nunca* me fizeram uma visita e realmente não as conheço." Mesmo suas tias Xenia e Olga haviam pelo menos "recebido permissão de sair e nunca tiveram a menor intimidade com os oficiais".[34]

Havia outro tópico importante que não passou sem comentário — a hemofilia. A duquesa viera claramente sondando o terreno nesse aspecto antes da visita de sua filha: "O que posso descobrir sobre herdar essa triste doença? Todos sabemos que pode ser propagada, mas as crianças também podem escapar. Só posso mencionar os dois filhos do tio Leopoldo, que nunca a tiveram, mas os meninos de Alice a herdaram".[33] Era, como concluiu a duquesa, "mero acaso, mas é impossível ter certeza. O risco está sempre lá".[35] Esses comentários suscitam a questão de determinar se outras casas reais haviam a essa altura considerado e rejeitado as filhas dos Romanov como possíveis noivas por medo de que a hemofilia fosse levada a suas famílias. E depois havia a perspectiva de união com um país politicamente tão instável quanto a Rússia. As cartas da duquesa para sua filha em janeiro e fevereiro são cheias de pressentimentos acerca do futuro do país, com um tsar tímido demais para passar o tempo com qualquer um fora de seu círculo familiar e uma tsarina teimosamente isolada da sociedade por uma combinação de escolha deturpada e incapacidade física, escondendo-se com suas duas únicas companhias — seu "falso profeta" e Anna Vírubova. A duquesa ficou com uma sensação tão grande de "desespero e falta de esperança" em São Petersburgo que "as pessoas estão ofegantes de medo e ansiedade com isso tudo". Ela ansiava por ir logo embora — "a pesada atmosfera moral simplesmente me mata".[36] Não obstante, tentara ter uma palavra em particular com Nicolau e Alexandra sobre o possível casamento. "O

que devo dizer? Acho eu que se pode esperar muita coisa? Os dois parecem desejá-lo, mas Alix é estranha demais e não faço a menor ideia do que deseja para as filhas." A duquesa já desistira dela havia muito tempo e agora achava a tsarina "absolutamente louca".[37]

Em 15 de março de 1914, o príncipe coroado Fernando da Romênia, sua esposa, Maria, e o filho deles, Carlos, chegaram a São Petersburgo e foram instalados na ala oeste do Palácio de Alexandre. Nesse mesmo dia, a grã-duquesa Olga Nikoláevna completou oficialmente seu período de dez anos de estudos. Suas provas finais haviam coberto a história da Igreja Ortodoxa; língua russa (ditado, composição e etimologia de palavras russas); história geral e russa; geografia e três línguas estrangeiras — inglês, francês e alemão, com ditado e composição em cada uma. (Todas essas matérias haviam sido lecionadas em casa; para as aulas de física ela e as irmãs frequentaram o Instituto Prático Nicolau II, em Tsárskoe Seló.)[38] Em todas elas, Olga recebera nota máxima, embora tivesse sofrido com composição em inglês e ditado em alemão. "Uma média de cinco [de uma escala de um a cinco]", anotou em seu diário. "Mamãe ficou contente."[39]

Durante a semana da visita romena, ela serviu de acompanhante para seu primo em segundo grau, Karlucha — como se referia a ele (um diminutivo russo um pouco depreciativo para o nome Carlos). Ela pareceu pouco impressionada com sua massa de cabelos loiros, suas orelhas protuberantes e seus olhos azuis bulbosos — esta última uma característica inconfundível de Hanover, herdada de seu avô inglês, Alfred. Mesmo assim, como mandava o protocolo, Olga foi a toda parte com ele: à igreja, para caminhadas em volta do parque, jantar com a avó no Anítchkov e a um baile no exclusivo Instituto de Meninas Smolny. Sorriu, conversou e fez tudo o que dela se esperava (desse modo desmentindo a duquesa de Saxe-Coburgo, que insistia em que era destituída de encantos sociais), mas sem demonstrar nada. Um jovem secretário da legação romena observou durante o primeiro dia da visita: "A família imperial se retirou um tanto cedo para seus aposentos, com as filhas lançando olhares breves e ansiosos para Carlos. Descobri mais tarde que não gostaram dele".[40] As fofocas continuavam a insistir em que não era Olga o objeto do interesse de Carlos. Um diplomata americano ouviu dizer que ele estava na verdade "tentando conseguir Tatiana, mas Olga tinha a precedência".[41] No episódio, os quatro pais ficaram desapontados com o resultado negativo, mas não estavam totalmente dispostos a desistir. Eles concordaram que os russos deviam retribuir com uma visita a Constança em junho, para permitir ao jovem casal dar uma segunda olhada um no outro. A imprensa russa não comentou sobre um possível casamento, mas em Londres o *Times* pôs a questão numa eloquente perspectiva: "A visão proposta

em círculos oficiais é de que a Rússia gostaria de ver a Romênia tão livre para escolher suas amizades quanto o príncipe Carlos e a grã-duquesa Olga são para seguir as inclinações de seus corações".[42]

Três dias depois, com um suspiro de alívio, os Romanov subiram a bordo do trem imperial para o sul, a fim de passar a Páscoa em Livádia. A bordo do *Shtandart* nesse ano (e ao contrário do que a duquesa de Saxe-Coburgo escutara) houve uma distinta mudança na atitude da tripulação para com as irmãs Romanov, agora adolescentes. Nikolai Vassílievitch Sáblin notou em particular como Olga havia "se transformado em uma verdadeira dama". No *Shtandart*, como em todo lugar, os oficiais haviam começado a discutir os futuros casamentos das irmãs e chegaram a "uma espécie de acordo tácito [...] de se comportar com essas encantadoras grã-duquesas não mais como adolescentes ou meninas pequenas".[43] Sáblin tinha plena consciência de que as duas irmãs mais velhas "preferiam a companhia de certos oficiais, e não de outros" — sem dúvida, uma alusão ao favoritismo por Rodiónov e também Vóronov, que partira. Mas a antiga relação que os homens haviam mantido com as irmãs era agora "inadmissível": "Devíamos nos lembrar de que eram as filhas do tsar". Essas não eram as mesmas garotinhas que haviam conhecido sete anos antes, e deviam todos garantir que iriam se comportar escrupulosamente, como oficiais e cavalheiros. Porém, não deixaram de provocar as irmãs, dizendo-lhes que "em breve ficariam noivas e nos deixariam". Em resposta, as meninas riram e prometeram que "nunca se casariam com estrangeiros nem deixariam a adorada pátria".[44] Sáblin achava que isso era uma ilusão; pois desde quando, perguntava, noivas reais tinham liberdade de escolha? A respeito disso, porém, estava, sem dúvida, enganado.

Os homens no *Shtandart* não foram os únicos a notar como as irmãs Romanov estavam todas se tornando lindas jovens naquele último e quente verão antes da guerra. Um dia, visitando a propriedade do conde Nostitz perto de Ialta, foram levadas pela condessa para alimentar os cisnes negros no lago: "Pensei como pareciam adoráveis correndo entre os canteiros em seus leves vestidos de verão, como se elas próprias também fossem flores", recordou ela.[45] Em um baile no Palácio Branco pouco depois, as irmãs usufruíram de outra mágica noite na Crimeia, quando "uma grande lua dourada pairou acima das agitadas águas escuras do mar Negro, dourando as silhuetas dos elevados ciprestes".

> Do salão de baile atrás de nós vinha a cadência onírica de uma valsa vienense, as alegres risadas das grã-duquesas Olga e Tatiana, seus olhos felizes cintilando de prazer ao passarem pelas janelas abertas, dançando

com Jean Woroniecki e Jack de Lalaing.[34][46]

Era uma imagem de livro ilustrado perfeita; mas seria o último baile das meninas em sua adorada Crimeia.

Com a visita a Constança iminente, Nicolau resolveu fazer uma caminhada para visitar a grã-duquesa Jorge em Harax uma última vez antes de partir, "fugindo da horda de detetives e de seus guarda-costas, tomando as trilhas montanhosas". Quando Agnes de Stoeckl, dama de companhia da duquesa, estava com ele observando o mar na quietude da noite da Crimeia, ele se virou para ela: "Estamos em junho agora", disse, "passamos dois meses muito felizes, devemos repeti-los [...]. Vamos fazer um pacto de nos encontrarmos todos aqui de novo em 1º de outubro".[47] E então, após uma pausa, acrescentou, "com mais vagar, um tanto sério": "Afinal, nesta vida não sabemos o que nos aguarda".[48]

Alexandra também expressava em caráter privado suas apreensões acerca do porvir. Durante uma discussão com Serguei Sazónov no balcão do Palácio Branco antes de partirem para Constança, falou das possíveis repercussões políticas de casamentos dinásticos muito ilustres e das responsabilidades que as meninas teriam de assumir. "Penso com terror [...] que se aproxima o momento em que terei de me separar de minhas filhas", disse-lhe ela.

> O que mais desejo é que continuem na Rússia após o casamento. Mas tenho quatro filhas e isso é impossível, claro. Você sabe como os casamentos são difíceis nas famílias reinantes. Sei disso por experiência, embora nunca tenha estado na posição ocupada por minhas filhas [...]. O imperador terá de decidir se considera esse ou aquele casamento indicado para suas filhas, mas a autoridade paterna não deve ir além disso.[49]

Privadamente, embora Sazónov tivesse sido otimista sobre o caráter desejável do casamento romeno, afirmando que "Não é todo dia que um Hohenzollern ortodoxo se apresenta", Olga já tinha bastante clareza em sua mente, mesmo antes de zarparem. "Nunca vou deixar a Rússia", disse a seus amigos no *Shtandart*, e disse o mesmo também para Pierre Gilliard.[50] Ela estava irredutível contra a ideia de ser uma rainha ou princesa em alguma corte estrangeira. "Sou russa, e pretendo permanecer russa!"

Em 1º de junho, os Romanov deixaram Ialta e atravessaram o mar Negro para ir à Romênia. Era um glorioso dia de sol, “alegre, sem vento e ainda não muito quente, um dia de rara beleza”, quando o *Shtandart* pôde ser avistado em Constança, escoltado pelo *Polyarnaya Zvezda*, como “dois maravilhosos brinquedos chineses de laca, pretos e dourados”.[51] Esperando no cais, a família real romena avistou Nicolau no convés, “uma pequena figura branca”, e sua esposa, “muito alta e se elevando acima da família como um choupo solitário domina o jardim”. Quanto às garotas, era a mesma insípida visão coletiva: “quatro vestidos leves, quatro alegres chapéus de verão”.[52]

Ao desembarcar, os Romanov foram saudados por uma fanfarra de canhões, bandeiras, hurras, bandas militares e uma calorosa acolhida do rei Carlos e da rainha Elisabete, de seu sobrinho, o príncipe coroado Fernando, sua esposa, Maria, e seus filhos. A princesa Maria mais tarde escreveu para sua mãe sobre o “grande dia russo” deles, que consistiu em intensivas catorze horas de cerimônias religiosas na catedral, almoço em família num pavilhão, hora do chá no *Shtandart*, revista militar, banquete de gala e discursos ao final do dia. “Desde o início, todos tivemos uma agradável surpresa, e foi Alix”, contou Maria a sua mãe. “Ela participou de tudo, exceto do desfile, e tentou sorrir e se mostrou de todo modo muito amigável.”[53]

Marthe Bibesco, uma amiga próxima da família real romena, enxergou de forma diferente: os olhos da imperatriz, recordou, “pareciam ter visto toda a tristeza do mundo, e quando ela sorriu [...] seu sorriso fora de inefável tristeza, como esses sorrisos que brincam no rosto dos enfermos e moribundos”.[54] Quanto às quatro irmãs, elas eram “doces”, e aguentaram tudo com paciência, Olga respondendo a todas as perguntas de Carlos o mais educadamente que pôde. Mas suas irmãs, como notou Pierre Gilliard, “não acharam nada fácil disfarçar seu tédio” e “não perderam a chance de se inclinar para mim e indicar a irmã com uma piscadela conspiratória”.[55]

Houve porém uma coisa acerca das encantadoras filhas do tsar que alarmou a comitiva romena. Tendo vindo direto de dias ensolarados em Livádia, “estavam torradas como nozes pelo sol, e não com a melhor das aparências”.[56] Era triste dizer, como a princesa Maria comentou com sua mãe, que “não as acharam muito bonitas”.[57] Marthe Bibesco chegou ao ponto de afirmar que seus rostos queimados, tão deselegantes, as deixavam “tão feias quanto camponesas”.[58] O consenso foi de que as irmãs Romanov eram “muito menos belas do que as fotografias nos haviam levado a supor”.[59] O rosto de Olga “era largo demais, seus malares elevados demais”, achou Maria, embora tenha apreciado seus “modos francos, um pouco bruscos”. Achou Tatiana bonita mas reservada; Maria era agradável mas gorducha, embora com “olhos muito bonitos”; e a aparência

de Anastácia passou completamente despercebida por ela, embora notasse como era “atenta”.[60] As meninas pareciam fadadas a serem consideradas pouco interessantes aos olhos da corte romena, embora não pudessem ser culpadas por sua atenção solícita com o irmão entediado e um tanto petulante, cujo rosto era marcado por “uma gravidade precoce”. Ao aliviar o estresse de sua mãe entretendo e divertindo Alexei ao longo do dia, as quatro irmãs haviam constituído “um clã apartado” de seus primos romenos, e a presença da sombra de Alexei, Derevenko, lembrou a todos “a horrível verdade sobre aquela criança”.[61]

Embora Olga tivesse sido, pelos motivos óbvios, “o centro de todos os olhares”, Carlos não parecera “particularmente interessado” em nenhuma das meninas, na opinião de sua mãe; mais tarde, comentou-se que ele “não se enamorou do rosto largo e comum de Olga e de seus modos bruscos”.[62] Sem dúvida, nem ele nem Olga mostraram o menor desejo de “se conhecer com maior proximidade”.[63] De fato, todas as quatro meninas se mostraram muito mais interessadas no irmãozinho de seis meses de Carlos, Mircea, que Olga embalara no joelho em fotografias oficiais tiradas nesse dia. No fim, a impressão duradoura deixada pela visita da família imperial a Constança não foi das meninas, mas da extraordinária proficiência com que o travesso tsarévitch, durante o almoço, ensinara dois pequenos membros da comitiva romena, o príncipe Nicolas e a princesa Ileana, a cuspir sementes de uva numa tigela de limonada no centro da mesa de jantar.[64]

Durante a visita anterior dos romenos a São Petersburgo, Maria e Alexandra haviam tido uma conversa particular e concordado que “nenhuma de nós poderia fazer qualquer promessa em nome dos nossos filhos, que eles deveriam decidir por si mesmos”.[65] Diante de um resultado inconclusivo nessa segunda reunião, elas se despediram com um sorriso; haviam feito seu dever, mas o resto “estava nas mãos do Destino”. As duas famílias fizeram um último passeio pelas ruas de Constança para exibições de fogos de artifício e uma procissão à luz de tochas, mas ao se despedirem, à meia-noite, parecia muito improvável que “a centelha do amor [seria] acesa entre aqueles dois”.[35][66]

Foi apenas depois de a família imperial ter deixado Constança que Marthe Bibesco ficou sabendo que as garotas haviam, o tempo todo, mantido um plano secreto para subverter toda a empreitada. Elas haviam “decidido [...] parecer o mais feias possível” tomando bastante sol, sem chapéu, na viagem de Livádia, “de modo que Carlos não se apaixonasse por nenhuma delas”.[67]

A família Romanov voltou a Tsárskoe Seló em 5 de junho, a tempo do aniversário de treze anos de Anastácia; a ocasião foi seguida de uma visita da Primeira Esquadra Britânica de Cruzador de Batalha, comandada por Sir David Beatty, uma importante missão destinada a fomentar ainda mais a *Entente Cordiale*. A esquadra chegou à ilha de Kronstadt na segunda-feira, 9 de junho, para presenciar uma salva de canhões dos destróieres russos, milhares de barcos de lazer com bandeiras tremulando e a multidão de russos dando vivas no cais do lado oposto. Para a comunidade diplomática britânica em São Petersburgo, "uma semana de alegria febril" se seguiu, durante a qual Meriel Buchanan admitiu nunca ter ido se deitar antes das três da manhã.[68] O tsar recebeu o almirante Beatty e seus oficiais para um almoço em Peterhof, e durante uma recepção no jardim da vila de veraneio do grão-duque Bóris Vladímirovitch, em Tsárskoe Seló, as meninas importunaram os oficiais britânicos com perguntas. A inquisitiva Anastácia era a mais exigente; "sua voz infantil se elevava acima do burburinho da conversa", recordou Meriel. "Quero que me levem para a torre de comando", implorou, e acrescentou, brincalhona: "Não dá para estourar um dos canhões e fingir que foi sem querer?".[69]

Entre os jovens oficiais a bordo de um dos navios britânicos, o *New Zealand*, estava o jovem príncipe George de Battenberg, sobrinho de Alexandra, cujo irmão, Dickie, se afeiçoara a Maria durante a visita da família a Nauheim, em 1910. Georgie veio se hospedar com seus primos em Tsárskoe Seló e nesse período os oficiais do *Shtandart* acharam que prestou demasiada atenção em Tatiana, com quem combinou trocar cartas.[70] No último dia da visita oficial do esquadrão, 14 de junho, uma manhã de sol brilhante e céus sem nuvens, a família imperial retribuiu a visita do almirante, jantando a bordo do HMS *Lion*, depois do que "cada canto" do navio foi mostrado às meninas por quatro ansiosos cadetes escolhidos a dedo por ele. Um dos jovens, Harold Tennyson, recordou a emoção e a honra: "Mostrei o navio à princesa Olga, que é extraordinariamente bela e muito divertida". Ela e suas irmãs foram "o quarteto mais alegre e belo com quem já estive por um bom tempo, e davam gargalhadas e faziam piadas o tempo todo". "Se ao menos não fossem princesas", confidenciou um tanto pesaroso numa carta para casa, "eu não me incomodaria nem um pouco em ter uma coisinha com uma delas!".[36][71]

No fim da tarde, a tripulação do *Lion* estava totalmente cativada pelas irmãs Romanov: "não falavam de outra coisa que não as irmãs Romanov, sua beleza, seu charme, sua alegria, a simplicidade sem afetação e os modos tranquilos".[72] Um baile de despedida para setecentos convidados seria dado mais tarde nessa noite, a bordo do *Lion* e do *New Zealand*, especialmente amarrados um ao outro com esse propósito, mas para grande desolação dos visitantes Alexandra se

recusou a deixar que as filhas comparecessem. Meriel Buchanan notou uma expressão de “tristeza melancólica” no rosto dos oficiais britânicos ao se despedirem das quatro irmãs Romanov. As meninas, como sempre, acataram a decisão materna “sem objetar nem discutir”, embora tivessem parecido um pouco “abatidas”, e quando Olga subiu a bordo da lancha imperial que as levaria de volta a Peterhof “virou e olhou para o grande navio cinza, e acenou para os oficiais em posição de atenção no convés”. Ela sorriu, mas havia lágrimas em seus olhos.[73] Foi um momento que, décadas mais tarde, Meriel Buchanan iria recordar com intensa tristeza, matizada pelo retrospecto: “Vozes alegres, rostos sorridentes, memórias douradas de uma tarde de verão, de um mundo que ainda podia rir e conversar sobre a guerra como algo distante”.[74]

Em 15 de junho (28 NE), chegou a notícia do assassinato em Sarajevo do arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono austro-húngaro, por um nacionalista sérvio. Nicolau não fez menção a isso em seu diário: assassinato político desse tipo era um fato cotidiano na Rússia e o potencial significado do ato não foi levado em grande consideração, inicialmente. Muito mais importante eram as férias iminentes da família entre os escolhos finlandeses a bordo do *Shtandart*. Mas as coisas não saíram tão bem, Alexei tendo machucado a perna ao pular a bordo e ficando de cama mais uma vez. No fim da viagem, Alexandra contou a Anna Vírubova que achava que os dias maravilhosos da família na Finlândia haviam chegado ao fim e que “nunca mais estariam juntos no *Shtandart*”, embora esperassem voltar ao iate no outono, quando planejavam visitar Livádia, depois da recomendação dos médicos de que Alexei e sua mãe precisavam de “sol e um clima seco”.[75]

A família estava de volta à Datcha de baixo, em Peterhof, no dia 7 de julho, a tempo de receber o presidente francês, Raymond Poincaré, para uma visita de quatro dias. O ponto alto foi uma revista das Guardas em Krásnoe Seló, conduzida por Nicolau em seu cavalo branco favorito, acompanhado de todos os grão-duques russos, e Alexandra e as crianças em carruagens abertas, também puxadas por cavalos brancos. Essa iria se provar a última grande parada da glória militar imperial russa: dois dias após a partida do presidente francês, a Áustria-Hungria entregou um ultimato à Sérvia, e em 15 de julho (28 NE) declarou guerra. Historicamente a Rússia tinha o dever de defender os sérvios, por serem eslavos como eles, e a guerra agora parecia inevitável. Entre reuniões urgentes com ministros, Nicolau, que se lembrava do fiasco da guerra com o Japão e temia a

perspectiva de hostilidades, trocou mensagens urgentes com seu primo alemão Willy. “Com a ajuda de Deus, deve ser possível para nossa antiga amizade tantas vezes testada impedir o derramamento de sangue”, telegrafou.[76] Nesse meio-tempo, ele relutantemente capitulou para seu Estado-Maior Geral e sancionou a mobilização geral, preparando um exército russo de 600 mil homens para a guerra. Isso provocou uma reação agressiva da Alemanha, agora reunindo contingente para apoiar a Áustria-Hungria. As últimas e frenéticas tentativas de mediação diplomática foram feitas nesse “tempo de grande aflição”, durante o qual Alexandra enviou um telegrama desolado para Ernie em Hesse: “Deus nos ajude a todos e evite o derramamento de sangue”. Ela também procurara o aconselhamento de Grigóri, é claro. Ele ficara horrorizado com a perspectiva de guerra e implorara repetidas vezes a ela e Nicolau: “a guerra deve ser impedida — a guerra *não* pode ser declarada; ela vai acabar com tudo o que existe”.[77]

Na noite de 19 de julho (1º de agosto NE na Europa), Nicolau, Alexandra, tia Olga e as crianças foram à igreja rezar. Não fazia muito tempo que haviam voltado e se preparavam para jantar quando o conde Freedericksz chegou com um bilhete formal, entregue a ele pelo embaixador alemão em São Petersburgo: a Alemanha estava em guerra com a Rússia. “Ao receber a notícia a tsarina começou a chorar”, recordou Pierre Gilliard, “e as grã-duquesas também se desmancharam em lágrimas ao ver a consternação da mãe.”[78] “*Skoty!* [Porcos!]”, escreveu Tatiana sobre os alemães em seu diário nessa noite.[79] No dia seguinte, 20 de julho (2 de agosto NE), fez um calor abrasador. Antecipando a iminente declaração de guerra russa, o povo tomou as ruas de São Petersburgo, como havia feito em 1904, desfilando com ícones e cantando o hino nacional. A notícia se alastrou como fogo: “as mulheres atiravam joias numa coleta feita para as famílias dos reservistas”, relatou o correspondente do *Times*.[80] Às 11h30, cerca de 50 mil pessoas cercaram a embaixada britânica cantando “God Save the King” e “Rule Britannia”.[81] Sinos de igreja tocaram constantemente, o dia inteiro. A cidade toda tornou-se um enorme engarrafamento de carros e *droskies* e se encheu de pessoas gritando, cantando e acenando com “retratos pobremente pintados do adorado ‘Pequeno Pai’”.[82] As vitrines das lojas também se encheram de retratos de Nicolau “e a veneração foi tão profunda que os homens erguiam seus chapéus e as mulheres — mesmo damas elegantes e bem-vestidas — faziam o sinal da cruz ao passar por eles”.[83] À tarde, com Nicolau usando uniforme de marechal de campo e Alexandra e as meninas todas de branco, a família chegou à capital a bordo do *Aleksandriya*. Alexei, que continuava a se recuperar de seu último acidente, não pudera vir junto. Do desembarcadouro na Ponte do Palácio, a família imperial caminhou a curta distância até o Palácio de Inverno entre a multidão que se prostrava de joelhos, dando vivas, cantando hinos e entoando

bênçãos a Nicolau.[84] “Kostromá no ano passado não é nada em comparação com isso”, disse uma testemunha, “eles vão dar a vida por ele.”[85]

Às três da tarde, após uma salva de canhões ter ressoado pela cidade, cerca de 5 mil funcionários da corte, militares e membros da aristocracia se reuniram no Salão de Nicolau, no Palácio de Inverno, para um *Te Deum* solene e muito comovente, cantado diante do talismânico ícone da Virgem de Kazan. Era o mesmo ícone para o qual o marechal de campo Mikhail Kutúzov rezara em agosto de 1812, antes de partir para Smolensk a fim de combater Napoleão, que acabara de invadir a Rússia. Durante o serviço, Nicolau “rezou com um fervor sagrado que emprestou a seu rosto pálido uma expressão mística comovente”, observou o embaixador francês Maurice Paléologue, enquanto Alexandra permaneceu, a seu modo característico, emudecida ao lado dele.[86] A multidão reunida “parecia toda ela tremendamente tensa e animada, como que juntando forças para se oferecer coletivamente ao seu soberano”.[87] “Os rostos estavam preocupados e graves”, lembrou Maria Pávlovna. “As mãos em longas luvas brancas nervosamente amassavam lenços e sob os grandes chapéus tão em moda na época muitos olhos estavam vermelhos de chorar.” Após a celebração religiosa, o capelão da corte leu em voz alta a proclamação declarando que a Rússia estava em guerra com a Alemanha, após o que Nicolau ergueu a mão direita diante do evangelho e anunciou: “Não faremos a paz até o último homem e o último cavalo do inimigo terem deixado nosso solo”.[88] No instante seguinte, “de forma bem espontânea, de 5 mil gargantas irrompeu o hino nacional, que não foi menos belo pelo fato de as vozes estarem embargadas de emoção. Depois sobreveio aclamação em cima de aclamação, até as paredes vibrarem com seu eco!”.[89]

O tsar e a tsarina em seguida deixaram o salão. Nicolau com expressão impassível; Alexandra, mais do que nunca parecendo uma “Nossa Senhora das Dores, com lágrimas no rosto”, parou para consolar as pessoas ao passar; outros caíram de joelhos ou tentaram agarrar Nicolau e beijar sua mão. Quando ele surgiu no balcão acima da Praça do Palácio, uma vasta multidão de cerca de 250 mil pessoas, que havia pacientemente aguardado “em silêncio, com rostos solenes e enlevados”, se ajoelhou “como uma coisa só”, “em muda adoração”.[90] Nicolau fez o sinal da cruz e chamou Alexandra para que viesse saudá-los, após o que ambos se retiraram. Mas a multidão não queria deixá-los ir: “Cada vez que os soberanos deixavam o balcão, um clamor se erguia entre o povo para que voltassem a sair, com elevados hurras e cantando ‘Deus salve o tsar’”.[91]

O dia fora “absolutamente maravilhoso”, escreveu Tatiana mais tarde em seu diário, mas ao menos naquela noite não houve partidas de dominó para Nicolau, nem leitura em voz alta para a família.[92] Voltando a Peterhof às 7h15, eles

passaram a noite “em silêncio”.[93] Na manhã seguinte, o centro de São Petersburgo parecia uma cidade fantasma. O que atraía a atenção coletiva como um ímã agora eram as estações de trem, com coluna após coluna de soldados marchando em grandes fileiras na direção das pessoas e entoando canções populares russas, acenando com seus quepes cáqui e deixando atrás de si uma trilha de mulheres e crianças em lágrimas.[94] Em 22 de julho (4 de agosto NE) a Grã-Bretanha, aliada da Rússia, declarou guerra contra a Alemanha, sendo que Nicky recebeu um telegrama do rei, seu primo Georgie. Ambos lutavam por “justiça e direito”, disse ele, e esperava que “essa horrível guerra acabe logo”. Nesse ínterim, “Deus o abençoe e proteja, meu caro Nicky [...]. Sempre seu mui devotado primo e amigo”.[95]

Naqueles dias vertiginosos de julho-agosto de 1914, a Rússia foi dominada por um sentimento ardente, quase feudal, de nacionalismo, que remontava à antiga Mãe Rússia da lenda. “Era como se o tsar e seu povo se dessem um forte abraço e, nesse abraço, defendessem a grande terra russa”, declarou o *Novoe vremya* em termos devidamente ufanistas.[96] A declaração de guerra foi um encerramento adequado para todo o cerimonial do Tricentenário no ano anterior. “Acreditamos firmemente que todos os nossos fiéis súditos erguer-se-ão com unanimidade e devoção para a defesa do solo russo”, declarara Nicolau em seu manifesto, acrescentando a esperança de que “a discórdia interna será esquecida nessa hora ameaçadora, e a unidade do tsar com seu povo se tornará ainda mais próxima”.[97]

A capital talvez estivesse dominada pelo patriotismo intenso, de um tipo que todo russo conhecia de *Guerra e paz*, de Tolstói, mas no campo a maioria dos camponeses estava mais resignada do que entusiasmada, sabendo muito bem que o ônus do esforço de guerra recairia sobre eles, como sempre. Raspútin estava desesperado por seu aviso ter sido ignorado e pelo fato de não ter tido oportunidade de convencer Nicolau, pessoalmente, a não entrar em guerra.[37] As palavras de um telegrama que ele enviara nos últimos dias antes de a guerra ser declarada foram, desde então, vistas como proféticas:

> Há uma terrível nuvem tempestuosa sobre a Rússia: calamidade, grande tristeza, nenhum raio de luz, um incalculável oceano de lágrimas, e quanto ao sangue — o que posso dizer? Não há palavras, apenas um indescritível horror. Sei que todos querem de você a guerra, mesmo aqueles que são leais, mas sem perceber que o preço é a destruição [...]. Tudo será afogado em excessivo sangue.[98]

Ainda havia um último ato público grandioso a ser realizado pela família Romanov — na capital histórica da Rússia, Moscou, em 5 de agosto. A corte imperial e a comunidade diplomática empreenderam a viagem de trem de 714,5 quilômetros rumo ao sul para o que pareceu ao embaixador britânico, Sir George Buchanan, uma ocasião em que "o coração da Rússia deu voz aos sentimentos de toda a nação".[99] No Kremlin, a caminho do *Te Deum* na Catedral Uspensky, o tsar e a tsarina caminharam em procissão, seguidos de suas filhas. Meriel Buchanan achou que pareciam "um pouco deprimidos e solenes, os rostos pálidos"; Olga em particular exibira "uma expressão enlevada em seu rosto"; Maria ficara às lágrimas e Meriel notou como "Anastácia virava para ela de vez em quando com uma pequena palavra admonitória".[100] Para grande desespero de seus pais, Alexei mais uma vez tivera de ser carregado. Agora, mais do que nunca, o herdeiro do trono russo precisava ser visto como apto e saudável.

Em um discurso que fez nesse dia, Nicolau enfatizou que o conflito abrangia todos os povos eslavos do Império Russo: essa guerra nada mais seria que uma defesa do eslavismo contra os teutões. Sir George Buchanan ficou impressionado com o poder da cerimônia religiosa em Uspensky, que foi "bela e impressionante além de qualquer descrição possível":

> A longa fila de arcebispos e bispos, em suas vestes de brocado dourado, suas mitras cintilantes com pedras preciosas; os afrescos nas paredes, com seu fundo dourado; os ícones incrustados de joias — tudo emprestava cor e brilho à cena apresentada pela gloriosa e antiga catedral.
>
> Assim que tomamos nossos lugares atrás da família imperial, o baixo profundo da voz de um padre foi ouvido cantando as passagens iniciais da liturgia, e depois o coro, ao entrar, inundou a igreja com harmonia quando foram entoados os salmos e hinos do ritual ortodoxo. Quando a cerimônia se aproximava do encerramento, o imperador e a imperatriz, seguidos das grã-duquesas, deram a volta na igreja, ajoelhando com profunda devoção perante cada um dos santuários ou beijando algum ícone especialmente sagrado que lhes era apresentado pelo metropolitano.

Quando ia embora com Maurice Paléologue, Buchanan "não pôde deixar de se perguntar quanto tempo esse entusiasmo nacional iria durar, e qual seria o sentimento do povo por seu 'Pequeno Pai' caso a guerra se prolongasse excessivamente".[101] Uma guerra de atrito longa e custosa contra Alemanha e Áustria-Hungria, como Nicolau bem sabia, atiçaria ainda mais as chamas da

inquietação social na Rússia, como acontecera na guerra com o Japão. Para Alexandra, perturbada e desesperadamente preocupada com seu irmão Ernie e sua família aprisionada numa Alemanha que ela não mais amava ou reconhecia, a irrupção da guerra "foi o fim de tudo".[102] Só o que restava agora era pedir a Grigóri que orasse com eles pela paz.

A guerra, é claro, pôs um fim abrupto a toda conversa sobre casamento para as duas irmãs Romanov mais velhas. Tampouco haveria novos cruzeiros entre os escolhos finlandeses ou férias ao sol da Crimeia; nada mais do ócio nos longos dias ensolarados de verão, conversando e rindo com seus oficiais favoritos do *Shtandart*; e nada mais de chá da tarde aos domingos com a tia Olga, pois ela se oferecera como voluntária para ser enfermeira e já embarcara em um trem-hospital para o front russo em Kiev.

Em 1º de agosto, Tatiana registrou a partida de sua tia e a costumeira rotina:

> Nós cinco almoçamos com papai e mamãe. À tarde, saímos para uma caminhada, como ontem. Fomos ao balanço e ficamos presas por causa da chuva. Tomamos chá com papai e mamãe. Falamos ao telefone com N. P. [Nikolai Sáblin] e N. N. [Nikolai Rodiónov] — para quem mandei meu pequeno ícone, por meio de N. P., para que o use em torno do pescoço. Nós duas ceamos com papai e mamãe e a vovó. Xenia e Sandro também estavam conosco. Então Kostya [grão-duque Konstantin Konstantínovitch] veio se despedir, pois está de partida para a guerra amanhã, com o Regimento Izmailovsk. Voltamos às dez e meia. Papai leu.[103]

O mundo seguro, pouco ameaçador e insular que as irmãs Romanov haviam conhecido até agora estava prestes a mudar dramaticamente.

32 Não conheço ninguém aqui. (N. T.)

33 Leopoldo, filho da rainha Vitória e duque de Albany, que morreu depois de um ataque de hemofilia causado por uma queda, aos 31 anos, tivera um filho e uma filha: o filho, Charles, não era hemofílico, mas a menina, Alice, carregava o gene e transmitiu-o a seus filhos, Maurice, que morreu na infância, e Rupert, que morreu de hemorragia depois de um acidente, aos vinte anos.

34 O funcionário de Relações Exteriores príncipe Jean Woroniecki e o conde Jacques de Lalaing, secretário da missão diplomática belga, eram hóspedes da família Nostitz em sua propriedade de Ialta.

35 Evidências sugerem que após o fracasso da união Olga-Carlos, e à luz do casamento morganático de seu irmão Mikhail em 1912, Nicolau começou a considerar seriamente suspender as restrições a casamentos na família imperial, tendo sido advertido dos problemas que poderiam sobrevir quando e se o tsarévitch atingisse a maioridade e "não houvesse uma única noiva [real] adequada no mundo". Ver *Royalty Digest*,

15, nº 7, janeiro de 2005, p. 220.
36 Harold Tennyson era neto do famoso poeta inglês. Ele morreu afogado em janeiro de 1916, quando seu navio, o HMS *Viking*, colidiu com uma mina no canal da Mancha.
37 Raspútin estava no hospital em Tiumén, oeste da Sibéria, recuperando-se de um ataque a faca cometido naquele verão por uma mulher mentalmente instável.

Capítulo Catorze

IRMÃS DA MISERICÓRDIA



Quando a Rússia foi à guerra no verão de 1914, enfrentou uma desesperadora carência de enfermeiras. Com as perdas imensas de quase 70 mil mortos ou feridos nos cinco primeiros dias de combate, o governo russo previu que pelo menos 10 mil enfermeiras seriam necessárias. Estimuladas pelo fervor patriótico, legiões de damas elegantes e aristocráticas de São Petersburgo — ou, antes, Petrogrado, como a cidade foi rapidamente rebatizada —, bem como as esposas e filhas de funcionários do governo, e mulheres com profissão, como professoras e acadêmicas, apressaram-se em passar por treinamento médico e abraçaram o esforço de guerra. Em setembro, com a necessidade cada vez mais premente de enfermeiras, a Cruz Vermelha russa reduzira o usual treinamento de um ano para dois meses. Muitas mulheres não se mostraram à altura e com isso não ganharam direito ao título de *sestry miloserdiya* — irmãs da misericórdia —, como as enfermeiras eram chamadas na Rússia.

Desde o primeiro dia da guerra, a tsarina tomou a resolução de que ela e suas duas filhas mais velhas teriam de desempenhar seu papel; no início de setembro, começaram seu treinamento da Cruz Vermelha, assumindo os títulos humildes de Irmã Romanova, números 1, 2 e 3.[1] Embora Maria e Anastácia fossem jovens demais para treinar, também deviam desempenhar um papel ativo, visitando hospitais. Ninguém representou o esforço feminino de guerra na Rússia de forma mais emotiva do que a tsarina e suas filhas durante os longos e desanimadores dois anos e meio que precederam a revolução de 1917. Por toda parte — nos jornais, revistas e fachadas de lojas — uma imagem icônica prevalecia: a das três

irmãs da misericórdia imperiais sobriamente vestidas em seus uniformes da Cruz Vermelha. O *Stolitsa i usadba* regularmente as exibia com o uniforme em suas páginas, fato que inspirou muitas outras mulheres russas a seguir o exemplo delas.[2] Edith Almedingen se lembrava de uma cidade cheia de jovens ardendo da "febre do trabalho de guerra" e usando "o curto véu branco e a cruz escarlate no peito de seus aventais brancos".[3]

A guerra galvanizou a tsarina enferma: "Cuidar dos feridos é meu consolo", afirmou.[4] Três dias após o início das hostilidades, Alexandra assumira o comando da vasta assistência ao esforço de guerra da nação, reorganizando os imensos depósitos de suprimentos que ela criara no Palácio de Inverno e em outros lugares durante a guerra com o Japão. À parte a produção de bandagens cirúrgicas e outros curativos médicos essenciais, os depósitos também juntavam e distribuíam suprimentos médicos, "gêneros alimentícios não perecíveis, doces, cigarros, roupas, cobertores, botas, doações variadas e itens religiosos como panfletos, cartões-postais e ícones", e os mandavam para os feridos.[5] Em pouco tempo eles se encheram de abastadas damas da sociedade em seus macacões comuns aprendendo a operar máquinas de costura sob a supervisão de costureiras para produzir roupas de cama para os feridos, ou sentadas por horas a fio embrulhando gaze e enrolando bandagens cirúrgicas.[6] Todos os ambientes principais do Palácio de Inverno — o salão de concerto e várias outras grandes salas de recepção, bem como o teatro imperial e até a sala do trono — foram convertidos em alas hospitalares para os feridos, seus lindos assoalhos de parquete cobertos com linóleos para protegê-los, e ocupados por fileiras e mais fileiras de camas de ferro. Em pouco tempo, sem alarde nem fanfarra, a tsarina e suas duas filhas mais velhas eram vistas não só em Petrogrado e Tsárskoe Seló, mas também em Moscou, Vitebsk, Nóvgorod, Odessa, Vínnitsa e outros locais nas províncias orientais e meridionais do império, inspecionando trens-hospitais e visitando inúmeros hospitais e depósitos criados por Alexandra; muitas vezes eram acompanhadas por Maria e Anastácia, assim como Alexei, quando estava bem. Em outras partes de Petrogrado, a considerável comunidade britânica de expatriados também aderia à causa, liderada pela esposa do embaixador, Georgina, Lady Buchanan, que dirigia o Hospital Colonial Britânico para Soldados Russos Feridos,[38] inaugurado em 14 de setembro numa ala do grande Hospital Pokróvski, na ilha de Vassílievski. Meriel, filha de Lady Georgina, em pouco tempo estava trabalhando como enfermeira voluntária.[7]

Com os últimos dias de verão sumindo no outono, as ruas de Petrogrado foram transformadas, com muitos prédios agora servindo de hospitais e tremulando a bandeira da Cruz Vermelha junto da russa tricolor. Muito menos carruagens e carros elegantes podiam ser vistos indo e vindo pela Névski; em

vez disso, a ampla avenida presenciava um vaivém sem fim de ambulâncias transportando os feridos para um ou outro hospital e uma aglomeração de veículos puxados a cavalo carregando suprimentos. Tsárskoe Seló também se tornou uma cidade de hospitais, suas tranquilas ruas arborizadas transformadas agora na via de passagem — manhã, tarde e noite — para vagarosas ambulâncias da Cruz Vermelha levando os feridos de rosto pálido, bem como numerosos veículos particulares, muitos deles da frota imperial de carros, disponibilizados para esse fim. Ali, assim como em Petrogrado, todo grande prédio disponível era requisitado para cuidar dos feridos. As grandes salas de recepção do Palácio de Catarina foram convertidas em alas hospitalares, e depósitos e mais de trinta vilas de veraneio dos ricos foram cedidos para serem usados como hospitais de guerra. A necessidade de leitos para os feridos era tão desesperadora que em pouco tempo casas particulares muito menores também seriam requisitadas; em setembro, o dr. Bótkin montou uma ala improvisada na própria casa para sete pacientes.

Todos os hospitais militares em Tsárskoe Seló ficaram sob a supervisão da dra. Vera Gedroits, uma aristocrata lituana que foi a médica-chefe no Hospital da Corte e uma das primeiras mulheres a se qualificar como médica na Rússia.[8] O Hospital da Corte ficava numa mansão ampliada e reformada da década de 1850, em Gospitálnaia úlitsa, e durante toda a guerra continuou a atender as necessidades da comunidade local, com um piso superior no prédio principal servindo de sala de cirurgia para os feridos na guerra e uma ala para duzentos combatentes de patentes menores.[9] Um anexo de um único andar no jardim do pátio, construído pouco antes da guerra para isolar pacientes infecciosos, foi convertido em um hospital plenamente funcional em si mesmo, com sala de cirurgia e seis pequenas alas acomodando um total de trinta leitos. Uma das alas era para feridos de todas as patentes trazidos do Hospital do Palácio de Catarina para operações conduzidas por Gedroits; o restante era para oficiais. O anexo — ou “a pequena casa”, ou “a caserna”, como as meninas às vezes o chamavam — tornou-se o centro da vida diária de Olga e Tatiana como enfermeiras da Cruz Vermelha.[39]

Durante seu treinamento no anexo sob os exigentes padrões estabelecidos pela dra. Gedroits, Olga e Tatiana ficaram sob o olhar cuidadoso de Valentina Tchebotariova, filha de um médico militar e enfermeira durante a Guerra Russo-Japonesa. “Como elas eram distantes, no início”, recordou ela sobre os primeiros dias da tsarina e suas filhas no anexo. “Beijávamos suas mãos, trocávamos saudações [...] e só ia até aí.”[10] Mas Alexandra logo disse à equipe que não era para lhes conceder nenhuma atenção especial e as coisas mudaram rápido. Durante seu treinamento, as três mulheres deviam observar Gedroits na sala de

cirurgia e assim se preparar para ajudar nas operações, mas sua principal incumbência nos primeiros dias foi aprender a fazer curativos. Os dias eram particularmente longos para Tatiana, já que ainda estava terminando sua educação e muitas vezes tinha aula no início da manhã. Logo depois, e antes que começassem a trabalhar no anexo, a tsarina e as meninas paravam para rezar diante do ícone milagroso da Mãe de Deus, na pequena igreja de Znamenie, perto do Palácio de Catarina, e chegavam ao anexo por volta das dez da manhã, vestiam os uniformes e começavam a trabalhar.

Toda manhã, Olga e Tatiana recebiam a tarefa de trocar os curativos de três ou quatro pacientes cada uma (embora esse número tenha aumentado à medida que a guerra prosseguia e o número de feridos crescia), bem como empreender inúmeras tarefas menores — enrolar bandagens, preparar chumaços de algodão, ferver o fio de seda usado para dar pontos e costurar na máquina a roupa de cama em más condições. À uma da tarde voltavam para casa, almoçavam e, se o tempo estivesse bom, saíam às vezes para dar uma breve caminhada, andar de bicicleta ou passear de carro com a mãe, mas na maioria das vezes voltavam ao hospital para fazer companhia aos feridos, conversando, jogando jogos de tabuleiro ou pingue-pongue com eles e, nos meses de verão, croqué no jardim com os que conseguiam andar. Muitas vezes ficavam apenas tricotando e bordando peças para os refugiados e órfãos de guerra enquanto os soldados conversavam com elas; de vez em quando, saíam para fumar um cigarro no banheiro. Sempre, inevitavelmente, levavam as câmeras consigo em qualquer oportunidade, para bater fotos com seus oficiais e amigos feridos. Algumas fotografias foram mais tarde reproduzidas em cartões-postais, vendidos para levantar fundos para o auxílio de guerra. Outras, as meninas colavam com cuidado em álbuns e mostravam mais tarde aos pacientes.[11]

Levou algum tempo para Tatiana e Olga se acostumarem a ficar na companhia de estranhos, e Tatiana em particular, como sua mãe, sofria por vezes de uma reticência paralisante. Valentina Tchebotariova lembrou como, num dia em que estavam juntas no andar de cima do Hospital da Corte, tiveram de passar por um grupo de irmãs. Tatiana agarrou sua mão: “É horrível como me sinto constrangida e assustada [...] não sei quem devo cumprimentar e quem não devo”.[12] Essa falta de traquejo social atrapalhava coisas simples como fazer compras. Uma vez, quando esperavam o carro que viria buscá-las para levá-las de volta ao palácio, Olga e Tatiana decidiram passear pela Gostínni dvor — um conjunto de lojas perto do hospital. Não estavam uniformizadas, então ninguém as reconheceu, mas logo perceberam que não tinham dinheiro algum, tampouco sabiam como comprar o que quer que fosse.[13]

Até terem completado o treinamento, no fim de outubro, as meninas e sua

mãe também tinham aula de teoria médica com a dra. Gedroits, em casa, toda tarde às seis horas, após o que Olga e Tatiana normalmente voltavam ao hospital para ajudar a esterilizar e preparar os instrumentos para as cirurgias do dia seguinte, junto a outra enfermeira, Bibi (Varvara Vilchkovskaya), de quem ficaram amigas íntimas. Sempre que as meninas faziam um intervalo no corredor diante das alas, os pacientes capazes de andar saíam para sentar e conversar com elas e lhes contar histórias. As garotas sempre tinham doces para distribuir e muitas vezes levavam frutas e ramalhetes de flores das estufas no Palácio de Alexandre. À noite, alguns homens se reuniam em torno do piano na sala comunitária e cantavam — coisa que Olga e Tatiana apreciavam particularmente —, mas os melhores dias eram os festivais e feriados, quando seriam acompanhadas por Maria e Anastácia, e às vezes até Alexei. Nos dias em que voltavam para casa mais cedo as meninas muitas vezes acabavam ligando para o hospital a fim de conversar uma última vez com seus pacientes prediletos.[14]

As irmãs Romanov e sua mãe não foram minimamente poupadas do choque de sua primeira confrontação com o sofrimento dos feridos e os terríveis danos causados a seus corpos pelas bombas, sabres e balas. Acompanhadas por Anna Vírubova em seu treinamento, viram-se lançadas no olho do furacão, lidando com homens que chegavam “sujos, cobertos de sangue e sofrendo”, como recordou Anna. “Esfregando as mãos em soluções antissépticas, começávamos o trabalho de lavar, limpar e fazer curativos em membros decepados, rostos lacerados, olhos cegos, todas as indescritíveis mutilações do que é chamado de guerra civilizada.”[15] Às vezes, Anastácia e Maria tinham permissão para vê-las tratar dos ferimentos, e a partir do dia 16 de agosto as meninas mais velhas começaram a observar as cirurgias, inicialmente de civis, tratando de apêndices e hérnias e de inchaços que tinham de ser lancetados. Mas logo passaram a presenciar balas sendo retiradas e no dia 8 de setembro assistiram à trepanação para remover um estilhaço de metralha; cinco dias depois testemunharam sua primeira amputação de perna.[16] Uma vez qualificadas, começaram a ajudar — Alexandra em geral dando os instrumentos cirúrgicos para Gedroits e levando embora membros amputados, as meninas enfiando o fio em agulhas cirúrgicas e passando chumaços de algodão. Em 25 de novembro, viram seu primeiro ferido morrendo na mesa de operação; Alexandra contou a Nicolau que suas “pequenas” tinham sido muito corajosas.[17]

Além do treinamento em enfermagem, Olga e Tatiana receberam da mãe

importantes papéis públicos no esforço de guerra, embora o fato de estarem entre estranhos nos comitês diretores da capital fosse algo que ambas temessem e nunca apreciassem. Em 11 de agosto, um *ukaz* imperial foi emitido, estabelecendo o Conselho Supremo para o Cuidado das Famílias dos Soldados e das Famílias dos Feridos e Mortos. Ele foi chefiado por Alexandra, que nomeou Olga vice-presidente, com responsabilidade por seu Comitê Especial de Petrogrado — um dentre numerosos comitês subsidiários estabelecidos em cidades por toda a Rússia com o intuito de angariar fundos para o Conselho Supremo.[18] Um mês depois, Tatiana recebeu um papel similar com o estabelecimento do Comitê de Sua Alteza Imperial a Grã-Duquesa Tatiana Nikoláevna para o Auxílio Temporário dos que Sofrem Privação em Tempo de Guerra. Sob seu administrador chefe, Aleksei Neidgardt, o Comitê Tatiana, como todo mundo veio a chamá-lo, lidou especificamente com o crescente problema de refugiados nas províncias ocidentais da Rússia — em que civis poloneses, judeus, lituanos, letões e rutenos haviam a essa altura se visto envolvidos no combate.

Desde o começo, o Comitê Tatiana se provou um sucesso, em grande parte graças ao conceituado perfil público de Tatiana como filha imperial e seu envolvimento ativo com o trabalho de prover abrigos, cozinhas de sopão, lares para mulheres grávidas carentes e orfanatos. A tediosa burocracia de suas reuniões de quarta-feira em Petrogrado era, porém, um assunto diferente, e ela achou Neidgardt um chato pomposo. Também não gostou das formalidades, como um funcionário se recordou ao se dirigir a ela em um comitê: “Se assim aprouver a sua alteza imperial...”. Tatiana ficou visivelmente constrangida: “ela me olhou atônita e quando sentei a seu lado outra vez deu-me um forte cutucão sob a mesa e sussurrou: ‘Você ficou louco ou coisa parecida para se dirigir a mim desse jeito?’”.[19] Tanto ela como Olga odiavam tais formalidades. “É apenas em nosso hospital que nos sentimos confortáveis e à vontade”, admitiu Olga para um de seus pacientes.[20] Não obstante, ambas seguiram com seus deveres públicos de forma conscienciosa e sem se queixar, Tatiana muitas vezes tendo de lidar com a papelada do comitê após longos dias no hospital. Alexandra ajudou-a com isso, pois o bem-estar dos refugiados tornou-se uma questão cada vez mais urgente à medida que a guerra prosseguia. O orçamento do comitê era imenso e aumentou para vários milhões de rublos — de tal maneira que a doação privada logo não era mais suficiente para sustentá-lo e o governo teve de intervir.[21]

Com Nicolau longe, durante grande parte do tempo, no Stavka — o quartel-general do exército, localizado em um ramal ferroviário perto de Baranovitchi (na atual Bielorrússia) —, Alexandra lhe enviava atualizações regulares sobre o progresso das filhas. Em 20 de setembro, ela descreveu o conforto que era “ver

as meninas trabalhando sozinhas e como vão descobrir mais coisas e aprender a serem úteis".[22] Elas pareceram se adaptar rápido às novas exigências e, como observou Pierre Gilliard, "com sua usual simplicidade e bom humor natural [...] aceitavam a austeridade cada vez maior da vida na corte". Gilliard ficou particularmente impressionado com sua atitude solícita no trabalho e com o fato de que não viam problema em cobrir seus lindos cabelos com a touca de enfermeira ao estilo de freira e em passar a maior parte do tempo uniformizadas. Não estavam brincando de ser enfermeiras — coisa que de tempos em tempos Gilliard observava em outras damas da aristocracia —, mas eram verdadeiras irmãs de misericórdia.[23] A voluntária Svetlana Ofrossímova, que vivera em Tsárskoe Seló por vários anos, também notou isso. "Fiquei admirada com a mudança nelas. Mais do que tudo, fiquei comovida com a expressão de profunda concentração em seus rostos, que estavam mais finos e pálidos. Havia um novo tipo de expressão em seus olhos."[24] Maria Raspútin concordava: "Achei que estavam mais altas, mais sérias, conscientes das responsabilidades da família imperial, decididas a cumprir seu dever com todo o empenho".[25] Isso se aplicava também às irmãs mais jovens; embora seus dias fossem ocupados principalmente com aulas, tinham de se ajustar às longas ausências das irmãs mais velhas e todas elas, com seu pai agora longe durante a maior parte do tempo, tinham de dividir o fardo dos frequentes acessos de enfermidade do irmão e da mãe.[26]

Até a guerra, com tanta conversa sobre as perspectivas de casamento de Olga, bem como a possibilidade de seu futuro papel como herdeira do trono após Alexei, grande parte da atenção inevitavelmente centrara-se nela. Sempre fora a mais extrovertida e faladora das duas irmãs mais velhas, mas durante os anos de guerra foi Tatiana quem brilhou. Antes da guerra, ela parecera dotada de todas as qualidades de coquete, pois, ao contrário de Olga, era muito consciente de sua aparência, tinha talhe de manequim e ansiava por ter as roupas boas e as belas joias das elegantes damas de São Petersburgo. "Qualquer vestido, por mais velho que fosse, lhe caía muito bem", recordou Iza Buxhoeveden: "Ela sabia como vestir suas roupas, era admirada e gostava de admiração".[27] "Era uma grã-duquesa da cabeça aos pés, muito aristocrática e régia", recordou Svetlana Ofrossímova.[28] Desde o início, como enfermeira em treinamento, havia alguma coisa especial acerca de Tatiana que era muito diferente da abertamente emotiva Olga, e que a diferenciava de suas irmãs. Era como se tivesse dentro de si seu mundo completamente privado, distinto.[29] Mas um mundo que Tatiana nunca permitia que se intrometesse em suas habilidades práticas de enfermeira e sua devoção ao dever.

Precisa e às vezes até dominadora, Tatiana podia parecer, para alguns, séria demais e — ao contrário de Olga — carecer de espontaneidade. Mas estava

sempre pronta para ajudar os outros, e sua capacidade de se empenhar, aliada à personalidade altruísta, tornava-a admiravelmente indicada para o trabalho de enfermagem. Sempre que Alexei ficava doente ela ajudava a cuidar dele e seguia as instruções médicas sobre os remédios, além de ficar a seu lado. Também tinha tolerância incondicional às exigências da mãe; "sabia como cercá-la de atenções incessantes e nunca cedia a seus próprios impulsos caprichosos", como recordou Gilliard, algo de que Olga cada vez mais se tornava presa.[30] De fato, em tudo o que fazia, Tatiana Nikoláevna em pouco tempo se provaria dotada do tipo de perseverança de que sua irmã mais velha e emocionalmente mais instável carecia. Diversos médicos e enfermeiras que a observaram — assim como os próprios pacientes — mais tarde disseram que era uma enfermeira nata.

A eclosão da guerra tão pouco tempo após as celebrações do Tricentenário havia inevitavelmente levado a uma completa reviravolta na percepção popular das irmãs Romanov como princesas altivas. Com sua mãe determinando uma moratória em tempos de guerra para a aquisição de quaisquer novas roupas para a família, as fotografias oficiais das esbeltas jovens em vestidos da corte foram substituídas por imagens das irmãs mais velhas de uniforme e de suas irmãs mais novas em roupas um tanto sem graça, comuns, que não condiziam com seu status imperial. Alexandra sentia que a visão de si mesma e das meninas em uniforme ajudava a transpor a distância que havia entre elas e a população de um modo geral, durante a guerra. Alguns viam nisso um terrível erro de cálculo: a vasta maioria dos russos comuns, sobretudo os camponeses, ainda enxergava a família imperial como seres semidivinos e esperava que sua imagem pública projetasse isso. Como observou a condessa Kleinmikhel, "quando um soldado via sua imperatriz usando um uniforme de enfermeira, como qualquer outra enfermeira, ele ficava desapontado. Olhando para a tsarina, a quem imaginava como uma princesa num conto de fadas, pensava: 'Então essa é a tsarina? Mas não existe diferença entre nós'".[31]

Expressões semelhantes de desagrado circulavam entre as damas da sociedade em Petrogrado, que notavam com desdém como as roupas das grã-duquesas eram "comuns", do tipo que "nem uma garota provinciana ousaria usar".[32] Elas desprezavam essa desmistificação das mulheres imperiais — e, pior ainda, sua associação com limpeza de ferimentos, mutilação e corpos masculinos. Ficaram horrorizadas ao descobrir que a imperatriz até cortava as unhas dos pacientes. A negligência protocolar de Alexandra — agindo como enfermeira comum — era vista como um "*beau geste*", "um método ordinário de buscar popularidade".[33] Mesmo soldados rasos ficavam decepcionados ao ver a tsarina e suas filhas realizando os mesmos deveres que outras enfermeiras ou sentando no leito dos feridos, em vez de manter uma augusta distância. "A

intimidade que brotou entre a imperatriz, suas jovens filhas e os oficiais feridos destruiu o prestígio delas", disse a condessa Kleinmikhel, "pois já se disse verdadeiramente: '*Il n'y a pas de grand homme pour son valet de chambre*'."[40][34]

Seja como for, muitos soldados feridos ficaram agradecidos pelo cuidado que receberam de Alexandra e suas filhas durante a guerra. Em agosto de 1914, Ivan Stepánov, um soldado de dezenove anos do Regimento Semiónovsk, chegou ao anexo, em Tsárskoe Seló, sem trocar curativos por mais de uma semana. Consciente de como estava imundo, ficou desconfortável com a perspectiva de ser ajudado pelas enfermeiras que o cercavam na sala de tratamento — uma delas, uma irmã alta e graciosa que sorria bondosamente ao se curvar sobre ele, e diante dela duas jovens enfermeiras que observavam com interesse enquanto suas bandagens sujas eram tiradas. Elas pareciam familiares, onde vira seus rostos? Então, de repente, ele percebeu. "Sério, eram elas? [...] a imperatriz e suas duas filhas?"[35] A tsarina parecia uma mulher diferente — sorridente, aparentando ter menos idade do que realmente tinha. Durante sua permanência no hospital, Stepánov testemunhou muitas dessas ocasiões de carinho e bondade espontâneos dela, bem como de suas filhas.

Maria e Anastácia inevitavelmente invejaram o papel novo e desafiador de suas irmãs mais velhas. Mas logo tiveram um pequeno hospital próprio onde fazer sua contribuição para o esforço de guerra. Em 28 de agosto, o Hospital para Soldados Feridos Número 17 de Suas Altezas Imperiais, Grã-Duquesas Maria Nikoláevna e Anastácia Nikoláevna, foi inaugurado a pouca distância do Palácio de Alexandre, no que era conhecido como Feódorovski Gorodok (aldeia).[36] Construído entre 1913 e 1917 como um anexo à Feódorovski Sobor, nas proximidades, e no mesmo antigo estilo Nóvgorod russo, ele compreendia cinco prédios contidos dentro de uma pequena fortaleza defensiva com torres, ao estilo do Kremlin.[41] Dois edifícios foram designados como um hospital para patentes menores e mais um, para oficiais, foi acrescentado em 1916. As duas irmãs mais jovens fariam visitas diárias após as aulas para sentar e conversar com os feridos, jogar jogos de tabuleiro e até ajudar os pacientes semianalfabetos a ler e escrever cartas. Mais importante, já estavam se acostumando a ficar junto ao leito dos feridos e às vezes tinham de lidar com o trauma de suas mortes. Assim como Olga e Tatiana, batiam muitas fotos de si mesmas com seus pacientes, mas suas atividades também não paravam por aí. Elas davam seu apoio a concertos de caridade para levantar fundos para o hospital e com frequência iam ao grande Hospital do Palácio de Catarina e até a alguns dos hospitais de Petrogrado com a mãe, bem como inspecionavam os trens-hospitais nomeados em homenagem aos vários membros da família. Podiam ser jovens demais para ser enfermeiras, mas estavam longe de passar

imunes ao sofrimento dos feridos, como Anastácia escreveu contando a Nicolau em 21 de setembro:

> Meu precioso papai! Parabéns pela vitória. Ontem visitamos o trem-hospital Alexei. Vimos muitos feridos. Três morreram na viagem — dois deles oficiais [...]. Ferimentos muito graves, de tal forma que dentro de dois dias um soldado deve morrer; eles estão gemendo. Depois fomos ao grande Hospital da Corte: mamãe e nossas irmãs ficaram fazendo curativos e Maria e eu andamos entre os feridos, conversamos com todos, um deles me mostrou um grande fragmento de metralha que tiraram de sua perna, junto de um grande pedaço [de carne]. Todos disseram que querem voltar e se vingar do inimigo.[37]

As meninas escreveram muitas cartas amáveis para o pai no quartel-general do exército, enchendo-as de beijos e desenhando sinais da cruz para protegê-lo. Com todas as quatro e a esposa escrevendo-lhe com devotada regularidade, Nicolau recebia muitas cartas por dia. Grande parte do que as meninas diziam apenas reiterava de forma um tanto lacônica o que a própria Alexandra contava a ele em suas cartas longas e cheias de divagações. Mas as meninas claramente sentiam terrível falta do pai: “Você precisa me levar junto de qualquer jeito da próxima vez”, Maria lhe disse em 21 de setembro, “ou então vou subir sozinha no trem, porque sinto saudade”. “Não quero ir para a cama, bah! Quero estar aí com você, onde quer que esteja, já que não sei onde é”, acrescentou Anastácia dois dias depois.[38] As cartas de Olga e Tatiana sofriam em resultado de sua pesada carga de trabalho e eram muitas vezes bastante superficiais; mas a peculiar individualidade das cartas de Anastácia em geral compensava isso. Sua personalidade jovial, assinando as cartas como “sua devotada escrava de treze anos, Nastácia (Shvíbzig)”, pulava constantemente de um ponto de interesse para o seguinte e deve ter constituído um bem-vindo entretenimento para Nicolau durante as longas semanas longe da família. Em suas cartas, Anastácia adorava se divertir às custas da afeição que Maria começava a sentir por Nikolai (Kólia) Deménkov, um oficial a serviço da Equipagem de Guardas, e a provocava por ele ser gorducho, chamando-o de “o gordo Deménkov”. A própria Maria confidenciava com alegria sua afeição pelo “meu caro Deménkov” ao pai dela, pois Kólia já era um firme favorito entre a família.[39]

Alexandra observara certa vez, numa conversa com Anna Vírubova, que “a maioria das garotas russas não parece ter outra coisa na cabeça além de oficiais”,

mas ela aparentemente não estava levando a sério o que acontecia bem debaixo de seu nariz.[40] Em 1914, continuava infantilizando suas filhas como “minhas pequenas” em cartas ao marido, quando estavam todas crescendo rápido e se tornando jovens com interesse pelo sexo oposto. O que ela via como afeto inofensivo estava, para suas filhas mais velhas, se transformando em encontros românticos vespertinos, conversando sentadas nos leitos dos *nashikh* (“nossos”). Os favoritos de Olga eram Nikolai Karangózov, um corneteiro armênio dos Guardas da Vida, e o “terrivelmente atraente e moreno” David Iedigárov, um muçulmano de Tiflis e capitão do 17º Dragões de Nijegórod, que chegou em meados de outubro e lhe causou forte impressão (só que ele era casado).[41] Iedigárov e Karangózov foram os primeiros dentre vários oficiais trigueiros, fanfarrões, vindos do Cáucaso — muitos dos quais exibindo esplêndidos bigodes —, que chegaram ao anexo durante a guerra.

Tatiana, nesse meio-tempo, caíra de amores pelo charme juvenil do glabro *Stabskapitän* Dmítri Malama, um dos Cossacos de Kuban do próprio regimento de ulanos dela, e que já era praticamente uma lenda por sua bravura ao salvar um colega oficial sob fogo inimigo. Todas as irmãs gostavam de Malama e o achavam incrivelmente doce e de boa índole. Um outro paciente, Ivan Stepánov, lembrava vivamente do jovem oficial “de cabelos claros e bochechas coradas”, tão modesto e com tamanha dedicação a seu regimento que se atormentava pelo fato de estar deitado em um hospital “aproveitando a vida” enquanto outros estavam lá fora combatendo.[42] A primeira vez que Tatiana cuidou de seus ferimentos foi em 26 de setembro; ela era muito orgulhosa de seus ulanos e em poucos dias sentava no leito de Malama a qualquer oportunidade, para conversar e ver álbuns de fotografia, assim como sua irmã fazia com Karangózov, pois ambos partilhavam a mesma ala. Muitas vezes, à noite, eles cantavam, com Olga tocando piano para eles, tornando a ala, segundo Stepánov, a mais barulhenta e animada do anexo.[43] Noites como essas passaram a ser o ponto alto do dia para Olga e Tatiana, mas, assim como Maria e Anastácia, elas adoravam pôr a conversa em dia com outros velhos amigos do exército que sempre chegavam entre um e outro turno de serviço. Homens como o velho favorito de Olga, АКСН, agora mobilizado com o primeiro esquadrão da Escolta do Tsar, que parecia tão “encantador” quanto sempre, e seu colega oficial, o *Stabskapitän* Víktor Zboróvski, parceiro favorito de tênis do tsar, por quem Anastácia começava a mostrar claros sinais de devotada paixão adolescente.

Com sua rotina diária se tornando cada vez mais mundana e em grande parte restrita a Tsárskoe Seló, notícias ruins vindas do front levavam todas as meninas, em particular Olga, a temer por seu pai, mas elas se sentiam em boas mãos com os oficiais da Escolta. Na ausência de tia Olga, trabalhando como enfermeira em

Rovno, Anna Vírubova passara a convidar as quatro irmãs para o chá com esses oficiais em sua casa perto do Palácio de Alexandre. “Às quatro tomamos chá na casa de Anna com Zborovsky e Ch[védov] — o querido”, anotou Olga em 12 de outubro. “Muito contentes por enfim vermos uns aos outros, conversamos alegremente.” Tatiana ficou particularmente feliz nesse mesmo dia por conseguir conversar ao telefone com Dmítri Malama, que recrutara Anna para comprar para Tatiana um presente especial dele — “uma pequena buldogue francesa [...] inacreditavelmente encantadora. Estou tão feliz”.[44] Ela batizou a cadela de Ortipo — o cavalo montado por Malama em seu regimento.[45] Antecipando a chegada de Ortipo, escreveu um de seus típicos bilhetes de desculpas para a mãe:

> Minha mamãe querida,
>
> Perdoe-me sobre o cachorrinho. Para dizer a verdade, quando ele me perguntou se eu queria que ele desse para mim, eu na mesma hora disse que sim. Você lembra, eu sempre quis ter um, e só depois, quando a gente chegou em casa, eu pensei que de repente você podia não gostar de eu ter um [...]. Por favor, meu anjo querido, me perdoe [...]. 1000 beijos da sua filha devotada [...]. Diga, querida, que você não está brava.

Ortipo logo corria feito louca pelo palácio; ela era travessa e bagunceira (e não demorou para ficar prenhe), mas chegou num momento feliz, pois o cachorro de Alexei, Shot, morreu pouco depois e a cadela serviu de companhia para o cachorro de Anastácia, Shvíbzig. Os filhotes de Ortipo, porém, saíram “pequenos e horrorosos”, e a família não ficou com eles.[46] Para a tristeza de Tatiana, Dmítri Malama se recuperou muito rápido dos ferimentos. Ele recebeu alta do anexo em 23 de outubro; “Ai de mim, é horrível”, foi tudo o que ela conseguiu escrever em seu diário.[47]

Em 4 de novembro, as irmãs Romanov fizeram suas últimas provas em cirurgia e dois dias depois, junto a 42 outras irmãs, receberam seus diplomas de enfermagem na sede da Cruz Vermelha em Tsárskoe Seló. A essa altura Alexandra já fundara cerca de setenta hospitais por toda a cidade e nos arredores.[48] O trabalho nos hospitais militares, no início de 1915, recordou Sydney Gibbes, “tornou-se o centro da vida delas e sua ocupação mais absorvente” para todas as quatro irmãs Romanov. Até certo ponto, como era inevitável, a educação das duas mais novas sofreu, “mas a experiência foi tão estimulante que o sacrifício decerto valeu a pena”.[49] Como escreveu Anastácia com entusiasmo para seu professor PVP na época: “Hoje à tarde saímos todas para

andar a cavalo, fomos à igreja e ao hospital e mais nada! E agora já é hora de jantar e depois voltar para o hospital, e essa é a nossa vida, é mesmo!”.[50] A guerra, ironicamente, abrira os horizontes para todas elas.

38 Edith Almedingen serviu de intérprete de russo para Lady Buchanan. O Hospital Colonial Britânico também era conhecido como Hospital Rei Jorge V.
39 Para evitar confusão com o Hospital da Corte e o Hospital do Palácio de Catarina, ele foi formalmente batizado de Hospital de Sua Alteza Imperial Número 3. Em prol da clareza, será mencionado doravante como “o anexo”.
40 Kleinmikhel cita o famoso aforismo de madame Cornuel: “Nenhum homem é herói para seu pajem” — embora o original francês seja “*Il n’y avoit point de héros pour son valet de chambre*”.
41 Muito danificado na Segunda Guerra Mundial, ele está agora sendo restaurado para uso pelo patriarca da Igreja Ortodoxa Russa.

Capítulo Quinze

NÃO PODEMOS LARGAR NOSSO TRABALHO NOS HOSPITAIS



Em janeiro de 1915, um fardo adicional de preocupação foi despejado sobre os ombros das irmãs Romanov quando Anna Vírubova ficou gravemente ferida num acidente ferroviário, na linha entre Petrogrado e Tsárskoe Seló. Ela chegou ao anexo em um estado desesperador, com o ombro deslocado, fratura dupla na perna esquerda, lacerações na direita e na cabeça, além de ferimentos na coluna. Não se esperava que sobrevivesse. Seus pais idosos chegaram; Tatiana os recebeu em lágrimas e gentilmente conduziu os dois pelo corredor. Valentina Tchebotariova lembrou vividamente essa noite:

> Mandaram chamar Grigóri. Achei isso terrível, mas não tinha o direito de julgar outra pessoa. A mulher está morrendo, ela acredita em Grigóri, em sua santidade, em [suas] orações. Ele chegou assustado, a barba desgrenhada e trêmula, os olhos de camundongo de um lado para o outro. Segurou a mão de Vera Ignateva [dra. Gedroits]: “Ela vai viver, ela vai viver”. Mas como ela mesma contou para mim mais tarde: “Decidi bancar a mulher santa no próprio jogo dele, refleti por um momento e então disse, solenemente: ‘Obrigada, mas eu vou salvá-la’”.

A resposta de Gedroits não passou despercebida por Nicolau, que voltara do Stavka na época: “Cada qual em sua seara”, disse, com um sorriso oblíquo para

Gedroits.[1] Ele falou com a médica por algum tempo naquela noite, como lembrou Valentina. Pareceu claro para as duas mulheres que o tsar "sem dúvida, não acreditava na santidade de Grigóri, nem em seus poderes, mas o aturava, como uma pessoa enferma sofrendo que se agarra a qualquer coisa". Mas o próprio Grigóri ficara visivelmente esgotado com a experiência de desejar a recuperação de Anna. Ele mais tarde sempre alegava que havia "erguido Ánnuchka dos mortos", pois contra todas as probabilidades ela de fato se recuperou.[2]

Após seis semanas de cuidados dedicados, Anna conseguiu voltar para casa, mas sua recuperação foi lenta e ela ficou inválida com os ferimentos pelo resto da vida. Enquanto isso, no começo desse ano, tendo se esforçado incansavelmente desde o primeiro dia da guerra a despeito da saúde já debilitada, Alexandra teve um colapso. O dr. Bótkin lhe ordenou que ficasse de cama por seis semanas. "O trabalho como enfermeira no hospital, e auxiliando nas cirurgias, limpando e fazendo curativos nos ferimentos mais horríveis", explicou Alexandra a um amigo, "é muito menos cansativo do que as horas visitando hospitais e conversando com os pobres pacientes." Ela lutava para prosseguir com parte de seu trabalho no anexo, "comparecendo do modo mais privado e inesperado possível, mas nem sempre conseguindo [...]. O maior conforto é estar com os estimados feridos e sinto terrível falta de meus hospitais".[3] Quando suas energias lhe faltavam, Alexandra lia e escrevia relatórios na cama, enquanto tomava "muito ferro, arsênico e remédio em gotas para o coração".[4]

Durante as semanas subsequentes, além de seus deveres de enfermagem no hospital, Olga e Tatiana passavam os dias visitando Anna e muitas vezes ficando com sua mãe ou Alexei, que sofria com dores recorrentes nos braços, de fazer muito esforço ao brincar. Os momentos de prazer eram cada vez mais raros, mas sempre que podia Tatiana escapava sozinha à tarde para andar a cavalo. À noitinha, enquanto as outras irmãs muitas vezes se distraíam com jogos de tabuleiro ou o gramofone, ou enquanto Anastácia se ocupava dos dois cachorros — limpando suas inúmeras trapalhadas —, Tatiana ficava quieta lendo poesia. Ela achava a mais recente indisposição da mãe difícil de aguentar e se atormentava o tempo todo por não estar fazendo o suficiente para lhe dar apoio: "Mamãe, querida, estou tão terrivelmente triste. Vejo você tão pouco [...]. Não interessa se as irmãs vão cedo para a cama — eu vou continuar. Para mim, é melhor dormir menos e ver você mais, minha adorada". "Em momentos assim", disse a Alexandra, "lamento não ser homem."[5] Precisava agora reunir toda a sua força de caráter para lidar com os muitos deveres que lhe eram exigidos, como contou a Nicolau em maio:

> Hoje eu estava no hospital fazendo curativos nesse pobre soldado infeliz com amputações na língua e nas orelhas. Ele é jovem e tem um rosto adorável, é do distrito de Orenburg e não pode falar, então escreveu como tudo lhe acontecera, e mamãe me pediu que enviasse a você [...] e ele ficou muito feliz. A princesa Gedroits espera que com o tempo ele volte a falar, já que apenas metade de sua língua foi amputada. Ele sente muita dor. Perdeu o topo da orelha direita e a parte de baixo da esquerda. Lamento pelo pobre homem. Depois do almoço, mamãe e eu fomos a Petrogrado para o Conselho Supremo. Ficamos lá por uma hora e meia — foi terrivelmente chato [...] então mamãe e eu demos a volta toda no depósito de suprimentos. E só voltamos agora, às cinco e meia.[6]

Alexandra estava convencida de que o trabalho no comitê era "muito bom para as meninas"; iria lhes ensinar a se tornar independentes e "desenvolvê-las muito mais, tendo de pensar e falar por si mesmas, sem minha ajuda constante".[7] Parece estranho que, acreditando nisso, não tivesse permitido às filhas um papel maior na sociedade antes dessa época; caso o tivesse feito, elas não estariam ainda lutando com o intenso constrangimento que sofriam ao comparecer a reuniões de comitê. Tatiana disse que essas reuniões a deixavam com vontade de "mergulhar embaixo da mesa, de pavor". Quanto a Olga, além de acompanhar a mãe nas intermináveis reuniões do Conselho Supremo, tinha de se sentar e receber doações toda semana, o que Alexandra julgava igualmente bom para ela: "vai se acostumar a ver pessoas e ouvir o que está acontecendo", contou a Nicolau, embora às vezes se desanimasse com a filha: "Ela é uma criança inteligente, mas não usa o cérebro o suficiente".[8]

Com a chegada da primavera de 1915, a família só podia recordar como era a vida antes da guerra com uma ponta de pesar. Continuava nevando em Tsárskoe Seló em meados de abril, mas uma amiga em Livádia lhes enviara flores da Crimeia — glicínias, chuvas-de-ouro, íris roxas, anêmonas e peônias — de presente. "Vê-las no vaso de alguém me deixa bastante melancólica", contou Alix a Nicky. "Não parece estranho, o ódio e o derramamento de sangue e todos os horrores da guerra — e lá simplesmente o Paraíso, sol, flores e paz [...]? Meu Deus, quanta coisa aconteceu desde a vida pacífica e confortável nos fiordes!"[9] Todos desejavam a visita anual à Crimeia. Mas o dever era soberano, como Tatiana afirmou à esposa de Pável Vóronov, Olga, em junho: "É o primeiro verão que não vamos passar em Peterhof. Não podemos largar nosso trabalho nos hospitais. É desolador pensar que não haverá iate nem escolhos. É uma pena que não haja mar aqui".[10]

As meninas de tempos em tempos ainda viam Pável e Olga quando visitavam Tsárskoe Seló, mas o triste verão de 1913 e todo o sofrimento ligado a ele agora haviam evaporado para Olga, cujos pensamentos desde o fim de maio vinham cada vez mais girando em torno de um recém-chegado ao anexo: Dmítri Chakh-Bágov, um ajudante de ordens georgiano servindo com os Granadeiros da Vida do Regimento Erevan, um dos mais antigos e prestigiados do exército russo e o mais apreciado pela família imperial depois da Escolta. Mas a estada de Dmítri foi curta: "Após a ceia falei ao telefone com Chakh-Bágov e me despedi, pois ele vai voltar a seu regimento amanhã", escreveu Olga em seu diário no dia 22 de junho. "Lamento por ele, meu querido, é terrível, ele é tão adorável."[11] Tatiana também teve um paciente favorito do mesmo regimento — um guarda-marinha do Azerbaijão chamado Serguei Mélik-Adámov. Tinha a aparência trigueira e o grande bigode arquetípicos de seus predecessores, mas os outros pacientes achavam seu rosto bexiguento desagradável, e suas piadas em voz alta, um constrangimento.[12]

A partida de Dmítri Chakh-Bágov teve um efeito marcado e imediato: "A querida Olga Nikoláevna ficou triste", recordou outro paciente, Ivan Beliáev, "suas maçãs perderam o rubor costumeiro e seus olhos se anuviaram com lágrimas."[13] Logo depois, o oficial comandante de Dmítri, Konstantin Popov, foi trazido, ferido, para se juntar a Mélik-Adámov na Ala "Erevan". "As grã-duquesas saudaram-me como se eu fosse um velho amigo", recordou ele, e começaram a fazer perguntas sobre como era o regimento, sobre os oficiais conhecidos delas e assim por diante.

> Que pessoas simples e adoráveis, pensei instintivamente, e a cada dia fiquei mais e mais convencido disso. Eu era uma testemunha do trabalho diário delas e fiquei abismado com sua paciência, sua persistência, sua grande capacidade para o trabalho difícil e sua ternura e sua bondade para com aqueles que as cercavam.[14]

Nem cinco semanas depois, para grande alegria de Olga, e a despeito das circunstâncias infelizes, Dmítri Chakh-Bágov foi trazido de volta ao hospital, tendo se ferido seriamente numa missão de reconhecimento perto de Zagrody, no leste da Polônia. Ele chegou a 2 de agosto, de maca, com uma perna destroçada e um ferimento na mão, bem mais magro e com aspecto muito pálido, e foi na mesma hora levado de volta a seu antigo leito, na Ala Erevan.[15] Foi operado e teve a perna engessada, mas, embora devesse permanecer confinado ao leito,

logo estava de pé e coxeando em volta de Olga como um cãozinho devotado. “Não demorou para ficar óbvio que a antiga disposição voltara [...] e seus olhos doces brilharam mais uma vez”, notou Ivan Beliáev.[16] O Dmítri de Olga agora começava a aparecer regularmente em seu diário na carinhosa forma de Mítia. Ela passou cada precioso momento que pôde em sua companhia — sentada a seu lado no corredor, no balcão e na ala, bem como ao final do dia, quando esterilizava os instrumentos e preparava os chumaços de algodão. Tinha todos os motivos para nutrir sentimentos profundos por ele, pois todo mundo gostava de Mítia. Konstantin Popov era profuso em seus elogios: “um oficial distinguido e corajoso, um raro amigo e homem de maravilhosa boa índole. Se acrescentarmos a isso sua aparência bem-apessoada e sua grande aptidão para usar o uniforme e se portar com distinção, teremos então um exemplo do jovem oficial Erevan de quem nosso regimento se orgulha de verdade”.[17] Mítia era “muito meigo e tímido, como uma menina”, lembrou Ivan Beliáev, e, além do mais, “era evidente que estava perdidamente apaixonado por sua enfermeira. Suas bochechas ficavam vermelhas e brilhantes sempre que olhava para Olga Nikoláevna”.[18]

Embora Olga pudesse ter ficado com a cabeça virada, não houve nenhuma diminuição na compaixão e nos cuidados que ela, como Tatiana, continuava a oferecer a todos os pacientes. Valentina Tchebotariova lembrava-se de uma cirurgia particularmente traumática à qual as duas irmãs haviam assistido e todo o amargor com que choraram quando o paciente morreu. “Como são poéticos os carinhos de Tatiana Nikoláevna! Com que cordialidade ela fala quando pega o telefone e lê os telegramas sobre seus feridos”, escreveu Valentina em seu diário. “Que garota boa, pura e profunda de sentimentos ela é.”[19] Nesse verão, a tão reservada Tatiana, que até então mostrara apenas um interesse passageiro por Dmítri Malama, pareceu se apaixonar por Vladímir Kiknadze — ou Volódia, como logo o estava chamando —, mais um georgiano e um segundo-tenente a serviço do 3º Regimento de Guardas de Rifle. As duas irmãs começaram a desfrutar de encontros românticos a quatro no jardim, jogando croqué com Kiknadze e Chakh-Bágov, e a se habituar a trocas de sorrisos e confidências, sentando em seus leitos e olhando álbuns e tirando fotografias uns dos outros. A guerra, por um tempo, não pareceu tão sombria.

Durante todo o ano de 1915, Nicolau conseguira voltar com regularidade a Tsárskoe Seló, mas em agosto tomou uma decisão muito importante que o

afastaria da família por períodos ainda mais longos. Uma sucessão de derrotas russas no front oriental, resultando numa retirada em massa da Galícia, já presenciara 1,4 milhão de russos mortos e feridos e 1 milhão de capturados. O moral no exército imperial pobremente equipado estava se esvaindo de forma brutal. Em resposta, ele dispensou o tio, o grão-duque Nikolai, do posto de comandante em chefe do exército e assumiu o comando ele mesmo, transferindo o Stavka para Mogilev, 790 quilômetros a sul de Petrogrado. Essa decisão, como todas as outras que o tsar tomou durante a guerra, foi guiada por sua crença profundamente arraigada de que as pessoas confiavam nele como seu líder espiritual e que o destino dele mesmo, de sua família e da Rússia estava nas mãos de Deus. Às dez da noite do dia 22 de agosto, as crianças foram para a estação com ele. “Meu precioso papai!”, escreveu Olga assim que ele partira. “Como é triste ver você indo embora, mas dessa vez é com um sentimento especial de alegria que o vemos partir, porque todos nós acreditamos firmemente que sua chegada vai mais do que elevar o bravo espírito de nosso poderoso exército nacional.” “Aqui estou eu com essa *nova* e onerosa responsabilidade sobre os ombros!”, Nicolau afirmou a Alexandra quando chegou. “Mas a vontade de Deus será cumprida — sinto-me muito calmo.”[20] Dois meses mais tarde ele tomou outra importante decisão: no fim de uma visita ao lar, levou Alexei de volta consigo para o Stavka, em parte pela companhia, já que sentia saudades terríveis da família, mas também porque tanto ele como Alexandra acreditavam que a presença do tsarévitch seria um imenso incentivo para o moral do exército. Alexei, agora com onze anos, ficou em êxtase; por mais que amasse a mãe, estava desesperado para fugir de sua presença sufocante e, sem dúvida, também da superproteção de suas irmãs. Como se queixaria mais tarde: “Odeio voltar a Tsárskoe Seló e ser o único homem entre todas aquelas mulheres”.[21]

Desde o início da guerra, Alexei vinha brincando de soldado em casa, pavoneando-se, orgulhoso, em seu sobretudo idêntico ao do exército — “um perfeito militarzinho”, como Alix disse a Nicky —, montando guarda, cavando trincheiras e fortificações nos jardins do palácio com seu *diádka* e, como resultado do esforço, às vezes sofrendo dores excruciantes nos braços.[22] Mas, exceto isso, gozava de saúde melhor do que tivera em anos, e por algum tempo não sofreu ataques sérios. Era duro para Alexandra deixar seu menino partir, mas ela concordou sob a condição de que os estudos de Alexei não fossem interrompidos. No entanto ele estava, a essa altura, lamentavelmente atrasado em suas aulas, e embora PVP e Pierre Gilliard o acompanhassem ao Stavka, era raro ele se empenhar num dia inteiro de aula, preferindo as distrações de disputar jogos de tabuleiro, tocar sua balalaica e desfrutar da companhia de seu novo cachorro, um cocker spaniel chamado Joy.[23] No Stavka, Alexei estava em seu

elemento, partilhando as mesmas condições de vida espartana do pai, dormindo em camas de campanha, saindo em expedições para acampamentos militares, inspecionando as tropas com ele e apreciando a camaradagem dos soldados, e extraindo especial prazer de nadar com o pai no rio Dnieper. Enquanto isso, em Tsárskoe Seló, todos na comitiva sentiram a ausência de pai e filho: "a vida no Palácio Imperial se tornou, se possível, ainda mais tranquila", recordou Iza Buxhoeveden. "Todo o lugar parecia morto. Não se via movimento no grande pátio. Nós, damas de companhia, íamos ter com a imperatriz atravessando uma série de salões vazios."[24] Sempre que Nicolau e Alexei voltavam, em visita, "o palácio explodia de vida".

No Stavka, o jovem herdeiro causou forte impressão em todos que o conheceram. Sem dúvida, ainda podia ser uma peste — em particular à mesa, onde tinha mania de jogar bolinhas de pão nos ajudantes de ordens do pai.[25] Mas sua energia extraordinária animava o ambiente. "A primeira vez que vi o tsarévitch foi quando a porta de nosso camarote se abriu de supetão e ele entrou como um vendaval", recordou o adido naval norte-americano Newton McCully:

> Cheio de vida, com aparência saudável, e um dos rapazinhos mais belos que jamais vi, fiquei particularmente feliz por estar tão próximo, pois escutara inúmeros rumores sobre estar paralisado — deformado pelo resto da vida — e assim por diante. Não se poderia ver criança mais bela. Sem dúvida, esteve enfermo, mas não há sinais de enfermidade nele por ora — quando muito, talvez uma vitalidade exuberante demais, talvez um organismo hiperexcitado.[26]

Em meados de outubro, Alexandra, Anna Vírubova e as meninas visitaram Mogilev, a tempo de ver Alexei receber a Medalha de São Jorge da quarta classe. Todas elas ficaram deliciadas em presenciar a contínua melhora da saúde e das forças dele. "Estava se desenvolvendo de forma maravilhosa durante o verão, tanto em vigor físico como em alegria espiritual", recordou Anna Vírubova. "Com seus tutores, o sr. Gilliard e Petrov, fazia suas estrepolias e brincava como se a enfermidade lhe fosse coisa desconhecida."[27] Para as meninas, a visita foi uma pausa bem-vinda em suas vidas quase monásticas em Tsárskoe Seló. No Stavka, tinham mais liberdade para passear; elas passavam momentos brincando com os filhos de trabalhadores ferroviários e camponeses locais (que Tatiana fotografou para seu álbum, anotando escrupulosamente todos os seus nomes), embora mais uma vez se comentasse à boca miúda que as irmãs imperiais não

deviam se aviltar em suas amizades e que a aparência delas era relapsa e “pouco régia”.[28]

A Casa do Governador em Mogilev, que servia de quartel-general, estava cheia demais para acomodar toda a família, então Alexandra e as meninas ficaram no trem imperial, onde Nicolau e Alexei jantavam em sua companhia, ao anoitecer. O trem estava parado no meio de uma região rural arborizada e as garotas puderam sair para caminhar sem serem observadas nem reconhecidas. Nos bosques, fizeram fogueiras e assaram batatas com membros da Escolta do Tsar, assim como costumavam fazer em suas férias na Finlândia; dormiram ao sol no feno recém-cortado e até fumaram ocasionalmente um cigarro que Nicolau lhes dava. Durante o resto do tempo, passearam de barco no rio Dnieper e brincaram de esconde-esconde no trem imperial, e até fizeram visitas ocasionais ao cinematógrafo local em Mogilev.[29] Mas em muitas das fotografias tiradas nesse mês de outubro Olga parecia distante e pensativa, com frequência sentada longe dos demais. Ela voltou do Stavka com uma forte tosse e Valentina Tchebotariova imediatamente ficou preocupada, não apenas com sua disposição melancólica, mas também com sua saúde em visível declínio:

> Seus nervos estão em frangalhos, ela emagreceu e está mais pálida. Não tem conseguido fazer curativos ultimamente, não aguenta olhar para os ferimentos e fica aflita na sala de cirurgia, irritável, tenta fazer as coisas e não consegue se controlar — ela sente tontura. É horrível ver a criança, como está triste e extenuada. Dizem que é exaustão.[30]

Em suas posteriores memórias, Anna Vírubova alegou que embora Tatiana, desde o início, demonstrasse “capacidade extraordinária” como enfermeira, “Olga, com dois meses [de treinamento] estava quase exausta e nervosa demais para continuar”.[31] Ficou claro que a pesada carga de trabalho tinha um preço alto para ela, que era menos resistente, emocional e fisicamente, do que Tatiana, e também muito menos focada. Ela não podia lidar com o trauma de algumas operações que presenciava, tampouco era capaz de se entregar à rotina regular com a mesma facilidade que sua irmã. E agora se distraía mais uma vez com seus sentimentos — dessa vez por Mítia Chakh-Bágov. O cansaço que estava sentindo era agravado pela anemia severa, e, como sua mãe, ela foi submetida a um tratamento de injeções diárias de arsênico. “Condição de Olga ainda não excelente”, telegrafou Alexandra a Nicolau em 31 de outubro, acrescentando em uma carta que a filha deles havia “acabado de se levantar para um passeio de

carro e agora depois do chá continua no sofá e vamos jantar lá em cima — esse é meu tratamento — ela deve ficar mais deitada, pois anda muito pálida e cansada — as injeções de arsênico vão fazer efeito num piscar de olhos, você vai ver”.[42][32]

Dias depois, estavam todos comemorando o aniversário de vinte anos de Olga, mas nos últimos tempos ela mal estivera no anexo, e, quando o fazia, como contou a seu pai, “ficava praticamente inativa, apenas sentada com eles. Mas ainda me obrigam a deitar bastante”. Ela não gostava das injeções diárias de arsênico do dr. Bótkin: “Fico um pouco com cheiro de alho, o que não é agradável”.[43][33] Fossem quais fossem seus pensamentos íntimos nessa época, Olga, como suas irmãs, mantinha o comportamento estoico da família. Sua colega enfermeira Bibi por acaso estava visitando o palácio certa noite quando Olga e Tatiana se trocavam para jantar e escolhiam joias. “Só acho uma pena que ninguém possa me apreciar desse jeito”, gracejou Olga, “só o papai!” O comentário foi feito, como Bibi contou a Valentina, totalmente sem afetação. “Em dois tempos seu cabelo está arrumado (embora sem nenhum penteado especial) e sem nem ao menos dar uma olhada no espelho.” Era típico de Olga mostrar pouco interesse por sua aparência ou se incomodar com o que outros achavam. Durante as horas deitada em casa, sem se sentir bem, a camareira Nyuta trouxera para Olga uma gravação de gramofone — “Goodbye Lou-Lou”. “Ecos, sem dúvida, de coisas vistas no hospital”, escreveu Valentina em seu diário, talvez aludindo a canções entoadas pelos amigos oficiais de Olga por lá. “É triste para as pobres crianças ter de viver nessa gaiola dourada.”[34]

Quando enfim conseguiu, Olga voltou ao anexo, mas com uma carga de trabalho bem mais reduzida, sobretudo tomando temperaturas, escrevendo prescrições e arrumando roupa de cama danificada na máquina de costura. A maior parte da tarefa de trocar curativos toda manhã era agora feita por Tatiana, que também aplicava as injeções e ajudava Gedroits na cirurgia. Valentina e Tatiana recentemente haviam tido de lutar com um ferimento gangrenado particularmente desagradável que exigira amputação urgente. Enquanto Valentina corria para preparar a novocaína, Tatiana, sem necessidade de instrução, havia reunido todos os instrumentos e preparado a mesa de operação e os lençóis. Durante a cirurgia, uma grande quantidade de pus foi drenada da ferida e ao menos dessa vez até Valentina se sentira nauseada. “Mas Tatiana Nikoláevna não foi afetada por aquilo, apenas estremecia com os gemidos e lamentos do paciente, e corou até ficar escarlate.” Ela voltou ao hospital às nove naquela noite para esterilizar os instrumentos com Olga e visitou o paciente às dez, pouco antes de ir embora. Infelizmente, a condição dele piorou durante a noite e ele morreu.[35]

Era com esse tipo de situação traumática que Olga não era mais capaz de lidar, embora fizesse visitas por algum tempo na maioria dos dias, sobretudo enquanto Mítia continuava por lá. E agora Tatiana se animava com a volta de Volódia Kiknadze, que fora ferido outra vez. Os aconchegantes encontros a quatro de que haviam desfrutado um pouco antes, no verão, eram mais uma vez retomados, com as meninas trabalhando à noite na esterilização de instrumentos e no preparo de chumaços. “Quem pode dizer o drama que Olga Nikoláevna estava vivendo”, escreveu Valentina. “Por que está definhando, se tornou tão magra, tão pálida: será que está apaixonada por Chakh-Bágov?” Valentina estava preocupada com a quantidade de tempo que as irmãs passavam com seus dois favoritos: “Assim que termina os curativos, Tatiana Nikoláevna vai cuidar das injeções, e depois fica a sós com K[iknadze] [...] ele senta ao piano, tocando algo com um só dedo, e conversa animadamente com nossa querida menina por um longo tempo”. Bibi também se preocupava; e se Elizaveta Naríchkina topasse com “essa pequena cena”? Ela morreria de choque.

> Chakh-Bágov tem febre e está acamado. Olga Nikoláevna passa o tempo todo sentada junto a seu leito. O outro par se uniu a eles ontem e ficou lado a lado na cama, olhando o álbum. K[iknadze] se aconchega nela. O adorável rosto infantil de Tatiana Nikoláevna não consegue ocultar coisa alguma e está corado e animado. Mas toda essa proximidade íntima, todo esse contato físico não são perigosos? Fico angustiada com isso. Os outros estão ficando com ciúme e incomodados e imagino que fofoquem e espalhem pela cidade, e talvez até além.[36]

A dra. Gedroits partilhava da preocupação de Valentina; ambas achavam que Volódia Kiknadze era um mulherengo e estava desencaminhando a impressionável Tatiana. Gedroits decidiu mandá-lo para recuperação na Crimeia, ou antes — como tanto ela como Valentina encaravam — mantê-lo “fora de perigo”. Nem Mítia, o “precioso” de Olga, escapou de censura; Gedroits descobrira que certa vez, quando estava bêbado, ele mostrara para outro paciente as cartas particulares que Olga lhe escrevera. “Isso é positivamente a gota d’água! Pobres meninas!”[37]

No Stavka, a 3 de dezembro de 1915, Nicolau anotou em seu diário que

“Alexei começou a ficar resfriado ontem”; primeiro foram espirros e depois veio o sangramento nasal.[38] Incapaz de estancar o sangramento, o dr. Fiódorov aconselhou que Alexei fosse levado de volta a Tsárskoe Seló. Quando chegaram, no dia 6, Anna Vírubova ficou chocada com

> a palidez de cera, sepulcral, do pequeno rosto pontudo enquanto o menino, com infinito cuidado, era levado ao palácio e deitado em sua caminha branca. Acima das bandagens encharcadas de sangue seus grandes olhos azuis nos fitavam com *páthos* inefável, e parecia a todos em volta da cama que a derradeira hora da infeliz criança se apresentava.

Mandaram chamar Grigóri, é claro, e ele chegou pouco depois. Assim como antes, ficou por um tempo junto à cama de Alexei e fez o sinal da cruz acima dele. Então virou-se para Alexandra e disse: “Não fique alarmada. Nada vai acontecer”; depois saiu.[39] Ela não obstante ficou sentada ao lado do filho a noite toda e só foi para a cama às oito da manhã seguinte; “meia hora mais tarde levantou e foi à igreja”, Tatiana disse a Valentina.[40] No dia seguinte, um especialista chamado dr. Poliakov foi convocado e conseguiu cauterizar o sangramento. Alexei permaneceu de cama até 18 de dezembro, mas continuava muito frágil. Um Nicolau desconsolado voltara sozinho ao Stavka no dia 12.

Com a aproximação do Natal de 1915, Olga e Tatiana sentiam-se melancólicas: Mítia e Volódia estavam para receber alta do hospital. As meninas pediram a sua mãe que intercedesse, de modo que eles pudessem ficar ao menos até as férias. No dia 26, as meninas “se organizaram para ir apenas por uma hora para fazer os curativos” no anexo, embora não sem “pensamentos secretos” de conversar com Mítia e Volódia, como Valentina bem sabia. Ela estava ansiosa por ver Kiknadze pelas costas, de quem ouvira dizer que andava se gabando de sua conquista. “As pessoas estão fofocando, elas percebem como ele fica constantemente levando-a para um canto da ala, sempre longe dos outros [...] sempre sussurrando coisas com calma, em segredo, em voz baixa.” A dra. Gedroits estava “furiosa” com esse comportamento impróprio.[41]

Em 30 de dezembro de 1915, Olga anotou de forma melancólica em seu diário que “Mítia estava na comissão, depois voltou e ficamos sentados juntos o tempo todo, jogando dama, e foi tão simples. Ele é bom, Deus sabe”. À noitinha, ela conversou com ele ao telefone e escutou a notícia que temera: “Ele recebeu ordens súbitas de seu regimento de que deveria ir para o Cáucaso em dois dias”.[42]

42 O arsênico era um remédio popular para essas enfermidades na época. Por exemplo, Dorothy Bosanquet, esposa de um diplomata, passou algum tempo em Tsárskoe Seló em abril de 1916, quando se recuperava de uma pleurisia, em que ia toda tarde ao Hospital do Palácio para receber uma injeção de arsênico por cinquenta copeques cada.
43 Se aquecido, o arsênico oxida e produz trióxido de arsênico, cujo cheiro lembra o de alho. O arsênico simples cheira a alho quando evapora.

Capítulo Dezesseis

A VIDA LÁ FORA



Na primavera de 1916, a crise de refugiados no Império Russo se agravara enormemente, com algo como 3,3 milhões de pessoas, muitas delas judeus desalojados do Pale, a zona de assentamento judaico na Rússia, pelo combate no front oriental.[1] Com a necessidade urgente de mais abrigos, orfanatos e cozinhas de sopão, a grã-duquesa Tatiana Nikoláevna publicou um apelo sincero por auxílio a seu comitê na imprensa russa. “A guerra arruinou e dispersou milhões de nossos pacíficos cidadãos”, escreveu ela.

> Sem teto e sem alimento, os infelizes refugiados estão buscando abrigo por todo o país [...]. Apelo a vocês, todas as pessoas de bom coração, que ajudem os refugiados, física e moralmente. Ao menos lhes concedam o conforto de saber que vocês compreendem e nutrem sentimentos por eles em sua infinita miséria. Lembrem-se das palavras de nosso Senhor: “Pois tive fome, e vós me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e vós me acolhestes” [Mateus 25,35].[2]

O Comitê Tatiana buscou não apenas amparar os refugiados, mas também registrá-los e reunir as famílias separadas pela guerra. Em particular, trabalhou para assegurar o bem-estar das crianças — muitas chegando da zona de guerra num estado lastimável, com inanição e cheias de piolhos —, fundando orfanatos e escolas. No início de 1916, um sétimo lar para crianças refugiadas e suas mães

foi aberto em Petrogrado sob os auspícios do comitê. Ele foi fundado por americanos na cidade, liderados pela esposa do embaixador, a sra. George Marye; mais tarde nesse ano, os americanos doaram quinze ambulâncias para o campo de batalha.[3] Os ingleses também colaboraram, enviando uma equipe de enfermeiras e médicas para cuidar do British Women's Maternity Hospital em Petrogrado, que o Comitê Tatiana estava apoiando com a soma de mil rublos por mês.[4]

Após mais de um ano de guerra, a notícia sobre o trabalho exemplar da imperatriz e de suas duas filhas mais velhas se espalhara na imprensa europeia. Olga e Tatiana eram idealizadas como heroínas virtuosas, "As lindas 'Irmãs Brancas' da guerra", encabeçando um exército de "mulheres caridosas portando o símbolo branco-neve da paz e a cruz vermelha da redenção".[5] O jornalista britânico John Foster Fraser lembrava que uma celebração "de três dias do Dia da Bandeira para arrecadar dinheiro para os refugiados começou com uma grande cerimônia religiosa diante da Catedral de Kazan":

> A ideia de ajudar as distantes vítimas da guerra veio da grã-duquesa Tatiana, de dezessete anos [...]. Ela é alta, morena, bonita e brincalhona, e os russos adoram-na [...]. Quando ela começou seu fundo para conseguir alimento e roupas para o povo da Polônia, foi como o aceno de uma varinha mágica [...]. A atração por suas lindas princesas era irresistível [...]. Teria sido difícil encontrar uma vitrine em Petrogrado onde não houvesse uma grande fotografia da jovem, com um olhar de soslaio levemente brilhante, como que a perguntar: "bem, quanto você doou?".[6]

Alexandra ficou deliciada em contar a Nicolau, em 13 de janeiro, que o dia do nome de Tatiana "foi comemorado na cidade com grande pompa. Houve um concerto e apresentações no teatro [...]. O retrato autografado de Tatiana foi vendido junto do programa".[7] O dinheiro obtido com a venda de cartões-postais e retratos de Tatiana ia para os fundos de seu comitê. "Vi cavalheiros idosos saracoteando pela Névski com uma longa fieira de pequenas fotografias da princesa diante do peito rotundo, como a enfiada de medalhas no peito de um policial de Petrogrado", relatou John Foster Fraser, "e isso é maravilhoso."[8] Para outros, porém, a família imperial estava "cercada por muro após muro de isolamento do povo", escreveu o americano Richard Washburn Child, "a tsarina e as quatro filhas, Olga, Tatiana, Maria e Anastácia, têm algum interesse por caridade, mas no mais são reais para o povo russo apenas por meio de suas

fotografias”.[9]

O perfil público de Tatiana, contudo, fora consideravelmente promovido pelo trabalho crucial de seu comitê, em comparação com o papel menos visível de Olga no Conselho Supremo, embora isso, sem dúvida, tivesse muito a ver com seu declinante estado de saúde. A mãe das duas também se ausentara de reuniões em Petrogrado, bem como no hospital anexo, desde antes do Natal. Ela passou a maior parte de janeiro e fevereiro sofrendo de nevralgias e dores de dente excruciantes e recorrentes, bem como de problemas com seu coração “dilatado”, que a deixavam “constantemente com lágrimas” de dor.[10] O dr. Bótkin lhe aplicou um tratamento de eletroterapia para a nevralgia e seu dentista a visitou numerosas vezes, enquanto Alexandra continuava a se automedicar com uma ampla variedade de remédios, inclusive ópio e “Adônis e outras medicações em gotas para acalmar seu batimento cardíaco”.[11] Anastácia tinha bronquite e Alexei também não estava bem, com dor nos braços de andar de trenó. “Os dois braços estão com bandagens e o direito ontem mesmo doía”, contou Alexandra a Nicolau. Grigóri, desde o acidente de Anna no ano anterior, ficara constantemente por perto para rezar e oferecer conselhos sábios, e disse a ela que a dor de Alexei iria “passar dentro de dois dias”.[12] A influência cada vez maior de Raspútin sobre a imperatriz na ausência do marido e os agora constantes conselhos sobre assuntos militares e políticos sussurrados em seus ouvidos vinham atiçando as chamas da intriga ainda mais nos últimos tempos. “O ódio cresce não a um ritmo diário, mas de hora em hora”, escreveu uma ansiosa Valentina Tchebotariova, “e se transmite para nossas pobres meninas desafortunadas. As pessoas acham que elas têm a mesma propensão que a mãe.”[13]

Para Tatiana e Olga, a vida prosseguia em seu curso estreito, repetitivo. A imprensa estrangeira podia lembrar a seus leitores que sob a touca de enfermeira em tempos de guerra elas ainda eram consideradas “as filhas da realeza mais belas da Europa” enquanto especulava mais uma vez sobre alianças matrimoniais com os Estados balcânicos, mas para Olga os pensamentos românticos ainda estavam firmemente enraizados em seu quintal.[14] Mítia Chakh-Bágov se recuperara e receberia alta hospitalar no início de janeiro, e ela estava recebendo muito mal a perspectiva dessa segunda partida. “Olga está com uma expressão trágica outra vez”, Valentina teve a tristeza de registrar. Parte disso, achava ela, era uma reação à fofoca sobre sua mãe e Raspútin. Havia uma aura de “terrível sofrimento reprimido” em torno dela:

> Talvez a partida iminente de Chakh-Bágov esteja contribuindo para isso —

> seu cavaleiro fiel está de partida. É de fato um belo sujeito. Ele a venera como se ela fosse um objeto sagrado. “Olga Nikoláevna só precisa me dizer que acha Grigóri revoltante e ele estará morto no dia seguinte — eu o matarei.”[15]

Valentina achava que os instintos de Mítia eram “primitivos”, mas que ele era um “homem honesto”. Tatiana, nesse ínterim, continuava trabalhadora, modesta e de “uma gentileza comovente”. “Tudo continua a mesma coisa de sempre por aqui”, ela contou a seu pai em fevereiro, “nada de novo.”[16] Quando chegou ao hospital certa noite para ajudar a esterilizar os instrumentos e ferver o fio de seda, “ficou sentada sozinha em meio aos vapores do fenol”, recordou Valentina. Quando, em outra ocasião, Valentina tentara substituí-la na tarefa, antecipando-se a ela, “ela me surpreendeu e mandou parar. ‘Diga-me, por favor, qual a inquietação! [...] Se você pode respirar o fenol, por que não eu?’”.[17] Tais eram suas capacidades comprovadas como enfermeira que no outono Tatiana recebera permissão para ministrar o clorofórmio nas cirurgias. Mas enquanto ela continuava firme, sua irmã ainda frágil e cada vez mais melancólica afundava em depressão. “Olga [me] assegura ter certeza de que vai ficar para titia”, comentou Valentina, ainda que ela e Chakh-Bágov “andassem lendo as palmas da mão um do outro e ele tivesse profetizado que ela teria doze filhos”. A mão de Tatiana era “interessante”: “a linha do destino é interrompida subitamente e faz uma curva abrupta para o lado. Eles lhe asseguram que fará algo incomum”.[18] Por ora, porém, o dia de Tatiana estava repleto de responsabilidades — em casa e no hospital —, permitindo-lhe pouco ou nenhum tempo para si. Em 16 de janeiro, ela registrou um típico dia:

> Aula de alemão de manhã. Às dez, fui para o hospital. Fiz curativo nos ferimentos de Rogal, do 149º Regimento Tchernomorsk, ferido no crânio, Gaiduk, do 7º Regimento de Granadeiros Samoguitsk, ferido na coxa direita, Martínov, do 74º Regimento Stávropol, ferido na coxa esquerda, Schetínin, do 31º Regimento Tomsk, ferimento na coxa esquerda, Mélnik, do 17º Regimento Arkhánguelsk, ferido no antebraço direito, ferido na parte direita inferior da caixa torácica, Arkhípov, do 149º Regimento Tchernomorsk, ferido na mão direita com a perda do quarto e do quinto dedos, ferido na coxa direita. Depois Bleich, Serguéiev, Tchaikóvski, Ksifilínov, Martínov, Emeliánov — apenas ferimentos superficiais. Então, ao meio-dia fui ao andar superior com Valentina Ivánovna para a ala dos

> soldados, a fim de trocar os curativos de Popov. Sob anestesia. Seu rim foi removido. Então voltei e fui ver Túznikov. Almocei e bebi chá com mamãe. Depois tive aula de história. Nós quatro fomos a um passeio de *tróika* com Iza. Depois fomos ao Palácio Grande para um concerto. Depois às vésperas. Ceamos com mamãe e Anna. Então Nikolai Pávlovitch [Sáblin] chegou. Nós nos despedimos dele, já que amanhã vai se juntar a seu batalhão, no exército.[19]

Com a mãe fora de ação, recaiu sobre Olga e Tatiana, em 19 de janeiro, comparecer a uma importante função em seu nome na cidade, junto da avó — a cerimônia de inauguração oficial do Hospital Anglo-Russo. Ele fora montado no palácio de Dmítri Pávlovitch, na curva do rio Fontanka, junto à ponte Anítchkov — ele o cedera para ser usado como hospital durante a guerra —, e oferecia 188 leitos e tinha sua sala de cirurgia, sala de curativos, laboratório e sala de raio X. Os suprimentos eram enviados da Inglaterra pela Queen Mary's Needlework Guild e pelo War Hospital Supply Depot, e seus oito médicos e trinta enfermeiras eram voluntários ingleses e canadenses. Uma delas, Enid Stoker (sobrinha do romancista Bram Stoker), recordou os preparativos para a inauguração:

> o hospital foi limpo e preparado até o último detalhe e ficou *adorável* com os grandes vasos de flores e palmeiras e todos aqueles lindos entalhes e mármores [...] às duas e meia estávamos todos ali de pé, vestidos com a indumentária completa, tudo muito engomado [...]. Então escutamos uma multidão se movendo devagar pela escada, e uma mulher pequena e desalinhada de roupa preta, como uma versão simples de Alexandra — (a irmã imperatriz de nossa rainha) mas com uma expressão muito gentil —, entrou. As duas princesinhas, Olga e Tatiana, estavam encantadoras e muito lindas em pequenos chapéus de arminho com águias-pescadoras brancas, pequenos vestidos cor-de-rosa de gola baixa, peles de arminho e regalos.[20]

Todos no hospital comentaram como as meninas Romanov eram atraentes. Olga se esforçou por parecer alegre e cordial. Enid achou-a "a mais bonita e realmente adorável", acrescentando que as irmãs pareciam "tão alegres e naturais". Outros membros da família visitariam o hospital mais tarde, Enid Stoker lembrando-se da chegada de Anastácia "com seu cabelo descendo pelas

costas e um pente de Alice no País das Maravilhas", e de um dia "inesquecível" em que o "pequeno tsarévitch" veio — "uma das crianças mais bonitas que já vi".[21] Meriel Buchanan notou reação similar quando Olga e Tatiana visitaram o English Colony Hospital, dirigido por sua mãe, onde conheceram as alas e conversaram com os pacientes, "Olga muitas vezes fazendo-os rir com sua alegria extravagante, sua irmã conversando gentilmente com eles, mas com um pouco mais de reserva. Como eram bondosas, os soldados disseram depois, como pareciam adoráveis".[22] Vir a público em roupas civis era uma raridade ultimamente para as irmãs Romanov mais velhas e também para sua mãe, de tal forma que as pessoas ficavam atônitas quando as viam sem o uniforme de enfermeira. Certo domingo de manhã, a caminho da igreja, "passaram meia hora dando bom-dia a todos no hospital", contou Alexandra a Nicolau, e "como bebês, todos ficaram olhando para nós em 'vestidos e chapéus' e observaram nossos anéis e braceletes (as mulheres também) e nos sentimos tímidas e [como] 'convidadas'".[23]

Um jornalista francês a quem fora concedido o raro privilégio de encontrar Alexandra e as meninas no hospital comentou em 1916 que havia "algo da serenidade do místico em Olga Nikoláevna".[24] Era uma característica que talvez mais do que qualquer outra coisa definia seu caráter russo, e que ficou mais pronunciada com o prosseguimento da guerra. Olga parecia cada vez mais perdida em seus pensamentos acerca do tipo de vida, e amor, que desejava. Um dia no hospital confidenciou a Valentina seus "sonhos de felicidade" pessoais: "Casar, viver sempre no campo, inverno e verão, sempre estar em meio a pessoas boas e absolutamente ninguém ligado ao governo".[25] Ela teria, sem dúvida, ficado horrorizada em descobrir que a grã-duquesa Vladímir recentemente abordara sua mãe com a sugestão de que Olga se casasse com seu filho de 38 anos, Boris. Isso não surpreendeu Alexandra, pois a "ambição da grã-duquesa de deixá-lo mais próximo do trono é bem conhecida".[26] "A ideia de Boris é a coisa mais antipática e a criança, estou convencida, jamais concordaria em se casar com ele, e sou capaz de compreendê-la perfeitamente", escreveu para Nicolau no Stavka, dando a entender que "outros pensamentos têm ocupado a cabeça e o coração da criança" — possível alusão aos sentimentos que sua filha nutria por Mítia Chakh-Bágov, dos quais ela devia, sem dúvida, estar ciente. "Eles são os sagrados segredos de uma jovem, a respeito dos quais os outros não devem ficar sabendo", insistia. "Olga ficaria terrivelmente magoada, ela é muito

suscetível.”[27]

Quanto a Boris: “confiar um jovem blasé rodado e gasto a uma garota pura e nova, com dezoito anos a menos que ele, e para viver em uma casa em que muitas mulheres já ‘compartilharam’ sua vida [...]. Uma menina inexperiente sofreria terrivelmente, ter seu marido de quarta, quinta mão ou mais”.[28] A sugestão de Boris como marido fora um lembrete doloroso demais da má companhia com que Dmítri Pávlovitch — o marido que um dia haviam esperado para Olga — se envolvera nos últimos tempos. No que dizia respeito a Alexandra, Dmítri estava agora absolutamente fora de questão: “é um rapaz sem nenhum caráter e pode se deixar levar por qualquer um”.[29] No momento ele estava em Petrogrado, alegando saúde debilitada, mas “sem fazer trabalho algum e bebendo o tempo todo”. Alexandra queria que Nicolau o mandasse de volta para seu regimento. “A cidade e as mulheres são um veneno para ele.”

Um que poderia perfeitamente ter servido para Tatiana, caso tivesse algum berço, era “meu pequeno Malama”, como Alexandra o descreveu, pois ele voltara à cidade. Muitos regimentos de cavalaria russos, como o de Dmítri, haviam sido dizimados no leste da Prússia; sem regimento para onde ser transferido, ele fora designado cavalariço em Tsárskoe Seló. Alexandra, que parecia nutrir uma afeição especial por ele, convidou-o para o chá. “Não o víamos havia um ano e meio”, contou a Nicky. “Parece desabrochar mais como um homem agora, ainda um rapaz adorável. Devo dizer, teria dado um perfeito genro.” Ah, aí estava a questão. “Por que príncipes estrangeiros não são tão encantadores!”, acrescentou. Circunspecta como sempre, Tatiana não confiou seus pensamentos sobre a volta de Dmítri Malama a seu diário nem a nenhuma carta.[44][30] Sua irmã, por outro lado, deixou seus sentimentos bem claros, quando, do nada, chegou uma carta de Mítia: “Olga Nikoláevna em êxtase, jogou todas as suas coisas para cima”, recordou Valentina: “Ela não cabe em si e está pulando como louca: ‘É possível ter um ataque cardíaco com vinte anos? Acho que vou ter um’”.[31] As massagens que Olga vinha fazendo pela manhã, para ajudar em suas mudanças de humor, não pareciam estar tendo muito efeito. Elas continuavam mais pronunciadas do que nunca: Olga estava “ranzinza, sonolenta, irritável” o tempo todo, queixou-se Alexandra para Nicolau em abril, e “torna tudo mais difícil com seu [mau] humor”.[32]

Embora suas irmãs mais velhas estivessem preocupadas no anexo, Maria e Anastácia continuavam a cuidar dos próprios feridos em Fedorovsky Gorodok.

Anastácia era agora a orgulhosa comandante em chefe honorária de seu regimento, a 148ª Infantaria Caspiana, que lhe fora conferida por seu pai pouco antes de seu aniversário de catorze anos. Logo ela escrevia cheia de orgulho para Nicolau no Stavka, assinando "Nastaska, a caspiana".[33] Tristemente, ela e Maria viram-se cada vez mais visitando os túmulos daqueles que haviam morrido; "estamos constantemente tendo cerimônias fúnebres para os mortos hoje em dia", Maria disse a Nicolau em agosto. Em março, numa carta longa e deliciosamente animada, descrevera suas tentativas, com a neve funda e condições traiçoeiras, de encontrar um par de túmulos no cemitério militar de homens de patentes inferiores:

> Levou um tempo incrivelmente longo para chegar lá, porque as estradas estavam muito ruins [...]. A neve se acumulara em uma pilha alta na beira da estrada, então foi um esforço atravessar com ela até os joelhos e pular dali. A neve embaixo estava acima dos meus joelhos, como descobri, e embora estivesse calçando botas grandes, eu já estava molhada, mas decidi assim mesmo continuar em frente. E não muito depois encontrei um túmulo com o nome Mishchenko, um de nossos feridos. Pus algumas flores e continuei, e de repente vi o mesmo nome outra vez. Olhei para o marcador para ver em que regimento ele estava e descobri que esse era o nosso homem, não o outro. Então pus flores ali também e tinha acabado de conseguir avançar mais um pouco quando caí de costas, e fiquei ali esparramada e quase por um minuto não consegui levantar, porque tinha tanta neve que eu não conseguia pôr a mão no chão para me apoiar.[34]

Nesse meio-tempo, Anastácia e Tatiana haviam ido a outra parte do cemitério para visitar o túmulo de Sonia Orbeliáni, dama de companhia de Alexandra que morrera em dezembro último, deixando Maria com o zelador para encontrar o túmulo que ela estava procurando, e que se revelou próximo da cerca do cemitério. Para chegar lá

> tínhamos de atravessar uma vala. Ele ficou na vala e disse para mim: "Vou erguê-la para você passar". Eu disse: "Não". Ele disse: "Vamos tentar". Ele, é claro, não conseguiu me passar para o outro lado, e me deixou cair bem no meio da vala. Então nós dois ficamos ali, com neve até a barriga e morrendo de rir. Foi muito difícil para ele conseguir sair, rastejando, porque

> a vala era funda, e comigo foi a mesma coisa. Mas de algum modo ele conseguiu sair e me deu a mão. Eu, é claro, escorreguei de volta, de bruços, para dentro da vala mais umas três vezes, mas enfim consegui sair. E fizemos isso segurando flores nas mãos. Depois não houve maneira de conseguirmos avançar entre as cruzes, já que estávamos ambos com sobretudos. Mas, mesmo assim, consegui encontrar o túmulo e finalmente saímos do cemitério.[35]

Em março de 1916, Alexandra estava ficando cada vez mais aflita por continuar indisposta demais para seu trabalho na guerra. O esforço de cuidar das cinco crianças sozinha também começava a pesar. “Nosso trem está acabando de ser esvaziado e o de Maria chega mais tarde, com feridos muito graves”, contou a Nicolau em 13 de março, e lá estava ela, “desesperada por não ser capaz de encontrá-los e trabalhar no hospital — todos os braços são necessários em uma hora como essa”.[36] Ela sentia uma falta terrível do marido: “uma solidão tão completa [...] as crianças com todo o seu amor ainda têm ideias completamente diferentes e raramente compreendem meu modo de ver as coisas, até as menores — estão sempre com a razão, e quando digo como fui criada e como a pessoa deve ser criada, não conseguem entender, acham chato”. A confiante Tatiana, na sua opinião, parecia ser a única dos cinco com uma boa cabeça sobre os ombros — “ela entende”. Mesmo a aquiescente Maria andava amuada — sobretudo quando menstruava —, “resmunga o tempo todo e grita com as pessoas”. Olga continuava a ser um problema, mostrando-se “sempre hostil a qualquer coisa que lhe seja proposta”.[37]

A guerra estava claramente afetando todos eles, e assim, no início de maio, os cinco filhos dos Romanov ficaram extasiados ao serem levados para uma viagem no trem imperial, enfim de volta a sua adorada Crimeia. Depois de visitar o imenso hospital de quarenta alas de Alexandra para mil feridos em Vínnitsa e seus depósitos de suprimento, eles seguiram viagem para Odessa. Depois de assistirem a uma cerimônia na igreja, inspecionarem tropas e plantarem uma árvore, navegaram para Sebastopol, onde Nicolau reviu a Frota do Mar Negro. “Fiquei tão feliz em ver o mar”, escreveu Tatiana em seu diário.[38] Era sua primeira visita à Crimeia desde 1913, mas tristemente eles não voltaram ao Palácio de Livádia, ainda que os médicos dissessem que seria bom para a saúde de Alexandra. “Era, disse ela, ‘um divertimento grande demais para se permitir durante a guerra’.”[39] As irmãs aproveitaram ao máximo poder tomar o agradável sol, mas quando chegou a hora “Foi terrivelmente triste partir da Crimeia e deixar o mar, os marinheiros e os navios”, suspirou Tatiana.[40] No fim da viagem,

com Alexei bem de novo, Nicolau anunciou que o estava levando para o Stavka outra vez. Em agosto, Sydney Gibbes foi convidado por Alexandra para se juntar a eles ali a fim de continuar com as aulas de inglês de Alexei. Nicolau havia agora promovido Alexei a cabo; ele estava finalmente se acomodando e enfim parecia perder a timidez com estranhos.

Em meados de maio, tanto David Iedigárov como Nikolai Karangózov estavam de volta ao anexo, feridos mais uma vez; e então, quase exatamente um ano após a primeira vez que foi admitido, Mítia Chakh-Bágov voltou a Tsárskoe Seló para uma visita com um colega oficial, Boris Ravtopulo.[41] A disposição de Olga regressou de imediato: ela começou a voltar ao anexo ao fim do dia para esterilizar os instrumentos e costurar compressas, e mais uma vez tocava piano para os feridos e ficava conversando com eles no jardim, nos quentes dias de verão. A garota triste, desanimada, de algumas semanas antes estava agora fazendo o máximo para permanecer até o mais tarde possível no hospital, conversando com Mítia, que muitas vezes vinha visitar os feridos.[42] Sua saúde melhorou, assim como a de Alexandra. A tsarina retomou o trabalho no anexo, embora raramente fosse capaz de aguentar fazer curativos ou ajudar nas operações. Em vez disso, passava o tempo junto ao leito dos pacientes, fazendo os belos bordados em que era tão talentosa e conversando com eles.[43] O anexo se tornara na verdade o lar de todas as cinco mulheres, na ausência de Nicolau e Alexei. Elas sentiam falta de seus homens; era difícil "ficar lá em cima sem Alexei", Tatiana afirmou ao pai. "Toda vez que passo pela sala de jantar às seis da tarde, fico surpresa em não ver a mesa posta para o jantar dele. E de um modo geral há muito pouco barulho agora."[44] O anexo era um imenso conforto para elas. "Ontem passamos uma noite aconchegante no hospital", Alexandra contou a Nicolau em 22 de maio. "As meninas grandes limparam instrumentos com a ajuda de Shah B. e Raftopolo [*sic*], as pequenas conversaram até as dez — fiquei sentada trabalhando e mais tarde montei quebra-cabeças — esqueci o tempo por completo e fiquei até a meia-noite, a Pss G [princesa dra. Gedroits] também ocupada com um quebra-cabeça!"[45]

Os feridos — muitos em estado bastante grave — estavam agora chegando aos montes para os dois hospitais das irmãs. Mas, tristemente para Olga, Mítia Chakh-Bágov deixou Tsárskoe Seló em 6 de junho. Ele partiu para o Cáucaso com um ícone que ela lhe dera.[46] Valentina se solidarizou com o sofrimento por que Olga estava passando. Sua ligação com Mítia era "tão pura, ingênua e sem

esperança” que isso a tornava muito mais difícil de suportar. Ela a achou uma “garota estranha, diferente” e viu o esforço que fazia para controlar seus sentimentos: “Quando [Mítia] foi embora a pobre criatura ficou sozinha por mais de uma hora, o nariz afundado na máquina de costura, costurando furiosamente, com grande concentração”. Então, de repente, ela ficou obcecada em encontrar “o pequeno canivete que Bágov afiara na véspera de sua partida”. Ela o procurou a manhã toda e, como recordou Valentina, “ficou em êxtase quando o encontrou”. Tudo ligado a Mítia Chakh-Bágov era precioso: depois que ele foi embora, Olga registrou em seu diário cada aniversário ligado a sua passagem pelo hospital: quando ficara ferido, quando recebeu alta, quando voltou e, como observou Valentina, “Ela também guarda com grande apreço uma página do calendário para 6 de junho — o dia em que ele partiu”.[47]

Revertendo ao seu moroso estado de espírito anterior, Olga retomou a rotina de seus deveres no anexo — calcular as quantidades e dar os remédios, separar a roupa de cama, arrumar as flores e escrever fleumaticamente breves anotações em seu diário: “Fiz o de sempre. É um tédio sem Mítia”.[48] Os dias eram sempre iguais e ela se queixava de que “não fiz nada especial”: talvez uma caminhada ou um passeio de carro à tarde, costurar travesseiros no hospital à noite, ou jogos de tabuleiro com os feridos, tocar piano e depois voltar para casa e dormir. Mas enquanto Olga definhava como uma flor murcha, Tatiana não perdera nada de seu vigor, tampouco de sua aplicação ao dever. Nicolau, que muitas vezes se referia a ela como sua secretária, agora lhe confiava, e não a Olga, pedidos regulares de enviar itens como papel pautado ou cigarros para ele no Stavka. No aniversário de dezenove anos de Tatiana, ele telegrafara a Alexandra dando-lhe os parabéns: “Deus abençoe a querida Tatiana e que permaneça para sempre a menina boa, afetuosa e paciente que é agora e um consolo em nossa velhice”.[49] Alexandra concordava; em setembro e mais uma vez cheia de dores e sofrimentos, ela admitiu abertamente para o marido: “Quero muito ficar boa rápido outra vez, tenho mais trabalho a fazer e está tudo sobre os ombros de Tatiana”.[50]

Sempre que um de seus oficiais favoritos estava ferido a família fazia esforços especiais para cuidar de seu bem-estar. Um caso em questão era o tenente Víktor Zborórvski, o velho amigo deles da Escolta do Tsar, que se feriu gravemente no fim de maio de 1916. O próprio Nicolau enviou instruções especiais do Stavka para Zborórvski, para que fossem levadas de Novoselítski, no

Cáucaso, para Tsárskoe Seló. Para grande alegria de Anastácia, Vitya, como ela afetuosamente o chamava, foi trazido para a ala dos oficiais do Feódorovski Gorodok. Sua chegada elevou os ânimos de todos — a despeito da gravidade de seus ferimentos. Ele parecia "bronzeado e bem de saúde", Alexandra contou a Nicky, "finge não sentir dor, mas dá para ver seu rosto se contrair. Está ferido por todo o peito, mas sente o braço."[51]

A Escolta Cossaca de Sua Majestade, para mencionar o título completo, consistia em quatro esquadrões, dois de Cossacos de Kuban e dois de Terek, que se distinguiam aonde quer que fossem por seus uniformes de desfile vermelhos e chapéus de carneiro persa pretos, típicos dos cossacos. Sob o comando do conde Grabbe desde janeiro de 1914, a escolta desempenhou um papel mais cerimonial, mas para a família Romanov ela era o coração e a alma do exército russo.[45] Em julho, quando as quatro irmãs visitaram Nicolau e Alexei no Stavka com a mãe, fizeram uma visita surpresa ao acampamento de verão da Escolta. Os soldados cantaram velhas canções cossacas para elas e realizaram sua dança tradicional — a *lezginka*. Tatiana lembrou uma proeza particularmente eletrizante deles numa carta a Rita Khitrovo, sua amiga e colega enfermeira no anexo:

> Ontem fomos às margens do Dnieper outra vez. O esquadrão de nossa Escolta veio junto cantando, apressando-se para nos alcançar. Eles entoaram canções e fizeram alguns jogos e nós simplesmente ficamos ali na grama apreciando. Quando saíram, papai lhes disse que deviam ir pela mesma margem do rio, e que ficaríamos um pouco mais, depois seguiríamos em um carro veloz, descendo ao longo do rio. Alcançamos o esquadrão que marchava tocando a *zurna*[46] e cantando. Quando ficamos lado a lado, andaram com seus cavalos a pleno galope atrás de nós e correram junto. Mais para a frente havia uma ravina íngreme e uma curva no rio. Eles tinham de atravessá-la de uma vez, já que a terra era mole. Já haviam ficado para trás, mas assim que saíram dessa ravina começaram a nos alcançar a todo o galope. Foi incrivelmente empolgante. Eram como verdadeiros cavaleiros caucasianos, naquele passo. Não pode imaginar como foi maravilhoso. Eles cavalgavam gritando e urrando. Se fizerem um ataque desse jeito, principalmente com regimentos inteiros, acho que os alemães vão sair correndo de medo e pensar o que pode estar vindo atrás deles.[52]

Tendo tamanha afeição pela Escolta, não é de surpreender que Maria e Anastácia se deleitassem em receber Víktor Zborórvski como paciente em Feódorovski Gorodok quando a nova ala dos oficiais foi inaugurada, em junho; elas relatavam seu progresso com regularidade nas cartas para Nicolau. Estavam agora fazendo visitas diárias, embora o fim do dia ainda fosse passado principalmente no anexo, com Olga e Tatiana. Em seu hospital a presença calorosa das duas irmãs mais jovens aumentou muito a sensação de domesticidade que o lugar já transpirava. No outono de 1916, Felix Dassel, um oficial do regimento de Maria, o 5º Dragões de Kazan, foi trazido com um grave ferimento na perna. Ele achou o hospital aconchegante e acolhedor, com o fogo de lenha estalando na lareira — "nada que você imaginaria de um hospital militar". Sua pequena ala era calma e íntima, a cama arrumada com lençóis brancos como a neve. Pouco após sua chegada, as grã-duquesas vieram para sua visita regular e ele se lembrou vividamente delas: "Maria, minha protetora, robusta, com um rosto franco e redondo, olhos bem claros, um pouco tímida", parou e perguntou se estava sentindo muita dor. "Anastácia, a menor das duas, de olhar travesso, ávido", cumprimentou-o do mesmo modo preocupado, embora um tanto desatento, "curvando-se na ponta da cama, observando-me de forma astuta, examinando-me, balançando um pé, enrolando seu lenço".[53]

Não muito depois Dassel começou a delirar e foi operado; ao acordar, encontrou rosas na mesa junto a seu leito, deixadas ali pelas grã-duquesas, que haviam telefonado regularmente para perguntar sobre seu progresso. Durante sua permanência no hospital, as meninas visitavam Dassel uma ou duas vezes por semana; Maria sempre permanecendo "um pouco constrangida", enquanto a direta Anastácia era "mais livre, endiabrada, com um humor muito seco" e, como ele notou, inclinada a trapacear em jogos de tabuleiro com a irmã. Ela também gostava de "provocar de forma infantil", o que suscitava olhares de reprovação e advertência de Maria.[54] (As duas irmãs decerto ainda brigavam, como Tatiana contou a Valentina Tchebotariova: elas com frequência se pegavam quando "Nastasya fica possessa e puxa o cabelo [de Maria] e arranca punhados dele".)[55] Assim que Dassel começou a se sentir melhor, as meninas comemoraram sua recuperação posando para fotos a seu lado. Ele notou "quão terrivelmente orgulhosa de seu hospital" Anastácia era: "ela se sente meio crescida, em pé de igualdade com as irmãs mais velhas". Maria também falava com preocupação sobre a guerra, sobre a fome nas cidades e o fato de as pessoas não saberem se seus pais ou irmãos no front continuavam com vida.[56]

O capitão Mikhail Gueraschinévski, da Guarda Imperial Keksholm, tinha lembranças calorosas similares de Feódorovski Gorodok, onde foi paciente por treze meses. Ele notou que "as meninas vinham todo dia, a não ser quando não

se comportavam"; ao que parece, essa era a punição mais eficaz de que a mãe dispunha.[57] Ele recordou o cuidado que demonstraram com um soldado ferido em particular que estava com uma bala alojada no crânio e perdera a memória, e como haviam pacientemente ficado sentadas a seu lado, fazendo-lhe perguntas, numa tentativa de ajudar a trazer sua memória de volta.[58] Quando voltava do Stavka, de visita, Alexei às vezes também aparecia — ele conversava e jogava dados com os soldados, pedindo-lhes que contassem tudo sobre a guerra. Como os pacientes no anexo, todos os feridos ali adoravam as crianças imperiais, por seus modos francos e cordiais: "não poderíamos diferenciá-las de crianças comuns", recordou Geraschinévski. Ele notou como Alexei e as irmãs sempre falavam muito rápido com eles, em russo, achando que isso talvez acontecesse porque "tinham tão raro contato com estranhos que estavam sempre com pressa de lhes dizer tudo o que sabiam antes que fossem convocados para longe".[59] Sempre que Anastácia e Maria ficavam junto ao leito dos soldados, jogando cartas e jogos de tabuleiro com eles, havia alguma coisa particular que queriam saber. "Elas nos pediam que lhes contássemos histórias do povo que havia na vida lá fora. Elas chamavam de 'vida lá fora' qualquer coisa que não fosse no castelo [*sic*] e escutavam atentas para não perder uma palavra."[60]

Embora as irmãs Romanov ainda tivessem pouca experiência da "vida lá fora", o mundo lá fora definitivamente queria saber mais a respeito delas. Em 11 de agosto, Alexandra informou Nicolau de que as filhas haviam passado o dia todo posando para um novo conjunto de fotos oficiais "para distribuir em seus comitês".[61] Como se veria, essas seriam as últimas fotos oficiais tiradas das quatro irmãs — pelo fotógrafo Aleksandr Funk.[62] Livres de suas usuais e sem graça saias e blusas para todas as ocasiões, as meninas puseram seus melhores vestidos de cetim, com painéis de rosas bordadas, colares de pérolas e braceletes de ouro. Anastácia, não tendo ainda passado à idade socialmente liberadora de dezesseis anos, continuava a usar o cabelo solto, mas suas três irmãs mais velhas fizeram penteados especiais, com os cabelos ondulados a ferro quente e presos em estilo *chignon*, muito provavelmente preparados pelo cabeleireiro de Alexandra, Delacroix. As meninas e seu irmão eram agora regularmente capturados em imagens de cinejornais, a maior parte delas durante aparições oficiais, que eram liberadas para o consumo público. Assistir a esses filmes foi uma das poucas formas de entretenimento desfrutadas por eles durante os anos da guerra, embora ocasionalmente pudessem ver as estrepolias cômicas de Max Linder e André Deed, e filmes para levantar o moral, como *Vasíili Riábov*, documentário sobre um herói de guerra baleado pelos japoneses em 1904. John Foster Fraser recordou como, quando estava em Petrogrado, no verão de 1916, Nicolau mandara um operador de cinematógrafo fazer um filme da família

imperial “em circunstâncias não imperiais”.[63] Fraser pedira uma cópia da filmagem para usar em palestras quando voltasse ao Reino Unido e conseguira que lhe fosse exibido pela Pathé Frères em sua sala escura, em Moscou:

> Havia o imperador em uma gangorra com seu filho, o tsarévitch. Havia um cabo de guerra entre as filhas, as grã-duquesas e seu pai imperial; o imperador perdeu e foi arrastado de forma hilariante ao chão. Havia uma guerra de neve em que o imperador era massacrado pelas meninas. Havia cenas de piquenique. Havia dança no iate real, *Standart*.[64]

Ao todo, 914 metros de filme mostravam os Romanov em seus momentos mais felizes e informais. Nicolau não fazia objeção a Fraser usar o filme, mas Alexandra, consciente da imagem pública e em particular do futuro papel dinástico do herdeiro, certamente se opôs e insistiu em que aquelas partes “que não eram imperiais” fossem cortadas antes que o filme pudesse ser exibido em Londres.

Com Olga continuando a se lamentar pela ausência de Mítia, Tatiana resistiu à tentação de ser sugada pelo mesmo tipo de visível tumulto emocional quando Volódia Kiknadze se feriu outra vez — agora na coluna — e voltou ao anexo em setembro de 1916. Na verdade, Tatiana registrou sua partida para recuperação na Crimeia apenas um mês depois; ela ficou triste mas não disse mais nada. Olga, porém, parecia feliz em se agarrar a quaisquer lembranças de seu precioso Mítia, cuja mãe conheceu em setembro, fato que a fez se sentir “tremendamente feliz por ter um pedacinho dele”.[65] Ela viu Mítia outra vez por um breve tempo em outubro, quando ele estava de passagem e visitou o hospital sem avisar. Parecia bem e bronzeado e ela ficou feliz em observar que mudara o jeito de repartir o cabelo, mas mostrou reticência em dizer mais coisas, mesmo em seu diário. “Ficamos no corredor e depois sentamos. Malditas meias.”[66] A tensão de ter de internalizar tantos sentimentos a deixou frustrada, o que dissipava ao chegar em casa entregando-se a brincadeiras infantis com as irmãs mais novas, em perseguições dentro de casa em bicicletas, enquanto sua irmã, mais comportada, ficava sossegada lendo um livro em algum canto. Olga estava chegando perto de seu aniversário de 21 anos, mas a vida e o amor, parecia, haviam passado por ela. Era “Uma idade muito venerável!”, como observou Alexandra numa carta a

Nicolau, mas se ao menos suas meninas pudessem um dia encontrar “o intenso amor e a felicidade que você, meu Anjo, me deu nesses 22 anos. É uma coisa tão rara nos dias de hoje, ai de mim!”.[67]

Talvez Olga fosse capaz de extrair algum consolo de um presente de Alexei no Stavka, um gato que despertara sua compaixão — ele era notório por resgatar gatos e cães de rua por lá.[68] Parecia estar se saindo muito bem em Mogilev com Nicolau, mostrando-se orgulhoso de informar a mãe que recentemente fora premiado pelos sérvios com “uma medalha de ouro com a inscrição ‘Por Bravura’”. “Eu a fiz por merecer em minhas batalhas com os tutores”, contou-lhe.[69] Ele se viu obrigado a escrever para Alexandra em novembro, de modo a lembrá-la de que seu dinheiro para pequenos gastos estava atrasado:

> Minha mamãezinha querida, amada, doce, adorada. Está calor. Amanhã estarei de pé. O salário! Eu imploro!!!!! Nada para encher a barriga!!! Em “Nain Jaune”[47] também má sorte! Que seja! Logo estarei vendendo minhas roupas, livros e, no fim, vou morrer de fome.[70]

Após as palavras finais, Alexei acrescentou o desenho de um caixão. Seu lamento angustiado deve ter cruzado com uma carta da mãe em que ela anexava dez rublos e escrevia em tom de desculpas: “Para meu querido Alexei. Para meu querido cabo. Estou lhe enviando seu salário. Lamento ter esquecido de anexar. [...] Beijo carinhoso de sua mamãe”. Alexei ficou em êxtase: “Rico!! Beber café de cevada”.[71]

Durante esses últimos dois anos de guerra e as frequentes ausências do marido no Stavka, Alexandra vira as filhas crescerem consideravelmente. Era um prazer para ela contar sobre a aprovação de Grigóri:

> Nosso amigo está tão contente com nossas meninas, diz que passaram por “cursos” pesados para a idade delas e que suas almas se desenvolveram muito — são realmente uns grandes amores [...]. Elas partilharam todas as nossas emoções e isso as ensinou a ver as pessoas com os olhos abertos, de modo que será uma grande ajuda para elas mais tarde na vida.[72]

A experiência da guerra havia, na visão de Alexandra, “amadurecido” suas meninas, embora “Elas felizmente às vezes são uns grandes bebês — mas têm a percepção e os sentimentos da alma de criaturas muito mais sábias”.[73] Com isso em mente, em 11 de dezembro de 1916, ela levou as quatro filhas para o sul, no trem imperial, a fim de visitar a antiga cidade russa de Nóvgorod, por séculos um centro de ortodoxia e espiritualidade russa. Ao chegar, elas compareceram a uma missa de duas horas na Catedral de Santa Sofia de Nóvgorod, depois visitaram um hospital nas proximidades, um museu de tesouros da igreja e, à tarde, um hospital de província e um abrigo para crianças refugiadas. A última parada em sua breve visita foi o convento Dessatína — onde Alexandra particularmente queria se encontrar com uma renomada e muito venerada vidente, a *staritsa* Maria Mikháilovna. Olga mais tarde descreveu para Nicolau como entraram na cela da velha freira:

> Era muito estreita e escura e nela queimava uma vela pequena e solitária, que se extinguiu imediatamente, de modo que acenderam algum tipo de lâmpada a querosene sem quebra-luz, e uma freira com olhos lacrimejantes a segurava. A velha mulher estava atrás de uma espécie de pano de retalhos cheio de furos, em uma cama de madeira. Tinha imensos grilhões de ferro nela e suas mãos eram muito finas e escuras, exatamente como relíquias religiosas. Parece ter 107 anos de idade. O cabelo muito, muito fino, desgrenhado, e o rosto coberto de rugas. Os olhos brilhantes e claros. Deu a cada um de nós um pequeno ícone e pão de comunhão e nos abençoou. Disse algo para mamãe, que em breve tudo estaria terminado e tudo ficaria bem.[74]

Alexandra também ficou muito comovida com a doçura da velha: “sempre trabalha, faz suas tarefas, costura para os condenados e soldados sem usar óculos — nunca se lava. E, é claro, nenhum cheiro, ou sensação de sujeira”. Mais importante, a *staritsa* se dirigira pessoalmente a ela, dizendo-lhe — exatamente como Olga se lembrava — que a guerra terminaria em breve: “E você, linda, dissera várias vezes, ‘não tema a pesada cruz’” — como que profetizando uma prova de fé pessoal ainda por vir.[75] Outros mais tarde contaram uma história diferente: Anna Vírubova tinha certeza de que “quando a tsarina se aproximou, a velha exclamou: ‘Vejam, a martirizada imperatriz Aleksandra Feódorovna!’”. Iza Buxhoeveden tinha essa mesma lembrança, acrescentando que “Sua Majestade não pareceu escutar”.[76] Após receber a bênção da *staritsa* e uma maçã de

presente para Nicolau e Alexei (que mais tarde comeram, devidamente, por instrução de Alexandra, no Stavka), a tsarina deixou Nóvgorod sentindo-se "alegre e aliviada", dizendo a Nicolau que a visita a Nóvgorod reforçara sua fé no povo simples da Rússia. "Tanto amor e cordialidade por toda parte, a sensação de Deus e seu povo, unidade e pureza de sentimentos — fizeram-me um bem sem fim."[77] Os membros da comitiva que a acompanharam voltaram com sentimentos muito diferentes. Tendo escutado o que a *staritsa* dissera, "voltaram deprimidos e apreensivos, pois sentiam que a recepção fora um augúrio".[78]

A crença ortodoxa devota de Alexandra e os contínuos conselhos sábios e orações de Grigóri, sem dúvida, a sustentaram em uma época em que seu perigoso estado de saúde teria derrubado até mesmo uma mulher bem mais forte. "Ela acredita em Raspútin; ela o vê como um homem justo, um santo, perseguido pelas calúnias dos fariseus, como a vítima do Calvário", observou o embaixador francês Maurice Paléologue: "ela o tornou seu guia espiritual e refúgio; seu mediador com Cristo, sua testemunha e intercessor perante Deus".[79] Mas quando a tsarina regressou a Tsárskoe Seló em dezembro de 1916, foi num estado de total negação sobre a atmosfera em rápida mudança na capital, a pouco mais de trinta quilômetros dali. Edith Almedingen recordou a "textura febril das últimas semanas de 1916", de uma cidade "preocupada com um futuro sombrio e incerto". Com profecias de desastre para o comando de Nicolau à medida que o exército continuava a sofrer baixas catastróficas, outro inverno cruel se aproximava, "sob os auspícios mais sinistros".[80] Frio, cansaço pela guerra, fome, a realidade dura da escassez de alimento levando a preços extorsivos e a rumores de penúria absoluta, tudo isso despertava a inquietação, logo evidenciada em greves e tumultos por víveres. "As ruas não passavam de filas repletas de incessantes conversas lacrimosas", escreveu Almedingen.[81]

Mas a conversa mais ruidosa de todas na cidade vinha da discussão pública sobre a contínua relação de proximidade entre a imperatriz e Raspútin. No anexo, Valentina Tchebotariova se preocupava em como a difamação incessante da tsarina impactava suas filhas e as punha em possível perigo. "Olga está aguentando com dificuldade", escreveu ela, "está menos preocupada ou tem maior controle sobre si mesma. Como é difícil vê-las depois de tudo o que escutei. É realmente verdade que são ameaçadas pelo perigo iminente?" Valentina escutara que "os jovens, os revolucionários sociais estão determinados a remover eles todos — e ela!".[82] "Se o imperador aparecesse na Praça Vermelha hoje", previa o embaixador Paléologue em seu diário, em 16 de dezembro de 1916, "receberia vaias. A imperatriz seria feita em pedaços."[83] Elizaveta Naríchkina concordava com ele: "Que infinidade de coisas se aproxima de um

final, embaixador! E que final ruim”.[84] Para o supersticioso povo russo, a família imperial parecia cada vez mais aprisionada nos grilhões místicos do destino. Era uma visão peculiarmente russa, e que há muito ditara que tudo prestes a ser deflagrado na Rússia era uma manifestação da vontade inexorável de Deus.

44 Houvessem as circunstâncias sido diferentes, cabe perguntar se ao final da guerra Nicolau e Alexandra teriam admitido que o único modo de ver suas filhas casadas e felizes na Rússia teria sido permitindo casamentos morganáticos para elas com oficiais de alta patente.

45 A escolta fora formada em 1811 como uma guarda de segurança especial para Alexandre I durante as Guerras Napoleônicas, embora o trabalho de proteger a família imperial tivesse havia muito recaído sobre os homens da Okhrana e do general Spiridóvitch. Durante a guerra, um esquadrão permaneceu em Tsárskoe Seló com a imperatriz, outro serviu no Stavka com Nicolau, um terceiro ficou baseado em Petrogrado e um quarto, revezando-se com os outros três, combatia no front.

46 Instrumento de sopro azerbaidjano ou turco popular no Cáucaso.

47 Esse era um dos jogos de tabuleiro favoritos de Alexei e suas irmãs. O tabuleiro tem cinco seções, cada uma representando uma carta, e o jogo é disputado com dados, fichas e pedaços de papel. O objetivo é descartar as cartas em sua mão, deixando-as numa sequência numérica simples de 1 (ás) a Rei, pegando bônus ao longo do jogo.

Capítulo Dezessete

COISAS TERRÍVEIS ESTÃO ACONTECENDO EM SÃO PETERSBURGO



"O pai Grigóri sumiu ontem à noite. Eles o estão procurando por toda parte — é absolutamente pavoroso." Tamanha era a atmosfera de mau agouro no Palácio de Alexandre em 17 de dezembro de 1916 que até Anastácia percebeu o sumiço de Raspútin. As meninas e a mãe haviam ficado acordadas até a meia-noite, "o tempo todo esperando um telefonema" que nunca veio. Estavam tão ansiosas que no fim "nós quatro dormimos juntas. Deus nos ajude".[1] No dia seguinte, ainda não havia novidade, mas a notícia já se espalhara, como Maria escreveu em seu diário, de que "suspeitam de Dmítri e Felix".[2] "Estamos esperando juntas — consegue imaginar nossos sentimentos — pensamentos", escreveu Alexandra para Nicolau em seu característico estilo entrecortado, acrescentando que sabiam do seguinte: Grigóri fora convidado para o palácio de Felix Iussúpov na noite do dia 16. Houvera um "grande escândalo [...] grande reunião, Dmítri, Purichkévitch[48], etc. todos bêbados. A polícia escutou tiros, Purichkévitch saiu correndo e gritando para a polícia que nosso amigo estava morto". A polícia ficou então à procura de Grigóri, mas Alexandra já estava completamente transtornada: "Não posso e não quero acreditar que foi morto. Deus tenha misericórdia".[3]

Se a história era verdadeira, então todas as esperanças da tsarina para a contínua proteção da família contra o mal iam por água abaixo. Apenas um mês antes ela escrevera para Nicolau reiterando sua fé absoluta na ajuda e na orientação de Grigóri durante esses anos difíceis:

> Lembre-se de que para o seu reinado, benzinho, e para nós, você *precisa* da força das orações e do aconselhamento de nosso Amigo [...]. Ah, amorzinho, rezo muito para que Deus o faça sentir e perceber que Ele é nosso protetor, não estivesse Ele aqui, não sei o que poderia ter acontecido. Ele nos salva por meio de Suas orações e Seus sábios conselhos e é nosso rochedo de fé e assistência.[4]

A confirmação final da morte de Raspútin, quando veio, não poderia ter sido uma coisa completamente inesperada, nem mesmo para Alexandra, pois as fofocas na capital sobre sua ascensão de curandeiro messiânico a intrometido nos negócios de Estado, e agora bêbado taciturno, havia muito atingiram o ponto de ebulição. Desmoralizado pela decisão de Nicolau de entrar na guerra, que, conforme ele previra, seria desastrosa para a Rússia, Raspútin permitira que sua vida saísse dos eixos. Ele nada via além de perdição pairando sobre a Rússia à medida que a guerra se arrastava, e buscava refúgio em um estado quase permanente de esquecimento alcoólico.[5] Histórias de suas bebedeiras dissolutas tarde da noite no restaurante de Donon e numa sucessão de hotéis elegantes — o Astoria, o Rossiya e o Europa —, ou de andar com o Coro de Ciganos de Massálski no Samarkand, abundavam.[6] Entre um copo e outro, Raspútin se vangloriara em voz alta de sua influência sobre a tsarina: "Eu consigo obrigá-la a fazer qualquer coisa", teria se gabado um pouco antes nesse ano. Em reação, Nicolau convocara Raspútin a Tsárskoe Seló e o repreendera. Raspútin admitiu que de fato agira de forma "pecaminosa", mas ficou claro que agora estava fora de controle. A fofoca de "curas mágicas e farras alegres" com que fora recebido ao chegar a São Petersburgo agora se transformara numa "conflagração de rumores" em que ele e a imperatriz eram vistos como representando as "Forças Negras" que ameaçavam engolir a Rússia.[7] Falava-se de Alexandra como "uma intermediária de intrigas traiçoeiras com os alemães" e Raspútin era acusado de ser um espião alemão "que se insinuou na confiança da tsarina com o propósito de obter segredos militares".[8] Tamanho era o ressentimento dirigido à imperatriz no fim de 1916 que membros da família imperial sugeriam abertamente que ela fosse mandada a um convento remoto pelo bem do país — e de sua sanidade. Mas, antes de mais nada, precisavam se livrar de Raspútin.

Aguardando notícias no Palácio de Alexandre, as meninas e as duas amigas mais próximas de Alexandra — Anna Vírubova e Lili Dehn — se uniram em torno da imperatriz desesperada. Na noite seguinte, Tatiana e Olga dormiram no quarto da mãe. E depois, no dia 19, receberam a "confirmação de que o pai Grigóri foi assassinado, mais provavelmente por Dmítri, e jogado da ponte

Krestóvski", como Olga escreveu em seu diário. "Encontraram-no na água. É tão horrível que mal consigo escrever a respeito. Ficamos bebendo chá com Lili e Anna e o tempo todo sentimos a presença do pai Grigóri entre nós."[9]

Um dos ajudantes de ordens em serviço na época recordou o impacto da notícia sobre as grã-duquesas:

> Lá em cima, num de seus modestos dormitórios, as quatro sentaram no sofá, aconchegadas umas nas outras. Era visível que estavam terrivelmente transtornadas, mas durante o restante da longa noite até a hora de se retirar o nome de Raspútin jamais foi mencionado diante de mim [...].
>
> Estavam sofrendo, pois o homem não se encontrava mais entre os vivos, mas também porque sentiam que, com seu assassinato, algo terrível e imerecido começava para sua mãe, seu pai e elas próprias, e que isso se movia implacavelmente em sua direção.[10]

Às seis da tarde do dia 19, Nicolau chegou às pressas do Stavka com Alexei, motivado por um telegrama urgente que recebera da esposa, dizendo-lhe que "Há perigo de que esses dois rapazes estejam organizando algo ainda pior" — um *coup d'état*, com a conivência de outros na família Romanov e a reboque dos monarquistas da ala direita na Duma.[11] Corriam rumores havia algum tempo de que Dmítri Pávlovitch e seu parceiro de conluio, Felix Iussúpov, estavam envolvidos. A enfermeira inglesa Dorothy Seymour, no Hospital Anglo-Russo, encontrara-se socialmente com Dmítri diversas vezes e se lembrava dele como "lindo de se ver, muito presunçoso, mas soberbo em sua juventude e seu garbo gloriosos". Na noite de 13 de dezembro, Dmítri conversara com Dorothy durante o jantar "sobre muitas intrigas" e ela depreendera que "alguma coisa estava acontecendo". [49][12]

Logo emergiram detalhes de que Dmítri, Iussúpov e o colega de conspiração Purichkévitch haviam atraído Raspútin ao palácio de Felix, no Moika, por volta da meia-noite, em 16 de dezembro, uma sexta-feira. Iussúpov pegara Raspútin diante de seu apartamento na Gorokhováia e o levara para lá. Numa sala de jantar no porão, enchera Raspútin de bebida e tortinhas de creme com cianeto. Quase sem acreditar que o veneno não fizera efeito e cada vez mais fora de si porque o complô para o assassinato talvez fracassasse, Iussúpov em seguida atirou em Raspútin pelas costas com o revólver Browning de Dmítri Pávlovitch. Mas Raspútin ainda se recusava a morrer; foram necessários mais dois tiros de Purichkévitch (o primeiro errou o alvo, o segundo acertou o torso de Raspútin)

antes que um terceiro e fatal tiro na testa desse cabo dele.[13] O corpo de Raspútin foi então embrulhado num pano, amarrado e levado no carro de Dmítri Pávlovitch até a ilha Petrovsky, onde foi descartado no Málaia Nevka por um buraco aberto no gelo.[14] Às seis da manhã, Dorothy Seymour recordou que Dmítri Pávlovitch, "parecendo um louco", entrara correndo no Hospital Anglo-Russo com Iussúpov para fazer um curativo no pescoço ferido do colega.[15]

Depois que o cadáver congelado e lacerado foi tirado do rio e passou pela autópsia, ele foi reclamado pelos Romanov. O enterro se realizou em segredo no Parque de Alexandre, perto do muro norte parcialmente construído da nova Igreja de São Serafim, que Anna Vírubova estava financiando com as somas que recebera como indenização por seu acidente. Quando Nicolau, Alexandra e as filhas chegaram para o enterro, às nove da manhã, no dia 21 de dezembro, o caixão de zinco de Raspútin já fora fechado e baixado à cova.[50][16] Após se juntarem às orações do padre oficiante, cada um depositou flores brancas no caixão, e então partiram em silêncio.[17] Em Petrogrado, nesse ínterim, as pessoas faziam festa nas ruas. "Um cão morto por um cão", gritavam, e, saudando Dmítri Pávlovitch como um herói nacional, acendiam velas diante dos ícones de são Dmítri em todas as igrejas para dar graças por seu bravo ato de patriotismo. Antes mesmo de Nicolau ter voltado do Stavka, Alexandra decretara ilegalmente que Dmítri ficasse em prisão domiciliar; seu marido manteve essa linha dura, rejeitando pedidos de indulgência feitos por seus parentes reais. "Ninguém tem o direito de matar", respondeu ele, furioso. "Sei que muitos terão isso em sua consciência, já que Dmítri Pávlovitch não é o único envolvido. Estou perplexo com o apelo que me fazem."[18] Na mesma hora, ordenou que Dmítri voltasse para o exército — em Qazvin, no front persa.[19] Felix Iussúpov foi exilado em sua propriedade, 1300 quilômetros ao sul, na província de Kursk.

A reação de Alexandra ao assassinato brutal de seu sábio conselheiro era evidente para quem quisesse ver. "Suas feições em agonia traíam, a despeito de todos os seus esforços, quão terrivelmente estava sofrendo", lembrou Pierre Gilliard. "O pesar dela era inconsolável. Seu ídolo fora destruído. Aquele que era o único capaz de salvar seu filho fora trucidado. Agora que se fora, qualquer infortúnio, qualquer catástrofe eram possíveis."[20] Anna Vírubova mais tarde descreveu o estado de espírito da imperatriz na época como "mais próximo à insanidade de que era acusada do que jamais fora antes".[21] "Meu coração está partido", disse Alexandra a Lili Dehn. "O Veronal[51] me ajuda a aguentar. Estou literalmente saturada dele."[22]

A morte de Raspútin lançou seu terrível pálio sobre a família. Olga ficou profundamente perturbada, conforme contou a Valentina Tchebotariova, não muito depois: "Talvez fosse necessário matá-lo, mas não dessa maneira terrível",

comentário que sugere que a essa altura ela já se dava conta plenamente da influência perniciosa de Raspútin sobre a mãe. Olga ficou horrorizada que dois membros de sua família estivessem envolvidos: “qualquer um tem vergonha de admitir que são parentes”, disse. O papel de Dmítri deve ter sido particularmente doloroso para todos eles.[23] O general Spiridóvitch mais tarde alegou que Olga havia sempre “percebido instintivamente que havia algo maligno acerca de Raspútin”.[24] Mas o que mais a preocupava era isto: “por que o sentimento no país mudou contra meu pai?”. Ninguém era capaz de lhe dar uma explicação adequada, e ela continuou a parecer “cheia de crescente ansiedade”.[25]

Tatiana também sofreu muito com a morte de Raspútin, mas guardou seus sentimentos para si, conservando o caderno de anotações em que transcrevera trechos de suas cartas e telegramas, bem como seus pronunciamentos sobre vários tópicos religiosos.[26] Sua mãe, nesse meio-tempo, agarrou-se à túnica de cetim azul manchada de sangue que seu amado Grigóri estivera usando na noite de seu “martírio”, “preservando-a piedosamente como uma relíquia, um *palladium*[52] contra o qual se sustenta o destino de sua dinastia”.[27] Coube ao dr. Bótkin expressar o que muitos pensavam no íntimo: “Raspútin morto será pior do que Raspútin com vida”, disse a seus filhos, acrescentando profeticamente que o que Dmítri Pávlovitch e Iussúpov haviam feito fora “disparar o primeiro tiro da revolução”.[28] “Deus tenha piedade de nós e nos salve neste Ano-Novo de 1917”, foi tudo o que Olga pôde pensar quando o ano difícil chegou ao fim.[29]

Janeiro começou num clima funesto para a família Romanov e sua comitiva. Compareceram todos ao serviço religioso à meia-noite e desejaram feliz ano-novo uns aos outros, mas Pierre Gilliard não tinha dúvida de que haviam entrado em um período de “pavorosa espera pelo desastre do qual não havia escapatória”.[30] Um último alento de cerimonial imperial ocorreu durante uma visita oficial do príncipe Carlos da Romênia e seus pais, a nação deles tendo afinal entrado na guerra do lado da Rússia e seus aliados.[31] Alexandra decidiu aproveitar um raro jantar formal — em homenagem a Carlos, no dia 9 — para apresentar Maria oficialmente à corte. Ela e Nicolau continuavam a ver a terceira filha, ainda que de uma maneira carinhosa, como gorducha e desajeitada; na noite anterior as meninas haviam todas experimentado vestidos e, segundo Tatiana, “Maria engordou tanto que não cabia em nenhum deles”.[32] Havia muito ela se acostumara a levar as provocações da família na brincadeira, e dessa vez não foi diferente. “Estava extremamente bonita em seu vestido azul-claro,

usando os diamantes que seus pais presentearam a cada uma das filhas no aniversário de dezesseis anos", recordou Iza Buxhoeveden, mas, infelizmente, "a pobre Maria escorregou em seus novos sapatos de salto alto e caiu quando entrava no salão de jantar, de braços dados com um alto grão-duque". "Ao escutar o barulho, o imperador comentou, em tom de gracejo: 'Claro, Maria, a gorda'". Depois de sua irmã ter "caído com um baque surdo muito forte", como Tatiana recordou, ela ficara ali sentada no chão, rindo "ao ponto do constrangimento". Na verdade, toda a ocasião se revelou bastante divertida: "Depois do jantar, papai escorregou no assoalho de parquete [e] um dos romenos derrubou uma xícara de café".[33] Mas isso tudo passara despercebido para Olga, que, ainda pensando em Mítia, anotara o aniversário de 24 anos de seu antigo paciente no diário. Valentina Tchebotariova achou que andava parecendo particularmente triste nos últimos tempos. "Isso é por causa de seus hóspedes?", perguntara Tchebotariova. "Oh, não há nenhuma ameaça disso no momento, enquanto houver uma guerra", acrescentou Olga, aludindo à sugestão tácita de um casamento.[34] Elizaveta Naríchkina, por sua vez, alimentara a esperança de que um compromisso entre Olga e Carlos ainda pudesse ter lugar, pois o achou "encantador". Mas Anna Vírubova notara que "o rosto jovem" do príncipe Carlos "não desgrudara de Maria durante o jantar, a despeito de seu comportamento desastrado. Antes que partisse para Moscou em 26 de janeiro, Carlos fez uma proposta formal pela mão dela. Nicolau "riu com bom humor e descartou a proposta do príncipe", dizendo que a filha de dezessete anos "não passava de uma colegial".[35] No último almoço de Carlos com a família, Elizaveta Naríchkina notou quão conspicuamente as quatro irmãs mantinham distância dele e apenas Nicolau fazia algum esforço para conversar.[36] Nos bastidores, porém, a mãe de Carlos, Maria — agora rainha da Romênia —, tivera suas esperanças renovadas no dia em que partiram da Rússia, quando ela e o marido, o rei Fernando, receberam "telegramas russos cifrados". "Parece que ainda pensam em um casamento de Carlos com uma das filhas de Nicky", confidenciou em seu diário. Ela ficou surpresa e grata; "quem teria pensado nisso agora que nosso pobre pequeno país quase não existe, agora que não nos restou sequer uma casa?[53] Mas de um modo geral é lisonjeiro e pode ser tomado como bom sinal!". O único problema era o próprio Carlos: "Não sei absolutamente se quer se casar".[37]

Dois dos últimos visitantes privados do Palácio de Alexandre foram a diretora do Hospital Anglo-Russo, Lady Sybil Grey, e Dorothy Seymour. Tendo estado em Petrogrado desde setembro de 1916, Dorothy ficara animada ao receber um convite oficial para conhecer a tsarina, dizendo à mãe que "Vai ser muito chato se começarem uma revolução antes que eu tenha tempo de ir até lá e vê-la".[38]

Quando ela e Lady Sybil tomaram o trem para Tsárskoe Seló, Dorothy achou a experiência toda, a despeito dos tempos difíceis, um "fantástico conto de fadas".[39] Foram recebidas na estação "por lindos oficiais, soldados, cavalos brancos empinados — Grande Estado. Na porta do palácio dois gloriosos soldados de infantaria com enormes plumas de avestruz laranja e vermelhas na cabeça".[40] Depois de serem entretidas durante o almoço por Iza Buxhoeveden e Nástenka Guéndrikova, as duas mulheres foram levadas "por quilômetros de palácio e um imenso salão de banquete" até uma porta que foi aberta "por um negro imenso" e conduzidas à presença de Alexandra e Olga. A imperatriz, usando veludo roxo e "ametistas imensas", pareceu a Dorothy "bastante adorável" e "maravilhosamente graciosa". Mas havia uma ponta de angústia em seus "olhos desesperadamente tristes". Olga, em seu uniforme de enfermeira, parecia muito comum, em comparação. "Olhos lindos. Uma bela criaturinha, muito agradável e informal", recordou Dorothy. Sentaram e conversaram por quase duas horas, ao fim das quais ela ficou impressionada com a espiritualidade e a sensibilidade de Olga. Era "evidentemente uma pacifista e a guerra e seus horrores estavam dando em seus nervos". Dorothy foi embora com uma sensação de tristeza e um sentimento esmagador de que a sala onde haviam estado — e o próprio palácio — já estavam "carregados de tragédia".[41]

O fantasma da doença continuou a atormentar a família imperial naquele inverno; Alexandra ainda sofria do coração e das pernas e Alexei teve dores recorrentes no braço e, depois, glândulas inchadas. Pouco após a visita de Dorothy Seymour, Olga, ainda enfermiça, ficara acamada com uma dolorosa infecção de ouvido. Os dois inválidos vinham dividindo o mesmo quarto quando, em 11 de fevereiro, uma dupla de jovens cadetes de quem Alexei ficara amigo no Stavka foi trazida para brincar com ele. Olga permanecera no quarto com eles e Alexandra notara que um dos meninos estava tossindo; no dia seguinte, foi acometido pelo sarampo.[42] Em 21 de fevereiro, tanto Olga como Alexei pareciam mal, mas os médicos asseguraram Nicolau de que não era sarampo, e ele começou a fazer as malas para voltar ao Stavka. Não tivera intenção de deixar Tsárskoe Seló dessa vez, preocupado com o perigo crescente, desde o assassinato de Raspútin, de um possível golpe contra ele. Advertências não paravam de chegar da parte de seus parentes, inclusive seu cunhado Sandro, que o visitou e pediu a Nicolau que consentisse em uma Duma apropriada, democraticamente eleita e livre da interferência imperial; "com algumas palavras

e uma canetada, você poderia acalmar tudo e dar ao país aquilo que ele tanto deseja", instou. Para Sandro, era claro que a constante intromissão de Alexandra nos negócios de Estado estava "arrastando seu marido para um abismo". Mesmo agora ela se irritava com qualquer tipo de capitulação: "Nicky é um autocrata. Como poderia ele partilhar seu poder divino com um parlamento?".[43] E em seguida o irmão de Nicolau, o grão-duque Mikhail, advertia do iminente motim no exército se o tsar não voltasse imediatamente para o Stavka. Nicolau escutou Sandro impassível, como sempre fazia, acendendo um cigarro atrás do outro. Ele não tinha estômago para brigar, fosse com os parentes, a esposa ou o governo. Sua vida estava nas mãos de Deus e havia muito tempo abdicara de toda responsabilidade por ela. Relutante em deixar a família, ele não obstante se preparou para ir. Uma atmosfera muito tensa prevaleceu no almoço no dia em que partiu. Todos pareciam ansiosos e "queriam mais pensar do que conversar".[44]

Nem bem Nicolau, cansado e de rosto encovado, se despedira, ficou claro que não só Olga e Alexei haviam pego sarampo, como também Anna Vírubova — e com gravidade. Em 24 de fevereiro, Tatiana se juntou a eles no escuro quarto de enfermos, onde sua devotada mãe, usando o uniforme da Cruz Vermelha, cuidou dos três filhos.[45] Todos tossiam terrivelmente e tinham dor de cabeça e de ouvido, além de febre muito alta.[46] A despeito do grave estado deles, Nicolau já discutia a recuperação das crianças com o dr. Fiódorov no Stavka. Ele escreveu e contou a Alexandra que o médico considerava "absolutamente necessário para as crianças, e Alexei em especial, experimentar uma mudança de ares após sua completa recuperação". Quem sabe, logo depois da Páscoa, disse a Alexandra, poderiam levá-los à Crimeia. "Vamos refletir sobre isso com calma quando eu voltar [...]. Não vou demorar muito — apenas pôr todas as coisas aqui o máximo possível em ordem e então terei cumprido meu dever."[47]

Sob neve profunda e presa de cruéis temperaturas abaixo de zero, Petrogrado, nesse inverno de 1916-17, era um lugar de desespero. O sistema de transporte achava-se em desordem pela escassez de combustível; a falta de mão de obra, de cavalos e de implementos afetava ainda mais a produção e o transporte de alimento. Não havia farinha e longas filas eram vistas por toda parte, na esperança de conseguir o pouco pão que fosse assado; carne era praticamente impossível de obter e açúcar e manteiga só podiam ser encontrados no mercado negro. Não havia lenha para o fogo e as ruas tinham lixo empilhado. Conversas

sobre revolução estavam na boca de todo mundo. Petrogrado era uma cidade condenada, *Tchertograd* — "a cidade do demônio", como a poeta Zinaida Gippius escreveu em seu diário:

> Os rumores mais assustadores e grosseiros perturbam a massa. É uma atmosfera carregada, neurótica. Pode-se quase escutar os lamentos dos refugiados no ar. Todos os dias estão mergulhados em catástrofes. O que vai acontecer? É intolerável. "As coisas não podem continuar desse jeito", diz um velho taxista.[48]

Os "primeiros estrondos do trovão" foram ouvidos com os tumultos e protestos nos bairros operários de Viborg e da ilha Vassílievski.[49] Logo multidões famintas marchavam pela Névski Prospekt enquanto panificadoras e armazéns eram saqueados. Em 25 de fevereiro, e com a temperatura um pouco mais alta, os distúrbios de rua estavam se tornando generalizados e violentos, com incêndios criminosos, saques e policiais linchados. A capital era assolada por grevistas. No Palácio de Alexandre a tsarina continuava convencida de que nada disso significava ameaça séria. O racionamento de pão era tudo de que se necessitava para restabelecer o controle da situação. "É um movimento de desordeiros", escreveu para Nicolau, "rapazes e garotas correndo e gritando que não têm pão; só para provocar [...] se fizesse muito frio, provavelmente estariam atrás de portas fechadas. Mas tudo isso vai passar e se acalmar, se ao menos a Duma se comportar".[50] Entrementes, tinha o orgulho de lhe contar que suas duas filhas mais velhas "chamam a si mesmas de enfermeiras doentes — *sidelki* —, conversam sem parar e telefonam para toda parte. São sobremaneira úteis". O elevador do palácio parara de funcionar e Alexandra dependia cada vez mais de Maria para ir de um lado para outro, coisa que ela não mais podia fazer, afetuosamente chamando-a de "minhas pernas".[51] Mas ela já esperava que as duas filhas mais novas inevitavelmente sucumbissem ao sarampo. Alexei estava agora coberto por um terrível exantema, "como um leopardo — Olga tem alguns lugares lisos, Ania também toda coberta, os olhos e gargantas de todos doem".[52]

Em 27 de fevereiro, dia de "brigas na rua, bombas, tiros e inúmeros feridos e mortos", gritos de "Pão, vitória!" e "Abaixo a guerra!" podiam ser ouvidos por toda parte nas ruas de Petrogrado.[53] Nicolau não podia deixar o Stavka e nesse meio-tempo a febre de seus filhos chegara a 39 graus ou mais.[54] Com o sarampo se espalhando no Palácio de Alexandre e a inquietação tomando conta da cidade, Alexandra lutou para manter o equilíbrio, ainda convencida de que os tumultos,

como a doença, passariam; mas a tensão disso a envelhecia e seus cabelos estavam ficando grisalhos. “Terríveis coisas acontecem em São Petersburgo”, confidenciou em seu diário, chocada ao escutar que regimentos que sempre acreditara serem leais ao trono — o Preobrajensk e os Guardas de Pávlovsk — já agora se amotinavam.[55] Desse modo, foi uma grande alegria para ela a chegada de Lili Dehn, que corajosamente viera a Tsárskoe Seló para oferecer seu apoio moral, deixando o filho para trás com sua ama, na cidade. Mas às dez da noite chegou uma mensagem do presidente da Duma, Mikhail Rodziánko, aconselhando que Alexandra e as crianças fossem evacuadas do Palácio de Alexandre de imediato. “Quando a casa está pegando fogo”, ele dissera ao conde Benkendorf, ministro da Corte, “você leva as crianças para um lugar seguro, mesmo que estejam doentes.”[56] Benkendorf telefonou imediatamente para Mogilev e informou Nicolau. Mas o tsar foi irredutível: sua família devia ficar onde estava e esperar até que ele pudesse voltar, coisa que esperava fazer na manhã de 1º de março.[57]

Muitos anos mais tarde, Meriel Buchanan recordou a “quietude mortal de Petrogrado” na véspera da revolução.

> Eram as mesmas ruas amplas que conhecíamos tão bem, os mesmo palácios, os mesmos domos e agulhas dourados projetando-se entre as brumas peroladas, e no entanto tudo isso parecia irreal e estranho, como se eu nunca os tivesse visto antes. E por toda parte o vazio: nada de longas filas de carrinhos, nada de bondes lotados, nada de *isvostchiks*,[54] nada de carruagens particulares, nada de policiais.[58]

Na manhã seguinte, 28 de fevereiro, com os tumultos prosseguindo pela cidade, do Parque de Alexandre coberto pela neve e com temperaturas de -37,2ºC, o som de tiros intermitentes e gritos pôde ser ouvido, vindo das casernas em Tsárskoe Seló. O que começara como um grupo de soldados bêbados renegados atirando para o ar logo passou a um motim realizado pela maioria dos batalhões da guarnição e da reserva. Logo tiros de fuzil se juntaram ao som de bandas militares tocando a “Marselhesa”, aos gritos de “Hurra!”. A família imperial, nesse meio-tempo, contava com parca proteção além de umas poucas tropas leais remanescentes do lado de fora, no parque, sob o frio cruel.

Vendo quão desesperadora a situação estava se tornando, Lili se ofereceu para ficar com Alexandra, tendo pedido a Nikolai Sáblin e a esposa, que moravam no mesmo bloco de apartamentos na cidade, que tomassem conta de seu filho.[59] As crianças doentes "pareciam quase cadáveres", recordou ela. De suas camas podiam escutar com clareza os tiros na cidade e lhe perguntaram o motivo dos disparos. Lili fingiu não saber; ruídos como esses sempre pareciam mais altos no ar gelado, ela lhes disse. "Mas você tem certeza de que são isso mesmo?", perguntou Olga. "Pode ver como até mamãe está nervosa, estamos muito preocupadas com seu coração doente. Ela está se sobrecarregando demais. Você precisa lhe dizer para descansar de qualquer maneira."[60] Era difícil manter uma aparência de calma, mas Alexandra permaneceu irredutível na convicção de que as crianças não deveriam saber de nada até ser "impossível esconder a verdade delas". Nesse dia, ela telefonou para Bibi, que estava no anexo, advertindo-a da perigosa situação ocorrendo no momento: "Está tudo terminado, todo mundo passou para o lado deles [dos revolucionários]. Reze por nós, não precisamos de outra coisa. Como último recurso, estamos preparados para levar as crianças embora, mesmo as enfermas [...]. As três estão no mesmo quarto, em completa escuridão, estão sofrendo terrivelmente, apenas os menores sabem de tudo". Escutando isso de Bibi, Valentina Tchebotariova discutiu a situação com seus pacientes feridos. Todos eles acreditavam que Nicolau iria "defender o governo de Rodziánko" quando voltasse. "A salvação é possível", escreveu Valentina em seu diário naquela noite, "mas estou cheia de dúvidas."[61]

Às dez da noite do dia 28, ansiosa por agradecer às tropas leais que continuavam a protegê-los sob o intenso frio do lado de fora, Alexandra saiu do Palácio de Alexandre segurando a mão de Maria e se aproximou para conversar com elas, a única luz vindo do brilho de um incêndio no horizonte. Lili Dehn observava Alexandra de uma janela, "embrulhada em casacos de pele, indo de um homem a outro, sem temer de modo algum por sua segurança".[62] Tudo estava estranhamente silencioso no parque, a não ser pelo som de tiros distantes e de botas esmagando a neve enquanto ela e Maria "passavam como sombras escuras de fileira em fileira", cumprimentando os soldados com um sorriso.[63] Muitos apresentavam suas saudações e Alexandra parava para conversar com eles, em particular os oficiais da Escolta do Tsar, que formaram um círculo protetor em torno dela quando voltou para o palácio. "Pelo amor de Deus", disse antes de deixá-los, insistindo em que entrassem para se aquecer, "peço que não deixem sangue algum ser derramado por nossa causa!"[64]

Nessa noite, Alexandra decidiu que Maria dormiria em sua cama. Na verdade, uma das meninas dormira em seu quarto com ela desde que Nicolau partira para o Stavka, já que estavam todas com medo de deixá-la sozinha.[65] Uma cama foi

arrumada para Lili no sofá da sala de visitas das meninas, que se conectava diretamente com seus quartos, onde ela também poderia estar à mão, se necessário. Anastácia preparou a sala, mostrando a solicitude de deixar uma camisola para Lili sobre a cama, um ícone no criado-mudo e até uma foto do filho de Lili, Titi, da coleção da família.[66] "Não tirem o espartilho", disse Alexandra, instruindo tanto Lili como Iza Buxhoeveden a estarem prontas para partir a qualquer momento. "Vocês não sabem o que pode acontecer. O imperador vai chegar amanhã, entre cinco e sete, e devemos estar preparados para encontrá-lo."[67] Nessa noite, Lili e Anastácia tiveram dificuldade para dormir; levantaram para olhar pela janela e viram um grande canhão sendo posicionado no pátio. "Como papai vai ficar abismado!", comentara Anastácia, boquiaberta.[68]

Muitos criados do palácio fugiram nessa noite, mas em Petrogrado o presidente da Duma, Mikhail Rodziánko, ainda conseguia manter a ordem, e a situação na cidade pareceu se acalmar. "Dizem que foram a Tsárskoe Seló para informar a imperatriz de uma mudança de governo", escreveu Elizaveta Naríchkina, no momento presa na cidade. "Uma revolução completa teve lugar pacificamente."[69] Mas não foi bem assim: grupos revolucionários nesse preciso instante se dirigiam ao Palácio de Alexandre, com a intenção de capturar Alexandra. O conde Benkendorf passou em revista as tropas remanescentes com que ainda podia contar: um batalhão da Equipagem de Guardas, dois batalhões do Regimento Combinado de Guardas Imperiais, dois esquadrões da Escolta do Tsar, uma companhia do Regimento da Ferrovia e uma bateria de artilharia de campo trazida de Pávlovsk.[70]

No início da manhã de 1º de março, todos estavam acordados e aguardando ansiosamente a chegada do tsar a qualquer momento. Mas ele não apareceu. Em Málaia-Vichera, 160 quilômetros ao sul, na província de Nóvgorod, insurgentes na linha haviam feito seu trem voltar; a rota para Petrogrado e Tsárskoe Seló adiante estava fechada. O trem imperial foi em vez disso desviado para Pskov. Ali, inesperadamente, Nicolau foi recebido por uma delegação da Duma que viera num trem especial com uma única coisa em mente: forçá-lo a abdicar.

Em Tsárskoe Seló, uma Alexandra preocupada escrevia em vão uma sucessão de cartas e telegramas; nenhuma resposta veio. E agora Anastácia também contraíra sarampo. Alexandra ficou imensamente agradecida pelo apoio de Lili Dehn — "um anjo", "inseparável" dela. Lili fez o melhor que pôde para confortar Anastácia, que "não conseguia se conformar com a ideia de que estava doente e não parava de chorar e dizer 'Por favor, me deixa sair da cama'".[71] "Sem dúvida, Deus enviou a doença para o bem, de algum modo", escreveu Alix para Nicky a respeito do sofrimento das crianças. Mais tarde nesse mesmo dia,

ela rascunhou outra carta: “Sua pequena família é digna de você, tão corajosa e calada”.[72]

Por 72 horas a família em Tsárskoe Seló aguardou. “Sem notícia do imperador; não sabemos onde ele está”, escreveu Elizaveta Naríchkina.[73] Entrementes, em um ramal ferroviário em Pskov, 294,5 quilômetros a sudoeste, Nicolau, no dia 2 de março, abdicara do trono, não apenas por si mesmo, mas também pelo filho. Sua decisão, como mais tarde veio à tona, estava baseada numa conversa franca que tivera com o pediatra de Alexei, o dr. Fiódorov, sobre a natureza da enfermidade do menino. Fiódorov lhe contara que, embora Alexei pudesse viver por algum tempo, sua doença era incurável. Nicolau sabia que se o filho se tornasse tsar sob a necessária regência do tio, o grão-duque Mikhail, ele e Alexandra, como ex-monarcas, não teriam permissão de continuar na Rússia e seriam mandados para o exílio. Nenhum deles podia contemplar a separação do filho, e, assim, ele abdicou em nome dos dois.[55] Mas também o fez com a esperança genuína de que sua abdicação fosse a melhor coisa tanto para a Rússia como para a honra do exército — e que isso talvez neutralizasse a situação política instável.[74] Em Mogilev, a mãe de Nicolau, Maria Feódorovna, fora ao encontro do filho, após ter sido trazida de Kiev, onde morava agora. Com o enorme peso do dever tirado de seus ombros, Nicolau sentou-se calmamente para jantar com a mãe, saiu para caminhar, fez as malas e, após a refeição, disputou uma partida de besigue com ela. Ele assinou a declaração de abdicação às três horas dessa tarde e enfim deixou Pskov à uma da manhã, “com a pesada sensação do que eu suportara”, voltando a Mogilev para se despedir de sua equipe militar. Por toda parte só o que via era “traição, covardia e embuste”; havia um único lugar em que queria estar, e era com sua família.[75] “Agora que estou prestes a ficar livre de minhas responsabilidades para com a nação”, comentara Nicolau com o comandante da Escolta do Tsar, conde Grabbe, “talvez possa realizar o desejo da minha vida — ter uma fazenda em algum lugar da Inglaterra.”[76]

No Palácio de Alexandre, a tsarina continuava a orar fervorosamente por notícias do marido. Enquanto isso, começaram a chegar à capital os primeiros rumores de que Nicolau abdicara. Pouco depois, a Equipagem de Guardas, por ordens de seu comandante, o grão-duque Kirill, foi obrigada a deixar o palácio, pois Kirill se juntara ao novo governo provisório. A tsarina assistiu às cores navais — tão familiares após as inúmeras viagens da família a bordo do *Shtandart* — sendo levadas embora. Mas, enquanto os guardas se afastavam, outras pessoas, como Rita Khitrovo, uma das colegas enfermeiras de Olga e Tatiana no anexo, chegavam para oferecer ajuda. Mesmo alguns empregados que haviam ficado presos na cidade tinham conseguido voltar para Tsárskoe Seló a

pé. Do lado de lá das janelas as crianças ficaram imensamente aliviadas ao ver seus "queridos cossacos [...] com os cavalos parados em torno de seus oficiais e cantando canções em voz baixa", como Maria disse ao pai.[77] Mas foi um momento terrível para ela e sua mãe enquanto cuidavam do quarto de enfermos: Olga e Tatiana haviam piorado muito, estavam com abscesso nos ouvidos. Tatiana ficara temporariamente surda e sua cabeça estava envolta em bandagens. Olga tossira tanto que perdera a voz por completo.[78]

O primeiro-ministro, Rodziánko, continuou a insistir em que as crianças fossem levadas para um lugar seguro, mas Alexandra permaneceu irredutível: "Não vamos a lugar algum. Eles que façam como bem entenderem, mas não saio daqui e não vou acabar com as crianças [fazendo isso]".[79] Em vez disso, ela pediu ao padre Beliáev, da Feódorovski Sobor, que trouxesse o ícone de Nossa Senhora do Sinal da igreja Znamenie e orasse no andar de cima para as crianças: "Pusemos o ícone sobre a mesa que fora preparada para recebê-lo. O ambiente estava tão escuro que eu mal podia ver os presentes. A imperatriz, vestida como enfermeira, estava de pé, ao lado da cama do herdeiro [...] algumas velas finas estavam acesas diante do ícone", recordou o padre.[80] À tarde, a esposa de Ioánntchik, a princesa Helena, corajosamente foi até lá para visitar Alexandra. Ela ficou chocada ao ver como as duas últimas semanas a envelheceram de forma dramática. Não havia como duvidar de sua coragem e ela a achou "extremamente digna":

> Ainda que tivesse sombrios prenúncios sobre o destino de seu esposo imperial e temesse por seus filhos, a imperatriz nos impressionou com seu sangue-frio. Essa compostura talvez tivesse sido uma característica do sangue inglês que fluía em suas veias. Durante essas horas trágicas, nem uma única vez sequer mostrou qualquer sinal de fraqueza e, como qualquer esposa e mãe, suportou esses minutos como uma mãe e esposa o faria.[81]

"Ai de mim, nossos quatro inválidos continuam a sofrer", escreveu Alexandra para Nicolau nesse dia, sem saber se sua carta chegaria a ele, "só Maria está restabelecida — calma e servindo de minha ajudante, emagrecendo cada vez mais, por não mostrar nada do que sente." Não havia dúvida, porém, de que os eventos recentes haviam finalmente dobrado a combatividade de Alexandra. Uma nova nota de brandura seria discernida, na medida em que ela assegurava a Nicolau que "Alegres bênçãos, orações, se sustenta pela fé e em nome de seu mártir [Grigóri] [...] ela não ajuda *em nada* [...]. Ela não passa agora de uma mãe

com filhos doentes”.[82]

Na tarde de 3 de março, foi o grão-duque Pável (ainda morando em sua casa, em Tsárskoe Seló) que finalmente chegou trazendo notícias de Nicolau. “Ouvi dizer que N[icky] abdicou, e também pelo Bebê”, anotou Alexandra de maneira sucinta em seu diário.[83] Ela ficou chocada, mas por fora permaneceu calma; sozinha, chorava amargamente. Na companhia do grão-duque, durante a ceia, conversou sobre um futuro novo e diferente. “Posso não ser mais imperatriz, mas continuo sendo uma irmã de misericórdia”, disse a ele. “Devo cuidar das crianças, do hospital, e iremos para a Crimeia.”[84] Em meio a essas notícias acachapantes, Maria permaneceu a única das cinco crianças não afetada pela doença, mas até ela ficou convencida, como contou a Iza Buxhoeveden, de que estava “encrencada”.[85] Foi duro para a jovem manter sua mãe seguindo em frente por conta própria e protegê-la de algum mal, como todas as quatro irmãs haviam tão conscienciosamente feito durante toda a vida adulta.

Naquela tarde, Alexandra recebeu Víktor Zboróvski, um dos oficiais mais confiáveis da Escolta a guardar o palácio. Ela lhe agradeceu por sua lealdade inamovível e reiterou que nenhum sangue deveria ser derramado para proteger a família. Quando Zboróvski estava de saída, Maria o deteve e ficaram conversando por uma hora. Ele ficou profundamente comovido pela grande mudança por que ela passara em dias recentes. “Em nada lembrava a antiga jovenzinha”, contou a seus colegas mais tarde; diante dele parecia “uma mulher séria e sensata, que reagia de forma profunda e ponderada ao que vinha acontecendo”.[86] Mas a tensão de tudo aquilo cobrava um preço a ela. Naquela noite, Lili escutou alguém chorando e foi olhar: “Em um canto do quarto agachava-se a grã-duquesa Maria. Estava pálida como a mãe. Ela *sabia* de tudo! [...] Tão jovem, tão desamparada, tão machucada”.[87] “Mamãe chorou terrivelmente”, Maria disse a Anna Vírubova, quando visitou seu leito de enferma para lhe contar sobre a abdicação do pai. “Eu também chorei, mas somente na medida em que não pude evitar, por causa da pobre mamãe”; mas Maria morria de medo de que pudessem vir para levar sua mãe embora.[88] Uma “fortitude orgulhosa” como essa constituía apenas um exemplo do que, conforme Anna mais tarde recordou, era “exibido em todos aqueles dias de ruína e desastre pela imperatriz e seus filhos”.[89]

Cornet S. V. Márkov foi outro leal oficial que recebeu permissão para ver Alexandra nesse dia. Ele entrou pelo porão, que segundo se lembrava estava cheio de soldados dos Regimentos Combinados fugindo um pouco do frio, e foi conduzido ao andar superior por muitas salas ainda cheias da fragrância duradoura de flores. Nos apartamentos das crianças, parou diante de uma porta onde fora fixado um pedaço de papel no qual se lia: “Proibida a entrada sem a

permissão de Olga e Tatiana”.[90] Uma grande mesa no meio da sala estava coberta com revistas francesas e inglesas, tesouras e aquarelas, onde Alexei recortara e colara fotos antes de ficar doente. Alexandra chegou e o surpreendeu ao dizer, “Olá, meu querido Márkov”. Estava vestida com o uniforme branco de enfermeira, “seus olhos fundos muito cansados das noites insones e do medo, expressando um sofrimento insuportável”. Durante a conversa, ela pediu a Márkov que removesse suas insígnias imperiais — antes que algum soldado bêbado na rua as arrancasse de sua farda — e dizer aos demais oficiais que fizessem o mesmo. Agradeceu a todos por sua lealdade e fez o sinal da cruz diante dele quando saiu.[91]

Alexandra tinha razão em temer pelas leais tropas que ainda montavam guarda, uma vez que faziam isso sob risco cada vez maior das próprias vidas. Todos receberam a notícia da abdicação do imperador com grande consternação. Ninguém mais do que Víktor Zborórvski: “Algo incompreensível, selvagem, irreal havia acontecido que foi impossível de absorver”, escreveu em seu diário no dia 4 de março. “O chão caiu sob nossos pés [...]. Acontecera [...] e não havia nada! Vazio, escuridão [...]. Era como se a alma houvesse alçado voo de um corpo ainda vivo”.[92] Nos últimos dois dias, numa tentativa de desmoralizar quem ficou em Tsárskoe Seló, um falso rumor fora espalhado em Petrogrado de que os homens da Escolta haviam desertado. Mas isso estava longe de ser verdade. Quando Alexandra enfim fez contato com Nicolau, no dia 4, um dos primeiros a ouvir a notícia dos lábios dela foi Víktor Zborórvski. Ela queria lhe assegurar que, a despeito dos rumores perniciosos, não tinha a menor dúvida acerca da lealdade da Escolta, e que ela e Nicolau “tinham razão em ver nos cossacos seus verdadeiros amigos”. Ela também lhe pediu, como fizera com Márkov, para dizer aos oficiais da Escolta que removessem sua insígnia imperial. “Façam isso por mim”, insistiu, “ou mais uma vez levarei a culpa de tudo e, como resultado, as crianças podem sofrer.”[93] Os homens da Escolta receberam mal essa instrução, quando Zborórvski a trouxe: para eles, era um ato profundamente desonroso, e alguns choraram e se recusaram a obedecer: “Que tipo de Rússia existe sem o tsar?”, perguntaram.[94] A honra, para a Escolta, estava acima de tudo, e eles estavam preparados para defendê-la até a morte.

Em 5 de março, a princesa Helena tentou telefonar para Alexandra no palácio e descobriu que as linhas haviam sido cortadas. Sem telefones, sem trens para Tsárskoe Seló, com o suprimento de alimentos e de lenha escasseando, sem eletricidade ou água corrente, com os empregados desertando e uma multidão de curiosos e transeuntes cada vez mais beligerantes reunindo-se diante dos portões do palácio, a situação se tornava muito perigosa para Alexandra e as crianças: “Um muro de baionetas separava a família imperial do mundo dos vivos”.[95] Lili

Dehn notou que Alexandra agora fumava para aliviar o estresse. Foi só em 5 de março que Valentina Tchebotariova, no anexo, finalmente viu a notícia da abdicação nos jornais. “No hospital faz um silêncio sepulcral”, comentou. “Todos estão abalados, abatidos. Vera Ignátievna [Gedroits] soluçava como uma criança desamparada. Estávamos de fato esperando por uma monarquia constitucional e de repente o trono foi entregue ao povo. No futuro — uma república.”[96]

Alexandra agora insistia com todos em sua comitiva em que tinham o direito de ir embora, se quisessem. Mas até Lili Dehn se recusou a abandoná-la, enfatizando que ficaria “aconteça o que acontecer”.[97] Ela receava não voltar a ver Titi nunca mais, tampouco o marido, que estava longe, numa missão militar na Inglaterra, mas estava determinada a não deixar a imperatriz. Iza Buxhoeveden, Nástenka Guéndrikova e Trina Schneider — bem como o sempre presente dr. Bótkin e o conde e a condessa Benkendorf — também se comprometeram todos a ajudar. Anna Vírubova continuava acamada e doente em outra ala do palácio, mas seu apoio moral nesse momento foi crucial, assim como o de Elizaveta Naríchkina, que conseguira enfim voltar de Petrogrado para Tsárskoe Seló. “Oh, que tumulto emocional!”, escreveu ela sobre essa reunião:

> Estive com a imperatriz: calma, muito doce, com grande generosidade de espírito. Ocorre-me que ainda não compreendeu por completo que o acontecido não pode ser consertado. Ela me disse: “Deus é mais forte do que as pessoas”. Passaram todos por extremo perigo e agora é como se a ordem tivesse sido restabelecida. Ela não compreende que há consequências para todos os erros, sobretudo os seus [...] a condição das crianças doentes ainda é grave.[98]

Por volta do dia 7 de março, Alexandra lamentavelmente decidiu, por insistência de Lili Dehn, começar a destruição sistemática de todas as suas cartas e diários.[99] A preocupação de Lili era que, se caíssem em mãos erradas, poderiam ser mal interpretados, ou, pior, considerados uma forma de traição e usados contra ela e Nicolau. E assim, ao longo da semana seguinte, as duas mulheres sentaram juntas dia após dia na sala de estar das meninas, pegando grandes pilhas de cartas de um imenso baú de carvalho em que Alexandra as guardava e jogando tudo na lareira. Todas as preciosas cartas para Alexandra de sua avó, a rainha Vitória, de seu irmão Ernie e de muitos outros parentes foram implacavelmente relegadas às chamas, mas as mais difíceis de dizer adeus

foram, sem dúvida, as centenas de cartas que recebera de Nicky desde o dia de seu noivado, em 1894. De quando em quando, ela parava, lia trechos e chorava antes de jogá-las no fogo. E depois havia também os inúmeros diários, os de capa de cetim, datando de sua infância, e os de capa de couro, mais recentes, e que mesmo agora ela continuava a manter.[56] Tudo virou cinzas, inexoravelmente — com uma exceção: as cartas que Nicky lhe enviara do Stavka durante a guerra, que Alexandra estava determinada a preservar como evidência, caso fosse necessário, da perene lealdade deles à Rússia.[100] Mas na quinta-feira, 9, uma das criadas de Alexandra entrou e "nos pediu que parássemos", como recordou Lili. Os papéis semicarbonizados estavam sendo levados pela chaminé e caindo no chão do lado de fora, e alguns dos homens os pegavam e liam.[101]

No quarto dos enfermos, sinais de recuperação entre as crianças chegavam lentamente. Embora Alexei estivesse melhorando e sua febre baixasse, Olga sofria agora uma das complicações do sarampo, encefalite — inflamação do cérebro —, e a temperatura de Anastácia subia de forma preocupante. E então, no anoitecer do dia 7, o inevitável aconteceu: Maria começou a se sentir mal e logo ficou com uma febre de 39 graus. "'Oh, queria tanto estar de pé quando papai chegar', ficava repetindo ela, até a febre alta persistir e ela perder a consciência."[102]

Na quarta-feira, 8 de março, Alexandra enfim recebeu notícias sobre Nicolau do conde Benkendorf — de que estava são e salvo outra vez em Mogilev e voltaria ao Palácio de Alexandre na manhã seguinte. Ao meio-dia, o general Lavr Kornílov, comandante em chefe do distrito militar de Petrogrado, chegou na companhia do coronel Evguéni Kobilínski, recém-designado chefe da guarnição militar em Tsárskoe Seló. "Kornílov anunciou que estamos presos [...]. De agora em diante, somos considerados prisioneiros [...] não podemos ver ninguém do lado de fora", escreveu Alexandra, impassivelmente.[103] No entender de Benkendorf, na época, o casal imperial ficaria preso apenas até as crianças terem se recuperado, depois do que "a família do imperador seria enviada a Múrmansk [um porto gelado no extremo noroeste da fronteira russa], onde um cruzador britânico os aguardaria para levá-los à Inglaterra".[104] Essa era a esperada solução imediata para o problema do que fazer com o ex-tsar, anunciada pelo novo ministro da Justiça, Aleksander Kérenski, em Moscou no dia anterior, e em resposta a uma oferta inicial de ajuda do rei Jorge v. "Jamais serei o Marat da Revolução Russa", declarara em tons grandiosos Kerénski, mas a esperança de uma evacuação rápida e segura da família imperial não tardaria a se revelar um plano impossível.[105]

Nessa manhã, Elizaveta Naríchkina fora à igreja, onde a congregação vaiara as orações para o tsar. Quando voltou ao palácio, Benkendorf lhe disse:

> Estamos presos. Não temos o direito de sair do palácio nem de telefonar; só temos permissão de escrever por intermédio do Comitê Central. Estamos à espera do imperador. A imperatriz pediu que fossem feitas orações pela viagem de volta do imperador. Pedido recusado![106]

Os membros da comitiva que quisessem partir, Kornílov informou a Alexandra naquela manhã, tinham apenas 48 horas para fazê-lo; depois disso, também ficariam sob prisão domiciliar. Muitos partiram apressadamente em seguida, numa "verdadeira orgia de covardia e estupidez, e numa exibição nauseante de deslealdade vil, desprezível", recordou o filho do dr. Bótkin, Gleb.[107] O dr. Ostrogórsky, pediatra das crianças, mandou avisar que "achou as estradas enlameadas demais" para conseguir chegar a Tsárskoe Seló.[108] Para sua grande consternação, Sydney Gibbes, que estivera em Petrogrado no dia 10 — seu dia de folga —, não recebeu permissão de voltar ao palácio. Pior ainda, porém, foi a notícia de que os homens da Escolta e dos Regimentos Combinados seriam dispensados e substituídos por trezentos soldados do 1º Rifles, enviados pelo governo provisório.

Embora Maria já soubesse a verdade, não era mais possível para Alexandra esconder das demais crianças a notícia da abdicação do pai. Elas receberam isso com calma, embora Anastácia se ressentisse de que sua mãe e Lili não tivessem lhes contado, mas "como papai está vindo, nada mais importa".[109] Tatiana continuava tão surda da otite ocasionada pelo sarampo que Iza Buxhoeveden notou que "não conseguia acompanhar as palavras rápidas da mãe, sua voz ficando rouca de emoção. As irmãs tiveram de escrever os detalhes para que pudesse entender".[110] Era Alexei, perplexo e desconsolado, agora melhorando, que estava cheio de dúvidas. "Nunca mais poderei ir ao quartel-general com papai?", perguntou à mãe. "Não verei mais meus regimentos e soldados? [...]. E o iate, e todos os meus amigos a bordo — nunca mais vamos passear de iate?" "Não", respondeu ela. "Nunca mais veremos o *Shtandart* [...]. Ele agora não nos pertence."[111] O menino estava preocupado também acerca do futuro da autocracia. "Mas quem vai ser o tsar, então?", perguntou a Pierre Gilliard. Quando seu tutor respondeu que provavelmente ninguém, nada mais lógico do que ele então perguntar: "Mas se não há tsar, quem vai governar a Rússia?".[112]

Quarta-feira, 8 de março, foi um dia intensamente melancólico para Alexandra, pois os homens da Escolta partiriam à tarde. Haviam todos passado uma noite insone ruminando sobre aquela partida forçada e estavam muito sombrios, incapazes de "compreender ou acreditar que a situação era irremediável".[113] Pouco antes de sair, a Escolta pediu a Víktor Zborórvski que

transmitisse seus leais sentimentos à imperatriz. Era com profundo pesar, informou-a Víktor, que não lhes restava alternativa senão obedecer à ordem de partir. Alexandra lhe pediu que agradecesse a todos os homens em seu nome e em nome das crianças pelos leais serviços. “Peço a todos que se abstenham de qualquer tipo de ação independente que possa apenas postergar a chegada do imperador e afetar o destino das crianças”, disse ela, acrescentando: “a começar por mim mesma, devemos todos nos sujeitar ao destino”.[114]

Zborórvski achara difícil falar quando Alexandra lhe deu pequenos ícones — seu presente de despedida para a Escolta. Ela então o conduziu ao quarto de Olga e Tatiana, onde continuavam ambas acamadas. Zborórvski precisou de todo o seu autocontrole para não se desmanchar em lágrimas na frente das crianças. Em silêncio, fez uma profunda mesura para elas, depois para Alexandra, e beijou sua mão. “Não consigo lembrar como saí”, escreveu mais tarde em seu diário, “fui embora sem me virar. Na mão eu agarrava os pequenos ícones, meu peito estava oprimido, alguma coisa pesada se concentrava em minha garganta, prestes a romper num gemido.”[115]

Depois que a Escolta montou em seus cavalos e partiu, todas as entradas do palácio foram trancadas e seladas, a não ser por uma saída na cozinha e a entrada principal para os visitantes oficiais. “Éramos prisioneiros”, Pierre Gilliard registrou de maneira austera em seu diário.[116] Lili Dehn lembrava-se de uma lua muito brilhante nessa noite: “a neve era como um pálio no Parque gelado. O frio era intenso. O silêncio do grande Palácio era ocasionalmente quebrado por fragmentos de canções ébrias e a risada rude dos soldados” (da nova guarda do palácio). Ao longe, podiam todos escutar os tiros intermitentes de canhões.[117]

A cerca de 160 quilômetros dali, ao sul, enquanto o gelo de outra implacável noite de inverno descia e o vento soprava cada vez mais forte, o trem imperial levando Nicolau II, o último tsar da Rússia e agora apenas coronel Romanov, voltava na direção de Tsárskoe Seló.

48 O membro da Duma Vladímir Purichkévitch era um reacionário e monarquista, membro do grupo extremista conhecido como as Centenas Negras, que buscava salvar a autocracia de ser arruinada, em seu entender, por Raspútin.

49 O embaixador francês Maurice Paléologue observou na época que vários grão-duques, inclusive os três filhos da grã-duquesa Vladímir e o grão-duque Nikolai (que Nicolau depusera do cargo de comandante em chefe), estavam “falando em nada menos que salvar o tsarismo mediante uma troca de soberano”. O plano, conforme ouviu, era que Nicolau seria forçado a abdicar em favor de Alexei com Nikolai Nikoláevitch como regente. E Alexandra ficaria “trancafiada num convento”.

50 Alexei estava confinado à cama na época, com dores estomacais, e não compareceu.

51 Um barbitúrico popular e de fácil obtenção, usado para insônia.

52 Uma fonte de proteção.
53 A família real romena fora forçada pela invasão alemã a deixar a capital, Bucareste, em dezembro de 1916, e ir para Iasi, no nordeste.
54 *Isvostchik* é um motorista de táxi puxado a cavalo, familiar em todas as cidades russas na época.
55 Como próximo na sucessão, ofereceram a Mikhail o trono no dia seguinte, mas ele se recusou a aceitar.
56 Alexandra levou seu diário do momento consigo para Tobolsk e continuou a escrever nele até a véspera de sua morte, em julho de 1918. Esses diários foram recuperados após o assassinato da família e se encontram hoje nos Arquivos Estatais Russos, Garf.

Capítulo Dezoito

ADEUS. NÃO SE ESQUEÇA DE MIM

A volta de Nicolau II a Tsárskoe Seló, em 9 de março de 1917, foi o mais doloroso dos choques: “sentinelas na rua, cercando o palácio e dentro do parque, e além da entrada principal certo tipo de oficiais”.[1] No andar de cima, ele encontrou a esposa sentada em um quarto escuro com as crianças; estavam todos com boa disposição, embora Maria estivesse bem doente. Imensamente aliviado por estar em casa, ele logo descobriu que até seus hábitos diários mais inócuos seriam restringidos de forma severa. Nessa tarde, foi-lhe negada permissão de sair para sua costumeira longa caminhada pelo Parque de Alexandre; seu domínio agora compreendia uma pequena área de recreação combinada a jardim na entrada dos fundos do palácio. Ali ele pegou uma pá e limpou a trilha com seu ajudante de ordens, o príncipe Vassíli Dolgorúkov — único oficial com permissão de voltar com ele do Stavka —, seus guardas observando com expressão de zombaria.[2]

Lili Dehn ficou chocada quando viu Nicolau. Ele estava “pálido como a morte, o rosto coberto por incontáveis rugas, o cabelo bastante grisalho nas têmporas, sombras azuladas em torno dos olhos. Tinha o aspecto de um homem velho”.[3] Para Elizaveta Naríchkina, parecia calmo, na superfície; ela admirou seu espantoso autocontrole e sua aparente indiferença ao ser tratado não como tsar, mas como oficial do Exército, o que efetivamente era agora, e nada mais.[4] Embora o comandante do palácio, Pável Kotzebue, se referisse a ele educadamente como “o ex-imperador”, a maior parte dos captores de Nicolau o chamava de Nikolai Romanov ou até de “pequeno Nikolai”.[5] Ele fez o maior

esforço para não reagir às vis humilhações infligidas por alguns dos guardas mais truculentos: “Eles sopravam fumaça de tabaco em seu rosto [...]. Um soldado o agarrava pelo braço e o puxava para um lado, enquanto outros o seguravam do outro e o puxavam na direção oposta. Caçoavam dele e riam de sua raiva e seu sofrimento”, recordou mais tarde Anna Vírubova.[6] Mas Nicolau não reagia: “A despeito das circunstâncias em que agora nos encontramos”, escreveu em seu diário no dia 10, “o pensamento de que estamos todos juntos nos alegra e conforta”.[7] A doença de Maria, porém, estava se tornando uma séria causa de preocupação; sua temperatura subiu para quarenta graus. Alexandra e Lili a tiraram de seu pequeno catre militar de níquel e a puseram numa cama de casal apropriada, onde seria mais fácil cuidar dela. Com a menina exausta entrando e saindo de delírios, ficavam o tempo todo passando a esponja em seu corpo, escovando seu cabelo horrivelmente cheio de nós e trocando suas camisolas e roupas de cama encharcadas de suor. Para piorar as coisas, ela agora também estava com pneumonia.[8]

Pouco depois da volta de Nicolau, durante os dias de incerteza sobre onde a família poderia eventualmente ter permissão de viver, Elizaveta Naríchkina sugerira que Nicolau e Alexandra aceitassem qualquer oferta de deixar o país; ela e o conde Benkendorf cuidariam das crianças até que estivessem bem o suficiente e depois as levariam a eles.[9] A ideia de evacuar as crianças antes do regresso de Nicolau havia de fato passado pela cabeça de Alexandra, mesmo depois que elas ficaram doentes, e ela discutira várias opções com sua comitiva.[10] Talvez pudesse levá-las para a Finlândia, ao norte; perguntou ao dr. Bótkin se ele achava que “na presente condição física delas” conseguiriam aguentar a viagem. A resposta de Bótkin foi inequívoca: “no momento, tenho menos medo do sarampo do que dos revolucionários”.[11] Entretanto, quaisquer pensamentos que pudessem ter passado pela cabeça de Alexandra foram abandonados quando Nicolau contrariou sua sugestão e insistiu em que esperassem por sua volta, programada para 1º de março. Caso ele tivesse chegado em casa nesse momento, a família poderia ter sido evacuada com rapidez, mas quando ficou preso no Stavka e Alexandra se viu sob prisão domiciliar, a situação toda mudou dramaticamente. O embaixador britânico, Sir George Buchanan, vivera uma agonia de frustração desde o início do ano: “Não me darei por satisfeito enquanto não estiverem a salvo fora da Rússia”, dissera ele, mas as tentativas de negociação com o governo britânico para um possível

asilo na Inglaterra haviam logo empacado.[12] A oferta de Jorge V, feita em 9 de março (22 NE) em resposta a um pedido do ministro do Exterior da Rússia, Pável Milyukov, aplicava-se apenas enquanto durasse a guerra. Outras opções foram rapidamente discutidas e abandonadas: a Dinamarca era próxima demais da Alemanha; a França não cogitaria a ideia. Alexandra dissera a certa altura que preferiria ir para a Noruega, onde achava que o clima faria bem a Alexei, mas decerto ficaria feliz em voltar a ver a Inglaterra, caso terminasse assim.[13] Mas aonde quer que a família fosse, tanto ela como Nicolau pensavam apenas em termos de um asilo temporário, até a situação se acalmar e poderem, assim esperavam, receber permissão de voltar e viver calmamente na Rússia — de preferência, na Crimeia.[14]

O governo britânico continuou a discutir a questão por todo o mês de março, enquanto Aleksandr Kérenski considerava a possibilidade de evacuar a família, talvez para Porto Romanov (Múrmansk), de onde um cruzador britânico podia levá-los através de águas patrulhadas por alemães até a Inglaterra, sob uma bandeira branca. Mas então Jorge V mudou de ideia. O rei ficou preocupado que a chegada do antigo tsar à Inglaterra fosse criar problemas para seu governo — que já reconhecera a revolução — e desse modo constituísse uma ameaça à segurança de seu trono. A coisa mais importante era manter a nova Rússia revolucionária do seu lado e na guerra, e isso transcendia qualquer lealdade familiar a Nicolau. No momento em que o secretário de Exterior do rei Jorge, Arthur Balfour, foi instruído, em 24 de março (6 de abril NE), a sugerir que o governo russo "faça algum outro plano para a futura residência de suas majestades imperiais", um tempo muito precioso já fora perdido.[15] Uma poderosa e arraigada oposição a qualquer evacuação havia crescido, em particular entre os comitês executivos pró-bolcheviques dos sovietes de Petrogrado e Moscou.[16] Qualquer tentativa de tirar a família por trem teria sido bloqueada pelos ferroviários fortemente politizados de Petrogrado, que, segundo o *Izvéstia* (o novo órgão do soviete de Petrogrado), já haviam "telegrafado ao longo de todas as linhas ferroviárias que qualquer organização ferroviária, todos os chefes de estação, todos os grupos de operários de ferrovia têm o dever de deter o trem de Nicolau II a qualquer momento e em qualquer lugar em que porventura aparecer".[17]

O *Izvéstia* refletia o clima pavoroso que dominava cada vez mais a capital. Uma evacuação da família não podia ser permitida, admoestava o jornal, pois o ex-tsar partilhava de todos os segredos de Estado relativos à guerra e estava "de posse de uma riqueza colossal" que poderia acessar no conforto do exílio.[18] Nicolau devia ser mantido sob o mais estrito isolamento, aguardando a imposição de uma nova forma de justiça, a justiça soviética. No entanto, em

meio a tantas acusações, Nicolau e Alexandra haviam na verdade permanecido intensamente leais à Rússia, e toda conversa de traição política da parte deles era completamente sem fundamento; com efeito, Nicolau já se preocupara com a possibilidade de sua abdicação prejudicar a ofensiva aliada. No que dizia respeito ao exílio, nem ele nem Alexandra tinham o menor desejo de adotar o estilo de vida sibarita de "vagar pelo Continente e morar em hotéis suíços como ex-realezas, fotografados e paragrafados por representantes dos jornais ilustrados". Eles se escondiam desse tipo de "publicidade barata", assegurou Lili Dehn, e consideravam seu dever defender a nação a qualquer custo.[19]

Chegando à Rússia pouco após o regresso de Nicolau, o jornalista anglo-irlandês Robert Crozier Long ficou na mesma hora admirado com a "reversão sem precedentes de cargos e condições que [...] a Revolução promovera no país europeu mais despótico e cristalizado em termos de classes". Ele viajou a Tsárskoe Seló para cobrir o cárcere do tsar e encontrou uma atmosfera preocupante. A cidade era "um microcosmo da Revolução"; na estação Aleksándrovski, foi saudado por "multidões de desmazelados soldados revolucionários, todos com insígnias vermelhas"; o chefe da estação era um cabo do Exército e "retratos de Nicolau II e seu pai, Alexandre III, jaziam em pedaços numa pilha de entulho". As autoridades vinham encontrando dificuldade para controlar os renegados na cidade, que se ressentiam contra qualquer forma de indulgência mostrada para com os prisioneiros e ansiavam por exercer sua forma de justiça brutal sobre o tsar e a tsarina. As grades do Parque de Alexandre agora haviam se tornado um espetáculo público onde as pessoas se juntavam para tentar ver o antigo tsar e sua família sempre que saíam para o jardim.[20]

A rotina diária da família, tendo sempre sido mundana, agora se tornava ainda mais previsível. Todos se levantavam cedo, exceto Alexandra, e às oito horas Nicolau podia ser visto com frequência do lado de fora com Dolgorúkov, ou executando algum tipo de trabalho físico — quebrando o gelo nos canais ou limpando a neve. Para Elizaveta Naríchkina, era doloroso demais de assistir: "Quão baixo ele afundou, esse que outrora possuiu as riquezas da terra e um povo devotado! Quão esplêndido poderia ter sido seu reinado se ao menos ele tivesse compreendido as necessidades da era!".[21] Após um almoço simples à uma da tarde, e com o tempo ficando mais agradável e as meninas melhorando, a família trabalhava ao ar livre, escavando a grama e preparando o terreno para uma horta de legumes, a ser plantada na primavera. Quando esquentasse um pouco, Alexandra se juntaria a eles em sua cadeira de rodas, onde ficaria bordando ou trabalhando no bilro. À tarde, as crianças mais novas tinham suas aulas e, se o tempo continuasse bom, voltavam ao jardim até começar a escurecer. Para sua surpresa, os guardas se pegaram vigiando uma família

“tranquila, não provocativa, sempre educados uns com os outros e com eles, e cuja tristeza ocasional trazia o cunho de uma dignidade que seus carcereiros jamais poderiam emular e relutantemente eram levados a admirar”.[22] Parte dos guardas explorava a curiosidade pública pegando dinheiro das pessoas que queriam olhar mais de perto o tsar e seus filhos. A família ficava longe de vista o máximo possível quando isso ocorria, mas nem assim estavam imunes aos insultos, não só dos curiosos, como também dos próprios guardas. “Quando as jovens grã-duquesas ou a imperatriz apareciam em uma janela, as sentinelas faziam gestos obscenos, que eram recebidos com as gargalhadas de seus camaradas.”[23] Alguns soldados montando guarda insistiam em se referir a Nicolau como o tsar ou ex-tsar, e um oficial, dizia-se, foi dispensado “após ser pego beijando a mão da grã-duquesa Tatiana”, mas essas eram exceções. Outros gestos cruéis destinavam-se apenas a magoar: o bote a remo das crianças foi sujo de excremento e pichações, e a cabra de estimação de Alexei, que ficava no parque, foi morta com um tiro, assim como o veado e os cisnes — provavelmente para servir de alimento.[24]

Muitos achavam a extraordinária passividade de Nicolau diante dos insultos perturbadora: “O tsar não sentia nada; não era bondoso nem cruel; nem alegre nem soturno; não tinha mais sensibilidade do que algumas das formas mais baixas de vida. ‘Uma ostra humana’, é como o último comandante, Evguéni Kobilínski, o descrevia”.[25] Quanto a Alexandra, Elizaveta Naríchkina achava sua conversa cada vez mais desconexa e incompreensível. Sem dúvida, as constantes dores de cabeça e vertigens tinham parte nisso, como sempre, mas Elizaveta chegara a essa altura à conclusão de que o estado mental desequilibrado de Alexandra havia se tornado “patológico”. “Deve servir para absolvê-la”, caso o pior acontecesse, assim ela esperava, “e talvez venha a ser sua única salvação.” O dr. Bótkin concordava com ela: “Ele agora tem a mesma impressão que eu quando vê o estado da imperatriz e se recrimina por não ter percebido antes”.[26]

Dentro do palácio muita coisa mudara. “Ao longo dos amplos corredores cobertos com tapetes grossos e macios, onde antigos criados eficientes, silenciosos, iam e vinham sem alarde, agora cambaleavam bandos de soldados, com os casacos desabotoados, em botas enlameadas, os quepes de lado na cabeça, o rosto hirsuto, muitas vezes bêbados, e sempre ruidosos.”[27] Visitas à família eram estritamente proibidas (embora membros da comitiva tivessem permissão ocasional de ver seus parentes). O uso do telefone ou do telégrafo era proibido e a família tinha ordens de falar russo sempre. A correspondência era examinada por Kotzebue, que, tendo servido com os ulanos de Alexandra, se compadecia e muitas vezes deixava passar cartas sem que uma checagem formal

fosse feita. Mas ele logo foi substituído e mais tarde as cartas passaram até mesmo a ser testadas à procura de tinta invisível.[28] A família continuava a ter permissão de celebrar serviços religiosos aos domingos e em feriados importantes, conduzidos pelo padre Beliáev, da Feódorovski Sobor, que os oficiava numa capela de campanha erigida atrás de um biombo, no canto de um dos quartos superiores.[29]

Embora fosse meado de março, Maria continuava muito doente e Anastácia ficara com uma dor de ouvido tão aguda que seus tímpanos tiveram de ser perfurados para aliviar a pressão.[30] E então, no dia 15, Anastácia pegou uma infecção secundária — pleurisia — e a febre de Maria chegou a 40,6 graus. As duas crianças ficaram prostradas com terríveis acessos de tosse.[31] Numa carta a Rita Khitrovo, Tatiana escreveu que Anastácia também não conseguia comer, "porque tudo volta". As duas irmãs, disse ela, foram "muito pacientes e ficaram deitadas em silêncio. Anastácia continua surda e é preciso gritar para que consiga escutar o que você está dizendo". A audição de Tatiana estava muito melhor, embora ela continuasse tendo problemas com o ouvido direito. Não podia dizer muito mais: "Lembre que estão lendo as suas e as minhas cartas".[32]

No dia 18, Maria estava tão mal que Alexandra enviou a Anna Vírubova um bilhete ansioso, temerosa de que pudesse estar morrendo. Anastácia também estava "em situação crítica, pulmões e orelhas em um triste estado de inflamação". "Só o oxigênio mantinha as crianças vivas", ministrado por um médico que viera voluntariamente de Petrogrado para cuidar delas.[33] Foi apenas em 20 de março que a febre de Anastácia e Maria enfim começou a ceder. O pior havia passado, finalmente, para grande alívio de seus pais, embora elas ainda estivessem muito fracas e dormindo um bocado.[34] Alexei também estava se recuperando e Tatiana, a mais robusta das crianças, estava bem melhor. Mas Olga ainda parecia muito mal.

Havia agora um novo comandante no palácio — Pável Korovitchenko —, que foi apresentado à família no dia 21 de março por Kerénski, quando chegou para uma inspeção. Antes de partir naquele dia, Kerénski anunciou que Anna Vírubova seria transferida. O estigma de sua ligação próxima a Raspútin no passado continuava a trazer consigo acusações de seu envolvimento em "complôs políticos" contra o novo regime.[35] Sua presença no palácio, achavam, servia apenas para inflamar o ódio revolucionário contra a família imperial. Perder Anna era um desastre para uma Alexandra emocionalmente esgotada, mas pior ainda foi a decisão de Kerénski de levar embora também sua outra amiga íntima, Lili Dehn. Antes de Lili partir, Alexandra pendurou um pequeno ícone em torno de seu pescoço, como uma bênção, e Tatiana entrou correndo com um pequeno estojo de couro contendo fotografias de seus pais — que ela

pegara em seu criado-mudo. “Se Kerénski vai tirar você de nós, pelo menos tenha papai e mamãe para consolá-la”, disse, e então virou-se para Anna e pediu uma “última lembrança” dela para guardar. Anna lhe deu a única coisa que tinha — sua aliança de casamento.[36]

Lili continuava a usar seu uniforme de enfermeira quando ela e Anna foram levadas para os carros. Alexandra e Olga pareciam calmas e impassíveis enquanto elas saíam, mas Tatiana chorava abertamente — “essa era a garota que a história um dia descrevera como ‘orgulhosa e reservada’”, mas, nessa ocasião, como Lili se lembrou, “ela não fez segredo de sua tristeza”. As duas mulheres ficaram desconsoladas por serem removidas de forma injusta e forçada após tantos anos de leais serviços à família; Anna, ainda enfraquecida, tanto do sarampo como dos ferimentos sofridos em seu acidente, mal conseguia andar, mesmo com a ajuda de muletas. Quando o carro delas se afastava na chuva, Anna pôde divisar apenas “um grupo de figuras vestidas de branco junto às janelas dos aposentos infantis”, observando-as ir embora. De Tsárskoe Seló, as duas foram levadas para o Palácio da Justiça em Petrogrado; após serem mantidas por dois dias numa sala gelada com pouca comida, Lili recebeu permissão de ir para casa cuidar de seu filho doente, Titi.[37] Mas Anna foi transferida para o notório Bastião Trubetskói, da Fortaleza de Pedro e Paulo, onde ficou retida para interrogatório e só foi liberada em julho.

Com todas as crianças recuperadas, a família continuava a acalentar a esperança de que receberia permissão de ir para um exílio temporário, e no dia 23 de março Nicolau mencionou que examinara seus livros e documentos, separando tudo o que pudesse querer levar consigo “se partirmos para a Inglaterra”.[38] Mas a Quaresma chegou e ainda nada de notícia. O padre Beliáev recebeu permissão de se hospedar no Palácio de Alexandre para conduzir cerimônias religiosas, embora o tempo todo observado de perto pelos altamente desconfiados membros da guarda. No sábado, 25, Anastácia se levantou pela primeira vez e se juntou à família para almoçar. Na manhã seguinte, Domingo de Ramos, ela se sentou para escrever o que provavelmente era sua primeira carta desde a doença; e a escreveu para a pessoa mais próxima de seu oficial favorito — a irmã de Víktor Zborórvski, Kátia.

Como suas irmãs Rimma e Ksénia, Kátia estivera servindo de enfermeira durante a guerra, em Feódorovski Gorodok.[39] Três anos mais velha do que Anastácia, ela costumava ser trazida de São Petersburgo às vezes para brincar quando eram mais novas e se tornara uma amiga íntima, graças à ligação comum com seu irmão Víktor. Durante a guerra, as quatro irmãs Romanov muitas vezes mandavam presentes para seus favoritos da Escolta — sobretudo peças de roupa tricotadas para aquecê-los no front. Elas também guardavam com grande carinho

as fotografias de Vítia (Víktor), Chúrik (Aleksandr Chvédov) e Skvórtchik (Mikhail Skvortsov) tiradas na hora do chá na casa de Anna Vírubova. Após a prisão domiciliar no Palácio de Alexandre, as meninas ficaram desesperadas para entrar em contato com a Escolta e Kátia se tornou o canal, com permissão de entrar no palácio para trazer e levar cartas.[40]

Até então Anastácia fora uma missivista muito preguiçosa se comparada às irmãs, mas, com pouca coisa para fazer, começou a escrever com regularidade para Kátia, de modo a receber notícias de Víktor. “Tatiana pede-me que envie este cobertor a Makyukho [um dos oficiais] para seu jovem filho”, escreveu ela no dia 26 de março:

> Ele aparentemente é afilhado dela. Como é o seu nome? Dê as meias e camisas restantes para seu irmão e ele pode entregá-las aos colegas. Lamentamos não haver suficiente para todo mundo, mas estamos mandando tudo o que sobrou. No fundo dessas duas caixas está escrito qual artigo deve ser dado a nosso antigo paciente. Maria continua doente, mas eu levantei ontem, e estou muito feliz com isso, já que fiquei confinada à cama por cerca de quatro semanas, embora ainda esteja muito fraca das pernas.
>
> Por favor peça a seu irmão outra vez que devolva as [fotografias] de grupo que mandamos da última vez. Pensamos em vocês com frequência e mandamos imensas saudações. Escreva e nos conte de vez em quando, querida Kátia, como estão todos e essas coisas, sempre ficamos muito felizes em receber notícia. Jim [o cachorro dela] está bem e feliz.[57] Mande um abraço para Sidorov. Meus cumprimentos mais calorosos para sua mãe e seu irmão. Tudo de bom! Um beijo carinhoso, sua Anastácia. Esses pequenos ícones são da mamãe para todos os oficiais.[41]

Num momento em que simples gestos de amizade e consideração como esse eram motivo de preocupação para as quatro irmãs, um verdadeiro “jorro de veneno” contra a família imperial tomava conta da imprensa em Petrogrado. Parte disso assumia a forma de cartuns chocantes dos depostos tsar e tsarina — de Alexandra reclinada numa banheira cheia de sangue ou de Nicolau assistindo a enforcamentos em massa — ou de artigos descrevendo refeições elaboradas e fartas de caviar, lagosta e esturjão, devoradas pela família imperial enquanto Petrogrado morria de fome.

> Havia um cartum do imperador acendendo o cigarro com uma nota de cem rublos. Havia uma matéria repugnante sobre “a prova” de que o grão-duque Alexis era filho de [Monsieur] Philippe. Havia esboços das vidas “privadas” das jovens grã-duquesas escritos por seus “amantes”.[42]

“Os excessos combinados de Nero, Calígula, dos Sforza e dos Borgia teriam sugerido uma terna historinha infantil” em comparação com as chocantes matérias na imprensa que Edith Almedingen se lembrava de ler naquela primavera. E as acusações contra Nicolau e Alexandra continuavam a aumentar, de tal forma que em 27 de março, durante a investigação judicial de Anna Vírubova, Kerénski ordenou que o casal fosse separado a fim de impedir o conluio entre eles, caso houvesse um julgamento. Durante as três semanas seguintes, eles tiveram permissão de se encontrar apenas duas vezes por dia, nas refeições, Nicolau parecendo quase feliz por escapar por algum tempo da presença extenuante da esposa.[43] Eles aderiram estritamente às novas regras que lhes foram impostas, temendo que, caso contrário, um ou ambos pudessem ser levados dali, como Anna, para a Fortaleza de Pedro e Paulo.[58] Kerénski na verdade quisera separar Alexandra das crianças, confinando-as com seu pai, mas Elizaveta Naríchkina fizera um apelo, dizendo que isso era cruel demais: “Seria a morte para ela. As crianças são sua vida”.[44] Foi sorte Kerénski ter cedido, pois em 27 de março Olga ficou de cama outra vez, com glândulas inchadas e garganta inflamada; mais uma vez sua temperatura subiu para quase quarenta graus.[45] Em 4 de abril, Alexandra escreveu que a filha agora sofria de “inflamação em torno do coração”.[46]

No fim de semana da Páscoa, todos na casa, inclusive os criados remanescentes, ficaram agradecidos por terem permissão para orar juntos, embora a certa altura Beliáev tenha tido de brigar com um ruidoso serviço fúnebre sendo realizado no parque, para supostas “vítimas da Revolução” — na verdade, os que haviam morrido no tumulto e na pilhagem da loja de vinhos na cidade alguns dias antes.[47] Todas as cinco crianças haviam se confessado com ele na Sexta-Feira Santa, Olga na cama e Maria numa cadeira de rodas, e ele ficou impressionado com sua “brandura, reserva [e] obediência aos desejos dos pais”. Pareciam-lhe tão inocentes, tão “ignorantes da corrupção do mundo”.[48] O serviço de comunhão tarde da noite para o *Velíkaia Subbota* (Sábado de Aleluia), em 1º de abril, foi particularmente pungente para todo mundo (embora Olga e Maria estivessem doentes demais para comparecer). Depois, dezoito pessoas sentaram-se à mesa para quebrar o jejum. Havia um imenso *kulitch* de Páscoa, ovos decorados, presunto e vitela, linguiça e legumes, mas para Iza

Buxhoeveden foi “um repasto sombrio, como uma refeição numa casa em luto”, durante a qual Nicolau e Alexandra foram obrigados a sentar separados, a tsarina quase sem falar. Ela não comeu nada e tomou apenas uma xícara de café, dizendo que estava “sempre de dieta”.[49]

Um lindo clima de primavera acolheu o domingo de Páscoa, “um dia de grande alegria, a despeito do sofrimento humano”, recordou Elizaveta Naríchkina. Nicolau a presenteou com um ovo de porcelana com sua insígnia. “Vou guardá-lo com carinho como uma boa lembrança”, escreveu em seu diário. “Como lhes restaram poucas pessoas leais [...]. Não se pode ter certeza do futuro: tudo depende de o governo provisório ser capaz de se manter ou de os anarquistas vencerem — o perigo é inevitável. Como eu queria que pudessem partir assim que possível, vendo que estão agora todos bem.”[50] Sendo domingo e feriado público, uma multidão se juntou diante das grades para observar o tsar quando ele saiu para trabalhar no jardim, cercado por guardas com baionetas caladas. “Parecemos condenados com seus carcereiros”, observou Pierre Gilliard, tristemente.[51] As pessoas estavam agora fazendo viagens diárias partindo da capital para assistir, e uma nova multidão apareceu na segunda-feira de Páscoa para ver Nicolau tirando a neve do canal com uma pá. As pessoas ficaram ali em silêncio, “como se observassem um animal enjaulado”, recordou Valentina Tchebotariova. “Por que precisam fazer isso?”[52] A família tinha ao menos tido o consolo de outro maravilhoso serviço religioso nesse dia, mas depois, quando Elizaveta Naríchkina foi ver as grã-duquesas no quarto de enfermos, ficou alarmada ao notar como Maria estava magra, embora “muito mais bonita, a expressão de seu rosto triste e branda. Dá para perceber que sofreu muito e que as coisas por que passou deixaram nela uma marca profunda”.[53]

No anexo, Valentina Tchebotariova ficava constantemente entristecida e frustrada pela falta de contato, em especial com sua adorada Tatiánotchka. “Sabemos pouco sobre os prisioneiros, embora as cartas cheguem com regularidade”, mas elas eram extremamente circunspectas. Ela se preocupava em escrever com demasiada frequência, o que podia ser visto como provocação pelos que não compreendiam sua amizade próxima às grã-duquesas. Quaisquer cartas que chegassem com apelidos ou abreviaturas carinhosas na assinatura, e não nomes completos, ficavam sob suspeita de serem algum tipo de mensagem em código — já houvera problemas com as autoridades objetando a cartas enviadas por “Lili” e “Titi”, ou às vezes até “Tili” — uma combinação dos dois.[54] Sabendo agora que nunca poderiam voltar ao anexo, Tatiana pedira a Bibi e Valentina que mandassem de volta as coisas que haviam deixado lá. Valentina se preocupava que isso também pudesse ser visto com suspeita, mas não obstante guardou seus trajes de enfermeira, álbuns de fotografias e outras

lembranças, junto de uma última foto delas com seus feridos na sala de jantar.[55] Tatiana em retribuição enviou camisas, almofadas e livros de presente para os pacientes, em seu nome e no de Olga. “Diga à querida Bibi que nós a amamos e mandamos um beijo carinhoso”, escreveu, acrescentando queixosamente: “O que Mítia e Volódia estão fazendo?”.[56] As meninas mandaram cumprimentos de Páscoa no domingo, mas Valentina ficou preocupada ao ler como Olga estava doente e que “Aleksei Nikoláevitch está acamado porque machucou o braço — outra hemorragia”. Ela ficara sabendo que quando Kerénski os visitara, recentemente, perguntara a Alexei: “Você tem tudo de que necessita?”. Ao que o menino respondeu:

> “Tenho, é só que estou entediado e gosto tanto dos soldados.”
> “Mas há tantos deles em volta e no jardim.”
> “Não, não desse tipo, esses não vão para o front — é deles que gosto.”[57]

Havia de fato um sem-número de soldados a toda volta, a tal ponto que Tsárskoe Seló estava agora sendo chamada de *Soldatskoe Seló* [Vila dos Soldados], pois, como um empresário britânico em Petrogrado observou, “As autoridades municipais de Tsárskoe Seló são tão ultravermelhas quanto Versalhes em 1789”.[58]

Abril chegara e os dias começavam a se arrastar — “o mesmo que sempre, num estado de angústia espiritual”, como disse Elizaveta Naríchkina.[59] Embora Tatiana fosse vista com frequência no jardim, com Nicolau, ajudando a quebrar o gelo em torno das pontes, Alexandra continuava preocupada com Olga e Maria, que seguiam confinadas a seus quartos. “Olga continua muito fraca, pobre criatura”, escreveu Elizaveta Naríchkina, desolada, em 9 de abril, “seu coração tem sido forçado pela doença incessante nos últimos dois meses [...]. Ela é muito doce; e Maria é encantadora, mesmo que continue na cama com os últimos vestígios de pleurisia.”[60] Tatiana, nesse meio-tempo, ansiava pelo anexo: “É triste que agora que estamos melhor não possamos voltar a trabalhar no hospital. É tão estranho estar em casa de manhã, sem fazer os curativos”. Quem os fazia agora?, ela perguntou a Valentina.[61] “O que vai acontecer com nosso velho hospital?” “Perdoe-me por tantas perguntas, querida Valentina Ivánovna, mas é tão interessante saber o que está acontecendo com você. Lembramos constantemente como era bom trabalhar no hospital e como todas nos dávamos bem.”[62]

Korovitchenko estivera fazendo seu melhor para defender o direito das

meninas de mandar e receber tantas cartas. “Elas tinham dado duro, trabalhado como verdadeiras irmãs de misericórdia”, disse a Valentina. “Por que deveriam ser privadas, na semana da Páscoa, da alegria de trocar saudações com seus antigos pacientes e suas colegas de trabalho?” Ele examinava todas as cartas e seu conteúdo era “absolutamente inocente”. “Muitas vezes a irmã Khitrovo e outras enfermeiras [mandam cartas] que lhes entreguei.” Ele tinha, porém, “toda uma caixa cheia de cartas para a família Romanov” cuja entrada decidira não permitir.[63] Entre as cartas recebendo permissão de sair estavam as de Anastácia para Kátia Zborórvskaia. “Cristo ressuscitou!”, exclamou Anastácia no começo de uma carta de Páscoa, em que mandou junto um dos primeiros galantos de primavera colhidos no jardim e contou a Kátia que ela e Tatiana agora saíam para caminhar e ajudar a quebrar o gelo. Mas, de forma preocupante, Anastácia também confidenciou que “Depois que Olga teve dor de garganta, alguma coisa aconteceu com seu coração, e ela agora está com reumatismo” — sugerindo que a “inflamação no coração” de Olga era na verdade uma complicação de febre reumática pós-sarampo.[64]

Em meados de abril, com as crianças mais novas de volta a suas carteiras escolares, um novo cronograma de aulas modificado foi determinado para elas e partilhado entre os membros remanescentes da comitiva. Nicolau começou a ensinar a Alexei geografia e história; Alexandra ficou com doutrina religiosa e catecismo, além de lecionar alemão para Tatiana; Olga, quando se recuperou, ajudou a ensinar inglês e história para os irmãos. Iza Buxhoeveden deu aulas de piano para Alexei e suas irmãs mais novas, e também de inglês para todos eles. Trina Schneider foi a tutora em matemática e em gramática russa; Nástenka Guéndrikova lecionou história para Anastácia e deu aulas de arte para Tatiana; o dr. Bótkin ficou com literatura russa para Alexei e o dr. Derevenko se ofereceu para lhe dar aulas de ciência. Pierre Gilliard continuou suas aulas de francês com todas as cinco crianças. Todos se esforçaram para tentar criar um ambiente o mais normal possível em circunstâncias tão anormais.[65] A família parecia se ajustar calmamente a essa nova vida muito restrita; um dos jovens guardas subalternos comentou com Elizaveta Naríchkina como estava impressionado: “tendo descido de seu pedestal”, até o imperador parecia contente, desde que sua rotina permanecesse imperturbada e ele pudesse ter “suas caminhadas e o chá das cinco”.[66]

Cada vez mais absorvida por pensamentos sobre Deus, Alexandra parecia extrair conforto especial de suas aulas de Bíblia com as crianças. As crianças fizeram questão, como sempre, de se lembrar de seu dia do nome em 23 de abril, quando todos os *arestovanniye* — os “prisioneiros”, como Nicolau dizia — lhe davam seus presentes caseiros.[67] Olga compôs um poema especial:

Você é cheia de angústia
Pelo sofrimento dos outros.
E nunca ignorou
O sofrimento de ninguém.
Você é inflexível
Só consigo mesma,
Sempre fria e impiedosa.
Mas se ao menos pudesse olhar
Sua tristeza de longe,
Ao menos uma vez com espírito terno —
Oh, como teria piedade de si mesma.
Como choraria com tristeza.[68]

Em 30 de abril, Anastácia contou extasiada a Kátia, numa carta que incluía diversos cartões-postais para Víktor e os outros oficiais, que, com o gelo do terreno começando enfim a derreter, "todos juntos estamos cavando nossa horta [...]. O tempo está maravilhoso hoje e bem quente, então trabalhamos por um longo tempo". As irmãs haviam mudado seus aposentos no andar superior para se adaptarem às novas circunstâncias: "Estamos agora ficando todas juntas e escrevendo no mesmo Quarto Vermelho, onde continuamos a morar, já que não queremos nos mudar para o nosso dormitório". Elas haviam amarrado um balanço às argolas de ginástica na porta, onde "balançamos tão gostoso que os parafusos provavelmente não vão durar muito".[69]

Maio chegou, mas o tempo gelado permaneceu. Nevava e soprava um vento frio no dia em que Nicolau fez 49 anos; Alexei sofria de dores nos braços mais uma vez e estava de cama, e a sempre leal Elizaveta Naríchkina ficara com bronquite, ocasionada pelo frio cruel dos quartos sem aquecimento. Atencioso como sempre, Nicolau foi lhe fazer companhia no leito, e Alexandra mandou um ramalhete de anêmonas colhidas no jardim, mas no dia 12 Elizaveta teve de ser transferida para receber cuidados no Hospital do Palácio de Catarina. Quando se despediu de Nicolau, "ambos tivemos uma premonição de que nunca mais nos veríamos. Nós nos abraçamos várias vezes e ele não parava de beijar minha mão".[70]

O trabalho no jardim permaneceu como a única válvula de escape para as energias acumuladas, e maio foi passado com todo mundo colhendo cenoura, rabanete, cebola e alface, regando-os e observando com orgulho os quinhentos repolhos que haviam plantado começarem a ganhar volume em suas fileiras cuidadosamente ordenadas. Quando Nicolau, ainda vestindo sua túnica cáqui de

soldado, esgotou todo o trabalho possível na horta, começou uma vigorosa e sistemática derrubada de árvores mortas, serrando-as e preparando a lenha para o inverno. Estava quente agora o bastante para levar Alexei para passeios de bote a remo no lago perto da ilha das Crianças, ou para andar de bicicleta com as irmãs. E havia também os cachorros — Joy, de Alexei, Ortipo, de Tatiana, e Jimmy, de Anastácia, bem como dois filhotes da gata do Stavka que Alexei dera a Olga.[71]

Nicolau parecia perfeitamente satisfeito com o suor do esforço físico: "Trabalho braçal na horta", anotou em 6 de maio, "começamos a cavar os canteiros. Depois do chá, as vésperas, a ceia e a leitura da noite — [fico] muito mais com minha doce família do que em anos normais".[72] Era duro "ficar sem notícia da querida mamãe", admitia, "mas sou indiferente a tudo o mais."[73]

Quando as flores de lilás de maio desabrocharam, "o aroma do jardim era maravilhoso ao ficar perto da janela", observou Nicolau; as meninas também desfrutaram disso.[74] Anastácia era alegre e jovial em suas cartas para Kátia, dizendo-lhe no dia 20 como adoravam trabalhar na horta:

> Já plantamos um bocado; a quantidade total de canteiros é sessenta até o momento, mas vamos plantar mais. Por ora, não temos de trabalhar tanto, muitas vezes apenas ficamos nos aquecendo ao sol. Tiramos um monte de fotos e nós mesmas revelamos o filme.

Mas era difícil contar para Kátia, que a essa altura deixara Tsárskoe Seló com a família e fora para o sul, que seus hospitais em breve seriam fechados "e todo mundo vai embora, para minha grande tristeza".

> Estamos pensando muito em todo mundo; no momento em que escrevo esta carta, minhas irmãs estão sentadas ao meu lado na sala e bebemos chá, e Maria está sentada no peitoril da janela, escrevendo cartas; todos conversam muito e escrever cartas fica difícil. Mandam mil beijos. Você continua a praticar com os patins de rodinhas? Sente-se confortável morando com sua mãe em um novo lugar? Estou lhe enviando um broto de lilás do nosso jardim; que isso lembre você da primavera no norte [...]. Bem, Kátia, meu amor, preciso encerrar [...]. Mandamos abraços enormes para todo mundo aí! Que o Senhor esteja com você. Um beijo carinhoso com todo o amor. Sua A.[75]

Para todas as quatro irmãs, os pensamentos cada vez mais se voltavam às coisas de que tanto sentiam falta. “Hoje, muito suavemente, pude escutar os sinos do Palácio de Catarina tocando”, contou Olga a sua amiga Zinaída Tolstáia. “Quem dera eu às vezes pudesse ir a Znamenie.”[76] Anastácia sentia o mesmo: “Muitas vezes escutamos os sinos da boa catedral e ficamos tão tristes”, disse para Kátia em 4 de julho, “mas é sempre agradável lembrar os bons tempos, certo?” Ela sempre perguntava sobre Víktor e os demais oficiais e como estavam passando todos.[77] “Nessa época, no ano passado, estávamos em Mogilev”, recordou com saudades no dia 12. “Foi tão gostoso, assim como da última vez que estivemos lá, em novembro! Pensamos e conversamos constantemente sobre todos vocês.” Havia, disse, uma ou duas coisas divertidas ou interessantes que teria gostado de contar a Kátia, mas não podia escrever sobre isso em suas cartas: “você certamente compreende, não?”. A essa altura, como recordou o conde Benkendorf, mesmo o afável Korovitchenko começara a se queixar do “enorme volume de correspondência das jovens grã-duquesas, que tomavam grande parte de seu tempo e o impediam de entregar nossa correspondência tão rapidamente quanto deveria”.[78]

Um dos pontos altos da vida familiar, à parte receber cartas, eram as ocasionais exibições da coleção de cinematógrafos de Alexei, graças a um projetor que lhe fora presenteado e a uma grande quantidade de filmes feitos para ele pela Pathé durante a guerra. De outro modo, o entretenimento da noite restringia-se a Nicolau lendo em voz alta. Durante os cinco meses de seu encarceramento no Palácio de Alexandre, ele passou por um número considerável de romances populares franceses e ingleses: *Comte de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, e as aventuras de *Tartarin de Tarascon* e *Tartarin sur les Alpes*, de Alphonse Daudet; o popular *Le Mystère de la chambre jaune*, de Gaston Leroux, era um de seus favoritos, mas, sem dúvida, os mais populares eram os contos de Conan Doyle — *The Poison Belt*, *The Hound of the Baskervilles*, *A Study in Scarlet* e *The Valley of Fear*.

Tais incursões pelo terreno da aventura e da fantasia serviam apenas para distrair a família brevemente das realidades de seu cativeiro. À medida que o calor sufocante do verão aumentava — época que em outra circunstância teriam passado apreciando as brisas marinhas em Peterhof ou na Crimeia —, “Tsárskoe Seló era um lugar *morto*. Suas janelas estavam quase escondidas pelos galhos emaranhados das árvores sem poda”, recordou Lili Dehn, “a grama crescia entre as pedras de seu pátio silencioso”. Pouco antes de deixar Petrogrado, ela conseguira chegar lá para ver a família de longe: “Andei de um lado para o outro observando as janelas, mas quem estava dentro do Palácio não deu sinal de vida. Eu queria chamar em voz alta para anunciar minha presença, mas não ousei pôr

em perigo a segurança deles ou a minha".[79] Valentina Tchebotariova também se queixava da inércia da cidade; o caráter do lugar mudara completamente e perdera todo o orgulho e o vigor. Agora só o que se podia ver eram soldados perambulando sem objetivo, mastigando sementes de girassol, descansando na grama. Haviam acabado com os peixes nos lagos e pisoteado os canteiros floridos nos jardins públicos. "Quase não temos notícia das crianças agora", escreveu ela com tristeza. "Por lá levam uma vida monótona. As crianças se divertem entre si, Olga e Maria com estudo de história [...]. Trabalham a horta, elas mesmas plantaram cenoura." "Ontem", como lhe contaram, "andamos um pouco de bicicleta. À noite nos reunimos e papai lê em voz alta. Alexei caminha com papai bem mais" — a vida deles se resumia a isso. Quanto à mãe — "pensa apenas no passado".[80] O tom cada vez mais religioso das cartas de Alexandra era a evidência de seu recolhimento obstinado do mundo real para um mundo de contemplação mística da morte e da redenção. A Bíblia e as escrituras, dizia, forneciam-lhe respostas para todas as questões da vida, e ela se orgulhava da receptividade das crianças: "elas compreendem muitas coisas profundas — suas almas estão crescendo por meio do sofrimento".[81] O sofrimento se tornara o *métier* da família; Deus, sabia ela, os coroaria por isso.

No aniversário de dezesseis anos, em 5 de junho, Anastácia ganhou "um par de brincos e tive minhas orelhas furadas", contou a Kátia, embora "isso seja, por assim dizer, uma notícia sem importância".[82] Mas a ocasião logo foi estragada pela perda de todo seu cabelo. Desde o surto de sarampo, todas as meninas descobriram que seu cabelo caía em grandes punhados — o de Maria principalmente —, e no início de julho precisaram raspar a cabeça. Um dia depois Alexei fez o mesmo, por solidariedade. Pierre Gilliard capturou a reação estoica delas em seu diário e com a câmera:

> Quando saíram no parque, estavam usando lenços arrumados de maneira a ocultar o fato. No momento em que fui tirar suas fotografias, a um sinal de Olga Nicolaievna [*sic*] todas subitamente retiraram o adereço. Protestei, mas elas insistiram, achando muita graça na ideia de se verem fotografadas desse jeito, e não vendo a hora de presenciar a surpresa indignada de seus pais.

Gilliard ficou reconfortado em ver que "o bom humor delas reaparece de tempos em tempos, a despeito de tudo". Ele creditou isso à "juventude exuberante" das meninas. Mas embora encarassem a perda de seus lindos

cabelos compridos com tranquilidade, sua mãe morbidamente introspectiva via a coisa de forma bem diferente; a fotografia de Pierre, disse ela, fazia com que parecessem condenadas.[83]

"A pobre mamãe está terrivelmente entediada; não consegue de modo algum se acostumar com a nova vida e com as circunstâncias daqui", Olga disse a sua tia Olga em 21 de junho, "embora no geral possamos todos ser gratos pois estaremos juntos e na Crimeia".[84] Com o agravamento do conflito em Petrogrado, a discussão sobre a evacuação da família mais uma vez foi retomada. Em 4 de julho, Elizaveta Naríchkina escutara rumores de que um "grupo de jovens monarquistas concebeu um projeto insano: tirá-los de lá por carro, à noite, e levá-los a um dos portos, onde um vapor inglês estaria à espera". Mas ela temia "uma repetição de Varennes" — a tentativa de fuga em 1791 do deposto Luís XVI, sua esposa e a família, que resultara na prisão e na execução do rei e da rainha.[85]

Diante de um possível golpe bolchevique contra o governo provisório naquele verão, e preocupado com complôs para sumir com os Romanov, Kerénski (que nesse momento assumira o cargo de primeiro-ministro) foi ao Palácio de Alexandre para ver Nicolau. Elementos radicais no soviete de Petrogrado podiam tentar invadir o palácio e ele lhe disse que a família "iria provavelmente para o sul, dada a proximidade de Tsárskoe Seló com a tumultuada capital".[86] Na visão do conde Benkendorf, Kerénski achou que "seria mais prudente para Sua Majestade e sua família [...] se acomodarem no interior do país, longe de fábricas e quartéis, na casa de campo de algum proprietário rural".[87] A possibilidade da propriedade do grão-duque Mikhail em Brasovo, perto de Orel, 1060 quilômetros ao sul, foi discutida; mas logo se descobriu que os camponeses locais eram hostis.[88] Houve até uma conversa de mandar a família para o mosteiro Ipátiev, em Kostromá. Nicolau e Alexandra continuavam apegados a esperanças da Crimeia, pois sua mãe e irmãs e as famílias delas moravam lá, agora, mas isso estava fora de questão para Kerénski; viajar todo o caminho por trem, atravessando as cidades industriais pesadamente politizadas da Rússia central, seria impossível.[89]

"Todos pensamos e conversamos sobre nossa viagem iminente", escreveu Nicolau em 12 de julho. "É estranho pensar em sair daqui após quatro meses de reclusão."[90] No dia seguinte, ele começou "furtivamente a juntar minhas coisas e meus livros", ainda alimentando esperanças de ir para a Crimeia, onde "poderia viver como um homem civilizado".[91] Parecia que Kerénski pretendia removê-los em algum momento após o aniversário de Alexei, mas por ora, ainda que os Romanov não soubessem, ele considerava outras opções, muito diferentes.[92]

Enquanto isso, na horta do palácio, ignorando tudo, as crianças eram capazes

de saborear seus primeiros legumes cultivados em casa e estavam aprendendo a cultivar feno. Fazia um calor escaldante e Alexei se divertia espirrando água nas meninas de uma bomba d'água. Elas não se importavam: "É tão bom lá fora", Tatiana contou a sua amiga Zinaída Tolstáia:

> Mas ainda melhor quando você mergulha no bosque, onde é bem selvagem e você pode andar pelas pequenas trilhas e coisas assim [...]. Oh, com que inveja fiquei ao ler que você viu os encouraçados *Alexander III* e *Prut*. A gente sente muita falta disso — nada de mar, nada de barcos! Ficamos acostumados a passar praticamente o verão inteiro na água, nos escolhos; na minha opinião, não há coisa melhor; foram os melhores e mais felizes tempos de todos — afinal, ficamos navegando por nove anos direto e mesmo antes, quando éramos bem pequenas; e agora é tão estranho ter ficado aqui por três anos sem a água, não existe outra sensação no verão para mim, já que a gente costumava só ficar em Tsárskoe Seló no inverno e às vezes na primavera, até ir para a Crimeia. No momento, as tílias estão completamente floridas e o cheiro é divino.[93]

Na metade do mês, a família fazia as malas com determinação, para a aguardada viagem para o sul. E então, na sexta-feira, 28 de julho, Nicolau escreveu, desolado:

> Após o café da manhã descobrimos pelo conde Benkendorf que não pretendem nos enviar para a Crimeia, mas para uma das distantes cidades provincianas que ficam a três ou quatro dias de viagem na direção leste! Mas onde exatamente eles não dizem — nem mesmo o comandante sabe. E lá estávamos nós ainda contando com uma longa estada em Livádia![94]

Nos dois dias seguintes, com todo mundo correndo para separar os itens que mais queriam levar consigo, ainda não havia indicação clara de para onde exatamente estavam indo. As esperanças foram finalmente baldadas quando, no dia 29, informaram-lhes "que devemos nos aprovisionar com roupas quentes". Pierre Gilliard ficou desolado: "Então não iremos para o sul. Uma grande decepção". Haviam dito a eles que esperassem por uma viagem de cinco dias; Nicolau não tardou a se dar conta. Cinco dias em um trem significava que estavam a caminho da Sibéria.[95]

Com a partida da família programada para 31 de julho, os membros da comitiva tinham de decidir se iriam se preparar para viajar com eles para um futuro decididamente incerto. Pierre Gilliard não tinha dúvidas sobre onde residia seu dever, como explicou numa carta para sua família na Suíça, no dia 30: “Tenho pensado em todas as possíveis eventualidades e não sinto temor pelo que me aguarda. Sinto que devo ir até o fim [...] com a graça de Deus. Tendo me beneficiado de dias felizes, não devo partilhar com eles os dias ruins?”.[96] As damas de companhia Trina Schneider e Nástenka Guéndrikova também se preparavam para ir com a família, mas Iza Buxhoeveden estava prestes a passar por uma cirurgia e teria de se juntar a eles mais tarde; Sydney Gibbes, ainda preso em Petrogrado, esperava proceder do mesmo modo.[97]

Em 30 de julho, todos fizeram o possível para comemorar o aniversário de treze anos de Alexei. Alexandra pediu que o ícone de Nossa Senhora do Sinal fosse trazido da igreja Znamenie para um *Te Deum* especial conduzido pelo padre Beliáev. Foi uma experiência muito emocionante e todos foram às lágrimas: “De algum modo foi particularmente reconfortante rezar à sua santa imagem, junto com todo nosso pessoal”, escreveu Nicolau, sabendo que provavelmente seria pela última vez.[98] Mais tarde, a família saiu na horta para tirar fotos de despedida uns dos outros e por hábito Nicolau cortou um pouco de lenha, dizendo a Benkendorf (que, velho demais e com a esposa doente, permaneceria em Tsárskoe Seló) para distribuir os legumes e a lenha entre os criados que haviam permanecido leais durante seu cativeiro. Valentina Tchebotariova enviara um bilhete para Tatiana nesse dia, parabenizando-os pelo aniversário de Alexei: “Quanto a você, minha querida criança, permita a essa velha V[alentina] I[vanova] que tanto a ama fazer mentalmente o sinal da cruz diante de você e lhe dar um beijo terno”.[99]

Instruída a se preparar para partir à meia-noite do dia 31 de julho, uma segunda-feira, a família se reuniu no salão semicircular, no andar de baixo, perto da entrada principal. O elegante salão de recepção de mármore parecia “um saguão de alfândega”, como observou a camareira Anna Demídova. Ela ficou horrorizada com as montanhas de bagagem que duas horas mais tarde ainda tinham de ser levadas para os caminhões que aguardavam; às três da tarde, os carregadores mal haviam diminuído a pilha de malas e todos estavam ficando ansiosos com a demora da partida, que fora programada para a uma hora.[100] Finalmente, tudo foi carregado, mas agora corriam rumores de que o trem deles nem sequer deixara Petrogrado.[101] Ficaram todos ali sentados, exaustos, e aguardando com peso no coração à medida que a noite avançava. As meninas choravam bastante, e Alexandra ficou extremamente agitada. O dr. Bótkin passou a noite indo de um em um com gotas de valeriana para acalmá-los.

Alexei tentou deitar e dormir mas acabou desistindo. Lívido de fadiga, ficou "aboletado em uma caixa e, segurando seu spaniel favorito, Joy, pela guia", enquanto o pai andava de um lado para outro, fumando um monte de cigarros.[102] Todos ficaram gratos pelo oferecimento de chá quando enfim eram 5 horas.

Nos bastidores, os planos de evacuação de Kerénski estiveram perto de fracassar. Durante a noite, trabalhadores na estação Nikoláevski de Petrogrado, que vinham preparando o trem, começaram a hesitar quanto a deixá-lo partir. "Por toda a noite houve dificuldades, dúvidas e hesitações. Os ferroviários postergaram as manobras e atrelagens, deram telefonemas misteriosos, enviaram perguntas a algum lugar."[103] O dia estava quase raiando quando o trem — que consistia em vagões-leitos e um vagão-restaurante da Ferrovia da China Oriental — finalmente chegou à estação Aleksándrovski em Tsárskoe Seló com mais de cinco horas de atraso e foi estacionado no fundo dos trilhos, longe da entrada principal.[104] A própria estação "estava cercada por soldados, muitos com rifles carregados" que haviam "marchado e se perfilado de ambos os lados da rua, do palácio à estação, cada soldado carregando em seu cinto sessenta cartuchos de munição".[105]

A essa altura chegara a notícia a Tsárskoe Seló de que alguma coisa estava em andamento, e quando o sol surgiu no dia 1º de agosto um cordão triplo de guardas diante do palácio precisou conter uma "multidão imensa de pessoas apupando e gritando ameaçadoramente", ansiosa para dar uma última olhada no *Nikoláchka-duratchok*[59] sendo levado embora.[106] Por volta das 5h15, quatro carros finalmente chegaram. Ficou claro que seria impossível levar a família passando pela multidão no portão principal; eles teriam de atravessar o Parque de Alexandre para chegar à estação pelo lado oeste. A comitiva tentou mostrar coragem e permanecer alegre durante essa despedida final, recusando-se a dizer *Do svidániia*, mas repetindo o mais enfático *Do skórogo svidániia*, "até que nos vejamos em breve".[107] Para seu desespero, a tsarina não tivera permissão de se despedir de todos os seus criados mais leais, particularmente sua *mistress of the robes* idosa, Elizaveta Naríchkina, que servira três tsarinas. Mas ela enviou um bilhete: "Adeus, querida e maternal amiga, meu coração está cheio demais para escrever mais do que isto".[108] Foi somente então, quando Alexandra deixava o palácio, que Kerénski, que em seus encontros anteriores a achara "orgulhosa e inflexível, plenamente consciente de seu direito de governar", viu pela primeira vez "a ex-imperatriz apenas como mãe, ansiosa e chorando".[109]

Quando a família chegou à estação — seus carros cercados por uma escolta montada de dragões —, tiveram de caminhar pela areia úmida e pesada do aterro da ferrovia para chegar a seu trem, que fora disfarçado com bandeiras e cartazes proclamando que fazia parte de uma "Missão da Cruz Vermelha".[60][110]

Alexandra mal conseguia caminhar, tampouco pôde subir no estribo do trem, e teve de ser "erguida com grande dificuldade e na mesma hora caiu de quatro". Uma escolta militar, chefiada por Evguéni Kobilínsky, viajaria com eles e sua comitiva imediata nesse trem; um segundo trem aguardava nas proximidades pelo restante dos criados e dos guardas.[111]

Quando todo mundo da comitiva Romanov se acomodou em seus lugares, Kerénski correu até a frente e gritou: "Eles podem ir!". "O trem todo imediatamente estremeceu na direção do ramal imperial." Depois disso a multidão quieta e atenta que se juntara "subitamente ficou agitada e acenou com as mãos, os lenços e os chapéus", numa estranha despedida silenciosa.[112] O sol nascendo era lindo, notou Nicolau, quando o trem rumava para o norte na direção de Petrogrado, antes de fazer a curva para sudeste, na direção dos Urais; sua atitude ao partir como um civil comum de seu lar durante 22 anos foi tão impassível quanto fora em sua abdicação.

"Vou lhe descrever como viajamos", escreveu mais tarde Anastácia sobre a viagem, em um ensaio para Sydney Gibbes em que, como sempre, brigava com a ortografia inglesa:[61]

> Começamos pela manhã e quando chegamos ao trem fui dormir, assim como todos nós. Estávamos muito cansados porque não dormimos a noite toda. O primeiro dia foi quente e muito poeirento. Nas estações tínhamos de fechar as cortinas das janelas para que ninguém nos visse. Certa vez, à noitinha, eu estava olhando pela janela, havíamos parado perto de uma casinha, mas não havia estação, então podíamos olhar. Um menino pequeno veio até minha janela e pediu: "Tio, por favor me dê, se o senhor tiver, um jornal". Eu disse: "Não sou tio, mas tia, e não tenho jornal". Num primeiro momento não consegui entender por que ele me chamou de "tio", mas então lembrei que meu cabelo estava cortado e eu e os soldados (que estavam perto de mim) rimos muito. No caminho, muitas coisas engraçadas aconteceram e se eu tiver tempo vou escrever para você sobre nossa viagem depois disso. Adeus. Não se esqueça de mim. Muitos beijos de todos nós, para você, meu querido. Sua A.[113]

Foi só então, no trem, que a família foi finalmente informada sobre seu destino.[114] "E assim terminou esse ato da tragédia, o episódio final do período em Tsárskoe Seló", escreveu Valentina Tchebotariova em seu diário depois que haviam partido. "O que", perguntou-se ela, "os aguarda em Tobolsk?"[115]

57 O cachorro é frequentemente chamado em outros lugares de Jem ou Jemmy, mas as cartas de Kátia confirmam seu nome como acima. Também se questionou — com base talvez na lembrança falha de Anna Vírubova — se Jim pertencia a Tatiana, mas novamente as cartas de Anastácia para Kátia não deixam dúvida de que o cão era dela.
58 No dia 12 de abril, essa determinação foi revogada para permitir que dividissem um quarto outra vez.
59 “Pequeno Nicolau, o tolo”.
60 As fontes variam sobre qual era precisamente a bandeira sob a qual o trem viajava. Uns dizem japonesa, outros, inclusive Anna Demídova em seu diário, dizem americana. Ela fala claramente de cozinheiros chineses trabalhando no vagão-restaurante e uma testemunha entre os ferroviários confirma que os vagões foram fornecidos pela Ferrovia da China Oriental — uma linha que operava efetivamente como uma extensão da Ferrovia Transiberiana para a Manchúria, via Harbin, e até a costa do Pacífico em Vladivostok.
61 Tanto a ortografia — “sleap” (*sleep*), “tierd” (*tired*), “curtanse” (*curtains*), “hear” (*hair*) etc. — como também a gramática são sofríveis. (N. T.)

Capítulo Dezenove

NA RUA DA LIBERDADE



“Por que há tantos soldados neste trem?”, perguntou uma das grã-duquesas, ao deixarem a estação Aleksándrovski. Estavam todas, é claro, acostumadas a ser escoltadas pelos militares, “mas o grande número nessa ocasião despertou sua surpresa”.[1] Ao todo, 330 homens e seis oficiais do 1º, 2º e 4º Rifles acompanharam os Romanov em sua jornada à Sibéria, o 1º ocupando as cabines imediatamente ao lado da família. Sempre que o trem passava por uma estação, as venezianas eram mantidas bem fechadas, e as portas, trancadas, e ele parava apenas em ramais de paradas rurais onde havia poucos curiosos para fazer perguntas, quando havia.

Em Petrogrado, quando a notícia se espalhou de que a família imperial fora despachada, houve considerável confusão acerca de seu destino. Muito se falava sobre a Crimeia; outros ouviram dizer que o trem seguia para Mogilev, no oeste, e depois deixaria a Rússia. “Isso causou pânico no subúrbio Narva de Petrogrado”, lembrou Robert Crozier Long:

> Uma multidão de operários bolcheviques proclamou que o governo contrarrevolucionário de Kerénski havia traiçoeiramente enviado o tsar para a segurança da Alemanha, e que o resultado seria uma invasão imediata com o objetivo da Restauração.[2]

Em outros lugares, abundavam rumores de que o trem seguiria até Harbin, na

Manchúria — o lugar já se tornando um refúgio para Russos Brancos fugidos da revolução.[3] Talvez Kerénski o tivesse em mente como um último destino, mas por ora o objetivo era deixar os Romanov longe dos tentáculos dos militantes de Petrogrado.[62]

A despeito da grande proximidade com tantos guardas, a camareira Anna Demídova não achou a viagem desagradável. Nesse primeiro dia no trem, como observou em seu diário, fazia um calor sufocante, mas suas cabines eram muito limpas e confortáveis e a comida servida no vagão-restaurante era surpreendentemente boa, preparada por cozinheiros chineses e armênios da linha ferroviária.[4] Alexei e a mãe, que estavam ambos exaustos, não se reuniram aos outros, preferindo jantar em sua cabine. Finalmente, às sete e meia da noite, ainda com o calor opressivo, receberam todos permissão para descer do trem e esticar as pernas e Anna e as meninas até pararam para colher mirtilos pretos e vermelhos. Mas estavam todos apreensivos quanto ao destino para o qual rumavam:

> É difícil pensar sobre o lugar para onde estão nos levando. Enquanto está a caminho, você não pensa tanto no que está por vir, mas seu coração fica pesado quando começa a pensar em como está longe da família e se e quando poderá voltar a vê-los. Não vi minha irmã uma única vez em cinco meses.[5]

Mas ela dormiu bem nessa noite, aliviada, após duas semanas de terrível incerteza e pouquíssimas horas de sono, por finalmente saber para onde estavam indo, embora o pensamento de Tobolsk provocasse um aperto em seu coração. Mais tarde nesse dia, quando o trem se deteve numa parada rural, ela escutou perguntas sendo feitas a um dos guardas por um funcionário da ferrovia:

> “Quem está no trem?”
> “Uma Missão da Cruz Vermelha americana.”
> “Então por que não aparecem e saem dos vagões?”
> “Porque estão todos muito doentes, com risco de vida.”[6]

Descansando em sua cabine, Alexandra anotou escrupulosamente as estações por onde passavam: Tíkhvin — Tcherepovets — Chavra — Katen — Tchaikóvski — Perm — Kamichevo — Poklévskaia: à parte Perm, todas

obscuras estações intermediárias em um vasto império que ela e Nicolau jamais haviam chegado a conhecer e do qual agora se separavam para sempre.

Mais tarde, perto do rio Sliva, em Kama, receberam permissão de desembarcar do trem mais uma vez para uma caminhada de uma hora; pararam para admirar a vista do lindo vale de Kungur e as meninas colheram flores. Agora mais à vontade, nessa noite Anna Demídova jogou uíste com o dr. Bótkin, Iliá Tatíschchev e Vassíli Dolgorúkov.[7] Outro dia quente e longo se seguiu ao cruzarem a infindável estepe russa com seus vastos campos de grãos maduros esparramando-se na distância. O trem finalmente atravessou os Urais e entrou na Sibéria ocidental no dia 4, avançando pelo grande ramal ferroviário em Ecaterimburgo. Nicolau notou o frio distinto no ar no momento em que avistaram o atracadouro em Tiumén, às 23h15 nessa noite.[8]

Não havia linha ferroviária para Tobolsk e o lugar era acessível por barco apenas durante os breves meses de verão, de modo que a família agora embarcava no vapor de construção americana, o *Rus*, pelo restante da jornada. Eles não contaram com nenhum privilégio especial a bordo, apenas camas duras e simples como todos os demais; para grande desgosto de Anna Demídova, não havia garrafas com água em nenhuma cabine, e as instalações de banho eram muito precárias. Ela chegou à conclusão de que o barco era projetado para pessoas que não se lavavam com frequência. Levou a noite inteira para carregar toda a bagagem e a escolta em dois vapores adicionais, o *Kormílets* e o *Tiumén*, e foi somente às seis da manhã do dia 5 de agosto que o *Rus* finalmente partiu na viagem fluvial de 304 quilômetros para Tobolsk.[9]

Grupos esparsos ocupavam as duas margens baixas do rio que mostravam poucos traços a distingui-las. O filho do dr. Bótkin, Gleb, mais tarde recordou "os mesmos campos marrons, os mesmos arvoredos de bétulas de aspecto frágil. Nenhuma colina, nem a mais ligeira elevação de qualquer tipo para quebrar a monotonia da paisagem".[10] Trinta e seis horas mais tarde e agora nas águas mais amplas do rio Tobol, o barco entrou no Irtish — "um pequeno regato moroso que escoa, ou escoa parcialmente, um dos grandes pântanos da Sibéria oriental" —, conduzindo-os a Tobolsk.[11] Tendo ouvido falar da chegada iminente do tsar, muitos se juntaram para tentar vê-lo. "Literalmente, a cidade inteira, não estou exagerando, saiu para a margem", recordou o comissário Makárov, da guarda.[12] Os sinos da igreja estavam soando para o Banquete da Transfiguração e quando o *Rus* atracou no desembarcadouro, às seis e meia da noite de 6 de agosto, Nicolau recordou que a primeira coisa que a família avistou foi "a catedral e as casas na colina".[13] Abaixo, às margens do Irtish, a cidade de Tobolsk em si era uma confusão de casas de madeira baixas e estradas de terra construídas em um terreno pantanoso e sem árvores. O lugar era significativo por dois motivos: por

ser um antigo local de exílio — Fiódor Dostoiévski passara dez dias numa cela ali, a caminho de Omsk, em 1850 — e por abrigar mosquitos "com fama de serem de tamanho e ferocidade sem iguais em nenhum outro lugar".[14] A malária assombrava os miasmas das florestas pantanosas que se estendiam por quilômetros em torno da cidade.

Um pequeno *kremlin* de pedra branca do século XVIII — o único de seu tipo na Sibéria — dominava a paisagem do topo de um íngreme alcantil no interior, e era mais ou menos tudo o que Tobolsk tinha a oferecer ao turista ousado. Suas principais atrações eram o antigo palácio do bispo — agora um tribunal —, a Catedral de Santa Sofia e um museu contendo "grandes coleções de velhos aparelhos de tortura: ferros para marcar com fogo as testas e os rostos dos prisioneiros, instrumentos para arrancar o osso central do nariz [prática favorita dos torturadores no reinado de Boris Godunov], dolorosos grilhões e outros horríveis dispositivos".[15] As igrejas dominavam a cidade: vinte haviam sido construídas para servir uma população de cerca de 23 mil pessoas. Kerénski conhecia Tobolsk, tendo visitado o lugar em 1910, e o escolhera para os Romanov não como uma lição sobre as iniquidades do tsarismo, mas porque não havia proletariado industrial ali, nada de estações ferroviárias ou fábricas fervilhando de ativistas políticos, e porque durante oito meses do ano era "isolado do mundo [...] tão afastado das relações humanas quanto a lua".[16] O inverno siberiano era um policial melhor do que qualquer prisão; como Olga descobriria rápido: "Tobolsk é um canto afastado quando o rio congela".[17]

Enquanto a família aguardava a bordo do *Rus*, Kobilínsky, Dolgorúkov, Tatíschev e Makárov foram inspecionar as acomodações. A antiga Casa do Governador — rapidamente rebatizada como Casa da Liberdade — se localizava na também apropriadamente revolucionária rua da Liberdade. Era um dos dois melhores edifícios que a cidade tinha a oferecer, e contava com a vantagem de calçadões de madeira para poupar os pedestres do lodaçal no intratável charco de outono. Mas duas horas mais tarde os quatro homens voltaram com expressão sombria: a "casa suja, lacrada com tábuas, malcheirosa" tinha "salas de banho e banheiros terríveis" e, em seu presente estado, era totalmente inabitável.[18] Até três dias antes fora usada como alojamento pelos deputados do Soviete de Trabalhadores e Soldados local, que a deixaram imunda e praticamente desguarnecida. Não havia cadeiras, mesas, pias, nem mesmo tapetes. As janelas de inverno duplas estavam sujas e não tinham sido removidas e havia lixo por toda parte. Forçada a permanecer a bordo do *Rus* e para passar o tempo enquanto esperava que a casa fosse preparada, a família Romanov realizou algumas excursões no rio e aproveitou ao máximo toda oportunidade para descer e caminhar.

Anna Demídova nesse ínterim fora na frente para ajudar a arrumar a casa e ficara muito deprimida ao ver o interior dilapidado. Logo estava andando pela cidade com Nástenka Guéndrikova e Vassíli Dolgorúkov à procura de artigos domésticos: jarras e jarros para as pias, baldes, latas de tinta, ferros de passar, vidros de nanquim, velas, papel para escrever, lã e linha para remendos, bem como uma muito necessária lavadeira para cuidar de toda a roupa suja da família. Ela parou para admirar os casacos de pele e quentes *valenki* à venda no mercado — tudo a preços horrivelmente inflacionados, aumentados deliberadamente quando se soube da chegada da família real à cidade. Mas no mais "tudo aqui é muito primitivo", escreveu ela em seu diário.[19] Makárov, nesse meio-tempo, estivera à procura de um piano para Alexandra e as grã-duquesas, bem como de mobília adicional, enquanto uma equipe de tapeceiros, carpinteiros, pintores e eletricistas — alguns deles prisioneiros de guerra alemães — era reunida para reformar a casa a toda a pressa.[20] O mais urgente eram os consertos no encanamento inadequado, mas havia também considerável preocupação quanto a onde exatamente as autoridades alojariam toda a equipe que não podia ser acomodada na Casa do Governador.

"A família está suportando tudo com grande sangue-frio e coragem", escreveu Dolgorúkov. "Ao que parece, eles se adaptam facilmente às circunstâncias, ou pelo menos fingem fazê-lo, e não se queixam, após todo o luxo anterior."[21] Finalmente, no domingo, 13 de agosto, a casa ficou pronta. Apenas uma carruagem foi disponibilizada para levar Alexandra do navio até lá, acompanhada por Tatiana; o resto da família, criados e comitiva tiveram de caminhar um quilômetro e meio até a cidade. Quando entraram, todo o andar térreo era uma confusão de bagagem e caixas de embrulho; não obstante, foi-lhes permitida uma cerimônia dominical improvisada, conduzida pelo padre local, que abençoou os cômodos com água benta.[22]

Embora as malas tivessem sido feitas às pressas, Alexandra providenciara para que trouxessem consigo não apenas suas roupas e objetos pessoais, mas também muitas de suas fotos prediletas, talheres de prata, porcelanas com monograma, toalhas de mesa, um fonógrafo e discos, suas câmeras e equipamento fotográfico, livros favoritos, um baú de álbuns de fotografias e outro contendo todas as cartas e diários (os que não haviam sido destruídos). As meninas deixaram para trás todos seus lindos vestidos da corte e os grandes chapéus elaborados, trazendo consigo apenas simples trajes de linho, vestidos brancos de verão, saias, blusas, chapéus de sol, jaquetas de pelo e grossos casacos de feltro.

A família foi acomodada no primeiro andar da casa de dois andares, com as meninas dividindo um dormitório no canto, de frente para a rua. Alexei ficou

com seu *diádka* Nagórni num pequeno quarto ao lado desse.[63][23] Havia um aposento para Nicolau e Alexandra, bem como um escritório para ele e uma sala de visitas privada para ela, uma sala de banho e um banheiro. Um grande salão de baile diante do escritório de Nicolau seria usado para cerimônias religiosas, mobiliado com a capela de campanha que a família trouxera consigo de Tsárskoe Seló e com a coberta de renda de Alexandra servindo de toalha para o altar. As cerimônias seriam conduzidas pelo padre e diácono da igreja Blagovéschenski, nas proximidades, assistido por quatro freiras do convento Ivanóvski, nos arredores da cidade, que vinham cantar a liturgia (além de presenteá-los com bem-vindos ovos e leite).[24]

Com resignação típica, as quatro irmãs imediatamente começaram a extrair o máximo de seu ambiente, cuidando para que o quarto que dividiam ficasse o mais adequado possível. Havia um forno tradicional, alto, de azulejos brancos no canto, um sofá pequeno coberto de almofadas, uma mesa que logo se cobriu de livros, canetas e papel. Cadeiras simples de madeira curva ficavam ao pé das quatro modestas camas de campanha das meninas, trazidas do Palácio de Alexandre e cercadas por biombos decorados com xales e colchas coloridos, que as meninas também penduraram nas paredes brancas nuas e frias, para criar uma atmosfera de cordialidade e intimidade. Em seus minúsculos criados-mudos as irmãs puseram suas bugigangas favoritas, ícones e fotografias. Todas prenderam também inúmeros retratos na parede acima de suas cabeceiras: as duas mais novas optando por estimados lembretes da Escolta do Tsar em seus uniformes cossacos em Mogilev, e outros amigos, parentes, bichos de estimação e tão queridos oficiais feridos, enquanto o gosto mais sóbrio de suas irmãs mais velhas recaiu sobre imagens religiosas e uma grande foto dos pais a bordo do *Shtandart*.[25]

A sala de jantar ficava no andar de baixo, assim como um quarto ocupado por Pierre Gilliard, onde ele também dava aulas para as crianças. Mais tarde, quartos divididos no andar inferior foram destinados às criadas Aleksandra Tégleva e Elizaveta Ersberg, que cuidavam das crianças, Maria Tutelberg, que cuidava de Alexandra, e outros membros da equipe de criadagem, inclusive o pajem de Nicolau, Terénti Tchemodúrov. Por ora, o restante da comitiva e dos empregados abrigava-se na Casa Kornílov, logo em frente, que era ainda menos preparada e adequada: Nástenka Guéndrikova e sua criada, Paulina Mezhants, o dr. Bótkin (a quem se juntaram, em meados de setembro, seus dois filhos, Gleb e Tatiana), o dr. Derevenko e sua família, Tatíschev e Dolgorúkov. Ali, ocupando cubículos grosseiramente divididos em um grande salão com correntes de vento, e com muito pouca concessão à privacidade, mais tarde reuniram-se às mulheres Trina Schneider e suas duas criadas, Kátia e Macha, além de outra tutora, Klávdia

Bítner.[26] Embora a família continuasse sob prisão domiciliar, apenas com o pátio externo para se movimentar um pouco e as ocasionais saídas para a igreja próxima, a comitiva e a criadagem estavam, até segunda ordem, livres para circular pela cidade.

O tempo continuava quente e ensolarado em Tobolsk até setembro já estar bem avançado, mas a família ficara profundamente desconsolada em ver que o "assim chamado jardim" não passava de um "pequeno retalho de legumes detestável" onde se poderiam cultivar apenas repolhos e nabos, quando muito.[27] Além disso, nos fundos da casa havia uma estufa anexa, um barracão de lenha e um celeiro, bem como algumas bétulas mirradas. Nada de flores nem arbustos. A única concessão para as crianças eram dois balanços. Nicolau ficou amargamente desapontado que o jardim não oferecesse oportunidade para o trabalho físico e a recreação de que tanto gostava, embora alguns dias depois houvesse cortado um pinheiro seco e recebesse permissão de instalar uma barra horizontal para se exercitar diariamente. Ao lado da casa as autoridades haviam improvisado um pátio de terra para recreação — duas vezes por dia, entre as onze e o meio-dia, e depois do almoço até o anoitecer —, cercando um quadrado de terreno da rua sem pavimentação.

As incertezas do novo ambiente familiar foram bem rapidamente aumentadas com o recebimento cada vez mais errático de cartas. "Minha querida Kátia", escreveu Anastácia dias depois de chegar, "estou escrevendo esta carta para você na certeza de que nunca vai recebê-la [...]. É tão triste ser incapaz de receber notícias suas. Muitas vezes pensamos e falamos em você [...]. Você recebeu minha carta de 31 de julho e o cartão que escrevi há muito tempo?" Ela agora numerava suas cartas, na esperança de poder rastreá-las. Mas seus pensamentos já se voltavam para momentos mais felizes: "Pergunte a Víktor se ele ainda se lembra do último outono. Ando cheia de lembranças ultimamente [...] só coisas boas, é claro!". Inserindo uma pétala vermelha de uma papoula no jardim, ela se desculpou por ter tão pouco a dizer: "Não tenho como escrever nada interessante [...] passamos o tempo na monotonia".[28]

A monotonia, porém, foi interrompida logo depois pela notícia inesperada: a amiga de Olga, Rita Khitrovo, chegara a Tobolsk ansiosa por ver a família e lhes entregar cerca de quinze cartas (que escondera em uma almofada de viagem), bem como chocolates, perfumes, doces e biscoitos, além de ícones enviados por vários amigos.[29] A jovem de 22 anos, altamente sensível e excitável, cuja

sinceridade e a devoção a Olga — ao ponto da veneração — eram igualadas apenas por seu destemor, se incumbira sozinha de fazer a viagem sem pensar nas possíveis repercussões. Ao não receber permissão de entrar na Casa do Governador, Rita foi à Casa Kornílov para ver Nástenka Guéndrikova, de onde acenou e mandou beijos para as quatro irmãs, que haviam saído para o balcão para tentar vê-la.

Mas sua chegada deixou as autoridades alarmadas. Durante a viagem, Rita mandara cartões-postais para casa que haviam sido interceptados e considerados suspeitos. Acreditava-se que pudesse estar de conluio com Anna Vírubova e outras amigas monarquistas numa conspiração para resgatar a família, os rumores de um complô nebuloso de "oficiais cossacos" já circulando em Tobolsk. Pouco depois, por ordens de Kerénski, os homens vieram inspecionar todas as coisas que Rita trouxera para a família. As cartas foram verificadas e consideradas inofensivas, mas ela foi presa e enviada de volta a Moscou para interrogatório. Ouvindo falar da história mais tarde, Valentina Tchebotariova achou que fizeram "uma tempestade em copo d'água", pois Rita insistia em que a viagem fora feita inteiramente por seu desejo pessoal de ver a família. Mas, sem ter intenção, ela lhes causara mal: "um tolo prestativo é mais perigoso do que um inimigo", como observou Valentina.[30] O comissário Makárov foi transferido pelo governo provisório e substituído por um novo homem, Vassíli Pankrátov.

Pankrátov era o revolucionário da velha guarda arquetípico. Filho de camponeses, fora ativo no movimento extremista *Naródnaia Vólia* [A Vontade do Povo], da década de 1880, e em 1884, sentenciado à morte por matar um gendarme em Kiev. Foi apenas sua juventude que o poupou da forca; em lugar disso, serviu catorze anos encarcerado na notória Fortaleza Shlisselburg e dali foi mandado ao exílio em Iakútiya antes de ser libertado na anistia política de 1905. Sua carreira revolucionária talvez tivesse sido típica, mas, para Nicolau, Pankrátov seria "o homenzinho".[31] Mesmo assim, teve de se adaptar a ele, pois Pankrátov, que fez o melhor pela família dentro das restrições que lhe haviam sido impostas, seria a única ligação deles com o mundo exterior. Durante as semanas que se seguiram, a família e Pankrátov aprenderiam muito sobre o outro e desenvolveriam uma relação educada e respeitosa.

A primeira coisa que deixou o novo comissário admirado foi ver a família em oração. Ele notou toda a devoção com que Alexandra chegou e arrumou o altar improvisado, cobrindo-o com o tecido enfeitado, as velas e os ícones antes da chegada do padre e das freiras para a cerimônia. Havia uma meticulosidade em cada aspecto da observância religiosa da família: depois que a comitiva e os criados se reuniam em seus lugares, designados segundo a posição, a família

entrava por portas laterais e todos faziam uma reverência. Durante a cerimônia, Pankrátov notou com que frequência — e ardor — os Romanov faziam o sinal da cruz. Ele não conseguia deixar de se impressionar que "a família toda do antigo tsar se entregara a um estado de espírito e um sentimento verdadeiramente religiosos" — ainda que fosse algo além da sua compreensão.[32]

Com suas vidas tão baseadas na aceitação religiosa, não levou muito tempo para a família voltar ao mesmo tipo de rotina tranquila e repetitiva que havia seguido durante a prisão domiciliar no Palácio de Alexandre. Tendo sempre sido ativo fisicamente, Nicolau ficou muito frustrado pela falta de exercício e passou a ir e vir pelo pátio quarenta ou cinquenta vezes em uma hora, embora em breve pudesse se ocupar de cortar lenha para o inverno. O único interesse de Alexei fora de casa, até a chegada de um colega para brincar, o filho do dr. Derevenko, Kólia, mais tarde nesse mês, eram os cachorros. Grande parte do tempo das meninas era dedicado, quando não estavam ajudando o pai a serrar troncos, a espantar Joy e Ortipo da pilha de lixo nos fundos do pátio, onde eles insistiam em cavoucar à procura de comida.[33] O calor era demasiado para Alexandra, que às vezes ficava no balcão sob um guarda-sol, costurando, antes de entrar. Raramente se levantava e saía do quarto antes da hora do almoço, e muitas vezes permanecia sozinha na casa quando os demais estavam lá fora — pintando e costurando, ou tocando piano. Grande parte de seu tempo era passado na contemplação religiosa e na leitura dos evangelhos, a respeito dos quais continuava a escrever em longas cartas eloquentes para as amigas, particularmente Anna Vírubova.

A comida na Casa do Governador era surpreendentemente boa e abundante em comparação com a desesperadora escassez agora sofrida em Petrogrado. Muitos dos moradores locais simpatizavam com o antigo tsar e sua família e doações de alimento começaram a chegar. Alguns tiravam o chapéu ao passar na rua; outros ocasionalmente até se ajoelhavam e faziam o sinal da cruz. Velhos hábitos são difíceis de erradicar, mesmo ali, e Alexandra continuava a escrever cartões de menu para as refeições modestas de todo dia. A atmosfera também era menos estressante. As noites eram passadas com as costumeiras partidas de besigue e dominó, ou *bumble puppy* e *nain jaune*, e Nicolau, como sempre, lia em voz alta — sua primeira escolha ao chegar a Tobolsk sendo *Pimpinela Escarlate*. Ele então começou a revisitar os clássicos da literatura russa. "Decidi reler todos os nossos melhores escritores do início ao fim (estou lendo livros ingleses e franceses também)", contou à mãe.[34] Tendo acabado de reler Gógol, passou a Turguéniev. Mas como Pankrátov notou, achando graça, os membros da comitiva muitas vezes pareciam entediados por ter de se sentar em silêncio enquanto ele lia e começavam a sussurrar entre si ou até cochilavam ao tom

monótono de sua voz.[35] Não obstante, a leitura era, sem dúvida, uma bênção para toda a família. Sydney Gibbes logo chegou com mais livros queridos das crianças: histórias de aventura inglesa, como um dos grandes favoritos de Alexei, *Cast Up by the Sea*, de Sir Samuel Baker, os romances de Walter Scott (Tatiana e Anastácia adoravam *Ivanhoe*), Thackeray, Dickens e H. Rider Haggard. De fato, tal era o apetite por material de leitura que Trina Schneider escreveu para Piotr Vassílievitch Petrov em Petrogrado, pedindo-lhe que enviasse mais livros — as histórias de Fonvízin, Derjávin, Karamzin, que as crianças não tinham, bem como livros de gramática e literatura russas.[36] Tatiana também escreveu, pedindo-lhe que mandasse a coleção de romances de Tolstói, de Alexei, que ela infelizmente não trouxera consigo.

Mas nem mesmo os melhores livros podiam por muito tempo manter afastado o tédio debilitante que tomava conta de toda a comitiva e que tão claramente se refletia nos diários e cartas de todo mundo. O diário perfunctório de Alexei não continha nada além de queixas repetitivas: “Hoje o dia passou como ontem [...]. É um tédio”.[37] Nem mesmo Alexandra era capaz de escrever outra coisa além de “Passei o dia, como sempre”; “Tudo foi igual a ontem”. E Nicolau dizia a mesma coisa: “O dia passou como sempre”; “O dia passou da mesma forma”.[38] Em 25 de agosto, ele já estava observando que “As caminhadas no jardim estão se tornando incrivelmente tediosas; aqui a sensação de estar trancado é muito mais forte do que jamais foi em Tsárskoe Seló”.[39] Para se manter ocupado, com a ajuda de Alexei, ele começou a cavar um laguinho no jardim para os patos e gansos que haviam sido trazidos, e também construiu uma plataforma de madeira no teto da estufa, onde ele e as crianças podiam tomar banho de sol e observar o movimento abaixo. Os moradores locais ficavam fascinados quando os viam ali, ou no balcão, sobretudo quando avistavam as meninas: “Os cabelos delas eram rentes como de menininhos [...]. Achávamos que fosse a moda em Petrogrado”, recordou um deles, “mais tarde, as pessoas disseram que elas haviam ficado doentes [...] mesmo assim, eram muito bonitas, muito limpas”.[40]

Ao meio-dia, na sexta-feira, 8 de setembro — a Natividade da Virgem —, a família recebeu permissão pela primeira vez de comparecer a uma cerimônia na igreja de Blagovéschenski, nas proximidades. Foram a pé, empurrando Alexandra em sua cadeira de rodas pelo jardim público, onde não havia ninguém por perto, mas ficaram muito desconcertados ao ver uma multidão à espera diante da igreja. “O imperador continuava a ser o imperador em Tobolsk”, pelo jeito.[41] “Foi muito desagradável”, escreveu Alexandra, mas ela ficou “grata por ter estado em uma igreja real pela primeira vez em seis meses”.[42]

Pankrátov notou como essa pequena concessão representara um prazer tão grande:

> Quando Nicolau II e as crianças caminhavam através do jardim público, olhavam para todos os lados, conversando em francês[64] sobre o clima, o jardim, como se nunca tivessem visto aquilo antes, embora os jardins estivessem localizados diretamente diante de seu balcão, de onde podiam claramente vê-lo todos os dias. Mas era uma coisa ver algo de longe, atrás de grades, por assim dizer, e outra bem diferente vê-la em virtual liberdade. Cada árvore, cada galho e arbusto, cada banco adquiriam seu encanto único [...]. Pela expressão de seus rostos e pelo modo como se moviam, dava para dizer que haviam todos passado por alguma provação particular.[43]

Atravessando os jardins, Anastácia caiu enquanto esticava o pescoço para olhar em volta e as irmãs e o pai riram por ser tão desajeitada. Alexandra não reagiu. "Ficou sentada majestosamente em sua cadeira de rodas sem dizer nada." Não vinha dormindo à noite — atormentada por outro ataque de nevralgia e dor de dente. Mais uma vez, o que mais despertava a curiosidade do público quando a família passava era o cabelo das meninas: "Por que o cabelo delas é cortado curto, como se fossem meninos?", as pessoas perguntavam.[44] No fim de setembro, porém, o cabelo delas estava crescendo outra vez, embora Anastácia tivesse dito a Kátia que fora "um prazer tão grande ter cabelo curto".[45]

No dia 14 de setembro, quando iam à igreja pela segunda vez, a família preferiu o horário das oito da manhã, para evitar a multidão: "Você pode imaginar perfeitamente como nossa alegria foi grande", escreveu Tatiana para sua tia Xenia, "já que deve se lembrar como nossa capela de campanha em Tsárskoe Seló era inconveniente."[46] Mas uma fria chuva outonal no dia anterior ocasionara uma transformação nas ruas em torno e estavam agora em um mar de lama: "Se não tivessem instalado tábuas na estrada, teria sido impossível passar", disse Anna Demídova.[47] Nicolau agora passava o máximo de tempo que podia ao ar livre, serrando madeira. Pankrátov ficou admirado com sua energia prodigiosa. De vez em quando Alexei, Tatíschev, Dolgorúkov e até Pierre Gilliard, parecendo pouco à vontade (e trajado inapropriadamente com um chapéu *trilby* e colarinho em asa), eram convocados para ajudar, mas Nicolau dava uma canseira em todos eles. Pankrátov informou às autoridades locais que o ex-tsar apreciava tanto cortar lenha que em resposta enviaram grandes pilhas de troncos de bétula para ele cortar.[48] A família toda considerava uma sorte que o bom tempo continuasse. "É tão bom poder ficar bastante no jardim ou no pátio diante da casa", disse Tatiana a sua tia Xenia:

> É maravilhoso ter um balcão, que o sol aquece da manhã ao anoitecer. É gostoso ficar sentada ali e ver as pessoas indo e vindo pela rua. É nossa única distração [...]. Conseguimos jogar *skittles* na frente da casa e jogamos um tipo de tênis, embora, é claro, sem rede, só para praticar. Depois andamos de um lado para o outro, assim não esquecemos como andar — 120 passos ao todo, o que é consideravelmente mais curto do que o convés [do *Shtandart*].[49]

Tatiana calculou que dava para percorrer o jardim da cozinha em apenas três minutos, mas pelo menos havia os animais para cuidar, que agora incluíam cinco porcos, abrigados no antigo estábulo — todos, sem dúvida, destinados a servir de comida durante o inverno seguinte.[50]

O início de outubro trouxe a chegada tão aguardada dos tapetes, cortinas e persianas de Tsárskoe Seló, a tempo de se prepararem para o inverno iminente, mas o vinho trazido das adegas imperiais foi confiscado pelos guardas e despejado no Irtish.[51] Muito mais bem-vindo, porém, foi Sydney Gibbes, que em 5 de outubro chegou por barco de Tiumén — um dos últimos antes que o gelo tornasse o rio intransitável —, junto de uma nova tutora para as crianças, Klávdia Bítner. Gibbes trouxe baralhos e presentes de Anna Vírubova, agora fora da prisão, inclusive seu perfume favorito, que, segundo Maria, fazia todo mundo se lembrar dela. Como sentiram saudade, escreveu para Anna: “É muito triste que não nos vejamos, mas Deus queira que possamos nos encontrar outra vez, e que alegria será”.[52]

Não demorou muito para que Sydney Gibbes se pegasse mais uma vez às turras com o comportamento esquisito e desatento de Anastácia na sala de aula. Certa vez, após perder a calma, ele lhe disse para “calar a boca”; quando lhe entregou a lição em seu caderno de exercícios, na ocasião seguinte, ela assinou “A. Romanova (Shut up!)”.[53] Klávdia Bítner também achava Anastácia um tormento — preguiçosa nas lições e muitas vezes mal-educada.[54] Ela fora professora na escola de moças de Maríinsky em Tsárskoe Seló e durante a guerra se oferecera como enfermeira voluntária em um dos hospitais, onde cuidara de Kobilínski, que fora ferido no front. Os dois iniciaram um romance, e quando ele foi enviado com a família imperial para Tobolsk, conseguiu um trabalho para Klávdia como professora de russo, literatura russa e matemática para Maria, Anastácia e Alexei. Tanto ela como Pankrátov ficaram nitidamente pouco impressionados com o nível de instrução das crianças, particularmente de Alexei, sem saber talvez quantas vezes tivera o ensino interrompido pela doença. Pankrátov ficou chocado em ver quão pouco as crianças, assim como seu pai,

aliás, conheciam a Sibéria, sua geografia e seus povos.[55] Quando o inverno chegou, uma das grã-duquesas ficara espantada ao ver pessoas nas ruas usando "estranhas roupas brancas e cinza decoradas com pele". Pankrátov percebeu que ela estava se referindo ao traje tradicional com pele de rena usado pelos povos iakuts, khanti e samoyedic que viviam na região. Será que as irmãs nunca tinham visto retratos desses habitantes do vasto Império Russo de seu pai nos livros de geografia?, ele se perguntou. Tais estranhos da "vida lá fora" eram, para as meninas, precisamente o tipo de pessoas sobre as quais tanto quiseram aprender, mas que nunca haviam tido a chance de descobrir. Pankrátov achava-as às vezes extremamente ingênuas: bastava conversar com elas sobre as coisas mais mundanas no mundo exterior e era "como se nunca tivessem visto nada, lido nada, escutado nada", uma opinião extremamente tendenciosa, mas que claramente ignorava a amplitude da educação que as meninas na verdade vinham recebendo até a revolução tê-la interrompido.[56]

As aulas, com todas as suas limitações nessas circunstâncias tão estritas, eram, na avaliação de Sydney Gibbes, uma importante distração que ajudava as crianças mais novas a superar a monotonia do dia. Na verdade, ele achava que a única das grã-duquesas que parecia "obtusa" era Olga, que não tinha aulas formais, embora continuasse a estudar por conta própria, escrevesse poesia e praticasse seu francês lendo histórias para Alexandra. Parecia dolorosamente claro para Gibbes, porém, que "a maior privação" para a família, em especial para Nicolau, era a falta de exercício ao ar livre, "o pátio sendo um substituto pobre para o Parque de Alexandre".[57] Em uma ocasião Maria lhe dissera que estavam todos, no mais, bastante contentes e que ela "podia viver em Tobolsk para sempre se ao menos pudessem caminhar um pouco".[58] Mas os repetidos pedidos de Nicolau a Pankrátov para ir à cidade foram recusados. "Será que receiam de fato que eu possa fugir?", perguntou. "Nunca vou deixar minha família."[59] Ele parecia não compreender de forma alguma os problemas para a segurança que isso constituiria. O governo local de Tobolsk continuava aguentando a pressão, mas não longe dali, em Tomsk, os trabalhadores sovietes já estavam exigindo que os Romanov fossem levados para a prisão.

"Continuamos a fazer as mesmas coisas todo dia" tornou-se a queixa regular da família, como Anastácia contou a Kátia em 8 de outubro. Uma coisa que animava o dia das meninas eram as visitas de uma faxineira que trazia consigo seu filho pequeno, Tolya. As irmãs adoravam brincar com ele, porque as lembrava do menino pequeno no Stavka, chamado Lenka, que haviam tomado sob sua proteção. "Pergunte ao seu irmão; ele o conheceu", Anastácia disse a Kátia. A menção a Lenka mais uma vez despertou a lembrança de tempos mais felizes com a Escolta do Tsar em Mogilev: "O que você está fazendo? Quero

muito ver você! [...] Quando olho para a rua pela janela, vejo tudo coberto com neve e me sinto muito triste, porque já é inverno e eu adoro o verão e o calor”.[60] “Até o momento não tivemos nenhum motivo para queixa quanto ao clima, já que tem feito calor”, Olga disse a Xenia nesse mesmo dia, “mas agora está muito frio.” Ela a invejava por estar na Crimeia com a mãe e a irmã. “Sem dúvida, é maravilhoso onde você está. O mar, tão verde-azulado [...]. Estamos todos bem e nossa vida é a mesma, então não tenho nada interessante para escrever.”[61]

Por dez dias, na segunda metade de outubro, houve uma mudança não muito agradável na rotina diária quando o antigo dentista imperial, Sergueí Kostrítski, veio da Crimeia para examinar os dentes da família e realizar um tratamento de urgência em Nicolau e Alexandra, que sofriam de problemas eternos. Kostrítski chegou com cartas e presentes de Maria Feódorovna, Xenia e Olga e ficou acomodado no alojamento de Pankrátov. Inevitavelmente, os dois conversaram sobre a família e concordaram que até ali em Tobolsk continuavam “sufocando na mesma atmosfera afetada e formal” que prevalecera na corte. Isso criara uma verdadeira “fome espiritual” neles e uma “sede de conhecer pessoas de um meio diferente”. A tradição rígida “os puxava para baixo como um peso morto e os tornava escravos da etiqueta”.[62] Pankrátov talvez desejasse que mais tempo tivesse sido concedido à educação mais ampla das meninas, em vez das amenidades de “como se postar, como se sentar e o que dizer, e assim por diante”, mas a despeito disso ficou impressionado com a boa vontade com que cortavam lenha e limpavam a neve — “sua vida simples lhes dava grande prazer”.[63] Com a maior parte da lenha para o inverno já cortada, as meninas ajudavam o pai a empilhá-la no depósito e a limpar a neve do pátio, bem como dos degraus e dos telhados dos anexos. Pankrátov pegou Maria certa vez lutando para fazer isso com uma pá quebrada. Por que ela não pedira outra?, ele perguntou, acrescentando que não imaginava que pudesse gostar de executar tais tarefas. “Mas eu adoro esse tipo de trabalho”, respondera ela.[64] Contanto que o tempo estivesse bom e pudessem trabalhar ao ar livre, as meninas ficavam felizes. “O sol brilhando [...] melhora meu humor na mesma hora”, escreveu Olga para PVP, o tempo continuando “divino” até novembro já ir bem avançado. “Então não pense que está sempre ruim. De jeito nenhum. Como você sabe, não desanimamos fácil.”[65]

Mas o desânimo deve ter se abatido no fim do mês, quando a família soube da Revolução de Outubro em Petrogrado. “Uma segunda revolução”, escreveu Alexandra em seu diário no dia 28, quando a notícia finalmente chegou a Tobolsk. “O governo provisório substituído. Os bolcheviques, liderados por Lênin e Trótski, ocuparam o Smolny. O Palácio de Inverno ficou muito danificado.”[66] Apenas um dia antes Nicolau escrevera uma carta alegre para a

mãe: “Estou cortando um monte de lenha, geralmente com Tatíschev [...]. A comida aqui é excelente e abundante, muito diferente de Tsárskoe Seló, de modo que nos ajustamos bem a Tobolsk e ganhamos cerca de 3,5 a 4,5 quilos”.[67] Para Nicolau, Petrogrado e suas vidas anteriores agora pertenciam de tal forma ao passado que ele não caiu muito em si acerca do golpe bolchevique, nem sequer o mencionou em seu diário; o tempo estava excelente, ele caminhava bastante e cortava lenha, a isso se resumia seu mundo agora.[68] Por um longo tempo, não comentou sobre a Revolução de Outubro: “Nicolau II sofreu em silêncio e nunca conversou comigo sobre ela”, recordou Pankrátov. No fim, ele meramente expressou ultraje contra a pilhagem do Palácio de Inverno. Era meado de novembro antes que Nicolau finalmente recebesse os relatos de jornal e considerasse essa segunda revolução “Muito pior e mais vergonhosa do que os eventos do Tempo de Dificuldades”. Os anos turbulentos do interregno no século XVI pareciam guardar muito mais ressonâncias para ele agora do que o passado recente.[69]

62 Já se sugeriu que Kerénski talvez considerasse Tobolsk uma solução provisória e que dali ele na verdade esperava evacuar a família para a segurança do Japão pela Ferrovia Transiberiana, via Manchúria.
63 O outro *diádka* de Alexei, Derevenko, não viajou com eles para Tobolsk; seu comportamento em relação ao menino mudara desde a revolução. Ele se tornara áspero e grosso com Alexei e deixou de ser visto como o “tio” bondoso e confiável que fora um dia.
64 Sem dúvida, para impedir os guardas de compreender o que estavam conversando.

Capítulo Vinte

GRAÇAS A DEUS CONTINUAMOS NA RÚSSIA E ESTAMOS TODOS JUNTOS



Uma pesada nevasca saudou o aniversário de Olga em 3 de novembro, pelo qual ela recebeu presentes modestos como três vasos de ciclâmen e alguns gerânios muito cheirosos. “A querida Olga completou 22 anos”, escreveu Nicolau em seu diário, “é uma pena que a pobrezinha tenha de passar o aniversário no atual ambiente.”[1] Para a pesarosa e introspectiva Alexandra, o aniversário de Olga foi, nesse ano triste e difícil de 1917, um dia talismânico — um dia mais para recordações do que comemorações. Trinta e nove anos antes, sua irmãzinha May morrera de difteria; e nesse mesmo dia, catorze anos antes, a filha de Ernie, Elisabeth, morrera de repente quando se hospedava com eles em Skierniewice. Diante desse comentário em seu diário, Alexandra acrescentara o símbolo da *sauwastika*, voltado para a esquerda, de que tanto gostava, seu uso denotando o ciclo de vida e morte.

Para a própria Olga — 22 anos, solteira, aprisionada na gelada Sibéria — deve ter sido um aniversário particularmente desolado. Ela continuara muito magra desde sua doença e se tornara cada vez mais distanciada e ansiosa, a tal ponto que Sydney Gibbes chegara a achá-la irritável às vezes. Mas seu amor e sua bondade inatos ainda iluminavam suas cartas para amigos e familiares. Em 9 de novembro, escreveu com afeição a sua tia Xenia dizendo que estavam todos bem e alegres. Ela recuperara um limoeiro quase morto em um vaso na estufa e o fizera reviver regando-o cuidadosamente. Lamentava não ter nada de interessante para lhe contar e o fato de que Xenia não podia visitá-los, “já que

arrumamos as coisas muito bem e nos sentimos completamente à vontade aqui”.[2]

“Vivemos como em um barco no mar e os dias todos se parecem”, escreveu Nicolau para Xenia com a mesma sensação de calma resignação.[3] Mas a falta de notícias o deprimia: “Nenhum jornal, nem sequer telegramas chegam de Petrogrado há um longo tempo. Isso é horrível em tempos tão difíceis como estes”.[4] Quando os jornais enfim chegaram, pouco diziam. Negado seu acesso ao *Times*, “estamos reduzidos a um odioso tabloide local impresso em papel de embrulho”, recordou Pierre Gilliard, “que reproduzia apenas telegramas com dias de atraso e geralmente distorcidos e resumidos”.[5] Não obstante, Nicolau ficava grato por qualquer notícia que fosse; Sydney Gibbes notou como ele “lia um jornal de cabo a rabo e, assim que terminava, começava outra vez”.[6] Também andava relendo seus antigos diários, que achava “uma agradável ocupação” e uma distração de sua rotina interminável.[7]

“Não tivemos nenhuma mudança significativa em nossa vida até agora”, Anastácia disse para Kátia em 14 de novembro. À parte o vaivém no balanço para cair aterrissando numa pilha de neve, ou puxar Alexei em seu trenó, havia apenas a atividade de empilhar lenha. “Esse trabalho nos mantém ocupados. É assim que vivemos aqui, nada muito excitante, não é?” Anastácia vivia se desculpando com Kátia: “Lamento terrivelmente que minha carta tenha saído tão entediante e estúpida, mas nada interessante acontece aqui”.[8] Sua sensação de frustração e irritação aumentou na carta seguinte: “Estou começando a escrever esta carta para você pela terceira vez, porque acaba ficando confusa ou muito estúpida! [...] Claro que não jogamos tênis há bastante tempo. Brincamos no balanço, caminhamos e cortamos lenha. Dentro de casa lemos e estudamos”.[9]

“As crianças estão ficando muito entediadas sem suas caminhadas”, escreveu Anna Demídova para uma amiga no fim do mês. Com efeito,

> há um terrível tédio entre a comitiva. Gelo, derretimento, sol — escuridão. Os dias passam. Leitura em voz alta à noite, bordado ou besigue. Estamos fazendo presentes de Natal. No dia 21 de repente eles não nos deixavam mais ir à igreja e não nos deixavam sequer ter uma cerimônia religiosa em casa — tudo depende do capricho de outros. E é em tempos difíceis como estes que ansiamos particularmente pela igreja [...]. É duro escrever cartas quando outras pessoas as leem, mas fico grata mesmo assim por tê-las.[10]

A inconfiabilidade do sistema postal era fonte de grande frustração para todo mundo. Toda a correspondência das meninas e de Alexandra dá testemunho das

inúmeras cartas e pacotes que nunca chegaram a elas em Tobolsk, ou às pessoas para quem os enviaram. “Todas as vezes que fui à casa”, recordou Pankrátov, “uma ou outra das grã-duquesas vinha me perguntar — alguma carta?”.[11] As delas eram cheias de perguntas sem fim sobre velhos amigos, antigos pacientes, por onde andavam e o que estavam fazendo — embora a esperança de algum dia virem a saber a resposta diminuísse rapidamente. “Perdoe-me por fazer tantas perguntas”, desculpou-se Maria com sua amiga Vera Kaprálova, “mas quero tanto saber o que você anda fazendo e como está todo mundo”.[12] “Tem notícias de algum dos nossos?”, repetiu sua irmã Olga. “Como sempre, meus cartões-postais são desinteressantes e cheios de perguntas.”[13] E mais uma vez, no mesmo dia, para Valentina Tchebotariova: “Você recebeu minha carta de 12 de outubro? Estou muito triste por não receber notícias suas por tanto tempo”.[14] Tatiana, mais contida, parecia de sua parte quase apreciar o isolamento: “tudo está tranquilo em nossa distante cidadezinha. É bom estar tão longe da ferrovia e de grandes cidades, onde não há carros, apenas cavalos”.[15] Mas ela admitiu para Valentina Tchebotariova: “nós nos sentimos como se estivéssemos morando numa espécie de ilha distante, onde recebemos notícias de outro mundo [...]. Toco bastante piano. O tempo passa rápido e os dias se vão completamente sem que notemos”.[16]

No início de dezembro, a temperatura caía bem abaixo de zero; nos dias 7 e 8, chegou a -23 graus. “Ficamos tremendo nos quartos”, Alexandra contou a Anna Vírubova, “e pelas janelas sempre entra uma forte corrente de ar.”[17] Era tão frio dentro de casa que até o resistente Nicolau ficava com seu *cherkeska* cossaco. As meninas se aconchegavam entre si para tentar manter o calor; “os cachorros ficam correndo em volta e pedindo para subir no nosso colo”, disse Tatiana a Zinaída Tolstáia, todas elas felizes com o calor de um animal companheiro. “Não temos espaço suficiente para todos”, escreveu Anastácia para Kátia, “assim uma de nós fica sentada escrevendo no sofá, com a folha no colo. A sala é muito fria, então nossas mãos não conseguem escrever direito.”[18] Os ânimos começaram a afundar até que Sydney Gibbes pensou em um novo jeito de passar os frios e escuros dias de inverno. Ele sugeriu que as meninas encenassem algumas peças de um só ato; ele trouxera uma seleção consigo. Começaram a ensaiar após a recreação da tarde e criaram um teatro improvisado no salão de baile do andar de cima. Na noite de 6 de dezembro, Maria, Alexei e Gilliard encenaram uma peça de vinte minutos, *Le fluide de John*, de Maurice Hennequin.[19]

Finalmente, em 10 de dezembro, a família recebeu permissão de ir à missa outra vez. “Ficamos sempre muito felizes quando nos deixam ir à igreja”, escreveu Tatiana para sua tia Xenia:

> Embora você não possa comparar essa igreja com nossa catedral,[65] mas mesmo assim é melhor do que ficar dentro de casa [...]. Sempre me lembro de Tsárskoe Seló e dos adoráveis concertos que tínhamos no hospital; você se lembra de como era divertido quando nossos feridos dançavam a *lezginka*? Eu me lembro também das nossas caminhadas em Pávlovsk e de sua pequena carruagem, e dos passeios matinais diante da sua casa. Parece que faz tanto tempo, não é? Bom, preciso terminar agora.[20]

Embora estivessem ficando com geladuras do frio intenso, as meninas enfim haviam tido alguma coisa com que se ocupar antes do Natal, ajudando a mãe a fazer presentes para a comitiva e até para os guardas. Alexandra tricotava coletes de lã e pintava cartões e marcadores de livros. Ela e as meninas aproveitavam até o último precioso pedacinho de material e fio de lã para assegurar que todo mundo tivesse um pacote para abrir na véspera de Natal. “Eram todas habilidosas bordadeiras”, lembrou Iza Buxhoeveden, “e conseguiam fazer as coisas mais bonitas com o linho rústico, tecido à mão, camponês, sobre o qual desenhavam os próprios padrões.”[21] “Estou costurando meias para o pequeno”, Alexandra contou a Anna no dia 15.

> Ele pediu um par, já que as dele estão esburacadas. As minhas são quentes e grossas como as que dei aos feridos, lembra-se? Agora eu faço tudo. A calça do pai está rasgada e cheia de remendos, a roupa de baixo das meninas é um trapo só. Pavoroso, não acha? Estou cada vez mais grisalha. Anastácia agora engordou bastante, como Maria era, rechonchuda e gorda na cintura, com pernas curtas; espero que espiche. Olga e Tatiana estão magras, as duas, mas o cabelo delas cresce lindamente, de modo que não precisam usar lenços.[22]

Com o suprimento de comida consideravelmente melhor em Tobolsk do que em Petrogrado, ela presenteara Anna com itens preciosos como farinha, açúcar, macarrão e linguiça, bem como um cachecol e uma meia-calça tricotados. Como retribuição Anna enviara um pacote com perfume, uma jaqueta de seda azul para Alexandra e pastilhas para as crianças.[23] Alexandra lamentou que, ao contrário do marido, não tivesse velhos diários e cartas para ler. “Não tenho uma linha sua”, contou a Anna. Havia “queimado tudo”:

> Todo o passado é um sonho. Só o que ficam são lágrimas e gratas lembranças. Uma a uma, todas as coisas terrenas vão embora, casas e posses arruinadas, amigos desaparecidos. Vive-se um dia depois do outro. Mas Deus está em tudo e a natureza nunca muda. Posso ver a toda minha volta igrejas (sonho em frequentá-las) e colinas, o mundo adorável.[24]

Seu coração se alegrou quando, em 19 de dezembro, Iza Buxhoeveden finalmente chegou a Tobolsk, com sua companheira de viagem escocesa, a srta. Mather. De maneira frustrante, porém, os militantes no 2º Regimento da guarda se recusaram a permitir que fosse para a Casa do Governador, e ela teve de se alojar na Casa Kornílov e se contentar apenas em ver a família ocasionalmente.[25] Quando as meninas a avistaram pela primeira vez, "começaram a gesticular loucamente [...] em um momento todas as quatro grã-duquesas estavam na janela, acenando com as mãos, enquanto as mais jovens pulavam de excitação".[26] Ficaram todas terrivelmente desapontadas que Iza não pudesse se juntar a elas, nem mesmo para o Natal; três semanas mais tarde, ordenaram que se hospedasse na cidade.

"O Natal está chegando", escreveu Trina Schneider para seu colega PVP em Petrogrado, "mas este ano vai ser especialmente triste — longe de nossos amigos e familiares." Em resposta a um comentário de sua tia Xenia sobre os recentes infortúnios, Olga também estava tentando muito não se sentir melancólica:

> Sempre dizem que nada bom ou feliz dura por muito tempo, ou, melhor, não dura; mas acho também que mesmo coisas horríveis devem chegar a um fim em algum momento. Não é assim? As coisas não poderiam estar mais tranquilas aqui, graças a Deus. Estamos todos bem e animados e não perdemos o ânimo.
>
> Sonhei com a vovó hoje. Foi só pôr um lenço laranja e por algum motivo me lembrei de sua sala de estar em Petrogrado. Meus pensamentos pulam de uma coisa para outra, é por isso que esta carta parece tão incoerente, então eu peço que me perdoe. Bem, o que mais há para escrever?[27]

Tendo feito seus muitos presentes de Natal, as meninas se esforçaram ao máximo para decorar a árvore. "Temos uma árvore de Natal aqui no canto e ela solta um cheiro tão maravilhoso, muito diferente das que havia em Tsárskoe", disse Olga a Rita Khitrovo.

> É de um tipo especial, chamada “abeto balsâmico”. Tem cheiro forte de laranja e tangerina, e a resina escorre pelo tronco o tempo todo. Não temos nenhuma decoração; só um pouco de chuva prateada e velas de cera, de igreja, claro, já que não existe de nenhum outro tipo por aqui.[28]

A árvore tinha “um cheiro divino”, escreveu Tatiana para PVP, “não me lembro de um cheiro tão forte em nenhum outro lugar”.[29] A presença da árvore inevitavelmente inspirou pensamentos de amigos ausentes: “No Natal, vamos estar pensando especialmente no passado”, escreveu Anastácia para Kátia. “Como nos divertimos [...]. Eu queria escrever para lhe contar muita coisa, mas é tão triste que tudo esteja sendo lido!”[30]

Ao meio-dia da véspera de Natal, todo mundo se reuniu para a liturgia no salão do andar de cima e após o almoço arrumaram as árvores e os presentes. A família também decorou uma árvore para os vinte homens da guarda, e às quatro e meia lhes deu seus presentes, bem como coisas especiais para comer. Alexandra presenteou cada soldado com um evangelho e um marcador de livros pintado à mão. Ela também não se esqueceu de Iza, enviando para a Casa Kornílov “uma minúscula árvore de Natal e toalhas de mesa e almofadas bordadas por ela e as meninas, às quais o imperador juntou um pequeno vaso com seu monograma”.[31]

“Depois da ceia na véspera de Natal”, Olga escreveu para Rita:

> Entregamos os presentes para todo mundo, a maioria consistindo em vários itens bordados por nós mesmas. Quando os estávamos separando e decidindo o que dar para quem, nos lembramos muito de nossos bazares de caridade em Ialta. Lembra quanto tempo sempre levava para ficar pronto? A gente tinha as vésperas por volta das dez da noite anterior e a árvore era acesa. Era agradável e aconchegante. O coro era grande e cantava bem, só que muito como um concerto, que eu não gosto.[32]

Cercada pelos que lhes permaneceram fiéis ao longo desses últimos difíceis nove meses, a família Romanov cantou com grande coração — e esperança. Pierre Gilliard ficou com uma sensação especial de “intimidade pacífica” nesse Natal, como se todos fossem de verdade uma “grande família”.[33]

Na manhã de Natal, a família caminhou sob a neve para ir à igreja, cuja missa foi conduzida diante do ícone da Mãe de Deus trazido especialmente do mosteiro

Abalákski, a 27 quilômetros de Tobolsk. Durante a cerimônia, quando o padre Aleksei Vassíliev entoou o *mnogoletie* — a oração para a longa vida da família —, esqueceu de omitir seus títulos imperiais. Os militantes da guarda que escutaram se queixaram audivelmente com Pankrátov. O resultado foi a total proibição à família de voltar a frequentar a igreja.[34] Isso representou um fim desanimador para o Natal e para o ano. Depois de um copo de chá no início da noite de 31 de dezembro, "cada um foi para seu lado — sem esperar pelo ano-novo", anotou Nicolau em seu diário. Seus pensamentos finais no encerramento desse ano estavam em outra parte: "Senhor Deus, proteja a Rússia".[35]

Alexandra foi mais explícita: "Graças a Deus sejam dadas por todos nós sete estarmos vivos, bem e juntos", escreveu em seu diário nessa mesma noite, "e por nos ter protegido durante todo esse ano, bem como aqueles que nos são caros". Mas uma mensagem similar que enviou para Iza foi bem mais enfática: "Graças a Deus continuamos na Rússia e estamos todos juntos".[36]

O inverno siberiano, em toda sua fúria implacável, finalmente chegou a Tobolsk em janeiro de 1918. Até lá, a temperatura negativa de um só dígito fora de modo geral tolerável e a família Romanov começara a se perguntar se o inverno cruel que lhes fora prenunciado era um mito. Mas à medida que janeiro passava, Alexandra registrava a temperatura em queda. Fez -15 graus no dia 17; cinco dias depois, caiu para -29 graus e com um vento frio e cortante, ainda por cima. No auge do inverno Tobolsk se tornou "uma cidade dos mortos", "um túmulo vivo", um "lugar inerte e sem vida, cuja aparência deprimente pesa na alma".[37] Todas as crianças haviam ficado doentes outra vez — agora com o sarampo alemão (rubéola), trazido à casa pelo amiguinho de Alexei, Kólia Derevenko, mas por sorte os sintomas duraram apenas alguns dias.[38]

O frio severo permaneceu durante todo o mês de fevereiro; era meado de março antes que o termômetro subisse pouco acima da temperatura de congelamento. Mesmo dentro de casa, com os fornos de azulejo cheios de lenha, fazia "um frio mortal".[39] "Os troncos estavam úmidos, então não conseguiam aquecer a casa; apenas faziam fumaça", Anastácia contou para Kátia.[40] As janelas ficaram cobertas com gelo espesso e o vento chacoalhava as esquadrias e penetrava por cada fresta. "O quarto das grã-duquesas é uma verdadeira casa de gelo", comentou Pierre Gilliard em seu diário; seus dedos ficavam tão duros com o frio que mal conseguiam escrever ou bordar.[41] Por estar no canto, o quarto delas pegava o pior vento de inverno e recentemente a temperatura ali dentro

batera nos -44 graus. Elas se embrulhavam em seus longos cardigãs tricotados mais grossos e chegavam a usar as botas de feltro dentro de casa, mas ainda podiam sentir o vento assobiando pela chaminé.[42] Em desespero, passaram a ficar nos corredores, ou se aconchegavam juntas na cozinha, embora ali, infelizmente, fosse cheio de baratas.[43]

"Perdidos na imensidão da distante Sibéria", os longos dias escuros do inverno passaram, para todos, numa atmosfera contínua de tranquila aceitação de "paz familiar", como Pierre Gilliard e Sydney Gibbes recordaram.[44] As crianças continuaram pacientes e sem queixas, sempre amáveis e dispostas a ajudar e dar seu apoio aos outros, embora ficasse claro para Gibbes que as duas irmãs mais velhas "percebiam como as coisas estavam ficando sérias". Mesmo antes de deixar Tsárskoe Seló, Olga dissera a Iza Buxhoeveden que ela e suas irmãs "tentavam parecer corajosas por seus pais".[45] Todo mundo que passou esses últimos meses com a família notou a tranquila fortitude delas diante de uma incerteza tão desesperadora. "Meu respeito pelas grã-duquesas só fez crescer à medida que nosso exílio durava", recordou Gleb Bótkin.

> A coragem e a abnegação que mostravam eram de fato notáveis. Meu pai se maravilhou com a exibição de bom humor — muitas vezes fingido — com que se esforçavam para ajudar a animar os pais.
>
> "Toda vez que o imperador entra na sala de jantar com uma expressão de tristeza no rosto", contou-me meu pai, "as grã-duquesas cutucam umas às outras com os cotovelos e sussurram: 'Papai está triste hoje. Precisamos alegrá-lo'. E era isso que faziam. Começavam a rir, a contar histórias divertidas, e, em alguns minutos, Sua Majestade passava a sorrir."[46]

A cordialidade envolvente das meninas se estendia a suas relações amigáveis com os soldados da guarda, particularmente os do 1º e 4º Regimentos. "As grã-duquesas, com essa simplicidade que era seu encanto, adoravam conversar com aqueles homens", observou Gilliard. Era fácil compreender por quê; os soldados pareciam, para as irmãs, "estar ligados com o passado da mesma maneira que elas próprias. Elas lhes perguntavam sobre suas famílias, seus vilarejos ou as batalhas de que haviam participado na Grande Guerra".[47] Nicolau e Alexandra, nesse meio-tempo, ficaram tão próximos aos homens do 4º Regimento que muitas vezes iam ao quartel à noite para ficar em sua companhia, conversando e jogando damas.

Klávdia Bítner, a mais recente integrante da comitiva, em pouco tempo

passou a ter a própria percepção clara das cinco crianças durante os últimos meses de suas vidas. Ela não tinha dúvida de que era a animada e eficiente Tatiana a figura principal na Casa do Governador: “se a família tivesse perdido Alexandra Feódorovna, nesse caso sua protetora teria sido Tatiana Nikoláevna”.

> Ela herdara a natureza da mãe. Tinha muitas características da mãe: força de caráter, pendor para manter a vida em ordem e consciência do dever. Ela se encarregava de organizar as coisas na casa. Observava Alexei Nikoláevitch. Sempre caminhava com o imperador no pátio. Era a pessoa mais próxima à imperatriz. Eram duas amigas [...]. Ela adorava administrar a casa. Adorava fazer bordados e passar a ferro a roupa de cama e de mesa.[48]

Mas também havia um traço na personalidade de Tatiana que ela partilhava com o pai — a reticência absoluta e debilitante. Sua capacidade de manter os sentimentos guardados para si e não se abrir com ninguém tornou-se ainda mais marcada durante os meses finais de prisão. Ninguém jamais penetrou nessa intensa reserva. “Era impossível adivinhar o que estava pensando”, recordou Sydney Gibbes, “ainda que fosse mais determinada em suas opiniões do que as irmãs.”[49]

Klávdia Bítner achou a meiga e bondosa Olga, que em tantos aspectos era o oposto de Tatiana, muito mais fácil de gostar, pois ela herdara o charme cordial e irresistível do pai. Ao contrário de Tatiana, Olga odiava organização e trabalho doméstico. Com sua paixão por livros e preferência pela solidão, parecia a Klávdia que “ela compreendia a situação consideravelmente mais do que o resto da família e tinha consciência de como corriam perigo”. Olga exibia um ar de tristeza que sugeria a Klávdia — assim como fora com Valentina Tchebotariova — uma espécie de infelicidade ou decepção oculta. “Havia ocasiões em que sorria e você ficava com a sensação de que o sorriso estava apenas na superfície, e que lá no fundo, em sua alma, ela não estava sorrindo, mas estava triste.”[50] A sintonia fina da natureza de Olga claramente a predispunha a uma sensação de tragédia iminente, acentuada por seu amor à poesia e seu foco cada vez maior na leitura de textos religiosos. Ela se recolhia ainda mais em si mesma, escutando os inúmeros sinos de igreja soando por Tobolsk e escrevendo para amigos sobre a beleza dos céus noturnos extraordinariamente claros e o brilho espantoso da lua e das estrelas.[51]

Em algum momento nesse inverno Olga escreveu para um amigo da família,

Serguei Bekhtéev (irmão de Zinaída Tolstáia), que era ele próprio um poeta iniciante e publicara sua primeira coletânea em 1916. Bekhtéev enviara alguns poemas para a família na prisão e em resposta Nicolau pedira a Olga que lhe escrevesse e agradecesse. O fragmento que sobreviveu, mais do que qualquer outra coisa que tenha chegado até nós, resume tanto o estado de espírito de Olga como o de seu pai nesses meses finais:

> Papai me pede para dizer a todos que permaneceram leais a ele e àqueles sobre os quais eles possam exercer alguma influência que não devem vingá-lo, pois perdoou todo mundo e reza para todos; que eles próprios não busquem vingança; que devem lembrar que o mal que há no mundo se tornará ainda mais poderoso e que não é o mal que vence o mal — só o amor.[52]

Bekhtéev mais tarde usou essa carta como inspiração para uma composição sua ecoando esses sentimentos, que começa assim: “O pai nos pede para dizer a todos, não há necessidade de pranto e murmúrio / Os dias de sofrimento nos são mandados a todos / Por nosso grande pecado comum”.[53]

De todas as irmãs Romanov, a meiga e obsequiosa Maria permaneceu a mais inconspícua, sua personalidade sempre carinhosa e estoica provocando o mínimo de comentário ou crítica. Todo mundo, inclusive os guardas e até o comissário Pankrátov, a adorava. Para Klávdia Bítner, Maria era a saudável garota russa arquetípica: “de bom coração, alegre, com um temperamento equilibrado, e amigável”.[54] Por outro lado, Anastácia, que ela achava “rude”, nunca encantou Klávdia. As constantes brincadeiras e atitude de desafio à autoridade na sala de aula logo começaram a irritá-la: “Ela não era séria em nada”. Mas o pior, na opinião de Klávdia, era o modo como Anastácia “sempre tirava vantagem de Maria”.[55] “Estavam ambas atrasadas nas lições”, recordou ela, opinião que reforçava a visão de Pankrátov. “Nenhuma das duas era capaz de escrever ensaios e não tinham sido treinadas a expressar seus pensamentos.” Anastácia continuava “absolutamente uma criança e você tinha de tratá-la como faria com uma criança”. Sydney Gibbes tendia a concordar; o desenvolvimento social da irmã Romanov mais nova, em sua opinião, ficara empacado e ele a achava o “único membro deselegante da família”.[56]

Outros, é claro, viam a personalidade irreprimível de Anastácia de forma bem diferente; ela era a líder de torcida da família, que mantinha a boa disposição de todos com sua grande energia e suas imitações dos outros.[57] Sem dúvida, podia

ser muito infantil às vezes, e o dr. Bótkin ficava chocado com suas "piadas duvidosas", sexualmente precoces, e se perguntava onde as ouvira.[58] Ela também tendia a fazer desenhos "sujos" e ocasionais comentários indecentes. Mas, no cômputo geral, em Tobolsk seu "temperamento alegre e impetuoso se provou de valor incomensurável para o resto da família", pois, quando se determinava a tanto, "Anastácia podia afastar a tristeza de qualquer um".[59] Mas agora, até mesmo ela ficava frequentemente dominada por uma intensa tristeza, pensando sobre o hospital delas e os que haviam morrido: "Presumo que não haja ninguém agora para visitar os túmulos de nossos feridos", escreveu para Kátia, "todos partiram de Tsárskoe Seló"; mas guardou um cartão-postal de Feódorovski Gorodok na mesa onde escreviam porque "o tempo que passamos no hospital foi tão bom". Ela ansiava por notícias de Kátia e seu irmão Víktor. "Não recebi as cartas n. 21, 23, 24, 26, 28, 29 — todas essas cartas que você escreveu para este endereço", queixou-se, sugerindo que Kátia as endereçasse em vez disso para Anna Demídova, já que "as cartas para ela têm menos interesse para essa gente". "É horrível pensar em quanto tempo ficamos sem ver você [...]. Deus permita que possamos nos encontrar em breve, então poderei lhe contar um monte de coisas, tristes e engraçadas, e de modo geral como vivemos." Mas, acrescentou, "não vou escrever sobre isso, claro".[60]

Talvez o comportamento estouvado de Anastácia fosse na verdade indicativo de um "esforço heroico", como Gleb Bótkin o via, um modo de ajudar a família a "permanecer alegre e com disposição elevada", sua natureza incansavelmente malcriada sendo, a seu modo, uma forma de autodefesa.[61] Ela era, sem dúvida, a estrela do espetáculo numa série de peças curtas, em francês e inglês, encenadas por Gibbes e Gilliard durante as últimas três semanas de janeiro e as duas últimas de fevereiro. O maior sucesso era *Packing Up* — "uma farsa muito vulgar mas também muito engraçada de Harry Grattan", em que Anastácia fazia o papel masculino, Mr. Chugwater, e Maria era sua esposa.[62] Durante sua enérgica performance de 4 de fevereiro, o roupão que Anastácia usava voou, expondo suas pernas fortes, vestidas nas ceroulas Jaeger do pai. Todo mundo "explodiu numa gargalhada descontrolada" — até Alexandra, que raramente ria alto. Foi, lembrou Gibbes, "a última risada incontida e entusiasmada que a imperatriz se permitiu". A peça fora tão "incrivelmente engraçada, muito bem encenada e divertida", na avaliação de Alexandra, que uma nova apresentação foi exigida.[63]

A despeito de as peças de Anastácia catalisarem a atenção, foi Alexei que deixou Klávdia Bítner encantada em Tobolsk. "Gostei mais dele do que dos demais", admitiu ela mais tarde, embora lhe parecesse calado e muito entediado. A despeito de estar muito para trás em sua educação e ler com dificuldade, ela o

achou “um menino bom, carinhoso [...] inteligente, observador, receptivo, muito gentil, alegre, entusiasmado”. Como Anastácia, era por natureza “muito capaz, mas um pouco preguiçoso”. Mas aprendia extremamente rápido, odiava mentiras e herdara a simplicidade do pai. Klávdia admirava a paciência com que Alexei suportava sua enfermidade. “Ele queria estar bem e esperava que assim fosse”, e muitas vezes perguntava a ela: “Você acha que isso vai passar?”.[64] Em Tobolsk, continuava a desafiar as limitações que lhe eram impostas e se lançava com entusiasmo em brincadeiras vigorosas com Kólia Derevenko, lutando com adagas e armas feitas de madeira. No início de janeiro os meninos ajudaram Nicolau e os outros homens a construir uma montanha de neve no pátio. Assim que a neve foi empilhada, Gilliard e Dolgorúkov começaram a trazer baldes d’água para jogar em cima e criar gelo escorregadio. “As crianças estão se matando de brincar com o trenó na montanha de gelo e fazem as descidas mais prodigiosas”, escreveu Alexandra para um amigo. “É de admirar que não tenham quebrado o pescoço. Estão cobertas de hematomas, mas, mesmo assim, é a única distração que têm, é isso ou sentar diante da janela.”[65] Alexei inevitavelmente sofreu pancadas, mas, ironicamente, foi Pierre Gilliard a primeira baixa da montanha de neve; ele torceu gravemente o tornozelo e ficou imobilizado por vários dias.[66] Pouco depois, Maria também levou um tombo e acabou com um olho roxo.

Enquanto a maior parte da comitiva tentava ao máximo se distrair na montanha de neve, e dar uma espiada no outro lado da cerca ali no cume, as ansiedades acerca da situação deteriorante no país como um todo frequentemente vinham à tona. “Tudo que estão fazendo com nosso pobre país é tão doloroso e triste”, escreveu Tatiana para Rita Khitrovo, “mas resta uma esperança — de que Deus não vai abandoná-lo e vai ensinar uma lição a esses loucos”.[67] Trina Schneider ficou profundamente deprimida. Sempre que recebia notícias de fora, admitia ficar reduzida a um estado de desespero. “Não leio mais jornais, mesmo que consigam chegar aqui”, disse para PVP, “tornou-se tão horrível. Que espécie de tempos são esses — todos fazem o que querem [...]. Quem dera você soubesse como anda meu estado de espírito. Nenhuma esperança — nenhuma [...]. Não acredito num futuro melhor, pois não viverei para ver — é remoto demais.”[68] Nesse meio-tempo, a única aspiração à qual Alexandra se agarrava, como contou a uma amiga, era “conquistar a possibilidade de viver tranquilamente, como uma família comum, longe da política, das lutas e da intriga”.[69]

Em 14 de fevereiro — o primeiro dia oficial da mudança para o Novo Estilo, o calendário gregoriano[66] — Alexandra escreveu com desolação que “muitos dos soldados mais agradáveis foram embora”.[70] Seus guardas favoritos no Destacamento Especial, o 4º Rifles — bons soldados de cavalaria, muitos dos

quais haviam sido conscritos no início da guerra —, foram transferidos dali e substituídos pelo novo tipo de Guardas Vermelhos revolucionários; Pankrátov também foi removido de seu posto como comissário responsável pela família imperial. No dia 24, a família subiu no topo da montanha de neve para conseguir ver melhor quando três grupos maiores dos Rifles partiram marchando. Dos 350 homens que os haviam acompanhado desde Tsárskoe Seló, apenas 150 permaneciam.[71] Os novos guardas revolucionários eram muito mais ameaçadores: "É impossível prever como vão se comportar", comentou Tatiana. Esses guardas haviam ficado exasperados quando a família escalou a montanha e se expôs a uma possível bala perdida, pela qual os guardas talvez fossem considerados responsáveis.[72] Eles prontamente votaram pela remoção da montanha de neve (cavando uma trincheira no meio), embora alguns que tomaram parte na sua destruição o tenham feito, como escreveu Gilliard, "com uma expressão de tristeza (pois achavam que era uma tarefa desprezível)". As crianças ficaram, como era inevitável, completamente "desconsoladas".[73]

Logo os novos guardas fizeram outra reunião e nova votação — de que nenhum deles devia usar dragonas, desse modo deixando todo mundo no novo campo de jogo socialista em iguais condições. Para Nicolau, o soldado, essa era a suprema desonra; ele se recusou a concordar, optando em vez disso por usar um casaco e esconder sua patente quando estava entre os guardas, fora da casa. Mas a mudança do regime trouxe outras notícias desagradáveis. Kobilínski, que permanecia em teoria encarregado da Casa do Governador, recebeu um telegrama informando-o de que o novo governo de Lênin não estava mais disposto a pagar pelas despesas da família mais do que seiscentos rublos por mês por pessoa, em outras palavras, o total para os sete membros da família de 4200 rublos por mês.[74] Alexandra passou vários dias revisando as contas da casa com Gilliard. Eles vinham por algum tempo se valendo de considerável crédito entre os comerciantes de Tobolsk e não tinham mais como sustentar uma casa tão numerosa. Não havia solução — precisariam dispensar dez criados. Isso causou considerável aflição na família, já que muitos daqueles criados haviam trazido suas famílias para se reunir a eles, e, como Gilliard observou corretamente, a devoção deles à família imperial em segui-los a Tobolsk iria "reduzi-los à mendicância".[75] No fim, vários insistiram em ficar, sem receber paga alguma.

A partir de 1º de março, como resultado do orçamento apertado, todos tiveram de se adaptar a um racionamento, assim como o resto do país. Nicolau Romanov, "ex-imperador", da rua da Liberdade, com seis dependentes, recebeu o cartão de racionamento n.º 54 para farinha, manteiga e açúcar.[76] Café (de que Alexandra era dependente) era agora praticamente impossível de obter. Porém, mais uma vez, eles começaram a ser presenteados com alimentos vindos "de vários tipos

de pessoas que ficaram sabendo de nossa necessidade de economizar nas despesas com comida", escreveu Nicolau; ele achou a generosidade dos doadores "muito comovente!".[77] Em retribuição, Alexandra pintava pequenos ícones em papel para enviar como presentes de agradecimento. Dias depois um dos antigos membros do estado-maior de Nicolau em Mogilev chegou a Tobolsk com uma doação de 25 mil rublos de amigos monarquistas em Petrogrado, além de livros e chá.[78] Mas não foi apenas o racionamento de alimento que atingiu todos com dureza; eles não tinham como substituir suas roupas cada vez mais puídas. Em março, Alexandra ficou agradecida por quaisquer pacotes de roupas de Anna Vírubova que chegassem até eles: quentes pulôveres e jaquetas para o restante do inverno gelado, blusas e chapéus para a primavera e um terno, colete e calça militares para Alexei. De Odessa, Zinaída Tolstáia enviou um maravilhoso pacote com perfume, doces, lápis de cor, álbuns, ícones e livros, embora vários outros enviados por ela nunca tenham chegado.[79]

Todos ficaram mais próximos uns dos outros à medida que as restrições da Quaresma se aproximavam. Alexandra e as meninas praticavam seus cantos da liturgia ortodoxa, pois não tinham mais como pagar pessoas para cantar no coro. Era duro escutar o som vindo da rua para as celebrações da *Maslenitsa* — Semana da Manteiga —, uma das festividades mais alegres do calendário ortodoxo russo. "Todos estão felizes. Os trenós vêm e vão sob nossas janelas; som de sinos, gaitas de boca e cantoria", escreveu Gilliard. Alexei orgulhosamente anotou em seu diário, no dia 16, que comera dezesseis *blini* no almoço antes do início da Quaresma, quando todo mundo jejuava na primeira semana. Estavam todos ansiando pelas cerimônias na igreja dentro em breve. "Esperamos fazer nossas orações na semana que vem, se recebermos permissão para isso", disse Alexandra a Lili Dehn:

> Não vejo a hora de estar naquelas lindas cerimônias — que vontade de rezar na igreja [...]. A natureza é linda, tudo é cintilante e brilha com luz [...]. Não podemos nos queixar, temos tudo, vivemos bem, graças à bondade comovente das pessoas, que em segredo nos mandam pão, peixe, tortas etc. [...]. Nós também temos de entender com isso que Deus é maior do que qualquer coisa e que Ele quer nos levar, por nossos sofrimentos, para mais perto Dele [...]. Mas minha nação — meu Deus —, como eu a amo, com toda a força de meu ser, e os sofrimentos dela causam-me verdadeira dor física.[80]

Em 20, 22 e 23 de março a família recebeu permissão de comparecer à igreja pela primeira vez em dois meses, e assim puderam escutar o coro cantar “nossos hinos favoritos, familiares”.[81] Foi uma “tal alegria e consolo”, escreveu Alexandra. “Rezar em casa não é a mesma coisa, de jeito nenhum.”[82] Mas a Quaresma também era, inevitavelmente, uma época de triste reflexão. A mente de Nicolau voltou ao momento de sua abdicação no ano anterior; seu último adeus para a mãe em Mogilev; o dia em que regressou a Tsárskoe Seló. “Relembramos esse difícil ano que foi passado com relutância! Mas o que ainda nos aguarda? Está tudo nas mãos de Deus. Todas as nossas esperanças residem exclusivamente nele.”[83] Tendo devorado a maior parte de Leskov, Tolstói e Lérmontov, ele agora lia a Bíblia do começo ao fim. Dia após dia, apagava os pensamentos cortando lenha e carregando-a para o barracão, as crianças ajudando-o e se deleitando por estarem ao ar livre no glorioso sol primaveril. Mas na verdade a vida dentro da Casa do Governador tornara-se de um entorpecimento inacreditável. As crianças achavam a prisão “enfadonha”, comentou Gilliard. “Elas dão a volta no pátio, cercado por suas estacas altas, que as impedem de ver o que quer que seja.”[84] A falta de exercício preocupava Anastácia: “Ainda não virei um elefante”, disse a sua tia Xenia, “mas posso virar num futuro próximo. Realmente, não sei por que isso aconteceu de repente; talvez seja por muito pouco exercício, não sei.”[85]

As crianças continuavam amargamente desapontadas com a atitude “estúpida” dos guardas em destruir a montanha de neve, mas fizeram o máximo que puderam para encontrar consolo nas mais prosaicas tarefas ao ar livre. “Descobrimos novas coisas para fazer: serramos, cortamos e partimos lenha — é um trabalho útil e muito alegre [...] estamos ajudando bastante [...] limpando as trilhas e a entrada.” Anastácia estava orgulhosa de seu esforço físico: “viramos uns verdadeiros operários”; os eventos do último e traumático ano haviam ensinado as irmãs a extrair prazer das menores realizações práticas.

65 A Feódorovski Sobor, em Tsárskoe Seló.

66 Em 31 de janeiro, o governo bolchevique passou ao calendário gregoriano, imediatamente dando um pulo de catorze dias para 14 de fevereiro. Nicolau, contudo, continuou a escrever seu diário com as datas do Velho Estilo, enquanto Alexandra anotava as duas. As meninas datavam suas cartas de maneira variada como VE e NE, muitas vezes tornando difícil distinguir qual estavam usando. Em nome da clareza, todas as datas a partir de 14 de fevereiro de 1918 estão no Novo Estilo.

Capítulo Vinte e Um

ELES SABIAM QUE ERA O FIM QUANDO EU ESTAVA COM ELES



Após a chegada dos novos guardas, e com isso de um nítido endurecimento de atitude em relação à família imperial, todos na comitiva ficaram cada vez mais temerosos de sua segurança. Elementos arruaceiros e indisciplinados marcavam presença também na cidade. A Rússia mergulhava numa guerra civil e o colapso da lei e da ordem finalmente chegara a Tobolsk. “Por quanto tempo mais nossa desafortunada pátria será atormentada e dilacerada pelos inimigos internos e externos?”, Nicolau se perguntou em seu diário. Seu desânimo aumentou com a notícia de que o governo de Lênin assinara o Tratado Brest-Litovsk com a Alemanha; sua abdicação, pelo bem da Rússia, fora em vão, ele assim achava. “Às vezes, é como se não restasse forças para suportar, como se a pessoa nem sequer soubesse o que esperar, o que desejar”, confidenciou em seu diário.[1]

Em meados de março, “todos os tipos de rumores e medos” foram despertados na Casa do Governador pela chegada a Tobolsk, vindo de Omsk, de um destacamento de Guardas Vermelhos bolcheviques, que na mesma hora começaram a impor suas exigências sobre o governo local. Eles foram seguidos de perto por grupos ainda mais militantes de Tiumén e Ecaterimburgo, que perambulavam pela cidade, aterrorizando os moradores com ameaças de fazer reféns (uma das ocupações favoritas dos linha-duras bolcheviques) e agitando para assumir a custódia dos Romanov e removê-los de Tobolsk.[2] Em resposta, Kobilínski dobrou a guarda na Casa do Governador e aumentou as patrulhas em

volta dela. Mas nada foi capaz de afastar a sensação palpável de perigo, que agravou ainda mais uma atitude já fatalista entre muitos na comitiva. “Vim para cá sabendo muito bem que não escaparei com vida”, disse Tatíschev para Gleb Bótkin. “Só o que peço é permissão de morrer com meu imperador.”[3] Nástenka Guéndrikova foi igualmente sombria e disse abertamente para Iza Buxhoeveden que “tinha uma premonição de que os dias de todos nós estavam contados”.[4]

Por algum tempo, no início do ano e antes da mudança na guarda, escapar parecera uma possibilidade muito real para Pierre Gilliard — dadas as simpatias óbvias de Kobilínski e a atitude então mais relaxada da maioria de seus homens. Gilliard achava que, com a ajuda de um grupo de dedicados oficiais monarquistas, um resgate poderia ser realizado. Mas Nicolau e Alexandra haviam ambos permanecido inflexíveis em que não contemplariam nenhum “resgate” que envolvesse a família sendo separada “ou deixando o território russo”.[5] Fazer isso, como Alexandra explicou, significaria para eles romper seu “último elo com o passado, que então estaria morto para sempre”. “A atmosfera em torno de nós está claramente carregada. Sentimos que uma tempestade se aproxima”, disse a Anna Vírubova no fim de março, “mas sabemos que Deus é misericordioso, e vai cuidar de nós.” Ela admitiu no entanto que “as coisas estão ficando muito angustiantes”.[6]

No fim de março, a maior parte da angústia de todo mundo estava mais uma vez focada em Alexei, que ficara confinado à cama com forte tosse. O esforço de tossir violentamente provocara uma hemorragia em sua virilha, que logo ocasionou dores excruciantes, do tipo que ele não sentia desde 1912. Na Casa Kornílov, Iza Buxhoeveden encontrou o dr. Derevenko profundamente desesperançado, pois acabara de visitar o menino. “Ele parecia muito triste e disse que os rins [de Alexei] foram afetados pela hemorragia e que naquela cidade esquecida por Deus nenhum remédio de que precisava podia ser encontrado. ‘Temo que não sobreviva’, disse, abanando a cabeça, os olhos cheios de ansiedade.” O terrível fantasma de Spala assombrou a Casa do Governador por vários dias, à medida que a temperatura de Alexei subia e acessos de dor agonizante o levaram a confessar para sua mãe, a certa altura: “Quero morrer, mamãe; não tenho medo da morte”. A morte não o intimidava porque seus temores estavam em outra parte. “Estou com muito medo do que podem fazer conosco aqui.”[7]

Alexandra não saía de perto da cama do filho, como sempre fizera, tentando acalmá-lo, observando-o ficar “magro e amarelo” e “com olhos enormes” — assim como fora em Spala.[8] O pajem deles, Aleksei Vólkov, achou que esse ataque era, se alguma coisa mudara, pior do que a ocorrência anterior, pois dessa vez as duas pernas de Alexei foram afetadas. “Ele sofreu terrivelmente, chorou e

gritou, chamando a mãe o tempo todo.” A angústia de Alexandra com o sofrimento dele e com a própria impotência foi terrível. “Ela se afligiu [...] como jamais se afligira antes [...] simplesmente não conseguia lidar com aquilo e chorou como nunca.”[9] Hora após hora ficou “segurando as pernas doloridas dele”, pois Alexei só conseguia deitar de costas, enquanto Tatiana e Gilliard se revezavam para massageá-las com o aparelho de Fohn que muitas vezes usavam para manter seu sangue circulando.[10] Mas as noites de Alexei eram extremamente agitadas, interrompidas por ataques de dor severa. Foi apenas em 19 de abril que o dr. Derevenko notou sinais promissores de que a “reabsorção” (do sangue do inchaço pelo seu corpo) estava “indo bem”, embora Alexei continuasse muito frágil e com grande dose de desconforto.[11]

Durante a mais recente crise de Alexei, chegara uma ordem em 12 de abril segundo a qual, por motivos de segurança, todos na Casa Kornílov — exceto os dois médicos, Bótkin e Derevenko, e suas famílias — devia se mudar para a Casa do Governador. A casa já estava superlotada, mas dividindo alguns cômodos com biombos e pondo duas pessoas em cada espaço, todo mundo conseguiu, sem grandes queixas, se espremer no andar térreo, a fim de “evitar a invasão de privacidade da família imperial” no andar de cima.[12] A exceção foi Sydney Gibbes, que se recusou terminantemente a ficar com Gilliard, com quem não se dava bem. Junto de sua velha criada desdentada, Anfisa, Gibbes pôde se alojar em um anexo de pedra perto da cozinha, convertido às pressas — a pouca distância do chiqueiro, cujo cheiro de lavagem chegava até lá.[13] De agora em diante, apenas os médicos tinham liberdade de ir e vir; o resto da comitiva não podia mais ir à cidade e estava, efetivamente, em prisão domiciliar.

Duas semanas mais tarde, chegou a notícia de que um comissário político de alto escalão vindo de Moscou, Vassíli Iákovlev, chegara a Tobolsk para se encarregar da família. “Todo mundo ficou preocupado e tenso”, escreveu Gilliard. “A chegada do comissário é vista como um mau agouro, vago mas real.”[14] Antecipando uma inspeção e busca em suas coisas, Alexandra imediatamente começou a queimar cartas recentes, assim como as meninas; Maria e Anastácia queimaram até seus diários.[15] Iákovlev, logo se veria, chegara com 150 novos Guardas Vermelhos e com instruções de remover a família para um lugar não especificado. Mas quando ele e seu vice, Avdeev, chegaram à casa, ficou claro que “o menino de tez amarela, macilento, parecia desfalecer”.[16] Alexei estava debilitado demais para ser removido, argumentou Kobilínski,

alarmado; Iákovlev concordou em adiar a partida da família, mas logo recebeu uma contraordem do Comitê Central de Lênin, ordenando que transferisse o ex-tsar sem demora. Nicolau se recusou peremptoriamente a viajar sozinho para um destino ignorado. Quando Iákovlev admitiu que levasse uma companhia na viagem — seria isso ou ir à força —, Alexandra viu-se diante de uma decisão angustiante. Consternada com o pensamento do que poderia acontecer ao marido se fosse levado a Moscou (tendo visões de um julgamento no estilo do tribunal revolucionário francês), ela passou por horas de tormento, tentando decidir o melhor a fazer. Sua criada Maria Tutelberg tentou confortá-la, mas Alexandra disse:

> Não piore meu sofrimento, Tudels. Este é o momento mais difícil para mim. Você sabe o que meu filho significa para mim. E agora tenho de escolher entre o filho e o marido. Mas tomei minha decisão e tenho de ser forte. Devo deixar meu menino e partilhar minha vida — ou minha morte — com meu marido.[17]

Ficou claro para as quatro irmãs que sua mãe não podia viajar sem o apoio de uma delas. A saúde de Olga continuava frágil e Alexei necessitava de seus cuidados. Tatiana devia se incumbir da casa; até mesmo Gibbes afirmou que ela era "vista agora como a chefe da família, no lugar da grã-duquesa Olga".[18] Após discutirem entre si, as meninas concordaram que Maria devia acompanhar a mãe e o pai, deixando a boba da corte, Anastácia, para "alegrar as coisas".[19] A esperança era de que em cerca de três semanas, quando Alexei estivesse mais forte, pudessem se juntar aos pais.

Nicolau e Alexandra passaram a maior parte dessa tarde junto à cama de Alexei, enquanto os itens mais essenciais para a viagem eram guardados nas malas. Tatiana perguntou a Iákovlev aonde seriam levados — seu pai seria julgado em Moscou? Iákovlev descartou a ideia, insistindo em que de Moscou seus pais "seriam levados para Petrogrado e dali pela Finlândia para a Suécia e depois a Noruega".[20] Nessa última noite, todos sentaram para jantar à mesa devidamente posta com os cartões de menu, como sempre haviam feito. "A ocasião foi passada em luto", confidenciou Nicolau a seu diário, Alexandra e as meninas chorando o tempo todo. O estoicismo de Alexandra se foi completamente ao enfrentar a perspectiva de deixar o filho de quem cuidara com tanta obsessão durante os últimos treze anos. Mais tarde, quando todos se reuniram para tomar o chá antes de dormir, ela pareceu recobrar a compostura.

Todos “fizeram o melhor possível para esconder a tristeza e manter a calma aparente”, escreveu Gilliard. “Sentimos que se um de nós cedesse, todo mundo começaria a chorar.” “Foi a ocasião mais chorosa e deprimente em que já estive”, recordou Sydney Gibbes, “pouco se conversou e ninguém fingiu estar alegre. Foi solene e trágico, um prelúdio adequado à tragédia inelutável.”[21] Muitos anos depois ele insistia: “Eles sabiam que era o fim quando eu estava com eles”; nessa noite, embora as palavras permanecessem resolutamente não enunciadas, todos tinham uma clara percepção do que devia estar por vir.[22]

Nicolau manteve a aparência de férrea calma até o fim, mas “deixar as crianças e Alexei — doente como estava e em tais circunstâncias — era mais do que difícil”, admitiu em seu diário, e “é claro que ninguém dormiu nessa noite”.[23] Às quatro da manhã do dia 26 de abril, Nicolau “apertou a mão de cada um, dizendo algumas palavras, e todos beijaram a mão da imperatriz”, recordou Gibbes, antes que, embrulhados em longos casacos persas de carneiro, Alexandra e Maria o acompanhassem nas *tarantass* à espera.[67][24]

“Quando partiram ainda estava escuro”, recordou Gibbes, mas ele foi buscar a câmera correndo e “com exposição prolongada consegui bater uma foto da *tarantass* da imperatriz — embora tenha sido impossível bater uma da partida”.[25] As irmãs choravam ao se despedir; mas foi a tímida criada, Anna Demídova, viajando com a tsarina (junto ao dr. Bótkin, Dolgorúkov e os empregados Terénti Tchemodúrov e Ivan Sédnev), que finalmente deu voz à ansiedade mais profunda de todo mundo. “Estou com muito medo dos bolcheviques, sr. Gibbes. Não sei o que vão fazer conosco.” Seu temor, enquanto a melancólica fila de carruagens e sua escolta montada de guardas do Exército Vermelho se afastavam na aurora fria e cinzenta, “dava pena de ver”.[26]

De sua janela na Casa Kornílov, Tatiana Bótkina observou-os partir:

> As carruagens passaram pela casa a uma velocidade perigosa, dobraram a curva e desapareceram. Lancei um olhar para a residência do governador. Três figuras em cinza permaneceram ainda por um longo tempo na escada, olhando para a faixa distante da estrada; então finalmente viraram e voltaram devagar para dentro.[27]

Após a partida — com destino desconhecido — de Nicolau, Alexandra e Maria, “uma tristeza mortal invadiu a casa”, como o pajem Vólkov lembrou. “Antes, sempre houve uma certa vivacidade, mas, depois da partida do casal imperial, o silêncio e a desolação tomaram conta de nós.”[28] “O sentimento foi

notado até entre os soldados", percebeu Kobilínski.[29] Olga "chorou terrivelmente" quando a mãe e o pai partiram, mas ela e suas irmãs se mantiveram ocupadas e com a mente distraída, cumprindo uma tarefa urgente de que Alexandra as incumbira.[30] Embora muitas das maiores joias de Alexandra já tivessem sido contrabandeadas para um lugar seguro, nos mosteiros de Abalákski ou Ivanóvski, onde deviam ser usadas por simpatizantes monarquistas para levantar fundos para uma possível fuga (o dinheiro nunca chegou), as meninas vinham recentemente ajudando Anna Demídova e as criadas Maria Tutelberg e Elizaveta Ersberg a "descartar os medicamentos como combinado".[31] Esse era o código de Alexandra para esconder pérolas, diamantes, broches e colares nas roupas, roupas de baixo e chapéus da família, com as gemas maiores sendo disfarçadas sob botões. Talvez apenas três semanas depois da partida deles as mulheres freneticamente trabalharam para completar a tarefa a tempo, supervisionadas por Tatiana, que a despeito dos conselhos para deixar as joias em segurança em Tobolsk havia insistido em seguir as instruções de sua mãe ao pé da letra.[32] Com Alexei ainda doente, ninguém pensou em aulas. Todas estavam ocupadas demais mantendo-o animado e com o moral elevado, já que ele "se debatia e gemia na cama, de dor, sempre suspirando pela mãe, que não podia vir".[33]

Embora chegasse a notícia de que a família estava em segurança, por um dos condutores que os levara até Tiumén, demorou vários dias para a chegada de alguma carta. Como os rios continuavam parcialmente congelados, o grupo tinha de viajar por terra e as estradas eram terríveis — "os cavalos com água até o peito para atravessar os rios. Rodas quebradas várias vezes", como Maria informou mais tarde.[34] No dia 29, a primeira carta chegou, escrita do primeiro lugar onde pararam para passar a noite, em Ievlevo. "O coração de mamãe está doendo muito em consequência da terrível estrada para Tiumén — tiveram de viajar duzentas verstas [225 quilômetros] a cavalo por uma estrada horrível", escreveu Tatiana para um amigo.[35] A viagem melhorou depois disso e Alexandra enviou um telegrama: "Viajando com conforto. Como está o menino? Deus esteja com vocês".[36] Estavam agora em um trem, mas continuavam sem saber para onde iam. "Querida, você deve saber como isso tudo é horrível", Olga escreveu para Anna Vírubova enquanto aguardavam notícias.[37] Mas foi apenas em 3 de maio — uma semana após a partida dos pais — que as crianças finalmente ficaram sabendo, por telegrama, que Nicolau, Alexandra e Maria não estavam em Moscou — como todo mundo imaginara —, mas em Ecaterimburgo, uma cidade nos Urais Ocidentais, 570 quilômetros a sudoeste de Tobolsk. As três meninas e seu irmão agora nada tinham a fazer senão esperar os dias longos e angustiantes até poderem se juntar a eles lá.

As meninas se mantinham ocupadas, revezando-se para ler e jogar com Alexei, que se recuperava muito lentamente. Se o tempo estava bom, levavam-no para tomar ar fresco na cadeira de rodas. À noitinha, Olga sentava-se ao seu lado quando ele rezava suas orações; depois, as meninas se juntavam a Nástenka no quarto dela, em vez de ficar nos próprios aposentos no andar de cima, e então iam cedo para a cama. “Mamãe, alma querida, como sentimos saudades! De todas as maneiras. Está tão vazio”, Olga escreveu para Alexandra numa longa carta estendida por vários dias. “De vez em quando entro no seu quarto e então fico com a sensação de que você está lá, e isso é muito reconfortante.” A Páscoa se aproximava e elas faziam o melhor que podiam para se preparar, embora fosse a primeira vez que a família se visse separada durante a celebração mais importante do calendário ortodoxo russo. “Hoje houve uma enorme procissão religiosa com bandeiras, ícones, diversos clérigos e uma multidão de fiéis. Foi tão lindo com o sol glorioso e todos os sinos da igreja tocando.”[38] Zinaída Tolstáia enviara ovos de Páscoa pintados, um bolo e um pouco de geleia, além de um guardanapo bordado para Alexandra. Mas a Sexta-Feira Santa trouxe vento e chuva e uma temperatura pouco acima de zero. “Foi terrível não estar junto e não saber como vocês estão de verdade, pois nos dizem um monte de coisas diferentes”, escreveu Olga.[39] Mas juntas as meninas haviam decorado sua capela de campanha, com um arranjo de ramos de pinheiro aveludados e cheirosos dos dois lados da iconóstase — o aroma lembrando-as do Natal — e trazendo vasos de flores e plantas da estufa (embora fizessem o possível para manter os três cachorros do lado de fora, para não tentarem “regar” os vasos). “Gostaríamos tanto de saber como vocês celebraram essa Festa da Luz e o que estão fazendo”, continuou Olga no sábado de Páscoa, “a Liturgia da Meia-Noite e a Vigília foram muito bem. Foi lindo e íntimo. Todas as lâmpadas laterais estavam acesas, mas nenhum candelabro, havia luz suficiente.” Nessa manhã, cumprimentaram a comitiva e distribuíram ovos de Páscoa e pequenos ícones, do modo que a mãe delas sempre fizera; e comeram os tradicionais *kulitch* e *pashka*.[40]

Quando uma carta de Maria finalmente chegou, descrevendo em breves palavras o novo ambiente da Casa Ipátiev, em Ecaterimburgo, foi profundamente desconcertante: “Sentimos falta de nossa vida tranquila e pacífica em Tobolsk”, escreveu ela. “Aqui há surpresas desagradáveis todo dia.”[41] Sua Páscoa fora extremamente modesta: trouxeram comida da cantina comunal na cidade e vários de seus pertences estavam em péssimas condições, empoeirados e sujos da viagem acidentada. Havia um tocante pós-escrito de Nicolau para Anastácia: “Sinto-me sozinho sem você, minha querida. Estou com saudade de suas caretas à mesa”.[42]

As três irmãs ficaram intensamente aliviadas quando as cartas de Ecaterimburgo enfim começaram a chegar. Alexandra e Maria escreviam todo dia, mas muitas das cerca de 22 cartas que enviaram nunca chegaram a Tobolsk. “Foi realmente pavoroso ficar sem notícia o tempo todo”, escreveu Tatiana em 7 de maio:

> Vemos da janela que o Irtych [*sic*] está calmo aqui. Amanhã esperamos o primeiro vapor de Tioumen [*sic*]. Nossos porcos foram vendidos, mas ainda temos a porca, com seus seis leitões [...]. Ontem comemos nosso pobre peru, então agora só resta sua esposa [...]. Faz um tédio mortal no jardim. Nem bem saímos já ficamos olhando para nossos relógios para ver quando poderemos entrar de novo [...]. Sofremos um bocado na alma por vocês, queridos; nossa única esperança está em Deus, e nosso consolo, na oração.[43]

Mesmo a resoluta Tatiana estava achando difícil seguir em frente: “Estou com muito medo de perder a coragem”, disse ao pai, “rezo muito por vocês [...]. Que o Senhor Deus os guarde, ajude, proteja de todo mal. Sua filha Tatiana, que os ama apaixonadamente, para todo o sempre”.[44]

Com o gelo derretendo, o Irtish ficou em plena cheia e os barcos começaram a navegar para Tiumén mais uma vez. As meninas podiam escutar suas sirenes à distância e suas esperanças aumentaram de que em breve poderiam viajar.[45] Em Ecaterimburgo, Maria antecipava ansiosamente a chegada delas. “Quem sabe, talvez esta carta chegue a vocês pouco antes de partirem. Deus abençoe sua viagem e as proteja de todo mal [...]. Pensamentos ternos e orações as cercam — tudo que importa é estarmos juntas outra vez, logo.”[46]

Reunir-se era a única preocupação em todas as cartas enviadas entre Tobolsk e Ecaterimburgo nesses últimos dias que os separaram — junto de mensagens de amor. “Como estão sobrevivendo e o que estão fazendo?”, perguntou Olga, no que seria sua última carta de Tobolsk. “Como adoraria estar com vocês. Ainda não sabemos quando vamos partir [...]. Que Nosso Senhor a proteja, minha querida e adorada mamãe, e todos vocês. Um beijo no papai, em você e M., muitas e muitas vezes. Eu os estreito em meus braços com amor. Sua Olga.”[47]

“É difícil escrever alguma coisa agradável”, afirmou Maria numa carta para Alexei, “pois há pouco disso por aqui.” Seu otimismo, contudo, permaneceu inabalável. “Mas, por outro lado, Deus não nos abandona, o sol brilha e os pássaros cantam. Hoje de manhã escutamos o coro da aurora.”[48] A realidade de

seu novo ambiente no entanto era sombria. Já não gozavam de nenhum dos pequenos privilégios que lhes haviam sido concedidos em Tobolsk e estavam sob constante e estrita vigilância. As cartas agora tinham de ser endereçadas a/c do Presidente do Comitê Executivo Regional de Ecaterimburgo.[49]

Das três irmãs que ficaram em Tobolsk, foi Anastácia, com dezesseis anos, que permaneceu com um inabalável sentimento de alegria diante do mundo se fechando em torno deles. Escrevendo para Maria sobre sua rotina diária, ela disse:

> Nós nos revezamos tomando café da manhã com Alexei e obrigando-o a comer, embora haja dias em que coma sem necessidade de ninguém mandar. Vocês estão em nossos pensamentos o tempo todo, queridos. É terrivelmente triste e vazio; realmente não sei o que me acontece. Temos as cruzes de batismo, é claro, e recebemos notícias suas. Então Deus ajude, e vai nos ajudar. Fizemos um lindo arranjo na iconóstase para a Páscoa, todo de abeto, que é como fazem por aqui, e flores, também. Tiramos fotos, espero que cheguem [...]. Brincamos no balanço e como ri quando caí, que aterrissagem, francamente! [...] Tenho um caminhão de coisas para contar [...]. Está fazendo um tempo tão bom! Eu seria capaz de gritar, de tão bonito. É estranho dizer, estou mais queimada que todo mundo, um verdadeiro árrrabe [*sic*]! [...]
>
> Estamos todos juntos aqui neste instante, como sempre, mas sinto saudade da sua presença na sala [...]. Lamento por escrever uma carta tão confusa, mas você sabe como meus pensamentos vão longe e não consigo dizer tudo, então escrevo o que me vem à cabeça. Quero muito ver você, é uma tristeza terrível. Eu saio para caminhar, e depois volto. Um tédio dentro e fora. Vou ao balanço; o sol saiu, mas estava frio, e minha mão mal consegue escrever.[50]

Ela e as irmãs haviam feito o melhor para cantar a liturgia durante a cerimônia de Páscoa, Anastácia contou a Maria, mas “sempre que cantamos juntas não sai direito, porque precisamos de uma quarta voz. Mas você não está aqui, então fazemos piada sobre isso [...]. Pensamos e rezamos constantemente por vocês: Deus nos ajude! Cristo esteja com vocês, preciosos. Um beijo, minha boa e gorda Machka. Sua Shvíbzig”.[51]

No dia 17 de maio, o bando mais intimidador até então de Guardas Vermelhos chegou à Casa do Governador, dessa vez de Ecaterimburgo, liderado por um homem chamado Rodiónov. Eram "os facínoras mais assustadores, sujos, esfarrapados, bêbados" que Gleb Bótkin já vira. Rodiónov era na verdade um letão chamado Ian Svikke e ninguém gostou dele desde o início. Kobilínski o achava cruel, "um valentão barato".[52] Frio e desconfiado por natureza, Rodiónov vivia à procura de conspirações: ele ordenou uma humilhante chamada diária e as meninas tinham de lhe pedir permissão para descer e sair no pátio. Tinham ordens de manter a porta do quarto aberta à noite, e, quando o padre e as freiras chegaram no dia 18 de maio para conduzir as vésperas, Rodiónov os revistou e postou uma sentinela ao lado do altar para observá-los durante a cerimônia.[53] Kobilínski ficou chocado: "Isso oprimiu tanto todo mundo, teve tal efeito neles, que Olga Nikoláevna chorou e disse que se soubesse que isso aconteceria, nunca teria pedido a cerimônia".[54]

Alexei continuava extremamente frágil e mal conseguia sentar por mais do que uma hora seguida. Não obstante, três dias depois de chegar, Rodiónov decidiu que o menino estava bem o bastante para viajar. Por vários dias então a criadagem fizera os preparativos para a partida deles. "Os quartos estão vazios, pouco a pouco todas as malas foram feitas. As paredes parecem vazias sem os retratos", escreveu Alexei para sua mãe.[55] Qualquer coisa que não fosse junto teria de ser "descartada" na cidade — se não tivesse sido pilhada pelos guardas antes. A maior parte da comitiva se preparou para partir com as crianças. A filha do dr. Bótkin, Tatiana, pediu que ela e o irmão recebessem permissão de ir com as irmãs, mas isso lhes foi negado. "Por que uma garota bonita como você ia querer apodrecer a vida toda na prisão, ou mesmo ser fuzilada?", escarneceu Rodiónov. "Com toda a probabilidade serão fuzilados." Ele foi igualmente insensível quando contou a Aleksandra Tégleva sobre o que o futuro reservava: "A vida por lá é bem diferente".[56] Um dia antes da partida das crianças, Gleb Bótkin foi à Casa do Governador para tentar vê-las uma última vez. Ele avistou Anastácia numa janela; ela acenou e sorriu, ao que Rodiónov veio correndo para lhe dizer que ninguém tinha permissão de olhar pelas janelas e que os guardas iriam atirar para matar se alguém tentasse fazê-lo.[57]

No último dia em Tobolsk, a família se reuniu para as refeições de despedida: *borshch* e tetraz com arroz no almoço e vitela com guarnição e macarrão para o jantar, acompanhadas pelas duas últimas garrafas de vinho que haviam conseguido esconder dos guardas.[58] Às onze e meia da manhã seguinte, 20 de maio de 1918, as crianças foram levadas para o embarcadouro e mais uma vez subiram a bordo do *Rus*, no qual, para sua grande alegria, foram recebidas por Iza Buxhoeveden. Olga lhe disse que tinham "sorte por ainda estarem vivos e

serem capazes de ver seus pais mais uma vez, fosse qual fosse seu futuro”.[59] Mas Iza ficou chocada com a mudança nela, e em Alexei também — não vira de perto nenhum dos dois desde o último mês de agosto:

> Ele estava terrivelmente magro e não conseguia andar, pois seu joelho enrijecera demais de tanto ficar deitado, com ele dobrado por tanto tempo. Estava muito pálido e seus grandes olhos negros pareciam ainda maiores no pequeno rosto estreito. Olga Nikoláevna também mudara muito. O suspense e a ansiedade pela ausência de seus pais [...] transformaram a vivaz e adorável moça de 22 anos numa mulher de meia-idade debilitada e triste.[60]

As crianças pareceram achar que o fato de Iza poder se juntar a eles “pressagiava pequenas concessões posteriores” de seus captores bolcheviques.[61] Mas esse estava longe de ser o caso. As constantes intimidação e humilhação prosseguiram na viagem fluvial de dois dias para Tiumén. Os guardas eram rudes e grosseiros e punham medo em todo mundo. O comportamento de Rodiónov era insensível; trancou Alexei e Nagórni na cabine deles à noite, a despeito de Nagórni protestar que o menino doente precisava ter acesso ao banheiro. Rodiónov insistia também em que as três irmãs e suas companhias femininas mantivessem a porta de suas cabines aberta o tempo todo, mesmo com os guardas do lado de fora. Nenhuma mulher se desvestia à noite, ao longo da qual tinham de suportar o barulho dos guardas desordeiros bebendo e fazendo comentários obscenos diante de suas portas abertas.[62]

Ao chegarem a Tiumén, as crianças foram transferidas para um vagão sujo de terceira classe em um trem que aguardava nas proximidades, onde, para sua grande aflição, foram separadas de Gilliard, Gibbes, Buxhoeveden e os demais, que foram instalados em um vagão de carga com bancos toscos de madeira. Em algum momento após a meia-noite de 23 de maio, o trem finalmente parou em uma estação suburbana nos arrabaldes de Ecaterimburgo. Fazia frio e geava e foram deixados todos ali, tremendo, gelados até a medula, à espera do amanhecer. No fim, Rodiónov e alguns comissários vieram buscar as crianças.[63] Mas nem Gibbes, nem Gilliard, tampouco Iza Buxhoeveden tiveram permissão de prosseguir. Tatíschev, Nástenka e Trina também foram barrados, assim como todos os demais criados, exceto Nagórni. “Tatiana Nikoláevna tentou encarar a situação com leveza” quando Iza lhe deu um beijo de adeus. “De que adiantam todas essas despedidas?”, perguntou. “Estaremos todos gozando da companhia mútua dentro de meia hora!”, disse Tatiana, tranquilizadora. Mas, como Iza

recordou mais tarde, um dos guardas se aproximou nesse exato instante e, com voz ominosa, disse: “Melhor dizer ‘Adeus’, cidadãs”, e “em seu rosto sinistro percebi que aquilo era uma verdadeira separação”.[64]

Pierre Gilliard observou do trem quando as quatro crianças foram trazidas: “Nagórni, o marinheiro, [...] passou por minha janela carregando o menino enfermo nos braços; atrás dele vieram as grã-duquesas, carregadas de valises e pequenos pertences pessoais”. Estavam cercados por uma escolta de comissários em jaquetas de couro e milicianos armados. Ele tentou desembarcar do trem para se despedir, mas “foi rudemente empurrado de volta ao vagão pela sentinela”. Observou, desolado, Tatiana seguindo por último na fila sob a chuva gelada, carregando com dificuldade sua pesada mala e segurando seu cão, Ortipo, com o outro braço, enquanto seus sapatos afundavam na lama. Nagórni, que nesse ínterim erguera Alexei e o pusera num dos *drójki* puxados por cavalo, que aguardavam, virou para oferecer ajuda, mas os guardas o rechaçaram.[65]

Um engenheiro local de Ecaterimburgo que estava na estação nessa manhã, tendo ouvido dizer que as crianças chegariam, ficara sob o aguaceiro na esperança de vê-las. De repente ele avistou as “três jovens, vestidas em lindos conjuntos escuros com grandes botões de tecido”:

> Elas caminhavam sem firmeza, ou, antes, sem equilíbrio. Concluí que isso se devia ao fato de estarem carregando uma mala muito pesada e também porque a superfície da estrada ficara enlameada com a chuva primaveril incessante. Ter de andar pela primeira vez em suas vidas com uma bagagem tão pesada estava além de sua força física [...]. Elas passaram muito perto e muito devagar. Fiquei olhando para seus rostos vivos, jovens, expressivos, com certa indiscrição — e durante esses dois ou três minutos percebi algo que, até o dia da minha morte, jamais vou esquecer. Senti que meu olhar cruzou com o das três jovens desafortunadas por um momento e que, quando isso aconteceu, penetrei nas profundezas de suas almas martirizadas, por assim dizer, e fui subjugado pela pena em relação a elas — eu, um revolucionário inveterado. Sem que esperasse, percebi que nós, intelectuais russos, nós, que alegamos ser os precursores e a voz da consciência, éramos responsáveis pela ridícula falta de dignidade com a qual as grã-duquesas estavam sendo tratadas. [...]. Não temos o direito de esquecer, tampouco de nos perdoar por nossa passividade e pelo fracasso em fazer algo por elas.[66]

Quando as três jovens passaram por ele, o engenheiro ficou admirado de como

> tudo estava pintado naqueles rostos jovens, nervosos: a alegria de ver seus pais outra vez, o orgulho de jovens oprimidas forçadas a ocultar seu sofrimento espiritual de estranhos hostis e, enfim, talvez, uma premonição da morte iminente [...]. Olga, com seus olhos de gazela, lembrou-me alguma jovem triste em um romance de Turguéniev. Tatiana deixou-me com a impressão de uma altiva aristocrata com ar de orgulho, pelo modo como fitava as pessoas. Anastácia me pareceu uma criança assustada, aterrorizada, que podia, em diferentes circunstâncias, ser encantadora, despreocupada e afetuosa.[67]

Esse engenheiro permaneceu, para sempre depois disso, assombrado por esses rostos. Ele sentiu — na verdade, esperou — "que as três jovens, ao menos momentaneamente, perceberam que o que estava estampado em meu rosto não era apenas a fria curiosidade e indiferença em relação a elas". Seus instintos humanos naturais fizeram com que quisesse estender a mão e expressar seu reconhecimento, mas, "para minha grande vergonha, refreei-me, por fraqueza de caráter, pensando em minha posição, em minha família".[68]

Da janela do trem Pierre Gilliard e Sydney Gibbes haviam esticado o pescoço para dar uma última olhada nas meninas ao entrarem nos *droskies* que as aguardavam. "Assim que todos subiram, uma ordem foi dada, e os cavalos partiram trotando com a escolta."[69]

Foi a última vez que as viram aqueles que haviam amado, servido e morado com as quatro irmãs Romanov desde a infância delas.

67 A Alexandra e Maria foi concedido o luxo de uma *tarantass* coberta, mas Nicolau e os outros viajaram numa forma de transporte local da Sibéria, a *kosheva* — uma carruagem baixa, sem rodas, suspensa em longas varas —, o interior sem assentos, coberto de palha.

Capítulo Vinte e Dois

PRISIONEIROS DO SOVIETE REGIONAL URAL



Ainda havia neve no chão em Ecaterimburgo naquela manhã do fim de maio em que as crianças chegaram à Casa Ipátiev, vindas de Tobolsk. Nicolau e Alexandra haviam sido alertados da chegada com poucas horas de antecedência e, a despeito da alegria por se reunirem com os filhos, bastou observar a expressão em seus rostos para ver que "os pobrezinhos haviam tido de suportar um bocado de sofrimento moral durante a viagem de três dias".[1]

Após quatro semanas de uma separação dolorida e indefinida, as quatro irmãs Romanov ficaram muito felizes por estar juntas outra vez. Suas camas de campanha ainda estavam por ser enviadas de Tobolsk, mas elas de bom grado dormiram no chão de seu novo quarto, sobre um punhado de mantos e almofadas, até a chegada das camas.[2] O reencontro, porém, logo foi arruinado quando, para intensa frustração de seus pais, Alexei escorregou e bateu o joelho. Nicolau e Alexandra o puseram em seu quarto, onde ficou deitado durante vários dias, sofrendo; apenas em 5 de junho ele foi capaz de se juntar aos demais no jardim.

Duas imensas paliçadas de madeira cercavam a Casa Ipátiev, ominosamente designada "a casa do propósito especial" por seus captores bolcheviques. Eram tão elevadas que, de dentro da casa, os Romanov não conseguiam sequer ver a copa das árvores.[3] O pouco que era visível do céu azul ficara obliterado em meados de maio, quando as janelas de todos os quartos da família foram caiadas, criando o que parecia ser um cobertor de neblina do lado de fora.[4]

Era terrivelmente apertado e abafado dentro dos cômodos no primeiro andar, que serviam como nova acomodação para os Romanov. Pois ali não era de modo algum uma casa — mas uma prisão —, e ficou mais do que claro para todos que teriam de suportar um regime rigoroso ali, bem diferente de Tobolsk ou do Palácio de Alexandre.[5] Havia guardas armados por toda parte: na rua, dentro e fora das paliçadas cercando a casa, no telhado, no jardim. Os guardas também ocupavam ninhos de metralhadora no porão, na mansarda, no jardim e até no campanário da Voznessénski Sobor, do outro lado da rua. Um anúncio no *Uralskaya zhizn*, feito pelo comissário de guerra bolchevique Filipp Goloschiókin, encarregado geral pela detenção da família na cidade, deixara o endurecimento da atitude oficial para com a antiga família imperial absolutamente claro:

> Todos os que estiverem presos serão mantidos reféns, e a mais ligeira tentativa de ação contrarrevolucionária na cidade resultará na execução sumária dos reféns.[6]

Os dias haviam sido muito monótonos em Tobolsk, mas em Ecaterimburgo o ritmo da vida foi reduzido a um tédio intolerável. Nenhum jornal ou carta chegava até eles. Um pacote solitário, com alguns ovos, café e chocolate, fora enviado pela grã-duquesa Ella no dia 16 de maio; mas também ela era uma prisioneira, em Alapaevsk, 153 quilômetros ao norte.[7] Sem permissão para mandar ou receber cartas, as meninas viram-se privadas da única coisa que as fizera seguir em frente por todo esse tempo — o contato com amigos. Visitas estavam proibidas, é claro. A família imperial ficou à deriva; não tinham "notícia de ninguém", como Alexandra escreveu em seu diário.[8]

A recreação ao ar livre em Ecaterimburgo era restrita a um deplorável jardinzinho com umas poucas árvores atrofiadas, ainda menores do que as de Tobolsk. Mas, como sempre, Nicolau e as meninas aproveitavam ao máximo cada oportunidade para sair durante seus dois breves períodos de exercício diário, e as meninas às vezes balançavam nas duas redes que os guardas haviam instalado para elas entre as árvores. Alexei, quando estava suficientemente bem, era carregado, às vezes por Maria, e ficava sentado na cadeira de rodas da mãe. Mas durante os períodos de recreação uma das irmãs sempre ficava dentro de casa com Alexandra, que, com a temperatura subindo para vinte a trinta graus, raramente se aventurava do lado de fora. Contudo, mesmo esses breves gostinhos de verão foram suficientes, como escreveu Nicolau, para sentirem o

maravilhoso aroma de flores “de todos os jardins da cidade” que enchia o ar, ainda que não pudessem vê-las além da paliçada.[9] A abertura de uma pequena janela em seus quartos no dia 10 de junho, para permitir uma brisa refrescante, foi uma grande concessão na regularidade desolada de suas vidas em tudo o mais cerceadas. Isso era pontuado pelas constantes humilhações dos guardas, como revistar seus pertences, confiscar seu dinheiro e tentar até remover os braceletes de ouro de Alexandra e das meninas de seus pulsos. O pedido de Tatiana e Maria de que suas câmeras confiscadas fossem devolvidas, de modo que pudessem ao menos se distrair tirando fotos, também foi negado.[10]

O mês de junho trouxe vários aniversários, a começar pelo de Alexandra, que completou 46 anos no dia 6; a ocasião passou em branco, pois Nicolau estava acamado, sofrendo muito com hemorroidas, e Alexei ficou sem sair de casa durante a maior parte do dia, a despeito do tempo bom.[11] Tatiana fez 21 anos em 11 de junho, mas foi um dia muito modesto para um estágio tão auspicioso em sua vida, o ponto alto sendo a surpresa de uma compota de fruta na hora do almoço, preparada por Kharitónov. Não houve presentes, é claro; Tatiana passou o dia lendo para a mãe trechos do livro favorito de Alexandra, o *Ciclo anual completo de homilias breves para cada dia do ano*, de um padre ortodoxo, Grigóri Diatchenko.[12] Mais tarde, ela jogou cartas com Alexei e leu para ele, e antes de ir dormir usufruiu da prosaica novidade de ajudar as irmãs a lavar os lenços de todo mundo.[13] A pobre Anna Demídova viera se esfalfando sozinha com a roupa pessoal de toda a família (a roupa de cama ainda sendo mandada lavar fora) e as irmãs de bom grado haviam se oferecido para ajudar, assim como faziam ao cerzir as meias, meias-calças e roupa de baixo de todos.[14]

O aniversário de dezessete anos de Anastácia — 18 de junho — foi um dia muito quente em que mais uma vez não houve comemorações e as meninas passaram o tempo aprendendo outra atividade prática — sovar, enrolar e assar pães — com Kharitónov.[15] Logo elas o estavam ajudando cada vez mais na cozinha, em um esforço para dissipar a sensação esmagadora de tédio. Mas ali dentro fazia um calor insuportável e até Alexandra preferia ficar ao ar livre, quando a saúde permitia. As noites agora eram intermináveis partidas de besigue, uma após outra, e a releitura dos poucos livros que haviam sido deixados. Tatiana parecia ser sempre a mais incumbida de cuidar da mãe e Alexei; seus dotes como enfermeira foram exigidos também quando o dr. Bótkin sofreu um ataque grave de dor no rim e ela lhe aplicou uma injeção do precioso suprimento de morfina da família.[16] Olga estava agora terrivelmente magra e pálida e em Ecaterimburgo se tornara ainda mais distante e morosa. Um dos guardas, Aleksei Kabánov, lembrou sua visível infelicidade, como mal falava e “não se comunicava com os demais membros da família, exceto o pai” — com

quem sempre caminhava de braços dados durante a recreação no jardim.[17] Mas ela não passava tanto tempo ali quanto suas três irmãs, que lhe pareceram muito mais alegres e animadas, frequentemente entoando canções folclóricas ao sair para passear com os cachorros. Maria, tão forte e estoica, parecia continuar sendo a mais equilibrada e impassível, "a encarnação da 'modéstia elevada pelo sofrimento'", como recordou um guarda, lembrando um poema de Tiútchev.[18] No início — assim como em Tobolsk — as irmãs mais novas haviam se mostrado ansiosas por conversar com seus captores, perguntando-lhes sobre suas vidas e famílias e lhes mostrando seus álbuns de fotografias. Estavam terrivelmente entediadas, disseram a eles: "Éramos muito mais felizes em Tobolsk".[19] Mas a chegada de um comandante novo e severo, Iákov Iuróvski, pôs um ponto final em tais confraternizações.

O clima era positivamente "tropical", segundo Nicolau, no aniversário de dezenove anos de Maria, em 27 de junho.[20] Quatro dias antes a família fora consolada pela "grande bênção de uma genuína *obednitsa* e vésperas" — quando um padre e um diácono receberam autorização de entrar e realizar a primeira cerimônia para a família em três meses.[21] Mas eram dois dentre apenas um punhado de pessoas a vê-los nessas circunstâncias novas e muito restritivas. Quem estivesse do lado de fora e querendo saber o que acontecia ali dentro só podia conjecturar quanto ao que a antiga família imperial russa estava tendo de suportar nas mãos dos intimidantes captores bolcheviques.

Durante as oito semanas finais de prisão da família Romanov, muita gente — curiosos, dissimulados, atrevidos — e até parentes reais, como a intrépida princesa Helena — veio pela Voznessénski Prospekt até a Casa Ipátiev para tentar dar uma olhada neles. Mas ninguém recebeu permissão de entrar, a não ser o dr. Derevenko, que estava na cidade e foi admitido para tratar de Alexei e engessar seu joelho inchado.

As crianças locais eram mais ousadas. Muitas vezes chegavam perto e tentavam espiar pelas paliçadas. Num dia de sol, pouco após a chegada da família, Anatóli Portnoff, de nove anos, saiu da Voznessénski Sobor, do outro lado da rua, após a missa matinal, e correu através da estrada para olhar. Ele encontrou uma fresta entre as estacas, espiou e viu, bem na sua frente, assim alegou mais tarde, o tsar Nicolau "dando uma caminhada pelo terreno". Mas uma sentinela veio correndo e "sem a menor consideração o pegou pelo casaco e lhe disse para cair fora".[22]

Vladimir e Dmítri Stórojev, filhos de um sacerdote na Ekateríninski Sobor, foram mais persistentes, pois moravam perto da Casa Ipátiev e conseguiram se comunicar “por gestos e falando através da cerca com as garotas da família imperial”.[23] Vladímir, de onze anos, adorava empinar sua pipa no telhado, de onde conseguia muitas vezes “ver as filhas do tsar brincando no quintal da Upatiev [*sic*] e o próprio tsar saía uma vez por dia para cortar lenha por uma hora ou algo assim”.[24] Mas a família Stórojev tinha medo dos intimidadores Guardas Vermelhos que vigiavam os Romanov e que muitas vezes saíam sumariamente pelas casas dos arredores prendendo pessoas a seu bel-prazer. O pai deles mandara a família toda dormir no mesmo quarto, perto da porta, “assim, se alguém entrar e começar a atirar, vamos estar todos juntos”.[25]

E o padre Ivan Stórojev foi uma das últimas pessoas de fora a ver a família imperial com vida, em uma cerimônia conduzida por ele na casa, às 10h30 no domingo, 14 de julho. Guardas da Casa Ipátiev haviam batido em sua porta cedo nessa manhã. O padre Stórojev achou que seria preso, mas não, queriam que fosse à casa vizinha para realizar uma cerimônia para a família. “Atenha-se estritamente à cerimônia em questão”, advertiram-no. “Não acreditamos mais em Deus, mas lembre-se de que se trata: uma cerimônia fúnebre. Então, nada além dela. Não tente se comunicar nem nada, ou atiramos.”[26]

Após subir a escada e passar pelos jovens e belicosos guardas armados, Stórojev encontrou a família reunida em sua sala de estar, uma mesa para o serviço especialmente preparada por Alexandra, exibindo seu ícone favorito da Santíssima Mãe de Deus. As meninas se vestiam de forma simples, com saias pretas e blusas brancas; seu cabelo, ele notou, crescera muito desde a visita anterior, em 2 de junho, e chegava agora aos ombros.

Durante o serviço, a família toda parecera a Stórojev com o espírito muito oprimido — uma sensação terrível de exaustão os envolvia, muito diferente da visita anterior, quando se mostraram todos animados e rezaram com fervor.[27] Ele partiu muito abalado com o que vira. Os Romanov, de forma atípica, haviam todos se ajoelhado quando seu diácono, Buimírov, entoara o “Descanso com os Santos” — a oração ortodoxa russa para os mortos.[68] Isso pareceu lhes proporcionar grande conforto espiritual, notou ele, embora dessa vez não tivessem se juntado nas respostas à liturgia, algo que normalmente teriam feito.[28] No fim do serviço, foram todos para a frente a fim de beijar a cruz e Nicolau e Alexandra receberam o sacramento. Furtivamente, quando Stórojev passou por todos ao sair, as meninas sussurraram de leve um obrigada. “Eu percebi, pelo modo como se conduziram”, recordou mais tarde o padre Stórojev, “que alguma coisa terrível e ameaçadora estava prestes a se abater sobre a família imperial.”[29]

Na manhã seguinte, a família pareceu ter recobrado o equilíbrio quando

quatro mulheres, enviadas pelo suposto oficial Sindicato de Domésticas Profissionais, vieram lavar o chão. Talvez a mera presença das mulheres — pessoas comuns vindas de fora — tenha servido para animar um pouco. Os Romanov pareciam relaxados, reunidos na sala de estar, e sorriram quando as mulheres entraram. Elas foram estritamente proibidas de conversar com a família, mas pela troca de olhares e sorrisos ficou bem claro que as quatro irmãs estavam mais do que felizes em ajudá-las a mover as camas em seu quarto; teriam ajudado a lavar o chão também, se pudessem. Uma das mulheres, Evdokia Semiónova, lembrou seus modos meigos e cordiais, como "cada expressão suave era uma dádiva".[30] Embora Iuróvski tivesse ordenado que a porta do quarto fosse mantida aberta, as meninas conseguiam conversar, *sotto voce*, com as mulheres conforme trabalhavam; e quando ele lhes dava as costas, Anastácia, com irreverência típica, fazia um gesto de zombaria. Elas disseram às mulheres como sentiam falta de trabalhos físicos, embora Olga estivesse mal de saúde e não pudesse fazer muita coisa. Mas Maria em particular continuava vigorosa como sempre. "Faríamos a tarefa mais árdua com o maior prazer; lavar a louça não é suficiente para nós", disseram.[31] As mulheres ficaram muito comovidas com a tranquila aceitação da situação por parte delas e lhes disseram que estavam torcendo para que não tivessem de aguentar o sofrimento por muito mais tempo. Elas agradeceram. Sim, ainda tinham esperança, disseram; havia ainda uma centelha em seus olhos bondosos.

Depois que as mulheres foram embora, na hora do almoço, a família se acomodou de novo em sua quieta rotina, lendo, jogando cartas, fazendo o mesmo curto percurso no jardim poeirento. Mas nas primeiras horas da manhã de 17 de julho, quarta-feira, foram inesperadamente acordados por seus captores e receberam ordens de se vestir. Informados de que estavam sendo transferidos para o andar de baixo por motivos de segurança, em razão de tumultos e fogo de artilharia na cidade, obedeceram sem questionar. Numa fila ordeira, Nicolau, Alexandra e seus cinco filhos, o dr. Bótkin e os três leais criados, Demídova, Trupp e Kharitónov, desceram calmamente a escada de madeira de seus aposentos, atravessaram o pátio e entraram no sombrio porão. Fizeram-no "sem lágrimas, sem soluços e sem perguntas".[32]

Mais tarde nessa manhã, o jovem Vladímir Stórojev recordou, "eu estava no telhado empinando minha pipa quando meu pai me chamou e disse que eles haviam sido fuzilados. Era 17 de julho, eu me lembro, e fazia muito calor".[33]

Muitas semanas mais tarde, em 16 de agosto, um dos últimos cartões-postais afetuosos, enviado durante a primeira semana de Quaresma por Olga a um amigo em Kiev, como tantos outros escritos pelas quatro irmãs que nunca foram entregues, finalmente voltou a Petrogrado, exibindo um carimbo oficial:

“Devolvido por circunstâncias militares”.[34]

68 Essa oração normalmente é apenas cantada (e não recitada) nos funerais ortodoxos russos.

Epílogo

VÍTIMAS DE REPRESSÕES

No dia de sua chegada a Ecaterimburgo, os dezessete membros remanescentes da comitiva que haviam acompanhado as crianças foram deixados esperando por várias horas em seu trem, enquanto era manobrado para a frente e para trás, antes de finalmente parar. Mais tarde, Gibbes e Gilliard viram o pajem Vólkov, Kharitónov, o cozinheiro, Trupp, o criado, e o ajudante de cozinha Leonid Sédnev serem levados e colocados em *droskies* que os levaram para se juntar à família na Casa Ipátiev. Iliá Tatíschev, Nástenka Guéndrikova e Trina Schneider foram levadas em seguida; Tatíschev para a Casa Ipátiev, mas Trina e Nástenka para Perm, com Vólkov. Ali definharam na prisão até 4 de setembro, quando o Tcheka veio buscá-las e as conduziu junto de um grupo de reféns a serem fuzilados nas proximidades. Seus corpos, ao menos, seriam logo resgatados pelos Brancos, em maio seguinte.[1]

Iliá Tatíschev e Vassíli Dolgorúkov foram transferidos da Casa Ipátiev não muito depois de terem chegado e levados para a prisão, onde também foram fuzilados, em 10 de julho de 1918; seus corpos nunca foram encontrados. Quando era levado para destino similar, em Perm, em setembro, Vólkov, por milagre, conseguiu fugir do fuzilamento que vitimou Trina e Nástenka; ele viveu para contar sua história e morreu no exílio na Estônia, em 1929.[2] Antes de deixar o Palácio de Alexandre, Anna Demídova enviara suas coisas para casa, em Cherepovets, antecipando a volta ao lar após ver a família imperial a salvo no exílio, em algum lugar. Durante os anos do stalinismo, sua família foi forçada, por medo, a destruir a maior parte dos valiosos documentos e fotografias que ela lhes confiara. Mas seu diário, encontrado na Casa Ipátiev, sobrevive no GARF, os

Arquivos Estatais em Moscou.[3] O resto dos criados que haviam lealmente se oferecido para ir com a família à Casa Ipátiev, como Anna, partilharam seu destino violento, tendo seus corpos jogados na mesma vala comum na floresta Koptiáki, nos arredores de Ecaterimburgo. O pequeno ajudante de cozinha, Leonid Sédnev, escapou da carnificina, tendo sido levado da casa no dia anterior. Ele foi mandado de volta para sua família em Kaluga. Mas os tentáculos da repressão stalinista finalmente o alcançaram e ele foi preso e fuzilado pelo NKVD em 1941 ou 1942.

Em 23 de maio, Sydney Gibbes e Pierre Gilliard haviam sido deixados no trem em Ecaterimburgo, com Iza Buxhoeveden e Aleksandra Tégleva e alguns outros antigos criados, em um estado de crescente apreensão, até que Rodiónov finalmente reapareceu às cinco da tarde e lhes disse que estavam livres. O trem, contudo, seria seu lar pela maior parte do mês seguinte, pois eram obrigados a morar nele enquanto esperavam autorizações para deixar a cidade. Durante essa época, Gibbes e Gilliard passaram diante da Casa Ipátiev em numerosas ocasiões e fizeram repetidas visitas ao cônsul inglês Thomas Preston, que morava perto, a fim de descobrir o que estava sendo feito para ajudar a família imperial; mas os pedidos de Preston de que lhe concedessem acesso a eles haviam sido repetidamente negados. Em certa ocasião, quando se aproximavam da casa, Gilliard e Gibbes por acaso avistaram o pajem Ivan Sédnev (tio de Leonid) e o *diádka* de Alexei sendo conduzidos pela porta da frente. Pouco depois, o Tcheka de Ecaterimburgo fuzilou ambos.

Em 26 de maio, o grupo no trem finalmente recebeu ordens de voltar a Tobolsk, mas no caminho ficou preso em Tiumén — agora sob lei marcial e sitiada por uma grande massa de refugiados do combate ao longo da Ferrovia Transiberiana.[4] Foi ali, com o dinheiro acabando e com pouca comida, que finalmente receberam a notícia, em julho, do assassinato do tsar, embora na época nada tenha sido dito sobre o destino de Alexandra e as crianças. Quando Ecaterimburgo caiu para os Brancos em 25 de julho, Gibbes e Gilliard regressaram à cidade e foram à Casa Ipátiev. O interior fora saqueado de toda a mobília, embora uma boa quantidade de pertences pessoais da família houvesse sido deixada pelos cômodos, e Gibbes resgatou algumas coisas, entre as quais o candelabro de vidro italiano do dormitório da grã-duquesa. Eles viram o porão escuro e sujo onde a família fora morta e o acharam “mais sinistro do que é possível descrever”.[5]

Finalmente, em fevereiro de 1919, Gilliard, Gibbes, Tegleva e Buxhoeveden seguiram viagem rumo ao leste para Omsk, onde Gilliard se juntou à Missão Militar Francesa. Ele, Tegleva e Gibbes posteriormente testemunharam à Comissão Sokolov, criada por Aleksandr Kolchak, líder das forças Brancas, no

fim de julho de 1918, pedindo que se investigasse o assassinato da família, como o fizeram Klávdia Bitner, Kobilínski, Pankrátov e muitos outros. Gilliard e Tegleva acabaram viajando para a Suíça, depois de passar pelo Japão e pelos Estados Unidos, e se casaram em Genebra em 1922. Gilliard voltou a dar aulas de francês na Universidade de Lausanne. Em 1923, publicou um relato de seu período na Rússia: *Trinta anos na corte russa*. Ele morreu em 1962.

Em Omsk, em 1919, Sydney Gibbes se juntou à Missão Militar Britânica, e mais tarde deixou a Rússia e foi para Harbin, onde trabalhou para a Alfândega Marítima chinesa durante muitos anos. Em abril de 1934, converteu-se à ortodoxia russa e foi ordenado padre. Ao voltar para a Inglaterra, em 1937, estabeleceu-se em Oxford, onde fundou a própria comunidade religiosa de são Nicolau, o Taumaturgo. Após sua morte em 1963 a comunidade entrou em declínio, mas hoje prospera e conta com uma igreja própria em Headington, Oxford.

De Omsk, Iza Buxhoeveden viajou pela Ferrovia Transiberiana até a Manchúria e seguiu para Vladivostok, na costa do Pacífico, de onde tomou um barco para os Estados Unidos e depois acabou chegando à Europa. Viveu por algum tempo na Dinamarca e em seguida na Alemanha, antes de aceitar um posto na Inglaterra como dama de companhia para a irmã de Alexandra, Vitória, marquesa de Milford Haven. Morou em um apartamento de graça e favor em Hampton Court até sua morte, em 1956, e escreveu três livros de memórias sobre seu período com a família imperial.[6]

Elizaveta Naríchkina, que estava com 79 anos quando os Romanov deixaram Tsárskoe Seló, contou sua história para o escritor austríaco René Fülöp-Miller, em Moscou, em algum momento na década de 1920. Publicado em 1931, *Sob três tsares* é, porém, uma versão pesadamente editada de seus maravilhosos e extremamente valiosos diários cobrindo o último ano em Tsárskoe Seló. Eles sobrevivem no GARF e são extensamente citados nos diários de Nicolau e Alexandra para 1917-18 que foram publicados na Rússia em 2008. Naríchkina acabou emigrando para Paris e morreu no Lar de Emigrantes Russos, em Sainte-Geneviève-des-Bois, em 1928.

Klávdia Bítner mais tarde se casou com Evguéni Kobilínski e eles se estabeleceram em Ríbinsk, na Rússia central, onde tiveram um filho, Innokenty. Ali, em 1927, Kobilínski foi preso por supostas "atividades contrarrevolucionárias"; ele foi mantido na tão temida prisão de Butírka, perto de Moscou, onde provavelmente foi torturado antes de ser fuzilado, em dezembro. Klávdia não escapou; em setembro de 1937, também foi presa. Duas semanas mais tarde, foi levada para o Polígono Bútovo, um dos campos de fuzilamento favoritos do NKVD durante o Grande Terror, localizado em um bosque a

24 quilômetros de Moscou. Ela foi morta ali e jogada numa vala comum — apenas uma das 21 mil vítimas dos expurgos que tiveram seu fim nesse lugar entre 1937-8. O filho órfão de Kobilínski foi abandonado; seu destino é desconhecido.

Durante a terrível anarquia que varreu Ecaterimburgo após o assassinato dos Romanov, e sob a ameaça de virar um refém nas mãos do Tcheka, o padre Ivan Stórojev fugiu da cidade. Ele e outros cavaram um buraco no porão de um convento e se emparedaram com um suprimento de comida até a Legião Tcheca e os Brancos liberarem a cidade.[7] Dali ele se juntou ao Exército Branco como capelão e fugiu com sua família para Harbin, na China. Stórojev serviu como um respeitável padre na igreja ortodoxa russa de são Nicolau, em Harbin, e deu aulas de religião na escola comercial da cidade, tornando-se membro importante da comunidade de emigrantes até sua morte, em 1927.[8]

Das amigas mais próximas das irmãs Romanov nos hospitais de Tsárskoe Seló, Rita Khitrovo conseguiu guardar seus preciosos documentos, inclusive as cartas recebidas de Olga e Tatiana, em segurança, em Paris. Ela emigrou para a Iugoslávia e depois para os Estados Unidos, morrendo em Nova York em 1952; seus documentos foram recentemente doados ao GARF. A dra. Vera Gedroits se estabeleceu em Kiev, onde continuou a trabalhar e lecionar, obtendo uma cátedra na faculdade de cirurgia do Instituto Médico de Kiev. Ela morreu de câncer em 1932. Depois que o hospital anexo foi fechado, no fim de 1917, Valentina Tchebotariova continuou a trabalhar como enfermeira em hospitais militares. Ela morreu de tifo em Novocherkassk, no sudoeste da Rússia, em 6 de maio de 1919. Seu filho Gregory emigrou para os Estados Unidos, assegurando a sobrevivência do diário e das cartas da mãe, que compõem um testemunho-chave das irmãs Romanov durante os anos de guerra em Tsárskoe Seló.

Após a revolução, a amiga e confidente de Anastácia, Kátia Zboróvskaia, foi para o sul, de volta ao lar original da família, em Kuban, onde trabalhou como enfermeira em um hospital de tuberculosos. Seu irmão Víktor lutou com antigos membros da Escolta do Tsar pelo lado dos Brancos na Rússia meridional, antes de ser ferido outra vez em 1920. Ele foi evacuado para Lemnos com a família e se estabeleceu na Iugoslávia. Kátia ficara doente e incapaz de viajar na época em que partiram, mas tivera a antevisão de lhes confiar as preciosas cartas e os cartões-postais de Anastácia e outras lembranças dos Romanov, que a família levou consigo para o exílio. Víktor morreu em 1944, mas sua viúva e sua filha acabaram se estabelecendo na Califórnia, onde desde então confiaram a custódia das cartas de Anastácia para Kátia aos Arquivos da Hoover Institution.

Quanto ao destino de Kátia, como o de sua querida amiga Anastácia, ela se tornaria uma representativa “vítima da repressão” durante as aterrorizantes

detenções de supostos “inimigos” do novo Estado soviético — e em particular dos que tinham alguma ligação com a família imperial. Em 12 de junho de 1927, ela foi presa numa acusação forjada de “atividades contrarrevolucionárias”, sob o notório artigo 58 do novo Código Criminal Soviético. Foi sentenciada a três anos de prisão, sem julgamento, por um tribunal de fachada de três homens — ou *tróika* — em 18 de agosto de 1927 e enviada ao gulag na Ásia Central. Algumas cartas chegaram a sua família, mas diziam muito pouca coisa; e depois cessaram de repente. Kátia morreu no gulag, uma dos muitos milhões de pessoas que pereceram durante os anos de Stálin. Em 2001, foi reabilitada na absolvição geral de prisioneiros políticos que morreram ou foram assassinados durante o terror stalinista, instituída após a queda do comunismo.[9]

Levou mais seis anos, porém — e apenas depois de disputas legais consideráveis e prolongadas —, até que o gabinete da procuradoria-geral russa finalmente julgasse por bem reabilitar Olga, Tatiana, Maria e Anastácia Romanova, seus pais e seu irmão, como “vítimas de repressões políticas”.[10]

Agradecimentos

Nenhum livro é obra de apenas um autor solitário dando duro em esplêndido isolamento, e neste, meu 11º, mais do que nunca recorri ao conhecimento, especialização, generosidade e boa vontade de um número considerável de pessoas, tanto aqui, no Reino Unido, como em outras partes do mundo.

Comecei a pensar em um livro sobre as irmãs Romanov pela primeira vez quando pesquisei e escrevi meu livro *Os últimos dias dos Romanov*, em 2007. Elas estiveram presentes em minha mente e meu coração naquele período em que caminhei por Ecaterimburgo, refletindo sobre suas vidas e personalidades, bem como seu destino trágico, com *As três irmãs*, de Tchékhov, ecoando constantemente ao fundo; a alusão a essa grande peça é portanto deliberada. Depois que *Os últimos dias dos Romanov* foi publicado, no Reino Unido, em 2008, tive a extraordinária boa sorte de encontrar a maravilhosa rede de aficionados de Romanov no circuito da Royalty Weekend — conferência realizada anualmente em Ticehurst, East Sussex. Desde o primeiro dia, só o que vi foi generosidade, interesse e entusiasmo por meu projeto e muitos oferecimentos de material emprestado. O apoio para meu livro que começou em Ticehurst continuou à medida que minha rede de especialistas em Romanov se expandiu, mesmo durante um hiato, em que temi que o livro pudesse no fim das contas não ser concretizado. O que me fez seguir em frente em minha determinação de escrevê-lo foram a amizade e o apoio inabaláveis de duas pessoas-chave — Sue Woolmans e Ruth Abrahams —, que acreditaram no livro tão apaixonadamente quanto eu e queriam vê-lo escrito. Meu primeiro e principal débito de gratidão portanto é para com elas, não apenas por compartilharem material irrestritamente, buscando novas informações, emprestando livros, enviando montanhas de fotocópias, fotografias e e-mails

cheios de novas informações, como também por jamais me deixarem pensar que não poderia fazê-lo.

Durante o processo de pesquisa, muitas outras pessoas forneceram ajuda absolutamente inestimável: antes de tudo, Rudy de Casseres, na Finlândia, que ajudou a extrair as referências mais obscuras de fontes russas raras e de difícil obtenção, com grande alegria e persistência, e que foi um rigoroso verificador de fatos nos estágios finais. Várias pessoas ajudaram-me com traduções: Hannah Veale, do alemão, Karent Roth, do dinamarquês, Trond Norén Isaksen, do sueco. Priscilla Sheringham fez a gentileza de checar minhas traduções do francês, e David Holohan e Natália Kólossova, do russo. Enviei infinitos e-mails perguntando coisas a vários amigos, historiadores e escritores que tiveram a generosidade de me responder, compartilhando seus pensamentos e novas informações: Janet Ashton, Paul Gilbert, do site Royal Russia, Coryne Hall, Griff Henniger, Michael Holman, Greg King, Ilana Miller, Geoffrey Munn, na Wartski's, Neil Studge Rees, Ian Shapiro, Richard Thornton, Frances Welch, Marion Wynn e Charlotte Zeepvat. Agradecimentos especiais a Will Lee por compartilhar sua considerável pesquisa sobre o grão-duque Dmítri Pávlovitch e suas traduções de parte das cartas dele não publicadas; a John Wimbles, por me ceder transcrições de algumas das maravilhosas cartas da duquesa de Saxe-Coburgo — produto de seus muitos anos de trabalho diligente nos Arquivos Romenos; a Sarah Miller, por compartilhar fontes difíceis de achar e por muitas conversas sobre OTMA por e-mail; a Mark Andersen, da Chicago Public Library, por ajudar a rastrear antigos artigos de revista nos Estados Unidos; a Phil Tomaselli, por verificar os National Archives em Kew à procura de alguma luz adicional sobre o abortado asilo oferecido em 1917, e por conselhos sobre o envolvimento britânico no assassinato de Raspútin, em 1916.

Muitas imagens neste livro foram generosamente partilhadas comigo por dois dedicados colecionadores particulares, Ruth Abrahams e Roger Short. Sem a sua maravilhosa generosidade eu não teria sido capaz de proporcionar a variedade de fotos que este livro apresenta. Sou profundamente grata também a duas outras pessoas por me disponibilizarem seus preciosos arquivos familiares: John Stórojev, pelo material sobre seu avô, Ivan Stórojev, e Victor Buchli, por me conceder acesso especial às cartas de Katia Zborovskaia, mantidas na Hoover Institution, na Califórnia, bem como por me ceder valiosa informação e material fotográfico.

Em 2011, tive o prazer de realizar uma maravilhosa viagem de pesquisa para São Petersburgo com Sue Woolmas, Karen Roth e Maggie Field, que partilharam de meu interesse por todos os magníficos lugares ligados à história dos Romanov e suportaram com bom humor minha frequente necessidade de parar para tomar

xícaras de café. Sou grata à GB-Russia Society por generosamente me fornecer uma bolsa para custear a viagem, e agradeço especialmente ao dr. David Holohan, seu organizador de palestras, por providenciá-la. Em São Petersburgo fomos muito bem recebidos por Pável Bóvitchev, Vassíli Khokhlov e seu irmão Evguéni, que responderam a infindáveis perguntas e nos conduziram de carro muito mais do que o dever exigia, sempre com um sorriso. Pável continuou a rastrear livros para mim na Rússia e tirou fotografias de referência de locações em São Petersburgo, pelo que sou extremamente grata. Estou, como sempre, em débito com Pamela Clark, arquivista dos Royal Archives, em Windsor, que com bondade e eficiência forneceu-me cartas familiares, bem como material relativo às visitas dos Romanov a Balmoral e Cowes, e sou grata pela permissão de Sua Majestade, a rainha Elizabeth II, de fazer citações delas. Os Nottingham Archives permitiram acesso aos documentos de Meriel Buchanan, e o Imperial War Museum, aos de Dorothy Seymour; a British Library, às cartas de Alexandra para o bispo Boyd Carpenter; as Bodleian Library Special Collections, aos Sydney Gibbes Papers. Agradeço também a Tessa Dunlop por me alertar para o material nos Romanian State Archives; Stanley Rabinowitz, do Amherst Center for Russian Culture, pelo acesso ao Roman Gul' Archive; Richard Davies, do Leeds Russian Archive, pelos dois alegres dias fazendo uma busca especulativa do material tão maravilhoso arquivado ali; Tánia Tchebotariov, por enviar documentos digitalizados dos Mariia Vasil'evna Fedchenko Papers e das Mariia Aleksandrovna Vasil'chikova Memoirs nos Columbia University Archives; e mais particularmente a Carol Leadenham e Nicholas Siekierski, na Hoover Institution, por me ajudarem a obter acesso aos Katia Zborovskaia Papers. Meu maravilhoso pesquisador em Hoover, Ron Basich, realizou um ótimo trabalho verificando e digitalizando para mim uma quantidade considerável de material.

O texto de *As irmãs Romanov* foi lido e comentado a meu pedido por Sue Woolmans, Ruth Abrahams, Rudy de Casseres e Chris Warwick: sou eternamente grata por seus perspicazes comentários, sugestões e correções. As colegas escritoras e amigas Christina Zaba e Fiona Mountain também leram trechos e deram suas opiniões, além de oferecerem valioso apoio positivo durante todo o processo de escrita do livro.

Sou profundamente grata a Charlie Viney por representar originalmente este livro e por seu apoio durante a pesquisa e o processo de escrita, e a minha agente Caroline Michel por sua paixão e seu comprometimento ao longo da jornada do livro, desde a produção até a publicação e além. Meus editores demonstraram total apoio e entusiasmo e foi um prazer trabalhar com eles: agradeço mais do que tudo a Georgina Morley, na Pan Macmillan, no Reino Unido, por sua orientação, edição escrupulosa e energia, e sua sensibilidade ao tema do livro.

Estou particularmente em dívida com o gerente editorial Nicholas Blake por sua paciência e seu meticuloso cuidado em verificar o texto e garantir sua fidelidade durante a impressão. Charlie Spicer na St. Martin’s Press, nos Estados Unidos, há vários anos apoia meu trabalho e dou inestimável valor a nossa longa amizade. Minha família sempre me apoiou orgulhosamente; meu irmão Peter continua a cuidar de meu site e a mantê-lo atualizado, pelo que lhe sou eternamente grata.

Viver com as quatro irmãs Romanov foi uma experiência particularmente intensa e emotiva, mas também muito gratificante. Elas — e a Rússia, país pelo qual tenho um amor duradouro — me inspiraram como escritora e espero sinceramente ter feito justiça a elas e a suas breves vidas. Agradeço quaisquer novas informações, fotos ou comentários pertinentes que os leitores porventura tenham a partilhar comigo, através do meu site, www.helenrappaport.com, ou do meu agente em www.petersfraserdunlop.com.

HELEN RAPPAPORT
West Dorset, janeiro de 2014

Notas

Abreviações

ASM	ZVEREVA, *Avgusteishie sestry miloserdiya*
BL	British Library
Correspondence	KLEINPENNING, *Correspondence of the Empress Alexandra*
DN *I*	MIRONENKO, *Dnevniki Imperatora Nikolaya II*, vol. 1 [Diários do Imperador Nicolau II, vol. 1]
Diários	KHRUSTALEV, *Dnevniki Nikolaya... i... Aleksandry*, 2 vols.
DON	*Diário da grã-duquesa Olga Nikoláevna, 1913*
EEZ	Cartas de Ekaterina Erástovna Zborórvskaia, Hoover Institution
Fall	STEINBERG E KHRUSTALEV, *Fall of the Romanovs*
LD	KOZLOV E KHRUSTALEV, *Last Diary of Tsaritsa Alexandra*
LP	MAYLUNAS, *Lifelong Passion*
Nicolau	*Diário de Nicolau II* [1913-18]
NZ	TCHEBOTARIOVA, *Nóvi Jurnal*
PVP	Piotr Vassílievitch Petrov
RA	Royal Archives
SA	FOMIN, *Skórbni angel*
SL	BING, *Secret Letters*
WC	FUHRMANN, *Wartime Correspondence*

1. A gata Zubrovka foi dada para Alexei no Stavka — quartel-general do Exército — em 1916 pelo general Voiékov, um dos ajudantes do tsar. Ver Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 286. Há, contudo, alguma confusão sobre quem é seu dono. Em suas cartas a Kátia Zborórvskaia, Anastácia refere-se à gata como sendo de Olga; ver carta de 8-9 de junho: "A gata de Olga teve dois filhotinhos tão lindos que dá vontade de comer; um é vermelho e o outro é cinza"; carta a Kátia, 26 de junho: "A gata de Olga, Zubrovka (a de Mogilev, lembre-se) [...] então, ela teve dois gatinhos". EEZ.
2. Natalya Soloveva, "La Tristesse Impériale", p.12.
3. Ver Long, *Russian Revolution Aspects*, p. 6; Kuchumov, *Recollections*, p. 19.
4. Guide to Tsarskoe Selo, 1934, disponível em <www.alexanderpalace.org/palace/detskoye.html>.
5. Ver Zeepvat, *Romanov Autumn*, pp. 320-4.
6. Kelly, *Mirror to Russia*, p. 176.
7. Holmes, *Traveler's Russia*, p. 238; Griffith, *Seeing Soviet Russia*, p. 67.
8. Kelly, *Mirror to Russia*, p. 178; ver cap. 10.
9. Delafield, *Straw without Bricks*, p. 105; Kelly, *Mirror to Russia*, p. 178.
10. Bartlett, *Riddle of Russia*, p. 241.
11. Cerutti, Elisabeta, *Ambassador's Wife* (Londres: Allen & Unwin, 1952), p. 99.
12. Bartlett, *Riddle of Russia*, p. 249.
13. Ibid.; Greenwall, *Mirrors of Moscow*, p. 182.
14. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 34.
15. Bartlett, *Riddle of Russia*, p. 248.
16. Ver Yakovlev, *Aleksandrovsky dvorets*, pp. 388-9, 393-5.
17. Greenwall, *Mirrors of Moscow*, p. 182.
18. Hapgood, "Russia's Czarina", p. 108.
19. Kuchumov, *Recollections*, pp. 20-2; Suzanne Massie, *Pavlovsk: The Life of a Russian Palace* (Londres: Hodder & Stoughton, 1990), p. 178.
20. Bartlett, *Riddle of Russia*, p. 249.
21. Tchebotariova, diário em 6 de agosto, SA, pp. 587-8.
22. *Saturday Review* 159, 27 de abril de 1935, p. 529.

UM — AMOR MATERNO

1. Seawell, "Annual Visit", p. 324; ver também Miller, *Four Graces*, para a vida inicial das quatro irmãs.
2. *Evening Star*, 3 de julho de 1862.
3. Karl Baedeker, *A Handbook for Travellers on the Rhine from Holland to Switzerland* (Londres: K. Baedeker, 1864), p. 171.
4. Seawell, "Annual Visit", p. 323.
5. *Davenport Daily Leader*, 8 de julho de 1894.
6. Helena e Sell, *Alice, Grand Duchess of Hesse*, p. 14.
7. Duff, *Hessian Tapestry*, p. 91.
8. Noel, *Princess Alice*, pp. 169, 177.
9. Fulford, *Darling Child*, p. 159.
10. "The Czarina", *Canadian Magazine*, p. 302.
11. Fulford, *Beloved Mama*, pp. 23, 24.
12. *Children's Friend* 36, 1896, p. 167.
13. Ibid.
14. Helena e Sell, *Alice, Grand Duchess of Hesse*, p. 270.

15. Noel, *Princess Alice*, p. 215.
16. Helena e Sell, *Alice, Grand Duchess of Hesse*, p. 304.
17. Ibid., p. 295.
18. Noel, *Princess Alice*, p. 230.
19. Carta de 13 de dezembro de 1882, RA VIC/Z/87/121.
20. Por exemplo, carta de 26 de dezembro de 1891, RA VIC/MAIN/Z/90/82-3, carta 19.
21. Carta de 15 de abril de 1871, in Bokhanov et al., *Romanovs*, p. 49.
22. G. W. Weippiert, in *Davenport Daily Leader*, 8 de julho de 1894.
23. Diário da rainha Vitória para 27 de abril de 1892, in Zeepvat, *Cradle to Crown*, p. 133.
24. Hough, *Advice to a Granddaughter*, p. 116.
25. 15 de fevereiro de 1887 a Vicky, Bokhanov et al., *Romanovs*, p. 53; Hough, *Advice to a Granddaughter*, p. 88.
26. Hibbert, *Queen Victoria*, pp. 318, 329.
27. Vacaresco, *Kings and Queens*, p. 161.
28. Vassili, *Behind the Veil*, p. 226.
29. 26 de dezembro de 1893, RA VIC/Z/90/66.
30. Poore, *Memoirs of Emily Loch*, p. 154.
31. 21 de outubro de 1894, in Miller, *Four Graces*, p. 93.
32. Mandache, *Dearest Missy*, p. 172.
33. Poore, *Memoirs of Emily Loch*, p. 155.
34. *Westminster Budget*, 6 de junho de 1894, p. 37.
35. Cartas a Nicky: 22 de abril de 1894, LP, p. 59; 25 de maio de 1894, LP, p. 70.
36. *Westminster Budget*, 22 de junho de 1894, p. 4.
37. Malcolm Neesom, *Bygone Harrogate* (Derby: Breedon Books, 1999), p. 9.
38. LP, p. 68.
39. "Concerning Her Grand Ducal Highness, Princess Alix of Hesse", *Armstrong's Harrogate Almanac* (Harrogate, Yks: J. L. Armstrong, 1895), p. 2.
40. Ibid.
41. Swezey, *Nicholas and Alexandra*, p. 58.
42. *Correspondence*, p. 157.
43. LP, p. 110.
44. *New Weekly Courant*, 1º de dezembro de 1894.
45. Radziwill, *It Really Happened*, pp. 88-9.
46. 26 de novembro de 1894 VE, *Correspondence*, p. 166.
47. 20 de novembro de 1894 VE, *Correspondence*, pp. 163 e 164.
48. Rainha Vitória para Vitória de Milford Haven, 31 de março de 1889, in Hough, *Louis and Victoria*, p. 149.
49. G. E. Buckle (org.), *Letters of Queen Victoria... 1886 to 1901*, 3rd series (Londres: John Murray, 1931), vol. 2, p. 454.
50. *Guardian*, 7 de novembro de 1894.

DOIS — LA PETITE DUCHESSE

1. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 148.
2. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 73.
3. LP, 11 de dezembro de 1894, p. 117.
4. *Correspondence*, 20 de fevereiro de 1895, p. 180.
5. Ibid., 28 de fevereiro de 1895, p. 181.

6. Ibid.
7. Ibid., 7 de janeiro de 1895, p. 171; ver também p. 174.
8. Ibid., 5 de março de 1895, p. 183.
9. Para uma discussão sobre as leis de sucessão russa, ver Harris, “Succession Prospects”.
10. *Correspondence*, 17 de dezembro de 1894, p. 170.
11. W. T. Stead, “Interview with Nicholas”, in Joseph O. Baylen, *The Tsar’s “Lecturer-General”: W. T. Stead and the Russian Revolution of 1905* (Atlanta: Georgia State College, 1969), p. 49.
12. Vay de Vaya e Luskod, *Empires*, p. 10.
13. *Correspondence*, 30 de junho de 1895, p. 197.
14. Ibid., 5 de julho de 1895, p. 203.
15. Swezey, *Nicholas and Alexandra*, pp. 2-3.
16. *Correspondence*, 15 de setembro de 1895, p. 222.
17. Evguénia Kónradovna Günst (russa de extração alemã) foi uma cobiçada parteira da realeza europeia e realizou o parto de inúmeros filhos de parentes de Nicolau e Alexandra, inclusive Carlos, filho de Maria da Romênia, em 1893, e sua filha Elisabeta, em 1894. Depois de realizar o parto da filha de Ernie e Ducky, Elisabeth, em Darmstadt, em fevereiro de 1895, Günst voltou à Rússia para o nascimento da primeira filha da grã-duquesa Xenia, Irina, em julho. Ela continuava servindo clientes reais em 1915, quando realizou o parto do primeiro bebê de Irina com o marido, o príncipe Felix Iussúpov. Há numerosas referências a ela nesse papel em Mandache, *Dearest Missy.*
18. *Correspondence*, 21 de agosto de 1895, p. 216.
19. RA VIC/MAIN/Z/90/81: 31 de outubro (12 de novembro NE) de 1895.
20. SL, pp. 98-9.
21. Ibid., p. 100.
22. *Correspondence*, 9 de outubro de 1895, p. 225.
23. Telegrama da Reuters, *North Eastern Daily Gazette*, 12 de novembro (NE) 1895; *Aberdeen Weekly Journal*, 4 de novembro de 1895 (NE).
24. RA VIC/MAIN/Z/90/83: 4 de novembro (17 de novembro NE) de 1895.
25. Collier, *Victorian Diarist*, p. 4.
26. DN *I*, p. 234.
27. RA VIC/MAIN/Z/90/83: 4 de novembro (17 de novembro NE) de 1895.
28. LP, p. 144; DN *I*, pp. 234, 246. Ver também a carta de Ella para a rainha Vitória: RA VIC/MAIN/Z/90/83.
29. DN *I*, p. 235.
30. Diário da rainha Vitória, vol. 102, p. 116, disponível em <www.queenvictoriasjournals.org/home.do>.
31. RA VIC/MAIN/Z/90/82: 13 de novembro (25 de novembro NE) de 1895.
32. Durland, *Royal Romances*, p. 134.
33. Collier, *Victorian Diarist*, p. 4.
34. *Woman’s Life*, 27 de março de 1897.
35. Tillander-Godenhielm, “Russian Imperial Award System”, p. 357.
36. LP, p. 130.
37. Two Russian Girls, “Nestful of Princesses”, p. 937; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 56; LP, p. 244. Relatos variam sobre o número de salvas, mas 101/301 parece estar correto. Sobre as determinações de Nicolau I em 1834, haveria 201 salvas para quaisquer outros filhos nascidos após o primeiro herdeiro homem. Ver N. P. Slavnitsky, “Sankt-Peterburgskaya Krepost i tseremonii, svyazannye s rossiiskim tsarstvuyushchim domom”, in *Kultura i iskusstvo v epokhu Nikolaya I* [Cultura e arte na época de Nicolau I] [documentos de conferência] (São Petersburgo: Alina, 2008), pp. 143-4.
38. “Alleged Dynamite Conspiracy”, *Daily News*, 15 de setembro de 1896.
39. *Pall Mall Gazette*, 16 de novembro de 1895 (NE).
40. *Woman’s Life*, 27 de março de 1897 (NE), p. 81.
41. *Westminster Budget*, 17 de janeiro de 1896 (NE), p. 14.

42. Collier, *Victorian Diarist*, p. 4; *Westminster Budget*, 29 de novembro de 1895 (NE).
43. DN *I*, p. 235; LP, carta à rainha Vitória, 12 de novembro de 1895, p. 131.
44. Collier, *Victorian Diarist*, p. 4. Ver também Eagar, *Five Years*, pp. 78-9 para uma descrição mais completa da cerimônia de batizado, como foi realizada para a terceira filha, Maria.
45. 10 de dezembro de 1895, Mandache, *Dearest Missy*, p. 245.
46. Ver Zeepvat, *Cradle to Crown*, p. 39; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 99. Orchie depois voltou à Inglaterra, onde morreu em 1906.
47. *Correspondence*, 12 de dezembro de 1895, p. 227.
48. DN *I*, p. 242; *Correspondence*, p. 229.
49. Zeepvat, *Cradle to Crown*, p. 20; LP, p. 133.
50. *Birmingham Daily Post*, 27 de novembro de 1895.
51. *Correspondence*, 9 de janeiro de 1896, pp. 229-30.
52. Ibid., 13 de abril de 1896, p. 230; DN *I*, p. 269.
53. RA VIC/ADD1/166/27: 20 de maio de 1896.
54. Ibid.
55. Lutyens, *Lady Lytton*, p. 79.
56. Welch, *Russian Court at Sea*, p. 56; DN *I*, p. 270.
57. *Correspondence*, 12 de julho de 1896, p. 232.
58. "Alleged Dynamite Conspiracy": ver extensa cobertura disso na imprensa britânica em julho-setembro de 1896, disponível em <www.britishnewspaperarchive.co.uk>.
59. RA VIC/MAIN/H/47/92.
60. *Leeds Mercury*, 26 de setembro de 1896.
61. DN *I*, p. 297.
62. Ramm, *Beloved and Darling Child*, p. 195.
63. Lutyens, *Lady Lytton*, p. 75.
64. *Huddersfield Daily Chronicle*, 1o de outubro de 1896.
65. *Yorkshire Herald*, 2 de outubro de 1896.
66. DN *I*, p. 297.
67. *Windsor Magazine* 41, n. 240, dezembro de 1914, pp. 4-5; *Hampshire Telegraph*, 23 de janeiro de 1897.
68. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 73.
69. SL, p. 114; "Daughters of Royal Houses", *Woman's Life*, 27 de março de 1897, pp. 81-2. Quando, anos depois, marinheiros do *Shtandart* jocosamente referiram-se a Olga como *duchesse*, ela retrucou indignada que não era "duquesa" nenhuma, mas uma princesa russa. Ver Sablin, *Desyat' let*, p. 140.
70. Ver, por exemplo, *Church Weekly*, 14 de setembro de 1900.
71. Zimin, *Tsarskie dengi*, p. 177. Duas semanas antes do nascimento de Olga, a soma de 318.913 rublos, bem como 60 mil francos, foi depositada em um fundo para a criança e investida em ações. Em 1908, os rublos haviam aumentado para 1.756.000.
72. "Daughters of Royal Houses", *Woman's Life*, 27 de março de 1897, p. 82.
73. Mandache, *Dearest Missy*, p. 281.
74. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 64.
75. Moe, *Prelude*, p. 100.
76. *Correspondence*, 26 de março de 1897, p. 239.
77. Ibid., p. 240.
78. Günst recebeu uma pensão por ser tão hábil no uso do fórceps durante o parto de Tatiana. A pensão foi paga até 1917; ela também recebeu férias regulares na Crimeia. Ver Zimin, *Tsarskie dengi*, p. 19.
79. Marfa Mouchanow, *My Empress* (Nova York: John Long, 1918), p. 91.

1. RA VIC/ADDU/127.
2. DN *I*, pp. 343-4; Swezey, *Nicholas and Alexandra*, p. 66.
3. LP, p. 163; ibid.
4. *Isle of Man Times*, 12 de junho de 1897.
5. *Boston Daily Globe*, 14 de junho de 1897.
6. Para descrições do quarto malva de Alexandra, ver King, *Court of the Last Tsar*, p. 199; Maria Pavlovna, *Things I Remember*, pp. 34-5; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 51-2; "Famous Opal-hued Boudoir of Alexandra", disponível em <www.alexanderpalace.org/palace/mauve.html>.
7. *Brisbane Courier*, 19 de outubro de 1897.
8. Vassili, *Behind the Veil*, pp. 291-2; SL, pp. 126-7.
9. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 34.
10. "Something About Dolls", *English Illustrated Magazine* 24, 1901, p. 246; *Danville Republican*, 30 de dezembro de 1897.
11. LP, p. 166.
12. Bariatinsky, *My Russian Life*, p. 88.
13. SL, 21 de novembro de 1897, pp. 128-9.
14. Se foi um aborto espontâneo de Alexandra, isso deve ter acontecido muito no começo da gravidez. Também já se sugeriu que ela pode ter sofrido um aborto na época da coroação, em maio de 1896, mas como a viram andar a cavalo pouco depois, isso parece improvável. Ver Hough, *Advice to a Granddaughter*, p. 13; King, *Court of the Last Tsar*, p. 123.
15. Poore, *Memoirs of Emily Loch*, p. 194.
16. Ibid., pp. 194-5; "The Good Works of the Empress of Russia", *Review of Reviews* 26, n. 151, julho de 1902, p. 58.
17. Poore, *Memoirs of Emily Loch*, pp. 199-200.
18. Ibid., p. 224.
19. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 76.
20. *Correspondence*, 2 de abril de 1898, p. 244.
21. Mandache, *Dearest Missy*, p. 349.
22. LP, 20 de setembro de 1898, p. 174.
23. SL, 30 de outubro de 1898, pp. 130-1.
24. King, *Court of the Last Tsar*, p. 124.
25. Zeepvat, introdução a Eagar, *Six Years*, pp. 7-8, 14.
26. Eagar, *Six Years*, p. 49.
27. Ibid., p. 52; Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 34; para Vichniakova, ver Zimin, *Detskiy mir*, pp. 73-4.
28. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, pp. 34-5, 51.
29. Ver LP, pp. 184-5; DN *I*, pp. 470-1; LP, p. 183.
30. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 92; DN *I*, p. 476.
31. LP, p. 185.
32. Ibid., p. 186.
33. Mandache, *Dearest Missy*, p. 383.
34. *Lloyds Weekly Newspaper*, 2 de julho de 1899 (NE).
35. *Weekly Standard and Express*, 29 de julho de 1899 (NE).
36. *Lloyds Weekly Newspaper*, 2 de julho de 1899 (NE).
37. Eagar, *Six Years*, pp. 78-9.
38. LP, p. 188.
39. *Lloyds Weekly Newspaper*, 6 de agosto de 1899; *Fort Wayne Sentinel*, 5 de agosto de 1899; *Cedar Rapids Evening Gazette*, 5 de agosto de 1899.

40. Eagar, *Six Years*, p. 52.
41. Ibid., pp. 70-1.
42. “The Czarina of Russia”, *Otago Witness*, 4 de janeiro de 1900. Eagar, “Russian Court in Summer”.
43. Vyrubova, *Memories*, p. 3; Bariatinsky, *My Russian Life*, pp. 66, 87.
44. Buxhoeveden, *Life of Alexandra*, pp. 78-9; Almedingen, *Empress Alexandra*, pp. 70-1.
45. Mee, “Empress of a Hundred Millions”, p. 6.
46. Zimin, *Detskiy mir*, pp. 15-16.
47. *Daily News*, 15 de dezembro de 1900; *Sunday Gazette*, 11 de dezembro de 1898.
48. Zimin, *Detskiy mir*, pp. 17-18; W. F. Ryan, *The Bathhouse at Midnight: Magic in Russia* (Stroud, Glos: Sutton, 1999), p. 112; Boris Yeltsin, *Against the Grain* (Londres: Simon & Schuster, 1990), pp. 79-80.
49. SL, pp. 138-9.
50. Ver, por exemplo, *Standard*, 30 de novembro de 1900.
51. Consideráveis rumores vinham circulando desde 1897 de que as consequências de um ferimento na cabeça, infligido em Nicolau por um agressor durante uma viagem ao Japão em 1891, levaram à pressão em seu cérebro, causada pelo sangue coagulado juntando-se na área do ferimento. Foi relatado depois que passara por uma trepanação no crânio, feita por um cirurgião alemão, o dr. Bergman, para aliviar o problema, durante sua visita de 1899 a Darmstadt; essa alegação foi refutada, mas os rumores persistiram. Ver *Middlesborough Daily Gazette*, 18 de janeiro de 1897; *Dundee Courier*, 27 de janeiro de 1897; *Westminster Budget*, 29 de janeiro de 1897; *Daily News*, 24 de novembro e 15 de dezembro de 1900.
52. “The Truth about the Czar”, *Daily News*, 15 de dezembro de 1900.
53. DN *I*, p. 564.
54. Ver Harris, “Succession Prospects”, pp. 65-6.
55. Harcave, *Memoirs of Count Witte*, p. 194; Crawford, *Michael and Natasha*, pp. 25-6.
56. Harcave, *Memoirs of Count Witte*, p. 297; Bogdanovitch, *Tri poslednykh samoderzhtsa*, p. 269.
57. “The Truth about the Czar”, *Daily News*, 15 de dezembro de 1900. Em 1917, Ernest Rumley Dawson mencionou abertamente o histórico da tsarina em *The Causation of Sex in Man* (Londres: H. K. Lewis), p. 218, em que argumentava que “para assegurar o sexo da criança diferente ao da última nascida, devemos primeiro descobrir o mês de ovulação da última criança — isto é, o mês durante o qual o óvulo liberado foi fertilizado”, e a partir daí “descobrir os meses que correspondem no sexo àquele que forneceu o último óvulo”. A conclusão simples de Dawson era de que “durante esses meses, portanto, nenhuma relação sexual deve ser mantida”. Ele a seguir defendia que seu método funcionara para vários de seus clientes na nobreza e na aristocracia e depois examinava o caso da tsarina, alegando que tivera quatro filhas consecutivamente e por fim um filho “porque em quatro ocasiões uma ovulação feminina foi desafortunadamente fertilizada”. “O tão aguardado herdeiro, o tsarévitch, nasceu em agosto de 1904. Refazendo os passos, descobrimos que o mês da ovulação deve ter sido novembro de 1903. Se, portanto, setembro de 1900 foi um período de ovulação feminina, e produziu a princesa Anastácia, sabemos que setembro de 1901 seria um de masculina, setembro de 1902, feminina, e setembro de 1903, um período de ovulação masculina; logo, outubro de 1903 seria uma ovulação feminina, e novembro de 1903, masculina, que, ao ser fertilizada, o tão esperado filho e herdeiro nasceu devidamente em agosto de 1904, seu nascimento sendo por esse método corretamente previsto por mim.” Não existe evidência de que Nicolau e Alexandra de fato se consultaram diretamente com Dawson ou se seguiram suas teorias na tentativa de conceber um filho. O professor Schenk morrera em 1902.
58. “Four Little Maids”, *Delphos Daily Herald*, 16 de julho de 1901.
59. Ibid.
60. SL, p. 139.
61. DN *I*, p. 577.
62. LP, p. 204; in Von Spreti, *Alix an Gretchen*, p. 117, a enfermidade é descrita como tifo.
63. Carta a Toni Becker, 19 de maio de 1901, in Kuhnt, *Briefe der Zarin*, p. 123; Eagar, *Six Years*, pp. 131-2.
64. Zimin, *Detskiy mir*, p. 16.

65. DN *I*, p. 599.
66. Eagar, *Six Years*, p. 132.
67. Anon. [Casper], *Intimacies of Court and Society*, p. 137.
68. LP, p. 206.
69. *Daily Mail*, 19 de junho de 1901.
70. Paléologue, *Alexandra-Féodorowna*, p. 16.
71. Anon. [Casper], *Intimacies of Court and Society*, p. 137.
72. Paoli, *My Royal Clients*, p. 124.
73. Cassini, *Never a Dull Moment*, p. 150.
74. Holmes, *Travelogues*, p. 50.
75. Philippe ficou em Známenka em 9-21 de julho. Ver DN *I*, pp. 605-7.

QUATRO — A ESPERANÇA DA RÚSSIA

1. Mintslov, *Peterburg*, pp. 37-8; Hapgood, *Russian Rambles*, p. 50.
2. Durland, *Royal Romances*, p. 135.
3. A grafia e a ordem dos nomes de Philippe variam muito, mas Nizier Anthelme Philippe é o nome gravado em sua lápide. Ver Robert D. Warth, "Before Rasputin: Piety and the Occult at the Court of NII", *Historian* XLVII, maio de 1985, pp. 323-6 (p. 327, n. 16). Warth é a fonte mais confiável para Philippe; ver também Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 1, pp. 80-4.
4. Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, pp. 185-6.
5. Hall, *Little Mother of Russia*, pp. 190-1.
6. Zimin, *Detskiy mir*, p. 19.
7. DN *I*, p. 588.
8. Ver LP, p. 219; Shemansky e Geichenko, *Poslednye Romanovy v Petergofe*, p. 90.
9. Ver o diário de Nicolau para julho, DN *I*, pp. 605-6, 629, 642.
10. Paléologue, *Ambassador's Diary*, p. 188; ver também Zimin, *Detskiy mir*, pp. 25-6.
11. Shemansky e Geichenko, *Poslednye Romanovy v Petergofe*, p. 52.
12. LP, p. 214.
13. DN *I*, p. 654.
14. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 171.
15. *Pravitelstvennyi vestnik*, n. 183, 21 de agosto de 1902.
16. A enfermidade da qual Alexandra vinha sofrendo é hoje chamada de gravidez molar. A mola hidatiforme surge no útero quando um óvulo inviável — em geral um em que dois espermatozoides penetraram no momento da fertilização — se implanta na parede do útero e começa a crescer. Em vez de se multiplicar da maneira normal, as células sofrem mutação e, em alguns casos, podem se tornar cancerígenas, e a placenta desenvolve um cisto. No caso de Alexandra, seu corpo acabara rejeitando essa massa de células que crescia no revestimento do útero, mas o distúrbio teria elevado seus níveis hormonais, resultando em náusea e cansaço, que eram sintomas comuns em toda gravidez, desse modo tranquilizando-a de que a gravidez seguia seu curso normal. O historiador russo Igor Zimin redescobriu o relatório particular nos arquivos russos em 2010. Ver Zimin, *Detskiy mir*, pp. 22-5.
17. Ibid., pp. 21-2.
18. "The Tsar: A Character Sketch", *Fortnightly Review* 75, n. 467, 1º de março de 1904, p. 364.
19. *Anglo-Russian* VI, n. 5, novembro de 1902, p. 653.
20. Ibid., p. 654.
21. Moe, *Prelude*, p. 104, n. 114.
22. Zimin, *Detskiy mir*, p. 27; Fuhrmann, *Rasputin*, p. 36.
23. *Post-Standard*, Syracuse, 21 de setembro de 1902; *Boston Sunday Globe*, 16 de novembro de 1902;

Post-Standard, Syracuse, 17 de novembro de 1902.
24. *Pittsburgh Chronicle-Telegraph*, citado em *Kalona News*, Iowa, 8 de novembro de 1901.
25. Anon. [Casper], *Intimacies of Court and Society*, p. 133.
26. *The Times*, 11 de julho de 1903.
27. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 175.
28. Ver Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, pp. 190-1; DN *I*, pp. 740-1. Para uma descrição completa da visita a Sárov, ver Rounding, *Alix and Nicky*, pp. 44-7; Moe, *Prelude*, pp. 54-7. Para o destino da relíquia de Serafim, que sofreu vandalismo na mão dos soviéticos, ver John e Carol Garrard, *Russian Orthodoxy Resurgent: Faith and Power in the New Russia* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008), cap. 2.
29. Eagar, *Six Years*, pp. 159-60.
30. DN *I*, p. 764; Eagar, *Six Years*, pp. 164-5.
31. Durland, *Royal Romances*, pp. 165-6; *Daily Mirror*, 29 de dezembro de 1903; Eagar, *Six Years*, p. 169.
32. DN *I*, p. 765.
33. Eagar, "Christmas at the Court of the Tsar", p. 30.
34. Ibid.
35. LP, p. 240.
36. Durland, *Royal Romances*, pp. 185-6; Eagar, *Six Years*, p. 172.
37. Eagar, "Further Glimpses", p. 366; Eagar, *Six Years*, p. 177.
38. Citado em *The Brisbane Courier*, 1º de outubro de 1904.
39. Carta a Boyd Carpenter, 29 de dezembro de 1902 (VE), BL Add. 46721 f. 238; Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 147, citando o escritor americano George Miller.
40. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 68.
41. Ver Zimin, *Detskiy mir*, pp. 28-9.
42. "New Czarevitch", *Daily Express*, 13 de agosto de 1904.
43. Buxhoeveden, *Before the Storm*, pp. 237-8.
44. DN *I*, p. 817; LP, p. 244.
45. Zimin, *Tsarskie dengi*, p. 28.
46. *Unitarian Register* 83, 1904, p. 901.
47. Para mais detalhes, ver "The Cesarevitch", *The Times*, 25 de agosto de 1904.
48. LP, p. 244.
49. Ulla Tillander-Godenhielm, "The Russian Imperial Award System during the Reign of Nicholas II 1894-1917", *Journal of the Finnish Antiquarian Society* 113, 2005, p. 358.
50. Fedchenko Papers, "Vospominaniya o Marii Fedorovne Geringere", ff. 27-8.
51. Buxhoeveden, *Before the Storm*, pp. 240-1. Não está claro se todas as quatro irmãs compareceram à cerimônia em si, já que os relatos variam consideravelmente. Olga e Tatiana certamente estavam na procissão que ia para a igreja, mas o *Times* noticiou que as meninas não compareceram à cerimônia, mas assistiram "de uma alcova" — ver *The Times*, 25 de agosto de 1904.
52. Ioann Konstantínovitch, carta de Livádia para sua família, 9-17 de setembro de 1904, in *Rossiiskii Arkhiv* XV, 2007, p. 426.
53. Eagar, *Six Years*, p. 223; Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 241.
54. Durland, *Royal Romances*, p. 135; Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 106.
55. "Passing Events", *Broad Views*, 12 de setembro de 1904, p. 266.
56. Howe, *George von Lengerke Meyer*, p. 100.
57. "Passing Events", *Broad Views*, 12 de setembro de 1904, p. 266.
58. Thomas Bentley Mott, *Twenty Years as a Military Attaché* (Londres: Oxford University Press, 1937), p. 131.
59. Zimin, *Detskiy mir*, p. 31.
60. LP, p. 245.
61. Roman Romanoff, *Det var et rigt hus... Erindringer af Roman Romanoff prins af rusland, 1896-1919*, Copenhagen: Gyldendal, 1991, pp. 58-9. Sou grata a Karen Roth por sua tradução do dinamarquês.

62. Fedchenko, “Vospominaniya”, f. 15.
63. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 61.
64. Zimin, *Tsarskie dengi*, pp. 30-1.
65. “The Hope of Russia — The Infant Tsarevitch”, *Illustrated London News*, capa, 31 de março de 1906.
66. LP, p. 240; Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 33.
67. Essa continuou sendo a expectativa de vida prevista até a década de 1960, quando o primeiro tratamento realmente efetivo — o plasma de Fator VIII, uma proteína coaguladora — foi introduzido.

CINCO — O GRANDE PAR E O PEQUENO PAR

1. Ver Frederick Doloman, “How the Russian Censor Works”, *Strand Magazine* 29, n. 170, fevereiro de 1905, p. 213.
2. LP, p. 251.
3. Elton, *One Year*, p. 110. Ver também SL, pp. 247-8; “Cannon Fired at the Czar”, *The Call*, San Francisco, 20 de janeiro de 1905.
4. No ano seguinte, as forças de segurança de Nicolau insistiram em que a cerimônia ocorresse fora da cidade, no lago diante do Palácio de Catarina, em Tsárskoe Seló.
5. A assassina de Min, Zinaída Konopliánnikova, foi enforcada pouco depois na fortaleza Shlisselburg — a primeira revolucionária a ser executada desde Sófia Peróvskaia, que esteve entre os assassinos de Alexandre II, em 1881. O embaixador americano em São Petersburgo, George von Lengerke Meyer, fez um relatório ao senador norte-americano, Lodge, enumerando os ataques e assassinatos ocorridos na Rússia entre 1900 e 1906: “mortos ou feridos por bombas, revólveres, agressões: 1.937 funcionários do governo e pessoas importantes, um grão-duque, 67 governadores, governadores-gerais e chefes de departamento; 985 oficiais de polícia e policiais; quinhentos oficiais do Exército e soldados; 214 funcionários públicos, 117 industriais, 53 clérigos”. Ver Howe, *George von Lengerke Meyer*, p. 329.
6. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 76.
7. “Home Life of the Czar”, *London Journal*, 14 de fevereiro de 1903, p. 150.
8. Ibid.
9. Ver Spiridovitch, *Last Years*, pp.12-17.
10. Mossolov, *At the Court*, p. 36.
11. Ver “Terrible Bomb Outrage”, *Advertiser*, Adelaide, 2 de outubro de 1906.
12. “Children Without a Smile”, *Washington Post*, 28 de maio de 1905.
13. Andrei Almárik, *Rasputin: dokumentalnaya povest*, cap. IX, disponível em <www.erlib.com/Андрей_Амальрик/Распутин/9>.
14. Ibid.; Kokovtsov, *Iz moego proshlago* 2, p. 348; Wyrubova, *Muistelmia Venäjän*, p. 105.
15. Ibid. Ver também Wheeler e Rives, *Dome*, pp. 348-9. Um monumento às vítimas do ataque contra a vila de Stolípin foi erguido no local em 1908 e, surpreendentemente, sobreviveu à era soviética.
16. Para uma visão mais equilibrada de Raspútin feita por um membro próximo da família, que o conheceu em primeira mão, ver as memórias de Olga Alexandrovna em Vorres, *Last Grand Duchess*, cap. 7, pp. 133-46. Uma visão contemporânea interessante e objetiva que contribui bastante para desmistificá-lo também pode ser encontrada em Shelley, *Blue Steppes*, cap. V, “The Era of Rasputin”.
17. Spiridovitch, *Last Years*, p. 109; ver as entradas do diário de Nicolau para 1º de novembro de 1905, 18 de julho, 12 de outubro e 9 de dezembro de 1906, disponíveis em <lib.ec/b/384140/read#t22>.
18. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 26.
19. Poore, *Memoirs of Emily Loch*, p. 301.
20. “The Tsar’s Children”, *Daily Mirror*, 29 de dezembro de 1903.
21. “Tottering House of the Romanoffs”.
22. Marina de Heyden, *Les Rubis portent malheur* (Monte Carlo: Editions Regain, 1967), p. 27.

23. Bonetsakaya, *Tsarskie deti*, p. 332.
24. Spiridovitch, *Last Years*, p. 26.
25. Girardin, *Précepteur des Romanov*, p. 45.
26. Ibid. Em 1906 Stana se divorciaria do duque e se casaria com o cunhado de sua irmã, o grão-duque Nikolay, efetivando, por algum tempo, uma relação ainda mais próxima com Nicolau e Alexandra, até Stana e Nikolay se indisporem com o casal imperial, em razão da influência crescente de Raspútin.
27. Para a rotina diária da vida familiar em Tsárskoe Seló, ver, por exemplo, o cap. 10 das *Memories* de Alexey Volkov's, disponível em <www.alexanderpalace.org/volkov/8.html>.
28. LP, carta de Alexandra em Pskov, 4 de agosto de 1905, p. 278.
29. Bokanov, *Love, Power and Tragedy*, p. 112.
30. "Tottering House of the Romanoffs".
31. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 258.
32. "The Tsar's Children", *Daily Mirror*, 29 de dezembro de 1903.
33. Ibid.
34. Wortman, *Scenarios of Power*, p. 331; carta a Boyd Carpenter, 29 de dezembro de 1902 (11 de janeiro de 1903 NE), BL Add 46721 f. 238.
35. LP, p. 256.
36. Durland, *Royal Romances*, p. 187; Eagar, *Six Years*, p. 163.
37. Eagar, "Christmas at the Court of the Tsar", p. 27.
38. Eagar, *Six Years*, p. 214.
39. LP, p. 221.
40. Eagar, *Six Years*, p. 169.
41. *Daily Mirror*, 29 de dezembro de 1903.
42. Durland, *Royal Romances*, p. 197.
43. Virubova, *Keisarinnan Hovineiti*, p. 230.
44. Minzlov [Mintslov], "Home Life of the Romanoffs", p. 163; Eagar, "Further Glimpses", p. 367; Durland, *Royal Romances*, p. 188.
45. Eagar, *Six Years*, p. 71.
46. Minzlov, "Home Life of the Romanoffs", p. 162. Para o que é talvez o retrato mais fiel da tão retratada Anastácia, ver o relato de sua tia Olga em Vorres, *Last Grand Duchess*, pp. 108-13. Observe-se que essas memórias muito detalhadas e pessoais foram a base para a rejeição enfática de Olga Alexandrovna da falsa reclamante Anna Anderson.
47. Minzlov, "Home Life of the Romanoffs", p. 162.
48. Eagar, "Russian Court in Summer", p. 390.
49. Durland, *Royal Romances*, pp. 202-3.
50. Eagar, "Further Glimpses", pp. 366-7.
51. King e Wilson, *Resurrection of the Romanovs*, p. 24.
52. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 245.

SEIS — O *Shtandart*

1. Ver Zimin, *Tsarskaya rabota*, pp. 262-4.
2. Ver SL, pp. 216-18; Hall, "No Bombs, No Bandits".
3. Grabbe e Grabbe, *Private World*, p. 91.
4. Para uma descrição detalhada do interior do *Shtandart* e da vida a bordo do iate em 1906, ver Nikolay Sablin, *Desyat let*, pp. 18-39. Ver também King, *Court of the Last Tsar*, pp. 274-85, e Tuomi-Nikula, *Imperatory*.

5. Sablin, *Desyat let*, p. 234.
6. A enferma Orbeliáni recebeu sua série de acomodações no Palácio de Alexandre, onde Alexandra pagou por seus cuidados e ficou a seu lado enquanto sua saúde declinava. Sónia morreu em seus braços em dezembro de 1915 — ver Vírubova, *Memoirs*, p. 371. Os cuidados e a preocupação de Alexandra com Orbeliáni são típicos de como ela sempre zelava pelos que lhe eram caros. Ver Zimin, *Detskiy mir*, pp. 365-6.
7. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 38; Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 137. Para uma avaliação do caráter de Vírubova, ver Dehn, *Real Tsaritsa*, pp. 48-9.
8. Grabbe e Grabbe, *Private World*, p. 57.
9. 21 de setembro de 1906, Nikolai, disponível em <lib.ec/b/384140/read#t22>.
10. Ver Linda Predovsky, "The Playhouse on Children's Island", *Royalty Digest*, n. 119, maio de 2001, pp. 347-9.
11. "Take the 'Bumps': Little Grand Duchesses Experiment with Toboggan in Czar's Park", *Washington Post*, 25 de março de 1907.
12. Kulikovsky, *25 Chapters*, p. 75.
13. Ibid.
14. Ibid., p. 74; Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 111.
15. Ibid.
16. Kulikovsky, *25 Chapters*, p. 75.
17. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 112.
18. Ibid.; Kulikovsky, *25 Chapters*, p. 74.
19. Zeepvat, introdução para Eagar, *Six Years*, pp. 33, 34.
20. Bonetskaya, *Tsarskie deti*, p. 332. Para mais sobre Trina Schneider, uma alemã dos Bálcãs, nome original Schneiderlein, ver Chernova, *Vernye*, pp. 169-75, 565.
21. O apelido Savanna era uma contração dos nomes Sófia Ivánovna. Ver Sofya Ivanovna Tiútcheva, "Za neskolko let do katastrofy, Vospominaniya".
22. Segundo uma nota editorial, essas memórias foram ditadas por Tiútcheva a uma sobrinha em janeiro de 1945.
23. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 75.
24. "Children of the Czar", *Scrap-Book* V, 1908, p. 60.
25. Eagar, *Six Years*, p. 226.
26. John Epps nasceu em 1848 e foi para a Rússia em 1880 com a idade de 31 anos. Quando ele morreu na Austrália em 1935, tinha em sua posse inúmeros desenhos e livros escolares das quatro irmãs Romanov. Estes sumiram por vários anos, até finalmente reaparecerem na Austrália, em 2004, com uma parente de John, Janet Epps. Infelizmente, a autora não foi capaz de rastrear nem Janet nem a atual localização dessa preciosa memorabilia. Ver <www.abc.net.au/worldtoday/content/2004/s1220082.htm>.
27. Ver Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 10, e Zeepvat, *Cradle to Crown*, p. 223.
28. Zimin, *Detskiy mir*, p. 163.
29. Nicholas [Gibbes], "Ten Years", p. 9. C. S. Gibbes Papers, lista 1 (76), Declaração de Gibbes, 1º de dezembro de 1928.
30. Welch, *Romanovs and Mr Gibbes*, p. 33.
31. Para detalhes dos estudos das meninas, ver Girardin, *Précepteur*, p. 49, Zimin, *Detskiy mir*, pp. 162-4, Zimin, *Vzroslyi mir*, pp. 497-8, embora haja alguma discrepância quanto ao cronograma das aulas.
32. Os conspiradores — onze homens e sete mulheres do Partido Revolucionário Socialista, entre eles "a madona" Mariya Prokofieva e a igualmente atraente filha do general, "madame Fedosieff", ambas descritas pela imprensa como sucessoras de Mata Hari — foram a julgamento em agosto, a portas fechadas e com expressa proibição da imprensa. Três conspiradores foram sentenciados à morte e enforcados e várias conspiradoras envolvidas foram presas ou, no caso de Prokofieva, enviadas para o exílio. Ver "Beautiful Women Accused of Plotting against the Tsar", *Penny Illustrated Paper*, 31 de agosto de 1907; SL, p. 228.
33. Norregaard, "The Czar at Home", *Daily Mail*, 10 de junho de 1908.

34. Ibid.
35. Vyrubova, *Memories*, p. 33.
36. Eles contavam cada vez mais com o forte e despachado Dina, como Alexei o chamava, para proteger o tsarévitch contra qualquer mal e pagavam um generoso salário em reconhecimento por isso. Ele passaria doravante a dormir no quarto contíguo ao de Alexei em todas as casas imperiais. Ver Zimin, *Detskiy mir*, pp. 82-3.
37. Tuomi-Nikula, *Imperatory*, pp. 188-9. Ver também o relato em Spiridovitch, *Last Years*, pp. 174-5.
38. Sablin, "S tsarskoy semei na 'shtandarte'", f. 4. Ver também cap. 9 de Spiridovitch, *Last Years*, e o relato de Sablin em *Desyat let*, pp. 100-4.
39. Ver Tuomi-Nikula, *Imperatory*, pp. 188-90; Vyrubova, *Memories*, p. 34.

SETE — NOSSO AMIGO

1. Dehn, *My Empress*, p. 81.
2. "The Three-year-old Heir to the Throne of the Czar", *Current Literature* 43, n. 1, julho de 1907, p. 38.
3. Botkin, *Real Romanovs*, p. 28; Spiridovitch, *Last Years*, p. 179.
4. Durland, *Royal Romances*, p. 206; Bonetskaya, *Tsarskie deti*, p. 324.
5. Wheeler e Rives, *Dome*, p. 356.
6. Welch, *Romanovs and Mr Gibbes*, p. 37.
7. René Fulop-Miller, *Rasputin: The Holy Devil* (Londres: G. P. Putnam, 1927), p. 25.
8. Radziwill, *Taint*, p. 196. Ver também "The Three-year-old Heir", pp. 36-8.
9. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 142. O relato de Olga Alexandrovna é uma das poucas fontes confiáveis para os primeiros ataques de hemofilia graves de Alexei. Ver também Zimin, *Detskiy mir*, p. 35.
10. Ibid.
11. Rasputin, *Rasputin*, p. 114.
12. Para relatos desse acidente de 1907, ver Zimin, *Detskiy mir*, p. 35; Vorres, *Last Grand Duchess*, pp. 142-3; Spiridovitch, *Raspoutine*, p. 71; Raspútin, *Rasputin*, p. 115.
13. De Jonge, *Life and Times of Rasputin*, p. 154.
14. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 142.
15. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 119.
16. Dolgorouky, "Gone For Ever", cirílico, Hoover Institution, p. 11.
17. Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 193; Dehn, *My Empress*, p. 103.
18. Fedchenko, "Vospominaniya", f. 27. Ver também Almarik, no que diz respeito ao apelido "Homem Novo" cunhado por Alexei, em <www.erlib.com/Андрей_Амальрик/Распутин/9>.
19. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 138.
20. C. E. Bechhofer, *A Wanderer's Log* (Londres: Mills & Boon, 1922), p. 149, e também cap. VII.
21. Ibid., p. 150.
22. Dehn, *My Empress*, p. 103.
23. Shelley, *Blue Steppes*, p. 85; ver cap. VI, "Days and Nights with Rasputin".
24. Para um resumo, ver Nelipa, *Murder of Rasputin*, pp. 26-9.
25. Sablin, "S tsarskoy semei na 'Shtandarte'", f. 9.
26. Ibid., f. 10.
27. Ibid.
28. Welch, *Romanovs and Mr Gibbes*, p. 43; Bowra, *Memories*, p. 65.
29. Segundo Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 121, Alexandra enviou dois telegramas a Raspútin em Pokróvskoe e ele lhe assegurou que "seu filhinho nunca morreria da doença".
30. SL, p. 231; Zimin, *Detskiy mir*, p. 35; Massie, *Nicholas and Alexandra*, p. 143.
31. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 122.

32. Marie of Romania, *Story of My Life*, pp. 474-5.
33. Ular, *Russia from Within*, p. 41; Radziwill, *Taint*, p. 208.
34. Zimin, *Detskiy mir*, p. 36.
35. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 122.
36. LP, pp. 315-16.
37. LP, p. 320.
38. Bonetskaya, *Tsarskie deti*, p. 400.
39. LP, p. 318.
40. Ibid., p. 319.
41. Bonetskaya, *Tsarskie deti*, pp. 407-8.
42. Ibid., p. 409.
43. Ibid.
44. LP, p. 321; Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 195.
45. LP, p. 321.
46. Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 195.
47. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 141.
48. O primeiro-ministro Stolípin também encomendara à Okhrana uma investigação particular sobre Raspútin. Um relatório negativo, como aquele sobre Philippe em 1902, foi mostrado a Nicolau e Alexandra, que no entanto preferiram ignorá-lo.
49. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 196.
50. Ver <traditio-ru.org/wiki/Письма_царских_дочерей_Григорию_Распутину>. As cartas entraram em posse de um monge e colega de Raspútin chamado Iliodor (Serguei Trufano), que alegou que, quando Raspútin o conhecera, no Natal de 1909, em Pokróvskoe, lhe mostrara inúmeras cartas que Alexandra e as meninas tinham lhe enviado, e dera ao monge sete delas, como "lembrança". O texto das cartas apareceu em um livro sobre Raspútin escrito pelo dissidente russo Andrei Almarik, publicado na França em 1982. O texto em russo pode ser encontrado on-line em <www.erlib.com/Андрей_Амальрик/Распутин/9>. Parte das cartas também foi publicada em S. P. Istratova, *Zhitie bludnogo startsa Grishki Rasputina* (Moscou: Vozrozhdenie, 1990), pp. 1015-16. Observe-se que elas parecem ter sido editadas em algum ponto e são citadas em várias formas em fontes diferentes. Nenhuma fonte isolada jamais as publicou na íntegra.
51. Ver também Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 105; Fuhrmann, *Rasputin*, pp. 94-5, citando GARF F612, op1, d 42, 1.5. É impossível saber ao certo a identidade de Nikolay; ele pode ter sido um dentre vários oficiais na comitiva imperial que Olga via na igreja aos domingos. Tendo em mente a frequência com que ela o via e foi fotografada em sua companhia a bordo do *Shtandart*, já se sugeriu que Olga desenvolvera uma paixão adolescente por Nikolai Sáblin. Mas aos 29 anos, membro confiável do séquito de seu pai e quase com o dobro da idade de Olga, Sáblin parecia um candidato improvável para uma jovem tão nova.
52. Ver <traditio-ru.org/wiki/Письма_царских_дочерей_Григорию_Распутину>.

OITO — PRIMOS REAIS

1. Tiútcheva, "Za neskolko let".
2. Sablin, *Desyat let*, p. 145.
3. Zeepvat, "One Summer", p. 12.
4. *Anglo-Russian* XII, 11 de maio de 1909, p. 1265.
5. Keith Neilson e Thomas Otte, *The Permanent Under-Secretary for Foreign Affairs, 1854-1946* (Abingdon, Oxon: Routledge, 2009), p. 133.
6. Ver "Petitions of protest against the visit to England of the Emperor of Russia", RA PPTO/QV/ADD/PP3/39. As cartas de protesto originais podem ser vistas nos National Archives, em Kew.
7. "The Detective", *Nebraska State Journal*, 9 de outubro de 1910; "Guarding the Tsar", *Daily Mirror*, 3 de

agosto de 1909.
8. Lorde Suffield, *My Memories, 1830-1913* (Londres: Herbert Jenkins, 1913), p. 303.
9. Os relatos na imprensa britânica foram numerosos e detalhados; ver, por exemplo, *Daily Mirror*, 31 de julho a 5 de agosto, que publicou inúmeras fotografias. Para uma visão russa da visita, ver Spiridovitch, *Last Years*, pp. 312-19, e Sablin, *Desyat let*, pp. 148-58.
10. Richard Hough, *Edward and Alexandra*, p. 236.
11. Ver: Sablin, *Desyat let*, p. 151; Alastair Forsyth, "Sovereigns and Steam Yachts: The Tsar at Cowes", *Country Life*, 2 de agosto de 1984, pp. 310-12; "Cowes Week", *The Times*, 7 de agosto de 1909.
12. "The Cowes Week", *Isle of Wight County Press*, 7 de agosto de 1909.
13. RA QM/PRIV/CC25/39: 6 de agosto de 1909.
14. Quando se aventou que o príncipe de Gales compareceria à coroação de Nicolau em Moscou, em 1896, conta-se que um oficial russo teria dito: "Não temos como proteger dois tsares!". Ver "Alien's Letter from England", *Otago Witness*, 29 de setembro de 1909.
15. Anne Edwards, *Matriarch: Queen Mary and the House of Windsor* (Londres: Hodder & Stoughton, 1984), p. 169.
16. Duque de Windsor, *A King's Story* (Londres: Prion Books, 1998), p. 129.
17. "Cowes Regatta Week", *Otago Witness*, 29 de setembro de 1909.
18. Hough, *Edward and Alexandra*, p. 381.
19. Sir Henry William Lucy, *Diary of a Journalist, vol. 2, 1890-1914* (Londres: John Murray, 1921), p. 285.
20. *Correspondence*, p. 284.
21. Zimin, *Detskiy mir*, p. 381; ver também a carta de Alexandra para Tatiana, 30 de dezembro de 1909, LP, p. 307.
22. Spiridovitch, *Last Years*, p. 322, embora ele se refira ao médico apenas como "M.X." [possivelmente Monsieur X]. Ver também Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, pp. 192-3.
23. Confirmado em Mackenzie Wallace, carta a Knollys, RA W/55/53, 7 de agosto de 1909. Ver também Spiridovitch, *Last Years*, pp. 321-3.
24. Zimin sugere que muitas pessoas suspeitavam de lesbianismo reprimido no comportamento de Vírubova em relação a Alexandra. O dr. Fischer percebera isso e como resultado foi forçado a ir embora, sendo substituído pelo mais aquiescente dr. Bótkin. Ver Zimin, *Detskiy mir*, pp. 380-3, e Bogdanovitch, *Tri poslednykh samoderzhtsa*, p. 483.
25. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 123.
26. LP, p. 320.
27. Spiridovitch, *Last Years*, p. 347.
28. Ibid.
29. Ver Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 113.
30. Spiridovitch, *Last Years*, p. 347.
31. Almarik, disponível em <www.erlib.com/Андрей_Амальрик/Распутин/9>.
32. Gregor Alexinski, *Modern Russia* (Londres: Fisher Unwin, 1915), p. 90.
33. Spiridovitch, *Last Years*, p. 409.
34. Wheeler e Rives, *Dome*, p. 347. O relato hoje esquecido de Post Wheeler e sua esposa, Hallie Rives, é excepcionalmente vívido para os anos de 1906-11 em São Petersburgo.
35. Ibid., pp. 342-3.
36. Fraser, *Red Russia*, pp. 18, 19.
37. Ibid., p. 20.
38. Wheeler e Rives, *Dome*, p. 411.
39. Ular, *Russia from Within*, pp. 71, 83. Para um relato contemporâneo fascinante dos grão-duques, ver pp. 71-100.
40. Wheeler e Rives, *Dome*, p. 347.
41. Considerado muito erótico, quando não imoral, *Three Weeks*, publicado em 1907, foi proibido em muitos lugares. Alguns dizem que era livremente baseado na imperatriz Alexandra, mas Glyn certamente

não a tinha em mente quando o escreveu. Ver Joan Hardwick, *Addicted to Romance*: *Life and Adventures of Elinor Glyn* (Londres: André Deutsch, 1994), p. 155. O livro vendeu 5 milhões de exemplares e inspirou a rima popular: "*Would you like to sin / With Elinor Glyn / On a tiger skin? / Or would you prefer / To err with her / On some other fur?*" [Você gostaria de pecar / Com Elinor Glyn / Numa pele de tigre? / Ou preferiria / Transgredir com ela / Em alguma outra pele?].
42. Glyn, *Elinor Glyn*, p. 178.
43. Glyn, *Romantic Adventure*, p. 180.
44. Ibid., pp. 183, 182.
45. Ibid., p. 182.
46. Ibid., p. 184.
47. Ibid.
48. Ibid., p. 204.
49. Ibid., pp. 194, 204-5. Tragicamente, o diário original e sem dúvida fascinante de Glyn, relatando sua estada na Rússia, foi destruído num incêndio doméstico em 1956.
50. O romance de Glyn, *His Hour*, baseado em sua viagem à Rússia e publicado em outubro de 1911, que ela dedicou à grã-duquesa Vladímir, também refletia sua forte sensação de desastre iminente no país.
51. Ibid., p. 347.
52. Ibid., p. 354.
53. Ibid.
54. "A Former Lady in Waiting Tells of a Visit to Tsarskoe-Selo", *Washington Post*, 2 de maio de 1909.
55. Wheeler e Rives, *Dome*, pp. 355-6.
56. "A Visit to the Czar", *Cornhill Magazine* 33, 1912, p. 747.
57. Minzlov, "Home Life of the Romanoffs", p. 164; Ryabinin, "Tsarskaya Semya v Krymu osen 1913 goda", p. 83.
58. LP, p. 330, cartas de 7 e 11 de março.
59. LP, p. 334, 17 de maio de 1910.
60. Citado em Titov, "OTMA", p. 44. Anastácia destruiu todos os seus diários em 1917, mas alguns cadernos de anotações sobreviveram no GARF, de onde esta citação parece ter sido tirada.
61. Bogdanovitch, *Tri poslednykh samoderzhtsa*, pp. 506-7.
62. Ver Sablin, *Desyat let*, pp. 215-16.
63. Vyrubova, *Memories*, p. 63.
64. LP p. 330; Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, pp. 217-18.
65. LP, p. 331; Naryshkin, *Under Three Tsars*, p. 196.
66. LP, pp. 342-3.
67. Ktorova, *Minuvshee*, p. 88; Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 102.
68. Ver Ktorova, *Minuvshee*, p. 87.
69. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 125.

NOVE — EM SÃO PETERSBURGO TRABALHAMOS, MAS EM LIVÁDIA VIVEMOS

1. SL, p. 254; Vyrubova, *Memories*, p. 50.
2. King, "Requiem", p. 106.
3. Hunt, *Flurried Years*, p. 133.
4. Ibid.
5. Ibid., pp. 133-4.
6. Baronesa W. Knell, in *Gleaner*, 6 de dezembro de 1910.
7. Hough, *Mountbatten*, pp. 22-3. John Terraine, *Life and Times of Lord Mountbatten* (Londres: Arrow

Books, 1980), p. 25.
8. Poore, *Memoirs of Emily Loch*, p. 305. Para um relato de Emily Loch sobre essa visita, ver pp. 302-11. Em fevereiro de 1912 Alexandra concedeu uma mesada de 5 rublos para as duas mais novas. Zimin, *Detskiy mir.*
9. Marie, Furstin zu Erbach-Schönberg, *Reminiscences* (Londres: Allen & Unwin, 1925), p. 358.
10. Ibid., p. 359.
11. Maria Vasil'chikova, *Memoir*, f. 14. Ver também Madeleine Zanotti, citada em Radziwill, *Nicholas* II, p. 195. Para a visita de Nauheim, ver King, "Requiem".
12. Hough, *Mountbatten*, p. 23.
13. Hough, *Louis and Victoria*, p. 262, carta, 29 de dezembro de 1911.
14. LP, p. 335.
15. Ibid., pp. 335-6.
16. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 288.
17. "Tragedy of a Throne: Czarina Slowly Dying of Terror", *Straits Times*, 6 de janeiro de 1910.
18. *Advertiser*, Adelaide, 12 de janeiro de 1910.
19. Wheeler e Rives, *Dome*, p. 405.
20. Ibid.
21. Ibid.
22. Ibid., p. 406.
23. Hall, *Little Mother*, p. 234.
24. Wheeler e Rives, *Dome*, p. 407.
25. *Correspondence*, 19 de abril, p. 290.
26. Korshunova et. al., *Pisma... Elizaveta Feodorovny*, p. 258.
27. LP, p. 342.
28. Ver carta do príncipe Ioann Konstantínovitch, 7 de março de 1903, *Rossiiskiy arkhiv* XV, p. 392.
29. Sablin, *Desyat let*, p. 241.
30. Anotação de 19 de agosto de 1911 no diário de Meriel Buchanan, BuB 6, MB Archive, Nottingham University. Ver também *Correspondence*, carta de Alexandra a Onor, 13 de agosto, p. 350.
31. Ibid.
32. Gavríil Konstantínovitch, *Marble Palace*, p. 128.
33. Ioann Konstantínovitch, cartas a seu pai, 2 de novembro de 1909 e 3 de dezembro de 1910, *Rossiskiy arhkiv*, pp. 415-19.
34. Bokhanov et al., *Romanovs*, p. 127.
35. *Correspondence*, p. 351.
36. Para um relato de Tiútcheva sobre o assassinato de Stolípin, ver Tiútcheva, "Za neskolko let".
37. LP, p. 344.
38. Tiútcheva, "Za neskolko let".
39. *Correspondence*, p. 351.
40. Galina von Meck, "The Death of Stolypin", in Michael Glenny e Norman Stone, *The Other Russia* (Londres: Faber & Faber, 1990).
41. *Correspondence*, p. 351.
42. Tiútcheva, "Za neskolko let".
43. *Correspondence*, p. 351.
44. "The Creation of Nadezhda Isakovlevna Mandel'shtam", in Helena Goscilo (org.), *Fruits of Her Plume: Essays on Contemporary Women's Culture* (Nova York: M. E. Sharpe, 1993), p. 90.
45. Tiútcheva, "Za neskolko let".
46. Zeepvat, "Valet's Story", p. 304.
47. Tiútcheva, "Za neskolko let".
48. William Eleroy Curtis, *Around the Black Sea* (Londres: Hodder & Stoughton, 1911), p. 265.
49. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 294; Vyrubova, *Memories*, p. 37.

50. Serge Sazonov, introdução a *Per Zhilyar, Imperator Nikolai* II *i ego semya* (Vienna: Rus, 1921), p. vi. Não está claro se isso foi dito por Olga ou Tatiana. Ver também Grabbe e Grabbe; Grabbe, *Private World*, p. 75.
51. Kalinin e Zemlyanichenko, *Romanovy i Krym*, p. 80.
52. Ver Vyrubova, *Romanov Family Album*, pp. 84-7.
53. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 110; Vyrubova, *Romanov Family Album*, p. 103; Zimin, *Vzroslyi mir*, p. 323.
54. Brewster, *Anastasia's Album*, p. 30.
55. Kalinin e Zemlyanichenko, "Taina Velikoi Knyazhny", p. 243; Mikhail Korshunov, *Taina tain moskovskikh* (Moscou: Slovo, 1995), p. 266.
56. Mossolov, *At the Court*, p. 61.
57. Ver Victor Belyakov, "Russia's Last Star: Nicholas II and Cinema", *Historical Journal of Film, Radio and Television* 15, n. 4, outubro de 1995, pp. 517-24.
58. Zemlyanichenko, *Romanovy i Krym*, p. 83.
59. De Stoeckl, *My Dear Marquis*, p. 127. Já se sugeriu que essa proposta foi feita depois, mas, no contexto das memórias de Stoeckl, é claramente 1911.
60. Ver Sablin, *Desyat let*, p. 234.
61. Ver Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, pp. 142-3.
62. Mossolov, *At the Court*, p. 247.
63. Girardin, *Précepteur*, p. 51.
64. Ver Zimin, *Tsarskie dengi*; Mossolov, *At the Court*, p. 41.
65. Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, p. 151.
66. Vyrubova, *Romanov Family Album*, p. 86; ver também Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, pp. 148-9.
67. De Stoeckl, *Not All Vanity*, p. 119.
68. Vyrubova, *Romanov Family Album*, p. 86.
69. Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, p. 151.
70. Titov, "OTMA", p. 33. Há 12 volumes dos diários de Olga no GARF datando de 1905 a 1917, mas muitos estão incompletos ou têm breves anotações, e 1910 está faltando. Apenas as cinco primeiras páginas do diário de 1917 sobreviveram.
71. Para um relato do baile, ver Kamarovskaya, *Vospominaniya*, pp. 173-6; Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, pp. 150, 151.
72. De Stoeckl, *Not All Vanity*, p. 120; Kamarovskaya, *Vospominaniya*, pp. 173-6.
73. Mossolov, *At the Court*, p. 61.
74. Vyrubova, *Romanov Family Album*, p. 86.
75. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 201.
76. Vyrubova, *Memories*, p. 44.

DEZ — CUPIDO JUNTO AOS TRONOS

1. Sir Valentine Chirol, "In Many Lands. III: Glimpse of Russia before the War", *Manchester Guardian*, 15 de agosto de 1928.
2. Rasputin, *Rasputin My Father*, pp. 75-6.
3. Bowra, *Memories*, pp. 65-6.
4. Natalya Soboleva, "La Tristesse Impériale".
5. Vyrubova, *Memories*, p. 64.
6. Hall, *Little Mother*, p. 238.
7. Já se argumentou que as cartas eram forjadas, mas tanto Anna Vírubova como Vladímir Kokóvtsov as

viram e não duvidavam de sua autenticidade. Ver Kokóvtsov, *Iz moego proshlogo*, vol. 2, pp. 20, 27, 42-4; Moe, *Prelude*, pp. 204-7; Vyrubova, *Memories*, p. 65.
8. Para a linha independente de Tiútcheva, ver Bogdanovitch, *Tri poslednykh samoderzhtsa*, p. 511. Ver também Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, pp. 217-19, para um retrato muito pernicioso, e talvez tendencioso, de Tiútcheva.
9. Vyrubova, *Memories*, p. 65.
10. LP, pp. 331-2.
11. Ibid., p. 351; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 152.
12. Ibid., pp. 152-3.
13. O GARF em Moscou possui 616 fólios de cartas escritas por Tiútcheva para Anastácia durante 1911-16.
14. Zimin, *Detskiy mir*, p. 75; LP, p. 331.
15. Vyrubova, *Memories*, p. 81; Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 141; Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 220.
16. Ver *Correspondence*, carta a Ernie, 29 de julho de 1912, p. 312; Zimin, *Detskiy mir*, p. 75.
17. *Correspondence*, p. 317.
18. Ibid., pp. 354-5.
19. Para Wallinson, ver a matéria de primeira página, “Kings and Emperors Like Their American Dentists”, *The Call*, San Francisco, 15 de novembro de 1903.
20. Esse gasto cobriu de maio de 1909 a maio de 1910, mas é representativo do tipo de dinheiro gasto com o guarda-roupa das irmãs. Citação cortesia de Bob Atchison, disponível em <www.alexanderpalace.org/palace/mexpenses.html>.
21. King, “Livadia”, p. 23.
22. Ibid., p. 21.
23. Buxhoeveden, *Before the Storm*, p. 296; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 180.
24. Para o trabalho caritativo de Alexandra e das crianças em Livádia, ver King, “Livadia”, p. 25; King, *Court of the Last Tsar*, p. 450; Zimin, *Detskiy mir*, p. 322; Vyrubova, *Memories*, pp. 34-7, 46; Spiridovitch, *Les Dernières années*, pp. 145-6; Buxhoeveden, *Before the Storm*, pp. 293-6.
25. Sablin, *Desyat let*, p. 257.
26. Ibid.
27. Vyrubova, *Memories*, p. 46.
28. Ibid., p. 80.
29. *Hackney Express*, 19 de setembro de 1903; *The Times*, 18 de setembro de 1911.
30. Bokhanov et al., *Romanovs*, p. 124.
31. *Washington Post*, 25 de junho de 1911.
32. “Won’t Wed Czar’s Daughter”, *Washington Post*, 30 de novembro de 1913.
33. Radzinsky, *Last Tsar*, p. 106.
34. Maria, grã-duquesa da Rússia, *Princess in Exile* (Londres: Cassell, 1932), p. 71.
35. Ver Harris, “Succession Prospects”, pp. 75-6.
36. Carta a Nicolau, 16 de outubro de 1911 (tradução cortesia de Will Lee); V. I. Névski (org.), *Nikolai II i velikie knyazya* (Leningrado: Gosudarstvennoe izdatelstvo, 1925), p. 46.
37. Lisa Davidson, perfil de Dmítri Pávlovitch disponível em <www.alexanderpalace.org/palace/Dmítri.html>.
38. Carta em cirílico para Maria Pávlovna, 4 de maio de 1908 (tradução cortesia de Will Lee).
39. Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, p. 186.
40. Bogdanovitch, *Tri poslednykh samoderzhtsa*, p. 510.
41. “Cupid by the Thrones”, *Washington Post*, 21 de julho de 1912.
42. Diário de Meriel Buchanan, agosto de 1912, f. 33.
43. Para a relação Dmítri/Iussúpov, ver Moe, *Prelude*, pp. 238-9 (informação sobre a jogatina de Dmítri Pávlovitch extraída de Will Lee).
44. DON, p. 9; diário de Meriel Buchanan, f. 42.

45. Ver Rounding, *Alix and Nicky*, p. 190; Wortman, *Scenarios*, pp. 380-2.
46. SL, pp. 270-1.
47. Nekliudoff, *Diplomatic Reminiscences* (Londres: John Murray, 1920), p. 73.
48. Ver Wortman, *Scenarios*, pp. 381-2; Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, pp. 217-18.

ONZE — O PEQUENO NÃO VAI MORRER

1. *Correspondence*, 15 de setembro de 1912, p. 360.
2. Botkin, *Real Romanovs*, pp. 73-4.
3. De Stoeckl, *My Dear Marquis*, p. 125.
4. Carta em cirílico, 7 de fevereiro de 1910, de Tsárskoe Seló, para sua irmã Maria Pávlovna (tradução cortesia de Will Lee). É interessante notar que em seu livro sobre a batalha de Alexandra e Nicolau contra a grave hemofilia do filho, os autores Robert K. Massie e Suzanne Massie também afirmaram que "falando em termos relativos, Alexis tinha uma hemofilia moderada [...]. A diferença era que, uma vez que o tsarévitch começava a sangrar, nada era capaz de deter a hemorragia" — em outras palavras, sua forma da doença não constituiria risco de vida hoje; era a limitação da ciência médica da época em tratá-la que significava um problema; Robert Massie e Suzanne Massie, *Journey* (Nova York: Knopf, 1975), p. 114.
5. Radziwill, *Taint*, p. 397.
6. Memórias em cirílico, sem título, lista 1 (82), Sydney Gibbes Papers, Bodleian Library, f. 4.
7. Ibid.
8. Gerald Hamilton, *The Way It Was With Me* (Londres: Leslie Frewin, 1969), p. 29.
9. LP, p. 351.
10. Ibid.
11. Declaração oficial de 3 de novembro de 1912, publicada no jornal *The Times*, 4 de novembro. Algumas fontes afirmam, como Spiridovitch em *Les Dernières années*, vol. 2, pp. 284-5, que o sangramento começou quando Alexei pulou da grande banheira de maiólica. O acidente de barco é dado como causa pelo próprio Nicolau em uma carta a sua mãe, SL, p. 275 e também por Mossolov, *Court*, pp. 150-1, Vyrubova, *Memories*, p. 90, Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 143, e Gilliard, *Thirteen Years*, p. 32.
12. Ver Vyrubova, *Memories*, p. 92.
13. SL, p. 276.
14. Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, p. 93; Vyrubova, *Memories*, p. 93.
15. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 29.
16. Ibid., p. 27.
17. Mossolov, *Court*, p. 151.
18. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 124.
19. LP, p. 357.
20. Vyrubova, *Memories*, p. 94; Rasputin, *Rasputin*, p. 177; Rasputin, *Rasputin My Father*, p. 72. Mossolov, *Court*, p. 151, tem outra versão, afirmando que a mensagem de Raspútin dizia à tsarina que o tsarévitch não devia ser "martirizado pelos médicos". Muitas fontes parecem ter combinado o conteúdo dos dois telegramas.
21. Raspútin, *Rasputin*, p. 177.
22. Mossolov, *Court*, p. 152.
23. Alexandra Feodorovna, carta a Boyd Carpenter, 24 de janeiro de 1913, ff. 241-2.
24. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 125.
25. SL, p. 275.
26. *Daily News*, Maryland, 23 de outubro de 1912.
27. Ibid. Ver também "Tragedy of the Czarevitch", 12 de dezembro de 1912, que repete o rumor de Dmítri Pávlovitch casando-se com Olga e se tornando herdeiro designado.

28. *The Times*, 4 de novembro de 1912.
29. Ibid.
30. *New York Times*, 10 de novembro de 1912.
31. Mossolov, *Court*, p. 152; ver também de Jonge, *Life and Times of Rasputin*, pp. 213-14.
32. *Correspondence*, p. 361.
33. Carta ao general Alexander Pfuhlstein, 20 de dezembro de 1912, in Spreti, *Alix an Gretchen*, pp. 187-8.
34. Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, pp. 293-4.
35. Carta ao general Alexander Pfuhlstein, 20 de dezembro de 1912, in Spreti, *Alix an Gretchen*, p. 188.
36. Alexandra Feódorovna, cartas a Boyd Carpenter, BL Add 46721, vol. 5, 24 de janeiro/7 de fevereiro, ff. 240-1.
37. Vorres, *Last Grand Duchess*, p. 143.
38. Alexandra Feódorovna, cartas a Boyd Carpenter, BL Add 46721, vol. 5, 24 de janeiro/7 de fevereiro, f. 243.
39. LP, p. 364.
40. Baroness Souiny, *Russia of Yesterday and Tomorrow* (Nova York: Century, 1917), p. 119.
41. Para resumos úteis do Tricentenário, ver King, *Court of the Last Tsar*, cap. 23; Wortman, *Scenarios of Power*, pp. 383-96.
42. *The Times*, 7 de março de 1913.
43. "Imperial Russia", *Illustrated London News*, suplemento, julho de 1913, pp. xviii, xxi; Radzinsky, *Last Tsar*, pp. xxi, 109.
44. "The Romanoff Celebrations", *The Times*, 6 de março de 1913.
45. Wortman, *Scenarios of Power*, p. 383.
46. Citado em ibid., p. 386; ver também *The Times*, 7 de março de 1913.
47. Vassili, *Taint*, p. 404.
48. Gavríil Konstantínovitch, *Marble Palace*, p. 165; Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 35.
49. Wortman, *Scenarios of Power*, p. 384.
50. Buchanan, *Dissolution of an Empire*, pp. 34-5.
51. Ver Wortman, *Scenarios of Power*, p. 388.
52. Para os vestidos, ver <www.nicholasandalexandra.com/dresso&t.html>.
53. Lidiya Leonidovna Vasilchikova, *Ischeznuvshaya Rossiya: Vospominaniya... 1886-1919* (São Petersburgo: Peterburgskie sezony, 1995), p. 267.
54. Vyrubova, *Memories*, p. 99.
55. Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 36.
56. Ibid., pp. 36-7; ver também Hall, *Little Mother*, pp. 244-5.
57. DON, p. 23.

DOZE — QUE O SENHOR LHE TRAGA A FELICIDADE, MEU BEM-AMADO

1. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 175.
2. Ver Buchanan, *Dissolution of an Empire*, pp. 36-7; Gavríil Konstantínovitch, *Marble Palace*, p. 165.
3. Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 37.
4. DON, p. 24.
5. Buchanan, *Queen Victoria's Relations*, p. 211.
6. Ver Harris, "Succession Prospects", pp. 74-5; Crawford, *Michael and Natasha*, p. 134.
7. Diário de Meriel Buchanan, janeiro de 1913, BuB 6, MB Archive, Nottingham University, f. 41.
8. Ibid., 19 de fevereiro de 1913, f. 45.
9. DON, p. 19.

10. Sablin, *Desyat let*, p. 286. Nicolau estava bem ciente do afeto de Tatiana por Nikolai Rodiónov, mas preferia não prejudicar a carreira dele transferindo-o do *Shtandart*. Ver Vyrubova, *Keisarinnan Hovineiti*, p. 226, e <forum.alexanderpalace.org/index.php?topic=7272.0>.
11. *Correspondence*, p. 362, 18 de março de 1913: "Tatiana continua acamada, mas vai passar para um sofá amanhã. Ela está sempre alegre e fica muito bem de cabelo curto"; e 27 de dezembro de 1913, p. 367: "O cabelo de Tatiana cresceu forte e grosso, o que significa que ela não precisa mais usar peruca".
12. Raspútin, *Real Rasputin*, pp. 100-1.
13. Ver DON, pp. 8, 9, 11, 12, 16, 18, 21.
14. Ofrosimova, "Tsarskaya semya", p. 138.
15. Ver Spiridovitch, *Les Dernières années*, pp. 234-5; "Imperial Russia: Her Power and Progress", suplemento do *Illustrated London News*, 19 de julho de 1913.
16. Sablin, *Desyat let*, pp. 297-8.
17. Para as cerimônias em Kostromá, ver Wortman, *Scenarios of Power*, pp. 391-3.
18. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 206.
19. DON, p. 61.
20. Sablin, *Desyat let*, pp. 296-7.
21. DON, p. 63.
22. Príncipe Guilherme, *Episoder* (Estocolmo: P. A. Norstedt & Söners Förlag, 1951), pp. 144-5 (tradução cortesia de Trond Norén Isaksen).
23. Heresch, *Blood on the Snow*, p. 41.
24. Sargento Aleksandr Bulgákov, citado in ibid., p. 42.
25. DON, p. 64.
26. Ibid., p. 70.
27. Ver Rowley, "Monarchy and the Mundane", pp. 138-9.
28. Elchaninov, *Tsar*, pp. 58-9. Para uma discussão da imagem pública dos Romanov durante o Tricentenário, ver Slater, *Many Deaths*, cap. 7, "Family Portraits". Uma edição em brochura de dois xelins do livro também foi publicada.
29. Buchanan, *Queen Victoria's Relations*, p. 212; Elchaninov, *Tsar*, p. 60.
30. Para essa ocasião, ver o diário de Nicolau de 10 de junho a 11 de julho, in *Nikolay*, pp. 48-58.
31. Ver, por exemplo, DON, pp. 81, 82, 87.
32. Ibid., pp. 87-8.
33. Ibid., p. 91.
34. *Nikolay*, 17 de julho de 1913, p. 59.
35. Gavríil Konstantínovitch, *Marble Palace*, p. 177.
36. Sablin, *Desyat let*, pp. 324-5.
37. Girardin, *Précepteur*, p. 60.
38. *Correspondence*, p. 317; Gilliard, *Thirteen Years*, p. 43.
39. Kalinin e Zemlyachenko, "Taina Velikoi Knyazhny", pp. 245-6. Esse capítulo excelente apresenta um resumo elucidativo da história Olga-Vóronov.
40. Cherkashin, "Knyazhna i Michman".
41. Barkovets, "Grand Duchess Olga Nikolaevna", in Swezey, *Nicholas and Alexandra*, p. 78.
42. DON, p. 126.
43. Ibid., p. 141.
44. Barkovets, "Grand Duchess", in Swezey, *Nicholas and Alexandra*, p. 76.
45. DON, p. 148.
46. Kalinin e Zemlyachenko, "Taina Velikoi Knyazhny", p. 257; DON, pp. 143, 148, 154.
47. Ibid., p. 156.
48. *Nikolay*, p. 100.
49. Barkovets, "Grand Duchess", in Swezey, *Nicholas and Alexandra*, p. 79.
50. Ibid.

51. DON, p. 172.
52. Swezey, *Nicholas and Alexandra*, p. 79.
53. Quando a guerra eclodiu em 1914, Pável Vóronov lutou com o 2º batalhão de Guardas e serviu na Escolta do Tsar. Mas ele ficou doente, queixando-se do coração, e ganhou uma licença durante fevereiro-março de 1917, quando estourou a Revolução. Em abril de 1917, foi transferido para a Frota da Crimeia; depois para a reserva, em agosto, após o que se escondeu dos comissários bolcheviques. Durante o inverno de 1920, Pável e Olga fugiram da Rússia no vapor britânico *Hanover* e se estabeleceram nos Estados Unidos, onde Pável morreu, em 1964. Ele nunca escreveu suas memórias do tempo em que esteve com a família imperial, talvez respeitando os sentimentos que Olga Nikoláevna nutria por ele. Em suas memórias Olga também não faz menção alguma ao romance dos dois.

1. W. B., *Russian Court Memoirs*, p. 64.
2. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 131.
3. W. B., *Russian Court Memoirs*, p. 64; Anon. [Casper], *Intimacies of Court and Society*, p. 138.
4. Alguns dos mais vívidos relatos dessa última temporada social são fornecidos nas várias memórias da filha do embaixador, Meriel Buchanan; ver, por exemplo, *Diplomacy and Foreign Courts*, *Dissolution of an Empire* e *Ambassador's Daughter.* Ver também Kochan, *Last Days of Imperial Russia*, cap. 2, "Haute Société in St Petersburg"; e King, *Court of the Last Tsar*, cap. 27, "The Last Season".
5. Buchanan, *Diplomacy and Foreign Courts*, pp. 147-8, 155; Buchanan, *Ambassador's Daughter*, p. 116.
6. Iswolsky, *No Time to Grieve*, p. 83.
7. Ibid.
8. Ibid.
9. Ibid., p. 85.
10. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 181.
11. Iswolsky, *No Time to Grieve*, p. 85.
12. Da duquesa de Saxe-Coburgo à princesa coroada Maria da Romênia, 17-19 de fevereiro de 1914, cirílico (cortesia de John Wimbles).
13. Ibid.
14. Buchanan, *Diplomacy and Foreign Courts*, p. 160.
15. Iswolsky, *No Time to Grieve*, p. 85.
16. Da duquesa de Saxe-Coburgo à princesa coroada Maria da Romênia, 17-19 de fevereiro de 1914, cirílico (cortesia de John Wimbles).
17. Buchanan, *Diplomacy and Foreign Courts*, p. 160.
18. *Lloyds Weekly Newspaper*, 2 de novembro de 1913.
19. "Sentimental Crisis", p. 323.
20. Ibid., p. 323.
21. Ibid., p. 324. Até mesmo Sydney Gibbes comentou a falta de estilo das meninas: "de vez em quando suas 'toaletes' pareciam pavorosamente inapropriadas, simples como normalmente eram"; e os homens no *Shtandart* notaram também que "o modo como se vestiam, verdade seja dita, nem sempre era elegante e por vezes era até fora de moda". Gibbes, Memórias em cirílico, lista 1 (82), f. 7; Sablin, *Desyat let*, pp. 317-18.
22. Ibid.
23. *Lloyds Weekly Newspaper*, 2 de novembro de 1913.
24. Biddle, "The Czar and His Family", p. 6.
25. DON, p. 162.
26. Para as ramificações políticas do casamento, ver Gelardi, "Carol & Olga".
27. Kalinin e Zemlyachenko, *Romanovy i Krym*, p. 260; Sazonov, *Fateful Years*, p. 109.
28. "May Wed Czar's Daughter", *Washington Post*, 1º de fevereiro de 1914; Biddle, "The Czar and His Family", p. 6.
29. Carta à princesa coroada Maria da Romênia, 27 de janeiro de 1914, cirílico (cortesia de John Wimbles).
30. Ibid.
31. Da duquesa de Saxe-Coburgo à princesa coroada Maria da Romênia, 17-19 de fevereiro de 1914, cirílico (cortesia de John Wimbles).
32. Ibid.
33. Da duquesa de Saxe-Coburgo à princesa coroada Maria da Romênia, 7 de fevereiro de 1914, cirílico (cortesia de John Wimbles).
34. Ibid.
35. Ibid.
36. Ibid.
37. Ibid.
38. Titov, "OTMA", p. 29.
39. Ibid., p. 334.

40. “Romanians in 1910s Russia”, disponível em <www.rri.ro/ arh-art.shtml?lang=1&sec=9&art=28280>.
41. James Lawrence Houghteling, *A Diary of the Russian Revolution* (Nova York: Dodd, Mead & Company, 1918), p. 10; Virubova, *Keisarinnan Hovineiti*, p. 230.
42. *The Times*, 31 de março de 1914.
43. Sablin, *Desyat let*, pp. 316, 318.
44. Ibid., p. 318.
45. Azabal, *Countess from Iowa*, p. 144; Azabal, *Romance and Revolutions*, pp. 140-1.
46. Azabal, *Romance and Revolutions*, p. 141.
47. De Stoeckl, *Not All Vanity*, pp. 137-8.
48. Ibid., p. 138.
49. Sazonov, *Fateful Years*, p. 110.
50. Elsberry, *Marie of Romania*, p. 101; Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, p. 455; Gilliard, *Thirteen Years*, p. 94.
51. Bibesco, *Royal Portraits*, p. 92.
52. Ibid., p. 93.
53. Da princesa coroada Maria da Romênia à duquesa de Saxe-Coburgo, 18 de junho de 1914.
54. Bibesco, *Royal Portraits*, p. 94.
55. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 95.
56. Da princesa coroada Maria da Romênia à duquesa de Saxe-Coburgo, 1º de junho de 1914.
57. Ibid.
58. Bibesco, *Royal Portraits*, p. 94.
59. Ibid., p. 95.
60. Marie of Romania, *Story of My Life*, p. 329.
61. Bibesco, *Royal Portraits*, p. 96.
62. Da princesa coroada Maria da Romênia à duquesa de Saxe-Coburgo, 18 de junho de 1914; Elsberry, *Marie of Romania*, pp. 100-1.
63. Maria da Romênia, *Story of My Life*, p. 575.
64. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 182; Bibesco, *Royal Portraits*, p. 99; Elsberry, *Marie of Romania*, p. 102.
65. Maria da Romênia, *Story of My Life*, p. 330.
66. Da princesa coroada Maria da Romênia à duquesa de Saxe-Coburg, 18 de junho de 1914.
67. Bibesco, *Royal Portraits*, p. 99.
68. Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 73.
69. Buchanan, *Ambassador’s Daughter*, p. 118.
70. Sablin, *Desyat let*, p. 343.
71. *Harold Tennyson* RN, p. 198.
72. Buchanan, *Queen Victoria’s Relations*, p. 216.
73. Ibid., p. 217.
74. Buchanan, *Diplomacy and Foreign Courts*, p. 164.
75. Vyrubova, *Memories*, p. 103; *Correspondence*, p. 368.
76. Buchanan, *My Mission to Russia*, vol. 1, p. 204.
77. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 106.
78. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 106.
79. ASM, p. 13.
80. *The Times*, 3 de agosto de 1914 (NE).
81. Ibid.
82. Merry, *Two Months in Russia*, p. 83.
83. W. B., *Russian Court Memoirs*, p. 73.
84. ASM, p. 13.
85. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 134.

86. Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, p. 41.
87. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 162.
88. Azabal, *Romance and Revolutions*, p. 153.
89. Cantacuzène, *Revolutionary Days*, p. 162.
90. Azabal, *Romance and Revolutions*, p. 153; Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 163.
91. Ibid.
92. ASM, p. 13.
93. *Nikolay*, p. 157.
94. Arbenina, *Through Terror to Freedom*, pp. 20-1.
95. LP, p. 398.
96. Wortman, *Scenarios of Power*, p. 401.
97. *The Times*, 4 de agosto de 1914 (NE).
98. A. Varlamov, *Grigoriy Rasputin-Novyi* (Moscou: Molodaya Gvardiya, 2007), p. 424.
99. Buchanan, *My Mission to Russia*, vol. 1, p. 214.
100. Florence Farmborough, *Nurse at the Russian Front* (Londres: Constable, 1974), p. 21; Buchanan, *Queen Victoria's Relations*, p. 217; Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 102.
101. Buchanan, *My Mission to Russia*, vol. 1, pp. 214-15.
102. Vyrubova, *Memories*, p. 105.
103. ASM, p. 14.

CATORZE — IRMÃS DA MISERICÓRDIA

1. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 69.
2. Ver, por exemplo, o n. 25 para 5 de janeiro de 1915, p. 21. Vários outros membros femininos da família imperial russa se tornaram enfermeiras durante a guerra — notavelmente as grã-duquesas Olga Alexandrovna e Maria Pávlovna — e figuraram nas páginas da revista.
3. Almedingen, *Tomorrow Will Come*, p. 84.
4. WC, p. 15.
5. Henniger, "To Lessen Their Suffering", p. 5.
6. Gromov, *Moi vospominaniya za 50 let*, p. 30.
7. Para o trabalho do British Colony Hospital, ver Buchanan, *Dissolution of an Empire*, cap. XI.
8. Como muitas mulheres russas de sua geração não tinham permissão de estudar medicina na Rússia, Gedroits viajara à Suíça para estudar e se formara em Lausanne em 1898, voltando à Rússia em 1900 para trabalhar como médica. Uma habilidosa cirurgiã abdominal, ela servira no front durante a Guerra Russo-Japonesa. Ver J. D. Bennett, "Princess Vera Gedroits: Military Surgeon, Poet and Author", *British Medical Journal*, 19 de dezembro de 1992, pp. 1532-4.
9. Ver SA, pp. 234, 250-2; ASM, pp. 5-7.
10. NZ 181, p. 178. Observe-se que muitos excertos do diário de Tchebotariova citados em SA foram pesadamente editados pelo organizador Fomin, que retirou quaisquer comentários negativos sobre as meninas e sobre o mau comportamento de Alexei. Em particular, a crítica de Tchebotariova ao relacionamento da imperatriz com Anna Vírubova e Raspútin foi completamente suprimido. Ver, por exemplo, o cap. 15, adiante. Todas as anotações quanto a esse aspecto foram, portanto, tiradas da versão NZ não censurada.
11. Detalhes da rotina diária de Olga e Tatiana no anexo podem ser encontrados em suas cartas e anotações de diário para 1914-16, em ASM. Ver também os artigos de Stepanov e Beliáev e o diário de Valentina Tchebotariova em SA, assim como a versão mais completa do diário em NZ e Popov, *Vospominaniya*, pp. 131-2.
12. SA, p. 337.

13. Tschebotarioff, *Russia My Native Land*, p. 60.
14. Ver nota 12, acima.
15. Vyrubova, *Memories*, p. 109.
16. Ver ASM, pp. 18, 19; SA, p. 234.
17. WC, p. 53.
18. Paul P. Gronsky e Nicholas J. Astrov, *The War and the Russian Government* (New York: Howard Fertig, 1973), pp. 30-1. Para fotografias de Olga e Tatiana pegando doações em seus comitês de Petrogrado, ver *Stolitsa i usadba* n. 23, 1º de dezembro de 1914, pp. 20-1.
19. Tyan'-Shansky, "Tsarstvenniya deti", p. 55.
20. Pavlov in SA, p. 413.
21. W. B., *Russian Court Memoirs*, p. 159; Vyrubova, *Romanov Family Album*, p. 117; Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, pp. 17-18; Ofrosimova, "Tsarskaya semya", pp. 144-5.
22. WC, p. 16.
23. SA, pp. 235, 249.
24. Ofrosimova, "Tsarskaya semya", p. 144.
25. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 129.
26. Rasputin, *Real Rasputin*, p. 103.
27. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 155; W. B., *Russian Court Memoirs*, p. 159.
28. Ofrosimova, "Tsarskaya semya", p. 146.
29. Ibid.
30. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 75.
31. Kleinmikhel, *Shipwrecked World*, pp. 216-17, 327; Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 125. Ver também Rowley, "Monarchy and the Mundane".
32. Kleinmikhel, *Shipwrecked World*, p. 217.
33. Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 275.
34. Kleinmikhel, *Shipwrecked World*, p. 217.
35. SA, p. 251.
36. Ver SA, pp. 812-13.
37. ASM, p. 22.
38. Ibid., p. 23.
39. Ver ASM, carta de Anastácia para Nicolau, 26 de agosto de 1916, p. 124. Para Maria, ver, por exemplo, ASM, pp. 44, 49. Alexandra, que parecia fazer vista grossa para a paixão de sua filha por Deménkov, chamava-o de "o sujeito gordo de Marie"; ver WC, p. 335.
40. Vyrubova, *Memories*, p. 4; LP, p. 407.
41. ASM, p. 34.
42. SA, p. 271.
43. Ver de Malama, "The Romanovs".
44. ASM, p. 32.
45. Ibid., p. 33; de Malama, "The Romanovs", p. 185.
46. LP, p. 404; ASM, p. 136.
47. Ibid., p. 41.
48. Ibid., p. 5; Vírubova, porém, fala de "85 hospitais" em Tsárskoe Seló, *Memories*, p. 108.
49. Gibbes, memórias em cirílico, sem título, Sydney Gibbes Papers, Bodleian, f. 9.
50. Brewster, *Anastasia's Album*, p. 46.

1. NZ 181, pp. 180-1. Observe-se que o grosso dessa anotação referente a Raspútin foi editado na versão do diário de Tchebotariova em SA, p. 295.
2. De Jonge, *Life and Times of Rasputin*, p. 248.
3. Carta a Evelyn Moore, 26 de dezembro de 1914 (8 de janeiro de 1915), in E. Marjorie Moore (org.), *Adventure in the Royal Navy 1847-1934: Life and Letters of Admiral Sir Arthur William Moore* (Liverpool: impressão privada, 1964), pp. 121-2. A irmã do almirante, Evelyn Moore, foi dama de companhia da rainha Vitória, que Alexandra conhecera antes de seu casamento.
4. WC, p. 112. Ver nota de rodapé na p. 281.
5. LP, pp. 431-2.
6. ASM, pp. 99-100.
7. WC, p. 28.
8. WC, pp. 237-8.
9. WC, pp. 122, 130.
10. Carta a Olga Voronova, 2 de junho de 1915, disponível em <www.alexanderpalace.org/palace/tdiaries.html>.
11. ASM, p. 111.
12. SA, p. 311.
13. Ibid., p. 315.
14. Popov, *Vospominaniya*, p. 131.
15. SA, p. 315.
16. Ibid.; Popov, *Vospominaniya*, 133.
17. Citação disponível em <saltkrakan.livejournal.com/658.html>. Ver também Popov, *Vospominaniya*, p. 133.
18. SA, p. 311.
19. Ibid., pp. 298, 300.
20. ASM, p. 122; WC, p. 181.
21. Anon. [Stopford], *Russian Diary*, p. 37.
22. WC, p. 261.
23. Anon. [Stopford], *Russian Diary*, p. 37.
24. Ver Shavelsky, *Vospominaniya poslednego protopresverita russkoi armii i flota*, vol. I, pp. 360-2.
25. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 210, 212.
26. Newton A. McCully, *An American Naval Diplomat in Revolutionary Russia* (Annapolis, MD: Naval Institute Press, 1993), p. 98.
27. Vyrubova, *Memories*, p. 143.
28. Ver Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, pp. 199-202, para um relato de OTMA no Stavka.
29. Ver, por exemplo, as fotografias em Michael of Greece e Maylunas, *Nicholas and Alexandra*, pp. 215-21, e Grabbe e Grabbe, *Private World*, pp. 152-8. SA, p. 302; ver também WC, p. 279.
30. SA, p. 302; ver também WC, p. 279.
31. Vyrubova, *Memories*, p. 109.
32. WC, p. 279.
33. ASM, p. 145.
34. NZ 181, pp. 206-7.
35. SA, p. 305.
36. NZ 181, p. 206.
37. *Nikolay*, p. 285.
38. Ibid.
39. Vyrubova, *Memories*, p. 170.
40. NZ, p. 207.
41. Ibid., p. 208.
42. ASM, p. 151.

1. Stanislav Kon, *The Cost of the War to Russia* (Londres: Humphrey Milford, 1932), p. 33.
2. Reproduzido em *Argus*, Melbourne, 23 de fevereiro de 1916.
3. *Logansport Journal-Tribune*, 2 de janeiro de 1916; *New York Times*, 25 de setembro de 1916.
4. Para o trabalho do comitê de Tatiana, ver Peter Gatrell, *A Whole Empire Walking: Refugees in Russia during World War I* (Bloomington: Indiana University Press, 1999), pp. 44-7, e Violetta Thurstan, *The People Who Run: Being the Tragedy of the Refugees in Russia* (Londres: Putnam, 1916), que possui muita informação sobre o hospital-maternidade de Petrogrado.
5. *Atlanta Constitution*, Magazine Section, 14 de novembro de 1915.
6. Fraser, *Russia of To-Day*, pp. 24-5.
7. WC, p. 366.
8. Fraser, *Russia of To-Day*, p. 26.
9. Richard Washburn Child, *Potential Russia* (Londres: T. Fisher Unwin, 1916), p. 76.
10. SA, p. 337.
11. WC, p. 361; ver também WC, p. 366, sobre o uso que ela fazia do ópio.
12. Ibid., p. 381.
13. SA, p. 336.
14. *Daily Gleaner*, 4 de agosto de 1915.
15. NZ 181, pp. 210-11.
16. ASM, p. 157.
17. SA, p. 338.
18. NZ 181, p. 211.
19. ASM, p. 156.
20. Farson, “Aux Pieds”, p. 16. Harmer, *Forgotten Hospital*, pp. 73-5; diário de L. C. Pocock, 19 de janeiro/1º de fevereiro de 1916, in G. M. e L. C. Pocock Papers, IWM. Para fotografias, ver *Stolitsa i usadba*, n. 54, 15 de março de 1916, p. 9; também *Ogoniok*, n. 3, 31 de janeiro de 1916.
21. Farson, “Au Pieds”, p. 17.
22. Buchanan, *Queen Victoria’s Relations*, p. 218.
23. WC, p. 486.
24. Markylie, “L’Impératrice en voile blanc”, p. 17.
25. SA, p. 337.
26. WC, p. 404.
27. WC, pp. 369-70; observe-se que essa citação foi erroneamente identificada por Furhmann como aludindo a Olga Aleksándrovna, irmã de Nicolau, mas essa atribuição é claramente equivocada, dado o contexto.
28. WC, p. 388.
29. Ibid., p. 356.
30. WC, p. 421. Embora ele não seja mencionado outra vez por Alexandra em WC após março de 1916, Malama aparentemente permaneceu em Tsárskoe Seló até a Revolução, após o que voltou ao sul da Rússia. Em agosto de 1919, estava no comando de uma unidade das tropas do Exército Branco combatendo os bolcheviques na Ucrânia quando foi capturado e executado pouco depois por um pelotão de fuzilamento. Embora algumas fontes aleguem que foi morto em combate, segundo Peter de Malama o corpo de Mítia foi recuperado e enterrado com todas as honrarias militares em Krasnodar. Ver de Malama, “The Romanovs”.
31. SA, p. 339.
32. WC, p. 450.
33. *Nikolay*, p. 239; ASM, p. 107, 439n.

34. ASM, pp. 162-3.
35. Ibid., p. 163.
36. WC, p. 412.
37. Ibid., pp. 432, 413.
38. ASM, p. 178.
39. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 238.
40. ASM, p. 179.
41. Boris Ravtopulo desenvolvera forte admiração por Tatiana desde que a vira em fotografias pela primeira vez. Quando jovem oficial, participando das comemorações do Tricentenário em São Petersburgo, em 1913, estava no baile ao qual as duas irmãs compareceram antes que Tatiana ficasse com febre tifoide e quebrou a etiqueta ao convidá-la para dançar. Ele tomou a liberdade de convidá-la uma segunda vez, ao risco de ser rejeitado. Em seguida, acompanhou-a de volta a seu lugar, beijou sua mão e prometeu, assim alegou mais tarde, que não iria "nunca mais dançar com nenhuma outra pessoa até o dia em que fosse para o túmulo". Ele manteve sua promessa por dezesseis anos antes de finalmente se casar, em 1929. Ver <saltkrakan.livejournal.com/2520.html>.
42. Ver ASM, pp. 179, 181, 182, 186.
43. SA, p. 412.
44. ASM, p. 180.
45. WC, p. 472.
46. Ver ASM, pp. 185-6.
47. NZ 181, p. 231.
48. ASM, p. 186.
49. WC, p. 482.
50. Ibid., p. 590.
51. Ibid., p. 500.
52. Carta a Rita Khitrovo do Stavka, julho de 1916; Hoover Tarsaidze Papers, caixa 16, pasta 5. Essa transcrição original tem algumas lacunas. A citação pode ser encontrada na íntegra em Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, pp. 241-2.
53. Dassel, *Grossfürstin Anastasia Lebt*, p. 16. Felix Dassel posteriormente envolveu-se na alegação fraudulenta de Anna Anderson, nascida Franziska Szankowska, de que era a grã-duquesa Anastácia, que escapara por milagre da morte na Casa Ipátiev. Dassel publicou suas lembranças do hospital em Feódorovski Gorodok cinco meses antes de conhecer Anna Anderson, em 1927; ver King e Wilson, *Resurrection*, pp. 166-7, 303.
54. Ibid., pp. 19, 22.
55. NZ 181, p. 223.
56. Dassel, *Grossfürstin Anastasia Lebt*, pp. 20, 25.
57. Geraschinevsky, "Ill-Fated Children of the Czar", p. 159.
58. Ibid., p. 171.
59. Ibid., p. 160.
60. Ibid.
61. WC, p. 556.
62. Ver ibid. Antes da guerra, Aleksandr Funk trabalhara com o fotógrafo de São Petersburgo, Karl Bulla, mas, na época dessa sessão fotográfica, parece ter passado principalmente à fotografia de guerra.
63. Foster Fraser, "Side Shows in Armageddon", pp. 268-9; ver também Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, p. 507.
64. Foster Fraser, "Side Shows in Armageddon", pp. 268-9.
65. ASM, p. 217.
66. Ibid., p. 220. Algumas semanas mais tarde, ela recebeu um telegrama dele, de Mozdok, no norte de Ossetiya, no Cáucaso. Ela o viu brevemente em 22 de dezembro de 1916 (ver ASM, p. 237), mas não voltou a mencioná-lo, a não ser para anotar seu aniversário, em 9 de fevereiro de 1917. Um colega oficial

no anexo ficou sabendo que ele foi mais tarde feito comandante de um trem-hospital (ver SA, p. 220). Nada mais se sabe de Dmítri Chakh-Págov a não ser um possível avistamento no outono de 1920, quando o Exército Vermelho estava prestes a obter a vitória em Zakavkaz, em que um dos grupos de resistência ezid, baseado em Echmiadzin, foi comandado por um oficial de nome Chakh-Págov. Este pode muito bem ter sido Dmítri, que, como David Iedigárov, talvez fosse um muçulmano georgiano. Para fotos e um sumário do que se sabe do Mítia de Olga, ver <saltkrakan.livejournal.com/658.html>.
67. WC, p. 636.
68. Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, p. 197.
69. Bokhanov et. al., *Romanovs*, p. 268.
70. Ibid., p. 228.
71. Ibid., p. 233.
72. WC, p. 660.
73. Ibid., p. 681.
74. ASM, p. 233; ver também WC, p. 670. Stáritsa Maria morreu em janeiro de 1917 e foi mais tarde canonizada.
75. WC, p. 670.
76. Vyrubova, *Memories*, p. 148; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 223.
77. WC, p. 670.
78. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 223.
79. Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, pp. 541, 677.
80. Ibid., p. 676.
81. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 92.
82. SA, p. 349.
83. Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, p. 731.
84. Ibid., p. 680.

DEZESSETE — COISAS TERRÍVEIS ESTÃO ACONTECENDO EM SÃO PETERSBURGO

1. ASM, p. 236. Embora Anastácia mais tarde tenha destruído seus diários, este parece um raro sobrevivente, talvez em um caderno de anotações.
2. Ibid.
3. WC, p. 684.
4. Ibid., p. 651.
5. Fuhrmann, *Rasputin*, cap. 11, p. 112.
6. Ibid., p. 140.
7. Ibid., p. 228. "Forças Negras" se tornou o nome em código para Raspútin usado pelos agentes britânicos.
8. Eugene de Savitsch, *In Search of Complications: An Autobiography* (Nova York: Simon & Schuster, 1940), pp. 15, 16.
9. ASM, p. 236.
10. A. Mordvinov, citado em LP, p. 507.
11. WC, p. 68; Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, p. 740.
12. Dorothy Seymour, diário manuscrito, 26 de dezembro (NE) de 1916; Paléologue, *Ambassador's Memoirs*, p. 74. Dorothy Nina Seymour era a bem relacionada filha de um lorde e neta de um almirante da frota. Antes de se voluntariar como enfermeira, fora uma mulher do dormitório da filha da rainha Vitória, Helena — princesa cristã de Schleswig-Holstein —, ela mesma uma grande fomentadora de enfermeiras em tempo de guerra. Dorothy deixou Petrogrado a 24 de março (NE) de 1917 e em dezembro desse ano casou-se com o general Sir Henry Cholmondely Jackson. Ela morreu em 1953. Seu diário vívido e envolvente de

novembro de 1914 a maio de 1919 está no IWM, assim como as 49 cartas escritas nesse mesmo período — embora poucas sejam de Petrogrado, pela dificuldade em enviar correspondência da Rússia durante a guerra e a Revolução.

13. Ainda não está claro quem disparou a quarta bala no crânio de Raspútin. Estudos recentes têm alegado que Oswald Rayner e Stephen Alley — agentes da Missão de Inteligência Especial Britânica em Petrogrado — desempenharam um papel no assassinato. Também se sugeriu que os ferimentos no cadáver de Raspútin indicam que foi torturado antes de ser morto, na tentativa de descobrir se era de fato um espião alemão — coisa de que os agentes britânicos podem muito bem ter participado. A Missão de Inteligência Especial certamente estava a par do complô e seus membros tinham bons motivos particulares para apoiar qualquer conspiração destinada a matar Raspútin ou ao menos removê-lo de sua posição de influência sobre a imperatriz.

14. Há enorme quantidade de literatura sobre Raspútin e as circunstâncias de seu assassinato, grande parte dela contraditória ou controversa. Os livros mais recentes incluem: Fuhrman, *Rasputin* (2012); Moe, *Prelude* (2011), ver cap. IX, “Death in a Cellar”; e o estudo extenso de Margarita Nelipa, *The Murder of Grigorii Rasputin* (2010), que contém evidência policial e forense detalhada. Para o envolvimento britânico, ver Richard Cullen, *Rasputin: The Role of the British Secret Service in his Torture and Murder* (Londres: Dialogue, 2010), e Andrew Cook, *To Kill Rasputin* (Stroud, Glos: History Press, 2006).

15. Dorothy Seymour, diário manuscrito, 30 de dezembro de 1916.

16. ASM, p. 237.

17. Vyrubova, *Memories*, pp. 182-3; Dehn, *Real Tsaritsa*, pp. 122-3. Raspútin não repousou em paz por muito tempo. Pouco depois da revolução, seu corpo foi exumado e levado a Petrogrado para ser cremado. Evidência recente sugere que o queimaram na sala da caldeira do Instituto Politécnico, no subúrbio norte de Petrogrado, e que suas cinzas foram espalhadas à beira da estrada. Ver Nelipa, *Murder of Rasputin*, pp. 459-60.

18. Oleg Platonov, *Rasputin i “deti dyavola”* (Moscou: Algoritm, 2005), p. 351.

19. Paléologue, *Ambassador’s Memoirs*, p. 735; NZ 181, p. 208. Dorothy Seymour, diário manuscrito, 6 de janeiro NE/24 de dezembro VE, IWM.

20. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 183.

21. Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 121.

22. Dehn, *Real Tsaritsa*, pp. 137-8.

23. NZ 182, p. 207.

24. Spiridovitch, *Les Dernières années*, vol. 2, p. 453.

25. Ibid., p. 452; Buchanan, *Queen Victoria’s Relations*, p. 220.

26. Esse caderno de anotações de 158 páginas mantido entre 1905 e 1916 sobrevive nos Arquivos Estatais Russos, GARF 651 1 110.

27. Paléologue, *Ambassador’s Memoirs*, p. 739.

28. Botkin, *Real Romanovs*, p. 127.

29. ASM, p. 239

30. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 183.

31. Em suas memórias posteriores, tanto Iza Buxhoeveden como Anna Vírubova disseram que essa visita teve lugar no outono de 1916, mas ela estava registrada nos diários de Alexandra e Nicolau e comentários relativos ao percalço de Maria claramente datam-na de 8 de janeiro de 1917. Ver *Dnevniki* I, p. 46.

32. NZ 182, p. 204.

33. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 235; NZ 181, p. 204.

34. NZ 182, p. 205.

35. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 50; Vyrubova, *Memories*, p. 86. Observe-se que o manuscrito do diário de Naríchkina, um relato de testemunha ocular extremamente valioso sobre os últimos meses da família imperial em Tsárskoe Seló, é mantido nos Arquivos Estatais em Moscou, no GARF, f. 6501.op.1.D.595.

36. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 96.

37. Diário da rainha Maria da Romênia, 12/26 de janeiro de 1917. Arquivos Estatais Romenos. Meus agradecimentos a Tessa Dunlop por me alertar sobre isso.
38. Carta a sua mãe e irmã, 1º de dezembro de 1916, IWM.
39. 17 de dezembro (4 de dezembro VE), carta à mãe e à irmã.
40. Dorothy Seymour, diário manuscrito, 4 de fevereiro (NE) 1917, IWM.
41. Ibid.
42. Ver *Dnevniki* I, pp. 134, 139; Savchenko, *Russkaya devushka*, p. 43.
43. Alexander, *Once a Grand Duke*, pp. 282-3.
44. *Dnevniki* I, p. 166.
45. Ibid., p. 171; ASM, p. 241.
46. Ver <www.alexanderpalace.org/palace/mdiaries.html>.
47. WC, p. 691.
48. Zinaida Gippius, *Sinyaya kniga: Peterburgskiy dnevnik 1914-1918* (Belgrado: Radenkovicha, 1929), p. 39.
49. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 190.
50. WC, p. 692; ver também Dorr, *Inside the Russian Revolution*, pp. 129-30.
51. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 251.
52. WC, pp. 694, 695.
53. Naryshkina, *Under Three Tsars*, pp. 217, 212.
54. NZ 182, p. 211; ver também pp. 210-12, *Dnevniki* I, p. 193.
55. *Dnevniki* I, p. 200; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 267.
56. Zeepvat, "Valet's Story", p. 329.
57. *Dnevniki* I, p. 206.
58. Buchanan, *Ambassador's Daughter*, p. 146.
59. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 155.
60. Ibid., p. 152; ver também Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 254, com referência à noite de 28 de fevereiro.
61. NZ 182, p. 213.
62. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 156.
63. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 255. Ver também *Dnevniki* I, p. 223; Galushkin, *Sobstevennyi ego... konvoy*, p. 262.
64. Ibid., p. 265. Para um relato valioso da Escolta do Tsar no Palácio de Alexandre durante os primeiros dias da revolução e do papel-chave de Víktor Zborórvski nesse período, ver ibid., pp. 262-80.
65. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 184.
66. Ibid., pp. 151-2.
67. Ibid., pp. 157-8.
68. Ibid., p. 158.
69. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 232.
70. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 254; Benkendorf, *Last Days*, pp. 6-7.
71. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 160; WC, p. 698.
72. WC, p. 700.
73. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 253.
74. *Dnevniki* I, p. 253.
75. Ibid., pp. 254, 266.
76. Paul Grabbe, *Windows on the River Neva* (Nova York: Pomerica Press, 1977), p. 123.
77. Carta a Nicolau, 3 de março, disponível em <www.alexanderpalace.org/palace/mdiaries.html>.
78. Ibid.; Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 164; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 251.
79. *Dnevniki* I, p. 258.
80. *Fall*, p. 138.
81. *Dnevniki* I, p. 259; P. Savchenko, *Gosudarynya imperatritsa Aleksandra Feodorovna* (Belgrado: Nobel

Press, 1939), p. 91.
82. WC, p. 701.
83. *Dnevniki* I, p. 290.
84. Ibid., p. 293.
85. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 262.
86. Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, p. 274.
87. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 166.
88. Vyrubova, *Memories*, p. 338.
89. Ibid.
90. Markov, citado em *Dnevniki* I, p. 309.
91. Markov, *Pokinutaya Tsarskaya Semya*, pp. 93, 95-7; ver também Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 170; *Dnevniki* I, pp. 309-10.
92. Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, p. 276.
93. Ibid.
94. Ibid.
95. Penny Wilson, "The Memoirs of Princess Helena of Serbia", *Atlantis Magazine* 1, n. 3, 1999, p. 84.
96. NZ 182, p. 215.
97. Ktorova, *Minuvshee*, p. 96. O marido de Lili, Charles, um tenente na Equipagem de Guardas, estava em missão militar para a Inglaterra quando a revolução eclodiu.
98. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 333.
99. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 174. Alexandra menciona a destruição de seus documentos em seu diário, 8 de março, embora Lili se lembre de o processo ter começado em 7 de março. Ver *Dnevniki* I, pp. 340, 366, 378, 382 etc.
100. Dehn, *Real Tsaritsa*, pp. 173-4, 176. Cerca de 1700 cartas e telegramas trocados entre Nicolau e Alexandra durante os anos da guerra, portanto, sobreviveram e estão preservados no GARF, Moscou. Ver a introdução de Fuhrmann para WC, pp. 8-11.
101. Dehn, *Real Tsaristsa*, p. 178.
102. Ibid., pp. 174, 184.
103. *Fall*, p. 42.
104. Benkendorf, *Last Days*, p. 8; *Fall*, p. 114.
105. *Fall*, p. 114.
106. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 352.
107. Botkin, *Real Romanovs*, pp. 141, 142. Um dos que pareceu desertar a família nessa época foi seu antigo amigo próximo, Nikolai Sáblin, que passou grande parte da vida no exílio, nos Estados Unidos, tentando justificar por que não foi com a família para Tobolsk. Em conversa com Roman Gul em Paris, pouco antes de sua morte, em 1937, Sáblin insistiu diversas vezes em que "o imperador, por intermédio de [almirante] Nilov, informara que eu agira corretamente não indo com eles". Não obstante, Sáblin pareceu viver assombrado pelo fato, como Gul notou, e foi severamente criticado por muitos em círculos monarquistas de emigrados que lhe diziam que "seu lugar era ficar com a família imperial até o fim". O general e conde Iliá Tatíschev, que voluntariamente foi para Tobolsk no lugar de Sáblin, foi fuzilado com a família imperial em Ecaterimburgo em 1918. Ver Roman Gul, "S Tsarskoy semi na 'Shtandarte'", cirílico, Amherst Center for Russian Culture. Ver também Radzinsky, *Last Tsar*, p. 189.
108. Ibid.
109. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 183.
110. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 270.
111. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 183.
112. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 215.
113. Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, pp. 279, 280.
114. Ibid., p. 279.
115. Ibid., p. 280.

116. Benkendorf, *Last Days*, p. 17; Gilliard, *Thirteen Years*, p. 165.
117. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 185.

DEZOITO — ADEUS. NÃO SE ESQUEÇA DE MIM

1. *Dnevniki* I, p. 367.
2. Botkina, *Vospominaniya*, p. 63; *Dnevniki* I, p. 370.
3. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 189.
4. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 220.
5. Long, *Russian Revolution Aspects*, p. 13.
6. Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 132.
7. *Dnevniki* I, p. 378; ver também *The Times*, 22 de março de 1917 (NE).
8. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 1297; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 262-3.
9. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 274.
10. Uma história tentadora corre até hoje, sugerindo que o pensamento de remover as crianças para um local seguro ocorrera a Alexandra mesmo antes dessa época, talvez no fim de 1916. Uma carta nos arquivos do Royal Navy Submarine Museum, em Gosport, descreve como um empresário inglês, Frank Best, que possuía uma grande empresa de madeira no Báltico, em Riga e Libau, e que exportou madeira via Archangel durante a Primeira Guerra Mundial, foi convocado para uma reunião secreta na embaixada britânica em algum momento no fim de 1916. Ali encontrou-se com a tsarina e outros, que discutiram a possibilidade de disponibilizar sua serraria para abrigar os filhos dos Romanov em segredo até que pudessem ser recolhidos por um navio da Royal Navy e levados à Inglaterra. Best de bom grado concordou, e como símbolo de sua gratidão a tsarina lhe deu um ícone de são Nicolau, o santo padroeiro das crianças. Infelizmente, nenhuma evidência jamais foi encontrada para dar sustentação a essa história a não ser uma carta escrita retrospectivamente em 1978, descrevendo o plano em breves palavras. O ícone, porém, existe até hoje; ele foi doado pela viúva de Best à capela do HMS *Dolphin* em 1962. Ver carta do reverendo G. V. Vaughan-James, 13 de março de 1978, Royal Navy Submarine Museum, A 1917/16/002.
11. Botkin, *Real Romanovs*, p. 140.
12. Buchanan, *Dissolution of an Empire*, p. 195.
13. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 276.
14. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 211.
15. LP, p. 567.
16. Ver Pipes, *Russian Revolution*, p. 332.
17. Citado em Ariadna Tyrkova-Williams, *From Liberty to Brest-Litovsk* (Londres: Macmillan, 1919), p. 60.
18. Citado em *Dnevniki* I, pp. 384-5.
19. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 198. Muitos anos de debate e recriminação se seguiram com relação ao fracasso em evacuar a família a tempo, com as acusações variadamente feitas contra Kerénski e seu governo, o embaixador britânico Buchanan, o primeiro-ministro Lloyd George e o próprio Jorge V. A filha de Buchanan, Meriel, mais tarde concluiu que Lloyd George aconselhara contra isso por medo de perder apoio público britânico para a Rússia como aliada em tempos de guerra. Mas o historiador Bernard Pares, uma grande autoridade na Rússia dessa época, achou que o asilo dos Romanov "não poderia ter feito a menor diferença para o exército russo, já em processo de desintegração", e que Kerénski fizera "tudo o que pôde para salvar a família imperial". Avaliando a situação em retrospecto, cem anos depois, e levando em conta as circunstâncias extremamente voláteis na Petrogrado revolucionária da primavera de 1917, parece claro que os problemas logísticos de tirar a família de um país tão imenso, pelo único meio viável — trem —, até Múrmansk ou qualquer outro ponto de saída para o mar eram virtualmente incontornáveis. No fim, o fracasso em fazê-lo foi resultado da circunstância, mais do que uma ausência de vontade. Posteriormente, antes das novas sublevações de julho, tornou-se possível uma vez mais evacuar a família, e o assunto seria

mais uma vez discutido. Para uma discussão mais completa do asilo para os Romanov, ver Rappaport, *Os últimos dias dos Romanov*, cap. 11.
20. Long, *Russian Revolution Aspects*, pp. 5, 7.
21. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 222.
22. Almedingen, *Empress Alexandra*, p. 211.
23. Kleinmikhel, *Shipwrecked World*, p. 245.
24. Ibid., p. 246; Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 183; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 284.
25. Long, *Russian Revolution Aspects*, p. 14.
26. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, pp. 434, 436, 438, 439.
27. Maria Pavlovna, *Things I Remember*, p. 305.
28. Long, *Russian Revolution Aspects*, p. 13.
29. *Dnevniki* I, p. 383.
30. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 262.
31. Ver *Dnevniki I*, pp. 398, 399; Naryshkin, *Under Three Tsars*, p. 221.
32. Citado em *Dnevniki* I, pp. 400-1.
33. Vyrubova, *Memories*, p. 221; Anôn. [Stopford], *Russian Diary*, p. 144. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 266-7.
34. *Dnevniki* I, p. 405.
35. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 211; Benkendorf, *Last Days*, p. 29.
36. Dehn, *Real Tsaritsa*, pp. 213-14; Vyrubova, *Memories*, p. 225.
37. Ibid. Lili mais tarde recebeu permissão de viajar para o sul e deixar a Rússia com Titi via Odessa. Ela conseguiu levar suas cartas e documentos para a Inglaterra, onde se reuniu com o marido. Eles tiveram mais duas filhas e viveram na Inglaterra por sete anos. Enviuvando em 1932, ela herdou uma propriedade na Polônia, mas em 1939 foi forçada a fugir outra vez. Em 1947, emigrou para a Venezuela com Titi, e acabou por se reunir a sua filha Maria. Morreu em Roma em 1963. Após ser libertada da prisão, Anna Vírubova foi confinada à prisão domiciliar na casa de sua tia em Známenskaia úlitsa, em Petrogrado. Dali foi deportada para a Finlândia, onde morreu em 1964.
38. *Dnevniki* I, p. 424.
39. A família Zboróvski tinha uma forte tradição de serviços imperiais. O pai de Víktor e Kátia, Erast Grigorevitch, fora um altamente condecorado oficial que servira muitos anos sob Alexandre III e fora também vice-comandante da Escolta. Alexandre III foi padrinho de Ksénia Zboróvskaia.
40. Galushkin, *Sobstvennyi ego... konvoy*, p. 329: “Duas enfermeiras do hospital Feódorovski, das grã-duquesas, receberam passes para ver a imperatriz. Uma delas era a irmã de Sótnik Zboróvski. Toda vez que ela voltava do palácio, trazia os cumprimentos da imperatriz e das grã-duquesas”.
41. Ibid., p. 362.
42. Almedingen, *Empress Alexandra*, pp. 209-10; ver também Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 288.
43. Benkendorf, *Last Days*, pp. 65-6.
44. Ibid., p. 65; *Dnevniki* I, pp. 430, 433.
45. Ibid., pp. 429, 434.
46. Ibid., pp. 429, 452.
47. Ver a descrição de Beliáev das cerimônias de Páscoa em *Fall*, pp. 140-6.
48. Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 145.
49. Beliáev, citado em *Dnevniki* I, p. 447; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 296.
50. *Dnevniki* I, p. 449.
51. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 226.
52. NZ 182, p. 220.
53. *Dnevniki* I, p. 451.
54. NZ 182, p. 217; *Dnevniki* I, p. 473.
55. NZ 182, p. 218; *Dnevniki* I, p. 472.
56. NZ 182, p. 218.

57. Ibid.
58. Anôn. [Stopford], *Russian Diary*, p. 145.
59. *Dnevniki* I, p. 460.
60. Ibid., p. 465.
61. NZ 182, p. 222.
62. SA, p. 584.
63. NZ 182, p. 224.
64. Carta a Kátia, 12 de abril de 1917, EEZ.
65. M. K. Diterikhs, "V svoem krugu", in Bonetskaya, *Tsarskie deti*, p. 366; Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, pp. 57-8. Ver também carta em *Dnevniki* I, p. 492.
66. *Dnevniki* I, p. 478.
67. Ibid., p. 484.
68. *Fall*, p. 148; original russo em *Dnevniki* I, p. 486.
69. Carta a Kátia, 30 de abril de 1917, EEZ.
70. Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 227.
71. De Maria para Kátia, 8-9 de junho de 1917, EEZ; ver também Anastácia para Kátia, 29 de junho de 1917, EEZ.
72. *Dnevniki* I, p. 503.
73. Ibid., p. 548.
74. Ibid., p. 518. Ver também Anastácia para Kátia, carta n. 4, 30 de maio, EEZ.
75. De Anastácia para Kátia, carta não numerada, 20 de maio de 1917, EEZ.
76. Citado em *Dnevniki* I, p. 598.
77. Carta para Kátia, n. 8, 4 de julho de 1917, EEZ.
78. Carta para Kátia, n. 11, 12 de julho de 1917, EEZ; Benkendorf, *Last Days*, p. 97.
79. Dehn, *Real Tsaritsa*, p. 233.
80. NZ 182, p. 233.
81. Carta para Aleksandr Siroboiárski, 28 de maio de 1917, Bokhanov, *Aleksandra Feodorovna*, p. 277. Essa carta é um típico exemplo das pesadas implicações religiosas de muitas das cartas de Alexandra nessa época.
82. De Anastácia para Kátia, carta de 11 de junho de 1917, EEZ.
83. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 232. Ver também *Dnevniki* I, pp. 576-7 e a carta de Tatiana para a grã-duquesa Xenia, 20 de julho, in ibid., p. 599.
84. *Fall*, p. 154.
85. Diário de Naríchkina, citado em *Dnevniki* I, p. 578.
86. *Dnevniki* I, p. 587; Kerensky, *Catastrophe*, p. 271.
87. Benkendorf, *Last Days*, p. 49; *Dnevniki* I, pp. 588-9.
88. Ibid., p. 613; ver também *Dnevniki* II, p. 11.
89. Bulygin, *Murder of the Romanovs*, pp. 119-20.
90. *Dnevniki* I, p. 591.
91. Ibid., pp. 592, 593; Long, *Russian Revolution Aspects*, p. 240.
92. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, pp. 62-3.
93. Carta de 17 de julho, citada em *Dnevniki* I, pp. 596-7.
94. Ibid., p. 606.
95. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 95; Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 228.
96. Girardin, *Précepteur*, p. 119.
97. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 306.
98. *Dnevniki* I, p. 611.
99. NZ 182, p. 235.
100. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 57, anotação para 2 de agosto.
101. Ibid.

102. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 305-6; NZ 182, p. 236.
103. Kerensky, *Catastrophe*, p. 275; Bulygin, *Murder of the Romanovs*, p. 129.
104. *Dnevniki* II, p. 8.
105. Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 137.
106. NZ 182, p. 237.
107. "Vospominaniya o Marii Fedorovne Geringere", ff. 38, 39.
108. Galitzine, *Spirit to Survive*, p. 60.
109. Richard Abraham, *Alexander Kerensky* (Londres: Sidgwick & Jackson, 1987), p. 157; Kerensky, *Catastrophe*, p. 275.
110. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 57, anotação para 2 de agosto.
111. Bykov, *Last Days of Tsardom*, p. 40; Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars*, p. 229.
112. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 63; *Dnevniki* II, p.80.
113. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 75.
114. *Dnevniki* II, p. 8.
115. NZ 182, p. 237.

DEZENOVE — NA RUA DA LIBERDADE

1. Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 139.
2. Long, *Russian Revolution Aspects*, p. 241.
3. Documentos de arquivo mostram que havia preocupação já em agosto entre as autoridades nos Urais de que o trem prosseguisse até Harbin, o plano secreto sendo o de evacuar a família para o Japão. Ver TsAGOR CCCP f. 1235 (VTsIK op.53.D.19.L.91), citado em Ioffe, *Revolyutsiya I semya Romanovykh*, p. 197.
4. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 57, anotação para 2 de agosto.
5. Ibid., p. 58.
6. Ibid., p. 59.
7. Ibid.
8. *Dnevniki* II, p. 17.
9. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 60, anotação para 4 de agosto.
10. Botkin, *Real Romanovs*, p. 155.
11. Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 140.
12. Primeiro-sargento Piotr Matvéev, "Notes and Reminiscences about Nicholas Romanov", in Sverdlovsk Archives; citado em Radzinsky, *Last Tsar*, p. 192.
13. *Dnevniki* II, p. 21.
14. Durland, *Red Reign*, p. 373; De Windt, *Russia as I Know It*, p. 121.
15. Durland, *Red Reign*, pp. 373-4; De Windt, *Russia as I Know It*, pp. 121-2.
16. Dorr, *Inside the Russian Revolution*, p. 140. Ver também Kerensky, citado em *Dnevniki* I, pp. 589-90.
17. Carta a Zinaída Tolstáia, Nepein, *Pered Rasstrelom*, p. 136.
18. Vassíli Dolgorúkov, carta para o irmão, 14 de agosto; citada em LP, p. 583.
19. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 65; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 310-11; "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, pp. 62-3.
20. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 69.
21. LP, p. 583.
22. *Dnevniki* II, pp. 29-30.
23. O júri ainda não chegou a uma conclusão quanto ao comportamento de Derevenko depois da revolução. Tendo sido extremamente bem pago e bem tratado pela família imperial, que estendeu sua generosidade a seus filhos e até a seus parentes doentes, Derevenko parece ter sido mandado embora ao ser pego furtando

pertences de Alexei. De Petrogrado ele mandou inúmeros pedidos para se reunir à família em Tobolsk (o que sugere que ainda mantinha algum grau de lealdade à família), mas nunca recebeu permissão de viajar para lá, levando a acusação de que os traíra. Acredita-se que tenha morrido de tifo em Petrogrado em 1921. Ver Zimin, *Detskii Mir*, pp. 86-8.
24. *Dnevniki* II, p. 50; ver carta de Maria de 17 de maio in Nepein, *Pered Rasstrelom*, p. 166.
25. Essa descrição foi tirada de fotos do dormitório das meninas, das quais três, tiradas de diferentes ângulos, sobreviveram. Ver por exemplo Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, pp. 84-5. Uma fotografia muito danificada enviada a Kátia Zborórvskaia pode ser encontrada em EEZ.
26. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 68.
27. *Dnevniki* II, p. 30.
28. Anastácia, carta a Kátia, n. 13, 15 de agosto, EEZ.
29. Bulygin, *Murder of the Romanovs*, p. 195; Elizabeth Zinovieff, *A Princess Remembers* (Nova York: Galitzine, 1997), p. 119.
30. Chernova, *Vernye*, p. 449; NZ 2, pp. 246, 248. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 65; Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 183. Khitrovo mais tarde escreveu seu relato sob o nome de casada: M. Erdeli, "Razyasnenie o moei poezdke v Tobolsk", *Dvuglavyi orel*, n. 30, 1922, pp. 6-11. Para uma discussão detalhada do incidente, ver Ioffe, *Revolyutsiya i semya Romanovykh*, pp. 201-7, e Chernova, *Vernye*, pp 447-53. Ver também Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, pp. 314-15.
31. Radzinsky, *Last Tsar*, p. 199.
32. *Dnevniki* II, p. 64.
33. Ver a carta de Olga para PVP: 23 de novembro, in *Dnevniki* II, p. 175.
34. Carta a Maria Feódorovna, 27 de outubro, citada em *Dnevniki* II, p. 138.
35. Memórias de Pankrátov, citadas em *Dnevniki* II, p. 75.
36. Schneider, carta a PVP, 9 de outubro de 1917, citada em *Dnevniki* II, p. 114.
37. Brewster, *Anastasia's Album*, p. 53.
38. Ver, por exemplo, *Dnevniki* II, pp. 45, 46, 52, 54, 55. Para Nicolau, ver ibid., por exemplo, pp. 54-5.
39. Ibid., p. 47.
40. Radzinsky, *Last Tsar*, p. 195.
41. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 313.
42. *Dnevniki* II, p. 72. Ver também a descrição de Tatiana em uma carta a Xenia, Nepein, *Pered Rasstrelom*, pp. 147-8.
43. Pankrátov, citado em *Dnevniki* II, p. 73.
44. Pankrátov, citado em *Fall*, p. 265.
45. Anastácia, carta a Kátia, n. 14, 20 de setembro, EEZ.
46. *Dnevniki* II, p. 80.
47. "Iz Dnevnika A. S. Demidovoi", in Kovalevskaya, *S Tsarem*, p. 670.
48. *Dnevniki* II, p. 87; *Fall*, pp. 265-6.
49. Citado em *Dnevniki* II, p. 86.
50. Citado em *Dnevniki* II, p. 106.
51. *Dnevniki* II, p. 88.
52. Vyrubova, *Memories*, p. 325.
53. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 73.
54. Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 424.
55. *Dnevniki* II, p. 148.
56. Pankrátov, citado em *Dnevniki* II, p. 142. Para um trecho traduzido das memórias de Pankrátov, ver *Fall*, pp. 259-97, embora isso nem sempre bata com os trechos russos originais citados em *Dnevniki*.
57. Gibbes, memórias em cirílico, sem título, Bodleian, f. 8.
58. Ibid., f. 12.
59. Pankrátov, citado em *Dnevniki* II, pp. 160-1.
60. Anastácia, carta a Kátia, n. 16, 8 de outubro, EEZ.

61. Citado em *Dnevniki* II, p. 112.
62. Ibid., p. 128.
63. Ibid., p. 129.
64. Ibid., p. 148.
65. Citado em *Fall*, pp. 199-200.
66. *Dnevniki* II, p. 139.
67. Citado em ibid., p. 138.
68. Ibid., p. 139.
69. Ibid., pp. 163, 168.

VINTE — GRAÇAS A DEUS CONTINUAMOS NA RÚSSIA E ESTAMOS TODOS JUNTOS

1. *Dnevniki* II, p. 150. Ver também a carta de Nicolau para Xenia, 9 de novembro, ibid., p. 159.
2. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 72; *Dnevniki* II, p. 159.
3. *Fall*, p. 201.
4. *Dnevniki* II, p. 161.
5. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 243.
6. Bowra, *Memories*, p. 66.
7. *Dnevniki* II, p. 164.
8. Anastácia, carta para Kátia, 14 de novembro, EEZ.
9. Ibid., 21 de novembro, EEZ.
10. Citado em *Dnevniki* II, p. 176.
11. Ibid., p. 85.
12. Nepein, *Pered Rasstrelom*, p. 163.
13. Ibid., p. 126.
14. Ibid., p. 158.
15. Citado em *Dnevniki* II, p. 183.
16. Ibid., p. 197.
17. Vyrubova, *Memories*, p. 242.
18. Carta a Zinaída Tolstáia, 10 de dezembro, citada em *Dnevniki* II, p. 199; Anastácia, carta a Kátia, n. 22, 10 de dezembro, EEZ.
19. Ver *Dnevniki* II, p. 193-4. Outras peças viriam no Ano-Novo em 14, 21, 28 de janeiro, 4, 11, 18 e 25 de fevereiro (VE). Ver Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, pp. 78-83.
20. *Dnevniki* II, p. 199.
21. Buxhoeveden, *Left Behind*, p. 29.
22. Vyrubova, *Memories*, p. 249.
23. *Fall*, p. 211; Vyrubova, *Memories*, p. 318.
24. Ibid., p. 313; *Fall*, pp. 213-14.
25. Ver *Dnevniki* II, p. 216; Buxhoeveden, *Left Behind*, pp. 23-4.
26. *Dnevniki* II, p. 217.
27. Nepein, *Pered Rasstrelom*, p. 121.
28. *Dnevniki* II, p. 224.
29. Carta a PVP, 27 de dezembro, *Dnevniki* II, p. 218.
30. Anastácia, carta a Kátia, 5 de dezembro, EEZ.
31. Buxhoeveden, *Left Behind*, p. 29.
32. Citado em *Dnevniki* II, p. 224.
33. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 128.

34. Botkin, *Real Romanovs*, pp. 178-9.
35. *Dnevniki* II, p. 230.
36. Ibid.; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 313.
37. Harry de Windt, “Ex Czar’s Place of Exile: A Picture of Tobolsk”, reproduzido de *Manchester Guardian* in *Poverty Bay Herald*, 6 de fevereiro de 1918.
38. Ver o diário de Alexei, in Eugénie de Grèce, *Le Tsarévitch*, p. 207; diário de Hendrikova citado em Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 226. Massie, *Last Diary*, p. 21, confirma que Anastácia de fato contraiu sarampo, embora algumas fontes o neguem. Isso também é confirmado numa carta a Kátia, n. 25, 19 de janeiro de 1918, EEZ.
39. Alexandra, carta a Anna Vyrubova, *Memories*, p. 327.
40. Carta, 26 de janeiro de 1918, EEZ.
41. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 253.
42. Para o frio nesse inverno, ver carta de Anastácia para Anna Vírubova, 23 de janeiro de 1918, in Vyrubova, *Memories*, p. 327; Olga, carta a Rita Khitrovo, 21 de janeiro de 1918, in Nepein, *Pered Rasstrelom*, p. 129; Nicolau, anotações de diário para 17-23 janeiro, *Dnevniki* II, pp. 258-65.
43. Ver carta de Anastácia para Kátia, 26 de janeiro, EEZ; Nepein, *Pered Rassrelom*, p. 129.
44. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 253. Nicholas [Gibbes], “Ten Years”, p. 12.
45. Ibid. Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 322.
46. Botkin, *Real Romanovs*, pp. 178-9.
47. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 245.
48. Bitner in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, pp. 422-3.
49. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 73.
50. Bitner in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 423.
51. Ver, por exemplo, carta a Zinaída Tolstáia, 14 de janeiro de 1918, Coutau-Begari, p. 35, e para Valentina Tchebotariova, 12 de janeiro de 1918, in Alferev, *Pisma iz zatocheniya*, p. 200.
52. *Pravoslavnaya zhizn* de julho de 1968, n. 7 pp. 3-4. A proveniência desse trecho é confirmada nas memórias não publicadas da princesa Varvara Dolgorouki, *Gone For Ever: Some Pages from My Life in Russia, 1885-1919* (Hoover Institution Archives, TS f. 82). Bekhtéev foi exilado em 1920 e se estabeleceu primeiro na Sérvia e depois em Nice, onde a existência dessa carta e do poema que Bekhtéev escreveu baseado nela se tornou conhecida em círculos de emigrados russos. Ver também Chernova, *Vernye*, pp. 476-7.
53. Citado em Titov, “OTMA”, p. 36.
54. Bitner, citado em Ross, *Gibel tsarskoy semi*, pp. 423-4.
55. Ibid.
56. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 74.
57. Botkin, *Real Romanovs*, p. 179.
58. Ibid., p. 180.
59. Ibid., p. 179.
60. Carta n. 25 para Kátia, 19 de janeiro; carta n. 24, 24 de janeiro, EEZ.
61. Botkin, *Real Romanovs*, pp. 179, 180.
62. Lista 1 (14), livros de Tobolsk, Sydney Gibbes Papers; Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, pp. 82-3.
63. Ibid., p. 74; LD, p. 41.
64. Depoimento de Bitner in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 424.
65. LD, p. 17.
66. Para Alexei, ver o diário de Alexandra para 26 e 30 de janeiro, in ibid., pp. 32, 36.
67. Citado em *Dnevniki* II, p. 252.
68. Citado em ibid., p. 267.
69. Ibid., p. 268.
70. LD, p. 38.
71. *Dnevniki* II, p. 292.

72. Carta a Zinaída Tolstáia, 6 de janeiro de 1918, Coutau-Begari, p. 35.
73. Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 196; Gilliard, *Thirteen Years*, p. 255.
74. Declaração de Kobilínski in Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 197.
75. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 255. Para as economias da família, ver *Dnevniki* II, pp. 296-8.
76. LP, p. 609.
77. *Dnevniki* II, p. 312.
78. Ibid., p. 332.
79. Vyrubova, *Memories*, p. 337; Coutau-Begari, p. 35.
80. Dehn, *Real Tsaritsa*, pp. 244, 246.
81. *Dnevniki* II, p. 325.
82. Citado em LD p. 72.
83. *Dnevniki* II, p. 328.
84. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 256.
85. *Dnevniki* II, pp. 327-8.

VINTE E UM — ELES SABIAM QUE ERA O FIM QUANDO EU ESTAVA COM ELES

1. *Dnevniki* II, p. 316.
2. Ibid., p. 336.
3. Botkin, *Real Romanovs*, p. 192.
4. Buxhoeveden, *Left Behind*, pp. 68-9.
5. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 256.
6. Vyrubova, *Memories*, p. 341.
7. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 95; Buxhoeveden, *Left Behind*, p. 49.
8. Vyrubova, *Memories*, p. 338.
9. Declaração de Vólkov in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 450.
10. Vyrubova, *Memories*, p. 338.
11. LD, p. 102.
12. Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 200.
13. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, pp. 95-6.
14. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 259.
15. *Dnevniki* II, p. 368.
16. *Fall*, p. 238.
17. Ross, *Gibel' tsarskoy semi*, p. 412.
18. Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 250.
19. LD, p. 108.
20. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 106; Botkin, *Real Romanovs*, p. 194.
21. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 262; Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 98.
22. "British Abbot who was Friend of Murdered Czar", *Singapore Free Press*, 20 de março de 1936. Agora padre Nicholas, Gibbes foi entrevistado quando passava por Cingapura a caminho da Terra Santa. Nicholas [Gibbes], "Ten Years", pp. 13-14.
23. *Dnevniki* II, p. 374.
24. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 98; Buxhoeveden, *Life and Tragedy*, p. 331.
25. Nicholas [Gibbes], "Ten Years", p. 14; Bulygin, *Murder of the Romanovs*, p. 209; declaração de Kobilínski in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 304.
26. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 98.
27. Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 104.

28. Zeepvat, “Valet’s Story”, p. 332.
29. Declaração in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 304.
30. Declaração de Bitner in ibid., p. 423.
31. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 100.
32. Ibid., p. 130; Melnik-Botkina, *Vospominaniya*, p. 108.
33. Gibbes, memórias em cirílico, f. 12.
34. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 263.
35. Tschebotarioff, *Russia My Native Land*, p. 197.
36. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 263.
37. Vyrubova, *Memories*, p. 342.
38. Carta de Olga, 28 de abril a 5 de maio de 1918, Wilson, “Separation and Uncertainty”, n. 25, p. 4. As cartas cobrindo abril-maio de 1918 traduzidas para o inglês nessa série de artigos (n. 25-8) são tiradas das versões francesas do original russo no *Journal Intime de Nicolas* II, 1934, e Eugénie de Grèce, *Le Tsarévitch: enfant martyr.* As traduções são, portanto, em terceira mão, já que as fontes manuscritas russas originais, se sobreviveram, ainda não foram disponibilizadas.
39. Ibid., p. 5.
40. Ibid.
41. Ver <www.tzar-nikolai.orthodoxy.ru/n2/pism/12.htm#9>.
42. Wilson, “Separation and Uncertainty”, n. 26, p. 41.
43. Ibid., n. 27, p. 82.
44. Ibid., p. 83.
45. Ibid., p. 84.
46. Citado em *Dnevniki* II, p. 417.
47. Wilson, “Separation and Uncertainty”, n. 28, p. 114.
48. Ibid., p. 115.
49. Maria, cartão-postal a Ella, citado em *Dnevniki* II, p. 430.
50. *Dnevniki* II, pp. 425-6. Observe-se que transcrições dessa carta amplamente citada variam e algumas traduções baseadas nelas (por exemplo, *Fall*, pp. 301-2) contêm possivelmente erros.
51. Ibid., p. 426.
52. Bulygin, *Murder of the Romanovs*, p. 228.
53. Ibid., p. 229.
54. Wilton e Telberg, *Last Days of the Romanovs*, p. 213.
55. Wilson, “Separation and Uncertainty”, n. 28, p. 114.
56. Bulygin, *Murder of the Romanovs*, p. 230; Botkin, *Real Romanovs*, p. 207.
57. Ibid., p. 208.
58. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, pp. 101-2.
59. Buchanan, *Queen Victoria’s Relations*, p. 231.
60. Buxhoeveden, *Left Behind*, pp. 68-9.
61. Ibid., p. 71.
62. Bulygin, *Murder of the Romanovs*, p. 230; Nicholas [Gibbes], “Ten Years”, p. 14.
63. Rodiónov permaneceu em Ecaterimburgo para ajudar a organizar a guarda na Casa Ipátiev. Segundo Plótnikov, *Gibel tsarskoy semi*, pp. 195, 475-6, a maioria dos 72 homens da escolta para Ecaterimburgo eram tchekistas letões. Rodiónov passou a trabalhar para o NKVD na década de 1930.
64. Buxhoeveden, *Left Behind*, p. 73.
65. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 269.
66. Speranski, “*La Maison*”, pp. 158-9.
67. Ibid., pp. 159-60, 161.
68. Ibid., p. 161.
69. Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, p. 104; Nicholas [Gibbes], “Ten Years”, p. 14.

1. *Dnevniki* II, p. 438.
2. Ibid.
3. LD, p. 157.
4. *Dnevniki* II, p. 427.
5. Ibid., p. 458.
6. Citado em ibid., p. 456.
7. LD, p. 137.
8. Ibid., p. 151.
9. *Dnevniki* II, p. 487.
10. *Dnevniki*, p. 475.
11. LD, p. 159; *Dnevniki* II, p. 465.
12. LD, p. 194.
13. *Dnevniki*, p. 469; LD, p. 163.
14. Ver LD, 27 de maio, 10 de junho, pp. 148, 162.
15. Ibid., pp. 169, 170; *Dnevniki* II, p. 479.
16. Ibid., p. 490; LD, p. 175.
17. Depoimento de Aleksander Strekótin in Zhuk, *Ispoved tsareubiits*, p. 450; depoimento de Aleksei Kabánov in ibid., p. 129; ver também p. 144.
18. Speranski, "*La Maison*", p. 164.
19. Depoimento de Aleksander Strekótin in Zhuk, *Ispoved tsareubiits*, p. 446 e uma variante disso na 450.
20. *Dnevniki* II, p. 497.
21. LD, p. 175.
22. "The 90th Birthday of A. E. Portnoff", disponível em <www.holyres.org/en/?p=223>.
23. Peter Hudd (Hudiakovsky), reminiscências gravadas, University of Illinois at Springfield Archives, disponível em <www.uis.edu/archives/memoirs/HUDD.pdf>.
24. Shoumatoff, *Russian Blood*, p. 142.
25. Peter Hudd (Hudiakovsky), reminiscências gravadas, University of Illinois at Springfield Archives, disponível em <www.uis.edu/archives/memoirs/HUDD.pdf>.
26. Ibid.
27. Depoimento de Storozhev in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, p. 98.
28. Ibid., p. 100; Shoumatoff, *Russian Blood*, p. 142.
29. "Kak eto bylo", *Tientsin Evening Journal*, edição russa, 17 de julho de 1948, primeira página.
30. Speranski, "*La Maison*", p. 119. Ver também a declaração de Starodumova in Ross, *Gibel tsarskoy semi*, pp. 81-2.
31. Speranksi, "*La Maison*", p. 120.
32. Declaração de Pavel Medvedev in Radzinsky, *Last Tsar*, p. 336.
33. Shoumatoff, *Russian Blood*, p. 142.
34. Catálogo da Christie's, 29 de novembro de 2012, lote 116. Cartão enviado de Tobolsk, 29 de março de 1918.

1. *Dnevniki* II, p. 572.
2. Ver Aleksei Volkov, *Souvenirs d'Alexis Volkov* (Paris: Payot, 1928); trechos traduzidos para o inglês podem ser encontrados em Zeepvat, "Valet's Story".

3. O diário de Demídova pode ser encontrado em GARF, f. 601. Op. 1. D. 211. Ele foi publicado em Munique em *Veche. Nezavisimyi ruskii almanakh*, 1989, n. 36, pp. 182-92. Para o destino da memorabilia dos Romanov, ver <www.ogoniok.com/archive/1916/4461/ 30-40-42>.
4. Para as experiências de Gibbes, Gilliard e Buxhoeveden após se separarem da família Romanov, ver Trewin, *Tutor to the Tsarevitch*, Gilliard, *Thirteen Years*, e Buxhoeveden, *Left Behind.*
5. Gilliard, *Thirteen Years*, p. 274. Gibbes levou o candelabro de vidro consigo quando voltou para a Inglaterra. Ele permaneceu por um tempo em sua capela em Oxford e então foi levado com o resto da coleção de memorabilia dos Romanov que Gibbes mantinha para Luton Hoo, até essa casa de campo ser vendida e transformada em hotel. O atual paradeiro da peça é incerto.
6. Ver Buxhoeveden, *Before the Storm*, *Life and Tragedy* e *Left Behind.*
7. Shoumatoff, *Russian Blood*, p. 142.
8. Emigrando em Harbin, Anatóli Portnoff (ver nota 22, cap. 22) cantou no coro do padre Stórojev. Informação particular.
9. Informação particular.
10. Ver <rt.com/news/members-of-russia-s-royal-family-rehabilitated>.

Bibliografia

Arquivos

Alexandra Feodorovna, memórias [em francês], Mariia Aleksandrovna Vasil'chikova Papers, Bakhmeteff Archive, Columbia University.

Alexandra de Hesse, princesa, cartas à rainha Vitória, Royal Archives.

Barbara Dolgorouky, princesa, memórias (*Gone For Ever: Some Pages from My Life in Russia, 1885-1919*), Hoover Institution Archives.

Bosanquet, Dorothy, cartas de Tsárskoe Seló, Bosanquet Family Papers, Leeds University Library, GB 206 MS 1456/182-4.

Buchanan, Meriel, diários 1910-17 e recortes de jornal, Buchanan Collection, Bu B 6, Nottingham University Library.

Elizaveta Feodorovna, grã-duquesa, cartas à rainha Vitória, Royal Archives.

Família imperial, documentos relativos à visita a Balmoral (1896) e Cowes (1909), Royal Archives.

Pocock, L. C., diário de Petrogrado 1916-17, ref. da caixa: 85/28/1, Imperial War Museum.

Ryabinin, A., "Tsarskaya Semya v Krymu osen 1913 goda", "Zhizn' i Tsarstvovanie Imperatora Nikolaya II: Sbornik", in Tarsaidze Papers, parte 2, Hoover Institution Archives.

Sablin, Nikolay Pavlovitch, "S tsarskoy semei na 'shtandarte'", TS, Roman Gul' Archive, Amherst Center for Russian Culture, Massachusetts.

Seymour, Dorothy, diário manuscrito, Petrogrado 1916-17, ref. da caixa: 95/28/1, catálogo n. 3210, Imperial War Museum.

Tyan-Shansky, N. D. Semonov, "Tsarstvennyya Deti", in "Zhizn' i Tsarstvovanie Imperatora Nikolaya II: Sbornik", parte I, TS, Tarsaidze Papers, Hoover Institution Archives.

"Vospominaniya o Marii Fedorovne Geringere", manuscrito in Mariia Vasil'evna Fedchenko, Papers, Bakhmeteff Archive, Columbia University.

Zborovskaia, Ekaterina Erastovna, cartas, 1917-18, coleção n. 2000C3, Hoover Institution Archives.

Revistas e jornais

Anglo-Russian, The

Atlantis Magazine
Cassell's Magazine
Cosmopolitan
Current Literature
Current Opinion
Daily Mirror
European Royal History Journal
Girl's Own Paper
Girls' Realm
Harper's Weekly
Illustrated London News
Ladies' Home Journal
Letopis' voiny, 1913-18
Literary Digest
Littell's Living Age
McClure's Magazine
Munsey's Magazine
New York Times
Niva
Novi Jurnal
Nóvoe Vrémia
Ogoniok
Outlook
Pearson's Magazine
Penny Illustrated Paper
Quiver
Review of Reviews (edição britânica)
Royalty Digest
Rússkoe Slovo
Scribner's Magazine
Stolitsa i usad'ba, 1913-18
Strand Magazine
Washington Post
Westminster Review
World's Work
Young Woman
Youth's Companion

Jornais digitais e arquivos históricos

Alexander Palace Time Machine
Newspaperarchive.com
19th-century UK Periodicals, British Library
19th-century Newspapers, British Library
New York Times Digital Archive
Papers Past, Nova Zelândia
Proquest British Periodicals

Proquest Periodicals Archive
Proquest Periodicals Index
Royal Russia News Archive
The Times Digital Archive
Trove Digitised Newspapers
Washington Post Digital Archive

Fontes primárias

1. Cartas e diários da família Romanov

Na contínua ausência de edições coligidas completas, cartas e diários de OTMA estão espalhados por uma ampla gama de fontes.

ALFEREV, E. E. *Pisma svyatykh tsarstvennykh muchenikov iz zatocheniya*. São Petersburgo: Spaso-Preobrazhenskogo Valaamskogo Monastyrya, 1998, 3. ed. revista e ampliada.

BAKER, Raegan (org.). *1913 Diary of Grand Duchess Olga Nikolaievna*, trad. Marina Petrov. Ontario: Gilbert's Royal Books, 2008.

BING, Edward J. *The Secret Letters of the Last Tsar: Being the Confidential Correspondence between Tsar Nicholas* II *and the Dowager Empress Marie*. Nova York: Longmans, Green & Co., 1938.

BOKHANOV, Alexander. *Aleksandra Feodorovna*. Moscou: Veche, 2008 [cartas escritas entre março de 1917 e abril de 1918, pp. 276-352].

BOKHANOV, Alexander et al. *The Romanovs: Love, Power and Tragedy*. Londres: Leppi Publications, 1993.

BONETSKAYA, N. K. *Tsarskie deti*. Moscou: Izdatelstvo Sretenskogog Monastyrya, 2004.

BREWSTER, Hugh. *Anastasia's Album*. Londres: Little Brown, 1996.

COUTAU-BEGARI, Olivier. Catálogo de venda [em francês], 14 de novembro de 2007 [cartas autografadas de Alexandra, Olga, Maria e Tatiana enviadas de Tobolsk de outubro de 1917 a maio de 1918], disponíveis em <tinyurl.com/culcvbq>.

DE GRÈCE, Eugénie. *Le Tsarévitch, enfant martyre*. Paris: Perrin, 1990 [cartas e diários de Alexei entre 1916-18; cartas de OTMA 1918].

FJELLMAN, Margit. *Louise Mountbatten, Queen of Sweden*. Londres: Allen & Unwin, 1968 [Apêndice: Cartas da família imperial russa, pp. 222-8].

FOMAN, S. V. *Skorbnyi angel; tsaritsa-muchenitsa Alexandra Feodorovna, novaya v pismakh, dnevnikakh i vospominaniyakh*. Moscou: S. F. Fomin, 2005.

FUHRMAN, Joseph T. (org.). *The Complete Wartime Correspondence of Tsar Nicholas II and the Empress Alexandra, April 1914-March 1917*. Westport: Greenwood Press, 1999.

GALUSHKIN, N. V. *Sobstvennyi ego imperatorskogo velichestva konvoy*. Moscou: Tsentrpoligraf, 2008.

GONCHARENKO, Oleg. *Pisma tsarskoy semi iz zatocheniya*, nova ed. Moscou: Veche, 2013.

KHRUSTALEV, V. M. (org.). *Dnevniki Nikolaya II i Imperatritsy Aleksandry Fedorovny, 1917-1918*, 2 vols., Moscou: Vagrius, 2008.

KONSTANTÍNOVITCH, Ioann. Grão-duque, cartas a sua família, in *Rossisskii arkhiv: Istoriya otechestva v svidetelstvakh i dokumentakh*. Moscou: Studiya TRITE, vol. XV, 2007, pp. 392, 419-20, 435-6.

KLEINPENNING, Petra H. (org.). *The Correspondence of the Empress Alexandra of Russia with*

Ernst Ludwig and Eleonore, Grand Duke and Duchess of Hesse, 1878-1916. Norderstedt: Herstellung und Verlag, 2010.
KORSHUNOVA, T. V. et al. *Pisma prepodobnomuchenitsy velikoi knyagini Elizavety Feodorovny*. Moscou: Pravoslavnoe Sestrichestvo vo Imya Prepodobnomuchenitsy, 2011.
KOZLOV, V. A.; KHRUSTALEV, V. M. *The Last Diary of Tsaritsa Alexandra*, introd. Robert K. Massie. Londres: Yale University Press, 1997.
KUDRINA, Yu V. *Imperatritsa Mariya Feodorovna: Dnevniki, pisma, vospominaniya*. Moscou: Olma-Press, 2001.
KUHNT, Lotte Hoffmann. *Briefe der Zarin von Russland an ihre Jugendfreundin Toni Becker* (1887-94). Norderstedt: Herstellung und Verlag, 2009.
KULIKOVSKY, Paul et al. *25 Chapters of My Life*. Forres: Librario Publishing, 2009.
LICHNEVSKY, M. *Lettres des Grands Ducs à Nicholas*. Paris: Payot, 1926.
MALIYUTIN, A. Yu. *Tsesarevitch: Dokumenty, vospominaniya, fotografii*. Moscou: Vagrius, 1998.
MANDACHE, Diana. *Dearest Missy*. Falkopin: Rosvall Royal Books, 2010.
MAYLUNAS, Andrei; MIRONENKO, Sergei. *A Lifelong Passion: Nicholas and Alexandra, Their Own Story*. Nova York: Doubleday, 1997.
MCLEES, Nectaria. *Divnyi svet*. Moscou: Palomnik, 1998.
MIRONENKO, S. V. (org.). *Dnevniki imperatora Nikolaya II 1894-1918*, vol. 1, *1894-1904*. Moscou: ROSSPEN, 2011.
NEPEIN, Igor. *Pered rasstrelom: Poslednie pisma tsarskoi semi... 1917-18*. Omsk: Knizhnoe Isdatelstvo, 1992.
ROMANOVA, Nikolaya [Nicolau II]. *Dnevnik Nikolaya Romanova* [1913-18]. Moscou: Zakharov, 2007.
SPRETI, Heinrich Graf von (org.). *Alix an Gretchen, Breife der Zarin Alexandra Feodorovna an Freilin Margarethe v. Fabrice aus den Jahren 1891-1914*. Alemanha: impressão particular, 2002.
STEINBERG, Mark D.; KHRUSTALEV, Vladimir M. *The Fall of the Romanovs*. Londres: Yale University Press, 1995.
SYROBOYARSKY, general A. V. *Skorbnaya pamyatka, 1918-17 July-1928*. Nova York: impressão particular, 1928.
TSCHEBOTARIOFF, Gregory P. *Russia My Native Land*. Nova York: McGraw Hill, 1964 [cartas de Olga e Tatiana].
WILSON, rev. Terence A. MacLean. “Separation and Uncertainty” — trechos traduzidos do *Journal Intime de Nicolas*, 1934, vol. II, e cartas da família imperial no exílio (da princesa Eugénie da Grécia e Dinamarca, *Le Tsarévitch*), cobrindo abril-maio de 1918, in *Royalty Digest: A Journal of Record* 3, n.25, 26, 27, 28, junho-outubro, 1993.
ZVEREVA, Nina. *Avgusteishie sestry miloserdiya*. Moscou: Veche, 2006.

2. Memórias, diários, cartas e biografias relativas às cortes britânica e russa

ALMEDINGEN, E. M. *The Empress Alexandra 1872-1918*. Londres: Hutchinson, 1961.
BARIATINSKY, princesa Anatole Marie. *My Russian Life*. Londres: Hutchinson, 1923.
BENKENDORFF, Pavel Konstantínovitch. *Last Days at Tsarskoe Selo.* Londres: Heinemann, 1927.
BOGDANOVITCH, A. V. *Tri poslednykh samoderzhtsa*. Moscou: Novosti, 1990.
BOTKIN, Gleb, *The Real Romanovs*. Londres: Putnam, 1932.
BUCHANAN, Sir George. *My Mission to Russia*, vol. 1. Londres: Cassell, 1923.
BUCHANAN, Meriel. *Diplomacy and Foreign Courts.* Londres: Hutchinson, 1928.

_____. *The Dissolution of an Empire*. Londres: John Murray, 1932.
_____. "The Grand Duchess Olga Nicholaievna", in *Queen Victoria's Relations*. Londres: Cassell, 1954.
_____. *Ambassador's Daughter*. Londres: Cassell, 1958.
BULYGIN, capitão Paul. *The Murder of the Romanovs*. Londres: Hutchinson, 1935.
BUXHOEVEDEN, baronesa Sophie. *The Life and Tragedy of Alexandra Fyodorovna*. Londres: Longmans, Green, 1928.
_____. *Left Behind: Fourteen Months in Russia During the Revolution*. Londres: Longmans, Green, 1929.
BUXHOEVEDEN, baronesa Sophie. *Before the Storm.* Londres: Macmillan, 1938.
CASPER, Rebecca Insley. *Intimacies of Court and Society: An Unconventional Narrative of Unofficial Days by the Widow of an American Diplomat*. Nova York: Dodd Mead, 1912. [A primeira edição desse livro foi publicada de maneira anônima].
CHEBOTAREVA, Valentina. "V dvortsovom lazarete v Tsarskom Sele: Dnevnik 14 Iyuliya 1915-5 Yanuarya 1918", in *Novyi Zhurnal* 181, 1990, pp. 173-243 e 182, 1990, pp. 202-72.
COLLIER, Mary. *A Victorian Diarist: Extracts from the Journals of Mary, Lady Monkswell*. Londres: John Murray, 1944.
DEHN, Lili. *The Real Tsaritsa*. Londres: Thornton Butterworth, 1922.
DEMIDOVA, Anna."Iz dnevnika A. S. Demidovoi", in O. T. Kovalevskaya, *S tsarem i za tsarya: Muchenicheskii venets tsarskikh slug*. Moscou: Russkii Khronograf, 2008, pp. 56-70.
DE STOECKL, Agnes. *Not All Vanity*. Londres: John Murray, 1951.
_____. *My Dear Marquis*. Londres: John Murray, 1952.
DUFF, David. *Hessian Tapestry*, Londres: David & Charles, 1979.
DURLAND, Kellogg. *Royal Romances of To-day*. Nova York: Duffield, 1911.
EAGAR, Margaretta. *Six Years at the Russian Court*. Bowmanville: Gilbert's Books [1906], com uma introdução de Charlotte Zeepvat, 2011.
ELTON, Renee Maud. *One Year at the Russian Court 1904-1905*. Londres: John Lane, 1918.
EULALIA, infanta da Espanha. *Court Life from Within*. Nova York: Dodd, Mead, 1915.
FABRITSKY, S. S. *Iz proshlogo: Vospminaniya fligel-adyutanta gosudarya imperatora Nikolai* II. Berlim: s.e., 1926.
FULFORD, Roger (org.). *Darling Child: Private Correspondence of Queen Victoria and the German Crown Princess, 1871-1878*. Londres: Evans Brothers, 1976.
_____. *Beloved Mama: Private Correspondence of Queen Victoria and the German Crown Princess, 1878-1885*. Londres: Evans Brothers, 1981.
GALITZINE, princesa Nicholas. *Spirit to Survive: Memoirs of Princess Nicholas Galitzine*, Londres: William Kimber, 1976.
GILLIARD, Pierre. *Thirteen Years at the Russian Court*. Londres: Hutchinson, 1921.
GIRARDIN, Daniel. *Précepteur des Romanov*. Lausanne: Actes Sud, 2005.
GRABBE, Paul; GRABBE, Beatrice (orgs.). *The Private World of the Last Tsar*. Londres: Collins, 1985.
GROMOV, A. M. *My Recollections through Fifty Years: Recollections of an Artisan Worker of the Winter Palace... 1879-1929*, org. e trad. Stephen R. de Angelis. Sunnyvale: Bookemon, 2009.
HARCAVE, Sidney (org.). *The Memoirs of Count Witte*. Nova York: M. E. Sharpe, 1990.
HIBBERT, Christopher. *Queen Victoria in Her Letters and Journals*. Londres: Viking, 1984.
HOUGH, Richard. *Louis and Victoria: The First Mountbattens*. Londres: Hutchinson, 1974.
HOUGH, Richard. *Advice to a Granddaughter: Letters from Queen Victoria to Princess Victoria of Hesse*. Londres: Heinemann, 1975.
_____. *Mountbatten: Hero of Our Time*, Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1985.
ISWOLSKY, Helene, *No Time to Grieve*, Filadélfia: Winchell, 1985.
KAMAROVSKAYA, E. *Vospominaniya*. Moscou: Zaharov, 2003.

KLEINMIKHEL, condessa. *Memories of a Shipwrecked World*. Londres: Brentano's, 1923.
KONSTANTÍNOVITCH, grão-duque Gavriil. *Memories in the Marble Palace.* Bowmanville: Gilbert's Books, 2009.
KOKOVTSOV, Graf V. N. *Iz moego proshlago: Vospominaniya 1903-1919 gg.*, 2 vols. Paris: Mouton, 1933.
KOVALEVSKAYA, O. T. *S tsarem i za tsarya: Muchenicheskii venets tsarskikh slug*. Moscou: Russkii Khronograf, 2008.
LUTYENS, Mary (org.). *Lady Lytton's Court Diary*. Londres: Rupert Hart-Davis, 1961.
MARIA, rainha da Romênia. *The Story of My Life*. Nova York: Scribner's, 1934.
MARKOV, Sergey. *Pokinutaya tsarskaya semya, 1917-18, Tsarskoe Selo-Tobolsk-Ekaterinburg*. Moscou: Palomnik, 2002.
MELNIK-BOTKINA, Tatiana. *Vospominaniya o tsarskoi seme*. Moscou: Zakharov, 2009.
MIKHAILOVITCH, Alexander (grão-duque). *Once a Grand Duke*. Nova York: Garden City Publishing, 1932.
MOSSOLOV, A. A. *At the Court of the Last Tsar*. Londres: Methuen, 1935.
NARYSHKIN-KURAKIN, Elizaveta. *Under Three Tsars.* Nova York: E. P. Dutton, 1931.
NOEL, Gerard. *Princess Alice: Queen Victoria's Forgotten Daughter*. Londres: Michael Russell, 1974.
PALÉOLOGUE, Maurice. *An Ambassador's Memoirs 1914-1917*. Londres: Hutchinson, 1973.
PAOLI, Xavier, *My Royal Clients.* Londres: Hodder & Stoughton, 1911.
PÁVLOVNA, grã-duquesa Maria. *Things I Remember*. Londres: Cassell, 1930.
POORE, Judith. *The Memoirs of Emily Loch, Discretion in Waiting*. Forres: Librario Publishing, 2007.
POPOV, K. *Vospominaniya kavkazskogo grenadera, 1914-1920*. Belgrado: Russkaya Tipografiya, 1925.
RADZIWILL, Catherine. *The Taint of the Romanovs*, Londres: Cassell, 1931.
RAMM, Agatha (org.). *Beloved & Darling Child: Last Letters Between Queen Victoria & Her Eldest Daughter 1886-1901*. Stroud: Sutton Publishing, 1990.
ROSS, Nikolay. *Gibel tsarskoy semi*. Frankfurt am. Main: Posev, 1987.
SABLIN, Nikolay. *Desyat let na imperatorskoi yakhte "Shtandart"*. São Petersburgo: Petronius, 2008.
SAZONOV, Serge. *The Fateful Years 1906-1916*. Londres: Jonathan Cape, 1928.
SPERANSKI, Valentin, "*La Maison à destination spéciale': La tragédie d'Ekaterinenbourg*. Paris: J. Ferenczi & Fils, 1929.
SPIRIDOVITCH, Alexandre. *Les Dernières années de la court de Tsarskoe Selo*. 2 vols. Paris: Payot, 1928.
SPIRIDOVITCH, Alexandre. *Last Years of the Court at Tsarskoe Selo*. Bowmanville: Gilbert's Books, 2010.
STOPFORD, Albert. *The Russian Diary of an Englishman, Petrograd, 1915-1917*. Londres: Heinemann, 1919. [A primeira edição desse livro foi publicada de maneira anônima].
TREWIN, J. C. *Tutor to the Tsarevitch: Charles Sydney Gibbes*. Londres: Macmillan, 1975.
TYUTCHEVA, Sofya. "Za neskolko let do katastrofy, Vospominaniya", disponível em <bib.rus.ec/b/327889/read>.
VASSILI, Paul. *Behind the Veil at the Russian Court*. Londres: Cassell, 1913.
VICTORIA, Helena Augusta; SELL, Karl. *Alice, Grand Duchess of Hesse*. Londres: G. P. Putnam's Sons, 1885.
VIRUBOVA [Vyrubova], Anna. *Keisarinnan Hovineiti*. Helsinki: Otava, 1987.
VOLKOV, A. A. *Okolo tsarskoy semi*. Moscou: Chastnaya Firma "Ankor", 1993.
VORRES, Ian. *The Last Grand Duchess*. Londres: Hutchinson, 1964.
VYRUBOVA, Anna. *Memories of the Russian Court*. Nova York: Macmillan, 1923.

_____. *Romanov Family Album*. Londres: Allen Lane, 1982.
W.B. [um russo], *Russian Court Memoirs, 1914-1916*, Londres: Herbert Jenkins, 1917.
WHEELER, Post; RIVES, Hallie Erminie. *Dome of Many Coloured Glass*. Nova York: Doubleday, 1955.
WORONOFF, Olga. *Upheaval*. Nova York: G. P. Putnam's, 1932.
ZEMLYACHENKO, Kalinin, Nikolay e Marina. "Taina Velikoi Knyazhny", cap. 8 de *Romanovy i Krym*. Simferopol: Biznes-Inform, pp. 237-64.
ZIMIN, Igor. *Detskiy mir imperatorskikh rezidentsii. Povsednevnaya zhizn rossiiskogo imperatorskogo dvora*. São Petersburgo: Tsentropoligraf, 2010.

3. Artigos de jornais e revistas

"Alien's Letter from England: Cowes Regatta Week", *Otago Witness*, 29 de set. 1909.
"Autocrat of the Nursery", 20 jun. 1912, e "Forming the Tsarevitch's Character", *Youth's Companion* 86, 11 jul. 1912, pp. 330, 356.
BELLOC, Marie. "Her Imperial Majesty the Czarina of Russia", *Woman at Home*, fev. 1895, pp. 427-33.
BIDDLE, Winthrop. "The Czar and His Family", *Munsey's Magazine* LI, fev. 1914, n. 1, pp. 3-5.
"Camera Bug to Czar Nicholas Photograph Album of G. N. Taube", *Life Magazine* 72, 9 jun. 1972, pp. 69-70.
CHERKASHIN, Nikolay. "Knyazhna i michman: istoriya poslednei lyubvi docheri Nikolaya II", *Rossiiskaya gazeta*, n. 3336, 1º nov. de 2003, disponível em <www.rg.ru/2003/11/01/olga.html>.
CHERNAVIN, T. "The Home of the Last Tsar", *Slavonic and East European Review* 17, 1938-9, pp. 659-67.
"The Children of the Tsar", *The Scrap-Book* 5, parte 1, jan-jun. 1908, p. 60.
"Children Without a Smile", *Washington Post*, 28 maio 1905.
"The Czar at Home", *Harper's Weekly* 48, 17 set.1904, pp. 143-5.
"The Czarina", *Canadian Magazine* 19, maio-out. de 1902, pp. 301-4.
"Daughters of Royal Houses: The Grand-Duchess Olga of Russia", *Woman's Life* 68 n. 6, 27 mar. 1897, pp. 81-2.
DEMIDOVA, Anna. "Dnevnik 1917", *Veche: nezavisimyi russkii almanakh*, Munique, 1989, n. 36, pp. 182-92.
DUBÉNSKI, major-general. "With the Tsar and Tsarevitch at the Front", *20th Century Russia and Anglo-Russian Review*, out. 1916, pp. 31-3.
EAGAR, Margaretta. "Christmas at the Court of the Tsar", *Quiver*, jan.1906, pp. 26-30.
_____. "Further Glimpses of the Tsaritsa's Little Girls", *Girl's Own Paper and Woman's Magazine* vol. XXX, 1909, pp. 366-7.
_____. "More about the Little Grand Duchesses of Russia", *Girl's Own Paper and Woman's Magazine* vol. XXX, 1909, pp. 535-5.
_____. "The Russian Court in Summer", *The Star* [Christchurch, NZ], 30 set. 1905, reproduzido de *Woman at Home*.
ERDELI, Margarita [Rita Khitrovo]. "Razyasnenie o moei poezdke v Tobolsk", *Dvuglavyi orel* 30, n. 1, 14 maio 1922, pp. 6-11.
FARSON, Daniel. "Au Pieds de l'Impératrice", *Wheeler's Review* 27, n. 3, 1983, pp. 14-18.
FOSTER FRASER, Sir John. "Side Shows in Armageddon". *Harper's Monthly*, jan.1919, pp. 264-9.
"Four Little Maids: Home Life of the Children in the Royal Family of Russia", *Delphos Daily Herald* (Ohio, EUA), 16 jul. 1901.

GELARDI, Julia P. “Carol & Olga: ‘They must decide for themselves’”, *Royalty Digest* X, n. 2, ago. 2000, pp. 50-7.
GERASCHINEVSKY, Michael Z. “The Ill-Fated Children of the Tsar”, *Scribner’s Magazine* 65, n. 2, fev. 1919, pp 158-76.
GIBBES, “Ten Years”. Ver Nicholas, reverendíssimo arquimandrita, adiante.
HALL, Coryne. “The Tsar’s Visit to Cowes”, *Royalty Digest* VI, n. 2, ago. 1996, pp. 39-42.
_____. “ ‘No Bombs, No Bandits’. Holidays in Finland”, parte 2, *Royalty Digest* 144, jun. 2003, pp. 360-5.
_____. “Why Can Other Boys Have Everything...?”, *European Royal History Journal*, jun. 2004, pp. 3-7.
_____. “The Tsar’s Floating Palace: *The Shtandart*”, *European Royal History Journal* LXXXII, ago. 2011, pp. 23-30.
HAPGOOD, Isabel. “Russia’s Czarina”, *Harper’s Bazaar* 40, fev. 1906, pp. 103-9.
HARRIS, Carolyn. “The Succession Prospects of Grand Duchess Olga Nikolaevna (1895-1918)”, *Canadian Slavonic Papers* LIV, n.1-2, mar-jun. 2012, pp. 61-84.
HELENA, princesa da Sérvia. “I Was at Ekaterinburg”. *Atlantis Magazine: In the Court of Memory* 1, n. 3, 1999, pp. 78-92.
HENNINGER, Griffith. “‘To Lessen Their Suffering’: A Brief History of the Empress Alexandra’s War Relief Organizations, july 23 1914-March 2 1919”, inédito, Southern Conference of Slavic Studies, Savannah, 30 mar. 2012.
HODGETTS, Bradley. “The Czar of Russia at Home, Minute Picture of Court Life at St. Petersburg During the Last Century”. *Cassell’s Magazine* 30, set. 1904, pp. 342-3.
“How the Czar’s Five Children Live in the Shadow of Death”, *Current Literature* 53, dez. 1912, pp. 642-6.
“How the Czarina’s Superstitions Helped to Bring the Russian Revolution”, *Current Opinion* 69, set. 1920, pp. 358-60.
“How the Russian Censor Works”, *Strand Magazine* 29, n. 170, 1905, pp. 206-16.
HULME, John. “The Homely Tsar”, *Pearson’s Magazine* 7-8, jan. 1902, pp. 34-41.
“Imperial Russia: Her Power and Progress”, *Illustrated London News*, suplemento especial de 31 páginas, jul. 1913.
JANIN, Général M. “Au G.Q.G. russe”, *Le Monde Slave*, maio 1916, pp. 1-24.
KHITROVO, Rita. Ver Erdeli, Margarita.
KING, Greg. “Livadia under Nicholas II”, *Atlantis Magazine: In the Courts of Memory.* Número duplo especial sobre os Romanov e a Crimeia, 3, n. 3 (sem data), pp. 5-35.
_____. “Requiem: The Russian Imperial Family’s Last Visit to Darmstadt, 1910”, *Atlantis Magazine: In the Courts of Memory* 2, n. 2 (sem data), pp. 104-14.
KING, Greg; WILSON, Penny. “The Departure of the Imperial Family from Tsarskoe Selo”, *Atlantis Magazine: In the Courts of Memory*, edição especial *Fate of the Romanovs*, setembro de 2003, pp. 12-31. Também disponível em <www.kingandwilson.com/fotrextras>.
MALAMA, Peter de. “The Romanovs — The Forgotten Romance”, *Royalty Digest* 162, dez. 2004, pp. 184-5.
MARKYLIE, M. “L’Impératrice en voile blanc: Tsarskoié-Sélo et les Hopitaux de Sa Majesté Alexandra Féodorovna”, *Revue des deux mondes*, 1º abr. 1916, pp. 566-83.
MEE, Arthur. “Empress of a Hundred Millions”, *The Young Woman* VIII, out. 1899, pp. 1-6.
MINZLOV, S. R. [Sergey Mintslov], “Home Life of the Romanoffs, II”, *Littell’s Living Age* 322, 1924, pp. 161-6.
MORRIS, Fritz. “The Czar’s Simple Life”, *Cosmopolitan* 33, 5 set. 1902, pp. 483-90.
“The Most Beautiful Woman on any Throne”, *Current Literature* XLI, n. 5, nov. 1906, pp. 514-16.
“A Nestful of Princesses: the Four Little Daughters of the Tsar”, ver Two Russian Girls.
NICHOLAS, reverendíssimo arquimandrita [Charles Sydney Gibbes]. “Ten Years with the Russian

Imperial Family", *Russian American Monthly* VI, n. 87, dez. 1949, pp. 9-15.
NORREGAARD, B. W. "The Czar at Home", *Daily Mail*, 10 jun. 1908.
OFROSIMOVA, Svetlana. "Tsarskaya semya (iz detskikh vospominanii)", *Bezhin lug* 1, 1995, pp. 135-48.
"People of Note: The Home Life of the Czar", *The London Journal*, 14 fev. 1903, p. 150.
ROWLEY, Alison. "Monarchy and the Mundane: Picture Postcards and Images of the Romanovs 1890-1917", *Revolutionary Russia* 22, n. 2, dez. 2009, pp. 125-52.
"Royal Mothers and Their Children", *Good Housekeeping* 54, n. 4, abr. 1912, p. 457.
SCHWARTZ, Theodore. "The Czarina and Her Daughters", *Munsey's Magazine* 39, 1908, pp. 771-8.
SEAWELL, Molly Elliot. "The Annual Visit of the Czar and Czarina to Darmstadt", *Alaskan Magazine* 1, n. 7, out. 1900, pp. 323-34.
"Sentimental Crisis in the Careers of the Czar's Eldest Daughters", *Current Opinion* 55, 1913, pp. 323-4.
SOLOVEVA, Natalya. "La Tristesse Impériale", *Rodnye dali* 202 (Los Angeles), 1971, pp. 12-15.
SVITKOV, N. "Olga Nikolaevna, Velikaya Knyazhina i Tsarevna-Muchenitsa (1895-1918)", *Pravoslavnaya Zhizn* 7, 1951, pp. 8-13.
TITOV, I. V., "OTMA: O velikikh knyazhnyakh Olge, Tatyane, Marii i Anastasii Nikolaevnykh", *Dvoryanskoe sobranie* 4, 1996, pp. 28-45.
"The Tottering House of the Romanoffs", *Washington Post*, 26 nov. 1905.
"The Truth about the Tsar", *Daily News*, 15 dez.1900.
"The Tsar's Children", *Daily Mirror*, 29 dez. 1903.
Two Russian Girls, "A Nestful of Princesses: The Four Little Daughters of the Tsar", *Girls' Realm* 4, jun. 1901, pp. 937-41.
"A Visit to the Czar", *Cornhill Magazine* 33 [nova série], dez.1912, pp. 741-8.
WARTH, R. D. "Before Rasputin: Piety and Occult at the Court of Nicholas II", *Historian* 47, n. 3, 1985, pp. 323-37.
"Which Prince Shall She Wed", *The Woman's Magazine* 29-30, 1914, p. 7.
WILSON, rev. Terence A. McLean. "Granny is Marvellously Kind and Amiable to Us". *Royalty Digest* XXX, set. 1996, pp. 66-70.
WYNN, Marion. "Romanov Connections with the Anglo-Russian Hospital in Petrograd". *Royalty Digest* XII, n. 7, jan. 2003, pp. 214-19.
_____. "'Princess Alix was Always Extremely Homely': Visit to Harrogate, 1894", *Royalty Digest* XI, n. 1, pp. 51-4.
ZEEPVAT, Charlotte,"'This Garden of Eden', The Russian Imperial Family and the Crimea", *Royalty Digest* II, n. 1, jul. 1992, pp. 2-14.
_____. "The Lost Tsar", *Royalty Digest* VIII, n. 1, jul. 1998, pp. 2-6.
_____. "The Valet's Story" (Alexis Volkov), parte 1, *Royalty Digest* 105, mar. 2000, pp. 258-63; parte 2, 106, maio 2000, pp. 302-7; parte 3, 107, jun. 2000, pp. 329-34.
_____. "Two Olgas — and the Man They Loved", *Royalty Digest* 129, mar. 2002, pp. 258-63.

Fontes secundárias

ALEKSEEVA, Irina. *Miriel Byukenen: svidetelnitsa velikikh potryasenii*. São Petersburgo: Liki Rossii, 1998.
ALMEDINGEN, Edith. *Tomorrow Will Come*. Londres: The Bodley Head, 1961.
ARBENINA, Stella. *Through Terror to Freedom*. Londres: Hutchinson, 1929.
ASHTON, Janet. *The German Woman*. Huddersfield: Belgarun, 2008.

AZABAL, Lilie Bouton de Fernandez (condessa Nostitz). *The Countess from Iowa*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1936.
AZABAL, Lilie de Fernandez (condessa Nostitz). *Romance and Revolutions*. Londres: Hutchinson, 1937.
BARKOVETS, A.; TENIKHINA, V. *Nicholas* II*: The Imperial Family*. São Petersburgo: Arbris, 2002.
BARTLETT, E. Ashmead. *The Riddle of Russia*. Londres: Cassell, 1929.
BIBESCO, Marthe. *Royal Portraits*. Nova York: D. Appleton, 1928.
BOWRA, Maurice. *Memories 1898-1939*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1966.
BUCHANAN, Meriel. *Queen Victoria's Relations*. Londres: Cassell, 1954.
CANTACUZÈNE, Julia. *Revolutionary Days*, Chicago, IL: Donnelley, 1999.
CASSINI, condessa Marguerite. *Never a Dull Moment*. Nova York: Harper & Brothers, 1956.
CHERNOVA, O. V. *Vernye: O tekh, kto ne predal Tsarstvennykh muchennikov*. Moscou: Russkii Khronograf, 2010.
CRAWFORD, Rosemary; CRAWFORD, Donald. *Michael and Natasha: The Life and Loves of the Last Tsar of Russia.* Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1997.
DASSEL, Felix. *Grossfürstin Anastasia Lebt*, Berlim: Verlagshaus fur Volks-literatur und kunst, 1928.
DE JONGE, Alex. *Life and Times of Grigory Rasputin*. Londres: Collins, 1982.
DELAFIELD, E. M. *Straw without Bricks: I Visit Soviet Russia*. Londres: Macmillan, 1937.
DE WINDT, Harry. *Russia as I Know It*. Londres: J. B. Lippincott, 1917.
DORR, Rheta Childe. *Inside the Russian Revolution*. Nova York: Macmillan, 1917.
DURLAND, Kellogg. *Red Reign: The True Story of an Adventurous Year in Russia*. Nova York: Century, 1908.
ELCHANINOV, major-general Andrey. *The Tsar and His People*. Londres: Hodder & Stoughton, 1914.
ELSBERRY, Terence, *Marie of Romania*. Londres: Cassell, 1973.
EMERY, Mabel S. *Russia through the Stereoscope: A Journey across the Land of the Czar from Finland to the Black Sea*. Londres: Underwood & Underwood, 1901.
FRASER, John Foster. *Red Russia*. Londres: Cassell, 1907.
_____. *Russia of To-day*. Londres: Cassell, 1915.
FUHRMANN, Joseph T. *Rasputin: The Untold Story*. Nova York: John Wiley, 2012.
GANZ, Hugo. *Russia the Land of Riddles*. Nova York: Harper, 1904.
GLYN, Anthony. *Elinor Glyn: A Biography*, Londres: Hutchinson, 1968.
GLYN, Elinor. *Romantic Adventure*. Nova York: E. P. Dutton, 1937.
GREENWALL, Harry James. *Mirrors of Moscow.* Londres: Harrap, 1929.
GRIFFITH, Hubert Freeling. *Seeing Soviet Russia*. Londres: John Lane, 1932.
HALL, Coryne. *Little Mother of Russia*. Teaneck: Holmes & Meier, 2006.
HAPGOOD, Isabel. *Russian Rambles.* Londres: Longman, Green, 1895.
HARMER, Michael. *The Forgotten Hospital*. Chichester.: Chichester Press, 1982.
HERESCH, Elisabeth. *Blood on the Snow: Eyewitness Accounts of the Russian Revolution*. Nova York: Paragon House, 1990.
HOLMES, Burton. *Burton Holmes Travelogues*, vol. 8, *St. Petersburg, Moscow, The Trans-Siberian Railway*. Nova York: The McClure Company, 1910.
_____. *The Traveler's Russia*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1934.
HOUGH, Richard. *Edward and Alexandra: Their Private and Public Lives*. Londres: John Muray, 1921.
HOWE, M. A. De Wolfe. *George von Lengerke Meyer: His Life and Public Services*. Nova York: Dodd Mead, 1918.
HUNT, Violet. *The Flurried Years*. Londres: Hurst & Blackett, 1926.

IOFFE, Genrikh. *Revolyutsiya i semya Romanovykh*. Moscou: Algoritm, 2012.
KELLY, Marie Noele, *Mirror to Russia*. Londres: Country Life, 1952.
KERENSKY, Alexander. *The Catastrophe*. Nova York: Kraus Reprint, 1927.
KING, Greg. *The Court of the Last Tsar*. Nova York: John Wiley, 2006.
_____. *The Last Empress*. Londres: Aurum Press, 1995.
KING, Greg; WILSON, Penny. *Resurrection of the Romanovs*. Nova York: John Wiley, 2011.
KOCHAN, Miriam. *The Last Days of Imperial Russia 1910-1917.* Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1976.
KTOROVA, Alla. *Minuvshee: prashchury i pravnuki*. Moscou: Minuvshee, 2007.
KUCHUMOV, Mikhail A. *Recollections and Letters of Chief Curator Mikhail A. Kuchumov*, org. e trad. Stephen R. Angelis. Sunnyvale: Bookemon, 2011.
LONG, Robert Crozier. *Russian Revolution Aspects*. Nova York: E. P. Dutton, 1919.
MALOFEEV, Gennadiy. "Russkie knyazhny", in Vladimir Dolmatov (org.), *Romanovy, podvig vo imya lyubvi*. Moscou: Dostoinstvo, 2010, pp. 63-84.
MASSIE, Robert K. *Nicholas and Alexandra*. Nova York: Atheneum, 1967.
MERRY, W. Mansell. *Two Months in Russia July-September 1914*. Oxford: B. H. Blackwell, 1916.
MICHAEL, príncipe da Grécia; MAYLUNAS, Andrei. *Nicholas and Alexandra: The Family Albums*. Londres: Tauris, 1992.
MILLER, Ilana. *The Four Graces: Queen Victoria's Hessian Granddaughters*. East Richmond Heights: Kensington House Books, 2011.
MILLER, Sarah. *The Lost Crown*. Nova York: Atheneum, 2011.
MINTSLOV, Sergey. *Peterburg v 1903-1910 gg.*, Riga: Izd. "Kniga dlya vsekh", 1931.
MOE, Ronald C. *Prelude to the Russian Revolution: The Murder of Rasputin*. Chula Vista: Aventine Press, 2011.
NEKLIUDOFF, A. *Diplomatic Reminiscences*. Londres: John Murray, 1920.
NELIPA, Margarita. *The Murder of Grigorii Rasputin.* Bowmanville: Gilbert's Books, 2010.
PALÉOLOGUE, Maurice. *Alexandra-Féodorowna impératrice de Russie*. Paris: Librairie Plon, 1932.
PIPES, Richard. *The Russian Revolution*. Londres: Fontana Press, 1999.
PLOTNIKOV, Ivan F. *Gibel Tsarskoi semi: Pravda istorii*. Ecaterimburgo: Sverdlovskaya Regionalnaya Obshchestvennaya Organizatsiya "Za dukhovnost I nravstvennost", 2003.
RADZINSKY, Edvard. *The Last Tsar: The Life and Death of Nicholas II*. Londres: Hodder & Stoughton, 1992.
RADZIWILL, Catherine. *Nicholas II, the Last of the Tsars*. Londres: Cassell, 1931.
_____. *It Really Happened: An Autobiography.* Nova York: Dial Press, 1932.
RAPPAPORT, Helen. *Ekaterinburg: The Last Days of the Romanovs.* Londres: Hutchinson, 2008. [*Os últimos dias dos Romanov.* Rio de Janeiro: Record, 2010.]
RASPUTIN, Maria. *The Real Rasputin*. Londres: John Long, 1929.
_____. *Rasputin My Father*. Londres: Cassell, 1934.
_____. *Rasputin: The Man Behind the Myth*. Londres: W. H. Allen, 1977.
ROUNDING, Virginia. *Alix and Nicky: The Passion of the Last Tsar and Tsarina*. Nova York: St Martin's Press, 2012.
SAVCHENKO, P. *Russkaya devushka*. Moscou: Trifonov Pechensky Monastyr "Kovcheg", 2001.
SHAVELSKY, Georgiy. *Vospominaniya poslednego protopresverita russkoi armii i flota*. 2 vols. Nova York: Izd. Im. Chekhova, 1954.
SHELLEY, Gerard. *The Blue Steppes: Adventures Among the Russians*. Londres: J. Hamilton, 1925.
_____. *The Speckled Domes: Episodes in an Englishman's Life in Russia*. Londres: Duckworth, 1925.
SHEMANSKY, A.; GEICHENKO, O. *Poslednye Romanovy v Petergofe: Putevoditel po Nizhnei Dache*. 2. ed. Leningrado: Gosudarstvennyi Petergofskii Muzei, 1930.

SHOUMATOFF, Alex. *Russian Blood: A Family Chronicle*. Nova York: Vintage Books, 1990.
SLATER, Wendy. *The Many Deaths of Tsar Nicholas II: Relics, Remains and the Romanovs*. Londres: Routledge, 2007.
SOUNY-SEDLITZ, baronesa. *Russia of Yesterday and Today*. Impressão particular, 1917.
SPIRIDOVITCH, A. *Raspoutine, d'apres les documents russes et les archives privés de l'auteur*. Paris: Payot, 1935.
_____. *Velikaya voina i fevralsakya revolyutsiya 1914-1917 godov*. 3 vols. Nova York: Vseslavyanskoe Izdatelstvo, 1960-2.
SWEZEY, Marilyn Pfeifer (org.). *Nicholas and Alexandra: At Home with the Last Tsar and His Family*. Washington: American-Russian Cultural Cooperation Foundation, 2004.
SYDACOFF, Bresnitz von. *Nicholas II: Behind the Scenes in the Country of the Tsar*. Londres: A. Siegle, 1905.
TELBERG, Wilton, Robert e George Gustav. *The Last Days of the Romanovs*. Londres: Thornton Butterworth, 1920.
TILLANDER-GODENHIELM, Ulla. "The Russian Imperial Award System during the Reign of Nicholas II 1894-1917". *Journal of the Finnish Antiquarian Society (Helsinki)* 113, 2005, pp. 357-9.
TUOMI-NIKULA, Jormaand Paivi. *Imperatory na otdykhe v Finlyandii*. São Petersburgo: Izdatelstvo Dom "Kolo", 2003.
ULAR, Alexander. *Russia from Within*. Londres: Heinemann, 1905.
VACARESCO, Hélène. *Kings and Queens I Have Known*. Londres: Harper & Brothers, 1904.
VASYUTINSKAYA, E. F. et al. *Na detskoi polovine: Detstvo v tsarskom dome* OTMA *i Alekseya*. Moscou: Pinakoteka, 2000.
VAY DE VAYA E LUSKOD, conde Peter. *Empires and Emperors of Russia, China, Korea and Japan*. Londres: John Murray, 1906.
VECCHI, Joseph. *The Tavern in My Drum: My Autobiography*. Londres: Odhams Press, 1948.
WARWICK, Christopher. *Ella, Princess, Saint and Martyr*. Hoboken, NJ: John Wiley, 2006.
WELCH, Frances. *The Romanovs and Mr Gibbes*. Londres: Short Books, 2002.
_____. *The Russian Court at Sea*. Londres: Short Books, 2011.
WORTMAN, Richard. *Scenarios of Power: Myth and Ceremony in Russian Monarchy*, ed. Resumida. Princeton: Princeton University Press, 2006.
WYRUBOWA [Vyrubova], Anna. *Muistelmia Wenäjän howista ja wallankumouksesta*. Pori, Finlândia: Satakunnan Kirjateollisuus Oy, 1923.
YAKOVLEV, V. I. *Alekandrovsky Dvorets-muzei v Detskom Sele*. Leningrado: Izd. Upravlenie Destskoselskimi I Pavlovskimi Dvortsami-Muzeyami, 1927.
ZEEPVAT, Charlotte. *Romanov Autumn: Stories from the Last Century of Imperial Russia*. Stroud, Glos: Sutton, 2000.
_____. *From Cradle to Crown: British Nannies and Governesses at the World's Royal Courts*. Stroud, Glos: Sutton, 2006.
ZIMIN, Igor. *Vzroslyi mir: Povsednevnaya zhizn rossiiskogo imperatorskogo dvora*. São Petersburgo: Tsentrpoligraf, 2010.
_____. *Tsarskie dengi: Dokhody i raskhody doma Romanovykh*. São Petersburgo: Tsentropoligraf, 2011.
_____. *Tsarskaya rabota, XIX — nachalo XXl v. Povsednevnaya zhizn rossiiskogo imperatorskogo dvora*. Moscou: Tsentropoligraf, 2011.

Caderno de Fotos



Fotografia de noivado
do tsarévitch Nicolau e da princesa
Alix de Hesse, tirada em Coburgo, 1894.



A tsarina, agora chamada Aleksandra Feódorovna,

com a grã-duquesa Olga, aos três anos,
e a recém-nascida Maria, 1899.



O tsarévitch Alexei, com
três anos de idade, segurando
uma câmera Brownie.

CHOCOLAT GUÉRIN-BOUTRON



501. Princesse Olga, de Russie.

CHOCOLAT GUÉRIN-BOUTRON



502 Princesse Tatiana, de Russie.

CHOCOLAT GUÉRIN-BOUTRON



504. Princesse Marie, de Russie.

CHOCOLAT GUÉRIN-BOUTRON



505. Princesse Anastasie, de Russie.

Cromos estampados da companhia de chocolate Guérin-Boutron, 1906, exibindo as grã-duquesas Olga, Tatiana, Maria e Anastácia.



A família imperial em foto oficial no Palácio de Catarina, Tsárskoe Seló, *c*. 1911.



Uma popular imagem de produção
em massa da família imperial,
tirada de um calendário russo, *c*. 1908.



A tsarina em seu *boudoir*
malva com Anastácia ao lado
e Tatiana (esquerda) e Maria (direita).



O tsar deixando Anastácia provar seu cigarro, Livádia, 1912.



As quatro irmãs Romanov cuidando de uma banca no bazar
de caridade anual de sua mãe, no cais de Ialta, 1914.



Anastácia com membros da comitiva imperial
a bordo da lancha do *Shtandart*.



Olga e Tatiana visitando East Cowes, agosto de 1909,
acompanhadas pelo dr. Evguéni Bótkin e Sófia Tiútcheva.



Olga em aula com seu professor de francês, Pierre Gilliard.



Anastácia na sala de aula com seu professor de inglês, Sydney Gibbes.



As quatro grã-duquesas com o pai.
Da esquerda para a direita, Anastácia, Maria, Tatiana e Olga.



A bordo do *Shtandart*: Olga senta-se ao lado de Pável Vóronov,
por quem se apaixonou. Do lado oposto, à direita,
está o parceiro favorito de tênis de Tatiana, Nikolai Rodiónov,
com Anastácia de pé ao seu lado.









Retratos de perfil das quatro grã-duquesas, tirados em 1914, como referência para um camafeu delas feito para o ovo Fabergé com que Nicolau presenteou Alexandra nesse ano.
Em sentido horário, a partir da esquerda, no alto: Olga, Tatiana, Anastácia, Maria.



Olga e Tatiana usando vestidos
formais de corte para fotos oficiais tiradas
no Tricentenário dos Romanov, 1913.



As duas irmãs mais velhas usando seus uniformes de regimento:
Tatiana, dos ulanos de Voznessénsk, e Olga, dos hussardos de Elizavetgrad.



O grão-duque Dmítri Pávlovich.
Sendo primo de Nicolau II,

ele foi considerado pelos pais da grã-duquesa Olga,
por um breve tempo em 1912, o par dinástico ideal para ela.



Maria, Anastácia e Olga em um de seus regulares chás da tarde com oficiais da Escolta do Tsar. À direita, na ponta, o favorito de Anastácia, Víktor Zboróvski, e, sentado ao lado dele, o de Olga, Aleksandr Chvédov (AKCH).



Tatiana (esquerda) e Olga (direita) apanhando uvas com seu pai e Anna Vírubova, provavelmente no vinhedo de Nicolau em Massandra, na Crimeia.






Tatiana (alto, à esquerda), Olga (alto, à direita),
Maria (embaixo, à esquerda) e Anastácia (embaixo, à direita) usando fantasias, 1916.



Olga e Tatiana recebendo doações para o esforço
de guerra russo, São Petersburgo.



Anastácia e Maria visitando soldados feridos
em seu hospital de Feódorovski Gorodok.



Tatiana fazendo curativo em um oficial ferido — acredita-se que seja Dmítri Malama —, supervisionada pela dra. Vera Gedroits, à sua esquerda,
e por Valentina Tchebotariova, à direita.



Tatiana com Vladímir Kiknadze, que
provocou forte impressão nela.



Olga e Tatiana trocando os curativos
de um soldado ferido.



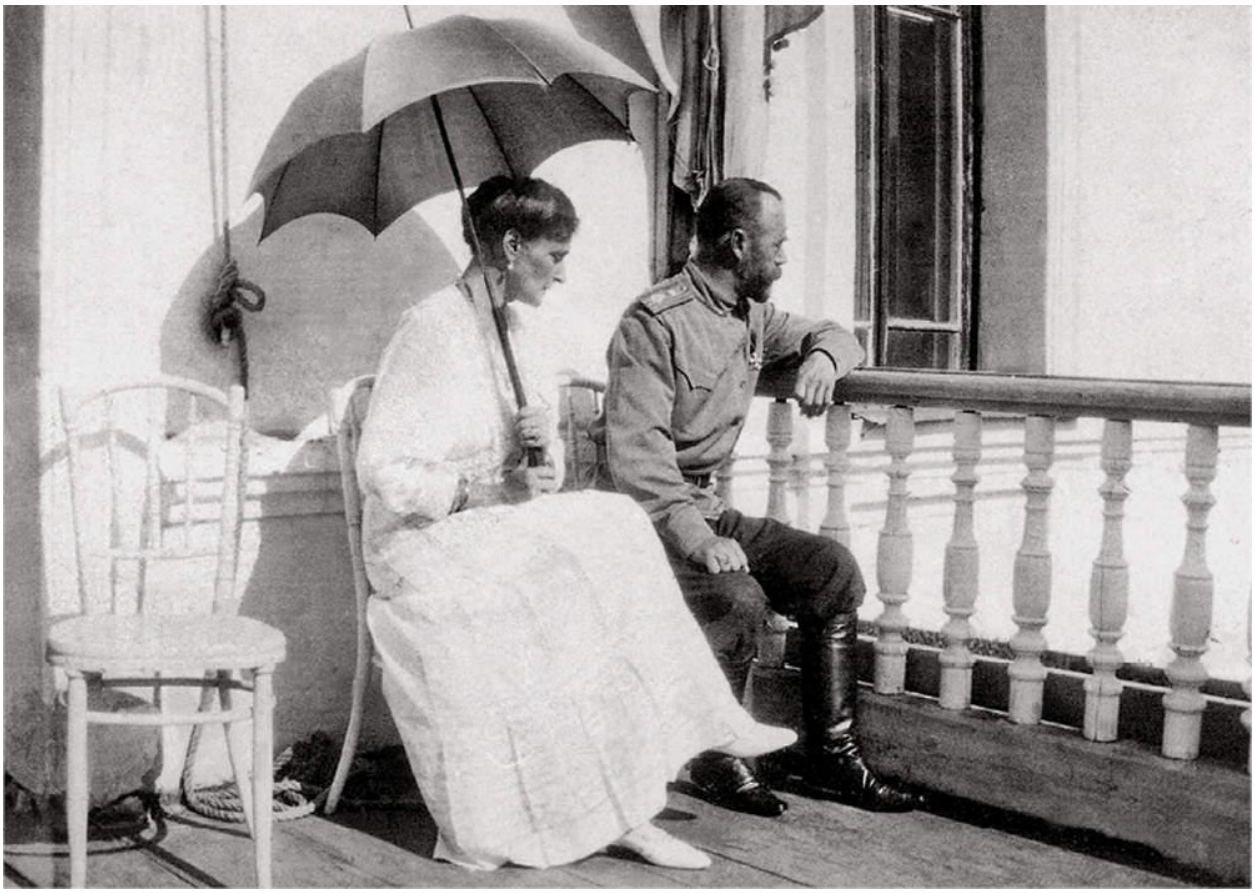
Uma raríssima fotografia formal de Maria e Olga, 1916.



Tatiana recuperando-se da febre tifoide, Livádia, 1913.



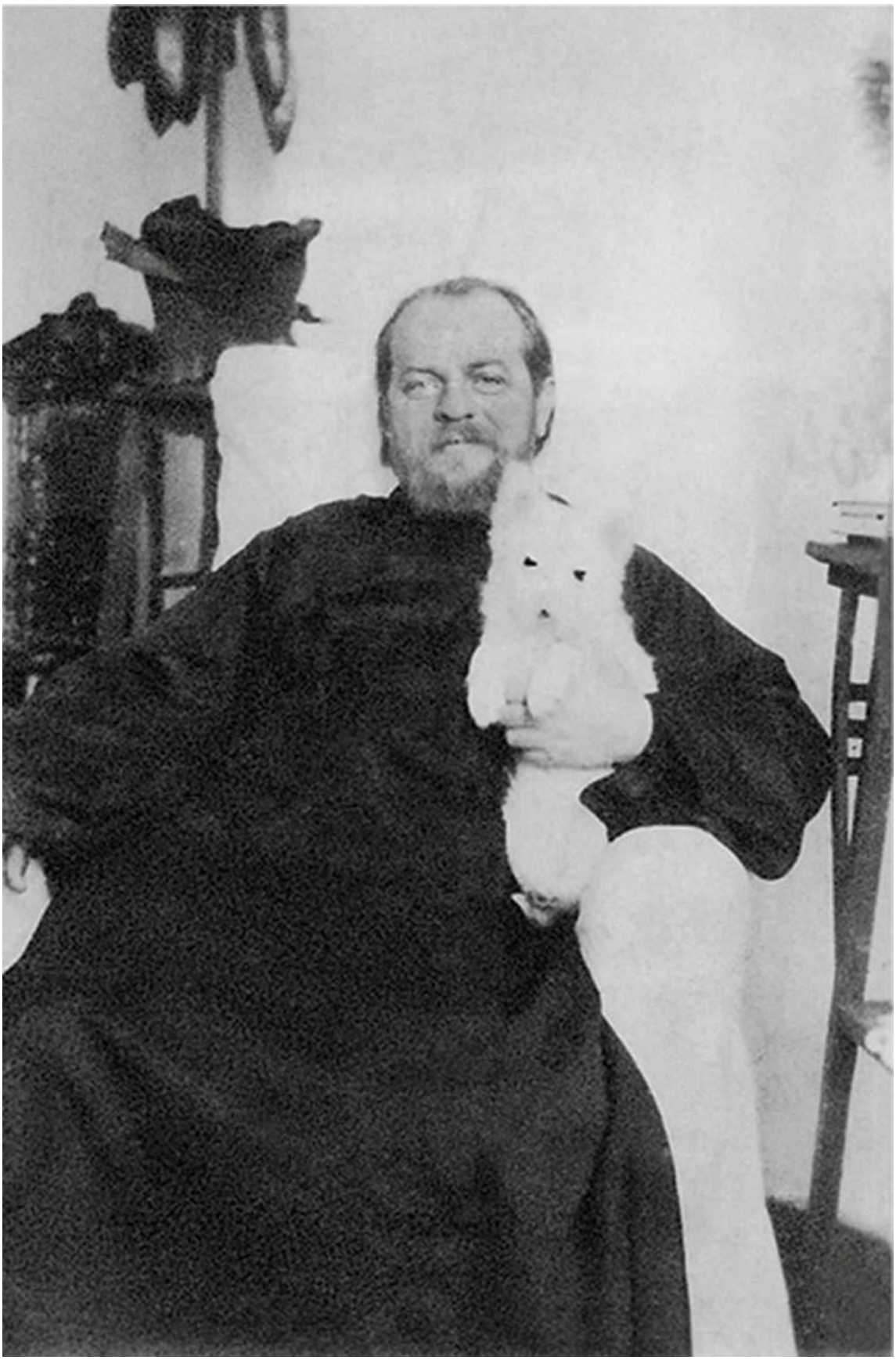
Anastácia com a cabeça raspada, após o surto de sarampo.
Tirada durante a prisão domiciliar no terreno
do Palácio de Alexandre, junho de 1917.



Última fotografia tirada de Nicolau e Alexandra, presos na Casa do Governador,
Tobolsk, fim do verão de 1917.



Olga puxando Alexei em seu trenó, Tobolsk, inverno de 1917-18.



Padre Ivan Stórojev com sua cadela Daisy. Stórojev foi uma das últimas pessoas do mundo exterior a ver a família Romanov antes do fuzilamento.

цїи же гдⷭ҃а не лиша́тсѧ всѧ́каго҃ бо́га. Прїиди́те, ча́да, послу́шайте мене́, стра́ху гдⷭ҃ню научу́ ва́съ. Кто́ е́сть человѣ́къ, хотѧ́й живо́тъ, люба́й дни́ ви́дѣти бо́ги; Оу҃держи́ ѧ҃зы́къ тво́й ѿ зла́, и҆ оу҃стнѣ́ твои́ е́же не глаго́лати льсти́. Оу҃клони́сѧ ѿ зла́ и҆ сотвори́ бла́го: взыщи́ ми́ра, и҆ пожени́ и҃. О҆чи гдⷭ҃ни на пра́вєдныѧ, и҆ оу҃ши е́гѡ въ мо́лтвꙋ и҃хъ. Лицє́ же гдⷭ҃не на творѧ́щыѧ зла́ѧ, е́же потреби́ти ѿ земли́ па́мать и҃хъ. Воззва́ша пра́вєдніи, и҆ гдⷭ҃ь оу҃слы́ша и҃хъ, и҆ ѿ всѣ́хъ скорбе́й и҃хъ и҃зба́ви и҃хъ. Бли́зъ гдⷭ҃ь сокрꙋше́нныхъ се́рдцемъ, и҆ смире́нныѧ дⷭ҃хомъ спасе́тъ. Мно́ги скорби́ пра́вєдныхъ, и҆ ѿ всѣ́хъ и҃хъ и҃зба́витъ а҃ гдⷭ҃ь. Храни́тъ гдⷭ҃ь всѧ́ ко́сти и҃хъ: ни є҆ди́на ѿ ни́хъ сокрꙋши́тсѧ. Ома́ртъ гр҃ѣшникѡ́въ лю́тъ, и҆ ненави́дѧщіи пра́вєднаго прегрѣша́тъ. И҃зба́витъ гдⷭ҃ь дⷭ҃ши рабъ свои́хъ, и҆ не прегрѣша́тъ всѝ оу҃пова́ющіи на него́.

Досто́йно е́сть ꙗ҆́кѡ воистинꙋ бл҃жи́ти тѧ҆ бц҃ꙋ, присноблаже́нную и҆ пренепоро́чную, и҆ мт҃рь бг҃а на́шегѡ. Чтнѣ́йшую хер҃ѵ́вимъ, и҆ сла́внѣйшую без҃ сравне́нїѧ серафи́мъ, без҃ и҆стлѣ́нїѧ бг҃а сло́ва ро́ждшую, сꙋ́щую бц҃ꙋ тѧ҆ вели́чаемъ.

Сла́ва, и҆ нн҃ѣ: Гдⷭ҃и помилꙋ́й, трижды.

Гдⷭ҃и бл҃гослови́. и҆ ѿпⷭ҃тъ.

ѿ҃ Послѣдованїе

Совершена сия обѣдница съ при-
чащеніемъ святыхъ Таинъ Пре Божію-
щихъ моихъ Ея, Всепѣтой Кущи
ученіе діакона Іоан. Ад. Бѣлоцерковца
въ г. Екатеринославѣ
1918 года

Missal do padre Stórojev, em que ele registrou
ter oficiado uma última *obednitsa* para a família Romanov
na Casa Ipátiev, Ecaterimburgo, 14 de julho de 1918.